

SÉRIE TELEVISIVA *GAME OF THRONES*SM PRODUZIDA PELA HBOTM

GEORGE R. R. MARTIN

A man with a beard and long hair, wearing a dark fur cloak, holding a sword hilt. The background is a bright, hazy landscape.

A MURALHA DE GELO

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO II

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SÉRIE TELEVISIVA *GAME OF THRONES*™ PRODUZIDA PELA HBO™

GEORGE R. R.
MARTIN

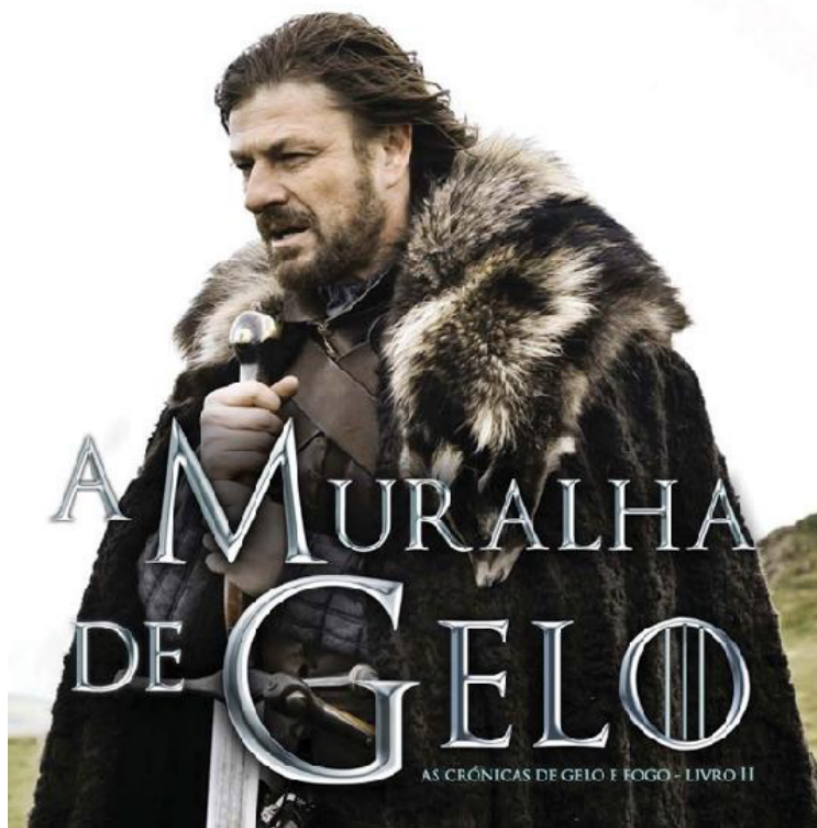
A man with a beard and long hair, wearing a dark fur cloak, is shown from the chest up. He is holding a sword with a silver hilt. The background is a bright, overexposed outdoor scene.

A MURALHA
DE GELO

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO II

SÉRIE TELEVISIVA GAME OF THRONES™ PRODUZIDA PELA HBO™

GEORGE R. R.
MARTIN



Ficha Técnica



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Título: *A Muralha de Gelo*

Autoria: *George R. R. Martin*

Editor: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência

Título original A Game of Thrones © 1996 George R. R. Martin.

Publicado originalmente nos

E.U.A por Random House, 1996

Tradução: Jorge Candeias

Revisão: Saída de Emergência

Design da capa: Saída de Emergência

Ilustração da capa: Saída de Emergência

Data de edição E-book: Novembro, 2013

Isbn: 978-989-637-519-5

Edições Saída de Emergência

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082

S. Pedro do Estoril, Portugal

Tel e Fax: 214 583 770

www.saidadeemergencia.com

O NORTE



O SUL



Mapa por
James Sinclair

O Portão dos Cavalos de Vaes Dothrak era composto por dois gigantescos garanhões de bronze, empinados, cujos cascos se encontravam trinta metros acima da estrada, formando um arco pontiagudo.

Dany não saberia explicar porque necessitava a cidade de portão se não tinha muralhas... nem edifícios que ela conseguisse ver. Mas ali estava, imenso e belo, com os grandes cavalos a enquadrar a distante montanha púrpura atrás deles. Os garanhões de bronze atiravam longas sombras sobre a erva ondulante quando Khal Drogo fez o *khalasar* passar sob os seus cascos e avançar ao longo do caminho dos deuses, ladeado pelos seus companheiros de sangue.

Dany seguia-os montada na sua prata, escoltada por Sor Jorah Mormont e o irmão Viserys, de novo a cavalo. Depois do dia, no mar de erva, em que o abandonara para que regressasse a pé ao *khalasar*, os dothraki tinham passado a chamar-lhe, entre risos, *Khal Rhae Mhar*, o Rei dos Pés Seguros. Khal Drogo oferecera-lhe um lugar numa carroça no dia seguinte, e Viserys aceitara. Na sua teimosa ignorância, nem compreendera que troçavam dele; as carroças destinavam-se a eunucos, aleijados, mulheres a dar à luz, os muito jovens e os muito velhos. Isso conquistou-lhe mais um nome: *Khal Rhaggat*, o Rei Carroça. O irmão de Dany pensara que o gesto era a maneira do *khal* de se desculpar pelo mal que a irmã lhe fizera. Ela pedira a Sor Jorah que não lhe contasse a verdade, para que não sentisse vergonha. O cavaleiro respondera que um pouco de vergonha não faria mal nenhum ao rei... mas fizera o que ela pedira. Foram precisas muitas súplicas, e todos os truques de cama que Doreah lhe ensinara, para que Dany conseguisse fazer com que Drogo aceitasse que Viserys se lhes voltasse a juntar à cabeça da coluna.

— Onde está a cidade? — perguntou ao passarem sob o arco de bronze. Não havia edifícios à vista, não havia pessoas, via-se apenas a erva e a estrada, delimitada por fileiras de antigos monumentos provenientes de todas as terras que os dothraki tinham saqueado ao longo dos séculos.

— Lá à frente — respondeu Sor Jorah. — No sopé da montanha.

Para lá do portão dos cavalos, deuses pilhados e heróis roubados erguiam-se de ambos os lados da coluna. Divindades esquecidas de cidades mortas ameaçavam o céu com os seus relâmpagos quebrados quando Dany passou com a sua prata a seus pés. Reis de pedra olhavam-na do alto dos seus tronos, com os rostos lascados e manchados, e até os nomes perdidos na névoa do tempo. Donzelas ágeis e jovens dançavam em plintos de mármore,

vestidas apenas de flores, ou despejavam ar de jarras estilhaçadas. Monstros erguiam-se na erva junto à estrada; dragões negros de ferro com jóias no lugar dos olhos, grifos rugidores, manticoras com as suas caudas de espinhos prontas a atacar e outras bestas de que não conhecia o nome. Algumas das estátuas eram tão belas que lhe roubavam a respiração, outras tão disformes e horríveis que Dany quase não suportava olhá-las. Estas últimas, disse Sor Jorah, tinham provavelmente vindo das Terras das Sombras para lá de Asshai.

— São tantas — disse ela enquanto a sua prata avançava lentamente — e de tantas terras.

Viserys estava menos impressionado

— O lixo de cidades mortas — disse com desprezo. Teve o cuidado de falar no Idioma Comum, que poucos dothraki compreendiam, mas mesmo assim, Dany deu por si a olhar de relance os homens do seu *khal*, para se assegurar de que não o tinham ouvido. Ele prosseguiu em tom jovial. — Tudo o que estes selvagens sabem fazer é roubar as coisas que homens melhores construíram... e matar. — Soltou uma gargalhada. — Eles sabem *mesmo* como matar. De outro modo não teriam qualquer utilidade para mim.

— Eles agora são o meu povo — disse Dany. — Não lhes devias chamar selvagens, irmão.

— O dragão fala como lhe apetece — disse Viserys... no Idioma Comum. Lançou uma olhadela por cima do ombro a Aggo e Rakharo, que seguiam atrás deles, e concedeu-lhes um sorriso trocista. — Como vês, aos selvagens falta a esperteza para compreender o discurso dos homens civilizados. — Um monólito de pedra desgastado pelo musgo, com quinze metros de altura, erguia-se sobre a estrada. Viserys olhou-o com tédio no olhar. — Quanto tempo teremos de arrastar-nos por entre estas ruínas antes que Drogo me dê o meu exército? Estou a ficar farto de esperar.

— A princesa tem de ser apresentada ao *dosh khaleen*...

— Às feiticeiras, pois — interrompeu o irmão — e vai haver uma pantomima qualquer de profecias por causa do cachorrinho que ela tem na barriga, já mo haveis dito. Que tenho eu com isso? Estou farto de comer carne de cavalo e o fedor destes selvagens deixa-me doente. — Cheirou a larga manga pendente da sua túnica, onde era seu hábito colocar um saché. Não teria ajudado grande coisa. A túnica estava nojenta. Todas as sedas e pesadas lãs que Viserys tinha trazido de Pentos estavam manchadas pela dura viagem e apodrecidas pelo suor.

Sor Jorah Mormont disse:

— O Mercado Ocidental terá alimentos mais do vosso agrado, Vossa Graça. Os mercadores das Cidades Livres vão lá vender os seus produtos. A

seu tempo, o *khal* honrará a sua promessa.

— É melhor que o faça — disse Viserys em tom sombrio. — Foi-me prometida uma coroa, e tenciono possuí-la. Ninguém escarnece do dragão. — Ao ver uma obscena imagem de uma mulher com seis seios e cabeça de furão, afastou-se para a inspeccionar mais de perto.

Dany sentiu-se aliviada, mas não menos ansiosa.

— Rezo para que o meu sol-e-estrelas não o deixe à espera por muito tempo — disse a Sor Jorah quando o irmão se afastou o suficiente para não a ouvir.

O cavaleiro olhou duvidoso para Viserys.

— O vosso irmão devia ter esperado em Pentos. Não há lugar para ele num *khalasar*. Illyrio tentou preveni-lo.

— Ele partirá assim que tenha os seus dez mil homens. O senhor meu esposo prometeu uma coroa dourada.

Sor Jorah soltou um grunhido.

— Sim, *Khaleesi*, mas... os dothraki olham para estas coisas de forma diferente de nós, ocidentais. Já lhe disse isso, tal como Illyrio, mas o vosso irmão não escuta. Os senhores dos cavalos não são mercadores. Viserys pensa que vos vendeu, e agora quer receber o seu pagamento. Mas Khal Drogo diria que vos obteve de presente. Sim, dará em troca um presente a Viserys... na altura que escolher. Não se *exige* um presente, em especial a um *khal*. Não se exige nada a um *khal*.

— Não está certo fazê-lo esperar. — Dany não sabia porque estava a defender o irmão, mas estava. — Viserys diz que podia varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki.

Sor Jorah resfolegou.

— Viserys nem conseguiria varrer um estábulo com dez mil vassouras.

Dany não podia fingir surpresa com o desdém na voz do cavaleiro.

— E se... e se não fosse Viserys? — perguntou. — Se fosse outra pessoa a liderá-los? Alguém mais forte? Poderiam realmente os dothraki conquistar os Sete Reinos?

O rosto de Sor Jorah tomou uma expressão pensativa enquanto os seus cavalos avançavam juntos pelo caminho dos deuses.

— Nos meus primeiros tempos de exílio, olhava para os dothraki e via bárbaros seminus, tão selvagens como os seus cavalos. Se me tivésseis feito essa pergunta nessa época, Princesa, ter-vos-ia dito que mil bons cavaleiros não teriam dificuldade em pôr em debandada cem vezes mais dothraki.

— Mas se vos perguntasse agora?

— Agora — disse o cavaleiro — estou menos seguro. Eles montam

melhor a cavalo do que qualquer cavaleiro, são completamente destemidos, e os seus arcos têm maior alcance do que os nossos. Nos Sete Reinos, a maior parte dos arqueiros guerreia a pé, protegida por uma muralha ou por uma barricada de paus aguçados. Os dothraki disparam dos dorsos dos cavalos, em carga ou em retirada, não importa, são tão mortíferos de uma forma como de outra... e há *tantos*, senhora. Só o senhor vosso esposo conta com quarenta mil guerreiros montados no seu *khalasar*.

— Isso é realmente assim tanto?

— O vosso irmão Rhaegar levou esse número de homens para o Tridente — admitiu Sor Jorah — mas os cavaleiros não eram mais do que um décimo. O resto eram arqueiros, cavaleiros livres e soldados apeados, armados de lanças e piques. Quando Rhaegar caiu, muitos deitaram as armas fora e fugiram do campo de batalha. Quanto tempo pensais que uma tal gentilha aguentaria contra a carga de quarenta mil guerreiros, a uivar com sede de sangue? Quão bem os protegeriam os justilhos de couro fervido e as cotas de malha quando as setas caíssem como chuva?

— Não muito tempo — disse ela — e mal.

Ele confirmou com a cabeça.

— Mas notai, Princesa, que se os senhores dos Sete Reinos tiverem a esperteza que os deuses concederam a um ganso, nunca se chegará a esse ponto. Os cavaleiros do mar de erva não apreciam as artes do cerco. Duvido que conseguissem tomar até mesmo o mais fraco dos castelos dos Sete Reinos, mas se Robert Baratheon fosse suficientemente tolo para lhes dar batalha...

— E é? — perguntou Dany. — Um tolo?

Sor Jorah ponderou por um momento.

— Robert devia ter nascido dothraki — disse por fim. — O vosso *khal* dir-vos-ia que só um covarde se esconde atrás de muralhas de pedra em vez de enfrentar o inimigo de espada na mão. O Usurpador concordaria. É um homem forte, bravo... e suficientemente imprudente para defrontar uma horda dothraki em campo aberto. Mas os homens em volta dele, bem, os seus flautistas tocam outra melodia. O irmão Stannis, Lorde Tywin Lannister, Eddard Stark... — Cuspiu.

— Odiais esse Lorde Stark — disse Dany.

— Roubou-me tudo o que amava por causa de uns quantos caçadores furtivos piolhentos e da sua preciosa honra — disse Sor Jorah em tom amargo. Ela compreendeu que a perda ainda lhe doía. O cavaleiro mudou rapidamente de tema. — Ali está — anunciou, apontando. — Vaes Dothrak. A cidade dos senhores dos cavalos.

Khal Drogo e os seus companheiros de sangue levaram-nos através do grande bazar e do Mercado Ocidental, e pelas largas ruas em frente. Dany seguia-os de perto na sua prata, observando a estranheza que a rodeava. Vaes Dothrak era ao mesmo tempo a maior e a mais pequena cidade que já vira. Estimou que devia ser dez vezes maior do que Pentos, uma vastidão sem muralhas nem limites, com largas ruas varridas pelo vento, pavimentadas de erva e lama e atapetadas de flores silvestres. Nas Cidades Livres do Oeste, as torres, as mansões, os casebres, as pontes e as lojas amontoavam-se em cima umas das outras, mas Vaes Dothrak espalhava-se langorosamente, tostando ao calor do Sol, antiga, arrogante e vazia.

Até os edifícios eram muito estranhos aos seus olhos. Viu pavilhões de pedra talhada, mansões de erva entretecida tão grandes como castelos, vacilantes torres de madeira, pirâmides de degraus revestidas de mármore, longos salões abertos ao céu. Em lugar de muros, alguns locais estavam rodeados por sebes espinhosas.

— Nenhum deles é parecido com nenhum outro — disse.

— O vosso irmão tinha parte da verdade — admitiu Sor Jorah. — Os dothraki não constroem. Há mil anos, quando queriam fazer uma casa, escavavam um buraco na terra e cobriam-no com um tecto de erva entretecida. Os edifícios que vedes foram construídos por escravos trazidos para aqui das terras que saquearam, e cada um foi erguido segundo o estilo do respectivo povo.

A maior parte das casas, até as maiores, pareciam desertas.

— Onde estão as pessoas que vivem aqui? — perguntou Dany. O bazar estivera cheio de crianças a correr e homens a gritar, mas fora dele vira apenas alguns eunucos a tratar dos seus assuntos.

— Só as feiticeiras do *dosh khaleen* vivem permanentemente na cidade sagrada, elas e os seus escravos e criados — respondeu Sor Jorah — mas Vaes Dothrak é suficientemente grande para alojar todos os homens de todos os *khallasares*, caso todos os *khals* decidam regressar ao mesmo tempo à Mãe. As feiticeiras profetizaram que um dia isso aconteceria, e, portanto, Vaes Dothrak deve estar pronta para acolher todos os seus filhos.

Khal Drogo fez finalmente alto perto do Mercado Oriental, onde as caravanas vindas de Yi Ti, Asshai e das Terras das Sombras vinham fazer negócio, com a Mãe das Montanhas erguida sobre as suas cabeças. Dany sorriu ao recordar a jovem escrava do Magíster Illyrio e a sua conversa sobre um palácio com duzentos quartos e portas de prata maciça. O “palácio” era um cavernoso salão de festas feito de madeira, cujas paredes de madeira rudemente talhada se elevavam a mais de dez metros de altura, com um tecto de seda cosida, uma vasta tenda ondulada que podia ser montada para afastar

as raras chuvas, ou desmontada para acolher o céu sem fim. Em torno do salão havia grandes pátios para cavalos, cheios de erva, delimitados por sebes altas, covas para fogueiras e centenas de casas redondas de terra que se projectavam do chão como colinas em miniatura, cobertas de erva.

Um pequeno exército de escravos adiantara-se à coluna para realizar os preparativos para a chegada de Khal Drogo. Enquanto os guerreiros saltavam das selas, ele tirou do cinto o *arakh* e entregou-o a um escravo que se encontrava à espera, fazendo o mesmo com as restantes armas que transportava. Nem o próprio Khal Drogo estava isento daquela obrigação. Sor Jorah explicara que em Vaes Dothrak era proibido transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem livre. Até *khalasares* em guerra punham de lado as suas divergências e partilhavam a comida e a bebida à vista da Mãe das Montanhas. Naquele lugar, segundo o que as feiticeiras do *dosh khaleen* tinham decretado, todos os dothraki eram um só sangue, um só *khalasar*, uma só manada.

Cohollo veio ter com Dani quando Irri e Jhiqui a estavam a ajudar a descer da sua prata. Era o mais velho dos três companheiros de sangue de Drogo, um homem atarracado e calvo com um nariz torcido e uma boca cheia de dentes partidos, estilhaçados por uma maça vinte anos antes, quando salvara o jovem *khalakka* de mercenários que esperavam vendê-lo aos inimigos do pai. A sua vida ficara ligada à de Drogo no dia em que o senhor esposo de Dany nascera.

Todos os *khals* tinham os seus companheiros de sangue. A princípio Dany pensara neles como uma espécie de Guarda Real Dothraki, sob o juramento de proteger o seu senhor, mas eram mais do que isso. Jhiqui ensinara-lhe que o companheiro de sangue era mais do que um guarda; eram os irmãos do *khal*, as suas sombras, os mais ferozes dos seus amigos. “Sangue do meu sangue”, era como Drogo lhes chamava, e assim era; partilhavam uma só vida. As antigas tradições dos senhores dos cavalos exigiam que quando o *khal* morria, os seus companheiros de sangue morressem com ele, para cavalgar a seu lado nas terras da noite. Se o *khal* morresse às mãos de algum inimigo, viviam apenas o suficiente para o vingar, e então seguiam-no alegremente para a sepultura. Jhiqui dizia que em alguns *khalasares*, os companheiros de sangue partilhavam o vinho do *khal*, a sua tenda, e até as suas esposas, embora nunca os seus cavalos. A montada de um homem era apenas sua.

Daenerys sentia-se feliz por Khal Drogo não aderir a esses costumes antigos. Não teria gostado de ser partilhada. E conquanto o velho Cohollo a tratasse com bastante gentileza, os outros assustavam-na; Haggio, enorme e silencioso, fitava-a com frequência com um ar ameaçador, como se se tivesse

esquecido de quem ela era, e Qotho tinha uns olhos cruéis e mãos rápidas que gostavam de magoar. Deixava nódoas negras na suave pele branca de Doreah sempre que a tocava, e por vezes deixava Irri a soluçar na noite. Até os seus cavalos pareciam temê-lo.

No entanto, estavam ligados a Drogo para a vida e para a morte, e Daenerys não tinha alternativa a aceitá-los. E por vezes dava por si a desejar que o pai tivesse sido protegido por homens assim. Nas canções, os cavaleiros brancos da Guarda Real eram sempre nobres, valentes e leais, mas o Rei Aerys tinha sido assassinado por um deles, o rapaz bonito a quem chamavam agora Regicida, e um segundo, Sor Barristan, o Ousado, passara para o lado do Usurpador. Gostaria de saber se nos Sete Reinos todos os homens eram assim tão falsos. Quando o seu filho ocupasse o Trono de Ferro, assegurar-se-ia de que teria os seus próprios companheiros de sangue a fim de o proteger contra a traição na Guarda Real.

— *Khaleesi* — disse-lhe Cohollo, em dothraki. — Drogo, sangue do meu sangue, ordena-me que vos diga que ele tem de subir esta noite a Mãe das Montanhas, a fim de sacrificar aos deuses pelo seu regresso em segurança.

Dany sabia que só se permitia aos homens pôr o pé na Mãe. Os companheiros de sangue do *khal* iriam com ele, e regressariam de alvorada.

— Diz ao meu sol-e-estrelas que sonho com ele e espero ansiosa o seu regresso — respondeu ela, agradecida. Dany ia-se cansando mais facilmente à medida que a criança crescia dentro dela; a verdade era que uma noite de descanso seria muito bem-vinda. A gravidez só parecia ter inflamado o desejo de Drogo por ela, e nos últimos tempos os seus abraços deixavam-na exausta.

Doreah levou-a para a colina oca que tinha sido preparada para ela e para o *khal*. Lá dentro fazia frio e estava escuro, como numa tenda feita de terra.

— Jhiqui, um banho por favor — ordenou, para lavar da pele a poeira da viagem e encharcar os seus ossos cansados. Era agradável saber que ficariam ali por algum tempo, que não precisaria de trepar para cima da sua prata quando chegasse a manhã.

A água escaldava, tal como ela gostava.

— Darei esta noite os presentes ao meu irmão — decidiu enquanto Jhiqui lhe lavava o cabelo. — Ele deve parecer um rei na cidade sagrada. Doreah, corre à sua procura, e convida-o a jantar comigo. — Viserys era mais simpático para com a rapariga lisena do que para as suas aias dothraki, talvez porque o Magíster Illyrio o deixara dormir com ela em Pentos. — Irri, vai ao bazar e compra fruta e carne. Qualquer coisa menos carne de cavalo.

— Cavalo é melhor — disse Irri. — Cavalo torna um homem mais forte.

— Viserys detesta carne de cavalo.

— Como quiserdes, *Khaleesi*.

Regressou com um quadril de carneiro e um cesto de fruta e legumes. Jhiqui assou a carne com ervamel e vagem de fogo, untando-a com mel enquanto assava, e havia melões, romãs e ameixas, e uma estranha fruta oriental qualquer que Dany não conhecia. Enquanto as aias preparavam a refeição, Dany desempacotou a roupa que tinha mandado fazer à medida do irmão: uma túnica e uns calções de fresco linho branco, sandálias de couro atadas no joelho, um cinto com medalhão de bronze, um colete de couro pintado com dragões que respiravam fogo. Esperava que os dothraki o respeitassem mais se se parecesse menos com um pedinte, e talvez a perdoasse por o ter envergonhado naquele dia na erva. Afinal de contas, ainda era o seu rei e o seu irmão. Eram ambos sangue do dragão.

Estava a preparar o último dos seus presentes — um manto de sedareia, verde como a erva, com um debrum cinzento-claro que realçaria o prateado do seu cabelo — quando Viserys chegou, arrastando Doreah pelo braço. O olho da rapariga estava vermelho onde ele lhe batera.

— Como te *atreves* a enviar esta rameira para me dar ordens? — disse. Atirou rudemente a aia ao tapete.

A ira apanhou Dany completamente de surpresa.

— Só quis... Doreah, que lhe disseste?

— *Khaleesi*, mil desculpas, perdoai-me. Fui ter com ele, como me pedistes, e disse-lhe que mandáveis que se vos juntasse para o jantar.

— Ninguém manda no dragão — rosnou Viserys. — *Eu sou o teu rei!* Devia ter-te devolvido a cabeça dela!

A jovem lisena vacilou, mas Dany acalmou-a com um toque.

— Não tenhas medo, ele não te fará mal. Querido irmão, por favor, perdoai-lhe, a rapariga confundiu-se nas palavras, disse-lhe para vos *pedir* que vos juntásseis a mim para o jantar, se isso for do agrado de Vossa Graça. — Pegou-lhe na mão e fê-lo atravessar o quarto. — Olhai. Isto é para vós.

Viserys franziu o sobrolho, cheio de suspeitas.

— Que é tudo isto?

— Vestuário novo. Mandeí-o fazer para vós — Dany sorriu timidamente. Ele olhou-a e escarneceu.

— Trapos dothraki. Agora atreves-te a vestir-me?

— Por favor... ficareis mais fresco e confortável, e pensei... talvez que se vos vestísseis como eles, os dothraki... — Dany não sabia como dizer o que pretendia sem lhe acordar o dragão.

— A seguir hás-de querer entrançar-me o cabelo.

— Eu nunca... — Porque era ele sempre tão cruel? Ela só quisera ajudar. — Não tendes direito a uma trança, ainda não haveis obtido nenhuma vitória.

Foi a coisa errada a dizer. A fúria brilhou nos seus olhos lilases, mas não

se atreveu a bater-lhe com as aias a observar e os guerreiros do seu *khas* à porta. Viserys apanhou o manto e cheirou-o.

— Isto fede a estrume. Talvez o use como coberta para o cavalo.

— Mandeí que Doreah o cosesse especialmente para vós — disse-lhe ela, ferida. — Isto são roupas dignas de um *khal*.

— Eu sou o Senhor dos Sete Reinos, não um selvagem manchado pela erva e com campainhas no cabelo — atirou-lhe Viserys. Agarrou-lhe o braço. — Esqueces quem és, sua puta. Achas que aquele barrigudo te protegerá se acordares o dragão?

Os dedos dele enterraram-se dolorosamente no seu braço, e por um instante, Dany sentiu-se de novo criança, a vacilar perante a sua raiva. Estendeu a outra mão e agarrou na primeira coisa em que tocou, o cinto que esperara oferecer-lhe, uma pesada corrente de medalhões ornamentados de bronze. Brandiu-o com toda a sua força.

Atingiu-o em cheio na cara. Viserys largou-a. Sangue correu da sua bochecha, onde a aresta de um dos medalhões a cortou.

— És tu quem se esquece de quem é — disse-lhe ela. — Não aprendeste *nada* naquele dia na erva? Sai daqui imediatamente, antes que chame o meu *khas* para te arrastar para a rua. E reza para que Khal Drogo não ouça falar disto, porque se ouvir, abrir-te-á a barriga e dar-te-á a comer as tuas próprias entranhas.

Viserys pôs-se em pé atabalhoadamente.

— Quando ganhar o meu reino, lamentarás este dia, puta. — E saiu, agarrado à cara ferida, deixando os presentes para trás.

Gotas do seu sangue tinham borrifado o belo manto de sedareia. Dany encostou o suave tecido à cara e sentou-se de pernas cruzadas sobre as esteiras de dormir.

— O vosso jantar está pronto, *Khaleesi* — anunciou Jhiqui.

— Não tenho fome — disse Dany em voz triste. Ficara subitamente muito cansada. — Dividi a comida entre vós, e enviai alguma a Sor Jorah, por favor. — Após um momento, acrescentou: — Por favor, alguém que me traga um dos ovos de dragão.

Irri foi buscar o ovo com a casca de um profundo tom de verde, que mostrava salpicos de bronze entre as escamas quando o virava nas suas pequenas mãos. Dany enrolou-se de lado, puxando o manto de sedareia sobre o corpo e aninhando o ovo no espaço entre a sua barriga inchada e os pequenos e tenros seios. Gostava de pegar neles. Eram tão belos, e por vezes o simples facto de estar junto deles fazia-a sentir-se mais forte, mais corajosa, como se de alguma forma retirasse força dos dragões de pedra encerrados lá dentro.

Estava ali deitada, agarrada ao ovo, quando sentiu o bebé mover-se na sua barriga... como se estivesse a estender uma mão, irmão para irmão, sangue para sangue.

— És *tu* o dragão — segredou Dany para o filho — o dragão *verdadeiro*.
Eu sei. Eu sei. — Sorriu, e adormeceu sonhando com a terra natal.

Cáa uma neve ligeira. Bran conseguia sentir os flocos no rosto, derretendo quando lhe tocavam a pele como a mais leve das chuvas. Endireitou-se em cima do cavalo, observando a porta levadiça a ser içada. Esforçando-se o mais possível por permanecer calmo, o coração palpitava-lhe no peito.

— Estamos prontos? — perguntou Robb.

Bran acenou, tentando não mostrar o medo que sentia. Não estivera fora de Winterfell desde a queda, mas estava determinado a sair com tanto orgulho como qualquer cavaleiro.

— Então vamos. — Robb encostou os calcanhares ao seu grande castrado cinzento e branco, e o cavalo avançou a passo sob a porta levadiça.

— Vai — sussurrou Bran ao seu cavalo. Tocou-lhe levemente o pescoço e a pequena potra castanha avançou. Bran chamara-lhe Dançarina. Tinha dois anos, e Joseth dizia que era mais inteligente do que um cavalo tinha direito a ser. Tinham-lhe dado um treino especial para responder às rédeas, à voz e ao toque. Até àquele momento, Bran só a montara no pátio. A princípio, Joseth ou Hodor levavam-na à mão, enquanto Bran se sentava no seu dorso amarrado à grande sela que o Duende tinha desenhado para ele, mas na última quinzena montara-a sozinho, fazendo-a trotar, às voltas, tornando-se mais ousado a cada circuito.

Passaram sob a porta levadiça, sobre a ponte levadiça, através das muralhas exteriores. Verão e Vento Cinzento vinham aos saltos ao lado deles, farejando o vento. Logo atrás vinha Theon Greyjoy, com o seu arco e uma aljava cheia de setas de ponta larga; segundo lhes dissera, tinha em mente o abate de um veado. Era seguido por quatro guardas revestidos de cota de malha na cabeça e tronco, e por Joseth, um moço de cavalaria magro como um espeto que Robb nomeara mestre dos cavalos enquanto Hullen estava longe. O Mestre Luwin ocupava a retaguarda, montado num burro. Bran teria preferido se ele e Robb tivessem saído sozinhos, só os dois, mas Hal Mollen nem quisera ouvir falar dessa ideia, e o Mestre Luwin apoiara-o. Se Bran caísse do cavalo ou se ferisse, o Mestre estava determinado a estar junto dele.

À porta do castelo ficava a praça do mercado, cujas barracas de madeira se encontravam agora desertas. Avançaram pelas ruas lamacentas da aldeia, passando por fileiras de pequenas casas bem arrançadas feitas de troncos e pedra nua. Menos de uma em cinco estavam ocupadas, com finas gavinhas de fumo a enrolar-se sobre as suas chaminés. As outras encher-se-iam, uma a uma, à medida que fosse ficando mais frio. Quando a neve caísse e os ventos

gelados uivassem do norte, dizia a Velha Ama, os agricultores deixariam os seus campos congelados e castros distantes, carregariam as suas carroças, e então a Vila de Inverno ganharia vida. Bran nunca o vira, mas o Mestre Luwin dizia que esse dia se aproximava. O fim do longo Verão estava próximo. *O Inverno está a chegar.*

Alguns aldeões seguiram ansiosamente os lobos gigantes com os olhos enquanto os cavaleiros passavam por eles, e um homem deixou cair a lenha que transportava, fugindo com medo, mas a maior parte das gentes da terra já se habituara àquele panorama. Dobravam o joelho ao ver os rapazes, e Robb saudava cada um com um aceno senhorial.

Com as pernas incapazes de apertar, o movimento oscilante do cavalo fez a princípio com que Bran se sentisse instável, mas a enorme sela com o seu grosso arção dianteiro e o elevado apoio de costas atrás embalava-o confortavelmente, e as presilhas em torno do seu peito e coxas não lhe permitiriam que caísse. Após algum tempo, o ritmo começou a parecer quase natural. A ansiedade desvaneceu-se, e um sorriso trémulo nasceu-lhe no rosto.

Duas raparigas de servir estavam paradas sob o letreiro do Tronco Fumegante, a cervejaria da aldeia. Quando Theon Greyjoy as chamou, a rapariga mais nova ficou toda vermelha e cobriu a cara. Theon esporeou a montada para se pôr ao lado de Robb.

— Doce Kyra — disse, com uma gargalhada. — Contorce-se como uma doninha na cama, mas basta dizer-lhe uma palavra na rua para ficar cor-de-rosa como uma donzela. Já te falei daquela noite em que ela e Bessa...

— Aqui onde o meu irmão pode ouvir não, Theon — preveniu Robb olhando para Bran de relance.

Bran afastou o olhar e fingiu não ter ouvido, mas podia sentir os olhos de Greyjoy postos nele. Estaria sem dúvida a sorrir. Sorria muito, como se o mundo fosse uma piada secreta que só ele era suficientemente inteligente para compreender. Robb parecia admirar Theon e gostar da sua companhia, mas Bran nunca simpatizara com o protegido do pai.

Robb aproximou-se.

— Estás a ir bem, Bran.

— Quero ir mais depressa — respondeu Bran.

Robb sorriu.

— Como queiras. — Pôs o castrado a trote. Os lobos correram atrás dele. Bran agitou bruscamente as rédeas, e Dançarina estugou o passo. Ouviu um grito de Theon Greyjoy e os cascos dos outros cavalos atrás dele.

O manto de Bran enfunou-se, ondulando ao vento, e a neve pareceu correr de encontro à sua cara. Robb estava bem adiantado, lançando relances ocasionais por sobre o ombro a fim de se assegurar de que Bran e os outros o

seguiam. Bran voltou a sacudir as rédeas. Suave como seda, a Dançarina pôs-se a galope. A distância diminuiu. Quando alcançou Robb no limiar da Mata de Lobos, a duas milhas da Vila de Inverno, tinham deixado os outros muito para trás.

— *Posso montar!* — gritou Bran, sorrindo. Era quase tão bom como voar.

— Eu faria uma corrida contigo, mas temo que possas ganhar. — O tom de Robb era ligeiro e brincalhão, mas Bran viu sob o sorriso do irmão que alguma coisa o perturbava.

— Não quero corridas. — Bran olhou em volta à procura dos lobos gigantes. Tinham ambos desaparecido na floresta. — Ouviste o Verão a uivar ontem à noite?

— O Vento Cinzento também estava inquieto — disse Robb. Tinha o seu cabelo ruivo hirsuto e despenteado, e uma barba avermelhada cobria-lhe o queixo, fazendo-o parecer ter mais do que os seus quinze anos. — Às vezes penso que eles sabem coisas... que sentem coisas... — Robb suspirou. — Nunca sei bem quanto te diga, Bran. Gostava que fosses mais velho.

— Já tenho oito anos! — disse Bran. — Oito não é muito mais novo do que quinze, e sou o herdeiro de Winterfell, depois de ti.

— Pois és. — Robb parecia triste, e até um pouco assustado. — Bran, preciso de te contar uma coisa. Chegou uma ave ontem à noite. De Porto Real. O Mestre Luwin acordou-me.

Bran sentiu um temor súbito. *Asas escuras, palavras escuras*, dizia sempre a Velha Ama, e nos últimos tempos os corvos mensageiros tinham vindo a provar a verdade do provérbio. Quando Robb escrevera ao Senhor Comandante da Patrulha da Noite, a ave que regressou trouxe a notícia de que o Tio Benjen continuava desaparecido. Depois chegara uma mensagem do Ninho de Águia, da Mãe, mas também não trazia boas notícias. Ela não dizia quando tencionava regressar, dizia apenas que tomara o Duende prisioneiro. Bran de certo modo simpatizara com o homenzinho, mas o nome Lannister punha-lhe dedos frios a passear pela espinha. Havia algo acerca dos Lannister, algo de que se devia lembrar, mas quando tentava pensar no quê, sentia-se tonto e o estômago ficava-lhe duro como pedra. Robb passara a maior parte desse dia trancado com o Mestre Luwin, Theon Greyjoy e Hallis Mollen. Depois, cavaleiros partiram em cavalos rápidos, levando as ordens de Robb a todo o Norte. Bran ouviu falar de Fosso Cailin, a antiga fortaleza que os Primeiros Homens tinham construído no topo da Garganta. Ninguém chegara a dizer-lhe o que se passava, mas sabia que não era boa coisa.

E agora outro corvo, outra mensagem. Bran agarrou-se à esperança.

— Era a ave da Mãe? Ela vai voltar para casa?

— A mensagem é de Alyn, em Porto Real. Jory Cassel está morto. E Wyl e Heward também. Assassinados pelo Regicida. — Robb levantou o rosto para a neve, e os flocos derreteram nas suas bochechas. — Que os deuses lhes dêem descanso.

Bran não soube o que dizer. Sentia-se como se tivesse levado um murro. Jory era capitão da guarda doméstica de Winterfell desde antes de Bran nascer.

— Mataram Jory? — Lembrou-se de todas as vezes que Jory o perseguira pelos telhados. Via-o a caminhar pelo pátio, em passos largos, vestido de cota de malha e armadura, ou sentado no seu lugar do costume no banco do Salão Grande, gracejando enquanto comia. — Porque haveria alguém de matar Jory?

Robb abanou a cabeça com um ar entorpecido e uma clara dor nos olhos.

— Não sei, e... Bran, isso não é o pior. O Pai foi apanhado debaixo de um cavalo que caiu na luta. Alyn diz que ficou com a perna desfeita e... o Mestre Pycelle deu-lhe o leite da papoila, mas não têm a certeza de quando é que... quando é que ele... — O som de cascos fê-lo deitar um relance pela estrada, para onde Theon e os outros se aproximavam. — Quando é que ele vai acordar — concluiu. Pousou então a mão no punho da espada e prosseguiu na voz solene de Robb, o Senhor. — Bran, prometo-te, aconteça o que acontecer, não deixarei que isto seja esquecido.

Algo no seu tom fez com que Bran ficasse ainda com mais medo.

— Que vais fazer? — perguntou quando Theon Greyjoy refreava o seu cavalo ao lado deles.

— Theon pensa que devo chamar os vassalos — disse Robb.

— Sangue por sangue. — Por uma vez, Greyjoy não sorria. O seu rosto magro e escuro tomara um aspecto faminto, e cabelo negro caíra-lhe sobre os olhos.

— Só o senhor pode chamar os vassalos — disse Bran enquanto a neve caía lentamente em redor do grupo.

— Se o vosso pai morrer — disse Theon — Robb será o Senhor de Winterfell.

— Ele *não* morrerá! — gritou-lhe Bran.

Robb tomou-lhe a mão.

— Ele não morrerá, o Pai não morrerá — disse ele calmamente. — Mesmo assim... a honra do Norte está agora nas minhas mãos. Quando o senhor nosso pai se afastou de nós, disse-me para ser forte por ti e por Rickon. Sou quase um homem feito, Bran.

Bran estremeceu.

— Gostava que a Mãe estivesse de volta — disse, com ar infeliz. Olhou

em volta à procura do Meistre Luwin; via-se o seu burro muito ao longe, a trotar sobre uma colina. — O Meistre Luwin também diz para chamares os vassallos?

— O Meistre é tímido como uma velha — disse Theon.

— O Pai sempre lhe escutou os conselhos — recordou Bran ao irmão. — E a Mãe também.

— Eu escuto-o — insistiu Robb. — Eu escuto toda a gente.

A alegria que Bran sentira com a cavalgada tinha desaparecido, derretida como os flocos de neve no seu rosto. Não muito tempo antes, a ideia de Robb chamar os vassallos e partir para a guerra tê-lo-ia enchido de excitação, mas agora sentia apenas terror.

— Podemos regressar? — perguntou. — Sinto frio.

Robb olhou em volta.

— Temos de encontrar os lobos. Podes continuar um pouco mais?

— Posso continuar tanto como tu. — O Meistre Luwin avisara-o de que devia montar durante pouco tempo, temendo assaduras provocadas pela sela, mas Bran não admitiria a sua fraqueza em frente do irmão. Estava farto do modo como toda a gente andava sempre à sua volta a perguntar como se sentia.

— Vamos então à caça dos caçadores — disse Robb. Lado a lado, incitaram as montadas a sair da Estrada do Rei e a entrar na Mata de Lobos. Theon deixou-se ficar para trás, e seguiu-os muito depois, conversando e gracejando com os guardas.

Estava agradável sob as árvores. Bran manteve a Dançarina a passo, segurando as rédeas com ligeireza e olhando em redor enquanto avançavam. Conhecia aquela floresta, mas tinha estado tanto tempo confinado a Winterfell que era como se a estivesse a ver pela primeira vez. Os cheiros enchiam-lhe as narinas; o cheiro forte, penetrante e fresco das agulhas de pinheiro, o odor a terra de folhas húmidas a apodrecer, os vestígios do cheiro animal a almíscar e dos fogos das cozinhas distantes. Viu de relance um esquilo negro que se movia entre os ramos cobertos de neve de um carvalho, e parou para estudar a teia prateada de uma aranha imperatriz.

Theon e os outros ficaram cada vez mais para trás, até que Bran deixou de lhes conseguir ouvir as vozes. De adiante chegou-lhe o ténue som de águas correntes. Foi ficando mais alto até chegarem ao ribeiro. Lágrimas arderam-lhe nos olhos.

— Bran? — perguntou Robb. — Que se passa?

Bran abanou a cabeça.

— Estava só a lembrar-me — disse ele. — Jory trouxe-nos uma vez aqui para pescar trutas. A ti, a mim e a Jon. Lembras-te?

— Lembro — disse Robb, com a voz baixa e triste.

— Eu não apanhei nada — disse Bran — mas Jon deu-me o peixe dele no caminho de regresso a Winterfell. Vamos voltar a ver o Jon?

— Vimos o Tio Benjen quando o rei veio de visita — salientou Robb. — Jon também nos visitará, vais ver.

O ribeiro corria cheio e rápido. Robb desmontou e levou o seu castrado a atravessar o vau. Na parte mais profunda da travessia, a água chegava-lhe a meio das coxas. Amarrou o cavalo a uma árvore, do outro lado, e regressou para vir buscar Bran e a Dançarina. A corrente espumava em torno das rochas e das pernas, e Bran conseguia sentir os salpicos no rosto enquanto Robb o levava pelo riacho. Isso fê-lo sorrir. Por um momento, voltou a sentir-se forte e inteiro. Olhou para as árvores e sonhou trepá-las, mesmo até às copas, com toda a floresta estendida abaixo.

Tinham já chegado ao outro lado do ribeiro quando ouviram o uivo, um longo lamento que se erguia por entre as árvores como um vento frio. Bran ergueu a cabeça para escutar.

— O Verão — disse. E assim que o disse, uma segunda voz juntou-se à primeira.

— Mataram qualquer coisa — disse Robb enquanto voltava a montar. — É melhor que eu vá buscá-los de volta. Espera aqui, que Theon e os outros devem estar a chegar.

— Quero ir contigo — disse Bran.

— Eu encontro-os mais depressa sozinho. — Robb esporeou o seu castrado e desapareceu por entre as árvores.

Depois de o irmão partir, as árvores pareceram apertar-se em redor de Bran. A neve caía agora com mais força. Onde tocava o solo, derretia, mas, por todo o lado, pedras, raízes e ramos estavam cobertos por um fino manto branco. Enquanto esperava, estava consciente de como se sentia desconfortável. Não sentia as pernas, que pendiam, inúteis, nos estribos, mas a presilha que lhe rodeava o peito estava apertada e provocava-lhe escoriações, e a neve que derretia tinha-se-lhe infiltrado nas luvas e gelava-lhe as mãos. Perguntou a si próprio o que demorava Theon, o Mestre Luwin, Joseth e os outros.

Quando ouviu o restolhar de folhas, Bran usou as rédeas para fazer a Dançarina virar-se, esperando ver os amigos, mas os homens esfarrapados que saíram para a margem do ribeiro eram-lhe estranhos.

— Bons-dias para vós — disse ele nervosamente. Bastou uma olhadela para Bran compreender que os homens não eram lenhadores nem agricultores. Ficou de súbito consciente da riqueza das roupas que envergava. Tinha uma

capa nova, de lã cinzenta-escura com botões de prata, e um pesado alfinete de prata segurava nos ombros o manto forrado de peles. As suas botas e luvas também eram forradas de peles.

— Então ‘tás sozinho, hã? — disse o maior dos homens, um careca com uma cara rude, queimada pelo vento. — Perdido na Mata de Lobos, pobre rapaz.

— Não estou perdido. — Bran não gostava da maneira como os estranhos o olhavam. Contou quatro, mas quando virou a cabeça, viu outros dois atrás dele. — O meu irmão afastou-se há um momento, e a minha guarda estará aqui em breve.

— A tua guarda, hã? — disse um segundo homem. Uma barba cinzenta cobria a sua cara magra. — E que é que ela guarda, senhorzinho? Isso que vejo no teu manto é um alfinete de prata?

— Bonito — disse uma voz de mulher. Pouco se parecia com uma mulher; era alta e esguia, com a mesma cara dura dos outros, e tinha o cabelo escondido por baixo de um meio elmo em forma de tigela. A lança que segurava era feita de dois metros e meio de carvalho negro, com uma ponta de aço ferrugento.

— Vamos lá ver — disse o grande homem careca.

Bran observou-o ansiosamente. A roupa do homem estava imunda, quase desfeita em bocados, remendada aqui de castanho, ali de azul e acolá de verde-escuro, e por todo o lado desbotada até ficar cinzenta, mas em tempos aquele manto podia ter sido negro. Apercebeu-se com um súbito sobressalto de que o homem atarracado e grisalho também usava farrapos negros. De súbito, Bran lembrou-se do desertor que o pai decapitara no dia em que tinham encontrado os cachorros de lobo; esse homem também usara negro, e o Pai dissera que era um desertor da Patrulha da Noite. *Ninguém pode ser mais perigoso*, lembrou-se ele de ouvir o Lorde Eddard a dizer. *O desertor sabe que a sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por mais vil ou cruel que ele seja.*

— O alfinete, rapaz — disse o homem grande. E estendeu a mão.

— Vamos também ficar com o cavalo — disse uma mulher mais pequena que Robb, com uma cara larga e achatada e um cabelo corredio e amarelo. — Desce, e depressa. — Uma faca, com o gume irregular como uma serra, deslizou-lhe para a mão de dentro da manga.

— Não — proferiu Bran. — Eu não posso...

O homem grande agarrou-lhe nas rédeas antes que Bran pudesse pensar em fazer a Dançarina rodopiar e galopar para longe.

— Podes pois, senhorzinho... e é o que vais fazer, se souberes o que é bom para ti.

— Stiv, olha como ele está atado. — A mulher alta apontou com a lança.
— Isso que ele diz pode ser a verdade.

— Com que então presilhas, hã? — disse Stiv. Tirou um punhal de uma bainha que trazia ao cinto. — Há maneiras de lidar com presilhas.

— És alguma espécie de aleijado? — perguntou a mulher baixa.

Bran inflamou-se.

— Sou Brandon Stark de Winterfell, e é melhor que largues o meu cavalo, ou farei com que sejam todos mortos.

O homem magro com a barba cinzenta riu.

— O rapaz é um Stark, não há dúvida. Só um Stark seria suficientemente pateta para fazer ameaças onde homens mais inteligentes suplicariam.

— Corta-lhe a pichinha e espeta-lha na boca — sugeriu a mulher baixa.
— Isso deve calá-lo.

— És tão estúpida como feia, Hali — disse a mulher alta. — O rapaz não serve de nada morto; agora vivo... malditos sejam os deuses, pensem no que o Mance daria para ter como refém o próprio sangue de Benjen Stark!

— Que o Mance se dane — praguejou o homem grande. — Queres voltar para lá, Osha? Mais parva és. Achas que os caminhanes brancos se importam se tens um refém? — Virou-se para Bran e golpeou a presilha que lhe rodeava a coxa. O couro rompeu-se com um suspiro.

O golpe foi rápido e descuidado, cortando profundamente. Olhando para baixo, Bran viu de relance a pele clara onde a lã dos seus calções se rompera. Então, o sangue começou a fluir. Observou a mancha vermelha a espalhar-se, sentindo-se tonto, curiosamente distante; não tinha havido dor, nem mesmo uma ligeira sensação de tacto. O homem grande grunhiu de surpresa.

— Deponham as armas neste momento, e prometo-vos uma morte rápida e indolor — gritou Robb.

Bran ergueu o olhar com uma esperança desesperada, e ali estava ele. A força das palavras era diminuída pela maneira como a sua voz soava quebrada de tensão. Estava montado, com a carcaça sangrenta de um alce depositada sobre a garupa do cavalo, e com a espada na mão enluvada.

— O irmão — disse o homem com a barba cinzenta.

— É um tipo feroz, oh se é — troçou a mulher baixa, aquela a quem chamavam Hali. — Pretendes lutar com a gente, rapaz?

— Não sejas tonto, miúdo. És um contra seis. — A mulher alta, Osha, baixou a lança. — Salta do cavalo, e atira a espada ao chão. Agradecer-te-emos delicadamente pela montada e pelo veado, e tu e o teu irmão podem seguir caminho.

Robb assobiou. Ouviram o ténue som de patas suaves sobre folhas húmidas. A vegetação rasteira abriu-se, ramos baixos deixaram cair a sua

neve acumulada, e Vento Cinzento e Verão emergiram da verdura. Verão farejou o ar e rosnou.

— Lobos — arfou Hali.

— Lobos gigantes — disse Bran. Ainda com metade do tamanho de adultos, eram tão grandes como qualquer lobo que já tivesse visto, mas era fácil detectar as diferenças, se se soubesse o que procurar. O Mestre Luwin e Farlen, o mestre dos canis, tinham-lhe ensinado. Um lobo gigante tinha uma cabeça maior e patas mais compridas em proporção com o corpo, e o seu focinho era marcadamente mais estreito e pronunciado. Havia algo neles de lúgubre e terrível, ali parados por entre a neve que caía lentamente. Sangue fresco pintalgava o focinho de Vento Cinzento.

— Cães — disse o homem grande e careca com desprezo. — E houve quem me dissesse que não há nada como um manto de pele de lobo para aquecer um homem à noite. — Fez um gesto brusco. — Apanhem-nos.

Robb gritou "*Winterfell!*" e esporeou o cavalo. O castrado mergulhou pela margem do ribeiro ao mesmo tempo que os homens esfarrapados se aproximavam. Um homem com um machado correu contra ele, a gritar e sem prudência. A espada de Robb apanhou-o em cheio na cara com um nauseante *crunch* e um borrito de sangue brilhante. O homem com a cara magra e a barba cinzenta estendeu a mão para agarrar as rédeas, e conseguiu agarrá-las durante meio segundo... mas então Vento Cinzento saltou sobre ele, desequilibrando-o. Caiu de costas ao ribeiro com um chapão e um grito, brandindo loucamente a faca quando a cabeça submergiu. O lobo gigante mergulhou atrás dele, e a água branca tornou-se vermelha no sítio onde os dois desapareceram.

Robb e Osha trocavam golpes no meio do ribeiro. A longa lança dela era uma serpente de cabeça de aço que atacava o peito dele, uma, duas, três vezes, mas Robb parava cada estocada com a espada, desviando a ponta para o lado. À quarta ou quinta estocada, a mulher alta fez um movimento demasiado largo e perdeu o equilíbrio, só por um segundo. Robb carregou, derrubando-a.

A pouca distância, Verão surgiu como um relâmpago e mordeu Hali. A faca caiu-lhe sobre o flanco. Verão esquivou-se, rosnando, e voltou a atacar. Daquela vez, as suas mandíbulas fecharam-se em volta da barriga da perna da pequena mulher. Segurando a faca com ambas as mãos, ela tentou apunhalá-lo, mas o lobo selvagem pareceu pressentir a lâmina. Libertou-se por um instante, com a boca cheia de couro, tecido e carne ensanguentada. Quando Hali tropeçou e caiu, atacou-a de novo, atirando-a para trás, com os dentes a rasgar-lhe a barriga.

O sexto homem fugiu da carnificina... mas não foi longe. Enquanto trepava de mãos e pés a margem mais distante do ribeiro, Vento Cinzento

emergiu da água, a pingar. Sacudiu-se e saltou sobre o homem que fugia, jarretando-o com uma única dentada e atirando-se-lhe à garganta quando o homem deslizou, aos gritos, de volta para a água.

E então restou apenas o homem grande, Stiv. Golpeou a presilha de peito de Bran, agarrou-lhe no braço e puxou. De súbito, Bran caía. Estatelou-se no chão, com as pernas enlaçadas debaixo do corpo e um pé dentro do ribeiro. Não conseguia sentir o frio da água, mas sentiu o aço quando Stiv lhe encostou o punhal à garganta.

— Afasta-te — preveniu o homem — ou juro que abro a traqueia ao rapaz.

Robb puxou as rédeas ao cavalo, respirando com força. A fúria desapareceu-lhe dos olhos e o braço que segurava a espada caiu.

Nesse momento, Bran viu tudo. Verão estava a atacar ferozmente Hali, puxando reluzentes serpentes azuis da sua barriga. Os olhos dela estavam muito abertos e não se moviam. Bran não sabia dizer se a mulher estava viva ou morta. O atarracado homem grisalho e o do machado jaziam, imóveis, mas Osha estava de joelhos, rastejando em direcção à sua lança caída. Vento Cinzento caminhou na sua direcção, com o pêlo encharcado, a pingar.

— Chama-o! — gritou o homem grande. — Chama-os aos dois, ou o aleijado morre agora mesmo!

— Vento Cinzento, Verão, aqui — disse Robb.

Os lobos gigantes pararam, viraram as cabeças. Vento Cinzento saltou para junto de Robb. Verão ficou onde estava, com os olhos fitos em Bran e no homem a seu lado. Rosnou. Tinha o focinho molhado e vermelho, mas os seus olhos ardiam.

Osha usou a base da lança como apoio para se pôr de pé. Jorrava sangue de uma ferida no braço, onde Robb a golpeará. Bran conseguia ver o suor que escorria pela cara do homem grande. Compreendeu que Stiv estava tão assustado como ele.

— Stark — murmurou o homem — malditos Stark. — Levantou a voz. — Osha, mata os lobos e apanha a espada dele.

— Mata-os tu — respondeu ela. — Eu não me chego perto desses monstros.

Por um momento, Stiv sentiu-se perdido. A sua mão tremeu; Bran sentiu um fio de sangue onde a faca fazia pressão contra o seu pescoço. O fedor do homem enchia-lhe as narinas; cheirava a medo.

— Tu — gritou a Robb. — Tens um nome?

— Sou Robb Stark, herdeiro de Winterfell.

— Este é o teu irmão?

— Sim.

— Se o quiseses vivo, faz o que eu digo. Salta do cavalo.

Robb hesitou por um momento. Então, lenta e deliberadamente, desmontou e virou-se para o homem, de espada na mão.

— Agora mata os lobos.

Robb não se moveu.

— Faz o que eu digo. Os lobos ou o rapaz.

— *Não!* — gritou Bran. Se Robb fizesse o que ele pedia, Stiv matá-los-ia a ambos na mesma, depois dos lobos mortos.

O careca agarrou-lhe no cabelo com a mão livre e puxou-o cruelmente, até Bran soluçar de dor.

— Tu cala essa boca, aleijado, estás a ouvir? — Puxou com mais força.
— *Estás a ouvir?*

Um *drum* baixo veio das árvores atrás deles. Stiv soltou um arquejo chocado quando quinze centímetros de uma seta de ponta larga lhe explodiram de súbito no peito. A seta era vermelha viva, como se tivesse sido pintada com sangue.

O punhal caiu da garganta de Bran. O homem grande cambaleou e caiu ao ribeiro de barriga para baixo. A seta partiu-se sob o seu corpo. Bran viu a sua vida a fugir, aos redemoinhos, pela água abaixo.

Osha olhou em volta quando os guardas do Pai surgiram de entre as árvores, de armas na mão. Deixou cair a lança.

— Misericórdia, s'nhor — gritou para Robb.

Os guardas tinham uma expressão estranha, pálida, no rosto ao olharem aquela cena de morticínio. Olhavam para os lobos, inseguros, e quando Verão regressou para junto do cadáver de Hali para comer, Joseth deixou cair a faca e precipitou-se para as árvores, a vomitar. Até o Mestre Luwin pareceu chocado ao surgir de trás de uma árvore, mas só por um instante. Então abanou a cabeça e atravessou o ribeiro até junto de Bran.

— Estais ferido?

— Ele cortou-me a perna — disse Bran — mas eu não senti nada.

Enquanto o Mestre se ajoelhava para examinar a ferida, Bran virou a cabeça. Theon Greyjoy estava ao lado de uma árvore-sentinela, de arco na mão. Estava a sorrir. Sempre a sorrir. Meia dúzia de setas encontravam-se espetadas no chão macio aos seus pés, mas só precisara de uma.

— Um inimigo morto é uma beleza — anunciou.

— O Jon sempre disse que eras um asno, Greyjoy — disse Robb em voz alta. — Devia acorrentar-te no pátio e deixar Bran praticar um pouco com o arco *contigo*.

— Devias agradecer-me por ter salvado a vida do teu irmão.

— E se tivesses falhado o tiro? — disse Robb. — E se só o tivesses

ferido? E se tivesses feito a sua mão saltar ou ferido Bran em vez dele? Tanto quanto sabias, o homem podia estar a usar uma placa de peito, porque tudo o que conseguias ver era a parte de trás do seu manto. Que teria acontecido então ao meu irmão? Chegaste a pensar *nisso*, Greyjoy?

O sorriso de Theon desaparecera. Encolheu os ombros, carrancudo, e começou a arrancar as setas do chão, uma a uma.

Robb olhou então para os guardas.

— Onde estavam vocês? — exigiu saber. — Eu tinha a certeza de que vinham logo atrás de nós.

Os homens trocaram relances infelizes.

— Nós seguíamos-vos, s'nhor — disse Quent, o mais novo, cuja barba não passava de uma suave penugem castanha. — Só que primeiro esperámos pelo Mestre Luwin e pelo seu asno, com a vossa licença, e depois, bem, aconteceu que... — deitou uma olhadela a Theon e desviou rapidamente o olhar, envergonhado.

— Eu vi um peru — disse Theon, aborrecido pela pergunta. — Como haveria de saber que o ias deixar sozinho?

Robb virou a cabeça para voltar a olhar para Theon. Bran nunca o vira tão zangado, mas não disse nada. Finalmente, ajoelhou ao lado do Mestre Luwin.

— Qual é a gravidade da ferida do meu irmão?

— Não passa de um arranhão — disse o Mestre. Molhou um pano no ribeiro para limpar o golpe. — Dois deles vestem de negro — disse a Robb enquanto trabalhava.

Robb lançou uma olhadela para onde Stiv jazia, estatelado no ribeiro, com o esfarrapado manto negro a mover-se irregularmente, puxado pela corrente.

— Desertores da Patrulha da Noite — disse em tom sombrio. — Deviam ter sido loucos por vir para tão perto de Winterfell.

— A loucura e o desespero são muitas vezes difíceis de distinguir — disse o Mestre Luwin.

— Enterramo-los, s'nhor? — perguntou Quent.

— Eles não nos teriam enterrado — disse Robb. — Corta-lhes as cabeças, vamos mandá-las de volta para a Muralha. Deixa o resto para os corvos.

— E esta? — Quent sacudiu um polegar na direcção de Osha.

Robb aproximou-se dela. Era uma cabeça mais alta do que ele, mas caiu sobre os joelhos quando o viu caminhar na sua direcção.

— Concedei-me a vida, s'nhor de Stark, e serei vossa.

— Minha? Que faria eu com uma perjura?

— Eu não quebrei juramento nenhum. O Stiv e o Wallen fugiram da

Muralha, eu não. Os corvos negros não têm lugar para mulheres.

Theon Greyjoy aproximou-se devagar.

— Dá-a aos lobos — disse a Robb. Os olhos da mulher saltaram para o que restava de Hali, e afastaram-se com a mesma velocidade. Estremeceu. Até os guardas pareceram nauseados.

— Ela é uma mulher — disse Robb.

— Uma selvagem — disse-lhe Bran. — Ela disse que me deviam manter vivo para me levarem a Mance Rayder.

— Tens um nome? — perguntou-lhe Robb.

— Osha, por vossa mercê — murmurou ela em tom amargo.

O Mestre Luwin ergueu-se.

— Faríamos bem em interrogá-la.

Bran conseguiu ver o alívio no rosto do irmão.

— Será como dizeis, Mestre. Wayn, ata-lhe as mãos. Ela volta connosco para Winterfell... e viverá ou morrerá consoante as verdades que nos ofereça.

— Queres comer? — perguntou Mord, carrancudo. Segurava um prato de feijão cozido com uma mão grossa de dedos curtos.

Tyrion Lannister estava faminto, mas recusou-se a deixar que aquele bruto o visse rebaixado.

— Uma perna de carneiro seria agradável — disse ele da pilha de palha suja que se acumulava a um canto da sua cela. — Talvez um prato de ervilhas com cebola, um pouco de pão fresco cozido com manteiga, e um jarro de vinho com açúcar para empurrar tudo para baixo. Ou cerveja, se for mais fácil. Tento não ser demasiado esquisito.

— Há feijões — disse Mord. — Toma. — E estendeu o braço.

Tyrion suspirou. O carcereiro não passava de cento e trinta quilos de grosseira estupidez, com dentes castanhos a apodrecer e pequenos olhos escuros. O lado esquerdo do seu rosto era liso, com uma cicatriz no local em que um machado lhe cortara a orelha e parte da bochecha. Era tão previsível como feio, mas Tyrion *tinha* fome. Estendeu a mão para o prato.

Mord puxou-o para longe, sorrindo.

— ‘Tá aqui — disse, segurando-o fora do alcance de Tyrion.

O anão pôs-se rigidamente em pé, sentindo dores em todas as articulações.

— Temos de jogar o mesmo jogo idiota a cada refeição? — Tentou de novo apanhar os feijões.

Mord afastou-se, arrastando os pés, mostrando os dentes podres.

— ‘Tá aqui, homem anão. — Esticou o braço sobre a borda onde terminava a cela e começava o céu. — Não queres comer? Toma. Anda apanhar.

Os braços de Tyrion eram curtos de mais para alcançar o prato, e não ia aproximar-se assim tanto da borda. Bastaria um empurrão rápido da pesada barriga branca de Mord, e ele acabaria os seus dias como uma repugnante nódoa vermelha nas pedras de Céu, como acontecera com tantos outros prisioneiros do Ninho de Águia ao longo dos tempos.

— Agora que penso nisso, afinal não tenho fome — declarou, retirando-se para o canto da sua cela.

Mord grunhiu e abriu os dedos grossos. O vento capturou o prato, virando-o ao contrário enquanto caía. Um punhado de feijões borrifou-os enquanto a comida tombava para fora de vista. O carcereiro desatou a rir, fazendo tremer a barriga como uma taça de pudim.

Tyrion sentiu um súbito ataque de raiva.

— Filho dum pestilento asno dum cabrão — cuspiu. — Espero que morras de caganeira.

Por aquilo, Mord deu-lhe um pontapé, enterrando com força uma bota de ponta de aço nas costelas de Tyrion, ao encaminhar-se para a saída.

— Retiro o que disse! — arquejou enquanto se retorcia na palha. — Hei-de matar-te eu próprio, juro! — A pesada porta reforçada a ferro fechou-se com estrondo. Tyrion ouviu o ruído de chaves.

Para um homem pequeno, tinha sido amaldiçoado com uma boca perigosamente grande, reflectiu enquanto rastejava de volta ao seu canto daquilo a que os Arryn chamavam ridiculamente masmorras. Aconchegou-se sob um cobertor fino que era a sua única roupa de cama, olhando um deslumbramento de céu azul sem uma nuvem e de montanhas distantes que se pareciam prolongar até ao infinito, desejando ainda possuir o manto de pele de gato-das-sombras que ganhara a Marillion aos dados depois de o cantor o ter roubado do corpo daquele chefe salteador. A pele cheirara a sangue e mofo, mas era quente e grossa. Mord ficara com ela no momento em que lhe pusera os olhos em cima.

O vento puxava-lhe o cobertor com rajadas aguçadas como garras. A sua cela era miseravelmente pequena, até para um anão. A menos de metro e meio de distância, onde deveria existir uma parede, onde uma parede *estaria* numa masmorra a sério, o chão terminava e o céu começava. Não tinha falta de ar fresco e luz do Sol, e de Lua e estrelas à noite, mas Tyrion teria trocado tudo isso num instante pelo mais húmido e sombrio fosso nas entranhas de Rochedo Casterly.

— Vais voar — garantira-lhe Mord, quando o enfiara na cela. — Dia vinte, trinta, se calhar cinquenta. Depois vais voar.

Os Arryn mantinham a única masmorra no reino de onde os prisioneiros eram livres de fugir se bem entendessem. Nesse primeiro dia, depois de levar horas a revestir-se de coragem, Tyrion deitara-se de barriga para baixo e rastejara até à borda para projectar dela a cabeça e espreitar para baixo. Céu estava cento e oitenta metros mais abaixo, sem nada a não ser ar a separá-lo do castelo. Se esticasse o pescoço o máximo possível, conseguia ver outras celas à direita, à esquerda e por cima. Era uma abelha numa colmeia de pedra, e alguém lhe arrancara as asas.

Fazia frio na cela, o vento uivava noite e dia, e, pior que tudo o mais, o chão era *inclinado*. Só um pouco, mas o suficiente. Tinha medo de fechar os olhos, medo da possibilidade de rolar durante o sono e acordar em súbito terror no momento em que deslizasse pela borda. Pouco admirava que as celas abertas enlouquecessem os homens.

Que os deuses me salvem, escrevera na parede um inquilino anterior qualquer, usando algo que se parecia de forma suspeita com sangue, *o azul está a chamar*. A princípio Tyrion interrogou-se sobre quem teria ele sido, e o que lhe teria acontecido; mais tarde, decidiu que preferia não saber.

Se ao menos tivesse calado a boca...

O maldito rapaz começara tudo, olhando-o de cima de um trono esculpido em represeiro sob os estandartes da lua e do falcão da Casa Arryn. Tinham olhado de cima para Tyrion Lannister ao longo de toda a sua vida, mas era raro que quem o fizesse fosse um miúdo remeloso de seis anos que precisava de enfiar grossas almofadas debaixo das nádegas para se elevar à altura de um homem.

— Este é o homem mau? — perguntara o rapaz, agarrando-se à sua boneca.

— É — dissera a Senhora Lysa do seu trono mais pequeno, a seu lado. Vestia toda de azul, e estava empoada e perfumada para os pretendentes que lhe enchiam a corte.

— Ele é tão *pequeno* — dissera o Senhor do Ninho de Águia, aos risinhos.

— Este é Tyrion, o Duende, da Casa Lannister que assassinou o vosso pai. — Ela levantara a voz para que chegasse a todo o comprimento do Alto Salão do Ninho de Águia, ressoando nas paredes de um branco leitoso e nos estreitos pilares, para que todos os homens pudessem ouvi-la. — *Ele assassinou a Mão do Rei!*

— Oh, e também o matei? — dissera Tyrion, como um bobo.

Essa teria sido uma ótima ocasião para manter a boca fechada e a cabeça inclinada. Agora compreendia-o; pelos sete infernos, já então o compreendia. O Alto Salão dos Arryn era longo e austero, com uma frieza sinistra nas paredes de mármore branco com veios azuis, mas os rostos que o rodeavam eram de longe mais frios. O poder do Rochedo Casterly estava distante, e não havia amigos dos Lannister no Vale de Arryn. A submissão e o silêncio teriam sido as suas melhores defesas.

Mas o humor de Tyrion estava negro como a noite mais escura. Para sua vergonha, fraquejara durante a última etapa do seu dia de subida ao Ninho de Águia, e as suas pernas atrofiadas tinham-se mostrado incapazes de o levar mais alto. Bronn transportara-o o resto do caminho, e a humilhação despejara óleo nas chamas da sua ira.

— Parece que fui um tipinho bastante atarefado — dissera com um sarcasmo amargo. — Pergunto a mim próprio onde teria arranjado tempo para tratar de todos esses assassinios e mortes.

Devia ter-se lembrado de com quem estava a lidar. Lysa Arryn e o seu débil filho malsão não tinham ficado conhecidos na corte pelo seu amor pelos ditos de espírito, especialmente quando lhes eram dirigidos.

— Duende — dissera Lysa friamente —, vós tereis cuidado com essa vossa língua trocista e falareis respeitosamente ao meu filho, ou prometo-vos que tereis motivos para vos arrependerdes. Lembrai-vos de onde estais. Isto é o Ninho de Águia e estes que vedes em vosso redor são os cavaleiros do Vale, homens leais que queriam bem a Jon Arryn. Todos eles morreriam por mim.

— Senhora Arryn, se algum mal me acontecer, o meu irmão Jaime ficará feliz por se assegurar de que morram. — No preciso momento em que cuspiu as palavras, Tyrion soube que eram uma loucura.

— Sois capaz de voar, senhor de Lannister? — perguntara a Senhora Lysa. — Um anão tem asas? Se não, séríeis mais sensato se engolísseis a próxima ameaça que vos vier à cabeça.

— Não fiz ameaça nenhuma — dissera Tyrion. — Aquilo era uma promessa.

Ao ouvir aquilo, o pequeno Lorde Robert pusera-se em pé de um salto, tão perturbado que a boneca caíra ao chão.

— Não nos podes magoar — gritara. — Ninguém nos pode magoar aqui. Diz-lhe, Mãe, diz-lhe que não nos pode magoar aqui. — O rapaz começara a estremecer.

— O Ninho de Águia é inexpugnável — declarara calmamente Lysa Arryn. Puxou o filho para junto dela, rodeando-o com a segurança dos seus rechonchudos braços brancos. — O Duende está a tentar assustar-nos, meu querido. Todos os Lannister são mentirosos. Ninguém vai magoar o meu lindo filho.

O inferno era que não havia dúvida de que a mulher tinha razão. Depois de ver o que era preciso fazer para chegar até ali, Tyrion podia imaginar como seria um cavaleiro a tentar abrir caminho até lá a lutar, revestido de armadura, enquanto pedras e setas choviam sobre ele dos pontos altos, e inimigos o enfrentavam a cada passo. A palavra *pesadelo* nem começava a descrever a situação. Não surpreendia que o Ninho de Águia nunca tivesse sido tomado.

Mas, mesmo assim, Tyrion fora incapaz de se calar.

— Inexpugnável, não — dissera —, meramente inconveniente.

O jovem Robert apontara para baixo, com a mão a tremer.

— És um mentiroso. Mãe, quero vê-lo voar. — Dois guardas vestidos com mantos de azul-celeste agarraram em Tyrion pelos braços, levantando-o do chão.

Só os deuses sabiam o que poderia ter acontecido se não fosse Catelyn Stark.

— Irmã — chamara ela do seu lugar abaixo dos tronos. — Peço que te lembres que este homem é *meu* prisioneiro. Não o quero magoado.

Lysa Arryn olhou de relance e friamente a irmã por um momento, depois ergueu-se e caminhou imponentemente na direcção de Tyrion, arrastando as longas saias atrás de si. Por um instante, o anão temeu que ela lhe batesse, mas em vez disso, ordenou que o largassem. Os homens atiraram-no ao chão, as pernas fugiram-lhe e Tyrion caiu.

Deve ter apresentado um belo espectáculo quando lutou por se pôr de pé e a perna direita entrou em espasmos, atirando-o de novo ao chão. Gargalhadas rebentaram em todo o Alto Salão dos Arryn.

— O hospedezinho da minha irmã está demasiado cansado para se manter em pé — anunciara a Senhora Lysa. — Sor Vardis, levai-o para a masmorra. Um descanso numa das nossas celas abertas far-lhe-á muito bem.

Os guardas puxaram-no com brusquidão. Tyrion Lannister ficara pendurado entre eles, lançando fracos pontapés, com o rosto vermelho de vergonha.

— Lembrar-me-ei disto — dissera a todos quando o levaram.

E lembrava-se, por mais inútil que isso fosse.

A princípio consolara-se com a ideia de que o seu encarceramento não podia durar muito tempo. Lysa Arryn queria humilhá-lo, era tudo. Voltaria a mandá-lo buscar, e em breve. Se não o fizesse, então Catelyn Stark desejaria interrogá-lo. Daquela vez dominaria melhor a língua. Elas não se atreveriam a matá-lo sem mais nem menos; ainda era um Lannister de Rochedo Casterly, e se derramassem o seu sangue, isso significaria a guerra. Pelo menos era o que dizia a si próprio.

Agora já não tinha tanta certeza.

Talvez os seus captores só pretendessem deixá-lo ali a apodrecer, mas temia que não teria forças para apodrecer por muito tempo. A cada dia que passava, ficava um pouco mais fraco, e era só uma questão de tempo até que os pontapés e golpes de Mord o magoassem seriamente, partindo do princípio que o carcereiro não o mataria primeiro à fome. Mais algumas noites de frio e fome, e o azul começaria também a chamar por si.

Gostaria de saber o que estava a acontecer para lá das paredes (as que havia) da sua cela. O Lorde Tywin teria certamente enviado patrulhas quando a notícia lhe chegara. Jaime podia estar naquele momento a liderar uma hoste na travessia das Montanhas da Lua... a menos que em vez disso se dirigisse para norte, contra Winterfell. Será que alguém fora do Vale chegava a suspeitar do local para onde Catelyn Stark o levava? Gostaria de saber o que faria Cersei quando soubesse. O rei podia ordenar a sua libertação, mas Robert iria dar ouvidos à mulher ou à Mão? Tyrion não tinha ilusões quanto

ao amor de Robert pela irmã.

Se Cersei usasse a cabeça, insistiria que fosse o próprio rei a julgar Tyrion. Até Ned Stark pouco podia objectar a isso sem pôr em causa a honra do rei. E Tyrion de bom grado tentaria a sua sorte num julgamento. Fossem quais fossem os assassínios que lhe atribuíam, os Stark não tinham nenhuma prova que ele conseguisse descortinar. Que apresentassem o seu caso perante o Trono de Ferro e os senhores da terra. Seria o fim deles. Se ao menos Cersei fosse suficientemente inteligente para ver isso...

Tyrion Lannister suspirou. A irmã não era desprovida de uma certa baixa astúcia, mas o orgulho cegava-a. Veria naquilo o insulto, mas não a oportunidade. E Jaime era ainda pior, impetuoso, teimoso e de ira fácil. O seu irmão nunca desataria um nó, se pudesse abri-lo em dois a golpes de espada.

Perguntava a si próprio qual deles teria enviado o salteador para silenciar o rapaz Stark, e se teriam de facto conspirado para matar Jon Arryn. Se a antiga Mão fora assassinada, a coisa tinha sido feita com habilidade e subtilidade. Homens da idade dele andavam sempre a morrer de doença súbita. Por contraste, enviar um imbecil qualquer com uma faca roubada para matar Brandon Stark parecia-lhe inacreditavelmente tosco. E, pensando melhor, não seria *isso* peculiar?...

Tyrion estremeceu. Ora *aí estava* uma suspeita sórdida. Talvez o lobo gigante e o leão não fossem os únicos animais na floresta, e se isso fosse verdade, alguém estava a usá-lo como instrumento. Tyrion Lannister detestava ser usado.

Ia ter de sair dali, e depressa. As suas hipóteses de dominar Mord eram baixas ou nulas e ninguém se preparava para lhe fazer chegar cento e oitenta metros de corda, portanto, teria de os convencer a libertá-lo. A sua boca tinha-o metido naquela cela, bem podia também tirá-lo de lá.

Tyrion pôs-se em pé, fazendo os possíveis por ignorar a inclinação do chão, com o seu tão subtil puxão para o abismo. Bateu na porta com um punho.

— *Mord!* — gritou. — *Carcereiro! Mord, preciso de ti!* — Teve de continuar durante uns bons dez minutos antes de ouvir passos. Tyrion deu um passo para trás um instante antes de a porta se abrir com estrondo.

— Fazer barulho — grunhiu Mord, com sangue nos olhos. Pendurada de uma mão carnuda, estava uma correia de couro, larga e espessa, enrolada no seu punho.

Nunca lhes mostres que tens medo, lembrou Tyrion a si mesmo.

— Gostavas de ser rico? — perguntou.

Mord bateu-lhe. Baloçou a correia para trás com a mão, preguiçosamente, mas o couro apanhou Tyrion na parte de cima do braço. A

força que trazia fê-lo cambalear, e a dor deixou-o a ranger os dentes.

— Boca não, homem não — preveniu Mord.

— Ouro — disse Tyrion, imitando um sorriso. — O Rochedo Casterly está cheio de ouro... ahhhh... — daquela vez o golpe foi dado para a frente, e Mord colocou mais do seu braço no balanço, fazendo o couro estalar e ressaltar. Atingiu Tyrion nas costelas e pô-lo de joelhos, a choramingar. Forçou-se a olhar para o carcereiro. — Tão rico como os Lannister — arquejou. — É o que se diz, Mord...

Mord grunhiu. A correia assobiou pelo ar e esmagou-se em cheio na cara de Tyrion. A dor foi tanta que nem deu por cair, mas quando voltou a abrir os olhos, estava no chão da cela. O ouvido ressoava, e a boca estava cheia de sangue. Apalpou em busca de um apoio, a fim de se erguer, e os seus dedos roçaram contra... coisa nenhuma. Tyrion puxou a mão para trás tão depressa como se a tivesse escaldado e fez os possíveis por parar de respirar. Tinha caído mesmo na borda, a centímetros do azul.

— Mais a dizer? — Mord segurou a correia entre os punhos e deu-lhe um forte puxão. O *snap* fez Tyrion saltar. O carcereiro riu.

Ele não me vai empurrar, disse Tyrion desesperadamente a si próprio enquanto se afastava da borda a gatinhar. *Catelyn Stark quer-me vivo, ele não se atreve a matar-me*. Limpou o sangue dos lábios com as costas da mão, sorriu e disse:

— Essa foi rija, Mord. — O carcereiro olhou-o de soslaio, tentando decidir se estava a ser escarnecido. — Podia dar bom uso a um homem forte como tu. — A correia voou, mas daquela vez Tyrion conseguiu esquivar-se dela. Apanhou um golpe de raspão no ombro, nada mais. — Ouro — repetiu, afastando-se sobre os pés e as mãos como um caranguejo —, mais ouro do que verás aqui em toda a vida. O suficiente para comprar terras, mulheres, cavalos... podias ser um senhor. Lorde Mord. — Tyrion reuniu ruidosamente um globo de sangue e muco e cuspiu-o para o céu.

— Não há ouro — disse Mord.

Ele está a ouvir!, pensou Tyrion.

— Aliviaram-me da bolsa quando me capturaram, mas o ouro ainda é meu. Catelyn Stark pode tomar um homem prisioneiro, mas nunca se rebaixaria a roubá-lo. Isso não seria honroso. Ajuda-me, e todo o ouro será teu. — A correia de Mord saltou, mas foi um golpe hesitante, isolado, lento e desdenhoso. Tyrion apanhou o couro com a mão e manteve-o preso. — Não haverá risco para ti. Tudo o que tens a fazer é entregar uma mensagem.

O carcereiro libertou a sua tira de couro da mão de Tyrion.

— Mensagem — disse, como se nunca tivesse ouvido a palavra. A carranca abria-lhe profundas fendas na testa.

— Ouviste-me, senhor. Basta que leves as minhas palavras à tua senhora. Diz-lhe... — *O quê? O que poderia levar Lysa Arryn a mostrar-se flexível?* A inspiração chegou de súbito a Tyrion Lannister. — ... diz-lhe que eu desejo confessar os meus crimes.

Mord ergueu o braço, e Tyrion preparou-se para mais um golpe, mas o carcereiro hesitou. A suspeita e a cobiça guerreavam nos seus olhos. Desejava aquele ouro, mas temia um truque; tinha o aspecto de um homem que tinha sido frequentemente enganado.

— É mentira — resmungou em tom sombrio. — Homem anão engana-me.

— Posso pôr a minha promessa por escrito — garantiu Tyrion.

Alguns iletrados sentiam desdém pela escrita; outros pareciam ter uma reverência supersticiosa pela palavra escrita, como se fosse algum tipo de magia. Felizmente, Mord pertencia ao segundo tipo. O carcereiro baixou a correia.

— Escrever ouro. Muito ouro.

— Oh, *muito* ouro — assegurou-lhe Tyrion. — A bolsa é só um aperitivo, meu amigo. O meu irmão usa uma armadura de folha de ouro. — Na verdade, a armadura de Jaime era aço dourado, mas aquele imbecil nunca saberia a diferença.

Mord passou os dedos pela correia, pensativo, mas por fim cedeu e foi buscar papel e tinta. Depois da carta escrita, o carcereiro franziu o sobrolho ao vê-la, desconfiado.

— Agora, vai entregar a minha mensagem — exortou Tyrion.

Estava a tremer no sono quando vieram buscá-lo, tarde naquela noite. Mord abriu a porta mas manteve-se em silêncio. Sor Vardis Egen acordou Tyrion com a ponta da bota.

— Em pé, Duende. A minha senhora deseja ver-vos.

Tyrion esfregou o sono dos olhos e afivelou um sorriso que não sentia.

— Sem dúvida que sim, mas o que vos faz pensar que eu desejo vê-la?

Sor Vardis franziu o sobrolho. Tyrion lembrava-se bem dele, dos anos que passara em Porto Real como capitão da guarda doméstica da Mão. Uma cara quadrada e simples, cabelo grisalho, constituição pesada e sem sombra de humor.

— Os vossos desejos não são da minha conta. Em pé, ou mandarei que vos carreguem.

Tyrion pôs-se desajeitadamente em pé.

— Uma noite fria — disse em tom casual — e o Alto Salão tem tantas correntes de ar. Não quero apanhar um resfriado. Mord, se me fizeres favor, vai buscar o meu manto.

O carcereiro olhou-o de soslaio, com uma expressão estúpida e desconfiada.

— O meu *manto* — repetiu Tyrion. — A pele de gato-das-sombras que me tiraste para a guardar em segurança. Tu lembras-te.

— Vai-lhe buscar o maldito manto — disse Sor Vardis.

Mord não se atreveu a resmungar. Deitou a Tyrion um olhar que prometia uma retribuição futura, mas foi buscar o manto. Quando o enrolou em torno do pescoço do prisioneiro, Tyrion sorriu.

— Muito obrigado. Pensarei em ti sempre que o usar. — Atirou a parte da frente da longa pele por sobre o ombro direito e sentiu-se quente pela primeira vez em vários dias. — Mostrai o caminho, Sor Vardis.

O Alto Salão dos Arryn brilhava à luz de cinquenta archotes, que ardiam em apoios presos às paredes. A Senhora Lysa trajava de seda negra, com a lua e o falcão bordados no peito com pérolas. Como não parecia ser do tipo de se juntar à Patrulha da Noite, Tyrion só conseguia imaginar que ela decidira que roupas fúnebres eram um traje apropriado para uma confissão. O seu longo cabelo ruivo, preso numa trança elaborada, caía-lhe sobre o ombro esquerdo. O trono mais alto a seu lado estava vazio; sem dúvida que o pequeno Senhor do Ninho de Águia estava a estremecer no seu sono. Pelo menos por isso, Tyrion sentia-se grato.

Fez uma profunda vénia e demorou-se um momento a passar os olhos pelo salão. A Senhora Arryn convocara os seus cavaleiros e servidores para ouvir a confissão, tal como ele esperara. Viu o rosto escarpado de Sor Brynden Tully e o abrupto de Lorde Nestor Royce. Ao lado de Nestor estava um homem mais novo com umas ferozes suíças negras, que só podia ser o seu herdeiro, Sor Albar. Encontrava-se ali representada a maior parte das principais casas do Vale. Tyrion descortinou Sor Lyn Corbray, esguio como uma espada, Lorde Hunter, com as suas pernas artríticas, a viúva Senhora Waynwood rodeada pelos filhos. Outros exibiam símbolos que não conhecia: uma lança quebrada, uma víbora verde, uma torre ardente, um cálice alado.

Entre os senhores do Vale encontravam-se vários dos que tinham sido seus companheiros na estrada de altitude: Sor Rodrik Cassel, pálido dos ferimentos meio curados, tinha Sor Willis Wode a seu lado. Marillion, o cantor, encontrara uma nova harpa. Tyrion sorriu: acontecesse o que acontecesse ali naquela noite, não queria que acontecesse em segredo, e não havia ninguém melhor do que um cantor para espalhar uma história aos sete ventos.

Ao fundo da sala, Bronn preguiçava sob um pilar. Os olhos negros do cavaleiro livre estavam fixos em Tyrion, e a sua mão pousava levemente no botão do punho da espada. Tyrion olhou-o longamente, interrogando-se...

Catelyn Stark foi a primeira a falar.

— Foi-nos dito que desejáveis confessar os vossos crimes.

— Desejo, senhora — respondeu Tyrion.

Lysa Arryn sorriu para a irmã.

— As celas abertas quebram-nos sempre. Os deuses podem vê-los lá, e não há escuridão onde se refugiem.

— Ele não me parece quebrado — disse a Senhora Catelyn.

A Senhora Lysa não lhe prestou atenção.

— Dizei o que tendes a dizer — ordenou a Tyrion.

E agora façamos rolar os dados, pensou com outro rápido relance para Bronn.

— Por onde começar? Sou um homenzinho vil, confesso. Os meus crimes são incontáveis, senhores e senhoras. Deitei-me com prostitutas não uma mas centenas de vezes. Desejei a morte ao senhor meu pai, e também à minha irmã, nossa piedosa rainha. — Atrás dele, alguém soltou um risinho. — Nem sempre tratei os meus criados com delicadeza. Joguei jogos de azar. Até cheguei a fazer batota, admito-o enrubescido. Disse muitas coisas cruéis e maliciosas acerca dos nobres senhores e senhoras da corte. — Aquilo provocou aberturas gargalhadas. — Uma vez...

— *Silêncio!* — A pálida cara redonda de Lysa Arryn tomara um tom ardente de cor-de-rosa. — Que imaginais que estais a fazer, anão?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado.

— Ora, a confessar os meus crimes, senhora.

Catelyn Stark deu um passo em frente.

— Sois acusado de enviar um assassino contratado para matar o meu filho Bran na sua própria cama, e de conspirar para o assassinio de Lorde Jon Arryn, a Mão do Rei.

Tyrion encolheu os ombros com ar impotente.

— Temo que *esses* crimes não possa confessar. Nada sei de assassinios.

A Senhora Lysa ergueu-se do seu trono de represeiro.

— Não irei ser alvo de troça. Já tiveste a tua brincadeirinha, Duende. Confio que tendes gostado dela. Sor Vardis, levai-o de volta para as masmorras... mas desta vez arranjai-lhe uma cela mais pequena, com um chão mais inclinado.

— *É assim* que se faz justiça no Vale? — rugiu Tyrion, tão alto que Sor Vardis se imobilizou por um instante. — Será que a honra fica à porta no Portão Sangrento? Acusais-me de crimes, eu nego-os, e portanto atirais-me para uma cela a céu aberto para que congele e morra à fome. — Ergueu a cabeça, para mostrar bem a todos as nódoas negras que Mord deixara no seu

rosto. — Onde está a justiça do rei? Será que o Ninho de Águia não faz parte dos Sete Reinos? Dizeis que estou acusado. Muito bem. *Exijo um julgamento!* Deixai-me falar, e deixai que a minha verdade ou falsidade seja julgada abertamente, à vista dos deuses e dos homens.

Um murmúrio baixo encheu o Alto Salão. Tyrion soube que tinha ganho. Era bem-nascido, filho do mais poderoso senhor do reino, irmão da rainha. Não lhe podia ser negado um julgamento. Guardas com mantos azul celeste tinham-se começado a dirigir para Tyrion, mas Sor Vardis disse-lhes para parar e olhou para a Senhora Lysa.

A pequena boca desta torceu-se num sorriso petulante.

— Se fordes julgado e achado culpado dos crimes pelos quais sois acusado, então pelas leis do próprio rei, deveis pagar com o sangue da vossa vida. Não temos carrasco no Ninho de Águia, senhor de Lannister. Abri a Porta da Lua.

A aglomeração de espectadores separou-se. Uma estreita porta de represeiro surgiu à vista, entre dois esguios pilares de mármore, com um crescente esculpido na madeira branca. Aqueles que estavam mais perto da porta recuaram quando um par de guardas marchou até ela. Um dos homens removeu as pesadas barras de bronze; o segundo puxou a porta para dentro. Os seus mantos azuis ergueram-se-lhes dos ombros, a ondular, apanhados pela súbita rajada de vento que entrou a uivar pela porta aberta. Do outro lado havia o vazio do céu noturno, salpicado de estrelas frias e indiferentes.

— Admirai a justiça do rei — disse Lysa Arryn. Chamas de archotes flutuaram como flâmulas ao longo das paredes, e aqui e ali um ou outro archote apagou-se.

— Lysa, penso que isto é insensato — disse Catelyn Stark enquanto o vento negro rodopiava pelo salão.

A irmã ignorou-a.

— Desejais um julgamento, senhor de Lannister. Muito bem, tereis um julgamento. O meu filho irá ouvir o que tendes a dizer, e vós ouvireis o seu julgamento. Então podereis sair... por uma porta ou pela outra.

Ela parecia tão contente consigo própria, pensou Tyrion, e não admirava. Como poderia um julgamento ameaçá-la, quando o senhor juiz era o fracote do seu filho? Tyrion olhou de relance para a Porta da Lua. *Mãe, quero vê-lo voar!* dissera o rapaz. Quantos homens teria já o ranhoso canalhinha mandado atravessar aquela porta?

— Agradeço-vos, minha boa senhora, mas não vejo necessidade de incomodar o Lorde Robert — disse Tyrion delicadamente. — Os deuses conhecem a verdade da minha inocência. Desejo o seu veredicto, não o julgamento dos homens. Exijo um julgamento por combate.

Uma tempestade de súbitas gargalhadas encheu o Alto Salão dos Arryn. O Lorde Nestor Royce resfolegou, Sor Willis roncou, Sor Lyn Corbray relinchou e outros atiraram as cabeças para trás e uivaram até que lágrimas lhes correram pelos rostos. Marillion arrancou desajeitadamente uma nota alegre da sua nova harpa com os dedos da mão partida. Até o vento pareceu assobiar com zombaria, ao entrar, aos gritos, pela Porta da Lua.

Os olhos de um azul aguçado de Lysa Arryn pareceram incertos. Tinha-a apanhado em desequilíbrio.

— Tendes certamente esse direito.

O jovem cavaleiro com a víbora verde bordada na capa deu um passo em frente e caiu sobre um joelho.

— Minha senhora, peço a mercê de ser o campeão da vossa causa.

— A honra deve ser minha — disse o velho Lorde Hunter. — Pelo amor que sentia pelo senhor vosso esposo, deixai-me vingar a sua morte.

— O meu pai serviu fielmente o Lorde Jon como Supremo Intendente do Vale — trovejou Sor Albar Royce. — Deixai-me servir aqui o seu filho.

— Os deuses favorecem o homem com a causa justa — disse Sor Lyn Corbray — mas é frequente que esse acabe por ser o homem com a espada mais hábil. Todos sabemos quem esse homem é. — E sorriu modestamente.

Uma dúzia de outros homens falou ao mesmo tempo, clamando para ser ouvida. Tyrion achou desanimador que tantos estranhos estivessem ansiosos por o matar. Este afinal talvez não tivesse sido um plano tão inteligente como parecera.

A Senhora Lysa ergueu uma mão a exigir silêncio.

— Agradeço-vos, senhores, como sei que o meu filho vos agradecerá se estivesse entre nós. Não há homens nos Sete Reinos tão ousados e leais como os cavaleiros do Vale. Gostaria de vos poder conceder a todos esta honra. Mas só posso escolher um. — Fez um gesto. — Sor Vardis Egen, fostes sempre um bom braço-direito do senhor meu esposo. Sereis o nosso campeão.

Sor Vardis tinha estado singularmente silencioso.

— Minha senhora — disse gravemente, deixando-se cair sobre um joelho —, peço-vos que atribuíis a outro este fardo, pois eu não tenho gosto nele. O homem não é guerreiro nenhum. Olhai-o. Um anão, com metade do meu tamanho e coxo das pernas. Seria vergonhoso matar um homem assim e dar-lhe o nome de justiça.

Oh, *excelente*, pensou Tyrion.

— Concorde.

Lysa olhou-o furiosa.

— Haveis exigido um julgamento pelo combate.

— E agora exijo um campeão, tal como haveis arranjado um para vós. Sei que o meu irmão Jaime tomará de bom grado o meu partido.

— O vosso precioso Regicida está a centenas de léguas daqui — exclamou Lysa Arryn.

— Enviai-lhe uma ave. De bom grado esperarei a sua chegada.

— Defrontareis Sor Vardis pela manhã.

— Cantor — disse Tyrion, virando-se para Marillion —, quando escreveres uma balada sobre isto, não te esqueças de lhes dizer como a Senhora Arryn negou ao anão o direito a um campeão, e o enviou, aleijado, magoado e coxo, para defrontar o seu melhor cavaleiro.

— Não vos nego nada! — disse Lysa Arryn, com a voz esganiçada de irritação. — Indicai o vosso campeão, Duende... se achais que encontrareis um homem que morra por vós.

— Se não vos fizer diferença, preferia encontrar um que mate por mim. — Tyrion olhou em volta do longo salão. Ninguém se mexeu. Por um longo momento, perguntou a si próprio se tudo aquilo não teria sido um colossal disparate.

Então houve uma agitação na parte de trás da sala.

— Eu luto pelo anão — gritou Bronn.

Sonhou um sonho antigo, sobre três cavaleiros em mantos brancos, uma torre há muito caída, e Lyanna na sua cama de sangue.

No sonho, os amigos cavalgavam consigo, como o tinham feito em vida. O orgulhoso Martyn Cassel, pai de Jory; o fiel Theo Will; Ethan Glover, que fora escudeiro de Brandon; Sor Mark Ryswell, de fala mansa e coração gentil; o cranogmano, Howland Reed; Lorde Dustin no seu grande garanhão vermelho. Ned conhecera-lhes em tempos os rostos tão bem como conhecia o seu, mas os anos sugam as memórias de um homem, mesmo aquelas que ele jurou nunca esquecer. No sonho, eram apenas sombras, espectros cinzentos montados em cavalos feitos de névoa.

Eram sete, a enfrentar três. No sonho, tal como acontecera na vida. Mas aqueles três não eram homens comuns. Esperavam defronte da torre redonda, com as montanhas vermelhas de Dorne nas suas costas e os mantos brancos a ondular ao vento. E esses três vultos não eram sombras; os seus rostos eram claros como brasas, mesmo agora. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã, tinha um sorriso triste nos lábios. O cabo da grandeespada chamada Alvorada espreitava-lhe por sobre o ombro direito. Sor Oswell Whent apoiava-se num joelho, afiando a sua lâmina com uma pedra de polir. O morcego negro da sua Casa estendia as asas sobre o elmo esmaltado de branco. Entre os dois, erguia-se o velho e feroz Sor Gerold Hightower, o Touro Branco, Senhor Comandante da Guarda Real.

— Procurei-vos no Tridente — disse-lhes Ned.

— Não estávamos lá — respondeu Sor Gerold.

— Seria uma aflição para o Usurpador se tivéssemos estado — disse Sor Oswell.

— Quando Porto Real caiu, Sor Jaime matou o vosso rei com uma espada dourada, e eu pergunto-me onde estaríeis vós.

— Longe — disse Sor Gerold —, caso contrário, Aerys ainda possuiria o Trono de Ferro e o nosso falso irmão estaria a arder nos sete infernos.

— Eu vim a Ponta Tempestade para levantar o cerco — disse-lhes Ned — e os senhores Tyrell e Redwyne baixaram os estandartes, e todos os seus cavaleiros dobraram os joelhos para nos jurar fidelidade. Tinha a certeza de que vos encontráveis entre eles.

— Os nossos joelhos não se dobram facilmente — disse Sor Arthur Dayne.

— Sor Willem Darry fugiu para Pedra do Dragão, com a vossa rainha e o

Príncipe Viserys. Pensei que pudésseis ter velejado com ele.

— Sor Willem é um homem bom e leal — disse Sor Oswell.

— Mas não pertence à Guarda Real — fez notar Sor Gerold. — A Guarda Real não foge.

— Nem então, nem hoje — disse Sor Arthur. Preparou o elmo.

— Fizemos um juramento — explicou o velho Sor Gerold.

Os espectros de Ned puseram-se a seu lado, com espadas fantasmagóricas nas mãos. Eram sete contra três.

— E hoje começa — disse Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. Desembainhou Alvorada e segurou-a com ambas as mãos. A lâmina era pálida como vidro leitoso, viva de luz.

— Não — disse Ned com tristeza na voz. — Hoje termina. — No momento em que eles atacaram juntos numa confusão de aço e sombras, pôde ouvir Lyanna a gritar.

— *Eddard!* — chamou ela. Uma tempestade de pétalas de rosa soprou através de um céu riscado de sangue, azul como os olhos da morte.

— Lorde Eddard — chamou de novo Lyanna.

— Prometo — sussurrou ele. — Lya, prometo...

— Lorde Eddard — ecoou a voz de um homem vinda da escuridão.

Gemendo, Eddard Stark abriu os olhos. O luar escorria através das altas janelas da Torre da Mão.

— Lorde Eddard? — Uma sombra erguia-se sobre a cama.

— Quanto... quanto tempo? — Os lençóis estavam presos, a sua perna revestida de talas e gesso. Um surdo latejar de dor subia-lhe pelo flanco.

— Seis dias e sete noites. — A voz pertencia a Vayon Poole. O intendente encostou uma taça aos lábios de Ned. — Bebei, senhor.

— Que...?

— Apenas água. O Mestre Pycelle disse que teríeis sede.

Ned bebeu. Tinha os lábios secos e rachados. A água era doce como mel.

— O rei deixou ordens — disse-lhe Vayon Poole quando a taça ficou vazia. — Deseja falar convosco, senhor.

— Amanhã — disse Ned. — Quando estiver mais forte. — Naquele momento não podia enfrentar Robert. O sonho deixara-o fraco como um gatinho.

— Senhor — disse Poole — ele ordenou-nos que vos enviássemos até ele no momento em que abrísseis os olhos. — O intendente afadigou-se a acender uma vela de cabeceira.

Ned praguejou com suavidade. Robert nunca fora conhecido pela sua paciência.

— Diz-lhe que estou fraco de mais para ir ter com ele. Se deseja falar

comigo, ficarei feliz por recebê-lo aqui. Espero que o acordes de um sono profundo. E chama... — Preparava-se para dizer *Jory* quando se lembrou. — Chama o capitão da minha guarda.

Alyn entrou no quarto poucos momentos depois de o intendente se ter retirado.

— Senhor.

— Poole disse-me que passaram seis dias — disse Ned. — Tenho de saber em que pé estão as coisas.

— O Regicida fugiu da cidade — disse-lhe Alyn. — Diz-se que voltou a Rochedo Casterly para se juntar ao pai. A história sobre o modo como a Senhora Catelyn capturou o Duende está em todos os lábios. Reforcei a guarda, com a vossa licença.

— Está dada — assegurou-lhe Ned. — As minhas filhas?

— Têm estado convosco todos os dias, senhor. Sansa reza em silêncio, mas Arya... — Hesitou. — Ela não disse uma palavra desde que vos trouxeram. É uma coisinha feroz, senhor. Nunca vi tamanha ira numa rapariga.

— Aconteça o que acontecer — disse Ned —, quero que as minhas filhas sejam mantidas a salvo. Temo que isto seja apenas o princípio.

— Nenhum mal lhes acontecerá, Lorde Eddard — disse Alyn. — Coloco nisso a minha vida.

— Jory e os outros...

— Entreguei-os às irmãs silenciosas, a fim de serem enviados para norte, para Winterfell. Jory queria fazer junto ao avô.

Teria de ser o avô, pois o pai de Jory estava enterrado muito a sul. Martyn Cassel perecera com os outros. Ned atirara depois a torre abaixo, e usara as suas pedras sangrentas para construir oito mamoadas no topo daquela colina. Dizia-se que Rhaegar chamara àquele lugar a torre da alegria, mas para Ned era uma memória amarga. Tinham sido sete contra três, mas só dois tinham sobrevivido: o próprio Eddard Stark, e o pequeno cranogmano, Howland Reed. Não lhe parecia de bom agoiro voltar a sonhar aquele sonho depois de tantos anos.

— Agiste bem, Alyn — estava Ned a dizer quando Vayon Poole regressou. O intendente fez uma vénia profunda.

— Sua Graça está lá fora, senhor, e a rainha está com ele.

Ned ergueu-se mais, retraindo-se quando a sua perna tremeu de dor. Não esperara a vinda de Cersei. Não vaticinava nada de bom que tivesse vindo.

— Manda-os entrar, e depois deixa-nos. O que temos a dizer não deve sair destas paredes. — Poole retirou-se em silêncio.

Robert levava tempo a vestir-se. Usava um gibão negro de veludo com o

veado coroadado de Baratheon trabalhado em fio de ouro no peito, e uma capa dourada com um manto de quadrados negros e dourados. Trazia um jarro de vinho na mão e a cara já corada da bebida. Cersei Lannister entrou atrás dele, com uma tiara incrustada de jóias no cabelo.

— Vossa Graça — disse Ned. — As minhas desculpas. Não me posso levantar.

— Não importa — disse o rei bruscamente. — Um pouco de vinho? Da Árvore. Uma boa colheita.

— Um pequeno copo — disse Ned. — Ainda tenho a cabeça pesada do leite da papoila.

— Um homem na vossa posição devia achar-se afortunado por ainda ter a cabeça sobre os ombros — declarou a rainha.

— Calada, mulher — exclamou Robert. Trouxe a Ned um copo de vinho. — A perna ainda te dói?

— Um pouco — disse Ned. Sentia a cabeça a nadar, mas não seria bom admitir fraqueza perante a rainha.

— Pycelle jura que vai curar bem. — Robert franziu o sobrolho. — Presumo que saibas o que Catelyn fez?

— Sei. — Ned bebeu um pouco de vinho. — A senhora minha esposa não tem culpa, Vossa Graça. Tudo o que fez foi às minhas ordens.

— Eu *não* estou satisfeito, Ned — resmungou Robert.

— Com que direito vos atreveis a pôr as mãos no meu sangue? — exigiu saber Cersei. — Quem pensais que sois?

— A Mão do Rei — disse-lhe Ned com uma cortesia gelada. — Encarregue pelo próprio senhor vosso esposo de manter a paz do rei e executar a justiça do rei.

— Vós éreis a Mão — começou Cersei — mas agora...

— *Silêncio!* — rugiu o rei. — Fizeste-lhe uma pergunta e ele respondeu-te. — Cersei calou-se, com uma ira fria, e Robert voltou a virar-se para Ned. — Manter a paz do rei, dizes tu. É assim que manténs a minha paz, Ned? Estão sete homens mortos...

— Oito — corrigiu a rainha. — Tregar morreu esta manhã, do golpe que o Lorde Stark lhe deu.

— Raptos na Estrada do Rei e assassínios de bêbados nas minhas ruas — disse o rei. — Não o admitirei, Ned.

— Catelyn tinha bons motivos para capturar o Duende...

— Eu disse que *não* o admitirei! Que os motivos dela vão para o inferno. Vais ordenar-lhe que liberte imediatamente o anão, e vais fazer as pazes com Jaime.

— Três dos meus homens foram massacrados perante os meus olhos, porque Jaime Lannister desejou *punir-me*. Deverei esquecer isso?

— O meu irmão não provocou esta querela — disse Cersei ao rei. — O Lorde Stark regressava bêbado de um bordel. Os seus homens atacaram Jaime e os seus guardas, tal como a mulher dele atacou Tyrion na Estrada do Rei.

— Conheceis-me melhor do que isso, Robert — disse Ned. — Perguntai ao Lorde Baelish se duvidais de mim. Ele estava lá.

— Já falei com o Mindinho — disse Robert. — Ele diz que se afastou para ir buscar os homens de manto dourado antes do início da luta, mas admite que regressavam de uma casa de prostitutas qualquer.

— De uma casa de prostitutas *qualquer*? Malditos sejam os vossos olhos, Robert, eu fui lá para ver a vossa filha! A mãe chamou-lhe Barra. Parece-se com aquela primeira rapariga que tivestes, quando éramos rapazes no Vale. — Observou a rainha enquanto falava; o seu rosto era uma máscara, imóvel e pálida, sem trair nada.

Robert corou.

— Barra — resmungou. — Suporá que isso me agrada? Maldita rapariga. Pensei que tivesse mais bom senso.

— Ela não pode ter mais que quinze anos, e é uma prostituta, e pensáveis que ela tinha *bom senso*? — disse Ned, incrédulo. A perna começava a doer-lhe fortemente. Era difícil manter-se calmo. — A pateta da rapariga está apaixonada por vós, Robert.

O rei olhou de relance para Cersei.

— Isto não é um assunto adequado para os ouvidos da rainha.

— Sua Graça não gostará de nada do que eu tenho a dizer — respondeu Ned. — Disseram-me que o Regicida fugiu da cidade. Dai-me licença para o trazer à justiça.

O rei fez girar o vinho no copo, matutando. Bebeu um trago.

— Não — disse. — Não quero que isto continue. Jaime matou três dos teus homens, tu mataste cinco dos dele. E acaba aqui.

— É essa a vossa ideia de justiça? — inflamou-se Ned. — Se é, sinto-me contente por já não ser a vossa Mão.

A rainha olhou para o marido.

— Se algum homem se tivesse atrevido a falar a um Targaryen do modo como ele falou convosco...

— Tomas-me por Aerys? — interrompeu Robert.

— Tomo-vos por um rei. Jaime e Tyrion são vossos *irmãos*, segundo todas as leis do casamento e dos laços que partilhamos. Os Stark afastaram um e capturaram o outro. Este homem desonra-vos de cada vez que respira, e aqui estais, humildemente, a perguntar se a perna lhe dói e se quer vinho.

O rosto de Robert estava escuro de cólera.

— Quantas vezes tenho de te dizer para teres tento na língua, mulher?

A face de Cersei era um estudo sobre o desprezo.

— Que brincadeira fizeram os deuses de nós dois — disse. — De todo o direito, vós devíeis estar de saias e eu de cota de malha.

Roxo de raiva, o rei estendeu a mão, num violento golpe dado com as costas à parte lateral da cabeça dela. Cersei Lannister tropeçou na mesa e estatelou-se, mas não gritou. Os seus dedos magros afagaram a bochecha, onde a pele pálida e suave já começava a tornar-se vermelha. No dia seguinte, a nódoa negra cobriria metade do seu rosto.

— Vou usar isto como um distintivo de honra — anunciou.

— Usa-o em silêncio, ou volto a honrar-te — prometeu Robert. Gritou por um guarda. Sor Moryn Trant entrou no quarto, alto e melancólico na sua armadura branca. — A rainha está fatigada. Levai-a para o seu quarto. — O cavaleiro ajudou Cersei a pôr-se em pé e levou-a sem uma palavra.

Robert estendeu a mão para o jarro e voltou a encher o seu copo.

— Estás a ver o que ela me faz, Ned. — O rei sentou-se, embalando o seu copo de vinho. — A minha querida esposa. E mãe dos meus filhos. — A raiva tinha agora desaparecido; nos seus olhos Ned viu algo triste e assustado. — Não lhe devia ter batido. Não foi... não foi *régio*. — Fixou os olhos nas mãos, como se não soubesse bem o que elas eram. — Sempre fui forte... ninguém me conseguia enfrentar, ninguém. Como se luta contra alguém se não se lhe pode bater? — Confuso, o rei abanou a cabeça. — O Rhaegar... o Rhaegar *ganhou*, maldito seja. Matei-o, Ned, enterrei o espião naquela armadura negra, espetei-o no seu coração negro, e ele morreu aos meus pés. Fizeram canções sobre isso. Mas de algum modo conseguiu ganhar. Ele agora tem Lyanna, e eu tenho-a a *ela*. — O rei esvaziou o copo.

— Vossa Graça — disse Ned Stark —, temos de conversar...

Robert apertou as têmporas com as pontas dos dedos.

— Estou mortalmente farto de conversas. Amanhã vou à caça para a Mataderrei. Seja o que for que tu tenhas a dizer pode esperar até ao meu regresso.

— Se os deuses forem bondosos, não estarei aqui quando regressardes. Ordenastes-me que regressasse a Winterfell, haveis-vos esquecido?

Robert pôs-se em pé, agarrando-se a um dos pilares da cama para se firmar nas pernas.

— Os deuses raramente são bondosos, Ned. Toma, isto é teu. — Tirou de um bolso que tinha no forro do manto o pesado pregador da mão de prata e

atirou-o para cima da cama. — Gostes ou não, és a minha Mão, maldito sejas. Proíbo-te de partir.

Ned pegou no pregador de prata. Parecia que não lhe estava a ser dada escolha. A sua perna latejou, e sentiu-se tão impotente como uma criança.

— A rapariga Targaryen...

O rei gemeu.

— Pelos sete infernos, não comeces com ela outra vez. Está feito, não quero ouvir mais falar do assunto.

— Porque me quereis como vossa Mão, se vos recusais a ouvir os meus conselhos?

— Porquê? — Robert riu. — E porque não? Alguém tem de governar este maldito reino. Coloca o distintivo, Ned. Fica-te bem. E se alguma vez voltares a atirar-mo à cara, espeto a maldita coisa no Jaime Lannister.

O céu oriental era de rosa e ouro quando o Sol surgiu sobre o Vale de Arryn. Catelyn Stark viu a luz espalhar-se, com as mãos pousadas na delicada pedra esculpida da balaustrada fora da sua janela. Em baixo, o mundo passou de negro a índigo e a verde à medida que a alvorada rastejava por campos e florestas. Pálidas névoas brancas ergueram-se das Lágrimas de Alyssa, onde as fantasmagóricas águas mergulhavam de uma saliência na montanha para começar a sua longa queda pela vertente da Lança do Gigante. Catelyn conseguia sentir o ténue toque do vapor no seu rosto.

Alyssa Arryn vira o marido, os irmãos e todos os filhos assassinados, mas em vida nunca derramara uma lágrima. Por isso, em morte, os deuses tinham decretado que não conheceria descanso até que o seu choro regasse a terra negra do Vale, onde estavam enterrados os homens que amara. Alyssa estava morta havia seis mil anos, e ainda nem uma gota da torrente atingira o fundo do vale, muito abaixo. Catelyn perguntou a si própria qual seria o tamanho da cascata que as suas lágrimas fariam quando morresse.

— Contai-me o resto — disse.

— O Regicida está a reunir uma hoste no Rochedo Casterly — respondeu Sor Rodrik Cassel do quarto atrás dela. — O vosso irmão escreve que enviou cavaleiros ao Rochedo exigindo que Lorde Tywin proclamasse as suas intenções, mas não obteve resposta. Edmure ordenou a Lorde Vance e a Lorde Piper que guardassem o passo sob o Dente Dourado. Jura-vos que não cederá nem um pé de terra Tully sem primeiro a regar com sangue Lannister.

Catelyn virou costas ao nascer do Sol. A sua beleza pouco fazia para lhe melhorar o humor; parecia cruel que um dia amanhecesse tão belo e terminasse tão feio como aquele prometia terminar.

— Edmure enviou cavaleiros e fez juramentos — disse — mas não é Edmure o senhor de Correrrio. E o senhor meu pai?

— A mensagem não menciona Lorde Hoster, senhora. — Sor Rodrik puxou pelas suíças. Tinham crescido brancas como a neve e hirsutas como um espinheiro enquanto ele recuperava dos ferimentos; já quase parecia ele próprio de novo.

— O meu pai não teria dado a Edmure a defesa de Correrrio a menos que estivesse muito doente — disse ela, preocupada. — Devia ter sido acordada assim que esta ave chegou.

— O Mestre Colemon disse-me que a senhora vossa irmã achou melhor deixar-vos dormir.

— Devia ter sido acordada — insistiu Catelyn.

— O Mestre disse-me que a vossa irmã planeia ter uma conversa convosco depois do combate — disse Sor Rodrik.

— Então ainda tenciona ir em frente com esta farsa? — Catelyn fez uma careta. — O anão tocou-a como se fosse uma gaita, e ela é demasiado surda para ouvir a melodia. Aconteça o que acontecer esta manhã, Sor Rodrik, já é mais que tempo de nos retirarmos. O meu lugar é em Winterfell com os meus filhos. Se estais suficientemente forte para viajar, pedirei a Lysa uma escolta para nos levar a Vila Gaivotas. Podemos apanhar aí um navio.

— Outro navio? — Sor Rodrik ficou ligeiramente verde, mas conseguiu não estremecer. — Como quiserdes, senhora.

O velho cavaleiro esperou à porta dos seus aposentos enquanto Catelyn chamava os criados que Lysa lhe dera. Enquanto a vestiam, pensou que se falasse com a irmã antes do duelo, talvez fosse capaz de a fazer mudar de ideias. Os planos de Lysa mudavam com os seus humores, e estes mudavam de hora a hora. A acanhada rapariga que conhecera em Correrrio tinha-se transformado numa mulher que era alternadamente orgulhosa, atemorizada, cruel, sonhadora, imprudente, tímida, teimosa, vaidosa e, acima de tudo, *inconstante*.

Quando aquele seu nojento carcereiro viera a rastejar dizer-lhes que Tyrion Lannister desejava confessar, Catelyn insistira com Lysa para que o anão lhes fosse trazido em privado, mas não, nada estava bem a menos que a irmã conseguisse um espectáculo para metade do Vale. E agora isto...

— O Lannister é *meu* prisioneiro — disse a Sor Rodrik enquanto desciam as escadas da torre e avançavam através dos frios salões brancos do Ninho de Águia. Catelyn vestia lã cinzenta sem ornamentos e um cinto prateado. — A minha irmã tem de ser lembrada disso.

À porta dos aposentos de Lysa, encontraram o tio a sair, furioso.

— Vais-te juntar ao festival de tolos? — proferiu bruscamente Sor Brynden. — Eu dir-te-ia para enfiar algum bom senso na tua irmã à pancada, se pensasse que isso teria algum resultado, mas ias só magoar a mão.

— Chegou uma ave de Correrrio — começou Catelyn — uma carta de Edmure...

— Eu sei, filha. — O peixe negro que prendia o seu manto era a única concessão que Brynden fazia aos ornamentos. — Tive de ouvir a notícia da boca do Mestre Colemon. Pedi à tua irmã licença para levar mil homens experimentados para Correrrio a toda a pressa. Sabes o que ela me disse? *O Vale não pode prescindir de mil espadas, nem mesmo de uma, Tio*, disse ela. *Sois o Cavaleiro do Portão. O vosso lugar é aí.* — Uma rajada de risos infantis soprou pelas portas abertas atrás dele, e Brynden lançou um relance

sombrio por sobre o ombro. — Bem, disse-lhe que bem podia arranjar um novo Cavaleiro do Portão. Peixe negro ou não, ainda sou um Tully. Partirei para Correrrio ao cair da noite.

Catelyn não podia fingir surpresa.

— Sozinho? Sabeis tão bem como eu que nunca sobreviveríeis à estrada de altitude. Sor Rodrik e eu vamos regressar a Winterfell. Vinde connosco, Tio. Dar-vos-ei os vossos mil homens. Correrrio não lutará sozinho.

Brynden reflectiu por um momento, e depois concordou com um aceno brusco.

— Será como dizes. É o caminho longo para casa, mas assim é mais provável que lá chegue. Espero por ti lá em baixo. — Foi-se embora a passos largos, com o manto a rodopiar atrás dele.

Catelyn trocou um olhar com Sor Rodrik. Atravessaram as portas ao agudo e nervoso som do riso de uma criança.

Os aposentos de Lysa abriam-se para um pequeno jardim, um círculo de terra e erva plantado com flores azuis e rodeado por todos os lados de grandes torres brancas. Os construtores tinham-no planeado como um bosque sagrado, mas o Ninho de Águia rodeava-se da pedra dura da montanha, e não importava quanta terra era trazida do Vale, não conseguiam que um represeiro ganhasse raízes ali. Assim, os senhores do Ninho de Águia plantaram relva e espalharam estátuas por entre pequenos arbustos floridos. Seria ali que os dois campeões se defrontariam para colocar as suas vidas, e a de Tyrion Lannister, nas mãos dos deuses.

Lysa, acabada de ser escovada e vestida de veludo creme com um cordão de safiras e selenite em redor do pescoço leitoso, encontrava-se no terraço que dava para o local do combate, rodeada pelos seus cavaleiros, servidores e senhores, grandes e pequenos. A maior parte ainda acalentava a esperança de a desposar, dormir com ela e governar o Vale de Arryn a seu lado. Pelo que Catelyn vira durante a sua estadia no Ninho de Águia, era uma vã esperança.

Uma plataforma de madeira fora construída para elevar a cadeira de Robert; era aí que se sentava o Senhor do Ninho de Águia, rindo e batendo as mãos enquanto um bonecreiro corcunda, vestido de retalhos azuis e brancos, fazia com que dois cavaleiros de madeira se golpeassem mutuamente. Tinham sido trazidos canjirões de um creme espesso e cestos de amoras silvestres, e os convidados bebiam um vinho doce com aroma de laranja de taças de prata com gravuras. Brynden chamara àquilo *um festival de tolos*, e não era de admirar.

Do outro lado do terraço, Lysa riu alegremente de alguma brincadeira de Lorde Hunter, e mordiscou uma amora espetada na ponta do punhal de Sor

Lyn Corbray. Eram os pretendentes que se encontravam em melhor posição nos favores de Lysa... hoje, pelo menos. Catelyn ter-se-ia visto em dificuldades para decidir qual dos homens era mais desadequado. Eon Hunter ainda era mais velho do que Jon Arryn, meio estropiado pela gota, e amaldiçoado por três filhos conflituosos, cada um mais ganancioso que o outro. Sor Lyn era um tipo de loucura diferente; esbelto e bem-parecido, herdeiro de uma casa antiga mas empobrecida, mas vaidoso, imprudente, de temperamento quente... e, segundo se sussurrava, notoriamente desinteressado dos encantos íntimos das mulheres.

Quando Lysa viu Catelyn, recebeu-a com um abraço fraternal e um beijo húmido na cara.

— Não está uma manhã adorável? Os deuses sorriem-nos. Experimenta uma taça de vinho, querida irmã. O Lorde Hunter teve a amabilidade de o mandar buscar da sua própria adega.

— Obrigada, mas não. Lysa, temos de conversar.

— Depois — prometeu a irmã, já começando a virar-lhe as costas.

— Agora. — Catelyn falou mais alto do que tencionara. Homens viraram-se para olhar. — Lysa, não podes tencionar seguir em frente com esta loucura. Vivo, o Duende tem valor. Morto, não passa de comida para corvos. E se o seu campeão prevalecer aqui...

— Há poucas hipóteses de isso acontecer, senhora — assegurou-lhe o Lorde Hunter, dando-lhe pancadinhas no ombro com uma mão cheia de sardas. — Sor Vardis é um valente lutador. Ele tratará da saúde ao mercenário.

— Tratará? — disse friamente Catelyn. — Tenho dúvidas. — Ela vira Bronn lutar na estrada de altitude; não fora por acaso que sobrevivera à viagem enquanto outros homens tinham morrido. Movia-se como uma pantera, e aquela sua feia espada parecia fazer parte do seu braço.

Os pretendentes de Lysa reuniam-se à volta deles como abelhas em torno de uma flor.

— As mulheres pouco sabem destas coisas — disse Sor Morton Waynwood. — Sor Vardis é um cavaleiro, querida senhora. Este outro homem, bem, no fundo os homens desse tipo são todos cobardes. São úteis quanto baste em batalha, com milhares de companheiros em redor, mas basta pô-los em combate singular e a virilidade escoá-se-lhes do corpo.

— Suponhamos então que é verdade o que dizeis — disse Catelyn com uma cortesia que lhe fez doer a boca. — Que ganharíamos com a morte do anão? Imaginais que Jaime se interessará um pouco que seja por termos dado ao irmão um *julgamento* antes de o atirmos da montanha?

— Decapitai o homem — sugeriu Sor Lyn Corbray. — Quando o

Regicida receber a cabeça do Duende, isso servir-lhe-á de aviso.

Lysa sacudiu impacientemente o seu longo cabelo ruivo.

— O Lorde Robert quer vê-lo a voar — disse, como se isso decidisse tudo. — E o Duende só se pode culpar a si próprio. Foi ele que exigiu julgamento por combate.

— A Senhora Lysa não tinha maneira honrosa de lho negar, mesmo se o desejasse fazer — entooou solenemente o Lorde Hunter.

Ignorando-os a todos, Catelyn virou todas as suas forças para a irmã.

— Lembro-te de que Tyrion Lannister é *meu* prisioneiro.

— E eu lembro-te a *ti* de que o anão assassinou o senhor meu esposo! — A voz dela ergueu-se. — Envenenou a Mão do Rei e deixou o meu querido bebé sem pai, e agora pretendo vê-lo pagar por isso! — Rodopiando, com as saias a oscilar em volta das pernas, Lysa atravessou o terraço em passos rápidos. Sor Lyn, Sor Morton e os outros pretendentes despediram-se com acenos frios e seguiram-lhe na peugada.

— Achais que o fez? — Perguntou-lhe Sor Rodrik em voz baixa quando ficaram de novo sós. — Refiro-me a assassinar Jon Arryn. O Duende ainda o nega, e com grande veemência...

— Acredito que os Lannister assassinaram o Lorde Arryn — respondeu Catelyn — mas se foi Tyrion, Sor Jaime, a rainha, ou todos juntos nem posso começar a decidir. — Lysa tinha falado do nome de Cersei na carta que enviara para Winterfell, mas agora parecia certa de que Tyrion era o autor do crime... talvez porque o anão estava ali, ao passo que a rainha se encontrava a salvo atrás das muralhas da Fortaleza Vermelha, a milhares de léguas para sul. Catelyn quase desejava ter queimado a carta da irmã *antes* de a ter lido.

Sor Rodrik puxou pelas suíças.

— O veneno, bem... é verdade que isso podia ser trabalho do anão. Ou de Cersei. Diz-se que o veneno é a arma das mulheres, com o vosso perdão, minha senhora... Agora, o Regicida... não tenho grande apreço pelo homem, mas ele não é desse tipo. Gosta demasiado de ver sangue naquela sua espada dourada. *Terá sido* veneno, senhora?

Catelyn franziu a testa, vagamente incomodada.

— De que outra forma teriam eles feito com que a morte parecesse natural? — Atrás dela, o Lorde Robert guinchou, deliciado, quando um dos cavaleiros fantoches cortou o outro ao meio, derramando uma enchente de serradura vermelha no terraço. Catelyn olhou de relance para o sobrinho e suspirou. — O rapaz não tem disciplina absolutamente nenhuma. Nunca será suficientemente forte para governar, a menos que seja tirado à mãe por algum tempo.

— O senhor seu pai concordava convosco — disse uma voz vinda de

junto do cotovelo de Catelyn. Virou-se e deparou com o Meistre Colemon, com uma taça de vinho na mão. — Planeava mandar o rapaz para a Pedra do Dragão, para ser criado, sabíeis... oh, mas não devia ter dito isto. — A maçã no seu pescoço oscilou ansiosamente sob a larga corrente de meistre. — Temo que tenha bebido demasiado do excelente vinho de Lorde Hunter. A perspectiva do derramamento de sangue deixou-me os nervos todos em desordem...

— Estais enganado, Meistre — disse Catelyn. — Era Rochedo Casterly, não Pedra do Dragão, e essas combinações foram feitas depois da morte da Mão, sem consentimento da minha irmã.

A cabeça do Meistre deu uma sacudidela tão vigorosa no topo do seu pescoço absurdamente longo que ele próprio se pareceu por um momento com uma marioneta.

— Não, com a vossa licença, minha senhora, mas foi o Lorde Jon que...

Um sino soou sonoramente abaixo deles. Tanto os grandes senhores como as raparigas de servir interromperam o que estavam a fazer e dirigiram-se para a balaustrada. Em baixo, dois guardas com mantos de azul celeste trouxeram Tyrion Lannister. O rechonchudo septão do Ninho de Águia escoltou-o até à estátua no centro do jardim, uma mulher chorosa esculpida num mármore cheio de veios, sem dúvida uma representação de Alyssa.

— O homenzinho mau — disse o Lorde Robert, entre risinhos. — Mãe, posso fazê-lo voar? Quero vê-lo voar.

— Mais tarde, meu doce bebé — prometeu-lhe Lysa.

— Primeiro o julgamento — pronunciou vagarosamente Sor Lyn Corbray — e depois a execução.

Um momento mais tarde, os dois campeões surgiram de lados opostos do jardim. O cavaleiro era servido por dois jovens escudeiros, o mercenário pelo mestre-de-armas do Ninho de Águia.

Sor Vardis Egen era de aço dos pés à cabeça, enfiado numa pesada armadura couraçada sobre cota de malha e uma capa almofadada. Grandes rondés circulares, esmaltados de creme e azul com o símbolo da lua e do falcão da Casa Arryn, protegiam a vulnerável articulação do braço com o peito. Um saiote de tiras de metal cobria-lhe o corpo desde a cintura até meio da coxa, ao passo que um sólido gorjal lhe rodeava a garganta. Asas de falcão projectavam-se das têmporas do seu elmo, e a viseira era um pontiagudo bico de metal com uma estreita fenda para ver.

Bronn tinha uma protecção tão ligeira que parecia quase nu ao lado do cavaleiro. Usava apenas uma cota de malha, negra e oleada, a cobrir o torso, sobre couro cozido, um meio-elmo redondo de aço com protecção para o nariz e uma coifa de cota de malha. Botas de couro de cano alto com grevas de aço

davam-lhe alguma protecção às pernas, e tinha discos de ferro negro cosidos aos dedos das luvas. Mas Catelyn reparou que o mercenário era uma meia mão mais alto do que o adversário, com maior alcance... e ou ela não sabia avaliar idades, ou Bronn era quinze anos mais novo.

Ajoelharam-se na relva sob a mulher chorosa, de frente um para o outro, com o Lannister entre ambos. O septão tirou uma esfera facetada de cristal do saco de tecido suave que trazia à cintura. Ergueu-o bem alto acima da cabeça, e a luz estilhou-se. Arcos-íris dançaram pela cara do Duende. Numa voz sonora, solene e cantante, o septão pediu aos deuses que olhassem para baixo e testemunhassem, a fim de encontrar a verdade na alma daquele homem, conceder-lhe a vida e a liberdade se fosse inocente, e a morte se culpado. A sua voz ecoava nas torres em redor.

Depois de o último eco se desvanecer, o septão baixou o cristal e partiu à pressa. Tyrion inclinou-se e segredou qualquer coisa ao ouvido de Bronn antes que os guardas o levassem. O mercenário pôs-se em pé, a rir, e sacudiu uma folha de relva do joelho.

Robert Arryn, Senhor do Ninho de Águia e Defensor do Vale mexia-se impacientemente na sua cadeira elevada.

— Quando é que eles vão lutar? — perguntou ele em tom lamentoso.

Sor Vardis foi ajudado a erguer-se por um dos escudeiros. O outro trouxe-lhe um escudo triangular quase com um metro e vinte de altura, feito de pesado carvalho pontilhado com rebites de ferro. Os escudeiros ataram o escudo ao braço esquerdo do cavaleiro. Quando o mestre-de-armas de Lysa ofereceu a Bronn um escudo semelhante, o mercenário cuspiu e afastou-o com um gesto. Uma rude barba negra de três dias cobria-lhe o maxilar e as bochechas, mas se não a cortava, não era por falta de uma navalha; o gume da sua espada possuía o perigoso brilho de aço amolado todos os dias durante horas até ficar demasiado afiado para ser tocado.

Sor Vardis estendeu uma mão enluvada, e o escudeiro colocou-lhe entre os dedos uma bela espada longa de dois gumes. A lâmina estava gravada com o delicado rendilhado em prata de um céu de montanha; o botão do punho era uma cabeça de falcão, a guarda tinha sido esculpida com a forma de asas.

— Mandeí fabricar aquela espada para Jon em Porto Real — disse Lysa orgulhosamente aos convidados enquanto observavam Sor Vardis a experimentar um golpe. — Ele usava-a sempre que se sentava no Trono de Ferro no lugar do Rei Robert. Não é adorável? Achei adequado que o nosso campeão vingue Jon com a sua própria lâmina.

A lâmina de prata gravada era sem dúvida bela, mas parecia a Catelyn que Sor Vardis talvez se tivesse sentido mais confortável com a sua própria espada. No entanto, nada disse; estava cansada de discussões fúteis com a

irmã.

— Fá-los lutar! — gritou o Lorde Robert.

Sor Vardis virou-se para o Senhor do Ninho de Águia e ergueu a espada numa saudação.

— Pelo Ninho de Águia e pelo Vale!

Tyryon Lannister fora sentado numa varanda do outro lado do jardim, flanqueado pelos guardas. Foi para ele que Bronn se virou com uma saudação apressada.

— Eles esperam a tua ordem — disse a Senhora Lysa ao senhor seu filho.

— *Lutem!* — gritou o rapaz, com as mãos a tremer, agarradas à cadeira.

Sor Vardis girou, erguendo o seu pesado escudo. Bronn virou-se para o enfrentar. As suas espadas ressoaram, uma, duas vezes, testando-se. O mercenário recuou um passo. O cavaleiro avançou, segurando o escudo à sua frente. Tentou uma cutilada, mas Bronn saltou para trás, logo para lá do seu alcance, e a lâmina prateada cortou apenas ar. Bronn rodeou-o pela direita. Sor Vardis virou-se, seguindo-o, mantendo o escudo entre ambos. O cavaleiro avançou, pousando com cuidado os pés no chão irregular. O mercenário cedeu, com um ténue sorriso a brincar-lhe nos lábios. Sor Vardis atacou, lançando cutiladas, mas Bronn saltou para fora do seu alcance, pulando com ligeireza por cima de uma pedra baixa, coberta de musgo. Agora, o mercenário flanqueava pela esquerda, para longe do escudo, na direcção do lado desprotegido do cavaleiro. Sor Vardis tentou uma estocada às suas pernas, mas não tinha alcance suficiente. Bronn dançou mais para a esquerda. Sor Vardis girou no mesmo lugar.

— O homem é um medroso — declarou o Lorde Hunter. — Pára e luta, cobarde! — Outras vozes fizeram eco daquele sentimento.

Catelyn olhou para Sor Rodrik. O mestre-de-armas deu uma concisa sacudidela à cabeça.

— Ele quer fazer com que Sor Vardis o persiga. O peso da armadura e do escudo cansará até o mais forte dos homens.

Vira homens treinar esgrima quase todos os dias da sua vida, assistira, nos seus tempos, a meia centena de torneios, mas isto era algo de diferente e de mais mortífero: uma dança onde o menor passo em falso significava a morte. E, enquanto observava, a memória de outro duelo, noutro tempo, regressou ao espírito de Catelyn Stark, tão nítida como se tivesse sido no dia anterior.

Tinham-se encontrado na muralha inferior de Correrrio. Quando Brandon vira que Petyr usava apenas elmo, peitoral e cota de malha, despira a maior parte da sua armadura. Petyr suplicara-lhe um favor que pudesse usar, mas ela rejeitara-o. O senhor seu pai prometera-a a Brandon Stark, e por isso fora a ele

que dera o seu sinal, um lenço azul-claro que bordara com a truta saltante de Correrrio. No momento em que o premia de encontro à sua mão, dissera-lhe: “Ele não passa de um rapaz insensato, mas amei-o como a um irmão. Causar-me-ia dor se o visse morrer.” E o seu prometido olhara-a com os frios olhos cinzentos de um Stark e prometera-lhe poupar a vida do rapaz que a amava.

Aquela luta terminara quase tão depressa como começara. Brandon era um homem feito, e empurrou o Mindinho ao longo de toda a muralha e pela escada da água abaixo, fazendo chover aço sobre ele a cada passo, até deixar o rapaz a cambalear e a sangrar de uma dúzia de ferimentos. “Rendei-vos!”, gritara, mais do que uma vez, mas Petyr limitara-se a abanar a cabeça e continuara a lutar, carrancudo. Quando já o rio lhes batia nos tornozelos, Brandon finalmente acabou com a luta, com um golpe brutal dado para trás que cortou a malha e o couro de Petyr e se enterrou na carne mole sob as suas costelas, tão profundamente que Catelyn teve a certeza de que a ferida era mortal. Ele olhara-a ao cair e murmurara “Cat” enquanto o sangue vermelho vivo brotava por entre os seus dedos recobertos de cota de malha. Catelyn julgara que tinha esquecido aquilo.

Fora a última vez que vira o seu rosto... até ao dia em que fora trazida à sua presença em Porto Real.

Decorrera uma quinzena até o Mindinho estar suficientemente forte para abandonar Correrrio, mas o senhor seu pai proibira-a de o visitar na torre onde estava acamado. Lysa ajudara o Meistre a tratar dele; nesses tempos era mais suave e tímida. Edmure também tentara visitá-lo, mas Petyr mandara-o embora. O irmão de Catelyn agira como escudeiro de Brandon no duelo, e o Mindinho não o perdoaria. Assim que ficou suficientemente forte para ser movido, o Lorde Hoster Tully mandou Petyr Baelish embora numa liteira fechada, para terminar de se curar nos Dedos, no promontório rochoso varrido pelo vento, onde nascera.

O ressoante estrondo de aço sacudiu Catelyn de volta ao presente. Sor Vardis atacava Bronn em força, caindo-lhe em cima com o escudo e a espada. O mercenário recuava, parando todos os golpes, saltando agilmente sobre pedras e raízes, sem nunca afastar os olhos do inimigo. Catelyn viu que ele era o mais rápido; a espada prateada do cavaleiro nunca chegava perto de lhe tocar, mas a sua feia lâmina cinzenta fizera um entalhe na placa de ombro de Sor Vardis.

A breve agitação do combate terminou tão depressa como começara quando Bronn deu um passo para o lado e deslizou para trás da estátua da mulher chorosa. Sor Vardis golpeou o local onde ele estivera, fazendo saltar uma faísca do mármore claro da coxa de Alyssa.

— Eles não estão a lutar bem, mãe — queixou-se o Senhor do Ninho de

Águia. — Quero que eles *lutem*.

— Vão lutar, querido filho — sossegou-o a mãe. — O mercenário não pode fugir o dia inteiro.

Bronn saiu de detrás da estátua duro e rápido, ainda a deslocar-se para a esquerda, apontando um golpe a duas mãos ao desprotegido lado direito do cavaleiro. Sor Vardis parou-o, mas de forma desajeitada, e a espada do mercenário relampejou para cima, na direcção da sua cabeça. Metal ressoou, e uma asa de falcão quebrou-se com estrondo. Sor Vardis deu meio passo para trás a fim de recuperar do golpe, e ergueu o escudo. Lascas de carvalho voaram quando a espada de Bronn fez um entalhe na muralha de madeira. O mercenário voltou a dar um passo para a esquerda, para longe do escudo, e apanhou Sor Vardis no estômago, abrindo um corte brilhante quando o aguçado gume da sua espada penetrou no peitoral do cavaleiro.

Sor Vardis apoiou-se no pé de trás para carregar em frente, fazendo descer a sua lâmina prateada num arco violento. Bronn afastou-o para o lado e dançou para longe. O cavaleiro esbarrou na mulher chorosa, fazendo-a oscilar sobre a base. Entontecido, deu um passo para trás, virando a cabeça para um lado e para o outro em busca do adversário. A ranhura da viseira do seu elmo estreitava-lhe o campo de visão.

— Atrás de vós, sor! — gritou Lorde Hunter, tarde de mais. Bronn fez cair a sua espada, com ambas as mãos, apanhando Sor Vardis no cotovelo do braço que empunhava a arma. As finas tiras de metal que protegiam a articulação quebraram-se com um *crunch*. O cavaleiro soltou um grunhido, virando-se, torcendo a espada para cima. Daquela vez, Bronn manteve-se firme. As espadas voaram uma contra a outra, e a sua canção de aço encheu o jardim e ressoou nas torres brancas do Ninho de Águia.

— Sor Vardis está ferido — disse Sor Rodrik, com a voz grave.

Catelyn não precisava que isso lhe fosse dito; tinha olhos, via o brilhante dedo de sangue que corria ao longo do braço do cavaleiro, a humidade dentro da articulação do cotovelo. Cada parada era um pouco mais lenta e um pouco mais baixa do que a anterior. Sor Vardis virou o flanco ao adversário, tentando usar o escudo para bloquear a espada do mercenário, mas Bronn deslizou em seu redor, rápido como um gato. Parecia estar a ficar mais forte. Os seus golpes deixavam agora marcas. Profundos golpes brilhantes cintilavam por todo o lado, na armadura do cavaleiro, na sua coxa direita, na sua viseira em forma de bico, cruzando-lhe o peitoral, um longo percorrendo-lhe o gorjal. O rondé da lua e do falcão sobre o braço direito de Sor Vardis tinha sido quebrado ao meio, pendendo preso pela presilha. Conseguia ouvir-se a sua respiração laboriosa a rouquejar através das fendas de ar da viseira.

Mesmo sendo cegos pela arrogância, os cavaleiros e senhores do Vale

eram capazes de ver o que estava a acontecer em frente aos seus olhos, mas Lysa não era.

— Basta, Sor Vardis! — gritou ela para baixo. — Acabai com ele já, o meu filhinho está a ficar cansado.

E tem de ser dito em honra de Sor Vardis que foi fiel às ordens da sua senhora, mesmo até ao fim. Num momento cambaleava para trás, meio acororado atrás do seu escudo cheio de cicatrizes, e no seguinte carregou. O súbito ataque de touro apanhou Bronn desequilibrado. Sor Vardis esmagou-se contra ele e atirou a aresta do escudo contra o rosto do mercenário. Bronn quase, *quase*, perdeu o apoio... cambaleou para trás, tropeçou numa pedra, e agarrou-se à mulher chorosa para manter o equilíbrio. Atirando fora o escudo, Sor Vardis guinou sobre ele, usando ambas as mãos para erguer a espada. O seu braço direito estava agora em sangue do cotovelo aos dedos, mas o seu último golpe desesperado teria esventrado Bronn do pescoço ao umbigo... se o mercenário se tivesse levantado para o receber.

Mas Bronn saltou para trás. A bela espada gravada em prata de Jon Arryn ressaltou no cotovelo de mármore da mulher chorosa e o terço da ponta quebrou-se. Bronn empurrou as costas da estátua com o ombro. O desgastado retrato de Alyssa vacilou e caiu com grande estrondo, e Sor Vardis Egen tombou por baixo dele.

Num instante, Bronn estava sobre o cavaleiro, pontapeando para o lado o que restava do seu rondel partido a fim de expor o ponto fraco entre o braço e o peitoral. Sor Vardis jazia de lado, preso sob o tronco quebrado da mulher chorosa. Catelyn ouviu o cavaleiro gemer quando o mercenário ergueu a sua arma com ambas as mãos e a empurrou, pondo no golpe todo o seu peso, por baixo do braço e por entre as costelas. Sor Vardis Egen estremeceu e ficou imóvel.

Sobre o Ninho de Águia pairou o silêncio. Bronn arrancou o seu meio-elmo e deixou-o cair na relva. Tinha o lábio amassado e sangrento onde fora atingido pelo escudo, e o cabelo negro como o carvão estava empapado de suor. Cuspiu um dente partido.

— Acabou, Mãe? — perguntou o Senhor do Ninho de Águia.

Não, quis dizer-lhe Catelyn, está apenas a começar.

— Sim — disse Lysa sombriamente, com a voz tão fria e morta como o capitão da sua guarda.

— Posso fazer o homenzinho voar agora?

Do outro lado do jardim, Tyrion Lannister pôs-se em pé.

— *Este* homenzinho, não — disse. — Este homenzinho irá para baixo no guincho dos nabos, muito obrigado.

— Presumis... — começou Lysa.

— Presumo que a Casa Arryn recorde as suas próprias palavras — disse o Duende. — *Tão Alto Como a Honra*.

— Prometeste que eu podia fazê-lo voar — gritou o Senhor do Ninho de Águia à mãe. Começou a tremer.

O rosto da Senhora Lysa estava corado de fúria.

— Os deuses acharam por bem proclamá-lo inocente, filho. Não temos outra escolha que não seja libertá-lo. — Ergueu a voz. — Guardas. Levai o senhor de Lannister e aqui o seu... a sua *criatura* para longe da minha vista. Escoltai-os até ao Portão Sangrento e libertai-os. Tratai de que tenham cavalos e abastecimentos suficientes para alcançar o Tridente, e assegurai-vos de que todos os seus bens e armas lhes sejam devolvidos. Irão precisar deles na estrada de altitude.

— A estrada de altitude — disse Tyrion Lannister. Lysa permitiu-se um ténue sorriso satisfeito. Catelyn compreendeu que era outro tipo de sentença de morte. Tyrion Lannister devia sabê-lo também. Mas o anão concedeu à Senhora Arryn uma vénia trocista. — Que seja conforme ordenais, minha senhora — disse. — Julgo que conhecemos o caminho.

— Vós sois os mais incapazes de todos os rapazes que eu já treinei — anunciou Sor Alliser Thorne depois de se reunirem todos no pátio. — As vossas mãos foram feitas para pegar em pás de recolher estrume, não em espadas, e se dependesse de mim, séríeis todos postos a criar suínos. Mas ontem à noite foi-me dito que Gueren traz cinco rapazes novos pela Estrada do Rei. Um ou dois podem até valer o preço do mijo. Para abrir lugar para eles, decidi passar oito de vós ao Senhor Comandante, para que faça de vós o que bem entenda. — Chamou pelos nomes um a um. — Sapo. Cabeça de Calhau. Auroque. Amante. Borbulha. Macaco. Sor Vadio. — Por fim, olhou para Jon. — E o Bastardo.

Pyp soltou um *uuup*, e espetou a espada no ar. Sor Alliser fitou-o com um olhar de réptil.

— Vão chamar-vos agora homens da Patrulha da Noite, mas se acreditarem nisso, são tolos maiores ainda do que aqui o Macaco de Saltimbanco. Ainda sois rapazes, verdes e a feder a Verão, e quando o Inverno vier, morrerão como moscas. — E com aquilo, Sor Alliser Thorne retirou-se.

Os outros rapazes reuniram-se em torno dos oito que tinham sido nomeados, rindo, praguejando e dando-lhes os parabéns. Halder deu uma pancada no traseiro do Sapo com o lado da espada e gritou:

— O Sapo, da Patrulha da Noite!

Gritando que um irmão negro precisava de um cavalo, Pyp saltou para os ombros de Grenn, e caíram ambos ao chão, rolando, aos socos e aos gritos. Dareon precipitou-se para o armeiro e regressou com um odre de tinto amargo. Enquanto passavam o vinho de mão em mão, sorrindo como idiotas, Jon reparou em Samwell Tarly, que estava sozinho debaixo de uma árvore morta sem folhas a um canto do pátio. Ofereceu-lhe o odre.

— Um trago de vinho?

Sam abanou a cabeça.

— Não obrigado, Jon.

— Estás bem?

— Muito bem, garanto — mentiu o rapaz gordo. — Estou feliz por todos vós. — A sua face redonda tremeu quando forçou um sorriso. — Um dia serás Primeiro Patrulheiro, tal como era o teu tio.

— Tal como é — corrigiu Jon. Não aceitava que Benjen Stark estivesse morto. Antes de poder dizer mais, Halder gritou:

— Dá cá, pensavas que ias beber tudo sozinho? — Pyp arrancou-lhe o

odre da mão e afastou-se a dançar, rindo. Enquanto Grenn lhe agarrava o braço, Pyp deu um apertão no odre e um fino jacto vermelho esguichou para a cara de Jon. Halder uivou em protesto contra o desperdício de bom vinho. Jon cuspiu e debateu-se. Matthar e Jeren treparam o muro e começaram a crivá-los a todos de bolas de neve.

Quando conseguiu libertar-se, com neve no cabelo e nódoas de vinho na capa, Samwell Tarly tinha desaparecido.

Nessa noite, o Hobb Três-Dedos cozinhou para os rapazes uma refeição especial a fim de marcar a ocasião. Quando Jon chegou à sala comum, foi o próprio Senhor Intendente que o levou para o banco junto ao fogo. Os homens mais velhos deram-lhe palmadas no braço quando passou por eles. Os oito que em breve seriam irmãos banquetearam-se com uma peça de cordeiro assada numa crosta de alho e ervas, guarnecida com raminhos de menta e rodeada com puré de nabo nadando em manteiga.

— Da mesa do próprio Senhor Comandante — disse-lhes Bowen Marsh. Havia saladas de espinafre, grão-de-bico e nabicha e de sobremesa tigelas de amoras silvestres geladas e creme doce.

— Acham que nos vão manter juntos? — quis saber Pyp enquanto se empanturravam com todo o gosto.

O Sapo fez uma careta.

— Espero que não. Estou farto de olhar para essas tuas orelhas.

— Ah — disse Pyp. — Vejam o corvo a chamar preto ao melro. Tu serás de certeza um patrulheiro, Sapo. Vão querer-te tão longe do castelo quanto for possível. Se Mance Rayder atacar, levanta a viseira e mostra-lhe a cara, que ele há-de fugir aos gritos.

Todos riram menos Grenn.

— Espero que *eu* me torne patrulheiro.

— Tu e toda a gente — disse Matthar. Todos os homens que vestiam de negro percorriam a Muralha, e esperava-se de todos os homens que estivessem prontos a lidar com aço na sua defesa, mas os patrulheiros eram o verdadeiro coração lutador da Patrulha da Noite. Eram eles que se atreviam a patrulhar para lá da Muralha, percorrendo a floresta assombrada e as geladas altitudes da montanha a oeste da Torre Sombria, lutando contra selvagens, gigantes e monstruosos ursos das neves.

— Nem toda a gente — disse Halder. — Para mim são os construtores. De que serviriam os patrulheiros se a Muralha caísse?

A Ordem dos Construtores fornecia os pedreiros e carpinteiros para reparar fortalezas e torres, os mineiros para escavar túneis e esmagar pedra para estradas e caminhos, os lenhadores para limpar as novas árvores sempre que a floresta se aproximava demasiado da Muralha. Uma vez, dizia-se,

tinham cortado imensos blocos de gelo de lagos congelados, bem no interior da floresta assombrada, arrastando-os para sul em trenós para que a Muralha pudesse ser erguida ainda mais. Mas esses dias tinham partido havia séculos; agora, tudo o que podiam fazer era percorrer a Muralha de Atalaiaeste até à Torre Sombria, em busca de fendas ou sinais de degelo e a realizar as reparações que conseguissem.

— O Velho Urso não é tolo nenhum — observou Daeron. — Tu serás de certeza construtor, e Jon será certamente patrulheiro. É, de todos nós, o melhor espadachim e o melhor cavaleiro, e o tio foi o Primeiro antes de... — a voz sumiu-se, de forma desajeitada, quando ele se apercebeu do que quase dissera.

— Benjen Stark ainda é Primeiro Patrulheiro — disse-lhe Jon Snow, brincando com a sua tigela de amoras silvestres. Os outros podiam ter desistido de toda a esperança de que o tio regressasse são e salvo, mas ele não. Afastou as amoras, quase sem lhes tocar, e ergueu-se do banco.

— Não vais comer isso? — perguntou o Sapo.

— São tuas. — Jon quase não saboreara o grande festim de Hobb. — Não consigo dar nem mais uma dentada. — Tirou o manto do gancho perto da porta e abriu caminho para fora.

Pyp seguiu-o.

— Jon, que se passa?

— O Sam — admitiu. — Ele esta noite não esteve à mesa.

— Não parece dele falhar uma refeição — disse pensativamente Pyp. — Crês que terá adoecido?

— Está assustado. Estamos a abandoná-lo. — Recordou o dia em que deixou Winterfell, todas as despedidas agridoces; Bran que jazia todo quebrado, Robb com neve no cabelo, Arya fazendo chover beijos sobre ele depois de lhe dar Agulha. — Depois de fazermos os nossos votos, teremos todos deveres a cumprir. Alguns de nós poderão ser enviados para longe, para Atalaiaeste, ou para a Torre Sombria. Sam continuará em treino, com gente como o Rast e o Cuger e esses rapazes novos que vêm aí pela Estrada do Rei. Só os deuses sabem como serão, mas podes apostar que o Sor Alliser os vai mandar contra ele à primeira oportunidade que tenha.

Pyp fez uma careta.

— Fizeste o que podias.

— O que podíamos fazer não bastou — disse Jon.

Tinha em si um profundo desassossego quando regressou à Torre de Hardin para ir buscar o Fantasma. O lobo gigante caminhou a seu lado até aos estábulos. Alguns dos cavalos mais nervosos escoicearam as baias e

achatarem as orelhas quando eles entraram. Jon colocou a sela na sua égua, montou, e cavalgou para fora de Castelo Negro, dirigindo-se para sul na noite iluminada pela Lua. O Fantasma correu à sua frente, voando sobre o solo, desaparecendo num piscar de olhos. Jon deixou-o ir. Um lobo precisava de caçar.

Não tinha nenhum destino em mente. Só queria cavalgar. Seguiu o riacho durante algum tempo, escutando o gotejar gelado da água sobre as pedras, e depois cortou pelos campos até à Estrada do Rei. Estendia-se à sua frente, estreita, pedregosa e marcada por ervas daninhas, uma estrada que não prometia nada de especial, mas o facto de a ver encheu Jon Snow de uma vasta saudade. Aquela estrada ia dar a Winterfell, e depois a Correrrio, Porto Real e ao Ninho de Águia, e a tantos outros lugares; o Rochedo Casterly, as Ilhas das Caras, as montanhas vermelhas de Dorne, as cem ilhas de Bravos, no mar, as ruínas fumegantes da velha Valíria. Todos os lugares que Jon nunca veria. Chegava-se ao mundo por aquela estrada... e ele estava ali.

Uma vez feitos os votos, a Muralha seria o seu lar até ficar velho como o Mestre Aemon.

— Ainda não os fiz — murmurou. Não era nenhum fora-da-lei, obrigado a vestir o negro ou pagar o preço pelos seus crimes. Tinha vindo para ali livremente, e podia partir livremente... até dizer as palavras. Só precisava de avançar, e podia deixar tudo para trás. Quando a Lua voltasse a estar cheia, estaria de novo em Winterfell com os irmãos.

Com os *meios*-irmãos, lembrou-lhe uma voz interior. *E com a Senhora Stark, que não te dará as boas-vindas.* Não havia lugar para ele em Winterfell, e também não havia lugar para ele em Porto Real. Nem sequer a sua própria mãe tivera lugar para ele. Pensar nela deixou-o triste. Quis saber quem ela fora, qual o seu aspecto, porque motivo o pai a abandonara. *Porque era uma prostituta ou uma adúltera, palerma. Qualquer coisa escura e desonrosa, caso contrário, por que motivo teria o Lorde Stark demasiada vergonha para falar nela?*

Jon Snow virou costas à Estrada do Rei para olhar para trás. Os fogos de Castelo Negro estavam escondidos por detrás de uma colina, mas via-se a Muralha, clara sob a Lua, vasta e fria, correndo de horizonte a horizonte.

Fez o cavalo dar meia volta e dirigiu-se para casa.

O Fantasma regressou no momento em que ultrapassava uma elevação e via o distante brilho de uma lamparina na Torre do Senhor Comandante. Enquanto o lobo gigante trotava ao lado do cavalo, viu que tinha o focinho vermelho de sangue. Depois, deu por si a pensar de novo em Samwell Tarly. Ao chegar aos estábulos, já sabia o que devia fazer.

Os aposentos do Mestre Aemon ficavam numa sólida torre de madeira

sob o viveiro dos corvos. Idoso e frágil, o Mestre partilhava habitação com dois dos intendentos mais novos, que atendiam às suas necessidades e o ajudavam a desempenhar os seus deveres. Os irmãos gracejavam dizendo que lhe tinham sido atribuídos os dois homens mais feios da Patrulha da Noite; como era cego, era poupado a ter de olhar para eles. Clydas era baixo, calvo e sem queixo, com pequenos olhos cor-de-rosa como uma toupeira. Chett tinha um quisto no pescoço do tamanho de um ovo de pombo, e uma cara vermelha com furúnculos e borbulhas. Talvez fosse por isso que parecia sempre tão zangado.

Foi Chett quem respondeu ao toque de Jon.

— Preciso de falar com o Mestre Aemon — disse-lhe Jon.

— O Mestre está na cama, tal como tu devias estar. Volta de manhã e ele talvez te receba. — E começou a fechar a porta.

Jon pôs a bota na soleira, mantendo-a aberta.

— Preciso de falar com ele agora. De manhã será tarde de mais.

Chett franziu o sobrolho.

— O Mestre não está habituado a ser acordado durante a noite. Sabes que idade ele tem?

— Idade suficiente para tratar os visitantes com mais educação do que vós — disse Jon. — Transmíti-lhe as minhas desculpas. Não perturbaria o seu descanso se não fosse importante.

— E se eu recusar?

Jon tinha a bota solidamente apoiada contra a porta.

— Posso ficar aqui a noite inteira se for preciso.

O irmão negro fez um som de repugnância e abriu a porta para o deixar entrar.

— Espera na biblioteca. Há lenha. Dá-lhe fogo. Não quero que o Mestre apanhe um resfriado por tua causa.

Jon já tinha os toros a estalejar alegremente quando Chett fez entrar o Mestre Aemon. O velho vinha vestido com o seu roupão de cama, mas em torno da garganta trazia o colar de correntes da sua Ordem. Um mestre não o tirava nem mesmo para dormir.

— A cadeira junto ao fogo seria agradável — disse ao sentir o calor na cara. Depois de estar confortavelmente instalado, Chett cobriu-lhe as pernas com uma pele e foi para junto da porta.

— Lamento ter-vos acordado, Mestre — disse Jon Snow.

— Não me acordaste — respondeu o Mestre Aemon. — Descobri que fui necessitando de menos sono à medida que fui envelhecendo, e já envelheci muito. É frequente passar metade da noite na companhia de fantasmas,

recordando tempos idos há cinquenta anos como se tivessem sido ontem. O mistério de um visitante da meia-noite é uma diversão bem-vinda. Por isso diz-me, Jon Snow, porque vieste falar comigo a esta estranha hora?

— Para pedir que Samwell Tarly seja tirado dos treinos e admitido como irmão da Patrulha da Noite.

— Isso não diz respeito ao Mestre Aemon — protestou Chett.

— O nosso Senhor Comandante pôs o treino dos recrutas nas mãos de Sor Alliser Thorne — disse o Mestre com gentileza. — Só ele pode dizer quando um rapaz está pronto para fazer os seus votos, como seguramente saberás. Porquê então vir ter comigo?

— O Senhor Comandante escuta o que tendes a dizer — disse-lhe Jon. — E os feridos e doentes da Patrulha da Noite estão a vosso cargo.

— E está o teu amigo Samwell ferido ou doente?

— Ficaré — garantiu Jon — a menos que ajudeis.

E contou-lhe tudo, até a parte em que açulara o Fantasma à garganta de Rast. O Mestre Aemon escutou em silêncio, de olhos cegos fitos no fogo, mas o rosto de Chett foi-se ensombrando a cada palavra.

— Sem nós para o mantermos em segurança, Sam não terá nenhuma hipótese — terminou Jon. — Ele é perfeitamente *incapaz* com uma espada na mão. A minha irmã Arya poderia desfazê-lo, e ela nem sequer dez anos tem. Se o Sor Alliser o fizer lutar, é só questão de tempo até ser magoado ou morto.

Chett não aguentou mais.

— Já vi esse rapaz gordo na sala comum — disse. — Ele é um porco, e se o que dizes for verdade, é também um irremediável covarde.

— Talvez o seja — disse o Mestre Aemon. — Diz-me, Chett, o que sugeririas que fizéssemos com um rapaz destes?

— Deixai-o onde está — disse Chett. — A Muralha não é lugar para os fracos. Que ele treine até estar preparado, e não importa quantos anos sejam necessários. O Sor Alliser fará dele um homem ou matá-lo-á, consoante a vontade dos deuses.

— Isso é *estúpido* — disse Jon. Inspirou profundamente para ordenar os pensamentos. — Lembro-me que em tempos perguntei ao Mestre Luwin porque usava uma corrente em volta da garganta.

O Mestre Aemon tocou ligeiramente o seu colar, fazendo passar os dedos ossudos e enrugados pelos pesados elos de metal.

— Continua.

— Ele disse-me que um colar de um mestre é feito de elos para o lembrar do seu juramento de servir — disse Jon, recordando. — Perguntei porque era cada elo feito de um metal diferente. Disse-lhe que uma corrente de prata combinaria muito melhor com as suas togas cinzentas. O Mestre

Luwin riu-se. Disse-me que um mestre forja a sua corrente com o estudo. Cada um dos diferentes metais representa um tipo diferente de aprendizagem, o ouro é o estudo do dinheiro e das contas, a prata são as artes curativas, o ferro as da guerra. E disse que havia também outros significados. O colar é suposto recordar a um mestre o reino que serve, não é assim? Os Senhores são o ouro e os cavaleiros o aço, mas dois aros não podem fazer uma corrente. Também é necessária a prata, o ferro e o chumbo, o estanho, o cobre, o bronze e tudo o resto, e esses são os agricultores, ferreiros, mercadores e esse tipo de pessoas. Uma corrente precisa de todos os tipos de metais, e uma terra precisa de todos os tipos de pessoas.

O Mestre Aemon sorriu.

— E então?

— A Patrulha da Noite também precisa de todos os tipos de pessoas. De outro modo, porque haveria patrulheiros, intendententes e construtores? O Lorde Randyll não seria capaz de transformar Sam num guerreiro, e Sor Alliser também não será. Não é possível martelar o estanho e transformá-lo em ferro, por mais força que se ponha no martelo, mas isso não significa que o estanho seja inútil. Porque não haverá Sam de ser um intendente?

Chett franziu um sobrolho irritado.

— *Eu* sou um intendente. Pensas que é trabalho fácil, próprio para cobardes? A Ordem dos Intendententes mantém a patrulha viva. Caçamos e cultivamos, tratamos dos cavalos, ordenhamos as vacas, recolhemos lenha, cozinhamos as refeições. Quem pensas tu que faz as tuas roupas? Quem traz abastecimentos do Sul? Os intendententes.

O Mestre Aemon foi mais gentil.

— O teu amigo é um caçador?

— Ele detesta caçar — teve Jon que admitir.

— É capaz de arar um terreno? — perguntou o Mestre. — Sabe conduzir uma carroça ou navegar num navio? Seria capaz de matar uma vaca?

— Não.

Chett soltou uma gargalhada desagradável.

— Já vi o que acontece aos fidalgos moles quando são postos a trabalhar. Mandem-nos fazer manteiga, que as mãos encham-se de borbulhas e começam a sangrar. Dêem-lhes um machado para partir lenha, que eles cortam o próprio pé.

— Eu sei de uma coisa que Sam poderia fazer melhor que ninguém.

— Sim? — disse o Mestre Aemon.

Jon lançou um olhar cauteloso a Chett, que estava junto à porta com os furúnculos vermelhos e zangado.

— Ele podia ajudar-vos — disse rapidamente. — Sabe fazer somas, e sabe ler e escrever. Sei que Chett não sabe ler, e Clydas tem olhos fracos. Sam leu todos os livros da biblioteca do pai. Também seria bom com os corvos. Os animais parecem gostar dele. O Fantasma adoptou-o logo. Há muito que ele pode fazer além de lutar. A Patrulha da Noite precisa de todos os homens. Para quê matar um sem justificação? Em vez disso, usemo-lo.

O Mestre Aemon fechou os olhos, e por um breve momento, Jon temeu que tivesse adormecido. Por fim, disse:

— O Mestre Luwin ensinou-te bem, Jon Snow. Parece que a tua mente é tão hábil como a tua espada.

— Isso quer dizer que...?

— Quer dizer que vou pensar no que disseste — disse-lhe firmemente o Mestre. — E agora, creio que estou pronto para dormir. Chett, acompanha o nosso jovem irmão à porta.

Tinham-se abrigado sob uma pequena mata de faias pretas logo ao lado da estrada de altitude. Tyrion recolhia lenha enquanto os cavalos bebiam água de um ribeiro de montanha. Inclinou-se para apanhar um ramo quebrado e examinou-o criticamente.

— Isto serve? Não tenho prática em fazer fogueiras. O Morrec tratava disso por mim.

— Uma fogueira? — disse Bronn, cuspidando. — Tens assim tanta sede de morte, anão? Ou terás perdido o juízo? Uma fogueira atrairá sobre nós homens dos clãs vindos de milhas em redor. Tenciono sobreviver a esta viagem, Lannister.

— E como esperas tu fazer isso? — perguntou Tyrion. Enfiou o ramo debaixo do braço e espreitou através da pouco densa vegetação rasteira, em busca de mais. Doíam-lhe as costas do esforço de se dobrar; cavalgavam desde o nascer do dia, altura em que um Sor Lyn Corbray com o rosto duro como pedra os fizera atravessar o Portão Sangrento e lhes ordenara que nunca regressassem.

— Não temos nenhuma hipótese de abrir caminho a lutar — disse Bronn — mas dois homens podem cobrir maior distância do que dez, e atrair menos atenções. Quanto menos dias passarmos nestas montanhas, mais provável é que alcancemos as terras fluviais. Digo para cavalgarmos duramente e depressa. Para viajarmos de noite e nos escondermos de dia, para evitarmos a estrada sempre que pudermos, para não fazermos barulho e não acendermos fogueiras.

Tyrion Lannister suspirou.

— Um magnífico plano, Bronn. Experimenta-o, se quiseres... e perdoa-me que não me detenha para te enterrar.

— Pensas sobreviver mais tempo do que eu, anão? — o mercenário sorriu. Tinha um hiato escuro no sorriso onde a borda do escudo de Sor Vardis Egen partira um dente ao meio.

Tyrion encolheu os ombros.

— Cavalgar duramente e depressa à noite é uma maneira segura de cair por uma montanha abaixo e partir o crânio. Prefiro fazer a minha travessia lenta e facilmente. Sei que gostas do sabor do cavalo, Bronn, mas desta vez, se as nossas montadas morrerem, teremos de tentar colocar selas em gatos-das-sombras... e em boa verdade, penso que os clãs nos encontrarão, façamos o que fizermos. Os seus vigias estão por todo o lado. — Com um gesto largo

da mão enluvada, indicou os altos penhascos esculpidos pelo vento que os rodeavam.

Bronn fez um esgar.

— Então somos homens mortos, Lannister.

— Se assim for, prefiro morrer confortável — respondeu Tyrion. — Precisamos de uma fogueira. As noites são frias cá em cima, e comida quente aquecer-nos-á a barriga e animar-nos-á o espírito. Supões que haverá caça? A Senhora Lysa forneceu-nos bondosamente um verdadeiro festim de carne de vaca salgada, queijo duro e pão seco, mas eu detestaria partir um dente tão longe do mestre mais próximo.

— Eu consigo encontrar carne. — Sob uma cascata de cabelo negro, os olhos de Bronn olharam Tyrion com suspeita. — Devia deixar-te aqui com a tua estúpida fogueira. Se te levasse o cavalo, teria duas vezes mais hipóteses de fazer a travessia. Que farias tu então, anão?

— Morreria, provavelmente. — Tyrion inclinou-se para apanhar outro pau.

— Achas que não o faria?

— Fá-lo-ias num instante, se isso te salvasse a vida. Foste bastante rápido a silenciar o teu amigo Chiggen quando ele foi atingido por aquela seta na barriga. — Bronn agarrara o cabelo do homem, puxara-lhe a cabeça para trás e enterrara a ponta do punhal sob a orelha, e depois dissera a Catelyn Stark que o outro mercenário morrera do ferimento.

— Ele não sobreviveria — disse Bronn — e os seus gemidos estavam a atraí-los para onde estávamos. Chiggen teria feito o mesmo por mim... e não era amigo nenhum, só um homem com quem viajava. Não te iludas, anão. Lutei por ti, mas não sou teu amigo.

— Era da tua espada que eu precisava — disse Tyrion — não da tua amizade. — Deixou cair a sua braçada de lenha.

Bronn sorriu.

— És tão corajoso como qualquer mercenário, tenho de reconhecer. Como sabias que eu ficaria do teu lado?

— Saber? — Tyrion acocorou-se desajeitadamente nas suas pernas enfezadas para fazer a fogueira. — Lancei os dados. Na estalagem, tu e Chiggen ajudaram a tomar-me cativo. Porquê? Os outros viram nisso o seu dever, pela honra dos senhores que serviam, mas vocês os dois não. Não tinham senhor, nem dever, e quanto à honra, era preciosamente pequena, portanto porquê incomodarem-se envolvendo-se no assunto? — Puxou da faca e raspou algumas tiras finas de casca de um dos paus que reunira, para servir de acendalha. — Bem, porque é que os mercenários fazem seja o que for? Pelo ouro. Pensavam que a Senhora Catelyn vos recompensaria pela

vossa ajuda, ou talvez até vos tomasse ao seu serviço. Pronto, isto deve servir, espero eu. Tens pederneira?

Bronn enfiou dois dedos na bolsa do seu cinto e atirou-lhe uma pedra. Tyrion apanhou-a no ar.

— Muito obrigado — disse. — Mas acontece que vocês não conheciam os Stark. O Lorde Eddard é um homem orgulhoso, honrado e honesto, e a senhora sua esposa é pior. Oh, não há dúvida de que teria encontrado uma ou duas moedas para vós quando tudo terminasse, e enfiá-las-ia nas vossas mãos com umas palavras bem-educadas e um olhar de desagrado, mas isso é o máximo que poderiam esperar. Os Stark procuram coragem, lealdade e honra nos homens que escolhem para servi-los, e em boa verdade, tu e o Chiggen são escumalha mal-nascida. — Tyrion bateu com a pederneira no punhal, tentando obter uma faísca. Nada.

Bronn resfolegou.

— Tens uma língua audaciosa, homenzinho. É provável que algum dia alguém ta corte e te obrigue a engoli-la.

— Toda a gente me diz isso. — Tyrion olhou para o mercenário de relance. — Ofendi-te? As minhas desculpas... mas tu és escumalha, Bronn, não te iludas. O dever, a honra, a amizade, que é isso para ti? Não, não te incomodes, ambos sabemos a resposta. Apesar disso, não és estúpido. Ao chegarmos ao Vale, a Senhora Stark deixou de ter necessidade de ti... mas eu tinha, e se há coisa que nunca faltou aos Lannister, é ouro. Quando chegou o momento de lançar os dados, contei que fosses suficientemente esperto para saber onde residiam os teus interesses. Felizmente para mim, eras. — Voltou a bater com a pedra no aço, mas sem obter frutos.

— Dá cá — disse Bronn, agachando-se —, eu trato disso. — Tirou a faca e a pederneira das mãos de Tyrion e conseguiu faíscas à primeira tentativa. Uma espiral de casca começou a inflamar-se.

— Muito bem — disse Tyrion. — Até podes ser escumalha, mas é inegável que és útil, e com uma espada na mão, és quase tão bom como o meu irmão Jaime. Que desejas, Bronn? Ouro? Terras? Mulheres? Mantém-me vivo, e tê-lo-ás.

Bronn soprou suavemente sobre o fogo, e as chamas saltaram mais alto.

— E se morreres?

— Ora, nesse caso terei um carpidor cuja dor é sincera — disse Tyrion, sorrindo. — O ouro acaba quando eu acabar.

O fogo queimava bem. Bronn ergueu-se, voltou a enfiar a pederneira na bolsa e atirou o punhal a Tyrion.

— É justo — disse. — A minha espada é então tua... mas não esperes que eu ande por aí a dobrar um joelho e a tratar-te por *s'nhor* de cada vez que

largues uma poita. Não lambo as botas a ninguém.

— Nem és amigo de ninguém — disse Tyrion. — Não tenho dúvidas de que me trairias tão depressa como traíste a Senhora Stark, se visses nisso lucro. Se chegar o dia em que te sintas tentado a vender-me, lembra-te do seguinte, Bronn: eu cubro o preço deles, seja qual for. *Gosto* de viver. E agora, achas que podias fazer alguma coisa quanto a arranjares-nos jantar?

— Trata dos cavalos — disse Bronn, desembainhando o longo punhal que usava na anca. Dirigiui-se para as árvores.

Uma hora mais tarde, os cavalos tinham sido escovados e alimentados, a fogueira estalejava alegremente e o quadril de uma cabra jovem era virado sobre as chamas, deixando cair gordura e silvando.

— Só o que nos falta agora é um bom vinho para empurrar o nosso cabrito para baixo — disse Tyrion.

— Isso, uma mulher, e mais uma dúzia de espadas — disse Bronn. Estava sentado de pernas cruzadas junto à fogueira, afiando o gume da espada com uma pedra de amolar. Havia algo de estranhamente tranquilizador no som de raspar que fazia ao percorrer o aço com a pedra. — Em breve será noite cerrada — fez notar o mercenário. — Eu fico com o primeiro quarto... sirva isso para o que servir. Provavelmente seria melhor deixá-los matar-nos no sono.

— Oh, suponho que estejam aqui muito antes de chegarmos a dormir. — O cheiro da carne que assava fazia com que a boca de Tyrion se enchesse de água.

Bronn observou-o por cima da fogueira.

— Tens um plano — disse em tom monocórdico, acompanhando as palavras com um raspar de aço em pedra.

— Chama-lhe uma esperança — disse Tyrion. — Outro lançamento de dados.

— Com as nossas vidas como aposta?

Tyrion encolheu os ombros.

— E que escolha temos? — Inclinou-se sobre a fogueira e cortou uma fina fatia de carne do cordeiro. — Ahhhh — suspirou, feliz, enquanto mastigava. Gordura correu-lhe pelo queixo abaixo. — Um pouco mais dura do que eu gostaria, e com falta de tempero, mas não me queixarei alto de mais. Se estivesse no Ninho de Águia, estaria a dançar junto a um precipício com a esperança de receber um feijão cozido.

— E apesar disso, deste ao carcereiro uma bolsa de ouro — disse Bronn.

— Um Lannister paga sempre as suas dívidas.

Até Mord quase não acreditara quando Tyrion lhe atirara a bolsa de

couro. Os olhos do carcereiro tinham-se esbugalhado quando puxara pelo cordel e admirara o brilho do ouro.

— Fiquei com a prata — dissera-lhe Tyrion com um sorriso torto — mas foi-te prometido o ouro e aí está ele. — Era mais do que um homem como Mord poderia esperar ganhar ao longo de uma vida de abuso sobre os prisioneiros. — E lembra-te do que eu disse: isso é só um aperitivo. Se alguma vez te cansares do serviço da Senhora Arryn, apresenta-te no Rochedo Casterly e pagar-te-ei o resto do que te devo. — Com dragões de ouro a derramar-se das duas mãos, Mord caíra de joelhos e prometera que seria isso mesmo que faria.

Bronn sacou do punhal e puxou a carne da fogueira. Começou a cortar grossos pedaços de carne chamuscada enquanto Tyrion limpava duas côdeas de pão duro para servir de tabuleiros.

— Se chegarmos ao rio, que farás? — perguntou o mercenário enquanto cortava.

— Oh, para começar, uma prostituta, uma cama de penas e um jarro de vinho. — Tyrion estendeu o seu tabuleiro, e Bronn encheu-o de carne. — E depois penso que irei para Rochedo Casterly ou Porto Real. Tenho algumas perguntas que precisam de respostas a respeito de um certo punhal.

O mercenário mastigou e engoliu.

— Então estavas a falar verdade? Não era a tua faca?

Tyrion fez um pequeno sorriso.

— Pareço-te um mentiroso?

Quando as suas barrigas ficaram cheias, já as estrelas tinham surgido e uma meia-lua erguia-se sobre as montanhas. Tyrion estendeu no chão o manto de pele de gato-das-sombras e estendeu-se, usando a sela como almofada.

— Os nossos amigos estão a levar o seu tempo.

— Se eu estivesse no lugar deles, temeria uma armadilha — disse Bronn. — Que motivo haveria para estarmos tão abertos, além de funcionarmos como engodo?

Tyrion soltou um risinho.

— Então devíamos cantar e pô-los a fugir, aterrorizados. — E começou a assobiar uma melodia.

— És louco, anão — disse Bronn enquanto limpava a gordura de debaixo das unhas com o punhal.

— Onde está o teu amor pela música, Bronn?

— Se era música o que querias, devias ter ficado com o cantor como campeão.

Tyrion sorriu.

— Isso teria sido divertido. Estou mesmo a vê-lo, a parar as estocadas de

Sor Vardis com a harpa. — Reatou os assobios. — Conheces esta canção? — perguntou.

— Ouve-se aqui e ali, em estalagens e bordéis.

— É de Myr. “As Estações do Meu Amor”. Doce e triste, se compreenderes as palavras. A primeira rapariga com que me deitei costumava cantá-la, e nunca fui capaz de a tirar da cabeça. — Tyrion olhou para o céu. Estava uma noite fria e límpida, e as estrelas brilhavam sobre as montanhas, tão brilhantes e sem misericórdia como a verdade. — Encontrei-a numa noite como esta — ouviu-se a dizer. — O Jaime e eu vínhamos de regresso de Lannisporto quando ouvimos um grito, e ela apareceu a correr para a estrada com dois homens a morder-lhe os calcanhares e a gritar ameaças. O meu irmão desembainhou a espada e foi atrás deles, enquanto eu desmontava para proteger a rapariga. Era quase um ano mais velha do que eu, com cabelo escuro, esguia, com um rosto que te partiria o coração. Certamente que partiu o meu. Mal-nascida, meia morta de fome, suja... mas mesmo assim adorável. Tinham-lhe arrancado metade das costas dos farrapos que vestia, e por isso enrolei-a no meu manto enquanto o Jaime perseguia os homens na floresta. Quando regressou, a trote, já lhe tinha arrancado um nome e uma história. Era filha de um pequeno caseiro, tornada órfã quando o pai morrera de febre, a caminho de... bem, na verdade de parte alguma.

“O Jaime estava todo eriçado para ir à caça dos homens. Não era frequente que foras-da-lei se atrevessem a atacar os viajantes tão perto do Rochedo Casterly, e ele tomou aquilo como um insulto. Mas a rapariga estava demasiado assustada para partir sozinha, e assim ofereci-me para a levar até à estalagem mais próxima e a alimentar enquanto o meu irmão cavalgava de volta ao Rochedo para ir buscar ajuda.

“Ela estava com mais fome do que eu julgaria possível. Acabámos com dois frangos inteiros e parte de um terceiro, e bebemos um jarro de vinho, à conversa. Eu só tinha treze anos, e temo que o vinho me tenha subido à cabeça. Quando dei por mim, partilhava a sua cama. Se ela era tímida, eu mais tímido era. Nunca saberei onde encontrei coragem. Quando lhe rompi a virgindade, ela chorou, mas depois beijou-me e cantou a sua cançãozinha, e quando a manhã chegou, eu estava apaixonado.

— Tu? — A voz de Bronn soava divertida.

— Absurdo, não é? — Tyrion recomeçou a assobiar a canção. — Casei com ela — admitiu por fim.

— Um Lannister de Rochedo Casterly casado com a filha de um caseiro — disse Bronn. — Como conseguiste isso?

— Oh, ficarias espantado com o que um rapaz pode fazer com algumas mentiras, cinquenta peças de prata e um septão bêbado. Não me atrevi a trazer

a minha noiva para casa, no Rochedo Casterly, por isso arranjei-lhe uma casa de campo e durante uma quinzena brincámos aos maridos e às mulheres. E então passou a bebedeira ao septão e confessou tudo ao senhor meu pai. — Tyrion surpreendeu-se com o modo como dizer aquilo o fazia sentir-se desolado, mesmo depois de tantos anos. Talvez estivesse apenas cansado. — Isso foi o fim do meu casamento. — Sentou-se e fixou os olhos da fogueira que se extinguia, pestanejando.

— Mandou a rapariga embora?

— Fez melhor do que isso — disse Tyrion. — Primeiro, obrigou o meu irmão a contar-me a verdade. A rapariga era uma prostituta, percebes? Jaime organizou tudo, a estrada, os foras-da-lei, tudo. Achou que já era tempo que eu tivesse uma mulher. Pagou o dobro por uma donzela, sabendo que iria ser a minha primeira vez.

“Depois de Jaime ter feito a sua confissão, para que a lição ficasse bem aprendida, o Lorde Tywin trouxe a minha esposa e deu-a aos guardas. Pagaram-lhe bem. Uma peça de prata por cada homem; quantas prostitutas exigem um preço tão elevado? Sentou-me a um canto da caserna e obrigou-me a ver, e por fim, ela tinha tantas peças de prata que as moedas escorregavam entre os seus dedos e rolavam para o chão, ela... — O fumo estava a picar-lhe os olhos. Tyrion limpou a garganta e desviou o olhar do fogo, perdendo-o na escuridão. — O Lorde Tywin obrigou-me a ser o último — disse em voz baixa. — E deu-me uma moeda de ouro para lhe pagar, porque era um Lannister, e por isso valia mais.

Depois de algum tempo, voltou a ouvir o barulho, o raspar de aço na pedra de Bronn a afiar a espada.

— Com treze, trinta ou três anos, eu teria morto o homem que me fizesse isso.

Tyrion virou-se para o encarar.

— Podes ter essa hipótese um dia. Lembra-te do que te disse. Um Lannister paga sempre as suas dívidas. — Bocejou. — Acho que vou tentar dormir. Acorda-me se estivermos prestes a morrer.

Enrolou-se na pele de gato-das-sombras e fechou os olhos. O chão era pedregoso e frio, mas passado algum tempo, Tyrion Lannister adormeceu. Sonhou com a cela aberta. Daquela vez ele era o carcereiro, não o prisioneiro, *grande*, com uma correia na mão, e batia no pai, empurrando-o para trás, na direcção do abismo...

— *Tyrion*. — O aviso de Bronn era baixo e urgente.

Tyrion acordou num piscar de olhos. A fogueira tinha-se reduzido a

brasas, e as sombras aproximavam-se a toda a volta. Bronn apoiara-se num joelho, com a espada numa mão e o punhal na outra. Tyrion ergueu uma mão: *fica quieto*, dizia a mão.

— Venham partilhar a nossa fogueira, a noite está fria — gritou para as sombras que se aproximavam. — Temo que não tenhamos vinho para vos oferecer, mas podem servir-se de um pouco da nossa cabra.

Todo o movimento parou. Tyrion viu a cintilação do luar em metal.

— A montanha é nossa — gritou uma voz das árvores, profunda, dura e nada amistosa. — A cabra é nossa.

— A cabra é vossa — concordou Tyrion. — Quem são?

— Quando se encontrarem com os vossos deuses — respondeu uma voz diferente —, digam que foi Gunthor, filho de Gurn, dos Corvos de Pedra, quem vos enviou até eles. — Um ramo quebrou-se quando ele avançou para a luz; um homem magro com um capacete provido de chifres, armado com uma longa faca.

— E Shagga, filho de Dolf. — Aquela era a primeira voz, profunda e mortífera. Um pedregulho deslocou-se para a esquerda, pôs-se de pé e transformou-se num homem. Parecia maciço, lento e forte, todo vestido de peles, com uma moca na mão direita e um machado na esquerda. Bateu as armas uma contra a outra ao aproximar-se.

Outras vozes gritaram outros nomes, Cronn, Torrek, Jaggot e mais que Tyrion esqueceu no instante em que os ouviu; pelo menos dez. Alguns traziam espadas e facas; outros brandiam forquilhas, gadanhas e lanças de madeira. Esperou até que tivessem terminado de gritar os seus nomes antes de lhes dar resposta.

— Sou Tyrion, filho de Tywin, do Clã Lannister, os Leões do Rochedo. De bom grado vos pagaremos pela cabra que comemos.

— Que tens tu para nos dar, Tyrion, filho de Tywin? — perguntou aquele que chamara a si próprio Gunthor, o qual parecia ser o chefe do bando.

— Há prata na minha bolsa — disse-lhes Tyrion. — Este lorigão que uso fica-me grande, mas deve servir bem a Conn, e o machado de batalha que transporto adequar-se-ia à poderosa mão de Shagga muito melhor do que o machado de cortar lenha que ele tem.

— O meio-homem quer pagar-nos com as nossas próprias moedas — disse Cronn.

— Cronn fala verdade — disse Gunthor. — A vossa prata é nossa. Os vossos cavalos são nossos. O teu lorigão, o teu machado de batalha e a faca que tens no cinto também são nossos. Não têm nada para nos dar excepto as vossas vidas. Como queres morrer, Tyrion, filho de Tywin?

— Na minha cama, com a barriga cheia de vinho e a picha dentro da boca

de uma donzela, com oitenta anos de idade — respondeu.

O enorme, Shagga, foi o primeiro a rir e o que riu mais alto. Os outros pareceram menos divertidos.

— Cronn, trata dos cavalos — ordenou Gunthor. — Matem o outro e capturem o meio-homem. Ele poderá ordenhar as cabras e fazer rir as mães.

Bronn pôs-se em pé de um salto.

— Quem morre primeiro?

— Não! — disse Tyrion em tom penetrante. — Gunthor, filho de Gurn, escuta-me. A minha Casa é rica e poderosa. Se os Corvos de Pedra nos levarem em segurança através destas montanhas, o senhor meu pai encher-vos-á de ouro.

— O ouro de um senhor das Terras Baixas é tão inútil como as promessas de um meio-homem — disse Gunthor.

— Até posso ser meio homem — disse Tyrion — mas tenho a coragem de enfrentar os meus inimigos. O que fazem os Corvos de Pedra enquanto os cavaleiros do Vale passam por eles, além de esconder-se atrás das rochas e tremer de medo?

Shagga soltou um rugido de raiva e atirou a moca contra o machado. Jaggot picou o rosto de Tyrion com a ponta endurecida pelo fogo de uma longa lança de madeira. Fez os possíveis para não vacilar.

— Essas são as melhores armas que conseguem roubar? — disse. — Talvez sirvam para matar ovelhas... se as ovelhas não lutarem. Os ferreiros do meu pai cagam melhor aço do que esse.

— Minorcazinho — rugiu Shagga —, continuarás a troçar do meu machado depois de te cortar o membro viril e o dar de comer às cabras?

Mas Gunthor ergueu uma mão.

— Não. Quero ouvir as suas palavras. As mães passam fome, e o aço enche mais bocas do que o ouro. Que nos darias em troca das vossas vidas, Tyrion, filho de Tywin? Espadas? Lanças? Cotas de malha?

— Tudo isso e mais, Gunthor, filho de Gurn — respondeu Tyrion Lannister, sorrindo. — Dar-te-ei o Vale de Arryn.

Entrando pelas altas e estreitas janelas da cavernosa sala do trono da Fortaleza Vermelha, a luz do pôr-do-sol derramava-se pelo chão, depositando listas vermelhas escuras nas paredes onde as cabeças dos dragões tinham estado penduradas em tempos. Agora, a pedra encontrava-se coberta por tapeçarias que mostravam vívidas cenas de caça, cheias de azuis, verdes e castanhos, mas, mesmo assim, parecia a Ned Stark que a única cor existente no salão era o vermelho do sangue.

Estava sentado bem alto, no imenso e antigo cadeirão de Aegon, o Conquistador, uma monstruosidade trabalhada em ferro, toda ela espigões, arestas irregulares e metal grotescamente retorcido. Era, tal como Robert prevenira, uma cadeira infernalmente desconfortável, e nunca o tinha sido mais do que naquele momento em que a sua perna estilhaçada latejava mais penetrantemente a cada minuto. O metal em que se apoiava tinha-se vindo a tornar mais duro a cada hora que passava, e o aço coberto de colmilhos que tinha atrás das costas tornava impossível recostar-se. Um rei nunca deve sentar-se à vontade, dissera Aegon, o Conquistador, quando ordenara aos armeiros que forjassem um grande trono a partir das espadas pousadas pelos seus inimigos. *Maldito seja Aegon pela sua arrogância*, pensou Ned, *carrancudo, e maldito seja também Robert e as suas caçadas*.

— Tendes a certeza absoluta de que eram mais do que salteadores? — perguntou suavemente Varys da mesa do conselho por baixo do trono. O Grande Mestre Pycelle agitou-se a seu lado, pouco à-vontade, e o Mindinho pôs-se a brincar com uma pena. Eram os únicos conselheiros presentes. Fora avistado um veado branco na Mataderrei, e o Lorde Renly e Sor Barristan tinham-se juntado ao rei na caçada, bem como o Príncipe Joffrey, Sandor Clegane, Balon Swann e metade da corte. E assim, Ned tinha de ocupar o Trono de Ferro na sua ausência.

Pelo menos *podia* sentar-se. À exceção do conselho, os outros tinham de ficar respeitosa e em pé ou de joelhos. Os petiçãoários que se aglomeravam perto das grandes portas, os cavaleiros e grandes senhores e senhoras sob as tapeçarias, a arraia-miúda na galeria, os guardas revestidos de cota de malha e de mantos dourados ou cinzentos, todos estavam em pé.

Os aldeãos estavam ajoelhados: homens, mulheres e crianças, igualmente esfarrapados e ensanguentados, com os rostos distorcidos pelo medo. Os três cavaleiros que os tinham trazido até ali para prestar testemunho estavam em pé atrás deles.

— *Salteadores*, Lorde Varys? — A voz de Sor Raymun Darry pingava desprezo. — Oh, eram salteadores, para lá de qualquer dúvida. Salteadores Lannister.

Ned conseguia sentir o incômodo no salão enquanto, dos grandes senhores aos criados, todos se esforçavam por escutar. Não podia fingir surpresa. O Ocidente transformara-se num barril de pólvora desde que Catelyn capturara Tyrion Lannister. Quer Correrrio quer o Rochedo Casterly tinham convocado os vassalos, e reuniam-se exércitos no passo sob o Dente Dourado. Fora apenas uma questão de tempo até que o sangue começasse a jorrar. A única questão que restava sem resposta era qual a melhor forma de o estancar.

Sor Karyl Vance, de olhos tristes, que teria sido bem-parecido se não fosse a marca de nascença que lhe roubava a cor do rosto, indicou com um gesto os aldeãos ajoelhados.

— Isto é tudo o que resta do castro de Sherrer, Lorde Eddard. Os outros estão mortos, tal como o povo de Vila Véneda e do Vau do Saltimbanco.

— Erguei-vos — ordenou Ned aos aldeãos. Nunca confiara no que os homens lhe diziam de joelhos. — Todos vós, para cima.

Um a um ou aos pares, o castro de Sherrer pôs-se em pé com dificuldade. Um ancião precisou de ser ajudado, e uma rapariguinha com um vestido ensanguentado ficou de joelhos, a olhar sem expressão para Sor Arys Oakheart, que se aprumava junto à base do trono na armadura branca da Guarda Real, pronto a proteger e defender o rei... ou, ao que Ned supunha, a Mão do Rei.

— Joss — disse Sor Raymun Darry, dirigindo-se a um homem roliço que começava a perder o cabelo, vestido com um avental de cervejeiro. — Conta à Mão o que aconteceu em Sherrer.

Joss inclinou a cabeça.

— Se Vossa Graça deixar...

— Sua Graça está a caçar para lá do Água Negra — disse Ned, perguntando a si próprio como era possível que um homem vivesse a vida inteira a poucos dias de viagem da Fortaleza Vermelha e não fizesse ideia alguma do aspecto do seu rei. Ned trajava um gibão de linho branco com o lobo gigante dos Stark no peito; o seu manto de lã negra estava preso ao colarinho pela mão de prata do cargo. Negro, branco e cinzento, todos os tons da verdade. — Sou Lorde Eddard Stark, a Mão do Rei. Diz-me quem és, e o que sabes desses salteadores.

— Eu tenho... *tinha*... eu tinha uma cervejaria, s'nhor, em Sherrer, junto à ponte de pedra. A melhor cerveja a sul do Gargalo, todos o diziam, com a vossa licença, s'nhor. Agora já não existe, como tudo o resto, s'nhor. Eles

chegaram, beberam o que quiseram e derramaram o resto antes de deitar fogo ao meu telhado, e tinham-me também derramado o sangue se me tivessem apanhado, s'nhor.

— Eles queimaram tudo — disse um agricultor a seu lado. — Saíram a cavalo da escuridão, do sul, e pegaram fogo tanto aos campos como às casas, matando quem tentava pará-los. Mas não eram salteadores nenhuns, s'nhor. Não faziam tenção de nos roubar o gado, estes não, mataram-me a vaca leiteira no lugar em que a encontraram, e deixaram-na para os corvos e as moscas.

— Mataram-me o aprendiz — disse um homem atarracado com músculos de ferreiro e uma ligadura em torno da cabeça. Vestira as suas melhores roupas para vir até à corte, mas tinha as bragas remendadas e o manto manchado e empoeirado pela viagem. — Perseguiram-no a cavalo, dum lado para o outro, pelos campos, espetando-lhe as lanças como se fosse um jogo, eles rindo e o rapaz tropeçando e gritando até que o grande o trespasssou.

A rapariga ajoelhada ergueu a cabeça para Ned, muito acima dela, no trono.

— Também mataram a minha mãe, Vossa Graça. E eles... eles... — A sua voz extinguiu-se, como se se tivesse esquecido do que ia dizer. Começou a soluçar.

Sor Raymun Darry retomou a história.

— Em Vila Véveda, o povo procurou refúgio no castro, mas os muros eram de madeira. Os atacantes empilharam palha contra a madeira e queimaram-nos a todos vivos. Quando as pessoas de Véveda abriram os portões para fugir do fogo, abateram-nos com setas à medida que iam surgindo a correr, até mesmo mulheres com bebés de peito.

— Oh, que horror — murmurou Varys. — Quão cruéis podem ser os homens?

— Gostavam de ter feito o mesmo com a gente, mas o castro de Sherrer é feito de pedra — disse Joss. — Alguns queriam fazer-nos sair com fumo, mas o grande disse que havia fruta mais madura mais acima no rio, e seguiram para o Vau do Saltimbanco.

Ned sentiu o aço frio entre os seus dedos quando se inclinou para a frente. Entre cada dedo havia uma lâmina, as pontas de espadas retorcidas que se projectavam em leque, como garras, dos braços do trono. Mesmo após três séculos, algumas ainda eram suficientemente aceradas para cortar. O Trono de Ferro estava cheio de armadilhas para os incautos. Segundo as canções, tinham sido precisas mil lâminas para o fazer, aquecidas até brilhar, brancas, pelo sopro de fornalha de Balerion, o Terror Negro. A batedura levava cinquenta e nove dias. E o resultado fora aquela besta negra e corcovada feita

de gumes de lâminas, farpas e tiras de metal aguçado; uma cadeira capaz de matar um homem, e que já o fizera, se fosse possível acreditar nas histórias.

Eddard Stark nunca conseguiria compreender o que fazia sentado nela, mas ali estava, e aquelas pessoas buscavam nele justiça.

— Que prova tendes de serem Lannister? — perguntou, tentando manter a fúria controlada. — Usavam mantos carmesim, ou ostentavam um estandarte do leão?

— Nem mesmo os Lannister são assim tão imbecis — exclamou Sor Marq Piper. Era um jovem galaró arrogante, novo de mais e com o sangue quente de mais para o gosto de Ned, apesar de ser grande amigo do irmão de Catelyn, Edmure Tully.

— Todos eles estavam a cavalo e usavam cotas de malha, s'nhor — respondeu calmamente Sor Karyl. — Estavam armados com lanças de pontas de aço e espadas longas, com machados de batalha para o massacre. — Fez um gesto para um dos esfarrapados sobreviventes. — Tu. Sim, tu, ninguém te vai fazer mal. Conta à Mão o que me contaste.

O velho homem inclinou a cabeça.

— A respeito dos cavalos — disse —, o que montavam eram cavalos de batalha. Muitos anos trabalhei eu nos estábulos do velho Sor Willum, e sei qual é a diferença. Nem um daqueles animais puxou algum dia uma charrua, que os deuses sejam testemunhas do que digo.

— Salteadores bem montados — observou o Mindinho. — Talvez tenham roubado os cavalos do último lugar que saquearam.

— Quantos homens tinha esse grupo? — perguntou Ned.

— Uma centena, pelo menos — respondeu Jon, no mesmo instante em que o ferreiro com a ligadura dizia “Cinquenta” e a avó atrás dele “Centos e centos, s'nhor, eram um exército, oh se eram.”

— Tens mais razão do que pensas, boa mulher — disse-lhe Lorde Eddard. — Dizeis que não ostentavam estandartes. Então e as armaduras? Algum de vós reparou em ornamentos ou distintivos, divisas em escudos ou elmos?

O cervejeiro, Joss, abanou a cabeça.

— Entristece-me dizê-lo, s'nhor, mas não, as armaduras que usavam eram simples, só... aquele que os liderava, a armadura era igual às dos outros, mas mesmo assim não era possível confundi-lo. Era o tamanho, s'nhor. Os que dizem que todos os gigantes estão mortos nunca viram aquele, juro. Era grande como um touro, era pois, e tinha uma voz como pedra a partir-se.

— *A Montanha!* — disse Sor Marq ruidosamente. — Poderá alguém duvidar? Isto foi trabalho de Gregor Clegane.

Ned ouviu os murmúrios que emanaram de sob as janelas e da

extremidade mais distante do salão. Até na galeria se trocaram sussurros nervosos. Tanto os grandes senhores como a gente simples sabiam o que poderia significar provar-se que Sor Marq tinha razão. Sor Gregor Clegane era vassalo de Lorde Tywin Lannister.

Estudou os rostos assustados dos aldeãos. Pouco admirava que estivessem tão medrosos; tinham pensado que estavam a ser arrastados até ali para chamar carniceiro a Lorde Tywin perante um rei que era seu filho por casamento. Perguntou a si próprio se os cavaleiros lhes tinham dado alguma escolha.

O Grande Mestre Pycelle ergueu-se solenemente da mesa do conselho, com a corrente do seu cargo a tilintar.

— Sor Marq, com o devido respeito, não podeis saber que este fora-da-lei era Sor Gregor. Há muitos homens grandes no reino.

— Tão grandes como a Montanha Que Cavalga? — disse Sor Karyl. — Nunca encontrei nenhum.

— Nem nenhum dos presentes — acrescentou Sor Raymun em tom acalorado. — Até o irmão é um cachorrinho ao seu lado. Senhores, abri os olhos. Será que precisais de ver o seu selo nos cadáveres? Foi Gregor.

— Porque haveria Sor Gregor de se transformar em salteador? — perguntou Pycelle. — Pela graça do seu suserano, possui uma fortaleza robusta e terras próprias. O homem é um cavaleiro ungido.

— Um falso cavaleiro! — disse Sor Marq. — O cão raivoso de Lorde Tywin.

— Senhor Mão — declarou Pycelle numa voz rígida —, peço-vos que recordais a este *bom* cavaleiro que Lorde Tywin Lannister é o pai da nossa graciosa rainha.

— Obrigado, Grande Mestre Pycelle — disse Ned. — Temo que pudéssemos esquecer-nos desse facto se não no-lo tivésseis feito notar.

De cima do trono, podia ver homens que se esgueiravam pela porta, no fundo do salão. Lebres que regressavam às tocas, supôs... ou ratazanas que partiam para morder o queijo da rainha. Viu de relance a Septã Mordane na galeria, com a filha Sansa a seu lado. Ned sentiu uma ira súbita; aquele não era lugar para uma rapariga. Mas a septã não poderia saber que a audiência de hoje seria diferente do habitual tédio de escutar petições, resolver disputas entre castros rivais e arbitrar a colocação de pedras de demarcação de terras.

Na mesa do conselho, em baixo, Petyr Baelish perdeu o interesse na sua pena e inclinou-se para a frente.

— Sor Marq, Sor Karyl, Sor Raymun... será que posso colocar-vos uma questão? Esses castros estavam sob a vossa protecção. Onde estáveis enquanto decorriam estes massacres e incêndios?

Sor Karyl Vance respondeu:

— Eu estava a prestar serviço ao senhor meu pai no passo sob o Dente Dourado, tal como Sor Marq. Quando a notícia destes ultrajes chegou a Sor Edmure Tully, ordenou que levássemos uma pequena força a fim de encontrar os sobreviventes que conseguíssemos e trazê-los até ao rei.

Sor Raymun Darry interveio.

— Sor Edmure tinha-me chamado a Correrrio com todos os meus homens. Estava acampado perto das suas muralhas, do outro lado do rio, à espera das suas ordens, quando a notícia me chegou. Quando consegui regressar às minhas terras, já Clegane e a sua ralé tinham atravessado o Ramo Vermelho, de regresso aos montes dos Lannister.

O Mindinho afagou pensativamente a ponta da barba.

— E se regressarem, sor?

— Se regressarem, usaremos o seu sangue para regar os campos que queimaram — declarou acaloradamente Sor Marq Piper.

— Sor Edmure enviou homens para todas as aldeias e castros a um dia de viagem da fronteira — explicou Sor Karyl. — Para o próximo atacante, as coisas já não serão assim tão fáceis.

E isso pode ser precisamente o que Lorde Tywin quer, pensou Ned para si próprio, *para reduzir a força de Correrrio, levando o rapaz a espalhar as suas armas*. O irmão da sua esposa era jovem, e mais galante do que sábio. Tentaria guardar cada polegada do seu solo, defender todos os homens, mulheres e crianças que lhe chamavam senhor, e Tywin Lannister era suficientemente astuto para o saber.

— Se os vossos campos e castros estão a salvo — estava a dizer o Lorde Petyr —, que quereis então da coroa?

— Os senhores do Tridente mantêm a paz do rei — disse Sor Raymun Darry. — Os Lannister quebraram-na. Pedimos licença para lhes responder, aço contra aço. Pedimos justiça para o povo de Sherrer, Vila Véneda e Vau do Saltimbanco.

— Edmure concorda que devemos pagar a Gregor Clegane na sua sangrenta moeda — declarou Sor Marq — mas o velho Lorde Hoster ordenou-nos que viajássemos até aqui para pedir licença ao rei antes de atacar.

Então, graças aos deuses pelo velho Lorde Hoster. Tywin Lannister era tanto raposa como leão. Se tinha de facto enviado Sor Gregor para incendiar e pilhar — e Ned não duvidava que o tivesse feito —, tivera o cuidado de garantir que Clegane avançasse a coberto da noite, sem estandartes, sob o disfarce de um salteador comum. Se Correrrio respondesse ao ataque, Cersei e o pai insistiriam em que tinham sido os Tully e não os Lannister a quebrar a paz do rei. Só os deuses sabiam em que acreditaria Robert.

O Grande Mestre Pycelle estava de novo em pé.

— Senhor Mão, se esta boa gente acredita que Sor Gregor esqueceu os seus votos sagrados para se dedicar ao saque e à violação, que vão queixar-se ao seu suserano. Estes crimes não dizem respeito à coroa. Que procurem a justiça de Lorde Tywin.

— Tudo é a justiça do rei — disse-lhe Ned. — No norte, no sul, no oeste e no leste, tudo o que fazemos, fazemos em nome de Robert.

— A justiça do *rei* — disse o Grande Mestre Pycelle. — É bem verdade, e por isso devíamos adiar este assunto até que o rei...

— O rei está a caçar para lá do rio e pode só regressar daqui a dias — disse Lorde Eddard. — Robert pediu-me que me sentasse aqui no seu lugar, para ouvir com os seus ouvidos e falar com a sua voz. Tenciono fazer isso mesmo... embora concorde que ele deva ser informado. — Viu um rosto familiar sob as tapeçarias. — Sor Robar.

Sor Robar Royce avançou e fez uma vénia.

— Senhor.

— O vosso pai está a caçar com o rei — disse Ned. — Podereis fazer-lhes chegar a notícia do que foi aqui dito e feito hoje?

— Imediatamente, senhor.

— Temos então a vossa licença para exercer vingança contra Sor Gregor? — perguntou Marq Piper à coroa.

— Vingança? — disse Ned. — Pensava que estávamos a falar de justiça. Queimar os campos de Clegane e matar a sua gente não restaurará a paz do rei, restaurará apenas o vosso orgulho ferido. — Afastou o olhar antes que o jovem cavaleiro pudesse dar voz ao seu ultrajado protesto e dirigiu-se aos aldeãos. — Povo de Sherrer, não vos posso devolver as casas e colheitas nem sou capaz de trazer os vossos mortos de volta à vida. Mas talvez vos possa conceder um pouco de justiça, em nome do nosso rei, Robert.

Todos os olhos no salão estavam postos nele, à espera. Lentamente, Ned lutou por se pôr em pé, erguendo-se do trono à força de braços, com a perna partida a gritar dentro do gesso. Fez o que pôde para ignorar a dor; não era o momento de deixar que vissem a sua fraqueza.

— Os Primeiros Homens acreditavam que o juiz que clamasse pela morte devia manejar a espada, e no Norte ainda mantemos esse costume. Não me agrada enviar outro para matar em meu nome... mas parece que não tenho escolha. — Indicou com um gesto a perna partida.

— *Lorde Eddard!* — O grito veio da ala leste do salão quando um bonito adolescente avançou ousadamente a passos largos. Sem a sua armadura, Sor Loras Tyrell ainda parecia ter menos do que os seus dezasseis anos. Trajava de seda azul-clara, e o cinto era uma corrente de rosas douradas, o símbolo da

sua Casa. — Suplico a honra de agir no vosso lugar. Atribuí-me esta tarefa, senhor, e juro que não vos deixarei ficar mal.

O Mindinho soltou um risinho.

— Sor Loras, se vos enviarmos sozinho, Sor Gregor mandar-nos-á de volta a vossa cabeça com uma pluma enfiada nessa linda boca. A Montanha não é do género de dobrar o pescoço perante a justiça de qualquer homem.

— Não temo Gregor Clegane — disse Sor Loras altivamente.

Ned deixou-se lentamente cair sobre o duro assento de ferro do deformado trono de Aegon. Os seus olhos procuraram entre os rostos junto à parede.

— Lorde Beric — chamou —, Thoros de Myr. Sor Gladden. Lorde Lothar. — Os homens nomeados avançaram um por um. — Cada um de vós deverá reunir vinte homens para levar as minhas ordens à fortaleza de Gregor. Vinte dos meus guardas irão convosco. Lorde Beric Dondarrion, vós tereis o comando, como é próprio da vossa posição.

O jovem senhor com cabelo ruivo aloirado fez uma vénia.

— Às vossas ordens, Lorde Eddard.

Ned ergueu a voz, para que fosse levada até à extremidade mais distante da sala do trono.

— Em nome de Robert, o Primeiro do seu Nome, Rei dos Ándalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protector do Território, pela voz de Eddard da Casa Stark, sua Mão, encarrego-vos de vos dirigirdes a toda a pressa às terras do Ocidente, de atravessardes o Ramo Vermelho do Tridente sob a bandeira do rei e de aí levardes a justiça do rei ao falso cavaleiro Gregor Clegane e a todos os que partilharam os seus crimes. Denuncio-o, acuso-o e despojo-o da sua posição e títulos, de todas as terras, rendimentos e domínios, e sentencio-o à morte. Que os deuses se apiedem da sua alma.

Quando o eco das suas palavras se extinguiu, o Cavaleiro das Flores pareceu perplexo.

— Lorde Eddard, e eu?

Ned olhou-o. Da sua posição elevada, Loras Tyrell parecia quase tão novo como Robb.

— Ninguém duvida do vosso valor, Sor Loras, mas o nosso assunto aqui é a justiça e o que vós buscais é a vingança. — Voltou a olhar para Lorde Beric. — Parti à primeira luz. Estas coisas são mais bem tratadas depressa. — Ergueu uma mão. — A coroa não ouvirá mais petições hoje.

Alyn e Porthor treparam os íngremes degraus de ferro para o ajudar a descer. Enquanto desciam, conseguia sentir o carrancudo olhar de Loras Tyrell, mas quando chegou ao chão da sala do trono, o rapaz já se afastara a

passos largos.

Na base do Trono de Ferro, Varys recolhia papéis da mesa do conselho. O Mindinho e o grande Mestre Pycelle já se tinham retirado.

— Sois um homem mais corajoso do que eu, senhor — disse suavemente o eunuco.

— Porquê, Lorde Varys? — perguntou bruscamente Ned. Sentia a perna a latejar e não estava na disposição para jogos de palavras.

— Se fosse eu a estar ali em cima, teria enviado o Sor Loras. Ele queria *tanto* ir... e um homem que tem os Lannister como inimigos faria bem em fazer dos Tyrell seus amigos.

— Sor Loras é jovem — disse Ned. — Atrevo-me a dizer que ele ultrapassará o desapontamento.

— E Sor Ilyn? — O eunuco afagou uma bochecha rechonchuda e empoadada. — Afinal de contas, ele é o Magistrado do Rei. Enviar outros homens para desempenhar o seu trabalho... alguns poderiam interpretá-lo como um grave insulto.

— Não houve qualquer intenção de lhe faltar ao respeito. — Na verdade, Ned não confiava no cavaleiro mudo, embora esse facto talvez se devesse apenas ao seu desagrado por carrascos. — Recordo-vos que os Payne são vassalos da Casa Lannister. Julguei ser melhor escolher homens que não devessem lealdade a Lorde Tywin.

— Muito prudente, sem dúvida — disse Varys. — Mesmo assim, vi, por um acaso, Sor Ilyn ao fundo do salão, a olhar-nos com aqueles seus olhos claros e devo dizer que não parecia contente, embora seja bem verdade que é difícil ter a certeza com o nosso silencioso cavaleiro. Espero que também ele ultrapasse o desapontamento. Ele *ama* tanto o seu trabalho...

— **E**le não quis enviar Sor Loras — disse Sansa a Jeyne Poole naquela noite, enquanto partilhavam um jantar frio à luz das candeias. — Acho que foi por causa da perna.

Lorde Eddard tinha tomado o jantar no quarto, com Alyn, Harwin e Vayon Poole, a fim de melhor repousar a perna partida, e a Septã Mordane queixara-se de ter os pés doridos depois de ficar o dia inteiro em pé na galeria. Era suposto que Arya se lhes juntasse, mas o seu regresso da aula de dança estava atrasado.

— A perna? — disse Jeyne em tom incerto. Era uma rapariga bonita, de cabelo escuro e tinha a mesma idade de Sansa. — Sor Loras magoou a perna?

— Não é a perna *dele* — disse Sansa, mordiscando delicadamente uma perna de galinha. — É a perna do *pai*, tontinha. Dói-lhe tanto que o faz praguejar. Se não fosse isso, tenho a certeza de que teria enviado Sor Loras.

A decisão do pai ainda a confundia. Quando o Cavaleiro das Flores falara, tivera a certeza de que estava prestes a ver as histórias da Velha Ama tomar vida. Sor Gregor era o monstro e Sor Loras o herói leal que o iria matar. Ele até *parecia* um herói leal, tão magro e belo, com rosas douradas em volta do peito esguio e o rico cabelo castanho a cair-lhe sobre os olhos. E então o pai *rejeitara-o!* Aquilo perturbara-a imensamente. Dissera isso mesmo à Septã Mordane enquanto desciam as escadas da galeria, mas a septã respondera-lhe apenas que não lhe competia questionar as decisões do senhor seu pai.

Fora então que Lorde Baelish dissera:

— Oh, não sei, Septã. Algumas das decisões do senhor seu pai podiam bem ser um pouco questionadas. A jovem senhora é tão sábia como adorável. — Fez uma elaborada vénia a Sansa, tão profunda que ela ficou na dúvida sobre se estaria a ser cumprimentada ou escarnecida.

A Septã Mordane ficara *muito* perturbada ao dar-se conta de que o Lorde Baelish as ouvira.

— A rapariga estava apenas a falar, senhor — dissera. — Tagarelice sem importância. Ela não quis dizer nada com o comentário.

O Lorde Baelish afagara a sua pequena barba pontiaguda e dissera:

— Nada? Diz-me, filha, porque querias enviar o Sor Loras?

Sansa não vira alternativa a falar-lhe de heróis e monstros. O conselheiro do rei sorria.

— Bem, não seriam essas as razões que eu daria, mas... — Tocara-lhe o rosto, fazendo o polegar percorrer com suavidade a linha de um malar. — A

vida não é uma canção, querida. Poderás aprender isso um dia, para tua mágoa.

Mas não apetecia a Sansa contar tudo aquilo a Jeyne; só de pensar na conversa, sentia-se desconfortável.

— O Magistrado do Rei é Sor Ilyn, não Sor Loras — disse Jeyne. — O Lorde Eddard devia tê-lo enviado.

Sansa estremeceu. De todas as vezes que olhava para Sor Ilyn Payne, estremezia. O homem fazia-a sentir como se alguma coisa morta lhe rastejasse sobre a pele nua.

— O Sor Ilyn é quase como um *segundo* monstro. Estou feliz que o pai não o tenha escolhido.

— O Lorde Beric é tão herói como Sor Loras. É tão bravo e galante.

— Suponho que sim — disse Sansa em tom de dúvida. Beric Dondarrion era suficientemente bem-parecido, mas era terrivelmente *velho*, quase com vinte e dois anos; o Cavaleiro das Flores teria sido muito melhor. Claro, Jeyne estava enamorada de Lorde Beric desde o momento em que o vislumbrou na liça. Pensava que a amiga estava a ser tola; afinal de contas, Jeyne era apenas filha de um intendente, e por mais que suspirasse por ele, Lorde Beric nunca repararia em alguém tão abaixo dele, mesmo se não tivesse metade da sua idade.

Mas teria sido indelicado dizê-lo, e Sansa sorveu um pouco de leite e mudou de assunto.

— Tive um sonho em que era Joffrey a ganhar o veado branco — disse. Na verdade, fora mais um desejo, mas soava melhor chamar-lhe sonho. Todos sabiam que os sonhos eram proféticos. Era suposto que os veados brancos fossem muito raros e mágicos, e ela sabia, no coração, que o seu galante príncipe era mais digno do que o bêbado do pai.

— Um sonho? De verdade? E o Príncipe Joffrey, foi ter com o animal, tocou-o com a mão nua e não lhe fez nenhum mal?

— Não — disse Sansa. — Abateu-o com uma seta dourada e trouxe-o de volta para mim. — Nas canções, os cavaleiros nunca matavam os animais mágicos, limitavam-se a ir ter com eles, a tocar-lhes e a não lhes fazer nenhum mal, mas ela sabia que Joffrey gostava de caçar, e especialmente da parte da matança. Mas só animais. Sansa tinha a certeza de que o seu príncipe não tivera nenhum papel no assassinio de Jory e dos outros pobres homens; quem fizera isso fora o seu tio malvado, o Regicida. Sansa sabia que o pai ainda estava zangado com aquilo, mas não era justo culpar Joff. Seria como culpá-la a ela de algo que Arya tivesse feito.

— Esta tarde vi a tua irmã — proferiu Jeyne, como se tivesse estado a ler os pensamentos de Sansa. — Estava a caminhar pelos estábulos de pernas

para o ar. Porque haveria de fazer uma coisa dessas?

— Tenho a certeza de não saber por que motivo Arya faz seja o que for. — Sansa detestava estábulos, lugares malcheirosos cheios de estrume e de moscas. Mesmo quando ia montar, gostava que o rapaz selasse o cavalo e lho trouxesse até ao pátio. — Queres que te conte a audiência ou não?

— Quero — disse Jeyne.

— Estava lá um irmão negro — disse Sansa — em busca de homens para a Muralha, só que era mais ou menos velho e malcheiroso. — Não gostara nada daquilo. Sempre imaginara que a Patrulha da Noite era composta por homens como o Tio Benjen. Nas canções, eram chamados os cavaleiros negros da Muralha. Mas aquele homem era corcovado e hediondo, e pelo aspecto podia bem ter piolhos. Se a verdadeira Patrulha da Noite era assim, sentia pena do meio-irmão bastardo, Jon. — O pai perguntou se havia cavaleiros no salão que quisessem honrar as suas casas vestindo o negro, mas ninguém se apresentou, e ele disse a este homem, Yoren, que fizesse a sua escolha nas masmorras do rei e mandou-o embora. E mais tarde, houve dois irmãos que vieram perante ele, cavaleiros livres vindos da Marca de Dorne, que colocaram as suas espadas ao serviço do rei. O pai aceitou-lhes os votos...

Jeyne bocejou.

— Haverá bolos de limão?

Sansa não gostava de ser interrompida, mas tinha de admitir que bolos de limão soavam mais interessantes do que a maior parte do que se tinha passado na sala do trono.

— Vamos ver — disse.

A cozinha não forneceu bolos de limão, mas encontraram metade de uma tarte fria de morangos, e isso era quase igualmente bom. Comeram-na nos degraus da torre, entre risinhos, mexericos e segredos partilhados, e naquela noite, Sansa foi para a cama a sentir-se quase tão malvada como Arya.

Na manhã seguinte, acordou antes da primeira luz e deslizou, ensonada, até à janela, a fim de observar Lorde Beric que punha os homens em formação. Partiram quando a aurora raiava sobre a cidade, com três estandartes à cabeça da coluna; o veado coroadado do rei esvoaçava no poste maior, e o lobo gigante dos Stark e o estandarte do relâmpago bifurcado de Lorde Beric de postes mais curtos. Tudo aquilo era excitante, uma canção trazida à vida; o tinir das espadas, o tremeluzir dos archotes, estandartes a dançar ao vento, cavalos a resfolegar e a relinchar, o brilho dourado da alvorada a obliquar através das barras da porta levadiça, quando foi puxada para cima. Os homens de Winterfell tinham especialmente bom aspecto, com as suas cotas de malha prateadas e longos mantos cinzentos.

Alyn transportava o estandarte dos Stark. Quando o viu puxar as rédeas ao lado de Lorde Beric para trocar algumas palavras com ele, Sansa sentiu um grande orgulho. Alyn era mais bonito do que Jory fora; um dia seria um cavaleiro.

A Torre da Mão parecia tão vazia depois de os homens terem partido, que Sansa até ficou contente por ver Arya quando desceu para quebrar o jejum.

— Onde está toda a gente? — quis saber a irmã enquanto arrancava a casca de uma laranja de sangue. — O Pai mandou-os em perseguição de Jaime Lannister?

Sansa suspirou.

— Partiram com Lorde Beric para decapitar Sor Gregor Clegane. — Virou-se para a Septã Mordane, que estava a comer papas de aveia com uma colher de madeira. — Septã, o Lorde Beric vai espetar a cabeça de Sor Gregor no portão dele, ou vai trazê-la para cá, para a dar ao rei? — Ela e Jeyne Poole tinham discutido sobre aquilo na noite anterior.

A septã ficou horrorizada.

— Uma senhora não discute essas coisas à mesa. Onde está a vossa educação, Sansa? Juro, nos últimos tempos tendes sido quase tão má como a vossa irmã.

— Que fez o Gregor? — perguntou Arya.

— Queimou um castro e assassinou uma porção de pessoas, com mulheres e crianças também.

Arya enrolou o rosto numa carranca.

— Jaime Lannister assassinou Jory, Heward e Wyl, e o Cão de Caça assassinou o Mycah. Alguém os devia ter decapitado a *eles*.

— Não é a mesma coisa — disse Sansa. — O Cão de Caça é por juramento o escudo de Joffrey. O teu filho de carniceiro atacou o príncipe.

— Mentirosa — disse Arya. A sua mão agarrou a laranja de sangue com tanta força que sumo vermelho ressumou entre os seus dedos.

— Força, chama-me os nomes que quiseses — disse Sansa em tom alegre. — Quando eu estiver casada com o Joffrey, não te atreverás. Terás de fazer-me vénias e chamar-me Vossa Graça. — Soltou um guincho quando Arya lhe arremessou a laranja. O fruto atingiu-a no meio da testa com um salpico molhado, e tombou-lhe no regaço.

— Tendes sumo na cara, Vossa Graça — disse Arya.

O sumo escorria-lhe pelo nariz e fazia-lhe arder os olhos. Sansa limpou-o com um guardanapo. Quando viu o que o fruto no regaço tinha feito ao seu belo vestido de seda cor de marfim, soltou outro guincho.

— És *horrível* — gritou à irmã. — Deviam ter-te morto a *ti* em vez da Lady!

A Septã Mordane pôs-se subitamente em pé.

— O senhor vosso pai ouvirá falar disto! Ide imediatamente para os vossos aposentos. *Imediatamente!*

— Eu também? — Lágrimas jorraram dos olhos de Sansa. — Não é justo.

— Não haverá discussão. Ide!

Sansa foi-se embora a passos largos, de cabeça levantada. Ia ser uma rainha, e as rainhas não choram. Pelo menos onde as pessoas vissem. Quando chegou ao quarto, trancou a porta e despiu o vestido. A laranja de sangue deixara uma grande nódoa vermelha na seda.

— Odeio-a! — gritou. Amarfanhou o vestido numa bola e atirou-o para a lareira fria, para cima das cinzas do fogo da noite anterior. Quando viu que a mancha tinha escorrido para a saia de baixo, não conseguiu resistir e começou a soluçar. Arrancou furiosamente o resto da roupa, atirou-se para cima da cama e chorou até deixar-se dormir.

Era meio-dia quando a Septã Mordane lhe bateu à porta.

— Sansa. O senhor vosso pai receber-vos-á agora.

Sansa sentou-se.

— Lady — sussurrou. Por um momento, foi como se o lobo selvagem estivesse ali no quarto, olhando-a com os seus olhos dourados, tristes e sábios. Compreendeu que tinha sonhado. Lady estava com ela, e corriam juntas, e... e... tentar recordar era como tentar apanhar chuva com os dedos. O sonho desvaneceu-se, e Lady ficou de novo morta.

— Sansa. — A pancada voltou, sonora. — Estais a ouvir-me?

— Sim, Septã — gritou. — Posso, por favor, ter um momento para me vestir? — Tinha os olhos vermelhos de chorar, mas fez tudo o que pôde para se pôr bonita.

O Lorde Eddard estava inclinado sobre um enorme livro com capa de couro quando a Septã Mordane a introduziu no aposento privado, com a perna envolta em gesso rígida sob a mesa.

— Vem cá, Sansa — disse ele, num tom que não era desprovido de delicadeza, depois de a septã partir para ir buscar a irmã. — Senta-te a meu lado. — Fechou o livro.

A Septã Mordane regressou com Arya, que se debatia nas suas mãos. Sansa envergara um belo vestido verde-claro de damasco e um ar de remorso, mas a irmã ainda trajava as maltrapilhas roupas de couro e ráfia que vestia ao pequeno-almoço.

— Aqui está a outra — anunciou a septã.

— Agradeço-vos, Septã Mordane. Gostaria de falar com as minhas filhas a sós, com a vossa licença. — A septã fez uma vénia e saiu.

— Foi a Arya a começar — disse rapidamente Sansa, ansiosa por ter a

primeira palavra. — Chamou-me mentirosa e atirou-me uma laranja, e estragou-me o vestido, o de seda cor de marfim, aquele que a Rainha Cersei me deu quando fui prometida ao Príncipe Joffrey. Ela detesta que eu vá casar com o príncipe. Ela procura estragar *tudo*, pai, não suporta que nada seja belo, ou amável, ou esplêndido.

— *Basta*, Sansa. — A voz de Lorde Eddard estava carregada de impaciência.

Arya ergueu os olhos.

— Lamento, pai. Eu estava errada e peço o perdão da minha querida irmã.

Sansa ficou tão surpreendida que por um momento perdeu a fala. Por fim, recuperou a voz.

— Então e o meu vestido?

— Talvez... eu possa lavá-lo — disse Arya em tom de dúvida.

— Lavá-lo não resolve nada — disse Sansa. — Nem que o esfregasses dia e noite. A seda está *arruinada*.

— Então eu... faço-te um novo — disse Arya.

Sansa atirou a cabeça para trás com desdém.

— Tu? Nem serias capaz de coser um vestido bom para limpar os chiqueiros.

O pai suspirou.

— Não vos chamei aqui para falar de vestidos. Vou enviar-vos a ambas de volta para Winterfell.

Pela segunda vez, Sansa ficou demasiado surpreendida para falar. Sentiu que os olhos se lhe humedeciam de novo.

— Não *podeis* — disse Arya.

— Por favor, pai — conseguiu Sansa dizer por fim. — Não, por favor.

Eddard Stark concedeu às filhas um sorriso cansado.

— Finalmente encontrámos alguma coisa em que estão de acordo.

— Eu não fiz nada de mal — argumentou Sansa. — Não quero regressar. — Adorava Porto Real; o aparato da corte, os grandes senhores e senhoras com os seus veludos, sedas e pedras preciosas, a grande cidade com toda a sua gente. O torneio constituía o período mais mágico de toda a sua vida, e havia tantas coisas que ainda não vira, festas das colheitas, bailes de máscaras e espectáculos de pantomima. Não aguentava a ideia de perder tudo aquilo. — Mandai a Arya embora, foi ela a começar, pai, juro. Eu serei boa, vereis, deixai-me ficar e prometo ser tão agradável, nobre e cortês como a rainha.

A boca do pai retorceu-se de um modo estranho.

— Sansa, não vos estou a mandar embora por causa das lutas, embora os deuses bem saibam como estou farto das vossas disputas. Quero-vos de volta

a Winterfell para a vossa segurança. Três dos meus homens foram abatidos como cães a menos de uma légua de onde estamos, e que faz Robert? Vai à caça.

Arya mordiscava o lábio daquela sua maneira nojenta.

— Podemos levar o Syrio de volta connosco?

— Quem se importa com o teu estúpido *mestre de dança*? — disparou Sansa. — Pai, acabei de me lembrar, eu *não posso* ir-me embora, vou casar com o Príncipe Joffrey. — Tentou sorrir com bravura por ele. — Eu amo-o, pai, amo-o mesmo, mesmo, amo-o tanto como a Rainha Naerys amou o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, tanto como Jonquil amou o Sor Florian. Quero ser a sua rainha e ter os seus bebés.

— Querida — disse o pai gentilmente —, escuta-me. Quando tiveres idade, arranjar-te-ei casamento com algum grande senhor que seja digno de ti, alguém que seja corajoso, gentil e forte. Esta promessa ao Joffrey foi um erro terrível. Aquele rapaz não é nenhum Príncipe Aemon, acredita no que digo.

— É *sim*! — insistiu Sansa. — Não quero alguém corajoso e gentil, quero-o a *ele*. Seremos tão felizes, mesmo como nas canções, vereis. Dar-lhe-ei um filho com cabelo dourado, e ele um dia será o rei de todo o reino, o maior rei que já existiu, bravo como o lobo e orgulhoso como o leão.

Arya fez uma careta.

— Só se Joffrey não for o pai — disse. — Joffrey é um mentiroso e um cobarde, e de qualquer forma é um veado, não um leão.

Sansa sentiu lágrimas nos olhos.

— Não é *nada*! Não é nem um bocadinho como aquele velho rei bêbado — gritou para a irmã, perdida no seu desgosto.

O pai olhou-a com uma expressão estranha.

— Deuses — praguejou em voz baixa — e da boca das crianças... — Gritou pela Septã Mordane. Às raparigas disse: — Estou à procura de uma galé mercante que seja rápida para vos levar para casa. Nos dias que correm, o mar é mais seguro do que a Estrada do Rei. Partirão assim que eu encontre um navio adequado, com a Septã Mordane e uma guarnição de guardas... e sim, com Syrio Forel, se ele concordar em entrar ao meu serviço. Mas não digam nada sobre isto. É melhor que ninguém saiba dos nossos planos. Amanhã voltaremos a conversar.

Sansa chorou enquanto a Septã Mordane as levava pelas escadas. Iam tirar-lhe tudo; os torneios, a corte e o seu príncipe, tudo, iam enviá-la de volta para os gelados muros cinzentos de Winterfell e trancá-la para sempre. A sua vida tinha terminado antes mesmo de começar.

— Parai com esse choro, menina — disse severamente a Septã Mordane. — Tenho a certeza de que o senhor vosso pai sabe o que é melhor para vós.

— Não vai ser assim tão mau, Sansa — disse Arya. — Vamos viajar numa galé. Será uma aventura, e depois estaremos outra vez com Bran e Robb, e a Velha Ama, o Hodor e os outros. — Tocou-lhe no braço.

— *Hodor!* — berrou Sansa. — Devias casar com o Hodor, és mesmo como ele, estúpida, peluda e feia! — Escapuliu-se da mão da irmã, entrou a correr no quarto e trancou a porta atrás de si.

— **A** dor é um presente dos deuses, Lorde Eddard — disse o grande Mestre Pycelle. — Significa que o osso está a cicatrizar, a carne a sarar. Deveis sentir-vos grato.

— Ficarei grato quando a perna deixar de latejar.

Pycelle depositou um frasco rolhado na mesa junto à cama.

— O leite da papoila, para quando a dor ficar muito pesada.

— Já durmo demasiado.

— O sono é o grande curandeiro.

— Tinha esperança que esse fôsseis vós.

Pycelle fez um sorriso triste.

— É bom ver-vos com um humor tão vigoroso, senhor. — Inclinou-se para mais perto e baixou a voz. — Chegou um corvo hoje de manhã, uma carta para a rainha do senhor seu pai. Pensei que devíeis saber.

— Asas escuras, palavras escuras — disse Ned em tom sombrio. — Que tem a mensagem?

— O Lorde Tywin está muito irado com os homens que enviastes contra Sor Gregor Clegane — confidenciou o Mestre. — Temi que o ficasse. Lembrar-vos-eis que disse isso mesmo no conselho.

— Deixai-o irar-se — disse Ned. De cada vez que a perna latejava, lembrava-se do sorriso de Jaime Lannister, e de Jory morto nos seus braços. — Que escreva todas as cartas que quiser à rainha. O Lorde Beric avança sob o estandarte do rei. Se o Lorde Tywin tentar interferir com a justiça do rei, terá de responder perante Robert. A única coisa de que Sua Graça mais gosta do que de caçar é de mover guerra aos senhores que o desafiavam.

Pycelle afastou-se, com a corrente de mestre a chocalhar.

— Como quisedes. Visitar-vos-ei de novo amanhã. — O velho homem recolheu apressadamente as suas coisas e retirou-se. Ned tinha poucas dúvidas de que se dirigia directamente aos aposentos reais, para segredar à rainha. *Pensei que devíeis saber*, realmente... como se Cersei não o tivesse instruído para entregar as ameaças do pai. Esperava que a resposta fizesse ranger aqueles dentes perfeitos que ela tinha. Ned não estava, nem de perto, tão confiante como fingira estar, mas não havia motivo para que Cersei precisasse de o saber.

Depois de Pycelle sair, Ned mandou vir uma taça de vinho com mel. Aquilo também enevoava a mente, mas não tanto. Precisava de estar capaz de

pensar. Mil vezes perguntara a si próprio o que teria feito Jon Arryn se tivesse vivido o suficiente para actuar com base no que soubera. Ou talvez *tivesse* actuado, e tivesse morrido por isso.

Era estranho como por vezes os olhos inocentes de uma criança eram capazes de ver coisas a que os adultos eram cegos. Um dia, quando Sansa crescesse, teria de lhe contar como fizera com que tudo se tornasse claro. *Não é nem um bocadinho como aquele velho rei bêbado*, declarara, zangada e sem consciência do que dizia, e a simples verdade daquelas palavras retorcera-se dentro dele, fria como a morte. *Foi esta a espada que matou Jon Arryn*, pensara então Ned, *e matará também Robert, uma morte mais lenta mas não menos certa*. Pernas partidas podem sarar com o tempo, mas certas traições ulceram e envenenam a alma.

O Mindinho veio de visita uma hora depois de o Grande Mestre partir, vestido com um gibão cor de ameixa, com um tejo bordado no peito em negro e uma capa listrada de preto e branco.

— Não posso demorar-me, senhor — anunciou. — A Senhora Tanda espera-me para o almoço. Sem dúvida, assar-me-á uma vitela de engorda. Se a engorda se aproximar da filha dela, é provável que eu rebente e morra. E como vai a vossa perna?

— Inflamada e dolorosa, com uma comichão que me deixa louco.

O Mindinho ergueu uma sobancelha.

— De futuro, tentai evitar que os cavalos caiam em cima dela. Gostaria de vos instar a sarar rapidamente. O reino inquieta-se. Varys escutou murmúrios de mau agouro vindos do Ocidente. Cavaleiros livres e mercenários estão a afluir ao Rochedo Casterly, e não é pelo ténue prazer de conversar com Lorde Tywin.

— Há notícias do rei? — perguntou Ned. — Quanto tempo ainda tenciona Robert continuar a caçar?

— Dadas as suas preferências, creio que gostaria de permanecer na floresta até que tanto vós como a rainha morram de velhice — respondeu o Lorde Petyr com um leve sorriso. — Não sendo isso possível, creio que regressará assim que tiver morto alguma coisa. Ao que parece, encontraram o veado branco... ou antes, o que restou dele. Uns lobos encontraram-no primeiro, e deixaram a Sua Graça pouco mais do que um casco e uma haste. Robert ficou furioso até ouvir falar de um javali monstruoso que vive mais no interior da floresta. De então em diante, nada estaria bem a não ser que ele o capturasse. O Príncipe Joffrey regressou hoje de manhã, com os Royce, Sor Balon Swann e uns vinte outros membros do grupo. Os restantes continuam com o rei.

— E o Cão de Caça? — perguntou Ned, franzindo a testa. De todo o grupo dos Lannister, era Sandor Clegane quem mais o preocupava, agora que Sor Jaime fugira da cidade para se ir juntar ao pai.

— Oh, regressou com Joffrey, e foi logo ter com a rainha. — O Mindinho sorriu. — Teria dado cem veados de prata para ser uma barata nas esteiras quando ele soube que Lorde Beric partiu para decapitar o irmão.

— Até um cego vê que o Cão de Caça detesta o irmão.

— Ah, mas Gregor é para *ele* detestar, não para vós matardes. Depois de Dondarrion desbastar o cume da nossa Montanha, as terras e rendimentos dos Clegane passarão para Sandor, mas não prenderia a respiração à espera de agradecimentos, daquele não. E agora, perdoai-me. A Senhora Tanda aguarda com as suas gordas vitelas.

A caminho da porta, Lorde Petyr pousou os olhos no maciço volume do Grande Mestre Malleon que estava sobre a mesa, e fez uma pausa para lhe abrir ociosamente a capa.

— *As Linhagens e Histórias das Grandes Casas dos Sete Reinos, Com Descrições de Muitos Grandes Senhores e Nobres Senhoras e de Seus Filhos* — leu. — Se alguma vez vi uma leitura entediante, aqui está ela. Uma poção para dormir, senhor?

Por um breve momento, Ned considerou a hipótese de lhe contar tudo, mas havia algo nas brincadeiras do Mindinho que o aborrecia. O homem era muito mais esperto do que devia, sempre com um sorriso de troça perto dos lábios.

— Jon Arryn estava a estudar este volume quando adoeceu — disse Ned em tom cauteloso, para ver como o outro responderia.

E o outro respondeu como respondia sempre: com um dito de espírito.

— Nesse caso — disse —, a morte deve ter chegado como um abençoado alívio. — O Lorde Petyr Baelish fez uma vénia e retirou-se.

Eddard Stark permitiu-se uma praga. Além dos seus próprios vassalos, não havia ninguém naquela cidade em quem confiasse. O Mindinho escondera Catelyn e ajudara Ned nas suas investigações, mas a pressa em salvar a própria pele quando Jaime saíra da chuva com os soldados ainda lhe irritava as feridas. Varys era pior. Com todas as suas declarações solenes de lealdade, o eunuco sabia demasiado e fazia muito pouco. O Grande Mestre Pycelle parecia-se mais com uma criatura de Cersei a cada dia que passava, e Sor Barristan era velho, e rígido. Diria a Ned para cumprir o seu dever.

O tempo era perigosamente curto. O rei devia regressar em breve da caçada, e a honra obrigava Ned a contar-lhe tudo o que soubesse. Vayon Poole organizara as coisas de modo a que Sansa e Arya embarcassem na *Bruxa dos*

Ventos, de Bravos, dali a três dias. Estariam de regresso a Winterfell antes das colheitas. Ned já não podia usar a preocupação com a segurança delas como desculpa para o atraso.

Mas na noite anterior sonhara com os filhos de Rhaegar. O Lorde Tywin depositara os corpos sob o Trono de Ferro, envolvidos nos mantos carmesim da sua guarda. Fora uma atitude inteligente; o sangue não se notava tanto no pano vermelho. A pequena princesa estava descalça, ainda vestida com a camisa de dormir, e o rapaz... o rapaz...

Ned não podia deixar que aquilo voltasse a acontecer. O reino não suportaria um segundo rei louco, outra dança de sangue e vingança. Tinha de encontrar algum modo de salvar as crianças.

Robert podia ser misericordioso. Sor Barristan estava longe de ser o único homem que perdoara. O Grande Mestre Pycelle, Varys, a Aranha, Lorde Balon Greyjoy; cada um deles contara-se um dia entre os inimigos de Robert, e todos foram bem-vindos à amizade e autorizados a manter as honrarias e os cargos em troca de um juramento de fidelidade. Desde que um homem fosse bravo e honesto, Robert tratá-lo-ia com toda a honra e o respeito devidos a um inimigo valente.

Isto era outra coisa: veneno no escuro, uma faca arremessada à alma. Isto nunca ele poderia perdoar, tal como não era capaz de perdoar a Rhaegar. *Matá-los-á a todos*, compreendeu Ned.

E no entanto, sabia que não podia manter-se em silêncio. Tinha um dever para com Robert, para com o reino, para com a sombra de Jon Arryn... e para com Bran, que sem dúvida devia ter tropeçado em alguma parte desta verdade. Que outro motivo teriam para tentar assassiná-lo?

Durante a tarde mandou chamar Tomard, o guarda corpulento de suíças ruivas a quem os filhos chamavam Gordo Tom. Com Jory morto e Alyn distante, o Gordo Tom tinha o comando da guarda da sua casa. A ideia encheu Ned com uma vaga inquietação. Tomard era um homem sólido; afável, leal, incansável, capaz a seu modo limitado, mas tinha quase cinquenta anos e nem mesmo na juventude fora enérgico. Talvez Ned não se devesse ter precipitado a enviar para longe metade dos seus guardas, e com todos os melhores espadachins entre eles.

— Vou precisar da tua ajuda — disse Ned quando Tomard apareceu, com o ar levemente apreensivo que punha sempre que era chamado à presença do seu senhor. — Leva-me ao bosque sagrado.

— Será sensato, Lorde Eddard? Com a vossa perna, e tudo?

— Talvez não. Mas é necessário.

Tomard chamou Varly. Com os braços em volta dos ombros dos dois homens, Ned conseguiu descer os íngremes degraus da torre e atravessar a

muralha a coxear.

— Quero a guarda duplicada — disse ao Gordo Tom. — Ninguém entra ou sai da Torre da Mão sem a minha autorização.

Tom pestanejou.

— S'nhor, com Alyn e os outros longe, já estamos sobrecarregados...

— Será só por pouco tempo. Aumenta os turnos.

— Como quisesdes, s'nhor — respondeu Tom. — Posso perguntar porquê...

— É melhor não — respondeu bruscamente Ned.

O bosque sagrado estava vazio, como sempre estava naquela cidadela dos deuses do sul. A perna de Ned gritava quando o depositaram na relva ao lado da árvore-coração.

— Obrigado. — Tirou um papel da manga, selado com o selo da sua Casa. — Tem a bondade de entregar isto imediatamente.

Tomard olhou para o nome que Ned escrevera no papel e lambeu ansiosamente os lábios.

— Senhor...

— Faz o que te peço, Tom — disse Ned.

Não saberia dizer quanto tempo esperou no sossego do bosque sagrado. Era um sítio pacífico. As espessas muralhas mantinham do lado de fora o clamor do castelo, e conseguia ouvir aves a cantar, o murmúrio dos grilos, o roçar das folhas sob um vento fraco. A árvore-coração era um carvalho, castanho e sem rosto, mas Ned Stark sentia na mesma a presença dos seus deuses. A perna não parecia doer-lhe tanto.

Ela veio ao pôr do Sol, quando as nuvens se avermelhavam sobre as muralhas e torres. Veio só, como ele lhe pedira. Por uma vez, estava vestida de forma simples, com botas de couro e verdes de caça. Quando puxou para trás o capuz da capa castanha, Ned viu a nódoa negra onde o rei lhe batera. A zangada cor de ameixa desvanecera-se até tomar um tom de amarelo, e o inchaço reduzira-se, mas não era possível confundir a marca com outra coisa qualquer.

— Porquê aqui? — perguntou Cersei Lannister, em pé, a seu lado.

— Para que os deuses possam ver.

Ela sentou-se a seu lado na erva. Cada um dos seus movimentos era gracioso. O seu cabelo louro encaracolado movia-se ao vento, e os olhos eram verdes como as folhas do Verão. Passara-se muito tempo desde que Ned Stark lhe vira a beleza, mas via-a agora.

— Conheço a verdade pela qual Jon Arryn morreu — disse-lhe.

— Ah sim? — A rainha observou-lhe o rosto, cuidadosa como um gato.

— Foi por isso que me chamastes aqui, Lorde Stark? Para me propor

adivinhas? Ou será vossa intenção raptar-me como a vossa esposa raptou o meu irmão?

— Se acreditásseis mesmo nisso, nunca teríeis vindo. — Ned tocou-lhe a face com gentileza. — Ele já tinha feito isto antes?

— Uma ou duas vezes. — Ela afastou-se da sua mão. — Nunca na cara. O Jaime tê-lo-ia morto, mesmo se isso lhe custasse a vida. — Cersei olhou-o em desafio. — O meu irmão vale cem vezes mais do que o vosso amigo.

— O vosso irmão? — disse Ned. — Ou o vosso amante?

— As duas coisas. — Ela não vacilou perante a verdade. — Desde crianças. E porque não? Os Targaryen casaram irmão com irmã ao longo de trezentos anos, para manter o sangue puro. E Jaime e eu somos mais que irmão e irmã. Somos uma pessoa em dois corpos. Partilhámos um ventre. O nosso velho mestre dizia que ele chegou ao mundo agarrado ao meu pé. Quando está em mim, sinto-me... completa. — O fantasma de um sorriso passou rapidamente sobre os seus lábios.

— O meu filho Bran...

Para seu crédito, Cersei não desviou o olhar.

— Ele viu-nos. Amais os vossos filhos, não é verdade?

Robert colocara-lhe a mesmíssima questão na manhã do corpo a corpo. Deu a Cersei a mesma resposta.

— De todo o coração.

— Não mais do que eu amo os meus.

Ned pensou: *Se chegasse a esse ponto, colocando a vida de uma criança que não conheço contra Robb, Sansa, Arya, Bran e Rickon, o que faria? Mais, que faria Catelyn, se fosse a vida de Jon contra os filhos do seu corpo? Não sabia. E rezava para nunca saber.*

— Todos os três são de Jaime — disse ele. Não era uma pergunta.

— Graças aos deuses.

A semente é forte, gritara Jon Arryn no seu leito de morte, e de facto era. Todos aqueles bastardos, todos com um cabelo negro como a noite. O Grande Mestre Malleon registou a última união entre veado e leão, há cerca de noventa anos, quando Tya Lannister casou com Gowen Baratheon, terceiro filho do detentor do título. A sua única descendência, um rapaz sem nome descrito no volume de Malleon como *um rapaz grande e vigoroso, nascido com a cabeça cheia de cabelo negro*, morrera na infância. Trinta anos antes, um Lannister tomara uma donzela Baratheon como esposa. Ela dera-lhe três filhas e um filho, todos com cabelo negro. Não importa o quanto Ned recuava nas quebradiças páginas amareladas, encontrava sempre o ouro a ceder perante o carvão.

— Uma dúzia de anos — disse Ned. — Como foi que não tivestes filhos do rei?

Ela ergueu a cabeça, em desafio.

— O vosso Robert deixou-me uma vez à espera de bebé — disse, com a voz espessa de desprezo. — O meu irmão encontrou uma mulher para me purificar. Ele nunca soube. Em boa verdade quase não suporto que me toque, e há anos que não o deixo entrar em mim. Conheço outras maneiras de lhe dar prazer, quando abandona as suas rameiras durante tempo suficiente para cambalear até ao meu quarto de dormir. Façamos o que fizermos, o rei está geralmente tão bêbado que na manhã seguinte já esqueceu tudo.

Como podiam ter sido todos tão cegos? A verdade estivera sempre ali na sua frente, escrita nos rostos das crianças. Ned sentiu-se enjoado.

— Lembro-me de Robert como era no dia em que ocupou o trono, cada centímetro dele um rei — disse em voz baixa. — Mil outras mulheres tê-lo-iam amado de todo o coração. Que vos fez para que o odiásseis tanto?

Os olhos dela ardiam, fogo verde na penumbra, como a leoa que era o seu símbolo.

— Na noite do nosso banquete de casamento, da primeira vez que partilhámos a cama, chamou-me pelo nome da vossa irmã. Estava em cima de mim, *dentro* de mim, fedendo a vinho, e sussurrou *Lyanna*.

Ned Stark pensou em rosas azuis-claras, e por um momento apeteceu-lhe chorar.

— Não sei de qual dos dois sinto mais pena.

A rainha pareceu divertida por aquilo.

— Guardai a vossa piedade para vós, Lorde Stark. Não quero nem um bocadinho dela.

— Sabeis o que devo fazer.

— O que *deveis*? — Cersei pousou a mão na sua perna boa, logo acima do joelho. — Um homem a sério faz o que quer, não o que deve. — Os dedos dela deslizaram levemente pela sua coxa, na mais suave das promessas. — O reino precisa de uma Mão forte. Joff não terá idade durante anos. Ninguém quer uma nova guerra, especialmente eu. — A mão dela tocou-lhe o rosto, o cabelo. — Se amigos se podem transformar em inimigos, inimigos podem tornar-se amigos. A vossa esposa está a mil léguas de distância, e o meu irmão fugiu. Sede bom para mim, Ned. Juro-vos, nunca vos arrependereis.

— Fizestes a mesma oferta a Jon Arryn?

Ela esbofeteou-o.

— Vou usar isto como um distintivo de honra — disse secamente Ned.

— *Honra* — cuspiu ela. — Como vos atreveis a fazer comigo o jogo do senhor honrado? Por quem me tomais? Também vós tendes um bastardo, eu

vi-o. Sempre gostava de saber quem era a mãe. Alguma camponesa de Dorne que violastes enquanto o seu castro ardia? Uma prostituta? Ou teria sido a irmã desgostosa, a Senhora Ashara? Dizem-me que se atirou ao mar. Porquê? Pelo irmão que assassinastes, ou pelo filho que roubastes? Dizei-me, meu *honrado* Lorde Eddard, em que medida sois diferente de Robert, de mim ou de Jaime?

— Para começar — disse Ned —, não mato crianças. Faríeis bem em escutar-me, senhora. Direi isto apenas uma vez. Quando o rei regressar da sua caçada, tenciono colocar a verdade perante ele. Nesse momento já deveis estar longe. Vós e os vossos filhos, os três, e não no Rochedo Casterly. Se fosse a vós, embarcaria para as Cidades Livres, ou até para mais longe, para as Ilhas do Verão ou o Porto de Ibben. Até tão longe quanto os ventos sopram.

— Exílio — disse ela. — Uma taça amarga de onde beber.

— Uma taça mais doce do que a que o vosso pai serviu aos filhos de Rhaegar — disse Ned —, e mais bondosa do que mereceis. O vosso pai e os vossos irmãos fariam bem em ir convosco. O ouro de Lorde Tywin comprar-vos-á conforto e contratará soldados para vos manter em segurança. Ireis precisar deles. Garanto-vos, não importa para onde fujais, a ira de Robert seguir-vos-á, até ao fim do mundo se necessário.

A rainha ergueu-se.

— E a minha ira, Lorde Stark? — perguntou num tom suave. Os olhos dela esquadriharam o rosto dele. — Devíeis ter ficado vós com o reino. Estava livre para quem o tomasse. Jaime contou-me como o encontrastes no Trono de Ferro no dia em que Porto Real caiu, e o obrigastes a cedê-lo. Esse foi o vosso momento. Tudo o que tínheis de fazer era subir aqueles degraus e sentar-vos. Um erro tão triste.

— Cometi mais erros do que podeis imaginar — disse Ned — mas esse não foi um deles.

— Oh, mas foi, senhor — insistiu Cersei. — Quando jogais o jogo dos tronos, ou ganhais ou morreis. Não existe meio termo.

Ergueu o capuz para esconder a sua cara inchada e deixou-o ali, na escuridão, sob o carvalho, no sossego do bosque sagrado, sob um céu quase negro. As estrelas começavam a surgir.

O coração fumegava no ar frio da noite quando Khal Drogo o depositou à sua frente, cru e sangrento. Os braços dele estavam vermelhos até ao cotovelo. Atrás, os companheiros de sangue ajoelhavam ao lado do cadáver do garanhão selvagem, com facas de pedra nas mãos. O sangue do garanhão parecia negro sob o oscilante clarão laranja dos archotes que rodeavam as altas paredes de cré do recinto.

Dany tocou o suave inchaço da barriga. Tinha a pele coberta de gotículas de suor, que lhe escorriam pela testa. Podia sentir as velhas que a observavam, as antigas feiticeiras de Vaes Dothrak, com olhos que brilhavam, escuros como sílex polido, nos rostos enrugados. Não devia vacilar nem parecer assustada. *Sou do sangue do dragão*, disse a si própria quando tomou o coração do garanhão em ambas as mãos, o levou à boca e mergulhou os dentes na carne dura e fibrosa.

Sangue quente encheu-lhe a boca e escorreu-lhe pelo queixo. O sabor ameaçou nauseá-la, mas obrigou-se a mastigar e a engolir. O coração de um garanhão tornaria o seu filho forte, lesto e destemido, ou pelo menos era isso que os dothraki pensavam, mas só se a mãe conseguisse comê-lo todo. Se se engasgasse com o sangue ou vomitasse a carne, os presságios eram menos favoráveis; a criança podia nascer morta, ou, se sobrevivesse, podia vir fraca, deformada ou mulher.

As aias tinham-na ajudado a preparar-se para a cerimónia. Apesar do seu estômago fraco de mãe que a afligira ao longo das últimas duas luas, Dany jantara tigelas de sangue meio coagulado para se habituar ao sabor, e Irri fizera-a mastigar bocados de carne seca de cavalo até lhe deixar os maxilares a doer. Antes da cerimónia, jejuara durante um dia e uma noite, na esperança de que a fome a ajudasse a manter no estômago a carne crua.

O coração do garanhão selvagem era puro músculo, e Dany tinha de o dilacerar com os dentes e de mastigar cada bocado durante muito tempo. Nenhum aço era permitido dentro das sagradas fronteiras de Vaes Dothrak, sob a sombra da Mãe das Montanhas; tinha de rasgar o coração com os dentes e as unhas. O seu estômago irritava-se e palpitava, mas ela insistiu, de rosto manchado com o sangue que por vezes parecia explodir contra os seus lábios.

Khal Drogo estava em pé a seu lado enquanto ela comia, com o rosto duro como um escudo de bronze. A sua longa trança negra brilhava de óleo. Usava anéis de ouro no bigode, campainhas de ouro na trança e um pesado cinto de medalhões de puro ouro em torno da cintura, mas o tronco estava nu.

Dany olhava-o sempre que sentia que as forças lhe faltavam; olhava-o, e mastigava e engolia, mastigava e engolia, mastigava e engolia. Para o fim, julgou vislumbrar um orgulho feroz nos seus olhos escuros e amendoados, mas não podia ter a certeza. Não era frequente que o rosto do *khal* traísse os pensamentos interiores.

E por fim, ficou feito. Sentia o rosto e os dedos pegajosos enquanto forçava os últimos bocados para baixo. Só então voltou a olhar as velhas mulheres, as feiticeiras do *dosh khaleen*.

— *Khalakka dothrae mr'anha!* — proclamou no seu melhor dothraki. *Um príncipe cavalga dentro de mim!* Treinara a frase durante dias com a aia Jhiqui.

A mais velha das feiticeiras, uma mulher que mais parecia um pau dobrado e engelhado com um único olho negro, ergueu bem alto os braços.

— *Khalakka dothrae!* — guinchou. *O príncipe cavalga!*

— *Ele cavalga!* — responderam as outras mulheres. — *Rakh! Rakh! Rakh haj!* — proclamaram. *Um rapaz, um rapaz, um forte rapaz.*

Soaram sinos, um súbito clangor de aves de bronze. Uma trombeta de guerra de som profundo ressoou com a sua longa nota grave. As velhas iniciaram um cântico. Sob as vestes de couro pintado, as suas tetas murchas balançaram dum lado para o outro, brilhantes de óleo e suor. Os eunucos que as serviam atiraram feixes de erva seca para um grande braseiro de bronze, e nuvens de fumo odorífero ergueram-se na direcção da Lua e das estrelas. Os dothraki acreditavam que as estrelas eram cavalos feitos de fogo, uma grande manada que galopava pelo céu durante a noite.

Enquanto o fumo subia, o cântico morreu e a feiticeira mais velha fechou o seu único olho, a fim de melhor espreitar o futuro. O silêncio que caiu foi total. Dany ouvia os chamamentos distantes de aves nocturnas, os silvos e estalidos dos archotes, o suave bater da água do lago. Os dothraki olharam-na com olhos de noite, à espera.

Khal Drogo pousou a mão sobre o braço de Dany. Sentia a tensão nos seus dedos. Mesmo um *khal* tão poderoso como Drogo conhecia o medo quando a *dosh khaleen* espreitava o fumo do futuro. Atrás dela, as aias agitavam-se ansiosamente.

Por fim, a feiticeira abriu o olho e ergueu os braços.

— Vi o seu rosto, e ouvi o troar dos seus cascos — proclamou numa voz fina e vacilante.

— O troar dos seus cascos! — responderam os outros em coro.

— Cavalga veloz como o vento, e atrás dele o seu *khalasar* cobre a terra, homens sem número, com *arakhs* a brilhar nas mãos como lâminas de erva navalheira. Será feroz como a tempestade, este príncipe. Os seus inimigos

temerão perante ele, e as suas esposas chorarão lágrimas de sangue e rasgarão a carne de desgosto. Os sinos no seu cabelo cantarão a sua chegada, e os homens de leite nas tendas de pedra temerão o seu nome. — A velha tremeu e olhou para Dany quase como se tivesse medo. — O príncipe cavalga, e será ele o garanhão que monta o mundo.

— *O garanhão que monta o mundo!* — gritaram em eco os espectadores, até que a noite ressoou ao som das suas vozes.

A feiticeira com um só olho espreitou na direcção de Dany.

— Como será chamado, o garanhão que monta o mundo?

Dany ergueu-se para responder.

— Será chamado Rhaego — disse, usando as palavras que Jhiqui lhe ensinara. Tocou protectoramente com as mãos o inchaço sob os seios quando um rugido chegou de entre os dothraki.

— *Rhaego* — gritaram. — *Rhaego. Rhaego. Rhaego!*

O nome ainda ressoava nos seus ouvidos quando Khal Drogo a levou para fora do recinto. Os seus companheiros de sangue puseram-se atrás deles. Uma procissão seguiu-os pelo caminho dos deuses, a larga estrada coberta de erva que corria pelo coração de Vaes Dothrak, do portão dos cavalos até à Mãe das Montanhas. As feiticeiras do *dosh khaleen* vinham à frente, com os seus eunucos e escravos. Algumas apoiavam-se em altos cajados esculpidos enquanto avançavam com dificuldade sobre pernas antigas e trémulas, ao passo que outras caminhavam com um porte tão orgulhoso como o de um qualquer senhor dos cavalos. Cada uma das velhas mulheres tinha sido em tempos uma *khaleesi*. Quando os senhores seus maridos morreram e novos *khals* lhes tomaram os lugares à frente dos seus cavaleiros, com novas *khaleesi* montadas a seu lado, foram enviadas para ali, a fim de reinar sobre a vasta nação dothraki. Mesmo o mais poderoso dos *khals* se dobrava perante a sabedoria e autoridade do *dosh khaleen*. Apesar disso, pensar que um dia podia ser enviada para ali, quer quisesse quer não, causava a Dany arrepios.

Atrás das sábias vinham os outros: Khal Ogo e o filho, o *khalakka* Fogo, Khal Jommo e as esposas, os homens mais importantes do *khalasar* de Drogo, as aias de Dany, os servos e escravos do *khal*, e mais pessoas. Sinos tocavam e tambores ressoavam numa cadência imponente enquanto marchavam ao longo do caminho dos deuses. Heróis roubados e os deuses de povos mortos cismavam na escuridão atrás da estrada. Ao lado da procissão, escravos corriam pela erva com pés ligeiros e archotes nas mãos, e as chamas oscilantes faziam com que os grandes monumentos quase parecessem estar vivos.

— Que significado, nome Rhaego? — perguntou Khal Drogo enquanto caminhavam, usando o Idioma Comum dos Sete Reinos. Dany tinha-lhe andado a ensinar algumas palavras sempre que podia. Drogo aprendia depressa quando se decidia a isso, embora o seu sotaque fosse tão forte e bárbaro que nem Sor Jorah nem Viserys entendessem uma palavra do que dizia.

— O meu irmão Rhaegar era um feroz guerreiro, meu sol-e-estrelas — disse-lhe ela. — Morreu antes de eu nascer. Sor Jorah diz que ele foi o último dos dragões.

Khal Drogo olhou-a. O seu rosto era uma máscara de cobre, mas sob o longo bigode negro, pesado com o peso dos seus anéis de ouro, ela julgou vislumbrar a sombra de um sorriso.

— É bom nome, esposa Dan Ares, lua da minha vida — disse ele.

Caminharam até ao lago a que os dothraki chamavam o Ventre do Mundo, rodeado por uma orla de juncos, de água quieta e calma. Um milhar de milhares de anos antes, dissera-lhe Jhiqui, o primeiro homem emergira das suas profundezas, montado sobre o dorso do primeiro cavalo.

A procissão aguardou na costa coberta de erva enquanto Dany se despiu e deixou cair ao chão a sua roupa manchada. Nua, entrou cuidadosamente na água. Irri dizia que o lago não tinha fundo, mas Dany sentiu lama mole a espirrar entre os dedos dos pés enquanto abria caminho por entre os grandes juncos. A Lua flutuava nas negras águas paradas, estilizando-se e recompondo-se enquanto as ondulações que Dany provocava a varriam. Pele de galinha enrugou-lhe a pele branca quando o frio deslizou pelas suas coxas e lhe beijou os lábios de baixo. O sangue do garanhão secara-lhe nas mãos e em torno da boca. Dany fez uma taça com os dedos e ergueu as águas sagradas acima da cabeça, purificando-se e ao filho que trazia no ventre enquanto o *khal* e os outros olhavam. Ouviu as velhas do *dosh khaleen* a murmurar umas com as outras enquanto a observavam, e sentiu curiosidade de saber o que estariam a dizer.

Quando emergiu do lago, a tremer e a pingar, a aia Doreah correu para ela com um roupão de sedareia pintada, mas Khal Drogo mandou-a embora com um gesto. Olhava aprovadoramente os seus seios inchados e a curva da sua barriga, e Dany conseguia ver a forma do seu membro viril a fazer pressão contra as calças de couro de cavalo, sob os pesados medalhões de ouro do cinto. Foi ter com ele e ajudou-o a desatar-se. Então, o seu enorme *khal* pegou-lhe pelas ancas e ergueu-a no ar, como se ela fosse uma criança. As campainhas que trazia no cabelo tiniram suavemente.

Dany envolveu-lhe os ombros com os braços e encostou o rosto ao seu pescoço enquanto ele a penetrava. Três rápidos impulsos, e estava feito.

— O garanhão que monta o mundo — sussurrou Drogo em voz rouca. As suas mãos ainda cheiravam a sangue de cavalo. Mordeu-lhe a garganta, com força, no momento do prazer, e quando a ergueu de novo, a sua semente encheu-a e escorreu-lhe pela parte de dentro das coxas. Só então Doreah foi autorizada a envolvê-la em sedareia perfumada, e Irri a enfiar-lhe nos pés chinelos suaves.

Khal Drogo atou as calças e deu uma ordem, e foram trazidos cavalos até à margem do lago. Cohollo teve a honra de ajudar a *khaleesi* a montar a sua prata. Drogo esporeou o garanhão, e partiu ao longo do caminho dos deuses, sob a Lua e as estrelas. Sobre a prata, Dany acompanhou-lhe o ritmo com facilidade.

A cobertura de seda que fornecia um tecto ao salão de Khal Drogo fora enrolada naquela noite, e a Lua seguiu-os ao entrar. Chamas saltavam até uma altura de três metros vindas de três enormes covas rodeadas por pedras. O ar estava pesado com os cheiros de carne a assar e de leite de égua coalhado e fermentado. O salão estava cheio de gente e ruidoso quando entraram, as almofadas apinhadas daqueles cujo estatuto e nome não eram suficientes para lhes permitir a presença na cerimónia. Quando Dany passou por baixo do arco da entrada e caminhou pela coxia central, todos os olhos a seguiram. Os dothraki gritavam comentários sobre a sua barriga e os seus seios, saudando a vida no seu interior. Não compreendia tudo o que gritavam, mas uma frase era clara. “*O garanhão que monta o mundo*”, ouviu, palavras berradas por um milhar de vozes.

Os sons de tambores e trompas giraram pela noite dentro. Mulheres seminuas rodopiaram e dançaram sobre as mesas baixas, por entre quartos de carne e bandejas apinhadas de ameixas, tâmaras e romãs. Muitos dos homens estavam bêbados de leite coalhado de égua, mas Dany sabia que naquela noite os *arakhs* não chocariam, não ali na cidade sagrada, onde as lâminas e o derramamento de sangue eram proibidos.

Khal Drogo desmontou e ocupou o seu lugar no banco elevado. Khal Jommo e Khal Ogo, que já estavam em Vaes Dothrak com os seus *khalasares* quando o deles chegara, ficaram com lugares de grande honra à esquerda e à direita de Drogo. Os companheiros de sangue dos três *khals* sentaram-se abaixo deles, e mais abaixo as quatro esposas de Khal Jommo.

Dany desceu da sua prata e entregou as rédeas a um dos escravos. Enquanto Doreah e Irri lhe preparavam as almofadas, procurou pelo irmão. Mesmo do outro lado do salão apinhado, Viserys devia notar-se bem com a sua pele clara, cabelo prateado e farrapos de pedinte, mas não o via em lugar nenhum.

O seu olhar vagueou pelas mesas apinhadas junto às paredes, onde

homens cujas tranças eram ainda mais curtas do que os seus membros se sentavam sobre tapetes cozidos e almofadas achatadas em torno das mesas baixas, mas todos os rostos que viu tinham olhos negros e pele acobreada. Vislumbrou Sor Jorah Mormont perto do centro do salão, nas imediações da fogueira do meio. Era um lugar de respeito, ainda que não de grande honra; os dothraki estimavam a perícia do cavaleiro com uma espada. Dany mandou Jhiqui trazê-lo para a sua mesa. Mormont veio de imediato, e caiu sobre um joelho à sua frente.

— *Khaleesi* — disse —, estou às vossas ordens.

Dany deu palmadinhas na grossa almofada de couro de cavalo que tinha ao lado.

— Sentai-vos e conversai comigo.

— Honrais-me. — O cavaleiro sentou-se na almofada com as pernas cruzadas. Um escravo ajoelhou-se à sua frente, oferecendo uma bandeja de madeira cheia de figos maduros. Sor Jorah pegou num e arrancou metade com uma dentada.

— Onde está o meu irmão? — perguntou Dany. — Já devia ter chegado para o banquete.

— Vi Sua Graça hoje de manhã — respondeu ele. — Disse-me que ia ao Mercado Ocidental, em busca de vinho.

— Vinho? — disse Dany em tom de dúvida. Sabia que Viserys não se conseguia habituar ao gosto do leite fermentado de égua que os dothraki bebiam, e por aqueles dias era frequente encontrá-lo nos bazares, bebendo com os mercadores que chegavam nas grandes caravanas do leste e do oeste. Parecia achar a companhia deles mais agradável que a sua.

— Vinho — confirmou Sor Jorah — e alimenta algumas ideias de recrutar homens para o seu exército entre os mercenários que guardam as caravanas. — Uma criada depositou uma tarte de sangue na sua frente e o cavaleiro atacou-a com ambas as mãos.

— Será isso sensato? — perguntou Dany. — Ele não tem ouro para pagar a soldados. E se for traído? — Os guardas das caravanas raramente eram muito perturbados por pensamentos sobre honra, e o Usurpador em Porto Real pagaria bem pela cabeça do irmão. — Devíeis ter ido com ele, para o manter a salvo. Sois-lhe ajuramentado.

— Estamos em Vaes Dothrak — recordou ele. — Aqui ninguém pode transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem.

— Apesar disso, os homens morrem — disse ela. — Jhogo contou-me. Alguns dos mercadores têm consigo eunucos, homens enormes que estrangulam ladrões com faixas de seda. Desse modo, nenhum sangue é derramado e os deuses não se zangam.

— Então, esperemos que o vosso irmão seja suficientemente sensato para não roubar nada. — Sor Jorah limpou a gordura da boca com as costas da mão e aproximou-se por sobre a mesa. — Ele tinha planeado roubar os vossos ovos de dragão, mas eu preveni-o de que lhe cortaria a mão se lhes tocasse.

Por um momento, Dany sentiu-se tão chocada que não encontrou palavras.

— Os meus ovos... mas são *meus*, o Magíster Illyrio deu-mos a mim, uma prenda de noivado, porque queria Viserys... são apenas pedras...

— O mesmo poderia ser dito de rubis, diamantes e opalas de fogo, Princesa... e ovos de dragão são de longe mais raros. Aqueles mercadores com quem ele tem bebido venderiam os seus próprios membros viris por uma apenas dessas *pedras*, e, com as três, Viserys poderia comprar tantos mercenários quantos quisesse.

Dany não soubera, nem sequer suspeitara.

— Então... ele devia ficar com eles. Não precisa de os roubar. Só tinha de pedir. Ele é meu irmão... e o meu rei verdadeiro.

— Ele é o vosso irmão — reconheceu Sor Jorah.

— Não compreendeis, sor — disse ela. — A minha mãe morreu ao dar-me à luz, e o meu pai e irmão Rhaegar morreram ainda antes. Nunca teria aprendido nem sequer os seus nomes se Viserys não estivesse lá para me ensinar. Foi o único que restou. O único. É tudo o que tenho.

— Outrora sim — disse Sor Jorah. — Mas já não, *khaleesi*. Agora pertenceis aos dothraki. No vosso ventre cavalga o garanhão que monta o mundo. — Ergueu a taça, e uma escrava encheu-a de leite de égua fermentado, de cheiro amargo e espesso de coágulos.

Dany mandou a escrava embora com um gesto. Até o cheiro da bebida a fazia sentir-se agoniada, e não queria correr nenhum risco de deitar fora o coração de cavalo que se forçara a comer.

— Que significa isso? — perguntou. — Que é este garanhão? Toda a gente estava a gritar-me isso, mas eu não compreendo.

— O garanhão é o *khal* dos *khals* prometido numa antiga profecia, menina. Ele vai unir os dothraki num único *khalasar* e cavalgar até ao fim do mundo, ou pelo menos é essa a promessa. Todas as pessoas do mundo serão a sua manada.

— Oh — disse Dany com voz fraca. A mão alisou o roupão sobre o inchaço na barriga. — Chamei-lhe Rhaego.

— Um nome que congelará o sangue do Usurpador.

De súbito, Doreah começou a puxar-lhe pelo cotovelo.

— *Senhora* — sussurrou a aia em tom urgente —, o vosso irmão...

Dany olhou para a extremidade do longo salão sem tecto, e ali estava ele encaminhando-se a passos largos na sua direcção. Pelo desequilíbrio no andar, compreendeu de imediato que Viserys encontrara o seu vinho... e algo que passava por coragem.

Vestia as suas sedas escarlate, enodoadas e manchadas pela viagem. A capa e as luvas eram de veludo negro, desbotado pelo sol. As botas estavam secas e fendidas, o cabelo prateado baço e emaranhado. Uma espada balançava, presa ao cinto, enfiada numa bainha de couro. Os dothraki fitavam a espada enquanto ele passava; Dany ouviu pragas, ameaças e murmúrios zangados que se erguiam de todos os lados, como uma maré. A música extinguiu-se num gaguejo nervoso de tambores.

Uma sensação de terror apertou-se em torno do seu coração.

— Ide até ele — ordenou a Sor Jorah. — Parai-o. Trazei-o aqui. Dizei-lhe que pode ficar com os ovos de dragão se for isso que deseja. — O cavaleiro pôs-se rapidamente em pé.

— Onde está a minha irmã? — gritou Viserys, com a voz espessa de vinho. — Cheguei para o seu banquete. Como vos atreveis a ousar começar sem mim? Ninguém come antes do rei. Onde está ela? A puta não se pode esconder do dragão.

Parou ao lado da maior das três fogueiras, olhando os rostos dos dothraki em volta. Havia cinco mil homens no salão, mas só uma mão-cheia conhecia o Idioma Comum. No entanto, mesmo se as suas palavras eram incompreensíveis, bastava olhá-lo para ver que estava bêbado.

Sor Jorah foi ter com ele rapidamente, segredou qualquer coisa ao seu ouvido e tomou-o pelo braço, mas Viserys sacudiu-o.

— Mantende as mãos longe de mim! Ninguém toca no dragão sem permissão.

Dany lançou um relance ansioso para o banco elevado. Khal Drogo estava a dizer qualquer coisa aos outros *khals* a seu lado. Khal Jommo fez um sorriso, e Khal Ogo rebentou em sonoras gargalhadas.

O som do riso fez Viserys erguer os olhos.

— Khal Drogo — disse em voz pesada, num tom quase educado. — Estou aqui para o banquete. — Afastou-se a cambalear de Sor Jorah, a fim de se ir juntar aos três *khals* no banco elevado.

Khal Drogo ergueu-se, cuspiu uma dúzia de palavras em dothraki, mais depressa do que Dany conseguiria compreender, e apontou.

— Khal Drogo diz que o vosso lugar não é no banco elevado — traduziu Sor Jorah para Viserys. — Khal Drogo diz que o vosso lugar é ali.

Viserys dirigiu os olhos para onde o *khal* apontava. Ao fundo do longo salão, num canto junto à parede, mergulhados em profundas sombras para que

homens melhores não tivessem de os ver, sentavam-se os mais baixos dos baixos; rapazes inexperientes que ainda não tinham feito correr sangue, velhos com olhos enevoados e articulações perras, os idiotas e os estropiados. Longe da carne, e mais longe da honra.

— Aquele não é lugar para um rei — declarou o seu irmão.

— É lugar — respondeu Khal Drogo, na Língua Comum que Dany lhe ensinara — para Rei Pés-Doridos. — Bateu palmas. — Uma carreta! Tragam uma carreta para *Khal Rhagga*!

Cinco mil dothraki desataram a rir e a gritar. Sor Jorah estava em pé ao lado de Viserys, gritando-lhe ao ouvido, mas o ruído na sala era tão estrondoso que Dany não conseguia ouvir o que ele estava a dizer. O seu irmão gritou de volta, e os dois homens engalfinharam-se até que Mormont atirou Viserys ao chão.

O irmão de Dany puxou da espada.

O aço nu brilhou num temível clarão vermelho à luz das fogueiras.

— *Mantende-vos longe de mim!* — sibilou Viserys. Sor Jorah recuou um passo, e o seu irmão ergueu-se em pés instáveis. Brandiu a espada por sobre a cabeça, a lâmina emprestada que o Magíster Illyrio lhe dera para o fazer parecer mais régio. Os dothraki gritavam com ele de todos os lados, berrando pesadas pragas.

Dany soltou um grito inarticulado de terror. Sabia o que uma espada desembainhada significava ali, mesmo que o irmão não soubesse.

A sua voz fez com que o irmão virasse a cabeça, e viu-a pela primeira vez.

— Ali está ela — disse, sorrindo. Caminhou na sua direcção, golpeando o ar como que para abrir caminho através de uma muralha de inimigos, apesar de ninguém lhe tentar barrar o caminho.

— A lâmina... não deves — suplicou-lhe. — Por favor, Viserys. É proibido. Pousa a espada e vem partilhar as minhas almofadas. Há bebida, comida... são os ovos de dragão que queres? Podes ficar com eles, mas deita a espada fora.

— Faz o que ela te diz, louco — gritou Sor Jorah —, antes que nos mates a todos.

Viserys riu.

— Eles não nos podem matar. Não podem derramar sangue aqui na cidade sagrada... mas *eu* posso. — Encostou a ponta da espada entre os seios de Daenerys e fê-la deslizar para baixo, sobre a curva da sua barriga. — Quero aquilo que vim buscar — disse-lhe. — Quero a coroa que ele me prometeu. Comprou-te, mas nunca te pagou. Diz-lhe que quero aquilo que negociei, caso contrário, levo-te de volta. A ti e aos ovos. Ele pode ficar com

o seu maldito potro. Corto a barriga, tiro daí o bastardo e deixo-o ficar para ele. — A ponta da espada fez pressão através das sedas de Dany e picou-lhe o umbigo. Dany viu que Viserys estava a chorar; a chorar e a rir, tudo ao mesmo tempo, este homem que em tempos fora seu irmão.

De forma distante, como que de muito longe, Dany ouviu a aia Jhiqui a soluçar de medo, suplicando porque não se atrevia a traduzir, porque o *khal* a ataria e a arrastaria atrás do seu cavalo ao longo de todo o caminho até ao cume da Mãe das Montanhas. Dany pôs o braço em torno da rapariga.

— Não tenhas medo — disse. — Eu conto-lhe.

Não sabia se tinha palavras suficientes, mas quando terminou, Khal Drogo proferiu algumas frases bruscas em dothraki, e soube que ele compreendera. O sol da sua vida desceu do banco elevado.

— Que disse ele? — perguntou-lhe o homem que fora seu irmão, vacilando.

O salão ficara tão silencioso que conseguia ouvir os sinos no cabelo de Khal Drogo, tilintando suavemente a cada passo que dava. Os seus companheiros de sangue seguiram-no, como três sombras de cobre. Daenerys gelara por completo.

— Diz que terás uma magnífica coroa de ouro, que os homens tremerão de contemplar.

Viserys sorriu e baixou a espada. Isso foi o mais triste, aquilo que a despedaçou mais tarde... o modo como ele sorriu.

— Era tudo o que eu queria — disse ele. — O que foi prometido.

Quando o sol da sua vida a alcançou, Dany pôs-lhe um braço em torno da cintura. O *khal* disse uma palavra, e os seus companheiros de sangue saltaram em frente. Qotho agarrou pelos braços o homem que fora seu irmão. Haggio estilhaçou-lhe o pulso com um único torção brusco das suas enormes mãos. Cohollo tirou a espada dos dedos sem força. Mesmo agora, Viserys não compreendia.

— Não — gritou — não podeis tocar-me, eu sou o dragão, o *dragão*, e vou ser *coroado*!

Khal Drogo desatou o cinto. Os medalhões eram de ouro puro, maciços e ornamentados, todos tão grandes como a mão de um homem. Gritou uma ordem. Escravos cozinheiros tiraram um pesado caldeirão de ferro da fogueira, despejaram o guisado no chão e devolveram o caldeirão às chamas. Drogo atirou o cinto lá para dentro e ficou a observar sem expressão os medalhões que ficavam vermelhos e começavam a perder a forma. Ela conseguia ver fogos a dançar no ónix dos seus olhos. Uma escrava entregou-lhe um par de espessas luvas de pêlo de cavalo, e ele calçou-as, sem chegar a deitar um relance que fosse ao homem.

Viserys começou a gritar o agudo, inarticulado grito do covarde que enfrenta a morte. Esperneou e retorceu-se, ganiu como um cão e berrou como uma criança, mas os dothraki mantiveram-no bem seguro entre eles. Sor Jorah abriu caminho até junto de Dany. Pousou-lhe uma mão no ombro.

— Afastai os olhos, minha princesa. Peço-vos.

— Não. — Dany dobrou os braços sobre o inchaço na barriga, protectora. No último momento, Viserys olhou para ela.

— Irmã, por favor... Dany, diz-lhes... fá-los... querida irmã...

Quando o ouro fundiu parcialmente e começou a correr, Drogo estendeu o braço para as chamas, agarrou o caldeirão.

— Coroa! — rugiu. — Toma. Uma coroa para o Rei Carroça! — E virou o caldeirão ao contrário sobre a cabeça do homem que fora seu irmão.

O som que Viserys Targaryen fez quando aquele hediondo capacete de ferro lhe cobriu a cara não se assemelhou a nada de humano. Os seus pés martelaram uma batida frenética contra o chão de terra, abrandaram, pararam. Grossos glóbulos de ouro fundido pingaram-lhe sobre o peito, pondo a seda escarlate em brasa... mas nenhuma gota de sangue foi derramada.

Ele não era dragão nenhum, pensou Dany, curiosamente calma. O fogo não pode matar um dragão.

Caminhava pelas criptas por baixo de Winterfell, como caminhara mil vezes antes. Os Reis do Inverno olhavam-no ao passar com olhos de gelo, e os lobos gigantes aos seus pés viravam as suas grandes cabeças de pedra e rosnavam. Por fim, chegou à tumba onde o pai dormia, com Brandon e Lyanna a seu lado. “*Promete-me, Ned*”, sussurrou a estátua de Lyanna. Trazia uma grinalda de rosas azuis-claras, e os seus olhos choravam sangue.

Eddard Stark saltou na cama, com o coração acelerado, os cobertores emaranhados à sua volta. O quarto estava negro como breu, e alguém batia à porta com força.

— Lorde Eddard — chamou sonoramente uma voz.

— Um momento. — Estremunhado e nu, atravessou aos tropeções o quarto escurecido. Quando abriu a porta, deparou com Tomard de punho erguido, e com Cayn de círio na mão. Entre os dois encontrava-se o intendente do rei.

O rosto do homem podia ter sido esculpido em pedra, de tal modo era pouco o que mostrava.

— Senhor Mão — entoou. — Sua Graça, o Rei, exige a vossa presença. De imediato.

Então Robert tinha regressado da caçada. Era mais que tempo.

— Necessitarei de uns momentos para me vestir. — Ned deixou o homem à espera lá fora. Cayn ajudou-o com a roupa, uma túnica de linho branco e uma capa cinzenta, calças cortadas na perna envolvida em gesso, o distintivo do seu cargo, e por fim um cinto de pesados aros de prata. Embainhou o punhal valiriano à cintura.

A Fortaleza Vermelha estava escura e quieta quando Cayn e Tomard o escoltaram através da muralha interior. A Lua pendia baixa sobre as muralhas, quase cheia. Nos baluartes, um guarda com manto dourado fazia a sua ronda.

Os aposentos reais ficavam na Fortaleza de Maegor, um forte maciço e quadrado que se aninhava no coração da Fortaleza Vermelha por trás de muralhas com três metros e meio de espessura e um fosso seco coberto de espigões de ferro, um castelo-dentro-do-castelo. Sor Boros Blount guardava a extremidade mais afastada da ponte, com a armadura de aço branco a fazê-lo parecer um fantasma à luz da Lua. Lá dentro, Ned passou por dois outros cavaleiros da Guarda Real; Sor Preston Greenfield estava ao fundo das escadas, e Sor Barristan Selmy esperava à porta do quarto do rei. Três homens de manto branco, pensou, recordando, e sentiu-se atravessado por um estranho

frio. O rosto de Sor Barristan estava tão pálido como a sua armadura. Ned não precisou de mais do que de olhá-lo para saber que alguma coisa estava horivelmente errada. O intendente real abriu a porta.

— Lorde Eddard Stark, a Mão do Rei — anunciou.

— Trazei-o aqui — disse a voz de Robert, estranhamente pesada.

Ardiam fogos nas lareiras gémeas situadas nas duas pontas do quarto, enchendo-o com um lúgubre clarão vermelho. O calor que ali fazia era sufocante. Robert jazia na cama coberta. Junto à cama pairava o Grande Mestre Pycelle, enquanto que Lorde Renly passeava agitadamente em frente das janelas fechadas. Criados andavam de um lado para o outro, alimentando o fogo de lenha e fervendo vinho. Cersei Lannister estava sentada na beira da cama, ao lado do marido. Tinha o cabelo em desordem, como se se tivesse acabado de levantar, mas nada havia de sonolento nos seus olhos. Seguiram Ned quando Tomard e Cayn o ajudaram a atravessar a sala. Parecia-lhe que se movia muito lentamente, como se ainda estivesse a sonhar.

O rei ainda trazia as botas. Ned viu lama seca e folhas de erva agarradas ao couro onde os pés de Robert se projectavam da manta que o cobria. Um gibão verde jazia no chão, rasgado e deitado fora, com o tecido coberto de manchas vermelhas acastanhadas. O quarto cheirava a fumo, a sangue e a morte.

— Ned — sussurrou o rei quando o viu. O seu rosto estava pálido como leite. — Vem... mais perto.

Os seus homens levaram-no para mais perto. Ned equilibrou-se com uma mão na coluna da cama. Bastava-lhe olhar para Robert para perceber como estava mal.

— Que?... — começou, com um nó na garganta.

— Um javali. — O Lorde Renly ainda trazia as roupas verdes de caça, com o manto pintalgado de sangue.

— Um demónio — revelou o rei. — Culpa minha. Demasiado vinho, maldito seja eu. Falhei a estocada.

— E onde estava o resto de vós? — exigiu Ned saber de Lorde Renly. — Onde estava Sor Barristan e a Guarda Real?

A boca de Renly retorceu-se.

— O meu irmão ordenou-nos que nos afastássemos e o deixássemos abater o javali sozinho.

Eddard Stark ergueu a manta.

Tinham feito os possíveis para lhe fechar as feridas, mas nem chegava perto de ser suficiente. O javali devia ter sido um animal tímido. Rasgara o rei, com as presas, das virilhas ao mamilo. As ligaduras embebidas em vinho que o Grande Mestre Pycelle aplicara já estavam negras de sangue, e o cheiro

que saía da ferida era hediondo. O estômago de Ned deu uma volta. Deixou cair a manta.

— Fede — disse Robert. — O fedor da morte, não penses que não o sinto. O maldito arrumou comigo, hã? Mas eu... eu paguei-lhe na mesma moeda, Ned. — O sorriso do rei era tão terrível como a sua ferida, com dentes vermelhos. — Enfiei-lhe uma faca mesmo no olho. Pergunta-lhes se não é verdade. Pergunta-lhes.

— É verdade — murmurou Lorde Renly. — Trouxemos a carcaça connosco, por ordem do meu irmão.

— Para o banquete — sussurrou Robert. — Agora deixai-nos. Todos. Preciso de falar com o Ned.

— Robert, meu querido senhor... — começou Cersei.

— Eu disse: *sai* — insistiu Robert com uma sugestão da sua antiga ferocidade. — Que parte disto não entendes, mulher?

Cersei recolheu as saias e a dignidade e foi a primeira a dirigir-se para a porta. Lorde Renly e os outros seguiram-na. O Grande Mestre Pycelle deixou-se ficar, com as mãos a tremer quando ofereceu ao rei uma taça de um espesso líquido branco.

— O leite da papoila, Vossa Graça — disse. — Bebei. Para as dores.

Robert afastou a taça com uma pancada dada com as costas da mão.

— Fora convosco. Dormirei em breve, velho tonto. Saí.

O Grande Mestre Pycelle deitou a Robert um olhar ferido e saiu do quarto, arrastando os pés.

— Maldito sejas, Robert — disse Ned quando ficaram sós. A perna latejava tanto que estava quase cego de dores. Ou talvez fosse a dor que lhe enevoava os olhos. Deixou-se cair na cama, ao lado do amigo. — Porque tens de ser sempre tão casmurro?

— Ah, vai-te foder, Ned — disse o rei em voz rouca. — Matei o maldito, não matei? — Uma madeixa de cabelo emaranhado caiu-lhe sobre os olhos quando os dirigiu para Ned. — Devia fazer-te o mesmo a ti. Não podes deixar um homem caçar em paz. Sor Robar veio ter comigo. A cabeça de Gregor. Feio pensamento. Não contei ao Cão de Caça. Que a Cersei o surpreenda. — A sua gargalhada transformou-se num grunhido quando um espasmo de dor o atingiu. — Que os deuses tenham misericórdia — murmurou, engolindo a dor. — A rapariga. Daenerys. Só uma criança, tinhas razão... foi por isso, a rapariga... os deuses mandaram o javali... mandaram-no para me punir... — o rei tossiu, trazendo sangue à boca. — Errado, foi errado, eu... só uma rapariga... Varys, Mindinho, até o meu irmão... incapazes... ninguém para me dizer *não*, a não ser tu, Ned... só tu... — Ergueu a mão, um gesto dolorido e fraco. — Papel e tinta. Ali, na mesa. Escreve o que te ditar.

Ned alisou o papel no joelho e pegou na pena.

— Às vossas ordens, Vossa Graça.

— Esta é a vontade e as palavras de Robert, da Casa Baratheon, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Andalos e tudo o resto... põe aí os malditos títulos, tu sabes como é. Ordeno por esta que Eddard, da Casa Stark, Senhor de Winterfell e Mão do Rei, sirva como Senhor Regente e Protector do Território após a minha... após a minha morte... a fim de governar no meu... no meu lugar até que o meu filho Joffrey tenha idade...

— Robert... — Quis dizer *Joffrey não é teu filho*, mas as palavras não vieram. A agonia estava escrita de forma demasiado clara no rosto de Robert; não podia feri-lo mais. E assim Ned baixou a cabeça e escreveu, mas no lugar em que o rei dissera “o meu filho Joffrey”, escreveu “o meu herdeiro”. O engano fê-lo sentir-se sujo. *As mentiras que contamos por amor*, pensou. *Que os deuses me perdoem*. — Que mais quereis que eu diga?

— Diz... o que tiver de ser. Proteger e defender, antigos e novos deuses, tu conheces as palavras. Escreve. Eu assino. Entrega-a ao conselho quando eu morrer.

— Robert — disse Ned, numa voz pesada de desgosto —, não podes fazer isto. Não me morras. O reino precisa de ti.

Robert pegou-lhe na mão, com os dedos a apertar com força.

— És... um mentiroso tão mau, Ned Stark — disse ele através da dor. — O reino... o reino sabe... que miserável rei eu fui. Tão mau como Aerys, que os deuses me poupem.

— Não — disse Ned ao amigo moribundo —, não tão mau como Aerys, Vossa Graça. Nem de perto tão mau como Aerys.

Robert conseguiu esboçar um frágil sorriso vermelho.

— Pelo menos, dirão eles... esta última coisa... isto fiz eu bem. Tu não me falharás. Vais agora governar. Vais detestar, mais ainda do que eu... mas fá-lo-ás bem. Já escreveste tudo?

— Sim, Vossa Graça. — Ned ofereceu o papel a Robert. O rei escreveu a assinatura cegamente, deixando uma mancha de sangue na carta. — O selo deve ter testemunhas.

— Serve o javali no meu banquete fúnebre — disse o rei em voz áspera. — Uma maçã na boca, pele seca e estaladiça. Comei o maldito. Não importa se vos engasgardes com ele. Promete-me, Ned.

— Prometo. — *Promete-me, Ned*, disse a voz de Lyanna num eco.

— A rapariga — disse o rei. — Daenerys. Deixa-a viver. Se puderes, se... não for tarde de mais... fala com eles... Varys, o Mindinho... não deixes que a matem. E ajuda o meu filho, Ned. Faz com que seja... melhor do que eu. — Estremeceu. — Que os deuses tenham misericórdia.

— Terão, meu amigo — disse Ned. — Terão.

O rei fechou os olhos e pareceu descontrair-se.

— Morto por um porco — murmurou. — Devia rir, mas dói demasiado.

Ned não estava a rir.

— Devo chamá-los?

Robert fez um aceno fraco com a cabeça.

— Como quiseres. Deuses, porque está tanto *frio* aqui?

Os criados entraram a correr e apressaram-se a alimentar os fogos. A rainha tinha partido; isso, pelo menos, era um pequeno alívio. Se tivesse algum bom senso, Cersei pegaria nos filhos e fugiria antes do raiar do dia, pensou Ned. Já se deixara ficar demasiado tempo.

O rei Robert não pareceu sentir-lhe a falta. Pediu ao irmão Renly e ao Grande Mestre Pycelle para servirem de testemunhas enquanto pressionava o seu selo na quente cera amarela que Ned derramara sobre a carta.

— Dai-me agora qualquer coisa para as dores e deixai-me morrer.

Apressado, o Grande Mestre Pycelle misturou-lhe outra porção de leite da papoila. Desta vez o rei bebeu tudo. A sua barba negra estava semeada de espessas gotas brancas quando atirou a taça vazia para o lado.

— Sonharei?

Ned deu-lhe resposta.

— Sonhareis, senhor.

— Ótimo — disse o rei, sorrindo. — Saudarei Lyanna por ti, Ned. Toma conta dos meus filhos por mim.

As palavras retorceram-se na barriga de Ned como uma faca. Por um momento, sentiu-se perdido. Não se conseguiu obrigar a mentir. Então lembrou-se dos bastardos: a pequena Barra ao colo da mãe, Mya no Vale, Gendry na sua forja, e todos os outros.

— Eu... defenderei os vossos filhos como se fossem meus — disse, lentamente.

Robert fez um aceno e fechou os olhos. Ned observou o seu velho amigo a afundar-se suavemente nas almofadas à medida que o leite da papoila lhe lavava o rosto de dor. Foi tomado pelo sono.

Pesadas correntes tilintaram suavemente quando o Grande Mestre Pycelle se aproximou de Ned.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance, senhor, mas a ferida gangrenou. Levaram dois dias a trazê-lo de volta. Quando o vi, era tarde de mais. Posso aliviar o sofrimento de Sua Graça, mas agora só os deuses o podem curar.

— Quanto tempo? — perguntou Ned.

— Numa situação normal, ele já devia estar morto. Nunca vi um homem agarrar-se à vida tão ferozmente.

— O meu irmão sempre foi forte — disse o Lorde Renly. — Sensato talvez não, mas forte sim. — No calor abrasador do quarto, tinha a testa escorregadia de suor. Podia ser o fantasma de Robert, ali em pé, jovem, escuro e bem-parecido. — Ele matou o javali. Tinha as entranhas a sair pela barriga, mas de algum modo matou o javali. — A sua voz estava plena de espanto.

— Robert nunca foi homem para abandonar o campo de batalha enquanto um inimigo permanecesse em pé — disse-lhe Ned.

À porta, Sor Barristan Selmy ainda guardava as escadas da torre.

— O Mestre Pycelle deu a Robert o leite da papoila — disse-lhe Ned. — Assegurai-vos de que ninguém perturba o seu descanso sem a minha autorização.

— Será como ordenais, senhor. — Sor Barristan parecia mais velho do que a sua idade. — Falhei na minha obrigação sagrada.

— Nem mesmo o cavaleiro mais leal pode proteger um rei contra si próprio — disse Ned. — Robert adorava caçar javalis. Vi-o matar um milhar deles. — Robert mantinha a sua posição sem vacilar, de pernas firmes, a grande lança nas mãos, e normalmente amaldiçoava o javali enquanto este carregava, e esperava até ao último segundo possível, até o animal estar quase sobre ele, antes de o matar com uma única estocada segura e feroz. — Ninguém poderia saber que este o levaria à morte.

— É bondoso da vossa parte dizer isso, Lorde Eddard.

— Foi o próprio rei que o disse. Ele culpou o vinho.

O cavaleiro grisalho fez um aceno cansado.

— Sua Graça cambaleava na sela quando espantámos o javali para fora do covil, mas ordenou-nos a todos que nos mantivéssemos afastados.

— Estou curioso, Sor Barristan — perguntou Varys, em voz muito baixa —, quem deu esse vinho ao rei?

Ned não ouvira o eunuco aproximar-se, mas quando olhou em volta, ali estava ele. Trazia uma toga de veludo negro que roçava pelo chão, e o seu rosto estava empoadado de fresco.

— O vinho veio do odre do próprio rei — disse Sor Barristan.

— Só um odre? Caçar é tarefa que desperta tanta sede.

— Não os contei. Mais que um, certamente. O seu escudeiro levava-lhe um novo odre sempre que ele o pedia.

— Que rapaz tão atencioso — disse Varys — para se certificar de que não faltava ao rei o seu refresco.

Ned tinha um sabor amargo na boca. Lembrava-se dos dois rapazes de cabelo claro que Robert enviara à procura de uma extensão de placa de peito. O rei contara a história a toda a gente, no banquete daquela noite, rindo até perder o equilíbrio.

— Que escudeiro?

— O mais velho — disse Sor Barristan. — Lancel.

— Conheço bem o rapaz — disse Varys. — Um jovem vigoroso, filho de Sor Kevan Lannister, sobrinho de Lorde Tywin e primo da rainha. Espero que o querido rapaz não se culpe. As crianças são tão vulneráveis na inocência da juventude, se bem me lembro.

Certamente que Varys fora em tempos jovem. Mas Ned duvidava de que algum dia tivesse sido inocente.

— Falais de crianças. Robert teve uma mudança de opinião a respeito de Daenerys Targaryen. Quaisquer que sejam as combinações que fizestes, quero-as desfeitas. De imediato.

— Ai de mim — disse Varys. — De imediato pode ser tarde de mais. Temo que essas aves tenham levantado voo. Mas farei o que puder, senhor. Com a vossa licença. — Fez uma vénia e desapareceu pelos degraus, com os chinelos de sola mole a sussurrar contra a pedra enquanto descia.

Cayn e Tomard ajudavam Ned a atravessar a ponte quando o Lorde Renly emergiu da Fortaleza de Maegor.

— Lorde Eddard — chamou atrás de Ned —, um momento, por obséquio.

Ned parou.

— Como quiserdes.

Renly caminhou até junto dele.

— Mandai embora os vossos homens. — Estavam no centro da ponte, com o fosso seco por baixo. O luar cobria de prata os cruéis gumes dos espigões que lhe cobriam o fundo.

Ned fez um gesto. Tomard e Cayn inclinaram as cabeças e afastaram-se respeitosamente. Lorde Renly enviou um relance cuidadoso para Sor Boros, que se encontrava na extremidade mais distante da ponte, e para a arcada atrás deles, onde Sor Preston montava guarda.

— Essa carta. — Aproximou-se. — É a regência? O meu irmão nomeou-vos Protector? — Não esperou por uma resposta. — Senhor, tenho trinta homens na minha guarda pessoal, e mais alguns amigos, cavaleiros e senhores. Dai-me uma hora, e posso pôr-vos cem espadas na mão.

— E que farei eu com cem espadas, senhor?

— *Atacareis!* Agora, enquanto o castelo dorme. — Renly voltou a olhar para trás, para Sor Boros, e baixou a voz, transformando-a num murmúrio

urgente. — Temos de afastar Joffrey da mãe e ficar com ele na mão. Protector ou não, o homem que possuir o rei possui o reino. Devíamos capturar também Myrcella e Tommen. Uma vez os seus filhos na nossa posse, Cersei não se atreverá a opor-se-nos. O conselho confirmar-vos-á como Lorde Protector e colocará Joffrey à vossa guarda.

Ned olhou-o friamente.

— Robert ainda não está morto. Os deuses podem poupá-lo. Se não o fizerem, convocarei o conselho para escutar as suas últimas palavras e reflectir sobre o assunto da sucessão, mas não desonrarei as suas últimas horas na terra derramando sangue nos seus salões e arrancando crianças assustadas das suas camas.

Lorde Renly deu um passo para trás, tenso como a corda de um arco.

— Cada momento que vos atrasardes dá a Cersei um momento mais para se preparar. Quando Robert morrer, poderá ser tarde de mais... para ambos.

— Então devíamos rezar para que Robert não morra.

— Há poucas hipóteses de isso acontecer — disse Renly.

— Por vezes, os deuses são misericordiosos.

— Mas os Lannister não são. — Lorde Renly virou-se e voltou a atravessar o fosso, dirigindo-se à torre onde o irmão estava a morrer.

Quando Ned regressou aos seus aposentos, sentia-se cansado e desolado, mas não se levantava a hipótese de regressar ao sono, agora não. *Quando jogais o jogo dos tronos, ou ganhais ou morreis*, dissera-lhe Cersei Lannister no bosque sagrado. Deu por si sem saber se agira correctamente ao recusar a oferta de Lorde Renly. Não tinha gosto algum por aquelas intrigas, e não havia honra em ameaçar crianças, e no entanto... se Cersei escolhesse lutar em vez de fugir, podia bem necessitar das cem espadas de Renly, e de mais ainda.

— Quero o Mindinho — disse a Cayn. — Se não estiver nos seus aposentos, leva os homens que forem necessários e procura em todas as tabernas e bordéis de Porto Real até que o encontres. Trá-lo cá antes do raiar do dia. — Cayn fez uma vénia e retirou-se, e Ned virou-se para Tomard. — *A Bruxa dos Ventos* zarpa na maré da noite. Já escolheste a escolta?

— Dez homens, com Porthor no comando.

— Vinte, e estarás tu no comando — disse Ned. Porter era um homem corajoso, mas obstinado. Queria um homem mais sólido e sensível para vigiar as filhas.

— Como quiserdes, s'nhor — disse Tom. — Não posso dizer que fique triste por dar costas a este sítio. Tenho saudades da mulher.

— Passarás perto da Pedra do Dragão quando virares para norte. Quero que entregues uma carta em meu nome.

Tom fez um ar apreensivo.

— Em Pedra do Dragão, s'nhor? — A fortaleza insular da Casa Targaryen tinha uma reputação sinistra.

— Diz ao Capitão Qos para hastear a minha bandeira assim que estiver à vista da ilha. Eles poderão estar desconfiados de visitantes inesperados. Se ele se mostrar relutante, oferece-lhe o que quiser. Vou dar-te uma carta para colocar na mão do Lorde Stannis Baratheon. De mais ninguém. Nem do intendente, nem do capitão da guarda, nem da senhora sua esposa, só do próprio Lorde Stannis.

— Às vossas ordens, s'nhor.

Depois de Tomard o deixar, o Lorde Eddard Stark sentou-se, de olhos fixos na chama de uma vela que ardia a seu lado, sobre a mesa. Por um momento foi subjugado pelo desgosto. Não desejou nada com mais força do que ir até ao bosque sagrado, ajoelhar-se perante a árvore-coração e orar pela vida de Robert Baratheon, que fora mais do que um irmão para ele. Mais tarde, os homens sussurrariam que Eddard Stark traía a amizade do seu rei e lhe deserdara os filhos; ele só podia ter esperança de que os deuses fossem mais sábios, e de que Robert soubesse da verdade nas terras de além-túmulo.

Ned pegou na última carta do rei. Um rolo de estaladiço pergaminho branco, selado com cera dourada, algumas curtas palavras e uma mancha de sangue. Como era pequena a diferença entre vitória e derrota, entre a vida e a morte.

Puxou de uma folha limpa de papel e mergulhou a pena no tinteiro. *Para Sua Graça, Stannis da Casa Baratheon*, escreveu. *Quando receberdes esta carta, o vosso irmão Robert, nosso rei durante os últimos quinze anos, estará morto. Foi ferido por um javali enquanto caçava no bosque do rei...*

As letras pareceram estremecer e contorcer-se no papel quando a sua mão abrandou e parou. O Lorde Tywin e Sor Jaime não eram homens para cair docilmente em desgraça; mais depressa lutariam do que fugiriam. Não havia dúvida de que o Lorde Stannis se tornara cuidadoso, depois do assassinio de Jon Arryn, mas era imperativo que embarcasse imediatamente para Porto Real com todo o seu poderio, antes que os Lannister pudessem pôr-se em marcha.

Ned escolheu cada palavra com cuidado. Quando terminou, assinou a carta como *Eddard Stark, Senhor de Winterfell, Mão do Rei e Protector do Território*, secou a tinta no papel, dobrou-o duas vezes e fundiu a cera para selar a carta na chama da vela.

A sua regência seria curta, reflectiu enquanto a cera amolecia. O novo rei escolheria a sua própria Mão. Ned estaria livre para ir para casa. Pensar em Winterfell trouxe-lhe um sorriso abatido ao rosto. Desejava ouvir uma vez mais o riso de Bran, ir com Robb caçar com falcões, observar Rickon a

brincar. Desejava cair num sono sem sonhos na sua própria cama, com os braços bem apertados em torno da sua senhora, Catelyn.

Cayn regressou no momento em que ele se encontrava a pressionar o selo do lobo gigante contra a cera mole e branca. Desmond estava com ele, e entre ambos encontrava-se o Mindinho. Ned agradeceu aos guardas e mandou-os embora.

O Lorde Petyr trazia uma túnica de veludo azul com mangas tufadas e uma capa prateada com um padrão de tejos.

— Suponho que devo dar-vos os parabéns — disse enquanto se sentava.

Ned franziu o sobrolho.

— O rei está ferido e próximo da morte.

— Eu sei — disse o Mindinho. — E também sei que Robert vos nomeou Protector do Território.

Os olhos de Ned desviaram-se para a carta do rei pousada sobre a mesa a seu lado, com o selo inteiro.

— E como é que sabeis isso, senhor?

— Varys sugeriu-o — disse o Mindinho — e vós acabais de confirmá-lo.

A boca de Ned retorceu-se de ira.

— Maldito seja Varys e os seus passarinhos. Catelyn falou verdade, o homem possui alguma arte negra. Não confio nele.

— Excelente. Estais a aprender. — O Mindinho inclinou-se para a frente. — No entanto, aposto que não me arrastastes até aqui noite cerrada para discutir o eunuco.

— Não — admitiu Ned. — Conheço o segredo que Jon Arryn foi assassinado para proteger. Robert não deixará nenhum filho legítimo. Joffrey e Tommen são bastardos de Jaime Lannister, nascidos da sua união incestuosa com a rainha.

O Mindinho ergueu uma sobrancelha.

— Chocante — disse num tom que sugeria que não estava absolutamente nada chocado. — E a rapariga também? Sem dúvida. Então quando o rei morrer...

— O trono passa por direito para Lorde Stannis, o mais velho dos dois irmãos de Robert.

Lorde Petyr afagou a barba pontiaguda enquanto reflectia sobre o assunto.

— É o que parece. A não ser que...

— *A não ser que*, senhor? Não há *pareces* aqui. Stannis é o herdeiro. Nada pode alterar isso.

— Stannis não pode tomar o trono sem a vossa ajuda. Se fordes sensato, assegurar-vos-eis de que a sucessão é de Joffrey.

Ned deitou-lhe um olhar de pedra.

— Será que não possuíis nem um farrapo de honra?

— Oh, um *farrapo*, certamente — respondeu o Mindinho com negligência. — Escutai-me. Stannis não é amigo vosso, e nem meu. Até os irmãos dificilmente o suportam. O homem é de ferro, duro e inflexível. Dar-nos-á uma nova Mão e um novo conselho de certeza. Sem dúvida que vos agradecerá por lhe entregardes a coroa, mas não vos terá amizade por isso. E a sua ascensão significará a guerra. Stannis não pode ficar sossegado no trono enquanto Cersei e os seus bastardos não estiverem mortos. Julgais que Lorde Tywin ficará indolentemente sentado enquanto tiram as medidas à cabeça da filha para a espetar num espigão? O Rochedo Casterly erguer-se-á em armas, e não estará isolado. Robert achou por bem perdoar homens que serviram o Rei Aerys, desde que lhe jurassem fidelidade. Stannis é menos clemente. Não deve ter esquecido o cerco a Ponta Tempestade, e os Senhores Tyrell e Redwyne não se atrevem a esquecê-lo. Cada homem que lutou sob o estandarte do dragão ou se revoltou com Balon Greyjoy terá bons motivos para temer. Sentai Stannis no Trono de Ferro e garanto-vos que o reino sangrará.

“Olhai agora para o outro lado da moeda. Joffrey tem apenas doze anos, e Robert deu-vos a regência a *vós*, senhor. Sois a Mão do Rei e Protector do Território. O poder é vosso, Lorde Stark. Tudo o que precisais de fazer é estender a mão e apanhá-lo. Fazei a paz com os Lannister. Libertai o Duende. Casai Joffrey com a vossa Sansa. Casai a vossa filha mais nova com o Príncipe Tommen e o vosso herdeiro com Myrcella. Passarão quatro anos até que o Príncipe Joffrey seja maior de idade. Por essa altura, ver-vos-á como um segundo pai, e se não o fizer, bem... quatro anos é um tempo bastante longo, senhor. Suficientemente longo para nos vermos livres de Lorde Stannis. Então, se Joffrey se revelar problemático, nós poderemos revelar o seu pequeno segredo e colocar o Lorde Renly no trono.

— *Nós*? — repetiu Ned.

O Mindinho encolheu os ombros.

— Precisareis de alguém para partilhar os vossos fardos. Asseguro-vos de que o meu preço será modesto.

— O vosso preço. — A voz de Ned era gelo. — Lorde Baelish, o que sugeris é traição.

— Só se perdermos.

— Esqueceis-vos — disse-lhe Ned —, esqueceis-vos de Jon Arryn. Esqueceis-vos de Jory Cassel. E esqueceis-vos disto. — Desembainhou o punhal e pousou-o na mesa entre eles; um bocado de osso de dragão e de aço valiriano, tão afiado como a diferença entre o certo e o errado, entre a verdade e a mentira, entre a vida e a morte. — Eles enviaram um homem *para cortar a*

garganta do meu filho, Lorde Baelish.

O Mindinho suspirou.

— Temo que me tenha realmente esquecido, senhor. Peço-vos perdão. Por um momento não me lembrei de que estava a falar com um Stark. — A boca torceu-se-lhe. — Será então Stannis e a guerra?

— Não é uma escolha. Stannis é o herdeiro.

— Longe de mim entrar em disputa com o Lorde Protector. Que quereis então de mim? Não é certamente a minha sabedoria.

— Farei os possíveis por esquecer a vossa... sabedoria — disse Ned com desagrado. — Chamei-vos aqui para pedir a ajuda que haveis prometido a Catelyn. É uma hora perigosa para todos nós. Robert nomeou-me Protector, é verdade, mas aos olhos do mundo, Joffrey é ainda seu filho e herdeiro. A rainha tem uma dúzia de cavaleiros e uma centena de homens de armas que farão tudo o que ordenar... o bastante para esmagar o que resta da guarda da minha casa. E pelo que sei, o seu irmão Jaime pode bem vir a caminho de Porto Real neste mesmo momento, à frente de uma hoste Lannister.

— E vós sem um exército. — O Mindinho brincou com o punhal sobre a mesa, fazendo-o girar lentamente com um dedo. — Pouco amor se perde entre Lorde Renly e os Lannister. Bronze Yohn Royce, Sor Balon Swann, Sor Loras, a Senhora Tanda, os gémeos Redwyne... todos eles têm um séquito de cavaleiros e soldados aqui na corte.

— Renly tem trinta homens na sua guarda pessoal, e os outros ainda menos. Não chega, mesmo se pudesse ter a certeza de que todos eles escolheriam aliar-se a mim. Tenho de controlar os homens de manto dourado. A Patrulha da Cidade tem dois mil homens, que juraram defender o castelo, a cidade e a paz do rei.

— Ah, mas quando a rainha proclamar um rei e a Mão outro, de quem será a paz que eles protegerão? — O Lorde Petyr deu um piparote no punhal, pondo-o a girar no mesmo sítio. Girou e girou, oscilando enquanto rodopiava. Quando por fim abrandou e parou, a ponta apontou para o Mindinho. — Ora, aí tendes a vossa resposta — disse ele a sorrir. — Seguirão o homem que lhes paga. — Recostou-se e olhou directamente para o rosto de Ned, com os olhos cinzentos esverdeados brilhantes de troça. — Usais a vossa honra como uma armadura, Stark. Julgais que vos mantém a salvo, mas tudo o que ela faz é tornar-vos pesado e dificultar-vos os movimentos. Olhai para vós agora. Sabeis por que motivo me haveis convocado a vir até aqui. Sabeis o que quereis pedir-me para fazer. Sabeis que isso tem de ser feito... mas não é *honroso*, por isso as palavras prendem-se-vos na garganta.

O pescoço de Ned estava rígido de tensão. Por um momento ficou tão zangado que não teve suficiente confiança em si próprio para falar.

O Mindinho soltou uma gargalhada.

— Devia obrigar-vos a dizê-lo, mas seria uma crueldade... por isso nada temei, meu bom senhor. Em nome do amor que sinto por Catelyn, irei falar com Janos Slynt agora mesmo e assegurar-me-ei de que a Patrulha da Cidade é vossa. Seis mil peças de ouro deverão bastar. Um terço para o Comandante, um terço para os oficiais, um terço para os homens. Talvez conseguíssemos comprá-los por metade desse preço, mas prefiro não arriscar. — Sorrindo, pegou no punhal e ofereceu-o a Ned, com o cabo para a frente.

Jon quebrava o jejum com bolo de maçã e morcela quando Samwell Tarly se deixou cair no banco.

— Fui chamado ao septo — disse Sam num sussurro excitado. — Vão tirar-me do treino. Vou ser feito irmão convosco. Acreditas?

— Não! É verdade?

— É verdade. Vou ajudar o Mestre Aemon com a biblioteca e as aves. Ele precisa de alguém que saiba ler e escrever cartas.

— Serás bom nisso — disse Jon, sorrindo.

Sam lançou em volta uma olhadela ansiosa.

— Já está na hora? Não devia atrasar-me, eles poderão mudar de ideias. — Mostrou-se bastante vigoroso quando atravessaram o pátio salpicado de ervas. O dia estava morno e soalheiro. Regatos escorriam pelos lados da Muralha, e o gelo parecia cintilar.

Dentro do septo, o grande cristal capturava a luz da manhã que jorrava através da janela virada a sul, e espalhava-a num arco-íris pelo altar. A boca de Pyp escancarou-se ao ver Sam, e o Sapo acotovelou Grenn nas costelas, mas ninguém se atreveu a dizer uma palavra. O Septão Celladar fazia oscilar um incensório, enchendo o ar de incenso odorífero que fazia lembrar a Jon o pequeno septo da Senhora Stark em Winterfell. Por uma vez, o septão parecia estar sóbrio.

Os grandes oficiais chegaram em conjunto; o Mestre Aemon apoiado em Clydas, Sor Alliser com olhos frios e sombrio, o Senhor Comandante Mormont resplandecente num gibão de lã negra com presilhas de prata em forma de garra de urso. Atrás deles vinham os membros superiores das três ordens: Bowen Marsh, o Senhor Intendente, com a sua cara vermelha, o Primeiro Construtor Othell Yarwyck, e Sor Jaremy Rykker, que comandava os patrulheiros na ausência de Benjen Stark.

Mormont parou em frente do altar, com o arco-íris a brilhar sobre a sua grande cabeça calva.

— Chegastes até nós como foras-da-lei — começou —, caçadores furtivos, violadores, devedores, assassinos e ladrões. Chegastes até nós como crianças. Chegastes até nós sós, acorrentados, sem amigos nem honra. Chegastes até nós ricos e chegastes até nós pobres. Alguns de vós ostentam os nomes de Casas orgulhosas. Outros têm apenas nomes de bastardos ou não têm nome algum. Não importa. Tudo isso é agora passado. Na Muralha,

somos todos uma Casa.

“Ao cair da noite, quando o Sol se puser e enfrentarmos a noite que se aproxima, fareis os vossos votos. Desse momento em diante, sereis Irmãos Ajuramentados da Patrulha da Noite. Os vossos crimes serão limpos, as vossas dívidas perdoadas. De igual modo, deveis também limpar-vos das vossas antigas lealdades, pôr de lado os vossos ressentimentos, esquecer igualmente as antigas ofensas e os antigos amores. Aqui começais de novo.

“Um homem da Patrulha da Noite vive a sua vida pelo reino. Não por um rei, nem por um senhor, nem pela honra desta ou daquela Casa, nem por ouro ou por glória ou pelo amor de uma mulher, mas pelo *reino* e por todas as pessoas que ele contém. Um homem da Patrulha da Noite não toma uma esposa nem gera filhos. A nossa esposa é o dever. A nossa amante é a honra. E vós sois os únicos filhos que algum dia conheceremos.

“Aprendestes as palavras do voto. Reflecti com cuidado antes de as dizerdes, pois uma vez envergado o negro, não haverá caminho de volta. O castigo pela deserção é a morte. — O Velho Urso fez uma pausa momentânea antes de dizer: — Existe alguém entre vós que deseje deixar a nossa companhia? Se sim, ide agora, e ninguém pensará menos de vós.

Ninguém se moveu.

— Muito bem — disse Mormont. — Podeis fazer os vossos votos aqui ao cair da noite, perante o Septão Celladar e o chefe da vossa Ordem. Algum de vós é fiel dos velhos deuses?

Jon levantou-se.

— Eu sou, senhor.

— Suponho que quereis proferir as vossas palavras perante uma árvore-coração, como fez o vosso tio — disse Mormont.

— Sim, senhor — disse Jon. Os deuses do septo não tinham nada a ver com ele; o sangue dos Primeiros Homens corria nas veias dos Stark.

Ouviu Grenn a sussurrar atrás dele.

— Não há aqui um bosque sagrado. Ou há? Nunca vi um bosque sagrado.

— Não verias uma manada de auroques até que te espezinhassem contra a neve — sussurrou Pyp em resposta.

— Via, pois — insistiu Grenn. — Via-os a longa distância.

O próprio Mormont confirmou as dúvidas de Grenn.

— Castelo Negro não tem necessidade de um bosque sagrado. Para lá da Muralha, a floresta assombrada encontra-se como se encontrava na Idade da Alvorada, muito antes de os Ándalos trazerem os Sete através do mar estreito. Encontrareis um bosque de represeiros a meia légua deste local, e talvez encontreis aí também os vossos deuses.

— Senhor. — A voz fez Jon olhar para trás surpreso. Samwell Tarly

estava de pé. O gordo rapaz esfregou as palmas suadas na túnica. — Poderei... poderei ir também? Dizer as minhas palavras junto a essa árvo-re-coração?

— A Casa Tarly também é fiel dos velhos deuses? — perguntou Mormont.

— Não, senhor — respondeu Sam numa voz fina e nervosa. Jon sabia que os grandes oficiais o assustavam, e o Velho Urso acima de todos. — Recebi o nome à luz dos Sete no septo de Monte Chifre, tal como o meu pai, e o pai dele, e todos os Tarly ao longo de mil anos.

— Porque quereríeis abandonar os deuses do vosso pai e da vossa Casa? — quis saber Sor Jaremy Rykker.

— A Patrulha da Noite é agora a minha Casa — disse Sam. — Os Sete nunca responderam às minhas preces. Talvez os deuses antigos o façam.

— Como quiserdes, rapaz — disse Mormont. Sam voltou a sentar-se, e o mesmo fez Jon. — Colocámos cada um de vós numa Ordem que mais se adequa às nossas necessidades e aos vossos pontos fortes e perícias. — Bowen Marsh avançou e entregou-lhe um papel. O Senhor Comandante desenrolou-o e começou a ler. — Halder, para os construtores — começou. Halder fez um aceno rígido de aprovação. — Grenn, para os patrulheiros. Albett, para os construtores. Pypar, para os patrulheiros. — Pyp olhou para Jon e sacudiu as orelhas. — Samwell, para os intendentess. — Sam descaiu de alívio, limpando a testa com um bocado de seda. — Matthar, para os patrulheiros. Daeron, para os intendentess. Todder, para os patrulheiros. Jon, para os intendentess.

Os *intendentess*? Por um momento, Jon não conseguiu acreditar no que ouvira. Mormont devia ter lido mal. Começou a erguer-se, a abrir a boca, a dizer-lhes que tinha havido um engano... e então viu que Sor Alliser o estudava, com os olhos brilhantes como duas lascas de obsidiana, e compreendeu.

O Velho Urso enrolou o papel.

— Os vossos chefes irão instruir-vos quanto aos vossos deveres. Que todos os deuses vos protejam, irmãos. — O Senhor Comandante concedeu-lhes uma meia vénia e retirou-se. Sor Alliser foi com ele, com um ténue sorriso no rosto. Jon nunca vira o mestre-de-armas com um ar tão feliz.

— Patrulheiros, comigo — gritou Sor Jaremy Rykker depois de eles partirem. Pyp não tirou os olhos de Jon enquanto se pôs lentamente em pé. Tinha as orelhas vermelhas. Grenn, com um largo sorriso, não parecia compreender que havia algo de errado. Matt e o Sapo juntaram-se a eles, e saíram do septo atrás de Sor Jaremy.

— Construtores — anunciou Othell Yarwyck, com o seu queixo em

forma de lanterna. Halder e Albett saíram no seu rasto.

Jon olhou em volta numa incredulidade nauseada. Os olhos cegos do Mestre Aemon estavam erguidos para a luz que não podia ver. O septão arrumava cristais no altar. Só Sam e Daeron permaneciam nos bancos; um gordo, um cantor... e ele.

O Senhor Intendente Bowen Marsh esfregou as mãos roliças.

— Samwell, vais prestar assistência ao Mestre Aemon no viveiro dos corvos e na biblioteca. Chett vai para os canis, ajudar com os cães de caça. Ficarás com a sua cela, para estares perto do Mestre de noite e de dia. Espero que tomes bem conta dele. É muito velho e muito precioso para nós.

“Daeron, dizem-me que cantaste à mesa de muitos grandes senhores e partilhaste da sua comida e bebida. Vamos enviar-te para Atalaiaeste. Pode ser que o teu paladar seja útil a Cotter Pyke quando as galés mercantes chegarem para fazer negócio. Estamos a pagar demasiado por carne salgada e peixe de salmoura, e a qualidade do azeite que temos recebido tem sido tenebrosa. Apresenta-te a Borcas quando chegares, ele manter-te-á ocupado entre navios.

Marsh virou o seu sorriso para Jon.

— O Senhor Comandante Mormont requisitou-te como seu intendente pessoal, Jon. Dormirás numa cela sob os seus aposentos, na torre do Senhor Comandante.

— E quais serão os meus deveres? — perguntou Jon em tom acerado. — Servirei as refeições do Senhor Comandante, ajudá-lo-ei a prender as suas roupas, irei buscar água quente para o seu banho?

— Com certeza — Marsh franziu o sobrolho perante o tom de Jon. — E transmitirás as suas mensagens, manterás um fogo a arder nos seus aposentos, mudarás os seus lençóis e cobertores todos os dias e farás tudo o que o Senhor Comandante requeira de ti.

— Tomais-me por um criado?

— Não — disse o Mestre Aemon do fundo do septo. Clydas ajudou-o a pôr-se em pé. — Tomámos-te por um homem da Patrulha da Noite... mas talvez nos tivéssemos enganado.

Tudo o que Jon conseguiu fazer foi impedir-se de sair. Esperariam que batesse leite para fazer manteiga e cosesse gibões como uma rapariga para o resto dos seus dias?

— Posso ir? — perguntou rigidamente.

— Como quiseses — respondeu Bowen Marsh.

Daeron e Sam saíram com ele. Desceram em silêncio até ao pátio. Lá fora, Jon olhou a Muralha que brilhava ao sol, com o gelo que derretia a escorrer pelo flanco numa centena de estreitos dedos. A raiva de Jon era tanta

que teria esmagado tudo aquilo num instante, e o mundo que se danasse.

— Jon — disse Samwell Tarly num tom excitado. — Espera. Não percebes o que eles estão a fazer?

Jon virou-se para ele, numa fúria.

— Vejo a maldita mão de Sor Alliser, é o que vejo. Quis envergonhar-me, e conseguiu.

Daeron deitou-lhe um olhar carrancudo.

— Os intendentes são bons para gente como tu e eu, Sam, mas não para o Lorde Snow.

— Sou melhor espadachim e melhor cavaleiro do que qualquer um de vós — exclamou Jon em resposta. — Não é *justo*!

— Justo? — disse Daeron em tom escarninho. — A rapariga estava à minha espera, nua como no dia em que nascera. Puxou-me pela janela, e falou-me do que é *justo*? — E afastou-se.

— Não há vergonha em ser um intendente — disse Sam.

— Pensas que quero passar o resto da vida a lavar a roupa interior de um velho?

— O velho é o Senhor Comandante da Patrulha da Noite — lembrou-lhe Sam. — Estarás com ele dia e noite. Sim, servir-lhe-ás o vinho e verificarás se a sua roupa de cama está lavada, mas também transportarás as suas cartas, ajudá-lo-ás em reuniões, servirás como seu escudeiro em batalha. Estarás tão perto dele como uma sombra. Saberás de tudo, farás parte de tudo... e o Senhor Intendente disse que Mormont pediu-te *pessoalmente*!

“Quando eu era pequeno, o meu pai costumava insistir que eu o ajudasse na sala de audiências sempre que as concedesse. Quando ia a Jardim de Cima dobrar o joelho ao Lorde Tyrell, obrigava-me a ir também. Mas mais tarde começou a levar o Dickon e a deixar-me em casa, e já não se importava se eu estava presente nas suas audiências, desde que o Dickon lá estivesse. Queria o seu *herdeiro* a seu lado, não vês? Para observar e ouvir, e aprender com aquilo que fazia. Aposto que é por isso que o Lorde Mormont te requisitou, Jon. Que outra coisa podia ser? Quer preparar-te para o *comando*!

Jon foi apanhado de surpresa. Era verdade, o Lorde Eddard fizera com frequência com que Robb participasse dos seus conselhos em Winterfell. Poderia Sam ter razão? Mesmo um bastardo podia ascender a grande altura na Patrulha da Noite, dizia-se.

— Nunca pedi isto — disse teimosamente.

— Nenhum de nós está aqui por ter *pedido* — lembrou-lhe Sam.

E de súbito Jon Snow sentiu-se envergonhado.

Cobarde ou não, Samwell Tarly encontrara a coragem de enfrentar o seu destino como um homem. *Na Muralha, um homem só obtém aquilo que*

ganha, dissera Benjen Stark na última noite em que Jon o vira vivo. *Não és nenhum patrulheiro, Jon, não passas de um rapaz verde ainda a cheirar a Verão*. Ouvira dizer que os bastardos cresciam mais depressa do que as outras crianças; na Muralha, ou se crescia ou se morria.

Jon soltou um profundo suspiro.

— Tens razão. Estava a agir como um rapaz.

— Então ficarás e dirás as tuas palavras comigo?

— Os velhos deuses estão à nossa espera. — Obrigou-se a sorrir.

Partiram ao fim da tarde. A Muralha não tinha portões propriamente ditos, nem ali em Castelo Negro nem em nenhum ponto das suas trezentas milhas. Levaram os cavalos por um túnel estreito cortado no gelo, com paredes frias e escuras a apertar-se à volta deles enquanto a passagem se retorcia e curvava. Três vezes viram o caminho bloqueado por barras de ferro, e tiveram que parar enquanto Bowen Marsh puxava das chaves e destrancava as maciças correntes que as seguravam. Jon conseguia sentir o vasto peso que se encontrava sobre a sua cabeça enquanto esperava atrás do Senhor Intendente. O ar estava mais frio do que uma tumba, e mais parado também. Sentiu um estranho alívio quando voltaram a emergir para a luz da tarde do lado norte da Muralha.

Sam pestanejou com o súbito clarão e olhou em volta com apreensão.

— Os selvagens... eles não... eles nunca se atreveriam a aproximar-se tanto da Muralha, pois não?

— Nunca o fizeram. — Jon subiu para a sela. Depois de Bowen Marsh e a sua escolta de patrulheiros terem montado, Jon pôs dois dedos na boca e assobiou. O Fantasma saiu aos saltos do túnel.

O garrano do Senhor Intendente relinchou e afastou-se do lobo selvagem.

— Tencionas trazer esse animal?

— Sim, senhor — disse Jon. A cabeça de Fantasma ergueu-se. Parecia saborear o ar. Num piscar de olhos tinha partido, correndo através do largo campo coberto de ervas daninhas até desaparecer entre as árvores.

Uma vez na floresta, encontraram-se num mundo diferente. Jon caçara frequentemente com o pai, Jory e o irmão Robb. Conhecia a Mata de Lobos que rodeava Winterfell tão bem como qualquer outro homem. A floresta assombrada era muito parecida, mas a sensação que projectava era muito diferente.

Talvez tudo estivesse no conhecimento. Tinham cavalgado até depois do fim do mundo; de certa forma, isso mudava tudo. Cada sombra parecia mais escura, cada som mais agourento. As árvores apertavam-se e afastavam a luz do sol poente. Uma fina crosta de neve fendia-se sob os cascos dos cavalos, com um som que fazia lembrar o quebrar de ossos. Quando o vento fazia

restolhar as folhas, era como se um dedo gelado desenhasse um percurso ao longo da espinha de Jon. A Muralha estava nas suas costas, e só os deuses sabiam o que tinham à frente.

O Sol afundava-se atrás das árvores quando alcançaram o seu destino, uma pequena clareira nas profundezas da floresta, onde nove represeiros cresciam num círculo grosseiro. Jon prendeu a respiração, e viu Sam Tarly a olhar fixamente. Mesmo na Mata de Lobos, nunca se viam mais de duas ou três das árvores brancas a crescer juntas; um grupo de nove era inaudito. O chão da floresta encontrava-se atapetado de folhas caídas, vermelhas como sangue no topo, negras de podridão por baixo. Os grandes troncos lisos eram pálidos como ossos, e nove caras olhavam para dentro. A seiva seca que formava crosta nos olhos era vermelha e dura como rubi. Bowen Marsh ordenou-lhes que deixassem os cavalos fora do círculo.

— Este é um lugar sagrado, não o profanaremos.

Quando entraram no bosque, Samwell Tarly virou-se lentamente, olhando para uma das caras de cada vez. Não havia duas mesmo iguais.

— Eles observam-nos — sussurrou. — Os deuses antigos.

— Sim. — Jon ajoelhou, e Sam ajoelhou a seu lado.

Proferiram as palavras em conjunto, enquanto a última luz desaparecia a oeste e o dia cinzento se transformava na noite negra.

— Escutai as minhas palavras, e testemunhai os meus votos — recitaram, com as vozes a encher o bosque penumbroso. — A noite chega, e agora começa a minha vigia. Não terminará até à minha morte. Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos. Não usarei coroas e não conquistarei glórias. Viverei e morrerei no meu posto. Sou a espada na escuridão. Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens. Dou a minha vida e a minha honra à Patrulha da Noite, por esta noite e por todas as noites que estão para vir.

A floresta caiu no silêncio.

— Ajoelhastes como rapazes — entoou solenemente Bowen Marsh. — Erguei-vos agora como homens da Patrulha da Noite.

Jon estendeu uma mão para ajudar Sam a pôr-se de novo em pé. Os patrulheiros aproximaram-se para oferecer sorrisos e parabéns, todos menos o velho e nodoso lenhador Dywen.

— É melhor pormo-nos a caminho, s'nhor — disse ele a Bowen Marsh. — A escuridão 'tá a cair, e há qualquer coisa no cheiro da noite que nã me agrada.

E de súbito, Fantasma estava de volta, caminhando silenciosamente entre dois represeiros. *Pêlo branco e olhos vermelhos*, apercebeu-se Jon,

intranquilo. *Como as árvores...*

O lobo tinha qualquer coisa entre as mandíbulas. Qualquer coisa negra.

— Que tem ele ali? — perguntou Bowen Marsh, franzindo a testa.

— A mim, Fantasma. — Jon ajoelhou. — Traz cá.

O lobo selvagem trotou até ele. Jon ouviu a brusca inspiração de Samwell Tarly.

— Que os deuses sejam bons — murmurou Dywen. — Isso é uma mão.

A luz cinzenta da alvorada jorrava através da sua janela quando o trovão dos cascos acordou Eddard Stark do seu breve sono exausto. Ergueu a cabeça da mesa para olhar para o pátio. Lá em baixo, homens revestidos de cota de malha e mantos carmesim faziam a manhã ressoar ao som de espadas e derrubavam falsos guerreiros recheados de palha. Ned observou Sandor Clegane que galopava através da dura terra batida e espetava uma lança de ponta de aço na cabeça de um espantalho. Rasgou-se tela e explodiu palha ao som das graçolas e pragas dos guardas Lannister.

Será este bravo espectáculo para meu benefício? perguntou a si próprio. Se era, Cersei era mais pateta do que ele imaginara. *Maldita seja*, pensou, *porque não fugiu, a mulher? Dei-lhe oportunidade atrás de oportunidade...*

A manhã estava encoberta e sombria. Ned quebrou o jejum com as filhas e a Septã Mordane. Sansa, ainda desconsolada, ficou a olhar, carrancuda, para a comida e recusou-se a comer, mas Arya devorou tudo o que lhe foi posto à frente.

— Syrio diz que temos tempo para uma última lição antes de embarcarmos esta noite — disse. — Posso, pai? Tenho todas as coisas embaladas.

— Uma lição curta, e assegura-te de que terás tempo para tomar banho e mudar de roupa. Quero-te pronta a partir ao meio-dia, entendido?

— Ao meio-dia — disse Arya.

Sansa ergueu os olhos da comida.

— Se ela pode ter uma lição de dança, porque não me deixais dizer adeus ao Príncipe Joffrey?

— De bom grado a acompanharia, Lorde Eddard — ofereceu-se a Septã Mordane. — Não se levantaria a questão de ela perder o navio.

— Não seria sensato ires ter com o Joffrey agora, Sansa. Lamento.

Os olhos de Sansa encheram-se de lágrimas.

— Mas *porquê*?

— Sansa, o senhor vosso pai sabe o que é melhor — disse a Septã Mordane. — Não deveis questionar as suas decisões.

— Não é *justo*! — Sansa empurrou a mesa, derrubou a cadeira e fugiu a chorar do aposento privado.

A Septã Mordane ergueu-se, mas Ned fez-lhe sinal para que se voltasse a

sentar.

— Deixai-a ir, Septã. Tentarei fazê-la compreender quando estivermos todos a salvo de regresso a Winterfell. — A septã inclinou a cabeça e sentou-se para terminar o pequeno-almoço.

Foi uma hora mais tarde que o Grande Mestre Pycelle veio ter com Eddard Stark ao seu aposento privado. Trazia os ombros caídos, como se o peso da grande corrente de mestre em volta do pescoço se tivesse tornado grande de mais para ele.

— Senhor — disse — O Rei Robert partiu. Que os deuses lhe dêem descanso.

— Não — respondeu Ned. — Ele detestava o descanso. Que os deuses lhe dêem amor e risos, e a alegria de batalhas justas. — Era estranho como se sentia vazio. Já esperava aquela visita, mas com aquelas palavras, algo morrera dentro dele. Teria trocado todos os seus títulos pela liberdade de chorar... mas era a Mão de Robert, e a hora que temia chegara. — Tende a bondade de convocar os membros do conselho aqui para os meus aposentos — disse a Pycelle. A Torre da Mão estava tão segura quanto ele e Tomard a tinham conseguido pôr. Não podia dizer o mesmo das salas do conselho.

— Senhor? — Pycelle pestanejou. — Certamente que os assuntos do reino podem esperar até amanhã, quando o nosso desgosto não estiver tão fresco.

Ned mostrou-se calmo mas firme.

— Temo que tenhamos de nos reunir de imediato.

Pycelle fez uma vénia.

— Às ordens da Mão. — Chamou os criados e enviou-os a correr, e de seguida aceitou com gratidão a oferta que Ned lhe fez de uma cadeira e de uma taça de cerveja doce.

Sor Barristan Selmy foi o primeiro a responder à convocatória, imaculado no seu manto branco e escamas esmaltadas.

— Senhores — disse —, o meu lugar é agora ao lado do jovem rei. Peço que me deis licença para cuidar dele.

— O vosso lugar é aqui, Sor Barristan — disse-lhe Ned.

O Mindinho chegou em seguida, ainda vestido com o veludo azul e a capa prateada com os tejos que usara na noite anterior, com as botas empoeiradas de andar a cavalo.

— Senhores — disse, sorrindo para nada em particular antes de se virar para Ned. — Aquela pequena tarefa que me atribuístes está realizada, Lorde Eddard.

Varys entrou numa nuvem de alfazema, rosado do banho, com a cara rechonchuda esfregada e empoada de fresco, os chinelos tudo menos

discretos.

— Os passarinhos cantam hoje uma canção penosa — disse enquanto se sentava. — O reino chora. Começamos?

— Quando o Lorde Renly chegar — disse Ned.

Varys dirigiu-lhe um olhar pesaroso.

— Temo que o Lorde Renly tenha abandonado a cidade.

— Abandonado a *cidade*? — Ned contara com o apoio de Renly.

— Retirou-se por uma poterna uma hora antes da alvorada, acompanhado por Sor Loras Tyrell e cerca de cinquenta criados — contou-lhes Varys. — Quando foram vistos pela última vez, galopavam para sul com alguma pressa, dirigindo-se sem dúvida para Ponta Tempestade ou Jardim de Cima.

Lá se foi o Renly e os seus cem soldados. Ned não gostou do cheiro daquilo, mas nada havia que pudesse fazer. Puxou pela última carta de Robert.

— O rei chamou-me ontem à noite e ordenou-me que registasse as suas últimas palavras. O Lorde Renly e o Grande Mestre Pycelle testemunharam enquanto Robert selou a carta, a ser aberta pelo conselho após a sua morte. Sor Barristan, por bondade?

O Senhor Comandante da Guarda Real examinou o papel.

— É o selo do Rei Robert, e está intacto. — Abriu a carta e leu. — O Lorde Eddard Stark é aqui nomeado Protector do Território, para governar como regente até que o herdeiro se torne maior de idade.

E por acaso ele já é maior de idade, reflectiu Ned, mas não deu voz ao pensamento. Não confiava nem em Pycelle nem em Varys, e Sor Barristan estava obrigado pela honra a proteger e defender o rapaz que julgava ser o seu novo rei. O velho cavaleiro não abandonaria Joffrey facilmente. A necessidade de engano deixava-lhe um sabor amargo na boca, mas Ned sabia que ali tinha de pisar com cuidado, tinha de guardar para si os seus projectos e jogar o jogo até estar firmemente estabelecido como regente. Haveria tempo de tratar da sucessão depois de Arya e Sansa estarem a salvo de regresso a Winterfell e de Lorde Stannis regressar a Porto Real com todo o seu poder.

— Desejo pedir a este conselho que me confirme como Lorde Protector, segundo a vontade de Robert — disse Ned, observando os rostos dos outros, perguntando a si próprio que pensamentos se esconderiam por trás dos olhos meio fechados de Pycelle, do meio sorriso indolente do Mindinho e da nervosa agitação dos dedos de Varys.

A porta abriu-se. O Gordo Tom entrou no aposento privado.

— Perdão, senhores, o intendente do rei insiste...

O intendente real entrou e fez uma vénia.

— Estimados senhores, o rei exige a presença imediata do seu pequeno

conselho na sala do trono.

Ned esperara que Cersei atacasse rapidamente; a convocatória não era surpresa.

— O rei está morto — disse — mas iremos convosco mesmo assim. Tom, reúne uma escolta, por favor.

O Mindinho emprestou a Ned o braço a fim de o ajudar a descer os degraus. Varys, Pycelle e Sor Barristan seguiam logo atrás. Uma coluna dupla de homens de armas envergando cota de malha e capacetes de aço esperava à porta da torre, oito ao todo. Os mantos cinzentos bateram ao vento enquanto os guardas os acompanharam através do pátio. Não havia nenhum carmesim Lannister à vista, mas Ned sentiu-se tranquilizado pelo número de mantos dourados que estavam visíveis nos baluartes e nos portões.

Janos Slynt recebeu-os à porta da sala do trono, coberto com uma ornamentada armadura em tons de ouro e negro, com um elmo de crista alta debaixo do braço. O Comandante fez uma vénia rígida. Os seus homens empurraram as grandes portas de carvalho, com seis metros de altura e reforçada a bronze.

O intendente real fê-los entrar.

— Saudai Sua Graça, Joffrey das Casas Baratheon e Lannister, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ándalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protector do Território — cantou.

Era uma longa caminhada até ao fundo do salão, onde Joffrey esperava sentado no Trono de Ferro. Suportado pelo Mindinho, Ned Stark coxeou e saltitou lentamente na direcção do rapaz que chamava a si próprio rei. Os outros seguiram-nos. A primeira vez que percorrera aquele caminho tinha sido a cavalo, de espada na mão, e os dragões Targaryen observavam das paredes quando ele forcara Jaime Lannister a descer do trono. Perguntou a si próprio se Joffrey desceria com a mesma facilidade.

Cinco cavaleiros da Guarda Real — todos menos Sor Jaime e Sor Barristan — dispunham-se em crescente em torno da base do trono. Trajavam armadura completa, aço esmaltado do elmo ao escarpe, longas capas claras sobre os ombros, brilhantes escudos brancos atados aos braços esquerdos. Cersei Lannister e os dois filhos mais novos estavam em pé atrás de Sor Boros e de Sor Meryn. A rainha trazia um vestido de seda verde-mar, debruada com renda de Myr clara como espuma. No dedo, tinha um anel dourado com uma esmeralda do tamanho de um ovo de pombo, e na cabeça usava uma tiara a condizer.

Acima deles, o Príncipe Joffrey sentava-se no meio das farpas e dos espigões trajando um gibão de pano de ouro e uma capa vermelha de cetim. Sandor Clegane estava posicionado na base da íngreme escada estreita do

trono. Trazia cota de malha e placa cinzenta fuliginosa e o seu elmo em forma de cabeça de cão a rosnar.

Atrás do trono esperavam vinte guardas Lannister com espadas longas presas aos cintos. Mantos carmesim envolviam-lhes os ombros e leões de aço encimavam os seus elmos. Mas o Mindinho cumprira a promessa; ao longo das paredes, à frente das tapeçarias de Robert com as suas cenas de caça e batalha, as fileiras de mantos dourados da Patrulha da Cidade estavam rigidamente em sentido, cada homem com a mão agarrada à haste de uma lança de dois metros e meio de comprimento terminada em ferro negro. Eram cinco para cada homem dos Lannister.

A perna de Ned era um braseiro de dor quando parou. Manteve uma mão sobre o ombro do Mindinho para ajudar a suportar o peso.

Joffrey ergueu-se. A sua capa de cetim vermelho possuía um padrão em fio de ouro; cinquenta leões a rugir de um lado, cinquenta veados empinados do outro.

— Ordeno ao conselho que faça todos os preparativos necessários para a minha coroação — proclamou o rapaz. — Desejo ser coroado esta quinzena. Hoje, receberei juramentos de fidelidade dos meus leais conselheiros.

Ned apresentou a carta de Robert.

— Lorde Varys, tende a bondade de mostrar isto à senhora de Lannister.

O eunuco levou a carta a Cersei. A rainha deitou um relance às palavras.

— Protector do Território — leu. — Isto pretende ser o vosso escudo, senhor? Um bocado de papel? — Rasgou a carta ao meio, rasgou as metades em quartos e deixou os bocados flutuar até ao chão.

— Essas eram as palavras do rei — disse Sor Barristan, chocado.

— Temos agora um novo rei — respondeu Cersei Lannister. — Lorde Eddard, da última vez que conversámos, destes-me um conselho. Permiti-me que vos devolva a cortesia. Dobrai o joelho, senhor. Dobrai o joelho e jurai fidelidade ao meu filho, e permitiremos que vos demitaís do cargo de Mão e que vivais a vossa vida no deserto cinzento a que chamais casa.

— Bem gostaria de o poder fazer — disse Ned sombriamente. Se ela estava tão determinada a forçar o assunto aqui e agora, não lhe deixava escolha. — O vosso filho não tem direito ao trono em que se senta. O Lorde Stannis é o verdadeiro herdeiro de Robert.

— *Mentiroso!* — gritou Joffrey, com o rosto a ficar vermelho.

— Mãe, que quer ele dizer? — perguntou a Princesa Myrcella à rainha num tom lamuriento. — O Joff não é agora o rei?

— Condenais-vos com a vossa própria boca, Lorde Stark — disse Cersei Lannister. — Sor Barristan, predei este traidor.

O Senhor Comandante da Guarda Real hesitou. Num piscar de olhos, ficou rodeado de guardas Stark, com aço nu nos punhos revestidos de malha.

— E agora a traição passa das palavras às acções — disse Cersei. — Julgais que Sor Barristan está só, senhor? — Com um agoirento raspar de metal em metal, o Cão de Caça desembainhou a espada. Os cavaleiros da Guarda Real e vinte guardas Lannister vestidos de carmim moveram-se em sua ajuda.

— *Matai-o!* — Gritou o jovem rei de cima do Trono de Ferro. — *Matai-os a todos, sou eu que o ordeno!*

— Não me deixais escolha — disse Ned a Cersei Lannister. Gritou para Janos Slynt. — Comandante, prendeí a rainha e os seus filhos. Não lhes façais mal, mas escoltai-os de volta aos aposentos reais e mantende-os aí, guardados.

— Homens da Patrulha! — gritou Janos Slynt, colocando o elmo. Uma centena de homens de manto dourado baixaram as lanças e aproximaram-se.

— Não desejo derramamento de sangue — disse Ned à rainha. — Dizei aos vossos homens para baixar as espadas, e ninguém precisa de...

Com uma única estocada violenta, o mais próximo dos homens de manto dourado espetou a lança nas costas de Tomard. A arma do Gordo Tom caiu de dedos sem força no momento em que a húmida ponta vermelha surgiu de entre as suas costelas, perfurando couro e cota de malha. Estava morto antes de a sua espada atingir o chão.

O grito de Ned chegou tarde de mais. O próprio Janos Slynt abriu a garganta de Varly. Cayn rodopiou, fazendo relampejar o aço, e obrigou o lanceiro mais próximo a recuar com uma saraivada de golpes; por um instante, pareceu que talvez conseguisse abrir caminho até à liberdade. Mas então o Cão de Caça caiu sobre ele. O primeiro golpe de Sandor Clegane cortou a mão da espada de Cayn pelo pulso; o segundo fê-lo cair de joelhos e rasgou-o do ombro ao externo.

Enquanto os seus homens morriam à sua volta, o Mindinho tirou o punhal de Ned da bainha e apontou-lho à garganta. O sorriso que afivelou como que pedia perdão.

— Vós sabeis que vos *avisei* para não confiardes em mim.

— **A**lta — gritou Syrio Forel, atirando um golpe à sua cabeça. As espadas de pau fizeram *clac* quando Arya o parou.

— Esquerda — gritou ele, e a sua lâmina aproximou-se a assobiar. A dela precipitou-se para pará-la. O *clac* fez Syrio estalar os dentes.

— Direita — disse ele, e “Baixa” e “Esquerda” e de novo “Esquerda”, mais e mais depressa, avançando. Arya recuou, parando todos os golpes.

— Estocada — preveniu Syrio, e quando o golpe veio, ela esquivou-se para o lado, afastou a lâmina dele e atirou um contra-golpe ao seu ombro. Quase lhe tocou, *quase*, ficou tão perto que sorriu. Uma madeixa pendeu-lhe sobre os olhos, pesada de suor, e ela afastou-a com as costas da mão.

— Esquerda — cantou Syrio. — Baixa. — A sua espada era uma mancha indistinta, e o Pequeno Salão ecoava com os *clac clac clac*. — Esquerda. Esquerda. Alta. Esquerda. Direita. Esquerda. Baixa. *Esquerda!*

A lâmina de madeira atingiu-a na parte superior do peito, num súbito golpe que era mais doloroso por ter vindo do lado errado.

— *Au* — gritou ela. Teria ali uma nova nódoa negra quando fosse dormir, algures no mar. *Uma nódoa negra é uma lição*, disse a si própria, *e todas as lições nos melhoram*.

Syrio deu um passo para trás.

— Estás agora morta.

Arya fez uma careta.

— Fizeste batota — disse com veemência. — Disseste esquerda e foste pela direita.

— Precisamente. E agora és uma rapariga morta.

— Mas *mentiste!*

— As minhas palavras mentiram. Os olhos e o braço gritaram a verdade, mas não estavas a ver.

— Estava, pois — disse Arya. — Observei-te segundo a segundo!

— Observar não é ver, rapariga morta. O dançarino de água vê. Anda, pousa a espada, agora é tempo de escutar.

Arya seguiu-o até junto da parede, onde ele se instalou num banco.

— Syrio Forel foi primeira espada do Senhor do Mar de Bravos, mas saberás tu como isso aconteceu?

— Eras o melhor espadachim da cidade.

— Precisamente. Mas porquê? Outros homens eram mais fortes, mais rápidos, mais jovens, porque era Syrio Forel o melhor? Vou dizer-te. —

Tocou ligeiramente na pálpebra com a ponta do mindinho. — Ver, ver realmente, é o coração de tudo.

“Escuta-me. Os navios de Bravos navegam até tão longe quanto os ventos sopram, até terras estranhas e maravilhosas, e, quando regressam, os seus capitães trazem animais bizarros para a colecção do Senhor do Mar. Animais como tu nunca viste, cavalos listrados, grandes coisas malhadas com pescoços longos como andas, ratos-porcos peludos do tamanho de vacas, manticoras com espinhos, tigres que transportam as crias numa bolsa, terríveis lagartos que caminham, com gadanhas no lugar das garras. Syrio Forel viu estas coisas.

“No dia de que falo, o primeira espada tinha morrido havia pouco tempo e o Senhor do Mar mandou-me chamar. Muitos espadachins tinham sido levados à sua presença e a todos mandara embora, sem que nenhum soubesse porquê. Quando foi a minha vez, encontrei-o sentado com um gordo gato amarelo ao colo. Disse-me que um dos capitães lhe tinha trazido o animal de uma ilha para lá do sol nascente. “Já viste algum animal como ela?”, perguntou.

“E eu disse-lhe: “Todas as noites, nas vielas de Bravos, vejo mil como ele”, e o Senhor do Mar riu-se e nesse mesmo dia fui nomeado primeira espada.

Arya contraiu o rosto.

— Não percebo.

Syrio fez estalar os dentes.

— O gato era um gato comum, nada mais. Os outros esperavam um animal fabuloso, e era isso que viam. Era tão grande, diziam. Não era maior que qualquer outro gato, tinha apenas engordado devido à indolência pois o Senhor do Mar alimentava-o da sua própria mesa. Que curiosas pequenas orelhas possuía, diziam. As suas orelhas tinham sido roídas em lutas entre crias. E era claramente um macho, mas o Senhor do Mar dizia “ela” e era isso que os outros viam. Estás a ouvir?

Arya reflectiu sobre aquilo.

— Viste o que havia para ver.

— Precisamente. Abrir os olhos era quanto bastava. O coração mente e a cabeça usa truques connosco, mas os olhos vêem a verdade. Olha com os olhos. Ouve com os ouvidos. Saboreia com a boca. Cheira com o nariz. Sente com a pele. É *então*, depois, que chega o tempo de pensar e de conhecer dessa forma a verdade.

— Precisamente — disse Arya, a sorrir.

Syrio Forel permitiu-se um sorriso.

— Estou a pensar que quando chegarmos a esse teu Winterfell, será tempo de te pôr esta agulha na mão.

— Sim! — disse Arya, entusiasmada. — Espera só que eu mostre ao Jon...

Atrás dela, as grandes portas de madeira do Salão Pequeno abriram-se bruscamente com um estrondo ressonante. Arya virou-se sobre si própria.

Um cavaleiro da Guarda Real encontrava-se sob o arco da porta, com cinco guardas dos Lannister enfileirados atrás dele. Trazia armadura completa, mas o visor estava erguido. Arya lembrava-se dos seus olhos caídos e das suíças cor de ferrugem de quando estivera em Winterfell com o rei: Sor Meryn Trant. Os homens de mantos vermelhos usavam cota de malha sobre couro fervido e capacetes de aço decorados com leões.

— Arya Stark — disse o cavaleiro —, vem connosco, filha.

Arya mordeu o lábio, insegura.

— Que quereis vós?

— O teu pai quer ver-te.

Arya deu um passo em frente, mas Syrio Forel segurou-lhe no braço.

— E porque é que o Lorde Eddard envia homens dos Lannister em lugar dos seus? Estou curioso.

— Põe-te no teu lugar, mestre de dança — disse Sor Meryn. — Isto não te diz respeito.

— O meu pai não vos enviaria a vós — disse Arya. E agarrou na espada de pau. Os Lannister riram-se.

— Pousa o pau, rapariga — disse-lhe Sor Meryn. — Sou um Irmão Ajuramentado da Guarda Real, as Espadas Brancas.

— Também o Regicida o era quando matou o antigo rei — disse Arya. — Não tenho de ir convosco se não quiser.

Sor Meryn Trant ficou sem paciência.

— Capturem-na — disse aos seus homens. Baixou o visor do elmo.

Três dos homens avançaram, fazendo tilintar suavemente a cota de malha a cada passo. Arya sentiu um medo súbito. *O medo golpeia mais profundamente que as espadas*, disse a si própria, a fim de abrandar o bater do coração.

Syrio Forel interpôs-se entre os homens e Arya, batendo levemente com a espada de madeira na bota.

— Parai aí mesmo. Sois homens ou cães para ameaçar uma criança?

— Sai da frente, velho — disse um dos homens dos mantos vermelhos.

O pau de Syrio subiu a assobiar e ressoou contra o elmo do homem.

— Chamo-me Syrio Forel, e vais-te dirigir a mim com mais respeito.

— Bastardo careca. — O homem puxou da espada. O pau voltou a movimentar-se com uma rapidez que cegava. Arya ouviu um sonoro *crac* quando a espada embateu ruidosamente no chão de pedra. — A minha *mão* — ganiu o guarda, agarrando-se aos dedos partidos.

— És rápido, para um mestre de dança — disse Sor Meryn.

— És lento, para um cavaleiro — respondeu Syrio.

— Matem o bravosiano e tragam-me a rapariga — ordenou o cavaleiro da armadura branca.

Quatro guardas Lannister desembainharam as espadas. O quinto, o dos dedos partidos, cuspiu e puxou de um punhal com a mão esquerda.

Syrio Forel fez estalar os dentes, pondo-se na sua posição de dançarino de água, apresentando apenas o flanco ao inimigo.

— Arya, minha filha — chamou, sem nunca a olhar, sem nunca tirar os olhos dos Lannister —, basta de dança por hoje. É melhor que te vás embora. Corre para junto do teu pai.

Arya não queria deixá-lo, mas Syrio ensinara-a a fazer o que lhe dizia.

— *Ligeira como uma corça* — sussurrou.

— Precisamente — disse Syrio Forel, enquanto os Lannister se aproximavam.

Arya recuou, com a espada de madeira bem apertada na mão. Ao vê-lo agora, compreendeu que Syrio se limitara a brincar com ela nos seus duelos. Os homens dos mantos vermelhos aproximavam-se dele por três lados, de aço nas mãos. Tinham o peito e braços revestidos de cota de malha, e uma bragadura de aço cosida às calças, mas apenas couro nas pernas. As mãos estavam nuas, e os capacetes que usavam tinham protectores para o nariz mas não possuíam uma viseira sobre os olhos.

Syrio não esperou que o alcançassem e girou para a esquerda. Arya nunca vira alguém mover-se tão depressa. O bravosiano parou um golpe de espada com o seu pau e rodopiou para longe de uma segunda lâmina. Desequilibrado, o segundo homem cambaleou sobre o primeiro. Syrio assentou-lhe com uma bota nas costas e os homens de vermelho caíram juntos ao chão. O terceiro guarda saltou por cima dos companheiros, enviando um golpe à cabeça do dançarino de água. Syrio esquivou-se sob a lâmina e deu uma estocada de baixo para cima. O guarda caiu aos gritos, jorrando sangue do húmido buraco vermelho que se abrira onde estivera o seu olho esquerdo.

Os homens que tinham caído estavam a levantar-se. Syrio pontapeou um deles na cara e arrancou o capacete de aço da cabeça do outro. O homem do punhal tentou apunhalá-lo. Syrio defendeu-se com o capacete e partiu-lhe a rótula com a espada de pau. O último homem de vermelho gritou uma praga e carregou, brandindo a espada de cima para baixo com as duas mãos. Syrio

rolou para a direita, e aquele golpe de carneiro atingiu entre o pescoço e o ombro o homem sem capacete, que tentava ajoelhar-se. A longa espada triturou cota de malha, couro e carne. O homem de joelhos guinchou. Antes que o seu assassino conseguisse libertar a espada, Syrio deu-lhe uma estocada na maçã de Adão. O guarda soltou um grito sufocado e cambaleou para trás, agarrado ao pescoço, com o rosto a enegrecer.

Quando Arya alcançou a porta das traseiras, que dava para a cozinha, cinco homens estavam caídos, mortos ou a morrer. Ouviu Sor Meryn Trant praguejar.

— Malditos idiotas — resmungou, sacando a espada da bainha.

Syrio Forel regressou à sua pose e fez estalar os dentes.

— Arya, minha filha — chamou, sem nunca a olhar —, vai-te agora embora.

Olha com os olhos, dissera ele. E ela via: o cavaleiro coberto dos pés à cabeça pela armadura branca, com as pernas, garganta e mãos revestidos de metal, os olhos escondidos atrás do grande elmo branco, e aço afiado nas mãos. Contra aquilo: Syrio, vestido de couro, com uma espada de madeira na mão.

— Syrio, *foge* — gritou.

— A primeira espada de Bravos não foge — cantou ele, enquanto Sor Meryn lhe atirava um golpe. Syrio dançou para longe, fazendo do pau uma mancha indistinta. Num instante, tinha lançado golpes contra a têmpora, o cotovelo e a garganta do cavaleiro, fazendo a madeira ressoar contra elmo, manopla e gorjal. Arya não se conseguia mexer. Sor Meryn avançou; Syrio recuou. Parou o golpe seguinte, rodopiou para fora do alcance do segundo, deflectiu o terceiro.

O quarto cortou-lhe o pau em dois, estilhaçando a madeira e cisalhando através do núcleo de chumbo.

Aos soluços, Arya virou-se e fugiu.

Mergulhou através das cozinhas e da despensa, cega de pânico, serpenteando entre cozinheiros e aprendizes. Uma ajudante de padeiro surgiu na sua frente, segurando um tabuleiro de madeira. Arya atirou-a ao chão, espalhando por todo o lado odoríferos pães acabados de cozer. Ouviu gritos atrás de si enquanto rodopiava em torno de um corpulento carneiro que ficou a olhá-la de boca aberta, com um cutelo na mão. Tinha os braços vermelhos até ao cotovelo.

Tudo o que Syrio Forel lhe ensinara passou-lhe num ápice pela cabeça. *Ligeira como uma corça. Silenciosa como uma sombra. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. Forte como um urso. Feroz como um glutão. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. O homem que teme*

perder, já perdeu. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. O medo golpeia mais profundamente que as espadas. O punho da espada de madeira estava escorregadio de suor, e Arya respirava com força quando chegou à escada do torreão. Por um instante, imobilizou-se. Para cima ou para baixo? O caminho para cima levá-la-ia à ponte coberta que atravessava o pátio pequeno até à Torre da Mão, mas esse seria certamente o trajecto que esperavam que seguisse. *Nunca faças o que eles esperam*, dissera Syrio uma vez. Arya desceu, numa longa espiral, saltando sobre os estreitos degraus de pedra aos dois e três de cada vez. Emergiu numa cavernosa adega abobadada, e viu-se rodeada por barris de cerveja empilhados até aos seis metros de altura. A única luz que ali havia atravessava estreitas janelas oblíquas, abertas bem alto nas paredes.

A adega era um beco sem saída. Não havia caminho a não ser aquele por onde viera. Não se atrevia a voltar a subir aqueles degraus, mas também não podia ficar ali. Tinha de encontrar o pai e de lhe contar o que acontecera. O pai protegê-la-ia.

Arya enfiou a espada de madeira no cinto e começou a trepar, saltando de barril em barril até conseguir alcançar uma janela. Agarrando-se à pedra com as duas mãos, içou-se. A parede tinha quase um metro de espessura, e a janela era um túnel inclinado para cima e para fora. Arya torceu-se em direcção da luz do dia. Quando a cabeça atingiu o nível do chão, espreitou a Torre da Mão, do outro lado da muralha.

A robusta porta de madeira pendia, lascada e partida, como se tivesse sido derrubada por machados. Um homem jazia morto nos degraus, de barriga para baixo, com a capa enrolada debaixo do corpo e as costas do camião de cota de malha ensopadas de vermelho. Arya viu com um terror súbito que a capa do cadáver era de lã cinzenta, debruada de cetim branco. Não conseguia ver quem ele era.

— *Não* — sussurrou. Que estava a acontecer? Onde estava o pai? Porque tinham os homens dos mantos vermelhos ido buscá-la? Lembrou-se do que dissera o homem da barba amarela no dia em que encontrara os monstros. *Se uma Mão pode morrer, porque não uma segunda?* Sentiu lágrimas nos olhos. Prendeu a respiração para escutar. Ouviu os sons de luta, berros, gritos, o clangor do aço a bater em aço, atravessando as janelas da Torre da Mão.

Não podia regressar. O pai...

Arya fechou os olhos. Durante um instante, ficou demasiado assustada para se mover. Tinha morto Jory, Wyl e Heward, e aquele guarda no degrau, quem quer que ele fosse. Podiam também matar-lhe o pai, e a ela, se a apanhassem.

— *O medo golpeia mais profundamente que as espadas* — disse em voz alta, mas de nada servia fingir que era uma dançarina de água; Syrio fora um dançarino de água e era provável que o cavaleiro branco o tivesse matado, e de qualquer forma ela era apenas uma rapariguinha com um pau, só e assustada.

Trepou para o pátio, olhando em volta com cuidado enquanto se punha de pé. O castelo parecia deserto. A Fortaleza Vermelha *nunca* ficava deserta. Toda a gente devia estar escondida atrás de portas trancadas. Arya deitou uma olhadela ansiosa à janela do seu quarto, e depois afastou-se da Torre da Mão, mantendo-se junto ao muro enquanto deslizava de sombra em sombra. Fez de conta que estava à caça de gatos... excepto que agora era ela o gato, e se a apanhassem, matá-la-iam.

Movimentando-se entre os edifícios e por cima de muros, mantendo pedra nas suas costas sempre que possível para que ninguém fosse capaz de a surpreender, Arya chegou aos estábulos quase sem incidentes. Uma dúzia de homens de manto dourado protegidos por placas e cota de malha passou por ela a correr enquanto Arya avançava com cuidado pela muralha interior, mas como não sabia de que lado eles estavam, agachou-se nas sombras e deixou-os passar.

Hullen, que fora mestre dos cavalos em Winterfell desde que Arya conseguia recordar, estava esparramado no chão junto à porta dos estábulos. Fora apunhalado tantas vezes que a sua túnica parecia ter um padrão de flores escarlate. Arya tinha a certeza de que ele estava morto, mas quando se aproximou, os seus olhos abriram-se.

— Arya Debaixo dos Pés — sussurrou. — Tendes... prevenir vosso... senhor vosso pai... — Uma espumosa saliva vermelha saiu-lhe da boca a borbulhar. O mestre dos cavalos voltou a fechar os olhos e nada mais disse.

Lá dentro havia mais corpos; um palafrenero com quem brincara e três dos guardas da Casa do pai. Uma carroça, carregada de caixotes e arcas, estava abandonada perto da porta do estábulo. Os mortos deviam estar a carregá-la para a viagem até às docas quando foram atacados. Arya esgueirou-se para mais perto. Um dos cadáveres pertencia a Desmond, o homem que lhe mostrara a espada e prometera proteger-lhe o pai. Jazia de costas, com os olhos cegos fixos no tecto enquanto moscas caminhavam por cima deles. Um morto vestido com o manto vermelho e o elmo do leão dos Lannister estava perto dele. Mas era só um. *Cada nortenho vale tanto como dez desses soldados do Sul*, dissera-lhe Desmond.

— *Mentiroso!* — disse Arya, pontapeando o corpo numa súbita fúria.

Os animais estavam inquietos nas suas cocheiras, relinchando e resfolegando devido ao cheiro a sangue. O único plano de Arya era selar um

cavalo e fugir, para longe do castelo e da cidade. Tudo o que tinha a fazer era permanecer na Estrada do Rei, que a levaria até Winterfell. Tirou da parede uma brida e um arnês.

Ao passar pela parte de trás da carroça, uma arca caída chamou-lhe a atenção. Devia ter sido atirada ao chão durante a luta, ou deixada cair enquanto estava a ser carregada. A madeira quebrara-se e a tampa abrira-se, derramando o conteúdo pelo chão. Arya reconheceu sedas, cetins e veludos que nunca usava. Mas poderia precisar de roupas quentes na Estrada do Rei... e além disso...

Ajoelhou-se na terra por entre a roupa espalhada. Encontrou uma capa pesada de lã, uma saia de veludo, uma túnica de seda e alguma roupa de baixo, um vestido que a mãe tinha bordado para ela, uma pulseira de criança em prata que poderia vender. Atirando a tampa partida para longe, apalpou dentro da arca, em busca da Agulha. Tinha-a escondido bem no fundo, debaixo de tudo o resto, mas as coisas tinham-se misturado todas quando a arca caíra. Por um momento, Arya temeu que alguém tivesse encontrado e roubado a espada. Mas então os seus dedos detectaram a dureza do metal sob um vestido de cetim.

— Aí ‘tá ela — silvou uma voz, bem perto, nas suas costas.

Sobressaltada, Arya rodopiou. Um moço de estrebaria estava em pé atrás dela, com um sorriso estúpido no rosto, e uma imunda túnica de baixo branca a espreitar de sob um justilho enodado. Tinha as botas cobertas de estrume e uma forquilha numa mão.

— Quem és tu? — perguntou ela.

— Ela não me conhece — disse ele — mas eu conheço-a a ela, oh, sim. A rapariga lobo.

— Ajuda-me a selar um cavalo — pediu Arya, enfiando a mão na arca, procurando a Agulha às apalpadelas. — O meu pai é a Mão do Rei, ele dar-te-á uma recompensa.

— O pai ‘tá morto — disse o rapaz. Aproximou-se, arrastando os pés. — É a rainha que me vai dar recompensa. Anda cá, rapariga.

— Fica aí! — Os dedos dela fecharam-se em torno do cabo da Agulha.

— Eu disse: *anda*. — Ele agarrou-lhe o braço, com força.

Tudo o que Syrio Forel lhe ensinara desapareceu num instante. Naquele momento de súbito terror, a única lição que Arya conseguiu recordar foi aquela que Jon Snow lhe dera, a primeira de todas.

Espetou-lhe a ponta aguçada, empurrando a lâmina para cima com uma força selvagem e histérica.

A Agulha trespassou o justilho de couro e a carne branca da barriga do rapaz e saiu entre as omoplatas. Ele deixou cair a forquilha e fez um som

suave, algo entre um arquejo e um suspiro. As suas mãos fecharam-se em torno da lâmina.

— Oh, deuses — gemeu, quando a túnica de baixo começou a tornar-se vermelha. — Tira-a p'ra fora.

Quando ela a tirou para fora, ele morreu.

Os cavalos relinchavam. Arya ficou em pé junto ao corpo, imóvel e assustada perante a morte. Jorrara sangue da boca do rapaz quando caíra, e mais sangue saía da incisão na sua barriga, acumulando-se num charco por baixo do corpo. Tinha as palmas das mãos cortadas onde se agarrara à lâmina. Arya recuou lentamente, com a Agulha vermelha na mão. Tinha de sair dali, ir para algum lugar distante, para algum lugar seguro, longe dos olhos acusadores do moço de estrebaria.

Voltou a pegar na brida e no arnês e correu para a sua égua, mas ao erguer a sela por cima do dorso do cavalo, Arya compreendeu com um súbito terror que os portões do castelo estariam fechados. Mesmo as portas da poterna estariam provavelmente guardadas. Os guardas talvez não a reconhecessem. Se pensassem que era um rapaz, talvez a deixassem... não, teriam ordens para não deixar sair *ninguém*, não importaria se a conheciam ou não.

Mas havia outra saída do castelo...

A sela escorregou dos dedos de Arya e caiu ao chão com um baque e uma nuvem de pó. Seria capaz de voltar a encontrar a sala com os monstros? Não tinha a certeza, mas sabia que tinha de tentar.

Encontrou as roupas que tinha reunido e enrolou-se na capa, escondendo a Agulha sob as suas dobras. Atou o resto numa trouxa. Com o embrulho debaixo do braço, esgueirou-se para o fundo do estábulo. Destrancando a porta das traseiras, espreitou para fora, ansiosa. Conseguia ouvir os sons distantes de espadas e o trémulo pranto de um homem que gritava de dor do outro lado da muralha. Teria que descer a escada em espiral, atravessar a cozinha pequena e o pátio dos porcos; fora esse o caminho que tomara da outra vez, quando perseguia o gato preto... só que isso levá-la-ia a passar mesmo em frente da caserna dos homens de manto dourado. Não podia ir por aí. Arya tentou pensar noutro caminho. Se atravessasse o castelo até ao outro lado, podia avançar ao longo da muralha do rio e através do pequeno bosque sagrado... mas primeiro tinha de atravessar o pátio, bem à vista dos guardas nas muralhas.

Nunca vira tantos homens nas muralhas. A maior parte usava mantos dourados e estava armada com lanças. Alguns conheciam-na de vista. Que fariam se a vissem a correr através do pátio? Vista lá de cima, ela devia parecer muito pequena; seriam eles capazes de a reconhecer? E importar-se-

iam?

Disse a si própria que tinha de se pôr a andar *agora*, mas quando o momento chegou, descobriu-se demasiado assustada para se mover.

Calma como águas paradas, sussurrou-lhe uma pequena voz ao ouvido. Arya ficou tão sobressaltada que quase deixou cair a trouxa. Olhou vivamente em volta, mas não estava ninguém no estábulo além dela, dos cavalos, e dos homens mortos.

Silenciosa como uma sombra, ouviu. Seria a sua voz ou a de Syrio? Não saberia dizer, mas de algum modo a voz acalmou-lhe os receios.

Deu um passo para fora do estábulo.

Foi a coisa mais assustadora que já fizera. Quis fugir e esconder-se, mas obrigou-se a *caminhar* através do pátio, lentamente, colocando um pé à frente do outro como se tivesse todo o tempo do mundo e nenhuma razão para temer fosse quem fosse. Pareceu-lhe que conseguia sentir os olhos deles, como bichos a rastejar pela sua pele, sob a roupa. Nunca olhou para cima. Sabia que se os visse a observá-la toda a coragem a abandonaria, e deixaria cair a trouxa de roupa e fugiria a chorar como um bebé, e então eles tê-la-iam nas mãos. Manteve os olhos no chão. Quando atingiu a sombra do septo real, do outro lado do pátio, estava gelada de suor, mas ninguém dera o alarme.

O septo estava aberto e vazio. Lá dentro, meia centena de velas de oração ardia num silêncio odorífero. Arya achou que os deuses nunca dariam pela falta de duas. Enfiou-as nas mangas e saiu por uma janela das traseiras. Esgueirar-se até à viela onde encurralara o gato zarolho foi fácil, mas depois disso perdeu-se. Rastejou para dentro e para fora de janelas, saltou por cima de muros e atravessou caves escuras às apalpadelas, silenciosa como uma sombra. Uma vez, ouviu uma mulher a chorar. Levou mais de uma hora a encontrar a janela baixa e estreita que se inclinava para a masmorra onde os monstros esperavam.

Atirou a trouxa pela janela e voltou atrás para acender a vela. Foi um risco; a fogueira que se lembrava de ter visto tinha-se reduzido a brasas, e ouviu vozes quando soprava os carvões. Pondo os dedos em taça em volta da tremeluzente vela, saiu pela janela no momento em que os donos das vozes entravam pela porta, sem chegar a ver quem eram, nem mesmo de relance.

Daquela vez, os monstros não a assustaram. Pareciam quase velhos amigos. Arya segurou a vela acima da cabeça. A cada passo que dava, as sombras moviam-se contra as paredes, como se se virassem para a ver passar.

— Dragões — sussurrou. Tirou a Agulha de dentro da capa. A esguia lâmina parecia muito pequena e os dragões muito grandes, mas de alguma forma Arya sentia-se melhor com aço na mão.

O longo salão sem janelas que se estendia para lá da porta era tão negro como Arya recordava. Empunhou a Agulha com a mão esquerda, a mão da espada, e a vela com a direita. Cera quente corria-lhe pelos nós dos dedos. A boca do poço ficava do lado esquerdo, e portanto virou para a direita. Parte dela queria correr, mas tinha medo de apagar a vela. Ouviu os ténues guinchos das ratazanas e vislumbrou um par de minúsculos olhos brilhantes no limite da luz, mas ratazanas não a assustavam. Outras coisas sim. Seria tão fácil esconder-se aqui, como ela se escondera do feiticeiro e do homem com a barba bifurcada. Quase conseguia ver o moço de estrebaria em pé contra a parede, de mãos enroladas em garras, com o sangue ainda a pingar dos profundos golpes nas palmas, onde a Agulha as cortara. Podia estar à espera de a agarrar quando passasse. Veria a sua vela a aproximar-se de uma grande distância. Arya talvez ficasse melhor sem a luz...

O medo golpeia mais profundamente que as espadas, segredou a voz baixa dentro dela. De súbito, Arya lembrou-se das criptas de Winterfell. Disse a si própria que eram muito mais assustadoras do que aquele lugar. Era apenas uma rapariguinha quando as vira pela primeira vez. O irmão Robb levava-os até lá abaixo, a ela, a Sansa e ao bebé Bran, que não era então maior do que Rickon era agora. Possuíam apenas uma vela entre todos, e os olhos de Bran tinham-se tornado grandes como pires quando ele olhara para as caras de pedra dos Reis do Inverno, com os lobos a seus pés e as espadas de ferro sobre as pernas.

Robb levava-os mesmo até ao fundo, para lá do avô, de Brandon e de Lyanna, para lhes mostrar as suas próprias sepulturas. Sansa não tirara os olhos da velinha atarracada, temendo que se apagasse. A Velha Ama dissera-lhe que ali em baixo havia aranhas, e ratazanas do tamanho de cães. Robb sorria quando ela dissera aquilo. “Há coisas piores que aranhas e ratazanas”, sussurrara. “É aqui que os mortos caminham”. Fora então que ouviram o som, baixo, profundo e trémulo. O pequeno Bran agarrara-se à mão de Arya.

Quando o espírito saía da tumba aberta, branco e a gemer por sangue, Sansa fugira aos gritos para a escada, e Bran enrolara-se na perna de Robb, aos soluços. Arya mantivera-se firme, e atirara ao espírito um murro. “Seu *estúpido*”, dissera-lhe “assustaste o bebé”, mas Jon e Robb limitaram-se a rir, e a rir, e em breve Bran e Arya estavam também a rir.

A recordação fê-la sorrir, e de então em diante a escuridão deixou de conter terrores. O moço de estrebaria estava morto, ela matara-o, e se ele saltasse sobre si, matá-lo-ia de novo. Arya ia para casa. Tudo seria melhor quando estivesse de novo em casa, segura entre as muralhas cinzentas de granito de Winterfell.

Os seus passos fizeram correr suaves ecos em frente, enquanto

mergulhava mais profundamente na escuridão.

Vieram buscar Sansa ao terceiro dia.

Escolheu um vestido simples de lã cinzenta-escura, com um corte despretensioso mas ricamente bordado em volta do colarinho e das mangas. Sentiu os dedos grossos e desajeitados enquanto lutava com as presilhas de prata sem a ajuda de criados. Jeyne Poole fora confinada com ela, mas Jeyne não servia para nada. Tinha a cara inchada de tanto chorar, e não parecia ser capaz de parar de soluçar por causa do pai.

— Estou certa de que o teu pai está bem — disse-lhe Sansa quando finalmente conseguiu abotoar bem o vestido. — Pedirei à rainha que te deixe vê-lo. — Pensara que a gentileza talvez melhorasse o estado de espírito de Jeyne, mas a outra rapariga limitou-se a olhá-la com olhos vermelhos e inchados, e pôs-se a chorar ainda mais. Era cá uma *criança*.

Sansa também tinha chorado, no primeiro dia. Mesmo dentro dos robustos muros do Castro de Maegor, com a porta fechada e trancada, era difícil não ficar aterrorizada quando a matança começara. Crescera ao som do aço, no pátio, e dificilmente se passara um dia da sua vida em que não tivesse escutado o estrondo de espadas que se cruzavam, mas saber que a luta era real fazia toda a diferença do mundo. Ouvira esse som como nunca o tinha ouvido antes, e houvera também outros, grunhidos de dor, pragas iradas, gritos por ajuda, e os gemidos dos feridos e moribundos. Nas canções, os cavaleiros nunca gritavam nem suplicavam por misericórdia.

Por isso, chorara, suplicando, através da porta, que lhe dissessem o que estava a acontecer, chamando pelo pai, pela Septã Mordane, pelo rei, pelo seu galante príncipe. Se os homens que a guardavam ouviram as suas súplicas, não lhes deram resposta. A única vez que a porta se abriu fora já tarde, nessa noite, quando atiraram Jeyne Poole para dentro do quarto, magoada e a tremer. “*Estão a matar toda a gente*”, guinchara-lhe a filha do intendente. E falara, e continuara a falar. Dissera que o Cão de Caça lhe derrubara a porta com um machado de guerra. Que havia corpos na escada da Torre da Mão e que os degraus estavam escorregadios de sangue. Sansa secou as lágrimas enquanto tentava confortar a amiga. Adormeceram na mesma cama, aninhadas nos braços uma da outra, como irmãs.

O segundo dia fora ainda pior. O quarto em que Sansa fora confinada ficava no topo da torre mais alta do Castro de Maegor. Da janela podia ver que a pesada porta levadiça do portão estava descida e que a ponte levadiça estava içada sobre o profundo fosso seco que separava a fortaleza-dentro-de-

uma-fortaleza do castelo maior que a rodeava. Guardas dos Lannister percorriam as muralhas, armados de lanças e bestas. A luta tinha terminado, e um silêncio de túmulo caíra sobre a Fortaleza Vermelha. Os únicos sons que se ouviam eram os imparáveis choros e soluços de Jeyne Poole.

Eram alimentadas — queijo duro, pão fresco e leite para quebrar o jejum, galinha assada e verduras ao meio-dia e uma ceia de estufado de carne de vaca e cevada — mas os criados que traziam as refeições não queriam responder às perguntas de Sansa. Naquela noite, algumas mulheres trouxeram-lhe roupa da Torre da Mão, e também algumas das coisas de Jeyne, mas pareciam quase tão assustadas como esta e quando Sansa tentara falar com elas, fugiram como se ela tivesse a praga cinzenta. Os guardas, lá fora, continuavam a recusar-se a deixá-la sair do quarto.

— Por favor, preciso de falar de novo com a rainha — dissera-lhes Sansa, tal como o dissera a todas as pessoas que vira naquele dia. — Ela vai querer falar comigo, eu sei que vai. Dizei-lhe que desejo vê-la, por favor. Se não à rainha, então ao Príncipe Joffrey, por obséquio. Deveremos casar quando formos mais velhos.

Ao pôr-do-sol do segundo dia, um grande sino começou a repicar. Tinha um tom profundo e sonoro, e o longo e lento repique encheu Sansa com uma sensação de pavor. O toque soou e ressoou, e ao fim de algum tempo, ouviram outros sinos que respondiam do Grande Septo de Baelor, na Colina de Visenya. O som retumbou pela cidade como um trovão, avisando que a tempestade vinha aí.

— Que se passa? — perguntou Jeyne, cobrindo os ouvidos. — Porque estão os sinos a tocar?

— O rei está morto. — Sansa não poderia dizer como sabia aquilo, mas sabia. O lento repique, que parecia não ter fim, enchia-lhes o quarto, tão fúnebre como uma endecha. Teria algum inimigo assaltado o castelo e morto o Rei Robert? Seria esse o significado da luta que tinham ouvido?

Foi dormir curiosa, inquieta e com medo. O seu belo Joffrey seria agora rei? Ou tê-lo-iam matado também? Sentia medo por ele e pelo pai. Se ao menos lhe dissessem o que estava a acontecer...

Naquela noite, Sansa sonhou com Joffrey no trono, consigo sentada a seu lado num vestido de ouro trançado. Tinha uma coroa na cabeça, e todas as pessoas que conhecera tinham vindo à sua presença, para ajoelhar e proferir as suas cortesias.

Na manhã seguinte, na manhã do terceiro dia, Sor Boros Blount, da Guarda Real, veio escoltá-la à presença da rainha.

Sor Boros era um homem feio com um peito largo e pernas curtas e arqueadas. Tinha um nariz achatado, bochechas pendentes, cabelo grisalho e

quebradiço. Naquele dia trajava de veludo branco, e a sua capa nevada estava presa com um broche em forma de leão. O animal possuía o brilho suave do ouro, e os seus olhos eram minúsculos rubis.

— Estais muito garboso e magnífico hoje, Sor Boros — disse-lhe Sansa. Uma senhora lembrava-se da boa educação, e ela estava resolvida a ser uma senhora, acontecesse o que acontecesse.

— Vós também, senhora — disse Sor Boros numa voz sem expressão. — Sua Graça espera. Vinde comigo.

Havia guardas à sua porta, homens de armas Lannister com capas carmesim e elmos decorados com leões. Sansa forçou-se a sorrir-lhes agradavelmente e desejou-lhes um bom-dia ao passar. Era a primeira vez que era autorizada a sair do aposento desde que Sor Arys Oakheart lá estivera duas manhãs antes. “Para te manter em segurança, minha querida”, dissera-lhe a Rainha Cersei. “O Joffrey nunca me perdoaria se alguma coisa acontecesse à sua preciosa dama”.

Sansa esperara que Sor Boros a escoltasse aos aposentos reais, mas em vez disso levou-a para fora do Castro de Maegor. A ponte estava de novo baixa. Um grupo de trabalhadores içava um homem preso com cordas para dentro do fosso seco. Quando Sansa espreitou, viu um corpo empalado nos enormes espigões de ferro, lá em baixo. Desviou o olhar rapidamente, com medo de perguntar, com medo de olhar durante demasiado tempo, com medo que pudesse ser alguém que conhecia.

Foram encontrar a Rainha Cersei na câmara do conselho, sentada à cabeceira de uma longa mesa apinhada de papéis, velas e blocos de cera para selos. A sala era tão magnífica como qualquer outra que Sansa tivesse visto. Fitou, maravilhada, o painel de madeira entalhada, e as esfinges gémeas sentadas ao lado da porta.

— Vossa Graça — disse Sor Boros quando foram introduzidos na sala por outro membro da Guarda Real, Sor Mandon, com a sua curiosa cara morta. — Trouxe a rapariga.

Sansa tivera esperança de que Joffrey estivesse com a mãe. O seu príncipe não se encontrava ali, mas três dos conselheiros do rei sim. Lorde Petyr Baelish sentava-se à esquerda da rainha, o Grande Mestre Pycelle ao fundo da mesa, enquanto que Lorde Varys pairava sobre eles, cheirando a flores. Todos trajavam de preto, viu Sansa com uma sensação de pavor. Roupas de luto...

A rainha trazia um vestido de seda negra de colarinho alto, com uma centena de rubis vermelhos-escuros bordados no corpete, cobrindo-a do pescoço até aos seios. Tinham sido cortados em forma de lágrimas, como se a rainha estivesse a chorar sangue. Cersei sorriu ao vê-la, e Sansa pensou que

aquele era o sorriso mais doce e triste que alguma vez vira.

— Sansa, minha querida filha — disse —, sei que tens perguntado por mim. Lamento não ter podido mandar-te chamar mais cedo. As coisas têm estado muito agitadas, e não tive um momento livre. Espero que o meu pessoal tenha tratado bem de ti.

— Foram todos muito bons e agradáveis, Vossa Graça, muito agradecida pelo cuidado — disse polidamente Sansa. — Só que, bem, ninguém quer falar connosco ou contar-nos o que aconteceu...

— Connosco? — Cersei parecia baralhada.

— Juntámos-lhe a filha do intendente — disse Sor Boros. — Não sabíamos o que havíamos de fazer com ela.

A rainha franziu o sobrolho.

— Da próxima vez, perguntai — disse, com uma voz dura. — Só os deuses sabem com que género de histórias ela tem enchido a cabeça de Sansa.

— Jeyne está assustada — disse Sansa. — Não pára de chorar. Prometi-lhe que perguntaria se pode ver o pai.

O velho Grande Mestre Pycelle baixou os olhos.

— O pai dela está bem, não está? — disse ansiosamente Sansa. Sabia que tinha havido luta, mas certamente que ninguém faria mal a um intendente. Vayon Poole nem sequer usava uma espada.

A Rainha Cersei olhou para os seus conselheiros, um de cada vez.

— Não quero que Sansa se aflija sem necessidade. Que faremos com esta sua amiguinha, senhores?

O Lorde Petyr inclinou-se para a frente.

— Eu encontrarei um lugar para ela.

— Na cidade, não — disse a rainha.

— Tomais-me por um tolo?

A rainha ignorou aquilo.

— Sor Boros, escoltai esta rapariga até aos aposentos do Lorde Petyr, e instruí o seu pessoal para a manter lá até que ele a vá buscar. Dizei-lhe que o Mindinho a levará a ver o pai, isso deve acalmá-la. Quero-a longe quando Sansa regressar ao seu quarto.

— Às vossas ordens, Vossa Graça — disse Sor Boros. Fez uma vénia profunda, rodou nos calcanhares e retirou-se, com a longa capa a agitar o ar atrás dele.

Sansa estava confusa.

— Não compreendo — disse. — Onde está o pai de Jeyne? Porque não pode o Sor Boros levá-la até ele, em vez de ter de ser o Lorde Petyr a fazê-lo? — Tinha prometido a si própria que seria uma senhora, tão gentil como a rainha e tão forte como a mãe, a Senhora Catelyn, mas de súbito sentiu-se

novamente assustada. Por um segundo pensou que ia chorar. — Para onde a enviais? Ela não fez nada de mal, é uma boa rapariga.

— Perturbou-te — disse gentilmente a rainha. — Não pode ser. Agora nem mais uma palavra. O Lorde Baelish assegurar-se-á de que tratarão de Jeyne, prometo. — Bateu com a mão na cadeira a seu lado. — Senta-te, Sansa. Quero falar contigo.

Sansa sentou-se ao lado da rainha. Cersei voltou a sorrir, mas isso não a fez sentir-se menos ansiosa. Varys apertava as suas mãos suaves, o Grande Mestre Pycelle mantinha os seus olhos ensonados nos papéis que tinha em frente, mas conseguia sentir que o Mindinho a olhava fixamente. Algo na maneira como o pequeno homem a olhava fazia Sansa sentir-se como se estivesse despida. A pele cobriu-se-lhe de pele de galinha.

— Querida Sansa — disse a Rainha Cersei, pousando uma mão suave no seu pulso. — Uma criança tão bela. Espero que saibas como o Joffrey e eu gostamos de ti.

— *Gostais?* — disse Sansa, sem fôlego. O Mindinho fora esquecido. O seu príncipe amava-a. Nada mais importava.

A rainha sorriu.

— Penso em ti quase como minha filha. E sei do amor que tens pelo Joffrey. — Abanou a cabeça com ar fatigado. — Temo que tenhamos notícias graves acerca do senhor teu pai. Tens de ter coragem, filha.

As palavras calmas da rainha provocaram um arrepio em Sansa.

— Que é?

— O teu pai é um traidor, querida — disse o Lorde Varys.

O Grande Mestre Pycelle ergueu a sua cabeça antiga.

— Com os meus próprios ouvidos, escutei o Lorde Eddard jurar ao nosso amado Rei Robert que protegeria os jovens príncipes como se fossem seus filhos. E no entanto, no momento em que o rei morreu, convocou o pequeno conselho a fim de roubar ao Príncipe Joffrey o trono que lhe pertence de direito.

— Não — exclamou Sansa. — Ele não faria isso. Não *faria*!

A rainha pegou numa carta. O papel estava rasgado e tinha sido endurecido por sangue seco, mas o selo quebrado era o do pai, o lobo gigante timbrado em cera clara.

— Encontrámos isto com o capitão da guarda da vossa casa, Sansa. É uma carta para o irmão do meu falecido esposo, Stannis, convidando-o a ocupar o trono.

— Por favor, Vossa Graça, houve algum erro. — Um pânico súbito deixou-a tonta e fraca. — Por favor, mandai buscar o meu pai, ele contar-vos-á, ele nunca escreveria uma carta assim, o rei era seu amigo.

— Robert pensava que sim — disse a rainha. — Esta traição ter-lhe-ia quebrado o coração. Os deuses foram bondosos por o terem levado antes que assistisse a ela. — Suspirou. — Sansa, querida, debes compreender a posição terrível em que isto nos deixa. És inocente de todo o mal, todos o sabemos, mas és filha de um traidor. Como poderei permitir que cases com o meu filho?

— Mas eu *amo-o* — lamentou-se Sansa, confusa e assustada. Que planeavam eles fazer-lhe? Que tinham feito ao seu pai? Não devia ser assim. Tinha de casar com Joffrey, estavam noivos, ele tinha-lhe sido prometido, ela até tinha sonhado com o casamento. Não era justo que lho roubassem por causa do que quer que o pai tivesse feito.

— E eu sei isso tão bem, filha — disse Cersei, com a voz tão bondosa e doce. — Por que motivo me terias vindo contar os planos do teu pai para vos enviar para longe de nós, se não fosse por amor?

— *Foi* por amor — disse Sansa, apressada. — O pai nem me queria dar licença para dizer adeus. — Ela era a boa rapariga, a rapariga obediente, mas naquela manhã sentira-se tão má como Arya, esgueirando-se para longe da Septã Mordane, desafiando o senhor seu pai. Nunca antes fizera algo tão voluntarioso, e nunca teria feito aquilo se não amasse tanto Joffrey. — Ele ia levar-me de volta para Winterfell e casar-me com um cavaleiro de baixa categoria qualquer, mesmo apesar de ser o Joffrey quem eu quero. Eu disse-lhe, mas ele não quis ouvir. — O rei fora a sua última esperança. O rei podia *ordenar* ao pai que a deixasse ficar em Porto Real e casar com o Príncipe Joffrey, Sansa sabia que ele podia fazê-lo, mas o rei sempre a assustara. Era barulhento, tinha uma voz rude, estava mais vezes bêbado do que sóbrio e tê-la-ia provavelmente enviado de volta ao Lorde Eddard, mesmo que a deixassem falar com ele. Portanto fora ter com a rainha, e abria-lhe o coração, e Cersei escutara e agradecera-lhe amavelmente... só que depois Sor Arys escoltara-a para o quarto no topo do Castro de Maegor e colocara lá os guardas, e algumas horas mais tarde tinha começado a luta lá fora. — Por favor — terminou —, *tendes* de me deixar casar com o Joffrey, serei a melhor esposa que ele poderá ter, vereis. Serei uma rainha tal como vós, prometo.

A Rainha Cersei olhou para os outros.

— Senhores do conselho, que dizeis à súplica dela?

— Pobre criança — murmurou Varys. — Um amor tão verdadeiro e inocente, Vossa Graça, seria cruel negar-lho... e no entanto, que podemos fazer? O pai está condenado. — As suas mãos suaves lavaram-se uma à outra num gesto de impotente aflição.

— Uma criança nascida da semente de um traidor achará que a traição lhe é natural — disse o Grande Mestre Pycelle. — Ela é agora uma doçura, mas dentro de dez anos, que sabe que traições poderá maquinar?

— *Não* — disse Sansa, horrorizada. — Não sou, nunca... não trairia Joffrey, eu amo-o, juro, eu amo-o.

— Oh, tão pungente — disse Varys. — E no entanto, diz-se deveras que o sangue é mais fiel do que os juramentos.

— Ela lembra-me a mãe, não o pai — disse em voz baixa o Lorde Petyr Baelish. — Olhai-a. O cabelo, os olhos. É a perfeita imagem de Cat na mesma idade.

A rainha olhou-a, perturbada, e no entanto, Sansa conseguia ver bondade nos seus olhos verdes-claros.

— Filha — disse — se eu pudesse realmente acreditar que não és como o teu pai, ora, nada me daria maior prazer do que ver-te casada com o meu Joffrey. Sei que te ama de todo o coração. — Suspirou. — No entanto, temo que o Lorde Varys e o Grande Mestre tenham razão. O sangue dirá. Basta-me recordar como a tua irmã atçou o lobo dela ao meu filho.

— Eu não sou como Arya — exclamou Sansa. — Ela tem o sangue do traidor, eu não. Eu sou *boa*, perguntai à Septã Mordane, ela dir-vos-á, eu só desejo ser a esposa leal e dedicada de Joffrey.

Sentiu o peso dos olhos de Cersei quando a rainha lhe estudou o rosto.

— Acredito que falas a sério, filha. — Virou-se para os outros. — Meus senhores, parece-me que se o resto da sua família permanecer leal nestes tempos terríveis, isso muito contribuiria para aquietar os nossos receios.

O Grande Mestre Pycelle afagou a sua enorme barba, com os pensamentos a abrir sulcos na larga testa.

— O Lorde Eddard tem três filhos.

— Meros rapazes — disse o Lorde Petyr com um encolher de ombros. — Preocupar-me-ia mais com Catelyn e com os Tully.

A rainha tomou a mão de Sansa nas suas.

— Filha, conheces as letras?

Sansa confirmou nervosamente com a cabeça. Sabia ler e escrever melhor do que qualquer um dos irmãos, apesar de ser um desastre nas somas.

— Agrada-me ouvir isso. Talvez ainda haja esperança para ti e para o Joffrey...

— Que quereis que eu faça?

— Deves escrever à senhora tua mãe, e ao teu irmão, o mais velho... como se chama ele?

— Robb — disse Sansa.

— A notícia da traição do senhor teu pai chegar-lhes-á certamente em breve. É melhor que sejas tu a dá-la. Deves contar-lhes como o Lorde Eddard traiu o seu rei.

Sansa desejava desesperadamente Joffrey, mas não lhe parecia que tivesse coragem para fazer o que a rainha estava a pedir.

— Mas ele nunca... eu não... Vossa Graça, eu não saberia o que dizer...

A rainha deu-lhe palmadinhas na mão.

— Nós dir-te-emos o que deves escrever, filha. O mais importante é que peças à Senhora Catelyn e ao teu irmão para manterem a paz do rei.

— Será duro para eles se não o fizerem — disse o Grande Mestre Pycelle. — Pelo amor que lhes tens, deves insistir para que percorram o caminho da sabedoria.

— A senhora tua mãe temerá terrivelmente por ti, sem dúvida — disse a rainha. — Deves dizer-lhe que estás bem e ao nosso cuidado, que te estamos a tratar bem e a satisfazer todos os teus desejos. Pede-lhes para vir a Porto Real jurar lealdade a Joffrey quando ele ocupar o trono. Se o fizerem... ora, então saberemos que o teu sangue não tem mácula, e quando a tua feminilidade desabrochar, casarás com o rei no Grande Septo de Baelor, perante os olhos dos deuses e dos homens.

... *casar com o rei*... Aquelas palavras aceleraram-lhe a respiração, mas Sansa ainda hesitava.

— Talvez... se eu pudesse ver o meu pai, falar com ele sobre...

— Traição? — sugeriu o Lorde Varys.

— Decepcionas-me, Sansa — disse a rainha, com uns olhos que se tinham tornado duros como pedra. — Falámos-te dos crimes do teu pai. Se fosses realmente tão leal como dizes, porque quererias vê-lo?

— Eu... eu só quis dizer... — Sansa sentiu que os olhos se lhe humedeciam. — Ele não... por favor, ele não foi... magoado, ou... ou...

— O Lorde Eddard não foi magoado — disse a rainha.

— Mas... que lhe vai acontecer?

— Isso cabe ao rei decidir — anunciou solenemente o Grande Mestre Pycelle.

O *rei*! Sansa estancou as lágrimas, pestanejando. Joffrey era agora o rei, pensou. O seu galante príncipe nunca faria mal ao seu pai, independentemente do que ele tivesse feito. Se lhe suplicasse por misericórdia, estava certa de que a escutaria. *Tinha* de a escutar, amava-a, até a rainha o dissera. Joff teria de punir o pai, era algo que os senhores esperariam, mas talvez pudesse mandá-lo de volta para Winterfell, ou exilá-lo para uma das Cidades Livres para lá do mar estreito. Só teria de ser durante alguns anos. Depois, ela e Joffrey estariam casados. Uma vez rainha, ela podia convencer Joff a trazer o pai de volta e a conceder-lhe um perdão.

Só que... se a mãe ou o Robb fizessem algo de traiçoeiro, se convocassem os vassalos ou se recusassem a jurar fidelidade ou *qualquer*

coisa, ficaria tudo estragado. O seu Joffrey era bom e amável, disso estava certa, mas um rei tinha de ser severo com rebeldes. Tinha de fazer com que compreendessem, *tinha* de o fazer!

— Eu... eu escrevo as cartas — disse-lhes Sansa.

Com um sorriso quente como um nascer do Sol, Cersei Lannister inclinou-se e beijou-a suavemente na bochecha.

— Eu sabia que o farias. O Joffrey ficará todo orgulhoso quando lhe falar da coragem e do bom senso que mostraste aqui hoje.

Acabou por escrever quatro cartas. Para a mãe, a Senhora Catelyn Stark, para os irmãos em Winterfell, e também para a tia e para o avô, a Senhora Lysa Arryn do Ninho de Águia, e o Lorde Hoster Tully de Correrrio. Quando acabou, tinha os dedos rígidos e com câibras, e manchados de tinta. Varys tinha consigo o selo do pai. Aqueceu a cera branca numa vela, despejou-a com cuidado, e ficou a ver enquanto o eunuco selava as cartas com o lobo gigante da Casa Stark.

Jeyne Poole e todas as suas coisas tinham desaparecido quando Sor Mandon Moore devolveu Sansa à grande torre do Castro de Maegor. Não haveria mais choros, pensou, grata. Mas de alguma forma, o quarto parecia mais frio sem Jeyne lá, mesmo depois de ter acendido um fogo. Puxou uma cadeira para perto da lareira, pegou num dos seus livros preferidos, e perdeu-se nas histórias de Florian e Jonquil, da Senhora Sheila e do Cavaleiro do Arco-Íris, do valente Príncipe Aemon e do seu amor sem esperança pela rainha do irmão.

Foi só mais tarde naquela noite, enquanto deslizava para o sono, que Sansa se apercebeu de que se esquecera de perguntar pela irmã.

— O thor — anunciou Sor Jaremy Rykker — sem qualquer dúvida. E este era Jafer Flowers. — Virou o cadáver com a bota, e a branca cara morta fitou o céu encoberto com olhos muito azuis. — Eram ambos homens de Ben Stark.

Homens do meu tio, pensou Jon, aturdido. Lembrava-se de como pedira para ir com eles. *Deuses, era um rapazinho tão verde. Se me tivesse levado, podia ser eu a jazer aqui...*

O pulso direito de Jafer terminava numa ruína de carne rasgada e osso estilhaçado deixada pelas maxilas do Fantasma. A sua mão direita flutuava num frasco de vinagre na torre do Mestre Aemon. A esquerda, ainda agarrada à extremidade do braço, era tão negra como o seu manto.

— Que os deuses tenham misericórdia — murmurou o Velho Urso. Desceu do garrano, entregando as rédeas a Jon. A manhã estava anormalmente quente; gotas de suor salpicavam a larga testa do Senhor Comandante como orvalho num melão. O seu cavalo estava nervoso, fazendo rolar os olhos, afastando-se dos mortos o mais que a rédea permitia. Jon levou-o alguns passos para trás, lutando para evitar que fugisse. Os cavalos não gostavam daquele lugar. Na verdade, Jon também não.

Os cães eram quem gostava menos. Fora Fantasma a levar o grupo até ali; a matilha de cães de caça mostrara-se inútil. Quando Bass, o mestre dos canis, tentara fazer com que apanhassem o cheiro da mão cortada, tinham enlouquecido, uivando e ladrando, lutando para escapar. Mesmo agora, ora rosnavam ora ganiam, puxando pelas trelas enquanto Chett os amaldiçoava, chamando-lhes cobardes.

É só uma floresta, disse Jon a si próprio, *e eles são só cadáveres*. Já antes vira cadáveres...

Na noite anterior, tivera de novo o sonho de Winterfell. Vagueava pelo castelo vazio, à procura do pai, descendo até às criptas. Só que desta vez o sonho fora mais longe do que nas vezes anteriores. Na escuridão, ouvira o raspar de pedra em pedra. Quando se virara, vira que os jazigos se estavam a abrir, um após outro. Quando os reis mortos começaram a sair, aos tropeções, das suas sepulturas frias e negras, Jon acordara numa escuridão de breu, com o coração a bater fortemente no peito. Nem quando o Fantasma saltou para a cama e lhe encostou o focinho à cara conseguira afastar aquele profundo sentimento de horror. Não se atrevera a regressar ao sono. Em vez disso, subira à Muralha e caminhara, inquieto, até ver a luz da alvorada surgir no leste. *Foi só um sonho. Sou agora um irmão da Patrulha da Noite, não um*

rapaz assustado.

Samwell Tarly encolhia-se sob as árvores, meio escondido atrás dos cavalos. Tinha a cara gorda e redonda da cor do leite coalhado. Ainda não tinha cambaleado para a floresta para vomitar, mas também não olhara para os mortos, nem de relance.

— Não posso olhar — sussurrou com ar infeliz.

— Tens de olhar — disse-lhe Jon, mantendo a voz baixa para que os outros não o ouvissem. — O Mestre Aemon enviou-te para lhe servires de olhos, não foi? De que servem os olhos se estiverem fechados?

— Sim, mas... sou um covarde tão grande, Jon.

Jon pousou uma mão no ombro de Sam.

— Temos connosco uma dúzia de patrulheiros, e os cães, até o Fantasma. Ninguém te fará mal, Sam. Vai e olha. A primeira olhadela é a mais difícil.

Sam fez um aceno trémulo, ganhando coragem com um esforço visível. Lentamente, girou a cabeça. Os seus olhos abriram-se muito, mas Jon segurou-lhe no braço para que não se pudesse virar.

— Sor Jaremy — perguntou bruscamente o Velho Urso —, Ben Stark tinha consigo seis homens quando se afastou da Muralha. Onde estão os outros?

Sor Jaremy abanou a cabeça.

— Bem gostaria de saber.

Foi evidente que a resposta não agradou a Mormont.

— Dois dos nossos irmãos assassinados quase à vista da Muralha, e no entanto os vossos patrulheiros não ouviram nada e não viram nada. Foi a isto que a Patrulha da Noite se reduziu? Ainda varremos estes bosques?

— Sim senhor, mas...

— Ainda montamos vigias?

— Montamos, mas...

— Este homem tem um corno de caça. — Mormont apontou para Othor. — Deverei supor que ele morreu sem o fazer soar? Ou será que os vossos patrulheiros ficaram todos não só cegos mas também surdos?

Sor Jaremy eriçou-se, e o rosto ficou tenso de ira.

— Não foi soprado nenhum corno, senhor, caso contrário os meus patrulheiros tê-lo-iam ouvido. Não tenho homens suficientes para montar tantas patrulhas como gostaria... e desde que Benjen se perdeu, temos permanecido mais perto da Muralha do que costumávamos ficar antes, por vossa ordem.

O Velho Urso soltou um grunhido.

— Sim. Bom. Seja como for. — Fez um gesto impaciente. — Dizei-me como eles morreram.

Agachando-se ao lado do homem a que chamara Jafer Flowers, Sor Jaremy agarrou-lhe pelos cabelos, que se quebraram entre os seus dedos como palha. O cavaleiro praguejou e bateu-lhe na cara com o carpo. Um grande golpe abriu-se na parte lateral do pescoço do cadáver, como uma boca coberta por uma crosta de sangue seco. Só alguns tendões brancos ainda prendiam a cabeça ao pescoço.

— Isto foi feito com um machado.

— Pois — murmurou Dywen, o velho lenhador. — Talvez o machado que Othor levava, s'nhor.

Jon sentia o pequeno-almoço às voltas na barriga, mas apertou os lábios e obrigou-se a olhar para o segundo corpo. Othor fora um homem grande e feio, e transformara-se num cadáver grande e feio. Não se via qualquer machado. Jon lembrava-se de Othor; fora um dos que berravam a canção obscena quando os patrulheiros partiram. Os seus dias de cantor tinham terminado. A sua pele empalidecera até se tornar branca como leite, em todo o corpo menos nas mãos. As mãos estavam negras, como as de Jafer. Rebentos de sangue gretado decoravam as feridas fatais que o cobriam como um ataque de brotoeja, no peito, nas virilhas e na garganta. Mas os seus olhos ainda estavam abertos. Estavam fixos no céu, azuis como safiras.

Sor Jaremy pôs-se em pé.

— Os selvagens também têm machados.

Sor Mormont curvou-se para ele.

— Acreditais então que isto foi obra de Mance Rayder? Tão perto da Muralha?

— Quem mais poderá ser, senhor?

Jon podia ter-lhe dito. Sabia, todos eles sabiam; mas nenhum queria proferir as palavras. *Os Outros são só uma história, uma fábula para fazer tremer as crianças. Se alguma vez viveram de facto, desapareceram há oito mil anos.* Só de pensar nessa hipótese, sentiu-se tolo; era agora um homem feito, um irmão negro da Patrulha da Noite, não o rapaz que em tempos se sentou aos pés da Velha Ama com Bran, Robb e Arya.

Mas o Senhor Comandante Mormont bufou.

— Se Ben Stark tivesse sido atacado por selvagens a meio dia de viagem de Castelo Negro, teria regressado em busca de mais homens, teria perseguido os assassinos até aos sete infernos e ter-me-ia trazido as suas cabeças.

— A não ser que também tenha sido morto.

As palavras magoaram, mesmo nessa altura. Passara-se tanto tempo que parecia uma loucura agarrar-se à esperança de que Ben Stark ainda estivesse vivo, mas se Jon Snow era alguma coisa, era teimoso.

— Já se passou quase meio ano desde que Benjen nos deixou, senhor —

prosseguiu Sor Jaremy. — A floresta é vasta. Os selvagens podem ter caído sobre ele seja onde for. Aposto que estes dois foram os últimos sobreviventes do seu grupo e vinham de regresso... mas o inimigo apanhou-os antes que pudessem atingir a segurança da Muralha. Os cadáveres ainda estão frescos, estes homens não podem estar mortos há mais de um dia...

— *Não* — chiou Samwell Tarly.

Jon sobressaltou-se. A voz nervosa e aguda de Sam era a última coisa que esperava ouvir. O rapaz gordo sentia-se atemorizado pelos oficiais, e Sor Jaremy não era conhecido pela sua paciência.

— Não te pedi opinião, rapaz — disse friamente Rykker.

— Deixai-o falar, sor — exclamou Jon.

Os olhos de Mormont saltitaram de Sam para Jon e de volta a Sam.

— Se o moço tem alguma coisa a dizer, quero ouvi-lo. Aproxima-te, rapaz. Não te conseguimos ver aí atrás dos cavalos.

Sam passou por Jon e pelos garranos, suando profusamente.

— Senhor, não... não pode ser um dia, ou... olhai... o sangue...

— Sim? — rosnou impacientemente Mormont. — Que tem o sangue?

— Ele suja a roupa de baixo ao vê-lo — gritou Chett e os patrulheiros riram.

Sam limpou o suor da testa.

— Vós... vós podeis ver o sítio onde o Fantasma... o lobo gigante de Jon... podeis ver onde ele arrancou a mão daquele homem, e no entanto... o toco não sangrou... olhai... — Sacudiu uma mão. — O meu pai... o L-lorde Randyll, ele, ele obrigava-me a assistir às vezes enquanto esquartejava animais, quando... depois... — Sam abanou a cabeça de um lado para o outro, fazendo tremer o duplo queixo. Agora que olhara para os cadáveres, não parecia ser capaz de afastar os olhos. — Uma morte recente... o sangue ainda fluiria, senhores. Mais tarde... mais tarde estaria coagulado, como uma... uma geleia, espesso e... e... — Parecia estar prestes a vomitar. — Este homem... olhai para o seu pulso, está todo... em *crosta*... seco... como...

Jon compreendeu de imediato o que Sam queria dizer. Via as veias rasgadas no pulso do morto, vermes de ferro na carne clara. O seu sangue era um pó negro. Mas Jaremy Rykker não estava convencido.

— Se eles estivessem mortos há muito mais de um dia, estariam agora decompostos, rapaz. Nem sequer cheiram.

Dywen, o velho e nodoso lenhador que gostava de se vangloriar de ser capaz de cheirar a neve a chegar, aproximou-se de esguelha dos cadáveres e farejou.

— Bom, nã são nenhuns amores-perfeitos, mas... o s'nhor tem razão. Nã há fedor a cadáver.

— Eles... eles não estão a apodrecer. — Sam apontou, com o gordo dedo a tremer só um pouco. — Olhai, não há... não há larvas, nem... nem... vermes, nem nada... têm estado aqui na floresta, mas não... não foram mordidos nem comidos por animais... só o Fantasma... fora isso estão... estão...

— Intocados — disse Jon em voz baixa. — E o Fantasma é diferente. Os cães e os cavalos não se aproximam dele.

Os patrulheiros trocaram olhares; viam que era verdade, todos eles. Mormont franziu o sobrolho, olhando de relance para os cadáveres e os cães.

— Chett, traz os cães para mais perto.

Chett tentou, praguejando, puxando pelas trelas, dando um pontapé a um animal. A maior parte dos cães limitou-se a ganir e a fincar as patas no chão. Tentou arrastar um só. A cadela resistiu, rosnando e contorcendo-se como que para se libertar da coleira. Por fim, atacou-o. Chett largou a trela e tropeçou para trás. O cão saltou por cima dele e desapareceu por entre as árvores.

— Isto... isto está tudo errado — disse Sam Tarly muito sério. — O sangue... há manchas de sangue nas suas roupas, e... e na sua pele, secas e duras, mas... não há nenhuma no chão, ou... em lado nenhum. Com aquelas... aquelas... aquelas... — Sam obrigou-se a engolir, e inspirou profundamente. — Com aquelas *feridas*... terríveis feridas... devia haver sangue por todo o lado. Não devia?

Dywen chupou os seus dentes de madeira.

— Pode ser que nã tenham morrido aqui. Pode ser que alguém os trouxe e os deixou p'rá gente. Como um aviso. — O velho lenhador espreitou para baixo com ar de suspeita. — E pode ser que eu 'teja doido, mas nã me lembro do Othor ter olhos azuis antes.

Sor Jaremy pareceu surpreendido.

— Nem o Flowers — exclamou, virando-se para fitar o morto.

Caiu o silêncio na floresta. Por um momento, tudo o que ouviram foi a respiração pesada de Sam e o som húmido de Dywen a chupar os seus dentes. Jon acocorou-se ao lado do Fantasma.

— *Queimai-os* — sussurrou alguém. Um dos patrulheiros; Jon não saberia dizer qual. — Sim, queimai-os — insistiu uma segunda voz.

O Velho Urso abanou teimosamente a cabeça.

— Ainda não. Quero que o Mestre Aemon os examine. Vamos levá-los de volta para a Muralha.

Há ordens que são dadas mais facilmente do que obedecidas. Enrolaram os mortos em mantos, mas quando Hake e Dywen tentaram atar um deles a um cavalo, o animal enlouqueceu, berrando e empinando-se, escoiceando, chegando a morder Ketter quando este correu a ajudar. Os patrulheiros não

tiveram melhor sorte com os outros garranos; nem o mais plácido de entre eles queria ter algo a ver com aqueles fardos. Por fim, foram forçados a quebrar ramos e a improvisar trenós para levar os cadáveres a pé. O meio-dia já passara havia muito quando se puseram a caminho.

— Quero que sejam feitas buscas nesta floresta — ordenou Mormont a Sor Jaremy ao partir. — Em todas as árvores, em todas as rochas, em todos os arbustos e em todos os pés de terreno lamacento num raio de dez léguas. Usai todos os homens que tiverdes, e se não tiverdes bastantes, pedi caçadores e lenhadores aos intendentos. Se Ben e os outros estiverem aqui, mortos ou vivos, quero-os encontrados. E se houver alguém *mais* nestes bosques, quero ficar a saber. Devereis persegui-los e capturá-los, vivos se possível. Compreendido?

— Sim, senhor — disse Sor Jaremy. — Assim será feito.

Depois disso, Mormont cavalcou em silêncio, a matutar. Jon seguia logo atrás dele; como intendente do Senhor Comandante, era esse o seu lugar. O dia estava cinzento, húmido, encoberto, um daqueles dias que fazia desejar a chuva. Nenhum vento agitava os bosques; o ar pendia húmido e pesado, e a roupa de Jon aderira-lhe à pele. Estava morno. Demasiado morno. A Muralha gotejava copiosamente, já gotejava havia dias, e por vezes, Jon até imaginava que estava a encolher.

Os velhos chamavam àquele tempo o *verão dos espíritos*, e diziam que significava que a estação estava por fim a despedir-se dos seus fantasmas. Depois viria o frio, preveniam, e um longo Verão significava sempre um longo Inverno. Aquele Verão tinha durado dez anos. Jon fora um bebé de colo quando começara.

O Fantasma correu ao lado deles durante algum tempo, e depois desapareceu por entre as árvores. Sem o lobo gigante, Jon sentiu-se quase nu. Deu por si a olhar para cada sombra com desconforto. Involuntariamente, pôs-se a recordar as histórias que a Velha Ama costumava contar-lhes, quando era pequeno em Winterfell. Quase conseguia ouvir de novo a sua voz, e o *clic-clic-clic* das suas agulhas. *Naquela escuridão, os Outros atacaram*, costumava dizer, com uma voz cada vez mais baixa. *Eram frios e estavam mortos, e odiavam o ferro, e o fogo, e o toque do sol, e todas as criaturas vivas que possuísem sangue quente nas veias. Os castros, as cidades e os reinos dos homens caíram perante eles à medida que se iam deslocando para sul sobre pálidos cavalos mortos, à frente de hostes de cadáveres. Alimentavam os seus criados mortos com a carne de crianças humanas...*

Quando viu o primeiro sinal da Muralha a pairar acima da copa de um antigo carvalho nodoso, Jon sentiu-se muito aliviado. Mormont puxou subitamente as rédeas ao cavalo e virou-se na sela.

— Tarly — ladrrou — vem cá.

Jon viu o sobressalto do medo no rosto de Sam enquanto se aproximava pesadamente na sua égua; não havia dúvida de que pensava estar metido em sarilhos.

— És gordo mas não és estúpido, rapaz — disse bruscamente o Velho Urso. — Estiveste bem lá atrás. E tu também, Snow.

Sam corou, ficando com a cara de um vermelho vivo, e tropeçou na própria língua ao tentar gaguejar uma cortesia. Jon teve de sorrir.

Quando emergiram de sob as árvores, Mormont pôs o seu pequeno mas resistente garrano a trote. O Fantasma saiu da floresta a toda a velocidade, ao encontro do grupo, lambendo os beiços, com o focinho vermelho da caça. Muito acima, os homens na Muralha viram a coluna que se aproximava. Jon ouviu o chamamento profundo e gutural do grande corno do vigia, chamando através das milhas; um único e longo sopro que estremecia entre as árvores e arrancava ecos ao gelo.

UUUUUUUUUUoooooooooooooooooooooooooooooooooooo.

O som atenuou-se lentamente até se silenciar. Um sopro significava patrulheiros de regresso, e Jon pensou: *Pelo menos fui patrulheiro por um dia. Aconteça o que acontecer, não me podem tirar isso.*

Bowen Marsh aguardava-os no primeiro portão quando levaram os garranos pelo túnel de gelo. O Senhor Intendente estava com a cara vermelha e agitado.

— Senhor — exclamou para Mormont ao abrir as barras de ferro —, chegou uma ave, tendes de vir imediatamente.

— Que se passa, homem? — disse bruscamente Mormont.

De uma forma estranha, Marsh deitou um relance a Jon antes de responder.

— O Mestre Aemon tem a carta. Espera no vosso aposento privado.

— Muito bem. Jon, trata do meu cavalo e diz a Sor Jaremy para pôr os mortos num armazém até que o Mestre esteja pronto para eles. — Mormont afastou-se a passos largos, resmungando.

Enquanto levavam os cavalos de volta ao estábulo, Jon ficou desconfortavelmente consciente de que as pessoas o observavam. Sor Alliser Thorne exercitava os seus rapazes no pátio, mas parou para fitar Jon, com um ténue meio sorriso nos lábios. Donal Noye, o maneta, estava em pé à porta do armeiro.

— Que os deuses estejam contigo, Snow — gritou.

Há alguma coisa errada, pensou Jon. Há alguma coisa muito errada.

Os mortos foram levados para uma das arrecadações que se abriam ao longo da base da Muralha, uma cela escura e fria esculpida no gelo e usada

para conservar a carne, o grão e por vezes até a cerveja. Jon assegurou-se de que o cavalo de Mormont era alimentado e tratado antes de cuidar do seu. Depois, foi à procura dos amigos. Grenn e o Sapo estavam de vigia, mas encontrou Pyp na sala comum.

— Que aconteceu? — perguntou.

Pyp baixou a voz.

— O rei está morto.

Jon ficou aturdido. Robert Baratheon parecera velho e gordo quando visitara Winterfell, mas também parecera de boa saúde e não se falara de doenças.

— Como é que sabes?

— Um dos guardas ouviu Clydas a ler a carta ao Mestre Aemon. — Pyp inclinou-se para mais perto. — Jon, lamento. Ele era amigo do teu pai, não era?

— Tinham sido próximos como irmãos, em tempos. — Jon sentiu curiosidade em saber se Joffrey manteria o pai como Mão do Rei. Não parecia provável. Isso poderia querer dizer que o Lorde Eddard ia regressar a Winterfell, e as irmãs também. Podiam até permitir-lhe que os visitasse, com autorização de Lorde Mormont. Seria bom voltar a ver o sorriso de Arya e falar com o pai. *Vou perguntar-lhe sobre a minha mãe*, decidiu. *Agora sou um homem, e já é mais que tempo que me conte. Mesmo que ela fosse uma prostituta, não me importo. Quero saber.*

— Ouvi Hake dizer que os mortos eram do teu tio — disse Pyp.

— Sim — respondeu Jon. — São dois dos seis que ele levou consigo. Já devem estar mortos há muito, só que... os corpos são estranhos.

— Estranhos? — Pyp era todo curiosidade. — Estranhos como?

— O Sam contar-te-á. — Jon não queria falar daquilo. — Eu tenho de ir ver se o Velho Urso precisa de mim.

Dirigiu-se sozinho para a Torre do Senhor Comandante, curiosamente apreensivo. Os irmãos que estavam de guarda olharam-no solenemente quando se aproximou.

— O Velho Urso está no aposento privado — anunciou um deles. — Perguntou por ti.

Jon fez um aceno. Ao sair dos estábulos, devia ter vindo logo para ali. Trepou vivamente os degraus da torre. *Ele quer vinho ou um fogo na lareira, é tudo*, disse a si próprio.

Quando entrou no aposento, o corvo de Mormont gritou-lhe.

— *Grão!* — guinchou o pássaro — *Grão! Grão! Grão!*

— Não acredites, acabei de alimentá-lo. — resmungou o Velho Urso. Estava sentado à janela, a ler uma carta. — Traz-me uma taça de vinho e

enche uma para ti.

— Para mim, senhor?

Mormont ergueu os olhos da carta e fixou-os em Jon. Havia piedade naquele olhar; podia senti-la.

— Ouviste o que eu disse.

Jon despejou o vinho com um cuidado exagerado, vagamente consciente de que estava a arrastar o acto. Quando as taças se enchessem, não teria escolha a não ser enfrentar o que quer que estivesse naquela carta. Mas, depressa de mais, elas encheram-se.

— Senta-te, rapaz — ordenou-lhe Mormont. — Bebe.

Jon permaneceu em pé.

— É o meu pai, não é?

O Velho Urso tamborilou na carta com um dedo.

— É o teu pai e o rei — respondeu, com voz cavernosa. — Não te quero mentir, as notícias são dolorosas. Nunca pensei que conheceria outro rei, com os anos que tenho e tendo Robert metade da minha idade e sendo forte como um touro. — Bebeu um gole de vinho. — Dizem que o rei adorava caçar. Aquilo que amamos destrói-nos sempre, rapaz. Lembra-te disso. O meu filho amava aquela sua jovem esposa. Vaidosa mulher. Se não fosse por causa dela, nunca teria pensado em vender os caçadores furtivos.

Jon quase não conseguia seguir o que o comandante estava a dizer.

— Senhor, não compreendo. Que aconteceu ao meu pai?

— Disse-te que te sentasses — resmungou Mormont. “*Senta*”, gritou o corvo. — E bebe, raios te partam. É uma ordem, Snow.

Jon sentou-se e bebereu o vinho.

— O Lorde Eddard foi aprisionado. Está acusado de traição. Diz-se que conspirou com os irmãos de Robert para negar o trono ao Príncipe Joffrey.

— Não — disse Jon de imediato. — Não pode ser. O meu pai nunca trairia o rei.

— Seja como for — disse Mormont —, não me cabe a mim decidir. Nem a ti.

— Mas é uma *mentira* — insistiu Jon. Como podiam pensar que o pai era um traidor, teriam todos enlouquecido? O Lorde Eddard Stark nunca se desonraria... pois não?

Gerou um bastardo, sussurrou uma pequena voz no seu interior. *Onde está a honra nisso? E a tua mãe, que lhe aconteceu? Ele nem sequer lhe pronuncia o nome.*

— Senhor, que lhe vai acontecer? Vão matá-lo?

— Quanto a isso, não sei responder, rapaz. Tenciono enviar uma carta. Em jovem, conheci alguns dos conselheiros do rei. O velho Pycelle, o Lorde

Stannis, Sor Barristan... Seja o que for que o teu pai fez ou deixou de fazer, é um grande senhor. Tem de ser autorizado a vestir o negro e a juntar-se-nos aqui. Só os deuses sabem como precisamos de homens com as capacidades de Lorde Eddard.

Jon sabia que outros homens acusados de traição tinham sido autorizados a redimir a sua honra na Muralha, noutros tempos. Porque não o Lorde Eddard? O pai, *ali*. Era um pensamento estranho, e estranhamente incómodo. Seria uma injustiça monstruosa despojá-lo de Winterfell e forçá-lo a vestir o negro, mas se isso significasse a sua vida...

E Joffrey, permiti-lo-ia? Lembrava-se do príncipe em Winterfell, do modo como troçara de Robb e de Sor Rodrik no pátio. Em Jon quase não reparara; os bastardos estavam abaixo até do seu desprezo.

— Senhor, o rei ouvir-vos-á?

O Velho Urso encolheu os ombros.

— Um rei rapaz... imagino que ouvirá a mãe. É uma pena que o anão não esteja com eles. É tio do moço, e viu as nossas necessidades quando nos visitou. Foi mau que a senhora tua mãe o tivesse tomado cativo...

— A Senhora Stark não é minha mãe — recordou-lhe Jon em tom cortante. Tyrion Lannister fora um amigo para ele. Se o Lorde Eddard fosse morto, ela teria tanta culpa como a rainha. — Senhor, e as minhas irmãs? Arya e Sansa, estavam com o meu pai. Sabeis...

— Pycelle não as menciona, mas sem dúvida que serão bem tratadas. Perguntarei por elas quando escrever. — Mormont abanou a cabeça. — Isto não podia ter acontecido em pior altura. Se algum dia o reino precisou de um rei forte... há dias escuros e noites frias à nossa frente, sinto-o nos ossos... — Deitou a Jon um longo olhar perspicaz. — Espero que não estejas a pensar em fazer alguma coisa estúpida, rapaz.

Ele é meu pai, quis dizer Jon, mas sabia que Mormont não queria ouvi-lo. Tinha a garganta seca. Obrigou-se a beber outro gole de vinho.

— O teu dever é agora aqui — lembrou-lhe o Senhor Comandante. — A tua vida antiga terminou quando envergaste o negro. — A sua ave soltou um eco rouco. “*Negro*.” Mormont não lhe prestou atenção. — O que quer que façam em Porto Real, não nos diz respeito. — Quando Jon não respondeu, o idoso homem terminou o vinho e disse: — Estás livre para sair. Não vou precisar mais de ti hoje. De manhã, poderás ajudar-me a escrever a tal carta.

Mais tarde, Jon não tinha memória de se ter levantado ou saído do aposento privado. Quando caiu em si, descia os degraus da torre, a pensar. *É o meu pai, as minhas irmãs, como é que pode não me dizer respeito?*

Lá fora, um dos guardas olhou-o e disse:

— Força, rapaz. Os deuses são cruéis.

Eles sabem, compreendeu Jon.

— O meu pai não é traidor nenhum — disse em voz rouca. Até as palavras ficavam presas na garganta, como que a fim de o sufocar. Estava a levantar-se vento, e parecia estar mais frio no pátio do que quando entrara. O verão dos espíritos aproximava-se do fim.

O resto da tarde passou como num sonho. Jon não poderia dizer por onde caminhara, o que fizera, com quem falara. O Fantasma esteve consigo, ao menos isso sabia. A presença silenciosa do lobo gigante deu-lhe conforto. *As raparigas nem isso têm*, pensou. *Os seus lobos poderiam tê-las mantido a salvo, mas Lady está morta e Nymeria perdida, e elas estão completamente sós.*

Um vento de norte começara a soprar quando o Sol desceu no horizonte. Jon ouvia-o a uivar contra a Muralha e sobre as ameias geladas enquanto se encaminhava para a sala comum para a refeição da noite. Hobb fizera um guisado de veado, espesso com cevada, cebola e cenoura. Quando despejou uma porção extra no prato de Jon e lhe deu a côdea do pão, entendeu o que isso queria dizer. *Ele sabe*. Olhou em volta da sala, viu cabeças que se viravam depressa, olhos polidamente desviados. *Todos eles sabem*.

Os amigos convergiram na sua direcção.

— Pedimos ao septão para acender uma vela pelo teu pai — disse-lhe Matthar. — É mentira, todos sabemos que é mentira, até o *Grenn* sabe que é mentira — acrescentou Pyp. Grenn confirmou com a cabeça, e Sam agarrou a mão de Jon. — És agora meu irmão, portanto ele é também meu pai — disse o rapaz gordo. — Se quiseses ir até aos represeiros e orar aos deuses antigos, irei contigo.

Os represeiros ficavam para lá da Muralha, mas Jon sabia que Sam era sincero. *São meus irmãos*, pensou. *Tanto como Robb, Bran e Rickon...*

E então ouviu a gargalhada, acerada e cruel como um chicote, e a voz de Sor Alliser Thorne.

— Não basta ser bastardo, é bastardo de um *traidor* — dizia aos homens que o rodeavam.

Num piscar de olhos, Jon tinha saltado para cima da mesa, de punhal na mão. Pyp tentou agarrá-lo, mas ele libertou a perna e correu a toda a velocidade pela mesa e arrancou a tigela da mão de Sor Alliser com um pontapé. Saltou guisado para todo o lado, salpicando os irmãos. Thorne recuou. Soavam gritos, mas Jon Snow não os ouvia. Atacou a cara de Sor Alliser com o punhal, fazendo pontaria àquelas frios olhos de ónix, mas Sam atirou-se para o meio dos dois e antes que Jon conseguisse rodeá-lo, Pyp saltou sobre as suas costas, agarrando-se como um macaco, e Grenn segurou-lhe o braço enquanto o Sapo lhe arrancava a faca dos dedos.

Mais tarde, muito mais tarde, depois de o terem escoltado até à sua cela, Mormont desceu para o ir visitar, com o corvo ao ombro.

— Disse-te para não fazeres nada de estúpido, moço — disse o Velho Urso. “*Moço*”, papagueou o pássaro. Mormont abanou a cabeça, desgostoso. — E pensar que tinha grandes esperanças para ti.

Tiraram-lhe a faca e a espada e disseram-lhe que não devia deixar a cela até que os grandes oficiais se reunissem para decidir o que fariam com ele. E depois colocaram um guarda à sua porta para se assegurarem de que obedecia. Os amigos não estavam autorizados a visitá-lo, mas o Velho Urso cedeu e deixou-o ficar com Fantasma, portanto não estava completamente só.

— O meu pai não é traidor nenhum — disse ao lobo selvagem quando os outros se foram embora. Fantasma olhou-o em silêncio. Jon deixou-se cair, encostado à parede, com as mãos em volta dos joelhos, e fixou os olhos na vela que estava sobre a mesa ao lado da sua cama estreita. A chama oscilou e tremeluziu, as sombras moveram-se à sua volta, a sala pareceu ficar mais escura e mais fria. *Esta noite não vou dormir*, pensou Jon.

Mas deve ter adormecido. Quando acordou, sentia as pernas rígidas e com câibras e a vela há muito ardera por completo. O Fantasma estava em pé sobre as patas traseiras, esgravatando a porta. Jon ficou surpreso ao ver como o animal estava alto.

— Fantasma, que se passa? — disse em voz baixa. O lobo selvagem virou a cabeça e olhou-o, mostrando os colmilhos num rosnido silencioso. *Terá enlouquecido?* perguntou Jon a si próprio. — Sou eu, Fantasma — murmurou, tentando não mostrar medo na voz. Mas estava a tremer, e violentamente. Quando ficara o ar tão frio?

Fantasma afastou-se da porta. Havia profundos sulcos onde ele torturara a madeira. Jon observou-o com uma inquietação crescente.

— Há alguém lá fora, não há? — sussurrou. Apertando-se contra o chão, o lobo gigante rastejou para trás, com o pêlo branco a eriçar-se na parte de trás do pescoço. *O guarda, pensou, deixaram um homem de guarda à minha porta. O Fantasma cheira-o através da porta, é só isso.*

Lentamente, Jon pôs-se em pé. Tremia incontavelmente, desejando ainda ter uma espada. Três passos rápidos trouxeram-no até junto da porta. Agarrou a maçaneta e puxou para dentro. O ranger das dobradiças quase o fez saltar.

O guarda estava estatelado nos degraus estreitos, olhando para cima, para Jon. Olhando para *cima*, embora jazesse de borco. A sua cabeça tinha sido completamente virada ao contrário.

Não pode ser, disse Jon a si próprio. *Isto é a Torre do Senhor Comandante, é guardada de dia e de noite, isto não pode acontecer, é um*

sonho, estou a ter um pesadelo.

Fantasma deslizou a seu lado. O lobo começou a subir os degraus, parou, olhou para Jon. Foi então que ouviu os sons; o suave arrastar de uma bota na pedra, o som de uma tranqueta a rodar. Os sons vinham de cima. Dos aposentos do Senhor Comandante.

Aquilo até podia ser um pesadelo, mas não era sonho nenhum.

A espada do guarda estava na sua bainha. Jon ajoelhou e libertou-a. O peso do aço na mão deu-lhe coragem. Subiu os degraus, com o Fantasma a abrir silenciosamente caminho. Espreitavam sombras em todas as voltas das escadas. Jon deslizou com precaução, testando todos os recantos suspeitosamente escuros com a ponta da espada.

De súbito, ouviu o guincho do corvo de Mormont. “*Grão*”, gritava a ave. “*Grão, grão, grão, grão, grão, grão.*” Fantasma deu um salto para a frente, e Jon seguiu atabalhoadamente logo atrás. A porta para o aposento privado de Mormont estava escancarada. O lobo gigante mergulhou através dela. Jon parou à porta, de espada na mão, dando aos olhos um momento para se ajustarem. Pesadas cortinas tinham sido descidas sobre as janelas, e a escuridão era negra como tinta.

— *Quem está aí?* — gritou.

Então viu; uma sombra nas sombras, deslizando na direcção da porta interior que dava para a cela de dormir de Mormont, uma forma de homem toda de negro, coberta com um manto e encapuzada... mas sob o capuz, os seus olhos brilhavam com uma gelada radiância azul...

O Fantasma saltou. Homem e lobo caíram juntos sem um grito e sem um rosnido, rolando, esmagando-se de encontro a uma cadeira, fazendo cair uma mesa coberta de papéis. O corvo de Mormont agitava as asas por cima da sua cabeça, gritando “*Grão, grão, grão, grão.*” Jon sentiu-se tão cego como o Mestre Aemon. Mantendo a parede nas costas, deslizou em direcção da janela e arrancou a cortina. O luar encheu o aposento. Viu de relance mãos negras enterradas em pêlo branco, dedos escuros e inchados que se apertavam em torno da garganta do seu lobo gigante. Fantasma retorcia-se e mordia, esperneando no ar, mas não conseguia libertar-se.

Jon não teve tempo para ficar com medo. Atirou-se em frente, gritando, pondo todo o seu peso atrás da espada. O aço cortou através da manga, da pele e do osso, mas o som estava de certo modo *errado*. O cheiro que o envolveu era tão estranho e frio que quase vomitou. Viu o braço e a mão no chão, com dedos negros a retorcer-se num charco de luar. Fantasma libertou-se da outra mão e afastou-se a rastejar, com a língua vermelha a pender-lhe da boca.

O homem encapuzado ergueu a pálida cara de lua, e Jon golpeou-a sem

hesitar. A espada cortou o intruso até ao osso, arrancando-lhe metade do nariz e abrindo-lhe um rasgão de um lado ao outro da cara, sob aqueles olhos, olhos, olhos como estrelas azuis a arder. Jon conhecia aquele rosto. *Othor*, pensou, cambaleando para trás. *Deuses, ele está morto, ele está morto, eu vi-o morto.*

Sentiu qualquer coisa esgravatar-lhe no tornozelo. Dedos negros agarraram-se à barriga da sua perna. O braço rastejava pela sua perna acima, rasgando a lâ e a carne. Gritando de repugnância, Jon empurrou os dedos para fora da perna com a ponta da espada e atirou aquela coisa para longe. Ficou a retorcer-se, com os dedos a abrir e a fechar.

O cadáver inclinou-se para a frente. Não havia sangue. Só com um braço, com a cara quase cortada ao meio, não parecia sentir nada. Jon estendeu a espada à sua frente.

— Fica onde estás! — ordenou, com a voz a tornar-se estridente. “*Grão*”, gritou o corvo, “*grão, grão.*” O braço cortado arrastava-se para fora da manga arrancada, uma serpente branca com uma cabeça negra de cinco dedos. Fantasma precipitou-se sobre ela e abocanhou-a. Ossos de dedos foram triturados. Jon golpeou o pescoço do cadáver, sentindo o aço morder profunda e duramente.

O *Othor* morto caiu sobre ele, fazendo-o perder o equilíbrio.

Jon ficou sem ar quando a mesa caída o apanhou entre as omoplatas. A espada, onde estava a espada? Perdera a maldita *espada*! Quando abriu a boca para gritar, a criatura enfiou os seus cadavéricos dedos negros na boca de Jon. Nauseado, tentou afastá-lo, mas o morto era pesado de mais. A sua mão forçou-se mais para o interior da sua garganta, fria como gelo, sufocando-o. Tinha a cara encostada à sua, enchendo o mundo. Os olhos estavam cobertos de geada, cintilando de azul. Jon arranhou pele fria com as unhas e atirou pontapés às pernas da coisa. Tentou morder, tentou socar, tentou respirar...

E de súbito, o peso do cadáver desapareceu e os dedos foram arrancados da sua garganta. Tudo o que Jon conseguiu fazer foi rolar, vomitando e tremendo. O Fantasma estava de novo sobre a coisa. Viu o lobo gigante enterrar os dentes na barriga da criatura e começar a rasgar e fender. Observou, apenas meio consciente, por um longo momento, até que finalmente se lembrou de procurar a espada...

... e viu Lorde Mormont, nu e estremunhado, em pé, à porta do quarto, com uma candeia de azeite na mão. Roído e sem dedos, o braço agitava-se violentamente pelo chão, avançando em contorções na sua direcção.

Jon tentou gritar, mas não tinha voz. Pondo-se em pé com dificuldade, pontapeou o braço para longe e arrancou a candeia dos dedos do Velho Urso. A chama tremeluziu e quase se extinguiu. “*Arde!*”, grasnou o corvo. “*Arde,*

arde, arde!”

Rodopiando, Jon viu as cortinas que arrancara da janela. Atirou com ambas as mãos a candeia para cima do monte de pano. Metal rangeu, vidro estilhaçou-se, óleo derramou-se e as cortinas rebentaram numa enorme chama. O calor do fogo na cara era mais doce do que qualquer dos beijos que Jon recebera.

— Fantasma! — gritou.

O lobo gigante libertou-se e aproximou-se enquanto a criatura tentava erguer-se, com serpentes negras a jorrar do grande golpe que tinha na barriga. Jon mergulhou a mão nas chamas, agarrou a cortina ardente e atirou-a sobre o morto. *Que arda*, rezou enquanto o pano envolvia o cadáver, *deuses, por favor, por favor, que arda*.

O s Karstark chegaram numa manhã fria e ventosa, trazendo do seu castelo em Karhold trezentos homens a cavalo e quase dois mil a pé. As pontas de aço dos seus piques tremeluziam à pálida luz do Sol enquanto a coluna se aproximava. Um homem seguia à frente, marcando um ritmo de marcha lento e gutural num tambor que era maior do que ele, *buum, buum, buum*.

Bran viu-os chegar de um torreão de guarda no topo da muralha exterior, espreitando através do olho-distante de bronze do Mestre Luwin enquanto se encavalitava aos ombros de Hodor. Era o próprio Lorde Rickard que os liderava, com os filhos Harrion, Eddard e Tosshen a cavalgar a seu lado sob estandartes negros como a noite, adornados com o resplendor branco da sua Casa. A Velha Ama dizia que eles possuíam sangue Stark, desde há centenas de anos, mas aos olhos de Bran não se pareciam com os Stark. Eram homens grandes e ferozes, com os rostos cobertos por barbas espessas, e usavam o cabelo solto abaixo dos ombros. Os seus mantos eram feitos de peles de urso, foca e lobo.

Sabia que eram os últimos. Os outros senhores já lá estavam, com as suas hostes. Bran ansiava por cavalgar entre eles, para ver as casas da Vila de Inverno cheias até rebentar, as multidões aos encontrões no mercado todas as manhãs, as ruas rasgadas e corroídas pelas rodas e pelos cascos. Mas Robb proibira-o de deixar o castelo.

— Não temos homens que possamos dispensar para te guardar — explicara o irmão.

— Eu levo o Verão — discutira Bran.

— Não te armes em rapazinho comigo, Bran — dissera Robb. — Sabes bem que não é assim tão simples. Não há mais de dois dias que um dos homens de Lorde Bolton esfaqueou um dos de Lorde Cerwyn no Barrote Fumegante. A senhora nossa mãe esfolar-me-ia se deixasse que te pusesses em risco. — Dissera aquilo com a voz de Robb, o Senhor; Bran sabia que isso queria dizer que não haveria apelo.

Sabia que era por causa do que acontecera na Mata de Lobos. A recordação ainda lhe causava pesadelos. Sentira-se impotente como um bebé, não fora mais capaz de se defender do que Rickon teria sido. Menos até... Rickon, pelo menos, tê-los-ia pontapeado. Isso envergonhava-o. Era apenas alguns anos mais novo do que Robb; se o irmão era quase um homem feito, também ele o era. Devia ter sido capaz de se proteger a si próprio.

Um ano antes, *antes*, teria visitado a vila mesmo se isso significasse

trepar sobre as muralhas pelos seus próprios meios. Nessa época, podia correr por escadas abaixo, subir e descer sozinho do pónei, e brandir uma espada de madeira suficientemente bem para atirar o Príncipe Tommen ao chão. Agora, só podia observar, espreitando pelo tubo das lentes do Mestre Luwin. O Mestre ensinara-lhe todos os estandartes: o punho revestido de cota de malha dos Glover, prateado sobre escarlate; o urso negro da Senhora Mormont; o hediondo homem esfolado que precedia Roose Bolton, do Forte do Pavor; um alce macho para os Hornwood; um machado de batalha para os Cerwyn; três árvores-sentinela para os Tallhart; e o temível símbolo da Casa Umber, um gigante a rugir com correntes quebradas.

E em breve ficou também a conhecer as caras, quando os senhores e os seus filhos e cavaleiros vieram a Winterfell para os banquetes. Nem o Grande Salão tinha tamanho que chegasse para que todos se sentassem ao mesmo tempo, e portanto Robb recebeu os principais vassalos à vez. A Bran era sempre dado o lugar de honra à direita do irmão. Alguns dos senhores vassalos deitavam-lhe estranhos olhares duros quando se sentava ali, como se perguntassem a si próprios com que direito um rapazinho ainda verde, e ainda por cima aleijado, era colocado acima deles.

— Quantos são agora? — perguntou Bran ao Mestre Luwin quando o Lorde Karstark e os filhos entraram a cavalo pelos portões da muralha exterior.

— Doze mil homens, ou tão perto disso que não faz diferença.

— Quantos cavaleiros?

— Bastante poucos — disse o Mestre com um toque de impaciência. — Para se ser armado cavaleiro, é preciso ficar de vigília num septo e ser ungido com os sete óleos para consagrar os votos. No Norte, só um punhado das grandes Casas rezam aos Sete. Os outros honram os deuses antigos e não armam cavaleiros... mas esses senhores, os seus filhos e os seus soldados não são menos ferozes, leais ou honrados por causa disso. O valor de um homem não se determina por um *sor* antes do seu nome. Tal como já vos disse cem vezes.

— Mesmo assim — disse Bran —, quantos cavaleiros?

O Mestre Luwin suspirou.

— Trezentos, talvez quatrocentos... entre três mil homens com armadura que não são cavaleiros.

— O Lorde Karstark é o último — disse Bran, pensativo. — Robb dará um banquete em sua honra esta noite.

— Sem dúvida que sim.

— Quanto tempo falta até que... até que partam?

— Têm de marchar em breve, ou não marcharão — disse o Mestre

Luwin. — A Vila de Inverno está cheia até rebentar, e este exército comerá tudo o que existe nos campos se acampar aqui durante muito tempo. Há outros à espera de se lhe juntar ao longo da Estrada do Rei, cavaleiros das Terras Acidentadas, cranogmanos e os Senhores Manderly e Flint. Já se luta nas terras do rio, e o vosso irmão tem muitas léguas a transpor.

— Eu sei. — Bran sentia-se tão infeliz como soava. Devolveu o tubo de bronze ao Mestre, e reparou como o cabelo de Luwin se tornara fino no topo da cabeça. Conseguia ver o rosado do couro cabeludo a espreitar. Era estranho olhar assim de cima para ele, quando passara toda a vida a olhá-lo de baixo, mas quando se andava às cavalitas de Hodor, olhava-se de cima para toda a gente. — Não quero observar mais. Hodor, leva-me de volta à fortaleza.

— Hodor — disse Hodor.

O Mestre Luwin enfiou o tubo na manga.

— Bran, o senhor vosso irmão não terá agora tempo para vós. Tem de receber o Lorde Karstark e os filhos e fazer com que se sintam bem-vindos.

— Não vou incomodar o Robb. Quero visitar o bosque sagrado. — Pousou a mão no ombro de Hodor. — Hodor.

Uma série de apoios para a mão cortados a cinzel no granito faziam uma escada na parede interna da torre. Hodor desceu, uma mão após outra, enquanto trauteava sem melodia e Bran baloiçava de encontro às suas costas no assento de verga que o Mestre Luwin fabricara para si. Luwin retirara a ideia dos cestos que as mulheres usavam para transportar lenha às costas; depois disso, recortar buracos para as pernas e adicionar algumas correias novas para distribuir o peso de Bran mais uniformemente fora coisa simples. Não era tão bom como montar a Dançarina, mas havia lugares onde a Dançarina não podia ir, e assim Bran não ficava tão envergonhado como quando Hodor o transportava nos braços como se fosse um bebé. Hodor também parecia gostar, se bem que com ele fosse difícil ter certezas. A única parte complicada eram as portas. Às vezes, Hodor *esquecia-se* de que levava Bran às costas, e isso podia ser doloroso quando atravessava uma porta.

Ao longo de quase uma quinzena, tinha havido tantas entradas e saídas que Robb ordenara que ambas as portas levadiças se mantivessem içadas e a ponte levadiça entre elas descida, mesmo na noite profunda. Uma longa coluna de lanceiros revestidos de armadura atravessava o fosso entre as muralhas quando Bran saiu da torre; homens dos Karstark, seguindo os seus senhores para dentro do castelo. Usavam meios-elmos de ferro negro e mantos negros de lã adornados com o sol raiado branco. Hodor trotou ao lado deles, sorrindo para si próprio, fazendo ressoar as botas na madeira da ponte levadiça. Os soldados deitaram-lhes olhares estranhos ao vê-los passar, e uma vez Bran ouviu alguém soltar uma gargalhada. Recusou-se a deixar que aquilo

o perturbasse.

— Os homens olharão para ti — prevenira-o o Mestre Luwin da primeira vez que tinham atado o cesto de verga ao peito de Hodor. — Olharão e falarão, e alguns troçarão. — *Pois que trocem*, pensara Bran. Ninguém troçava dele no seu quarto, mas não queria viver a vida na cama.

Ao passarem sob a porta levadiça da casa da guarda, Bran pôs dois dedos na boca e assobiou. Verão veio aos saltos pelo pátio fora. De súbito, os lanceiros Karstark encontraram-se a lutar por manter o controlo dos cavalos, enquanto os animais rolavam os olhos e relinchavam de medo. Um garanhão empinou-se, gritando, enquanto o cavaleiro praguejava e se agarrava desesperadamente. O cheiro dos lobos selvagens punha os cavalos num frenesi de medo se não estivessem habituados, mas aquietar-se-iam rapidamente quando Verão se fosse embora.

— O bosque sagrado — lembrou Bran a Hodor.

Até mesmo Winterfell estava cheio de gente. O pátio ressoava com o som de espadas e machados, com o estrondear das carroças e com o ladrar dos cães. As portas do armeiro estavam abertas, e Bran viu de relance Mikken na sua forja, fazendo tinir o martelo enquanto suor lhe pingava do peito nu. Bran nunca vira tantos estranhos em toda a sua vida, nem mesmo quando o Rei Robert viera visitar o pai.

Tentou não vacilar quando Hodor se baixou para atravessar uma porta baixa. Caminharam por um longo átrio sombrio, com Verão a acompanhar facilmente o passo. O lobo olhava para cima de vez em quando, com os olhos a arder como ouro líquido. Bran teria gostado de lhe tocar, mas estava demasiado alto para que a mão lhe chegasse.

O bosque sagrado era uma ilha de paz no mar de caos em que Winterfell se tinha transformado. Hodor abriu caminho através dos densos maciços de carvalho, pau-ferro e árvores-sentinela, até à lagoa parada junto à árvore-coração. Parou sob os ramos nodosos do represeiro, trauteando. Bran ergueu os braços acima da cabeça e puxou-se para fora do assento, fazendo passar o peso morto das pernas através dos buracos do cesto de verga. Ficou pendurado por um momento, oscilando, com as folhas vermelhas-escuras a roçar-lhe na cara, até que Hodor lhe pegou e o baixou até à pedra lisa ao lado da água.

— Quero ficar um pouco sozinho — disse. — Vai-te molhar. Vai até às lagoas.

— Hodor. — Hodor patinhou através das árvores e desapareceu. Do outro lado do bosque sagrado, sob as janelas da Casa de Hóspedes, uma nascente quente subterrânea alimentava três pequenos charcos. Erguia-se vapor das águas de dia e de noite, e o muro que se erguia ao lado estava coberto de

musgo. Hodor detestava água fria, e lutava como um gato selvagem refugiado numa árvore sempre que era ameaçado com sabão, mas entrava alegremente no charco mais quente e ficava lá sentado durante horas, soltando um sonoro arroto para fazer de eco à nascente sempre que uma bolha se erguia das sombrias profundezas verdes e se quebrava à superfície.

Verão bebeu um pouco de água e deitou-se ao lado de Bran. Este fez um afago sob o focinho do lobo, e por um momento rapaz e animal sentiram-se em paz. Bran sempre gostara do bosque sagrado, mesmo *antes*, mas nos últimos tempos achara-se cada vez mais atraído para lá. Até a árvore-coração já não o assustava como costumava assustar. Os profundos olhos vermelhos esculpidos no tronco claro ainda o observavam, mas, de algum modo, agora tirava disso conforto. Os deuses olhavam por ele, dizia a si próprio, os deuses antigos, deuses dos Stark, dos Primeiros Homens e dos Filhos da Floresta, os deuses do *pai*. Sentia-se seguro à vista deles, e o profundo silêncio das árvores ajudava-o a pensar. Bran tinha passado a pensar muito desde a queda; a pensar, a sonhar, e a falar com os deuses.

— Por favor, fazei com que Robb não se vá embora — rezou em voz baixa. Moveu a mão pela água fria, criando ondinhas que atravessaram a lagoa. — Por favor, fazei com que ele fique. Ou se tiver de ir, trazei-o a salvo para casa, com a mãe e o pai e as raparigas. E fazei com que... fazei com que Rickon compreenda.

O irmão mais novo tornara-se incontrolável como uma tempestade de Inverno desde que soubera que Robb ia partir para a guerra, agora choroso, logo zangado. Recusava-se a comer, chorava e gritava pela noite fora, chegara mesmo ao ponto de dar um soco na Velha Ama quando ela tentou embalá-lo com canções, e no dia seguinte desaparecera. Robb pusera metade do castelo à sua procura, e quando finalmente o encontraram lá em baixo, nas criptas, Rickon golpeará-os com uma ferrugenta espada de ferro que tirara da mão de um rei morto, e o Cão-Felpudo saltara da escuridão, babando-se como um demónio de olhos verdes. O lobo estava quase tão fora de controlo como Rickon; mordera Gage no braço e arrancara um bocado de carne da coxa de Mikken. Só o próprio Robb e o Vento Cinzento tinham logrado acalmá-lo. Farlen mantinha-o agora acorrentado nos canis, e Rickon ainda chorava mais por estar sem ele.

O Mestre Luwin aconselhara Robb a permanecer em Winterfell, e Bran também lho pedira, tanto por si como por Rickon, mas o irmão limitara-se a abanar teimosamente a cabeça e a dizer:

— Não quero ir. *Tenho* de ir.

Era só meia mentira. Alguém tinha de ir, para defender o Gargalo e ajudar os Tully contra os Lannister, Bran compreendia isso, mas não *tinha* de

ser Robb. O irmão podia ter dado o comando a Hal Mollen ou a Theon Greyjoy, ou a um dos senhores seus vassalos. O Mestre Luwin insistiu para que fizesse isso mesmo, mas Robb não queria ouvir falar do assunto.

— O senhor meu pai nunca enviaria homens para a morte enquanto se escondia como um cobarde atrás das muralhas de Winterfell — dissera, todo ele Robb, o Senhor.

Robb parecia agora a Bran quase um estranho, transformado, um senhor de verdade, embora não tivesse ainda passado pelo décimo sexto dia do seu nome. Até os vassalos do pai pareciam senti-lo. Muitos tentavam testá-lo, cada um à sua maneira. Quer Roose Bolton, quer Robett Glover, exigiram a honra do comando de batalha, o primeiro de forma brusca, o segundo com um sorriso e um gracejo. A resoluta e grisalha Maege Mormont, vestida de cota de malha como se fosse um homem, disse abruptamente a Robb que tinha idade para ser seu neto e que não tinha nada que lhe dar ordens... mas acontecia que tinha uma neta com a qual estava disposta a deixá-lo casar. Lorde Cerwyn, um homem de falinhas mansas, tinha mesmo trazido consigo a filha, uma donzela rechonchuda e desajeitada com trinta anos, que se sentou à esquerda do pai e nunca levantou os olhos do prato. O jovial Lorde Hornwood não tinha filhas, mas trouxe presentes, um dia um cavalo, no seguinte um quadril de veado, no outro um corno de caça com embutidos de prata, e nada pediu em troca... nada excepto um certo castro que fora tirado ao seu avô, e direitos de caça para norte de uma certa serra, e licença para construir uma represa no Faca Branca, se aprouvesse ao senhor.

Robb respondia a todos com fria cortesia, muito à semelhança do que o pai poderia fazer, e de alguma forma dobrava-os à sua vontade.

E quando o Lorde Umber, cujos homens alçunhavam como Grande-Jon e era tão alto como Hodor e duas vezes mais largo, ameaçou levar as suas forças para casa se fosse colocado atrás dos Hornwood ou dos Cerwyn na ordem de marcha, Robb disse-lhe que o fizesse, se o desejasse.

— E quando resolvermos o assunto dos Lannister — prometera, coçando Vento Cinzento atrás da orelha —, marcharemos outra vez para norte e arrancar-vos-emos da vossa fortaleza e enforcar-vos-emos por quebra dos votos. — Praguejando, o Grande-Jon atirara um jarro de cerveja ao fogo e berrara que Robb era tão verde que devia mijar erva. Quando Hallis Mollen se aproximara para o refrear, atirara-o ao chão, virara uma mesa e desembainhara a maior e mais feia espada longa que Bran alguma vez vira. Por toda a sala, os seus filhos, irmãos e soldados puseram-se em pé de um salto, puxando do seu aço.

Mas Robb dissera apenas uma palavra em voz baixa, e com um rosnido e num piscar de olhos, Lorde Umber deu por si estatelado de costas, com a

espada a girar no chão a um metro de distância e a mão a pingar sangue no sítio de onde Vento Cinzento arrancara dois dedos.

— O senhor meu pai ensinou-me que empunhar aço contra o vosso suserano significa a morte — dissera Robb — mas sem dúvida que quereís apenas cortar-me a carne. — As entranhas de Bran fizeram-se em água quando o Grande-Jon lutara por se erguer, chupando os tocos vermelhos dos dedos... mas então, espantosamente, o enorme homem soltara uma *gargalhada*.

— A vossa carne — rugira — *é dura* como um raio.

E de algum modo, depois daquilo, o Grande-Jon transformara-se no braço-direito de Robb, no seu campeão mais dedicado, dizendo sonoramente a toda a gente que o senhor rapaz era afinal um Stark, e que fariam melhor em dobrar o raio dos joelhos se não queriam vê-los arrancados à dentada.

Mas nessa mesma noite, o irmão viera ao quarto de Bran, pálido e abalado, depois de os fogos se terem consumido no Grande Salão.

— Pensei que me ia matar — confessara Robb. — Viste a maneira como ele atirou o Hal ao chão, como se não fosse maior que o Rickon? Deuses, fiquei tão assustado. E o Grande-Jon não é o pior de entre eles, é só o mais barulhento. O Lorde Roose nunca diz uma palavra, limita-se a olhar para mim, e tudo aquilo em que eu consigo pensar é naquela sala que eles têm no Forte do Pavor, onde os Bolton penduram as peles dos seus inimigos.

— Isso é só uma das histórias da Velha Ama — dissera Bran. Uma nota de dúvida insinuara-se na sua voz. — Não é?

— Não sei. — O irmão abanara a cabeça com ar cansado. — O Lorde Cerwyn quer levar a filha connosco para sul. Para cozinhar, diz ele. Theon tem a certeza de que hei-de encontrar uma noite a rapariga na minha cama. Gostava... gostava que o pai estivesse aqui.

Isso era uma coisa em que ambos podiam concordar, Bran, Rickon e Robb, o Senhor; todos eles desejavam que o pai estivesse ali. Mas o Lorde Eddard estava a mil léguas de distância, cativo numa masmorra qualquer, fugitivo perseguido procurando manter-se vivo, ou até morto. Ninguém parecia saber ao certo; cada viajante contava uma história diferente, cada uma mais aterrorizadora do que a anterior. Que as cabeças dos guardas do pai apodreciam nas muralhas da Fortaleza Vermelha, empaladas em espigões. Que o Rei Robert tinha morrido às mãos do pai. Que os Baratheon tinham montado cerco a Porto Real. Que o Lorde Eddard fugira para sul com o irmão malvado do rei, Renly. Que Arya e Sansa tinham sido assassinadas pelo Cão de Caça. Que a mãe matara Tyrion, o Duende, e pendurara o seu corpo das muralhas de Correrrio. Que o Lorde Tywin Lannister marchava sobre o Ninho de Águia, queimando e matando tudo à sua passagem. Um contador de

histórias encharcado em vinho até afirmara que Rhaegar Targaryen regressara dos mortos e liderava uma vasta hoste de antigos heróis contra Pedra do Dragão a fim de reclamar o trono do pai.

Quando o corvo chegara, trazendo uma carta marcada com o selo do pai e escrita com a letra de Sansa, a verdade cruel não parecera menos incrível. Bran nunca se esqueceria da expressão na cara de Robb quando vira as palavras da irmã.

— Ela diz que o pai conspirou para cometer traição com os irmãos do rei — lera. — O rei Robert está morto, e a mãe e eu somos convocados à Fortaleza Real para jurar fidelidade a Joffrey. Diz que devemos ser leais, e que quando casar com Joffrey, suplicar-lhe-á que poupe a vida do senhor nosso pai. — Os seus dedos fecharam-se num punho, esmagando a carta de Sansa. — E nada diz de Arya, *nada*, nem uma única palavra. Maldita seja! Que se passa com a rapariga?

Bran sentira-se completamente frio por dentro.

— Perdeu o seu lobo — dissera, em voz fraca, recordando o dia em que quatro dos guardas do pai tinham regressado do sul com os ossos de Lady. Verão, Vento Cinzento e Cão-Felpudo tinham começado a uivar antes de eles atravessarem a ponte levadiça, em vozes arrastadas e desoladas. À sombra da Primeira Torre ficava um antigo cemitério, com as lajes semeadas de líquenes, onde os antigos Reis do Inverno tinham enterrado os seus criados fiéis. Lady fora enterrada ali, enquanto os irmãos caminhavam por entre as tumbas como sombras inquietas. Partira para sul e só os seus ossos tinham regressado.

O avô, o velho Lorde Rickard, também partira, com o filho Brandon, que era irmão do pai, e duzentos dos seus melhores homens. Nenhum regressara. E o pai fora para sul, com Arya e Sansa, e Jory, Hullen, o Gordo Tom e os outros, e mais tarde a mãe e Sor Rodrik tinham partido, e *eles* também não tinham regressado. E agora era Robb quem queria partir. Não para Porto Real e não para jurar fidelidade, mas sim para Correrrio, com uma espada na mão. E se o senhor pai de ambos fosse de facto prisioneiro, isso significaria de certeza a sua morte. Assustava Bran mais do que era capaz de exprimir.

— Se Robb tem de ir, olhai por ele — suplicou Bran aos deuses antigos enquanto o observavam com os olhos vermelhos da árvore-coração — e olhai pelos seus homens, por Hal, Quent e os outros, e por Lorde Umber, pela Senhora Mormont e pelos outros senhores. E também por Theon, suponho. Observai-os e mantende-os a salvo, se vos aprouver, deuses. Ajudai-os a derrotar os Lannister e a salvar o pai e a trazê-lo para casa.

Um leve vento suspirou pelo bosque sagrado e as folhas vermelhas agitaram-se e sussurraram. Verão mostrou os dentes.

— Ouve-los, rapaz? — perguntou uma voz.

Bran ergueu a cabeça. Osha estava em pé do outro lado da lagoa, sob um antigo carvalho, com o rosto obscurecido por folhas. Mesmo a ferros, a selvagem movia-se silenciosamente como uma gata. Verão deu a volta à lagoa e farejou-a. A mulher alta vacilou.

— Verão, a mim — chamou Bran. O lobo selvagem fungou uma última vez, girou sobre si próprio e voltou para trás. Bran enrolou os braços nele. — Que fazes *tu* aqui? — Não vira Osha desde a sua captura na Mata de Lobos, embora soubesse que a tinham posto a trabalhar nas cozinhas.

— Também são os meus deuses — disse Osha. — Para lá da Muralha, são os únicos deuses. — O cabelo estava a crescer-lhe, castanho e felpudo. Fazia-a parecer mais feminina, isso e o vestido simples de ráfia castanha que lhe tinham dado quando lhe tiraram a cota de malha e a roupa de couro. — O Gage deixa-me orar de vez em quando, quando sinto falta, e eu deixo-o fazer o que quiser debaixo da minha saia, quando sente falta. Para mim não significa nada. Gosto do cheiro a farinha nas suas mãos, e é mais gentil que o Stiv. — Fez uma vénia desajeitada. — Vou deixar-te só. Há painéis que precisam de uma esfrega.

— Não, fica — ordenou-lhe Bran. — Explica-me o que querias dizer com ouvir os deuses.

Osha estudou-o.

— Fizeste-lhes um pedido e eles estão a responder. Abre os ouvidos, escuta, ouvirás.

Bran escutou.

— É só o vento — disse após um momento, inseguro. — As folhas estão a restolhar.

— Quem pensas tu que envia o vento se não são os deuses? — Ela sentou-se do outro lado da lagoa, tilintando levemente enquanto se movia. Mikken prendera grilhetas de ferro aos seus tornozelos, com uma corrente pesada entre elas; podia caminhar, desde que mantivesse os passos pequenos, mas não tinha hipótese de correr, de trepar ou de montar um cavalo. — Eles vêem-te, rapaz. Ouvem-te falar. Esse restolhar? Isso são eles a responder.

— Que estão a dizer?

— Estão tristes. O senhor teu irmão não terá a sua ajuda no sítio para onde vai. Os velhos deuses não têm poder no Sul. Lá, os represeiros foram todos derrubados há milhares de anos. Como poderiam vigiar o teu irmão se não têm olhos?

Bran não tinha pensado naquilo. Assustou-o. Se nem mesmo os deuses podiam ajudar o irmão, que esperança havia? Talvez Osha não os estivesse a ouvir correctamente. Inclinou a cabeça e tentou escutar de novo. Julgou

conseguir ouvir agora a tristeza, mas nada além disso.

A restolhada tornou-se mais sonora. Bran ouviu passos abafados e um trauteio em voz baixa, e Hodor saiu desajeitadamente de entre as árvores, nu e a sorrir.

— Hodor!

— Deve ter ouvido as nossas vozes — disse Bran. — Hodor, esqueceste-te da roupa.

— Hodor — concordou Hodor. Estava encharcado do pescoço para baixo, fumegando no ar gelado. Tinha o corpo coberto por pêlos castanhos, espessos como uma pele de animal. Entre as pernas, o membro viril pendia, longo e pesado.

Osha olhou-o com um sorriso amargo.

— Ora aí está um homem grande — disse. — Se não tem nele o sangue dos gigantes, eu sou a rainha.

— O Mestre Luwin diz que já não há gigantes. Diz que estão todos mortos, como os filhos da floresta. Tudo o que resta deles são velhos ossos que os homens desenterram com charruas de quando em quando.

— Que o Mestre Luwin viaje até para lá da Muralha — disse Osha. — Encontrará então gigantes, ou será encontrado por eles. O meu irmão matou uma. Tinha três metros de altura, e mesmo assim era enfezada. Sabe-se que crescem até aos três metros e meio ou quatro metros. E também são criaturas ferozes, todas pêlos e dentes, e as mulheres têm barbas como os maridos, de modo que não há como os distinguir. As mulheres tomam homens humanos como amantes, e é daí que vêm os mestiços. É mais duro para as mulheres que eles apanham. Os homens são tão grandes que mais depressa rasgam uma donzela em duas do que a deixam com bebé. — Fez-lhe um sorriso. — Mas tu não sabes do que falo, pois não, rapaz?

— Sei, sim — insistiu Bran. Compreendia o acasalamento; vira os cães no pátio, e observara um garanhão a montar uma égua. Mas falar disso deixava-o desconfortável. Olhou para Hodor. — Volta atrás e traz a tua roupa, Hodor — disse. — Vai-te vestir.

— Hodor. — O simplório regressou pelo caminho de onde tinha vindo, baixando-se para passar sob um ramo baixo de uma árvore.

Ele *era* muitíssimo grande, pensou Bran enquanto o observava a partir.

— Há mesmo gigantes para lá da Muralha? — perguntou a Osha, incerto.

— Há gigantes e coisas piores que gigantes, senhorzinho. Tentei dizê-lo ao teu irmão quando me interrogou, a ele, ao vosso mestre e àquele rapaz sorridente, o Greyjoy. Os ventos frios estão a levantar-se, e homens afastam-se dos seus fogos e nunca mais regressam... ou quando regressam, já não são

homens, são só criaturas, com olhos azuis e mãos frias e negras. Porque pensas tu que fugi para sul com Stiv, Hali e o resto daqueles idiotas? Mance acha que vai lutar, o bravo, querido, teimoso do homem, como se os caminhanes brancos não fossem mais do que patrulheiros, mas que sabe ele? Ele pode chamar a si próprio Rei-para-lá-da-Muralha se bem entender, mas ainda é apenas mais um dos velhos corvos negros que fugiram da Torre Sombria. Nunca experimentou o Inverno. Eu *nasci* lá em cima, filho, tal como a minha mãe e a mãe dela antes dela, e a mãe *dessa* antes dela, nascida entre o Povo Livre. Nós recordamos. — Osha pôs-se em pé, fazendo tinir as correntes. — Tentei dizê-lo ao senhorzinho teu irmão. Ontem mesmo, quando o encontrei no pátio. “S’nhor Stark”, chamei, com todo o respeito, mas ele olhou através de mim, e aquele imbecil suado do Grande-Jon Umber afastou-me do seu caminho. Assim seja. Usarei os meus ferros e terei tento na língua. Um homem que não quer escutar não pode ouvir.

— Diz-me. Robb escutar-me-á, eu sei que sim.

— Será? Veremos. Diz-lhe isto, s’nhor. Diz-lhe que ele está decidido a marchar na direcção errada. É para norte que ele devia levar as suas espadas. Para *norte*, não para sul. Estás a ouvir-me?

Bran anuiu.

— Eu digo-lhe.

Mas naquela noite, durante o banquete no Grande Salão, Robb não se encontrava com eles. Em vez disso, tomou a sua refeição no aposento privado, com Lorde Rickard, o Grande-Jon e os outros senhores vassalos, a fim de preparar os últimos planos para a longa marcha que se aproximava. Bran ficou com a tarefa de ocupar o seu lugar à cabeceira da mesa, e agir como anfitrião perante os filhos e amigos de honra de Lorde Karstark. Já estavam nos seus lugares quando Hodor o transportou às costas para o salão, e ajoelhou ao lado do cadeirão. Dois dos criados ajudaram a erguê-lo do cesto. Bran conseguia sentir os olhos de todos os estranhos presentes no salão. O silêncio caía.

— Senhores — anunciou Hallis Mollen —, Brandon Stark, de Winterfell.

— Dou-vos as boas-vindas às nossas fogueiras — disse rigidamente Bran — e ofereço-vos comida e bebida em honra da nossa amizade.

Harrión Karstark, o mais velho dos filhos de Lorde Karstark, fez uma vénia, e os irmãos seguiram-lhe o exemplo, mas enquanto se instalavam nos seus lugares, ouviu os dois mais novos a conversar em voz baixa sobre o tinir de taças de vinho.

— ... preferia morrer a viver assim — murmurou um deles, o que tinha o nome do pai, Eddard, e o irmão Torrhen disse que era provável que o rapaz fosse tão quebrado por dentro como por fora, demasiado cobarde para tirar a

sua própria vida.

Quebrado, pensou amargamente Bran enquanto se agarrava à faca. Seria isso agora? Bran, o *Quebrado*?

— Não quero ser quebrado — sussurrou com veemência ao Mestre Luwin, que estava sentado à sua direita. — Quero ser um cavaleiro.

— Há quem chame à nossa Ordem os cavaleiros da mente — respondeu Luwin. — Sois um rapaz extremamente inteligente quando vos esforçais, Bran. Alguma vez pensastes na possibilidade de usar uma corrente de mestre? Não há limite para o que poderíeis aprender.

— Quero aprender *magia* — disse-lhe Bran. — O corvo prometeu que eu voaria.

O Mestre Luwin suspirou.

— Posso ensinar-vos História, artes de curar, as ervas. Posso ensinar-vos a língua dos corvos, e como construir um castelo, e o modo como um marinheiro orienta o navio pelas estrelas. Posso ensinar-vos a medir os dias e a marcar a passagem das estações, e na Cidadela, em Vilavelha, podem ensinar-vos outras mil coisas. Mas, Bran, ninguém vos pode ensinar magia.

— Os filhos podiam — disse Bran. — Os filhos da floresta. — Aquilo lembrou-lhe a promessa que fizera a Osha no bosque sagrado, e contou a Luwin o que ela dissera.

O Mestre ouviu-o educadamente.

— Parece-me que a selvagem podia dar lições de contar histórias à Velha Ama — disse ele quando Bran terminou. — Voltarei a falar com ela, se desejardes, mas seria melhor se não incomodásseis o vosso irmão com esta loucura. Ele tem mais preocupações do que as suficientes sem se arreliar com gigantes e mortos na floresta. São os Lannister que têm o senhor vosso pai cativo, Bran, não os filhos da floresta. — Pousou uma mão gentil no braço de Bran. — Pensai no que eu disse, menino.

E dois dias mais tarde, enquanto uma alvorada vermelha surgia num céu varrido pelo vento, Bran deu por si no pátio junto ao portão, atado à Dançarina enquanto se despedia do irmão.

— És agora senhor de Winterfell — disse-lhe Robb. Estava montado num hirsuto garanhão cinzento, com o escudo pendurado do flanco do cavalo; madeira reforçada a ferro, branca e cinzenta, com o desenho de uma cabeça de um lobo gigante a rosnar. O irmão de Bran usava cota de malha cinzenta sobre couros branqueados, uma espada e um punhal à cintura, um manto debruado a peles sobre os ombros. — Tens de ocupar o meu lugar, como eu ocupei o do pai, até regressarmos a casa.

— Eu sei — respondeu Bran em tom infeliz. Nunca se sentira tão pequeno, tão só ou tão assustado. Não sabia como ser um senhor.

— Escuta os conselhos do Meistre Luwin, e toma conta do Rickon. Diz-lhe que eu volto assim que a luta acabe.

Rickon recusara-se a descer. Estava lá em cima, no seu quarto, de olhos vermelhos e rebelde.

— *Não!* — gritara quando Bran lhe perguntara se não queria dizer adeus a Robb. — *Adeus NÃO!*

— Eu disse-lhe — disse Bran. — Ele diz que nunca ninguém regressa.

— Não pode ser um bebé para sempre. É um Stark, e tem quase quatro anos. — Robb suspirou. — Bem, a Mãe estará em casa em breve. E eu trarei o pai, prometo.

Deu meia volta ao cavalo e afastou-se a trote. Vento Cinzento seguiu-o, saltitando ao lado do cavalo de guerra, esbelto e ligeiro. Hallis Mollen atravessou o portão à frente da coluna, transportando a ondulante bandeira branca da Casa Stark no topo de um grande poste de freixo cinzento. Theon Greyjoy e o Grande-Jon puseram-se ao lado de Robb, e os seus cavaleiros formaram uma coluna dupla atrás deles, com lanças de ponta de aço a brilhar ao sol.

De um modo desconfortável, recordou as palavras de Osha. *Ele marcha na direcção errada*, pensou. Por um instante quis galopar atrás dele e gritar um aviso, mas quando Robb desapareceu sob a porta levadiça, o momento passou.

Para lá das muralhas do castelo, ergueu-se um rugido. Bran sabia que os soldados apeados e os habitantes da vila saudavam Robb enquanto ele passava; saudavam o Lorde Stark, o Senhor de Winterfell no seu grande garanhão, com o seu manto ondulante e Vento Cinzento que corria a seu lado. Compreendeu com uma dor surda que nunca o saudariam daquele modo. Ele podia ser senhor de Winterfell enquanto o irmão e o pai estivessem ausentes, mas era ainda Bran, o Quebrado. Nem sequer podia sair de cima do cavalo, se não fosse para cair.

Depois das saudações distantes se reduzirem ao silêncio e o pátio ficar por fim vazio, Winterfell pareceu deserto e morto. Bran olhou em redor, para os rostos dos que ficavam, mulheres, crianças e velhos... e Hodor. O enorme moço de estrebaria tinha uma expressão perdida e assustada no rosto.

— Hodor? — disse ele, com voz triste.

— Hodor — concordou Bran, perguntando a si próprio que significado teria aquilo.

Depois de obter o seu prazer, Khal Drogo levantou-se dos tapetes de dormir e ficou em pé, acima dela. A sua pele brilhava, escura como bronze, à luz avermelhada que vinha do braseiro, e viam-se-lhe as ténues linhas de antigas cicatrizes no peito largo. Cabelo negro como tinta, solto e sem nós, caía-lhe em cascata sobre os ombros e ao longo das costas, até bem depois da cintura. O seu membro viril cintilava de humidade. A boca do *khal* torceu-se numa expressão mal-humorada sob o seu longo bigode.

— O garanhão que monta o mundo não precisa de cadeiras de ferro para nada.

Dany apoiou-se num braço para o olhar, tão alto e magnífico. Adorava especialmente o seu cabelo. Nunca fora cortado; ele nunca conhecera a derrota.

— Foi profetizado que o garanhão cavalgará até aos confins da terra — disse.

— A terra termina no mar negro de sal — respondeu imediatamente Drogo. Molhou um pano numa bacia de água morna para limpar o suor e o óleo da pele. — Nenhum cavalo pode atravessar a água venenosa.

— Nas Cidades Livres há navios aos milhares — disse-lhe Dany, tal como já lhe tinha dito antes. — Cavalos de madeira com cem pernas, que voam pelo mar em asas cheias de vento.

Khal Drogo não queria ouvir falar do assunto.

— Não falaremos mais de cavalos de madeira e cadeiras de ferro. — Deixou cair o pano, e começou a vestir-se. — Hoje irei para a erva caçar, mulher esposa — anunciou enquanto se enfiava num colete pintado e afivelava um cinto largo com pesados medalhões de prata, ouro e bronze.

— Sim, meu sol-e-estrelas — disse Dany. Drogo levaria os companheiros de sangue e partiriam em busca do *hrakkar*, o grande leão branco das planícies. Se regressassem em triunfo, a alegria do senhor seu marido seria feroz, e talvez estivesse disposto a escutá-la.

Ele não temia animais selvagens, nem nenhum homem que já respirara, mas o mar era outra coisa. Para os dothraki, água que um cavalo não pudesse beber era algo de impuro; as agitadas planícies verdes acinzentadas do oceano enchiam-nos com uma repugnância supersticiosa. Dany descobrira que Drogo era um homem mais corajoso do que os outros senhores dos cavalos de meia centena de maneiras diferentes... mas naquilo não. Se ao menos conseguisse levá-lo a entrar num navio...

Depois de o *khal* e os companheiros de sangue terem partido com os seus arcos, Dany mandou chamar as aias. Sentia agora o corpo tão gordo e desajeitado que acolhia de bom grado a ajuda dos seus fortes braços e mãos hábeis, ao passo que antes se sentira frequentemente desconfortável com o modo como elas se agitavam e volteavam em seu redor. Limparam-na e vestiram-na com sedareia, leve e solta. Enquanto Doreah lhe escovava o cabelo, mandou Jhiqui à procura de Sor Jorah Mormont.

O cavaleiro veio de imediato. Trazia calções de pêlo de cavalo e um colete pintado, como um dothraki. Rudes pêlos negros cobriam-lhe o peito largo e os braços musculosos.

— Minha princesa. Como posso servir-vos?

— Tendes de falar com o senhor meu marido — disse Dany. — Drogo diz que o garanhão que monta o mundo terá todas as terras para governar e não precisa de atravessar a água venenosa. Fala em levar o *khalasar* para leste depois de Rhaego nascer, a fim de saquear as terras em torno do Mar de Jade.

O cavaleiro ficou pensativo.

— O *khal* nunca viu os Sete Reinos — disse. — Para ele, não são nada. Se chega a pensar neles, não há dúvida que pensa em ilhas, algumas cidades pequenas agarradas às rochas à maneira de Lorath ou Lys, rodeadas por mares tempestuosos. As riquezas do leste devem parecer-lhe uma possibilidade mais tentadora.

— Mas ele tem de ir para *oeste* — disse Dany, desesperada. — Por favor, ajudai-me a fazê-lo compreender. — Ela também nunca vira os Sete Reinos, tal como Drogo, mas era como se os conhecesse de todas as histórias que o irmão lhe contara. Viserys prometera-lhe mil vezes que um dia a levaria de regresso, mas agora estava morto e as promessas tinham morrido com ele.

— Os dothraki fazem as coisas ao seu ritmo, pelas suas razões — respondeu o cavaleiro. — Tende paciência, princesa. Não cometais o erro do vosso irmão. Iremos para casa, prometo-vos.

Casa? A palavra fê-la sentir-se triste. Sor Jorah tinha a sua Ilha dos Ursos, mas o que era casa para ela? Algumas histórias, nomes recitados tão solenemente como as palavras de uma prece, a memória que se esbatia de uma porta vermelha... estaria Vaes Dothrak destinada a ser a sua casa para sempre? Quando olhava para as feiticeiras do *dosh khaleen*, estaria a olhar para o seu futuro?

Sor Jorah deve ter visto a tristeza no seu rosto.

— Uma grande caravana chegou durante a noite, *khaleesi*. Quatrocentos cavalos, vindos de Pentos, por Norvos e Qohor, sob o comando do Capitão Mercador Byan Votyris. Illyrio pode ter enviado uma carta. Desejais visitar o

Mercado Ocidental?

Dany agitou-se.

— Sim — disse. — Gostaria. — Os mercados ganhavam vida quando uma caravana chegava. Nunca se sabia que tesouros os comerciantes poderiam trazer de cada vez, e seria bom voltar a ouvir homens a falar valiriano, como nas Cidades Livres. — Irri, diz-lhes para prepararem uma liteira.

— Vou dizer ao vosso *khas* — disse Sor Jorah, retirando-se.

Se Khal Drogo estivesse consigo, Dany teria montado a sua prata. Entre os dothraki, as mães permaneciam montadas quase até ao momento do parto, e ela não queria parecer fraca aos olhos do marido. Mas com o *khal* longe na caça, era agradável encostar-se a almofadas suaves e ser transportada através de Vaes Dothrak, com cortinas de seda vermelha para a proteger do sol. Sor Jorah selou o cavalo e seguiu a seu lado, com os quatro jovens do seu *khas* e as aias.

O dia estava quente e sem nuvens, o céu de um azul profundo. Quando o vento soprava, Dany conseguia cheirar os ricos odores da erva e da terra. À medida que a liteira ia passando sob os monumentos roubados, passava da sombra para o sol, e de volta à sombra, balançando, estudando os rostos de heróis mortos e de reis esquecidos. Perguntou a si própria se os deuses de cidades queimadas ainda podiam atender a preces.

Se eu não fosse do sangue do dragão, pensou, melancólica, *esta poderia ser a minha casa*. Era *khaleesi*, tinha um homem forte e um cavalo rápido, aias para servi-la, guerreiros para a manter a salvo, um lugar de honra no *dosh khaleen* à sua espera quando envelhecesse... e no seu ventre crescia o filho que um dia montaria o mundo. Isso seria suficiente para qualquer mulher... mas não para o dragão. Com Viserys morto, Daenerys era a última, mesmo a última. Pertencia à linhagem de reis e conquistadores, e o mesmo acontecia ao filho que trazia na barriga. Não podia esquecê-lo.

O Mercado Ocidental era uma grande praça em terra batida rodeada por coelheiras de tijolo de lama cozida, recintos para animais, salas caiadas para beber. Outeiros elevavam-se do chão como se fossem os dorsos de grandes animais subterrâneos que rompiam a superfície, com bocejantes bocas negras que levavam a frios e cavernosos armazéns subterrâneos. O interior da praça era um labirinto de barracas e passagens retorcidas, ensombradas por toldos de erva entretecida.

Uma centena de mercadores e comerciantes descarregava as suas mercadorias e instalava-se em barracas quando eles chegaram, mas mesmo assim, o grande mercado parecia silencioso e deserto quando comparado com os bazares apinhados que Dany recordava dos tempos passados em Pentos e

nas outras Cidades Livres. As caravanas dirigiam-se a Vaes Dothrak, vindas do leste e do oeste, não tanto para vender aos dothraki como para comerciar umas com as outras, explicou Sor Jorah. Os cavaleiros deixavam-nas ir e vir sem serem incomodadas, desde que mantivessem a paz da cidade sagrada, não profanassem a Mãe das Montanhas ou o Ventre do Mundo e honrassem as feiticeiras do *dosh khaleen* com os presentes tradicionais de sal, prata e sementes. Os dothraki não compreendiam verdadeiramente este negócio de compras e vendas.

Dany também gostava da estranheza do Mercado Oriental, com todas as invulgares visões, sons e cheiros que aí havia. Passava com frequência aí as suas manhãs, mordiscando ovos de árvore, tarte de gafanhotos e tiras de massa verde, escutando as agudas vozes ululantes dos cantores de feitiços, embasbacando-se perante manticoras em jaulas de prata, imensos elefantes cinzentos e os cavalos listrados pretos e brancos dos Jogos Nhais. Também gostava de observar as pessoas: os escuros e solenes Asshai'i e os altos e claros Qartheen, os homens de olhos brilhantes de Yi Ti com os seus chapéus de cauda de macaco, as donzelas guerreiras de Bayasabhad, Shamyriana e Kayakayanaya com anéis de ferro nos mamilos e rubis nas bochechas, até mesmo os severos e assustadores Homens das Sombras, que cobriam os braços e as pernas com tatuagens e escondiam os rostos atrás de máscaras. Para Dany, o Mercado Oriental era um lugar de maravilha e magia.

Mas o Mercado Ocidental cheirava a casa.

Enquanto Irri e Jhiqui a ajudavam a sair da liteira, inspirou e reconheceu os cheiros vivos do alho e da pimenta, fragrâncias que lembravam a Dany dias há muito passados nas vielas de Tyrosh e Myr e lhe trouxeram um leve sorriso aos lábios. Por baixo daqueles odores, sentiu os pesados perfumes doces de Lys. Viu escravos a transportar molhos da intrincada renda de Myr e boas lãs numa dúzia de cores ricas. Guardas de caravana vagueavam pelas passagens com capacetes de cobre e túnicas até aos joelhos de algodão amarelo acolchoado, com bainhas de espadas vazias a pender de cintos de couro trançado. Atrás de uma barraca, um armeiro exibia placas peitorais de aço trabalhadas com ouro e prata em padrões intrincados, e elmos batidos até tomar as formas de animais extravagantes. A seu lado estava uma jovem bonita a vender ourivesaria de Lannisporto, anéis, broches, colares e medalhões magnificamente trabalhados, bons para fazer cintos. Um enorme eunuco guardava-lhe a barraca, mudo e calvo, vestido com veludos manchados de suor e franzindo o sobrolho a todos os que se aproximassem. Em frente, um gordo comerciante de tecidos de Yi Ti regateava com um pentoshi sobre o preço de um corante verde qualquer, fazendo oscilar de um lado para o outro a cauda de macaco do seu chapéu quando abanava a cabeça.

— Quando era menina, adorava brincar no bazar — disse Dany a Sor Jorah enquanto vagueavam pela passagem coberta entre as barracas. — Era um sítio tão *vivo*, com toda a gente a gritar e a rir, tantas coisas maravilhosas para admirar... embora raramente tivéssemos dinheiro suficiente para comprar alguma coisa... bem, excepto uma salsicha de vez em quando, ou dedos-de-mel... há dedos-de-mel nos Sete Reinos, como os que fazem em Tyrosh?

— São bolos? Não sei dizer, princesa. — O cavaleiro fez uma vénia. — Se me libertardes por algum tempo, irei em busca do capitão para ver se tem letras para nós.

— Muito bem. Ajudar-vos-ei a encontrá-lo.

— Não há necessidade de vos incomodardes. — Sor Jorah afastou o olhar com impaciência. — Desfrutai do mercado. Juntar-me-ei a vós quando concluir os meus assuntos.

Curioso, pensou Dany enquanto o observava a afastar-se a passos largos por entre a multidão. Não compreendia porque não devia ir com ele. Talvez Sor Jorah tencionasse encontrar uma mulher depois de se reunir com o capitão mercador. Sabia que era frequente que prostitutas viajassem com as caravanas, e alguns homens eram estranhamente tímidos acerca das suas uniões. Encolheu os ombros.

— Vinde — disse aos outros.

As aias seguiram-na quando Dany reatou o passeio pelo mercado.

— Oh, olha — exclamou para Doreah — é aquele o tipo de salsicha de que falava. — Apontava para uma barraca onde uma mulherzinha mirrada grelhava carne e cebolas numa pedra quente. — Fazem-nas com montes de alho e malaguetas. — Deliciada com a descoberta, Dany insistiu para que os outros a acompanhassem numa salsicha. As aias devoraram as suas, aos risinhos e sorrisinhos, embora os homens do seu *khas* cheirassem com suspeita a carne grelhada. — Têm um sabor diferente do que eu recordava — disse Dany depois das primeiras dentadas.

— Em Pentos, fazia-as com carne de porco — disse a velha — mas todos os meus porcos morreram no mar dothraki. Estas são feitas com carne de cavalo, *khaleesi*, mas tempero-as da mesma forma.

— Oh. — Dany sentiu-se desapontada, mas Quaro gostou tanto da sua salsicha que decidiu comer outra, e Rakharo teve de o ultrapassar comendo mais três e arrotando sonoramente. Dany riu-se.

— É a primeira vez que ristes desde que o vosso irmão, o *Khal Rhaggat*, foi coroado por Drogo — disse Irri. — É bom de ver, *khaleesi*.

Dany fez um sorriso tímido. Realmente era bom rir. Sentia-se de novo quase uma rapariga.

Vaguearam durante metade da manhã. Dany viu um belo manto de penas das Ilhas do Verão e obteve-o de presente. Em troca, deu ao mercador um medalhão de prata que tirou do cinto. Era assim que as coisas eram feitas entre os dothraki. Um vendedor de aves ensinou um papagaio verde e vermelho a dizer o seu nome, e Dany voltou a rir, mas continuou a recusar ficar com ele. Que faria ela com um papagaio vermelho e verde num *khalasar*? Já ficara com uma dúzia de frascos de óleos aromáticos, os perfumes da sua infância; bastava-lhe fechar os olhos e cheirá-los para voltar a ver a casa grande com a porta vermelha. Quando Doreah se pôs a olhar anelantemente para um amuleto de fertilidade na tenda de um mago, Dany também ficou com ele e deu-o à aia, pensando que agora tinha de encontrar também qualquer coisa para Irri e Jhiqui.

Ao virar uma esquina, depararam com um negociante de vinhos que oferecia taças do tamanho de dedais dos seus produtos a quem passava por ali.

— Tintos doces — gritou em fluente dothraki — tenho tintos doces, de Lys, de Volantis e da Árvore. Brancos de Lys. Aguardente de pêra de Tyrosh, vinhardente, vinho apimentado e os néctares verdes-claros de Myr. Castanhos de baga-fumo e amargos dos Ândalos, tenho todos. — Era um homem pequeno, esguio e bem parecido com um cabelo louro ondulado e perfumado à maneira de Lys. Quando Dany parou à frente da barraca, o homem fez uma profunda vénia. — A *khaleesi* deseja uma prova? Tenho um tinto doce de Dorne, senhora, que canta uma canção de passas, cerejas e rico carvalho escuro. Um casco, uma taça, um gole? Bastará que o proveis, e dareis ao vosso filho o meu nome.

Dany sorriu.

— O meu filho já tem nome, mas vou experimentar o vosso vinho de verão — disse, em valiriano, aquele valiriano que falavam nas Cidades Livres. Sentiu as palavras estranhas na língua, depois de tanto tempo. — Só uma gota, por gentileza.

O mercador devia tê-la tomado por uma dothraki, devido aos seus trajes, ao cabelo oleado e à pele bronzeada. Quando falou, o homem abriu a boca de espanto.

— Senhora, sois... tyroshi? Poderá ser?

— A minha fala pode ser tyroshi, e os meus trajes dothraki, mas sou de Westeros, dos Reinos do Poente — disse-lhe Dany.

Doreah aproximou-se.

— Tens a honra de te dirigires a Daenerys da Casa Targaryen, Daenerys, Filha da Tormenta, *khaleesi* dos homens a cavalo e princesa dos Sete Reinos.

O mercador de vinhos caiu de joelhos.

— Princesa — disse, dobrando a cabeça.

— Erguei-vos — ordenou Dany. — Ainda gostaria de provar esse vinho de verão de que falastes.

O homem pôs-se em pé de um salto.

— Isso? Zurrapa de Dorne. Não é digno de uma princesa. Tenho um tinto seco da Árvore, vivo e agradável. Por favor, deixai-me oferecer-vos um casco.

As visitas de Khal Drogo às Cidades Livres tinham-lhe deixado o gosto por bom vinho, e Dany sabia que uma colheita tão nobre lhe agradaria.

— Honrais-me, sor — murmurou docemente.

— A honra é minha. — O mercador esquadrinhou as traseiras da barraca e regressou com um pequeno casco de carvalho. Via-se um cacho de uvas desenhado a fogo na madeira. — O símbolo dos Redwyne — disse, apontando — da Árvore. Não há bebida mais fina.

— Khal Drogo e eu partilhá-la-emos. Aggo, leva isto para a liteira, por gentileza. — O vendedor de vinhos mostrou-se radiante quando o dothraki ergueu o casco.

Dany só reparou que Sor Jorah tinha regressado quando ouviu o cavaleiro dizer:

— *Não*. — Tinha a voz estranha, brusca. — Aggo pousa esse casco.

Aggo olhou para Dany. Ela anuiu, hesitante.

— Sor Jorah, passa-se alguma coisa?

— Tenho sede. Abre-o, vendedor.

O mercador franziu o sobrolho.

— O vinho é para a *khaleesi*, não para homens da vossa laia, sor.

Sor Jorah aproximou-se da barraca.

— Se não o abrires, parto-o eu na tua cabeça. — Ali, na cidade sagrada, não transportava armas a não ser as mãos... mas as mãos eram o bastante, grandes, duras e perigosas, com os nós dos dedos cobertos de rudes pêlos escuros. O vendedor de vinhos hesitou um momento, e depois pegou no martelo e arrancou o tampão do casco.

— Despeja — ordenou Sor Jorah. Os quatro jovens guerreiros do *khas* de Dany dispuseram-se atrás dele, franzindo o sobrolho, observando com os seus olhos escuros e amendoados.

— Seria um crime beber um vinho tão rico sem o deixar respirar. — O vendedor de vinhos não pousara o martelo.

Jhogo estendeu a mão para o chicote que trazia à cintura, mas Dany parou-o com um ligeiro toque no braço.

— Fazei como diz Sor Jorah — disse. Havia pessoas que paravam para ver o que se passava.

O homem deitou-lhe um relance rápido e carrancudo.

— Às ordens da princesa. — Teve de pôr de lado o martelo para erguer o

casco. Encheu duas taças de prova do tamanho de dedais, despejando tão habilmente o vinho que não derramou uma gota.

Sor Jorah ergueu uma taça e cheirou o vinho, de testa franzida.

— É doce, não é? — disse o vendedor de vinhos, sorrindo. — Conseguis cheirar a fruta, sor? O perfume da Árvore. Provai-o senhor, e digei-me se não é o mais fino, o mais rico vinho que alguma vez tocou a vossa língua.

Sor Jorah ofereceu-lhe a taça.

— Prova-o tu primeiro.

— Eu? — O homem soltou uma gargalhada. — Eu não sou digno deste vinho, senhor. E o mercador de vinhos que bebe a sua própria mercadoria é um pobre mercador. — O seu sorriso era amigável, mas Dany conseguia ver o reflexo do suor na sua testa.

— *Ireis* beber — disse Dany, fria como gelo. — Esvaziai a taça, senão digo-lhes para vos segurarem enquanto Sor Jorah despeja o casco inteiro pela vossa goela abaixo.

O vendedor de vinhos encolheu os ombros, estendeu a mão para a taça... e agarrou em vez disso no casco, atirando-lho com as duas mãos. Sor Jorah atirou-se sobre ela, afastando-a com um empurrão. O casco ressaltou no ombro do cavaleiro e esmagou-se no chão. Dany tropeçou e perdeu o equilíbrio.

— Não — gritou, atirando as mãos para a frente a fim de aparar a queda... e Doreah puxou-lhe pelo braço e puxou-o para trás, de modo que Dany caiu sobre as costas e não sobre a barriga.

O mercador saltou sobre a bancada, passando como um dardo entre Aggo e Rakharo. Quaro estendeu a mão para um *arakh* que não se encontrava lá ao mesmo tempo que o homem louro o afastava com um encontrão. Dany ouviu o estalido do chicote de Jhogo, viu o couro a estender-se e a enrolar-se em volta da perna do vendedor de vinhos. O homem estatelou-se de borco na terra batida.

Uma dúzia de guardas da caravana tinha chegado a correr. Com eles viera o próprio mestre, o Capitão Mercador Byan Votyris, um minúsculo norvoshi cuja pele era como couro velho e que usava um hirsuto bigode azul que lhe chegava às orelhas. Pareceu compreender o que se passara sem que uma palavra fosse dita.

— Levai este daqui para esperar a vontade do *khal* — ordenou, fazendo um gesto para o homem que estava no chão. Dois guardas puseram o vendedor de vinhos em pé. — Também vos presenteio com os seus bens, princesa — continuou o capitão mercador. — É um pequeno sinal de pesar por um dos meus ter feito uma coisa destas.

Doreah e Jhiqui ajudaram Dany a erguer-se. O vinho envenenado jorrava

do casco partido para o chão.

— Como soubestes? — perguntou ela a Sor Jorah, tremendo. — *Como?*

— Não sabia, *khaleesi*, pelo menos até que o homem se recusou a beber, mas assim que li a carta do Magíster Illyrio, tive receio. — Os seus olhos escuros varreram os rostos dos estranhos no mercado. — Vinde. É melhor não falar disto aqui.

Dany estava quase em lágrimas quando a levaram de volta. O sabor que trazia na boca era um sabor que já conhecera: o medo. Vivera anos no terror de Viserys, com medo de acordar o dragão. Isto era ainda pior. Agora não temia apenas por si própria, mas pelo bebé. Ele devia ter-lhe sentido o medo, porque se movia sem descanso no seu interior. Dany afagou suavemente o inchaço da barriga, desejando poder alcançá-lo, tocá-lo, acalmá-lo.

— És do sangue do dragão, pequeno — segredou enquanto a liteira balouçava pelo caminho fora, de cortinas bem corridas. — És do sangue do dragão, e o dragão não sente medo.

Sob o outeiro oco de terra que era a sua casa em Vaes Dothrak, Dany ordenou-lhes que a deixassem... todos menos Sor Jorah.

— Dizei-me — ordenou enquanto se deixava cair sobre as almofadas. — Foi o Usurpador?

— Sim. — O cavaleiro puxou de um pergaminho dobrado. — Uma carta para Viserys, do Magíster Illyrio. Robert Baratheon oferece terras e títulos pela vossa morte ou pela do vosso irmão.

— Do meu irmão? — O soluço foi meia gargalhada. — Ele ainda não sabe, pois não? O Usurpador deve a Drogo um título. — Daquela vez, a gargalhada foi meio soluço. Apertou os braços em volta do corpo, num gesto protector. — E pela minha, dissestes. Só a minha?

— A vossa e a da criança — disse Sor Jorah, sombrio.

— Não. Ele não pode ter o meu filho. — Não choraria, decidiu. Não tremeria com medo. *O Usurpador agora acordou o dragão*, disse a si própria... e os olhos desviaram-se para os ovos de dragão que descansavam no seu ninho de veludo escuro. A oscilante luz da candeia iluminava as suas escamas de pedra, e grãos de pó que tremeluziam em jade, escarlate e ouro dançavam no ar à sua volta, como cortesãos em torno de um rei.

Teria sido a loucura que a tomou naquele momento, nascida do medo? Ou alguma estranha sabedoria enterrada no seu sangue? Dany não saberia dizer. Ouviu a sua própria voz a dizer:

— Sor Jorah, acendei o braseiro.

— *Khaleesi?* — O cavaleiro olhou-a de um modo estranho. — Está tanto calor. Tendes a certeza?

Nunca tivera tanta certeza de nada.

— Sim, eu... eu estou arrepiada. Acendei o braseiro.

Ele fez uma vénia.

— Às vossas ordens.

Quando os carvões se incendiaram, Dany mandou Sor Jorah embora. Tinha de estar só para fazer o que tinha de fazer. *Isto é uma loucura*, disse a si própria enquanto tirava do veludo o ovo negro e escarlate. *Só vai partir-se e arder, e é tão belo, Sor Jorah chamar-me-á tonta se o estragar*, mas no entanto, no entanto...

Embalando o ovo com ambas as mãos, levou-o para o fogo e empurrou-o para o interior dos carvões a arder. As escamas negras pareceram brilhar quando beberam o calor. Chamas lambeiram a pedra com pequenas línguas vermelhas. Dany depositou os outros dois ovos ao lado do negro, no fogo. Quando deu um passo para longe do braseiro, a respiração tremeu-lhe na garganta.

Observou até que os carvões se transformaram em cinzas. Fagulhas derivavam para cima e saíam pelo orifício para saída do fumo. Ondas de calor estremeciam em torno dos ovos de dragão. E era tudo.

O vosso irmão Rhaegar foi o último dragão, dissera Sor Jorah. Dany fitou tristemente os ovos. Que esperara? Um milhar de milhares de anos antes tinham estado vivos, mas agora eram apenas rochas bonitas. Não podiam fazer um dragão. Um dragão era ar e fogo. Carne viva, não pedra morta.

Quando Khal Drogo regressou, o braseiro estava de novo frio. Cohollo levava um cavalo de carga à sua frente com a carcaça de um grande leão branco presa ao dorso. No céu, as estrelas começavam a surgir. O *khal* soltou uma gargalhada ao saltar do cavalo e mostrou-lhe as cicatrizes na perna onde o *hrakkar* o arranhara através dos calções.

— Far-te-ei um manto da sua pele, lua da minha vida — jurou.

Quando Dany lhe contou o que acontecera no mercado, todos os risos pararam, e Khal Drogo ficou muito silencioso.

— Este envenenador foi o primeiro — preveniu-o Sor Jorah Mormont — mas não será o último. Os homens arriscarão muito por um título.

Drogo ficou em silêncio durante algum tempo. Por fim, disse:

— Este vendedor de venenos fugiu da lua da minha vida. Melhor seria que corresse atrás dela. E é o que vai fazer. Jhogo, Jorah, o Ândalo, a ambos eu digo, escolhei qualquer cavalo que desejais das minhas manadas, e ele é vosso. Qualquer cavalo, excepto o meu vermelho e a prata que foi presente de casamento à lua da minha vida. Dou-vos este presente pelo que haveis feito.

“E a Rhaego, filho de Drogo, o garanhão que montará o mundo, também a ele prometo um presente. A ele darei essa cadeira de ferro onde se sentou o pai da sua mãe. Dar-lhe-ei Sete Reinos. Eu, Drogo, *khal*, farei isto. — A sua

voz ergueu-se e ele levantou o punho para o céu. — Levarei o meu *khalasar* para oeste, até onde o mundo termina, e montarei os cavalos de madeira através da negra água salgada como nenhum *khal* fez antes. Matarei os homens dos fatos de ferro e derrubarei as suas casas de pedra. Violarei as suas mulheres, tomarei os seus filhos como escravos, e trarei os seus deuses quebrados para Vaes Dothrak, para que se verguem sob a Mãe das Montanhas. É isto que prometo, eu, Drogo, filho de Bharbo. É isto que juro perante a Mãe das Montanhas, com as estrelas por testemunhas.”

O *khalasar* partiu de Vaes Dothrak dois dias mais tarde, dirigindo-se para sul e para oeste pelas planícies. Khal Drogo liderou-os no seu grande garanhão vermelho, com Daenerys a seu lado na sua prata. O vendedor de vinhos corria atrás deles, nu, a pé, acorrentado pela garganta e pelos pulsos. As correntes estavam presas à sela da prata de Dany. Enquanto ela cavalgava, ele corria a seu lado, de pés nus e aos tropeções. Nenhum mal lhe aconteceria... enquanto conseguisse acompanhá-la.

Estava longe de mais para distinguir claramente as bandeiras, mas mesmo através do nevoeiro, podia ver que eram brancas com uma mancha escura no centro que só podia ser o lobo gigante dos Stark, cinzento sobre o seu fundo de gelo. Quando viu aquilo com os seus próprios olhos, Catelyn puxou as rédeas ao cavalo e inclinou a cabeça num agradecimento. Os deuses eram bons. Não chegara tarde de mais.

— Esperam a nossa vinda, senhora — disse Sor Wylis Manderly —, como o senhor meu pai jurou que fariam.

— Não os deixemos à espera mais tempo, sor. — Sor Brynden Tully esporeou o cavalo e dirigiu-se a trote vivo para as bandeiras. Catelyn acompanhou-o.

Sor Wylis e o irmão, Sor Wendel, seguiram-nos, à frente dos seus soldados, quase mil e quinhentos homens: pouco mais de vinte cavaleiros e outros tantos escudeiros, duzentos cavaleiros livres e lanceiros e espadachins a cavalo e o resto dos homens a pé, armados com lanças, piques e tridentes. O Lorde Wyman tinha ficado para trás, a fim de organizar as defesas de Porto Branco. Com quase sessenta anos, tornara-se demasiado corpulento para montar um cavalo.

— Se julgasse que voltaria a ver a guerra na minha vida, teria comido um pouco menos de enguias — dissera a Catelyn quando recebera o seu navio, batendo na enorme barriga com as duas mãos. Tinha os dedos gordos como salsichas. — Mas os meus rapazes levar-vos-ão a salvo até ao vosso filho, nada temeis.

Os “rapazes” dele eram ambos mais velhos que Catelyn, e ela teria preferido que não saíssem tanto ao pai. Sor Wylis estava apenas a algumas enguias de não ser capaz de montar o seu cavalo; Catelyn sentia pena do pobre animal. Sor Wendel, o filho mais novo, teria sido o homem mais gordo que vira na vida, se não tivesse deparado com o pai e o irmão. Wylis era silencioso e formal, Wendel ruidoso e rude; ambos ostentavam bigodes de morsa e cabeças tão lisas como o traseiro de um bebé; nenhum parecia possuir uma única peça de roupa que não estivesse manchada com nódoas de comida. Mas gostava bastante deles; tinham-na trazido até Robb, como o pai prometera, e nada mais importava.

Ficou satisfeita por constatar que o filho enviara espiões, até mesmo para leste. Os Lannister, quando viessem, viriam pelo sul, mas era bom que Robb estivesse a ser cauteloso. *O meu filho está a levar uma hoste para a guerra,*

pensou, ainda sem acreditar bem. Temia desesperadamente por ele, e por Winterfell, mas não podia negar que sentia também um certo orgulho. Um ano antes, ele fora um rapaz. Que seria agora? perguntava a si mesma.

Batedores detectaram os estandartes dos Manderly — o tritão branco de tridente na mão, erguendo-se do mar azul esverdeado — e saudaram-nos calorosamente. Foram levados para um ponto elevado e suficientemente seco para um acampamento. Sor Wylis fez alto aí e ficou para trás com os homens, a fim de supervisionar o acender das fogueiras e os cuidados aos cavalos, ao passo que o irmão Wendel prosseguiu com Catelyn e o tio para apresentar os cumprimentos do pai ao seu suserano.

O terreno sob os cascos dos cavalos era mole e húmido. Cedia devagar enquanto iam passando por fumarentos fogos de turfa, filas de cavalos e carroças carregadas de biscoitos e carne de vaca salgada. Num afloramento rochoso mais alto do que o terreno circundante, passaram por um pavilhão senhorial com paredes de lona pesada. Catelyn reconheceu o estandarte, o alce macho dos Hornwood, castanho no seu campo laranja-escuro.

Logo depois, por entre a névoa, vislumbrou as muralhas e torres de Fosso Cailin... ou o que restava delas. Imensos blocos de basalto negro, cada um deles tão grande como uma cabana de caseiro, jaziam espalhados e tombados como os blocos de madeira de uma criança, meio enfiados no mole solo pantanoso. Nada mais restava de uma muralha exterior que em tempos se erguera tão alta como a de Winterfell. A fortaleza de madeira tinha desaparecido por completo, apodrecida há mil anos, sem sequer deixar uma viga para marcar o local onde estivera. Tudo o que restava do grande castro dos Primeiros Homens eram três torres... três que em tempos tinham sido vinte, caso seja possível crer nos contadores de histórias.

A Torre do Portão parecia em bastante bom estado, e até se podia jactar de alguns metros de muralha de ambos os lados. A Torre do Bêbado, no pântano, onde em tempos se tinham encontrado as muralhas sul e oeste, inclinava-se como um homem prestes a vomitar um estômago cheio de vinho para a sarjeta. E a alta e esguia Torre dos Filhos, onde segundo a lenda os filhos da floresta tinham um dia convocado os seus deuses sem nome para enviar o martelo das águas, tinha perdido metade da sua coroa. Era como se algum grande animal tivesse dado uma dentada nas ameias ao longo do topo da torre e cuspid o cascalho para o pântano. As três torres estavam verdes de musgo. Uma árvore crescia entre as pedras do lado norte da Torre do Portão, com ramos retorcidos engrinaldados com mantos encordoados e brancos de pele de fantasma.

— Que os deuses tenham piedade — exclamou Sor Brynden quando viu o que se estendia à sua frente. — *Isto é Fosso Cailin? Não passa de...*

— ...uma armadilha mortal — terminou Catelyn. — Eu sei o que parece, tio. Pensei o mesmo da primeira vez que o vi, mas Ned assegurou-me que esta *ruína* é mais poderosa do que parece. As três torres sobreviventes dominam o talude de todos os lados, e qualquer inimigo tem de passar entre elas. Os pântanos, aqui, são impenetráveis, cheios de areias movediças e poços e repletos de serpentes. Para assaltar qualquer uma das torres, um exército teria de avançar através de esterco negro que chega ao peito dos homens, atravessar um fosso cheio de lagartos-leões e escalar muralhas escorregadias com musgo, e tudo isso enquanto fica exposto ao fogo dos arqueiros nas outras torres. — Fez um sorriso sombrio para o tio. — E quando a noite cai, diz-se que há fantasmas, espíritos frios e vingativos do Norte que têm fome de sangue sulista.

Sor Brynden soltou um risinho.

— Lembra-me para não ficar muito tempo por aqui. Da última vez que verifiquei, eu próprio era sulista.

Tinham sido desfraldados estandartes nas três torres. O resplendor dos Karstark esvoaçava da Torre do Bêbado, sob o lobo gigante; na Torre das Crianças, era o gigante com as correntes quebradas do Grande-Jon. Mas na Torre do Portão, a bandeira dos Stark voava sozinha. Fora aí que Robb estabelecera a sua base. Catelyn dirigiu-se para lá, com Sor Brynden e Sor Wendel atrás, levando os cavalos a passo lento pela estrada de tábuas e troncos que tinha sido disposta sobre o verde e negro dos campos de lama.

Encontrou o filho rodeado pelos senhores vassalos do pai, num salão cheio de correntes de ar, com um fogo de turfa a fumegar numa lareira negra. Estava sentado a uma maciça mesa de pedra, com uma pilha de papéis e mapas à sua frente, conversando seriamente com Roose Bolton e o Grande-Jon. A princípio não reparou nela... mas o lobo sim. O grande animal cinzento estava deitado perto do fogo, mas quando Catelyn entrou, ergueu a cabeça, e os seus olhos dourados encontraram os dela. Os senhores calaram-se, um por um, e Robb ergueu os olhos perante o súbito silêncio e viu-a.

— *Mãe?* — disse, com a voz pesada de emoção.

Catelyn quis correr para ele, beijar a sua querida testa, envolvê-lo nos braços e apertá-lo com força para que nunca lhe acontecesse nenhum mal... mas ali, em frente dos seus senhores, não se atrevia. Ele agora desempenhava um papel de homem, e ela não lho queria tirar. Por isso, conteve-se, na ponta mais distante da laje de basalto que estavam a usar como mesa. O lobo selvagem pôs-se em pé e caminhou pela sala até ela. Parecia maior do que um lobo devia ser.

— Deixaste crescer a barba — disse ela para Robb, enquanto Vento Cinzento lhe farejava a mão.

Ele esfregou o queixo, de súbito atrapalhado.

— Sim. — Os pêlos no seu queixo eram mais vermelhos do que os que tinha na cabeça.

— Gosto. — Catelyn afagou suavemente a cabeça do lobo. — Torna-te parecido com o meu irmão Edmure. — Vento Cinzento mordiscou-lhe os dedos, de um jeito brincalhão, e regressou a trote para o seu lugar perto do fogo.

Sor HALEMAN TALLHART foi o primeiro a seguir o lobo gigante, atravessando a sala para a saudar, ajoelhando à sua frente e encostando a testa à sua mão.

— Senhora Catelyn — disse —, estais bela como sempre, uma visão bem-vinda em tempos conturbados. — Seguiram-se os Glover, Galbart e Robett, e o Grande-Jon UMBER, e os outros, um por um. Theon Greyjoy foi o último.

— Não esperava ver-vos aqui, senhora — disse enquanto ajoelhava.

— Não pensei em vir até aqui — disse Catelyn — até que desembarquei em Porto Branco e o Lorde Wyman me disse que Robb convocara os vassalos. Conheceis o seu filho, Sor Wendel. — Wendel Manderly avançou e fez uma vénia tão profunda quanto lho permitia a barriga. — E o meu tio, Sor Brynden Tully, que trocou o serviço da minha irmã pelo meu.

— O Peixe Negro — disse Robb. — Obrigado por vos juntardes a nós, sor. Precisamos de homens com a vossa coragem. E vós também, Sor Wendel, estou contente por vos ter aqui. Sor Rodrik também está convosco, mãe? Senti a sua falta.

— Sor Rodrik saiu de Porto Branco para norte. Nomeei-o castelão e ordenei-lhe que defendesse Winterfell até ao nosso regresso. O Mestre Luwin é um sábio conselheiro, mas não tem experiência nas artes da guerra.

— Nada temeis a esse respeito, Senhora Stark — disse-lhe o Grande-Jon, no seu rugido de baixo. — Winterfell está seguro. Vamos enfiar as nossas espadas em breve pelo furo de Tywin Lannister acima, com a vossa licença, e depois, a caminho da Fortaleza Vermelha para libertar o Ned.

— Senhora, uma pergunta, se vos aprouver. — Roose Bolton, senhor do Forte do Pavor, tinha voz fraca, mas quando falava, os homens maiores silenciavam-se para ouvir. Os seus olhos eram curiosamente claros, quase desprovidos de cor, e o seu olhar era perturbador. — Diz-se que tendes o filho anão de Lorde Tywin cativo. Trouxeste-lo até nós? Juro, faríamos bom uso de um tal refém.

— É verdade que capturei Tyrion Lannister, mas já não o tenho em meu poder — foi Catelyn forçada a admitir. Um coro de consternação recebeu a notícia. — Não fiquei mais satisfeita do que vós, senhores. Os deuses acharam por bem libertá-lo, com alguma ajuda da tonta da minha irmã. — Não devia

expressar tão abertamente o seu desprezo, bem o sabia, mas a partida do Ninho de Águia não fora agradável. Oferecera-se para levar consigo o Lorde Robert, a fim de o criar em Winterfell durante alguns anos. Atrevera-se a sugerir que a companhia de outros rapazes lhe faria bem. A ira de Lysa fora uma visão assustadora. “Irmã ou não”, replicara, “se tentares roubar-me o filho, sairás pela Porta da Lua.” Depois daquilo, nada houvera a dizer.

Os senhores estavam ansiosos por lhe colocar mais questões, mas Catelyn ergueu uma mão.

— Sem dúvida que teremos tempo para tudo isto mais tarde, mas a viagem fatigou-me. Gostaria de falar a sós com o meu filho. Sei que me perdoareis, senhores. — Não lhes deixou escolha; liderados pelo sempre prestável Lorde Hornwood, os vassalos fizeram as suas vénias e retiraram-se. — Tu também, Theon — acrescentou quando Greyjoy se deixou ficar. Ele sorriu e deixou-os.

Havia cerveja e queijo sobre a mesa. Catelyn encheu um corno, sentou-se, bebeu um gole e estudou o filho. Parecia mais alto do que quando ela partira, e os farrapos de barba faziam-no parecer mais velho.

— O Edmure tinha dezasseis anos quando deixou crescer as suas primeiras suíças.

— Farei dezasseis em breve — disse Robb.

— E agora tens quinze. Quinze e levas uma hoste para a batalha. Compreendes que motivo eu possa ter para temer, Robb?

O olhar dele ficou obstinado.

— Não havia mais ninguém.

— Ninguém? — disse ela. — Diz-me quem eram aqueles homens que vi aqui há um momento? Roose Bolton, Rickard Karstark, Galbart e Robett Glover, o Grande-Jon, Helman Tallhart... podias ter dado o comando a *qualquer* deles. Os deuses sejam bondosos, até podias ter enviado o Theon, embora ele não tivesse sido a minha escolha.

— Eles não são Stark — disse ele.

— São *homens*, Robb, experientes em batalha. Tu lutavas com espadas de madeira há menos de um ano.

Viu a ira nos olhos dele ao ouvir aquilo, mas desapareceu tão depressa como surgiu, e de súbito o filho tornou-se de novo num rapaz.

— Eu sei — disse ele, desconcertado. — Estais... estais a mandar-me de volta para Winterfell?

Catelyn suspirou.

— Era o que devia fazer. Nunca devias ter partido. Mas não me atrevo, agora já não. Chegaste longe de mais. Um dia, aqueles senhores olhar-te-ão como seu suserano. Se te mandar embora agora, como uma criança que é

mandada para a cama sem jantar, eles recordar-se-ão, e rirão a esse respeito para dentro das suas taças. Chegará o dia em que necessitarás que te respeitem, e até que te temam um pouco. O riso é veneno para o medo. Não te farei tal coisa, por mais que possa desejar manter-te a salvo.

— Tendes os meus agradecimentos, mãe — disse ele, com o alívio a transparecer, evidente, sob a formalidade.

Ela estendeu o braço por cima da mesa e tocou-lhe o cabelo.

— És o meu primogénito, Robb. Basta-me olhar para ti para me lembrar do dia em que chegaste ao mundo, de cara vermelha e a berrar.

Ele ergueu-se, claramente desconfortável com o toque dela, e caminhou até à lareira. Vento Cinzento esfregou a cabeça contra a sua perna.

— Sabeis... do pai?

— Sim. — Os relatos sobre a morte súbita de Robert e a queda de Ned tinham assustado Catelyn mais do que era capaz de exprimir, mas não deixaria que o filho visse o seu medo. — O Lorde Manderly contou-me quando desembarquei em Porto Branco. Tiveste alguma notícia das tuas irmãs?

— Houve uma carta — disse Robb, coçando o lobo gigante por baixo do focinho. — E uma também para vós, mas veio para Winterfell com a minha. — Dirigiu-se à mesa, vasculhou entre alguns mapas e papéis e regressou com um pergaminho amarrotado. — Esta é a que escreveu para mim, não pensei em trazer a vossa.

Houve algo no tom de Robb que a perturbou. Alisou o papel e leu. A preocupação deu lugar à descrença, depois à ira e por fim ao medo.

— Isto é uma carta de Cersei, não da tua irmã — disse ao terminar. — A verdadeira mensagem está naquilo que Sansa não diz. Tudo isto acerca de como os Lannister a estão a tratar delicada e gentilmente... conheço o som de uma ameaça, mesmo sussurrada. Têm Sansa refém, e tencionam mantê-la.

— Não há menção a Arya — fez notar Robb, em tom infeliz.

— Não. — Catelyn não queria pensar no que isso poderia querer dizer, não naquele momento, não ali.

— Tive esperança... se ainda tivésseis o Duende, uma troca de reféns... — Pegou na carta de Sansa e amarrotou-a no punho, e Catelyn percebeu pelo modo como o fez que não era a primeira vez. — Há notícias do Ninho de Águia? Escrevi à tia Lysa, pedindo ajuda. Sabeis se ela convocou os vassalos de Lorde Arryn? Os cavaleiros do Vale virão juntar-se a nós?

— Só um — disse ela —, o melhor deles, o meu tio... mas Brynden Peixe Negro era em primeiro lugar um Tully. A minha irmã não tenciona mexer um dedo fora do Portão Sangrento.

Robb recebeu aquilo duramente.

— Mãe, o que vamos nós *fazer*? Reuni todo este exército, dezoito mil homens, mas não vou... não estou certo... — Olhou-a, com os olhos a brilhar, o orgulhoso jovem senhor evaporado num instante, e igualmente depressa transformou-se de novo numa criança, um rapaz de quinze anos a procurar respostas junto da mãe.

Não podia ser.

— De que tens tu tanto medo, Robb? — perguntou Catelyn, gentilmente.

— Eu... — Ele virou a cabeça, para esconder a primeira lágrima. — Se marcharmos... mesmo se ganharmos... os Lannister têm Sansa e o pai. Vão matá-los, não vão?

— Querem que pensemos que sim.

— Quereis dizer que estão a mentir?

— Não sei, Robb. O que sei é que não tens escolha. Se fores até Porto Real e jures fidelidade, nunca serás autorizado a partir. Se meteres o rabo entre as pernas e retirares para Winterfell, os seus senhores perderão todo o respeito por ti. Alguns até se poderão passar para o lado dos Lannister. Então, a rainha, com muito menos a perder, pode fazer dos prisioneiros o que quiser. A nossa melhor esperança, a nossa *única* verdadeira esperança, é que consigas derrotar o inimigo no campo de batalha. Se acontecer que captures o Lorde Tywin ou o Regicida, então uma troca poderá perfeitamente ser possível, mas esse não é o âmagô da questão. Enquanto tiveres suficiente poder para que te temam, Ned e a tua irmã deverão estar seguros. Cersei é suficientemente sensata para saber que pode precisar deles para fazer a paz, caso a luta lhe seja desfavorável.

— E se a luta *não* lhe for desfavorável? — perguntou Robb. — E se nos for desfavorável a nós?

Catelyn tomou-lhe a mão nas suas.

— Robb, não vou suavizar a verdade por ti. Se perderes, não há esperança para nenhum de nós. Dizem que não há nada a não ser pedra no coração do Rochedo Casterly. Lembra-te do destino dos filhos de Rhaegar.

Então, viu o medo nos jovens olhos dele, mas havia neles também uma força.

— Nesse caso, não perderei — prometeu.

— Conta-me o que sabes da luta nas terras do rio — disse ela. Tinha de perceber se ele estava realmente pronto.

— Há menos de uma quinzena, travou-se uma batalha nos montes sob o Dente Dourado — disse Robb. — O tio Edmure enviara o Lorde Vance e o Lorde Piper para defender o passo, mas o Regicida caiu sobre eles e pô-los em fuga. Lorde Vance foi morto. A última notícia que recebemos dizia que o Lorde Piper recuava para se juntar ao vosso irmão e aos seus outros vassallos

em Correrrio, com Jaime Lannister na sua peugada. Mas isso não é o pior. Enquanto lutavam no passo, Lorde Tywin trazia um segundo exército Lannister pelo sul. Diz-se que ainda é maior que a hoste de Jaime.

“O pai deve ter sabido disso, porque enviou alguns homens para se lhes opor, sob a bandeira do próprio rei. Deu o comando a um fidalgo qualquer do sul, um Lorde Erik, ou Derik, ou algo assim, mas Sor Raymun Darry ia com ele e a carta dizia que havia também outros cavaleiros, e uma força de guardas do pai. Mas era uma armadilha. Assim que o Lorde Derik atravessou o Ramo Vermelho, os Lannister caíram sobre ele, com bandeira do rei ou sem ela, e Gregor Clegane apanhou-os pela retaguarda quando tentaram retirar pelo Vau do Saltimbanco. Este Lorde Derik e alguns outros podem ter escapado, ninguém tem a certeza, mas Sor Raymun foi morto, tal como a maior parte dos nossos homens de Winterfell. Diz-se que o Lorde Tywin bloqueou a Estrada do Rei, e agora marcha para norte na direcção de Harrenhal, queimando tudo à sua passagem.

Sinistro e ameaçador, pensou Catelyn. Era pior do que imaginara.

— Tencionas esperar por ele aqui? — perguntou.

— Se ele vier até tão longe sim, mas ninguém pensa que virá — disse Robb. — Enviei uma mensagem para Howland Reed, o velho amigo do pai da Atalaia da Água Cinzenta. Se os Lannister subirem o Gargalo, os cranogmanos sangrá-los-ão ao longo de todo o caminho, mas Galbart Glover diz que o Lorde Tywin é demasiado inteligente para isso, e Roose Bolton concorda. Acreditam que vai permanecer perto do Tridente, tomando os castelos dos senhores do rio um por um, até Correrrio ficar sozinho. Precisamos de marchar para sul ao seu encontro.

A simples ideia gelou Catelyn até ao osso. Que hipóteses teria um rapaz de quinze anos contra comandantes de batalha experientes como Jaime e Tywin Lannister?

— Será isso sensato? Aqui tens uma posição forte. Diz-se que os velhos Reis do Norte podiam instalar-se em Fosso Cailin e repelir hostes dez vezes maiores do que a sua.

— Sim, mas os nossos alimentos e abastecimentos estão a reduzir-se, e esta não é terra de que possamos viver facilmente. Temos estado à espera de Lorde Manderly, mas agora que os seus filhos se nos juntaram, temos de marchar.

Catelyn compreendeu que estava a ouvir os senhores vassalos a falar pela voz do filho. Ao longo dos anos, recebera muitos deles em Winterfell, e ela e Ned tinham sido acolhidos às suas mesas e junto dos seus fogos. Sabia que tipo de homens eram, cada um deles. Gostaria de saber se Robb também o sabia.

E no entanto, havia sentido no que diziam. Esta hoste que o filho reunira não era um exército regular como os que as Cidades Livres estavam habituadas a manter, nem uma força de guardas pagos a dinheiro. A maioria era gente simples: pequenos caseiros, trabalhadores rurais, pescadores, pastores de ovelhas, filhos de estalajadeiros, comerciantes e curtidores, complementados por um punhado de mercenários e cavaleiros livres ansiosos pelo saque. Quando os seus senhores chamavam, eles vinham... mas não para sempre.

— Marchar está muito bem — disse ao filho — mas para *onde*, e com que propósito? Que tencionas fazer?

Robb hesitou.

— O Grande-Jon acha que devíamos levar a batalha até ao Lorde Tywin e surpreendê-lo — disse — mas os Glover e os Karstark pensam que seríamos mais sensatos em rodear o seu exército e juntar forças com Sor Edmure contra o Regicida. — Passou os dedos pela hirsuta cabeleira ruiva, com um ar infeliz. — Embora quando finalmente atingirmos Correrrio... não tenho a certeza.

— *Arranja-a* — disse Catelyn ao filho — ou então volta para casa e pega de novo na espada de madeira. Não te podes dar ao luxo de parecer indeciso perante homens como Roose Bolton e Rickard Karstark. Não te iludas, Robb... esses homens são teus vassalos, não teus amigos. Chamaste a ti próprio comandante de batalha. *Comanda*.

O filho olhou para ela, sobressaltado, como se não conseguisse dar crédito ao que estava a ouvir.

— Será como dizeis, mãe.

— Pergunto de novo. O que é que *tu* tencionas fazer?

Robb abriu um mapa sobre a mesa, um esfarrapado bocado de couro antigo, coberto com linhas de tinta desbotada. Uma das pontas teimava em enrolar-se; segurou-a pondo-lhe o punhal em cima.

— Ambos os planos têm virtudes, mas... olhai, se tentarmos rodear a hoste de Lorde Tywin, corremos o risco de ficar presos entre ele e o Regicida, e se o atacarmos... segundo todos os relatos, ele tem mais homens do que eu, e muito mais cavalaria armada. O Grande-Jon diz que isso não importa se o apanharmos de bregas na mão, mas parece-me que um homem que travou tantas batalhas como Tywin Lannister não será apanhado de surpresa com toda essa facilidade.

— Muito bem — disse ela. Enquanto ele ali estava, debruçado sobre o mapa, conseguia ouvir-lhe na voz ecos de Ned. — Diz-me mais.

— Eu deixaria aqui uma pequena força a defender Fosso Cailin, principalmente arqueiros, e marcharia com o resto pelo talude — disse ele —

mas assim que estivéssemos abaixo do Gargalo, dividiria a nossa hoste em duas. A infantaria pode prosseguir pela Estrada do Rei, ao passo que os nossos cavaleiros atravessam o Ramo Verde nas Gémeas. — Apontou. — Quando o Lorde Tywin receber a notícia de que seguimos para sul, marchará para norte a fim de dar batalha à nossa hoste principal, deixando os nossos cavaleiros livres para avançar rapidamente pela margem ocidental até Correrrio. — Robb recostou-se, sem se atrever propriamente a sorrir, mas satisfeito consigo próprio e ansioso pelo elogio da mãe.

Catelyn franziu o sobrolho para o mapa.

— Colocarias um rio entre as duas partes do teu exército.

— *E entre Jaime e Lorde Tywin* — disse ele ardentemente. O sorriso enfim chegou. — Não há travessias do Ramo Verde a norte do vau rubi, onde Robert conquistou a sua coroa. Só nas Gémeas, cá bem em cima, e o Lorde Frey controla essa ponte. Ele é vassalo do vosso pai, não é verdade?

O Atrasado Lorde Frey, pensou Catelyn.

— É — admitiu — mas o meu pai nunca confiou nele. E tu também não devias fazê-lo.

— Não confiarei — prometeu Robb. — Que achais?

Contra vontade, estava impressionada. *Ele tem o aspecto de um Tully*, pensou, *mas não deixa de ser filho de seu pai, e Ned ensinou-o bem.*

— Que força comandarias?

— A cavalaria — respondeu de imediato. De novo como o pai; Ned guardaria sempre a tarefa mais perigosa para si.

— E a outra?

— O Grande-Jon está constantemente a dizer que devíamos esmagar o Lorde Tywin. Pensei atribuir-lhe a honra.

Era o seu primeiro tropeção, mas como fazê-lo ver isso sem ferir a confiança do primeiro voo?

— O teu pai uma vez disse-me que o Grande-Jon era o homem mais destemido que já conhecera.

Robb fez um sorriso.

— O Vento Cinzento comeu dois dos seus dedos, e ele *riu-se*. Então concordais?

— O teu pai não é destemido — fez notar Catelyn. — É bravo, mas isso é bem diferente.

O filho pesou aquilo por um momento.

— A hoste oriental será tudo o que está entre Lorde Tywin e Winterfell — disse ele, pensativo. — Bem, eles e o punhado de arqueiros que deixarmos

aqui no Fosso. Portanto não quero alguém destemido, pois não?

— Não. Queres astúcia fria, julgo eu, e não coragem.

— Roose Bolton — disse Robb de imediato. — Aquele homem assustame.

— Então oremos para que também assuste Tywin Lannister.

Robb assentiu e enrolou o mapa.

— Vou dar as ordens, e reunir uma escolta para vos levar para Winterfell.

Catelyn lutara por manter-se forte, a bem de Ned e deste teimoso e corajoso filho de ambos. Pusera de lado o desespero e o medo, como se fossem vestimentas que escolhera não vestir... mas agora descobriu que afinal de contas as usava.

— Não vou para Winterfell — ouviu-se a dizer, surpreendida com a súbita torrente de lágrimas que lhe toldou a visão. — O meu pai pode estar a morrer atrás das muralhas de Correrrio. O meu irmão está rodeado de inimigos. Tenho de ir ter com eles.

Chella, filha de Cheyk, dos Orelhas Negras, tinha-se adiantado para bater o terreno, e foi ela quem trouxe a notícia sobre o exército na encruzilhada.

— Pelas fogueiras, digo que são vinte mil homens — disse ela. — Os estandartes são vermelhos, com um leão dourado.

— O teu pai? — perguntou Bronn.

— Ou o meu irmão Jaime — disse Tyrion. — Saberemos em breve. — Examinou o seu andrajoso bando de salteadores: quase trezentos Corvos de Pedra, Irmãos da Lua, Orelhas Negras e Homens Queimados, e estes eram apenas a semente do exército que esperava cultivar. Gunthor, filho de Gurn, andava ainda a recrutar os outros clãs. Perguntou a si próprio o que o senhor seu pai acharia deles, com as suas peles e bocados de aço roubado. Em boa verdade, ele próprio não sabia o que achar deles. Seria seu comandante ou seu prisioneiro? Durante a maior parte do tempo, parecia ser um pouco de ambos. — Pode ser melhor que eu desça sozinho — sugeriu.

— Melhor para Tyrion, filho de Tywin — disse Ulf, que falava pelos Irmãos da Lua.

Shagga carregou o sobrolho, o que era uma visão assustadora.

— Shagga, filho de Dolf, não gosta disto. Shagga irá com o homem-
rapaz, e se o homem-
rapaz mente, Shagga cortar-lhe-á o membro viril...

— ... e dá-lo-á a comer às cabras, pois — disse Tyrion num tom fatigado. — Sagga, eu regressarei, dou-te a minha palavra como Lannister.

— E porque deveríamos confiar na tua palavra? — Chella era uma mulher pequena e dura, lisa como um rapaz, e não era tola nenhuma. — Os senhores das Terras Baixas já mentiram antes aos clãs.

— Magoas-me Chella — disse Tyrion. — E eu que pensava que nos tínhamos tornado tão bons amigos. Mas como queiras. Virás comigo, e também Shagga e Cronn pelos Corvos de Pedra, Ulf pelos Irmãos da Lua e Timett, filho de Timett, pelos Homens Queimados. — Os homens dos clãs trocaram olhares cautelosos à medida que os ia nomeando. — Vós outros ficareis aqui até que vos mande chamar. *Tentai* não vos matar ou mutilar uns aos outros enquanto eu estiver fora.

Esporeou o cavalo e afastou-se a trote, não lhes deixando escolha que não fosse segui-lo ou ficar para trás. Uma ou outra, para ele estava bem, bastava que não se sentassem para *conversar* durante um dia e uma noite. Era esse o problema dos clãs; tinham a ideia absurda de que a voz de todos os homens

devia ser ouvida em conselho, e por isso discutiam sem fim sobre *tudo*. Até as mulheres eram autorizadas a falar. Pouco admirava que se tivessem passado centenas de anos desde a última vez que tinham ameaçado o Vale com algo mais do que uma incursão ocasional. Tyrion tencionava mudar isso.

Bronn acompanhou-os. Atrás deles — depois de uma rápida sessão de resmungos — os cinco homens dos clãs seguiram-nos nos seus pequenos garranos, umas coisas escanzeladas que pareciam póneis e trepavam vertentes pedregosas como cabras.

Os Corvos de Pedra iam juntos, e Chella e Ulf também se mantinham perto um do outro, uma vez que os Irmãos da Lua e os Orelhas Negras tinham laços fortes entre eles. Timett, filho de Timett, ia só. Todos os clãs das Montanhas da Lua temiam os Homens Queimados, que flagelavam a carne com fogo para provar a sua coragem e (segundo os outros) assavam bebês nos seus banquetes. E mesmo os outros Homens Queimados temiam Timett, que arrancara o seu próprio olho esquerdo com uma faca incandescente quando chegara à idade adulta. Tyrion deduzira que era mais habitual que um rapaz arrancasse a fogo um mamilo, um dedo ou (se fosse realmente bravo, ou realmente louco) uma orelha. Os outros Homens Queimados ficaram tão atemorizados pela sua escolha de um olho que imediatamente o nomearam mão vermelha, o que parecia ser algum tipo de chefe de guerra.

— Pergunto a mim próprio o que queimou o rei deles — dissera Tyrion a Bronn quando ouvira a história. Sorrindo, o mercenário agarrara-se à virilha... mas até Bronn mantinha um respeitoso cuidado com a língua perto de Timett. Se um homem era suficientemente louco para destruir o seu próprio olho, era pouco provável que se mostrasse gentil para com os inimigos.

Vigias distantes espreitavam de torres de pedra solta quando o grupo desceu pelo sopé dos montes, e uma vez Tyrion viu um corvo a levantar voo. Onde a estrada de altitude se retorcia entre dois afloramentos rochosos, chegaram ao primeiro ponto fortificado. Um muro baixo de terra com um metro de vinte de altura fechava a estrada, e uma dúzia de besteiros guarnecia os pontos altos. Tyrion fez parar os seus homens fora de alcance e dirigiu-se sozinho para a muralha.

— Quem comanda aqui? — gritou.

O capitão foi rápido a surgir, e ainda mais rápido a providenciar-lhes uma escolta quando reconheceu o filho do seu senhor. Passaram a trote por campos enegrecidos e castros queimados, até às terras do rio e ao Ramo Verde do Tridente. Tyrion não viu cadáveres, mas o ar estava cheio de corvos e gralhas pretas; lutara-se ali, e recentemente.

A meia légua da encruzilhada, tinha sido erigida uma barricada de estacas aguçadas, guarnecida por piqueiros e arqueiros. Atrás dessa linha, o

acampamento estendia-se até perder de vista. Finos pilares de fumo erguiam-se de centenas de fogueiras para cozinhar, homens vestidos de cota de malha sentavam-se à sombra de árvores e amolavam as suas lâminas, e estandartes familiares ondulavam em mastros enfiados no terreno lamacento.

Um grupo de cavaleiros avançou ao seu encontro quando se aproximaram das estacas. O cavaleiro que os liderava usava uma armadura prateada com ametistas embutidas e um manto listrado de púrpura e prata. O seu escudo mostrava o símbolo do unicórnio, e um corno em espiral com sessenta centímetros de comprimento projectava-se da testa do seu elmo em forma de cabeça de cavalo. Tyrion puxou as rédeas para o saudar.

— Sor Flement.

Sor Flement Brax ergueu o visor.

— Tyrion — disse, espantado. — Senhor, todos tínhamos que estivésseis morto, ou... — Olhou incerto para os homens dos clãs. — Estes... vossos companheiros...

— Amigos de peito e vassalos leais — disse Tyrion. — Onde poderei encontrar o senhor meu pai?

— Usa a estalagem no entroncamento como abrigo.

Tyrion soltou uma gargalhada. A estalagem no entroncamento! Talvez os deuses afinal fossem justos.

— Desejo vê-lo de imediato.

— Às vossas ordens, senhor. — Sor Flement virou o cavalo e gritou ordens. Três filas de estacas foram arrancadas do chão para abrir um buraco na linha. Tyrion atravessou-a com o seu grupo.

O acampamento de Lorde Tywin espalhava-se ao longo de léguas. A estimativa de Chella de vinte mil homens não podia estar muito longe da verdade. Os plebeus acampavam a céu aberto, mas os cavaleiros possuíam tendas e alguns dos grandes senhores tinham erigido pavilhões grandes como casas. Tyrion vislumbrou o touro vermelho dos Prester, o javali malhado de Lorde Crakehall, a árvore ardente de Marbrand, o texugo de Lynden. Cavaleiros chamavam-no enquanto ele ia passando a meio galope, e homens de armas embasbacavam-se perante os homens dos clãs em aberto espanto.

Shagga respondia-lhes abrindo também a boca; com toda a certeza nunca tinha visto tantos homens, cavalos e armas em toda a sua vida. Os outros salteadores da montanha faziam melhor trabalho em manter uma expressão neutra, mas Tyrion não tinha dúvidas de que estavam tão cheios de espanto como Shagga. Cada vez melhor. Quanto mais impressionados estivessem com o poder dos Lannister, mais fácil seria comandá-los.

A estalagem e os seus estábulos estavam muito parecidos ao que ele recordava, embora pouco restasse do resto da aldeia além de pedras

derrubadas e fundações enegrecidas. Fora erigida uma forca no pátio, e o corpo que daí pendia estava coberto de corvos. Quando Tyrion se aproximou, levantaram voo, guinchando e batendo as asas negras. Desmontou e olhou de relance para o que restava do cadáver. As aves tinham-lhe comido os lábios, os olhos e a maior parte das bochechas, deixando a nu os dentes manchados de vermelho, num hediondo sorriso.

— Um quarto, uma refeição e um jarro de vinho, foi tudo o que pedi — lembrou-lhe com um suspiro de censura.

Rapazes emergiram hesitantemente dos estábulos para lhes tratar dos cavalos. Shagga não queria entregar o seu.

— O rapaz não te roubará a égua — garantiu-lhe Tyrion. — Só quer dar-lhe um pouco de aveia e água e escovar-lhe o pêlo. — O pêlo de Shagga também teria beneficiado de uma boa escovadela, mas mencioná-lo teria demonstrado pouco tacto. — Tens a minha palavra, não farão mal ao cavalo.

Irritado, Shagga largou as rédeas.

— Este é o cavalo de Shagga, filho de Dolf — rugiu para o moço de estrebaria.

— Se ele não o devolver, arranca-lhe o membro viril e dá-o a comer às cabras — sugeriu Tyrion. — Desde que consigas encontrar alguma.

Um par de guardas domésticos, usando mantos carmesim e elmos encimados por leões encontrava-se sob a tabuleta da estalagem, de ambos os lados da porta. Tyrion reconheceu o capitão.

— O meu pai?

— Na sala comum, s'nhor.

— Os meus homens querem comer e beber — disse-lhe Tyrion. — Trata disso. — Entrou na estalagem, e ali estava o pai.

Tywin Lannister, Senhor de Rochedo Casterly e Protector do Oeste, tinha cinquenta e poucos anos, mas era duro como um homem de vinte. Mesmo sentado, era alto, com pernas longas, ombros largos e um estômago liso. Os seus braços finos estavam envolvidos por músculo. Quando o seu cabelo dourado, em tempos espesso, começara a recuar, ordenara ao barbeiro que lhe rapasse a cabeça; o Lorde Tywin não acreditava em meias medidas. Também escanhoava o queixo e o bigode, mas conservara as suíças, dois grandes matagais de rijos pêlos dourados, que lhe cobriam a maior parte das bochechas, das orelhas à maxila. Os seus olhos eram verdes-claros, salpicados de ouro. Um bobo mais tolo do que a maioria tinha em tempos dito a brincar que até a merda de Lorde Tywin era salpicada de ouro. Havia quem dissesse que o homem ainda estava vivo, enterrado bem fundo nas entranhas de Rochedo Casterly.

Sor Kevan Lannister, o único irmão sobrevivente do pai, partilhava um

jarro de cerveja com Lorde Tywin quando Tyrion entrou na sala comum. O tio era corpulento e estava a perder o cabelo, com uma barba amarela cortada curta que seguia a linha do seu maciço maxilar. Sor Kevan foi o primeiro a vê-lo.

— Tyrion — disse, surpreso.

— Tio — disse Tyrion, fazendo uma vénia. — E senhor meu pai. Que prazer encontrar-vos aqui.

O Lorde Tywin não se mexeu da cadeira, mas deitou ao filho anão um longo olhar perscrutador.

— Vejo que os rumores sobre o teu falecimento eram infundados.

— Lamento desapontar-vos, pai — disse Tyrion. — Não há necessidade de saltar da cadeira e vir abraçar-me, não desejaria que vos fatigásseis. — Atravessou a sala até à mesa onde eles estavam, agudamente consciente do modo como as suas pernas deformadas o faziam oscilar a cada passo. Sempre que os olhos do pai caíam sobre ele, ficava desconfortavelmente consciente de todas as suas deformidades e imperfeições. — Foi amável da vossa parte ir para a guerra por mim — disse enquanto trepava para uma cadeira e se servia de uma taça da cerveja do pai.

— Segundo eu vejo as coisas, foste tu que começaste isto — respondeu o Lorde Tywin. — O teu irmão Jaime nunca se teria submetido docilmente a ser capturado por uma mulher.

— Essa é uma das coisas em que diferimos, o Jaime e eu. Ele também é mais alto, talvez tenhais notado.

O pai ignorou o aparte.

— A honra da nossa Casa estava em causa. Não tive outra hipótese que não fosse ir para a guerra. Ninguém derrama impunemente sangue Lannister.

— *Ouvi-me rugir* — disse Tyrion, sorrindo. As palavras Lannister. — Em boa verdade, nenhum do meu sangue chegou a ser derramado, embora estivesse perto disso uma ou duas vezes. Morrec e Jyck foram mortos.

— Suponho que quererás novos homens.

— Não vos incomodeis, pai, adquirir alguns homens meus. — Experimentou um gole da cerveja. Era castanha e cheia de levedura, tão espessa que quase se conseguia mastigá-la. Muito boa, realmente. Uma pena que o pai tivesse enforcado a estalajadeira. — Como anda a vossa guerra?

Foi o tio a responder.

— Bastante bem, de momento. Sor Edmure tinha espalhado pequenas companhias ao longo das fronteiras para parar as nossas incursões, e o senhor teu pai e eu conseguimos destruir a maior parte a pouco e pouco antes que conseguissem reagrupar.

— O teu irmão tem-se coberto de glória — disse o pai. — Esmagou os Lordes Vance e Piper no Dente Dourado, e defrontou o poderio conjunto dos Tully à sombra das muralhas de Correrrio. Os senhores do Tridente foram postos em fuga. Sor Edmure Tully foi feito cativo, com muitos dos seus cavaleiros e vassalos. O Lorde Blackwood levou alguns sobreviventes para Correrrio, onde Jaime os tem sob cerco. O resto fugiu para os seus próprios castros.

— O teu pai e eu temos vindo a marchar contra um deles de cada vez — disse Sor Kevan. — Com o Lorde Blackwood fora, Corvarbor caiu de imediato, e a Senhora Whent rendeu Harrenhal por falta de homens para defender o castelo. Sor Gregor incendiou os Piper e os Bracken...

— Deixando-vos sem oposição? — disse Tyrion.

— Não totalmente — disse Sor Kevan. — Os Mallister ainda detêm Guardamar e Walder Frey põe em ordem os seus recrutas nas Gémeas.

— Não importa — disse o Lorde Tywin. — O Frey só se põe em campo quando o cheiro da vitória paira no ar, e tudo o que cheira agora é a ruína. E a Jason Mallister falta a força para lutar sozinho. Uma vez tomada Correrrio por Jaime, ambos dobrarão o joelho bastante depressa. A menos que os Stark e os Arryn avancem para se nos opor, esta guerra está ganha.

— Não me preocuparia muito com os Arryn se estivesse no vosso lugar — disse Tyrion. — Os Stark são outra coisa. O Lorde Eddard...

— ... é nosso refém — disse o pai. — Não comandará exércitos enquanto apodrece numa masmorra sob a Fortaleza Vermelha.

— Não — concordou Sor Kevan —, mas o filho convocou os vassalos e está em Fosso Cailin com uma hoste forte à volta dele.

— Nenhuma espada é forte até ser temperada — declarou o Lorde Tywin. — O rapaz Stark é uma criança. Sem dúvida que gosta bastante do som das trombetas de guerra e de ver as suas bandeiras a esvoaçar ao vento, mas no fim de contas, tudo se resume a trabalho de carnicheiro. Duvido que tenha estômago para ele.

Tyrion pensou que as coisas se *tinham* tornado interessantes enquanto estivera longe.

— E que está o nosso destemido monarca a fazer enquanto todo este “trabalho de carnicheiro” se desenrola? — quis saber. — Como foi que a minha adorável e persuasiva irmã levou Robert a concordar com o aprisionamento do seu querido amigo Ned?

— Robert Baratheon está morto — disse-lhe o pai. — O teu sobrinho reina em Porto Real.

Aquilo apanhou *mesmo* Tyrion de surpresa.

— A minha irmã, quereis vós dizer. — Bebeu outro gole de cerveja. O

reino seria um lugar muito diferente com Cersei a governar no lugar do marido.

— Se fazes tenções de te tornares útil, dou-te um comando — disse o pai.
— Marq Piper e Karyl Vance andam à solta na nossa retaguarda, a saquear as terras ao longo do Ramo Vermelho.

Tyrion soltou um *tsc*.

— O descaramento deles, por responder lutando. Em circunstâncias normais, ficaria feliz por punir tanta falta de educação, pai, mas a verdade é que tenho negócios mais prementes noutro local.

— Ah sim? — O Lorde Tywin não parecia surpreendido. — Também temos um par de ideias tardias do Ned Stark que tentam tornar-se numa maçada atormentando os meus destacamentos logísticos. Beric Dondarrion, um jovem fidalgo qualquer com ilusões de valor. Tem com ele aquela caricatura gorda de um sacerdote, aquele que gosta de deitar fogo à espada. Achas que poderias tratar deles enquanto foges? Sem atamancar demasiado o serviço?

Tyrion limpou a boca com as costas da mão e sorriu.

— Pai, aquece-me o coração pensar que poderíeis confiar-me... o quê, vinte homens? Cinquenta? Estais seguro de poder dispensar assim tantos? Bem, não importa. Se encontrar Thoros e o Lorde Beric, espancá-los-ei a ambos. — Desceu da cadeira e bamboleou até ao aparador onde uma rodela de queijo fresco raiado estava rodeada de fruta. — Mas primeiro tenho algumas promessas minhas a cumprir — disse, enquanto cortava um bocado. — Preciso de três mil elmos e outras tantas camisas de cota de malha, mais espadas, piques, pontas de lança em aço, maçãs, machados de batalha, manoplas, gorjais, grevas, placas de peito, carroças para transportar isto tudo...

A porta atrás dele abriu-se com estrondo, tão violentamente que Tyrion quase deixou cair o queijo. Sor Kevan saltou do banco, praguejando, enquanto o capitão da guarda atravessou a sala a voar e se foi esmagar de encontro à lareira. Enquanto caía sobre as cinzas frias, com o elmo de leão torto, Shagga partiu a espada do homem em duas num joelho grosso como um tronco de árvore, atirou os bocados ao chão e entrou pesadamente na sala comum. Foi precedido pelo fedor que exalava, mais forte que o do queijo e avassalador naquele espaço fechado.

— Pequeno capa-vermelha — rosnou —, da próxima vez que desembainhares aço contra Shagga, filho de Dolf, cortar-te-ei o membro viril e assá-lo-ei numa fogueira.

— O quê, nada da cabras? — disse Tyrion, dando uma dentada no queijo.

Os outros homens dos clãs seguiram Shagga para a sala comum, com

Bronn entre eles. O mercenário encolheu tristemente os ombros na direcção de Tyrior.

— E quem sois vós? — perguntou o Lorde Tywin, frio como a neve.

— Seguiram-me até casa, pai — explicou Tyrior. — Posso ficar com eles? Não comem muito.

Ninguém estava a sorrir.

— Com que direito, seus selvagens, vos intrometeis nos nossos concílios? — exigiu saber Sor Kevan.

— Selvagens, homem das planícies? — Cronn podia ter sido bem parecido se estivesse lavado. — Somos homens livres, e os homens livres, por direito, tomam parte em todos os concílios de guerra.

— Qual deles é o senhor dos leões? — perguntou Chella.

— São os dois velhos — anunciou Timett, filho de Timett, que ainda não tinha visto o seu vigésimo ano.

A mão de Sor Kevan caiu sobre o cabo da espada, mas o irmão pousou dois dedos no seu pulso e segurou-o. O Lorde Tywin parecia imperturbado.

— Tyrior, esqueceste a boa educação? Sê amável e apresenta-nos os nossos... honrados hóspedes.

Tyrior lambeu os dedos.

— Com prazer — disse. — A bela donzela é Chella, filha de Cheyk, dos Orelhas Negras.

— Não sou donzela nenhuma — protestou Chella. — Os meus filhos já somam ao todo cinquenta anos.

— Que somem outros cinquenta. — Tyrior bamboleou para longe dela. — Este é Cronn, filho de Coratt. Shagga, filho de Dolf é aquele que se parece com um Rochedo Casterly com cabelo. São Corvos de Pedra. Aqui está Ulf, filho de Umar, dos Irmãos da Lua, e aqui, Timett, filho de Timett, mão vermelha dos Homens Queimados. E este é Bronn, um mercenário sem nenhuma fidelidade especial. Já mudou de lado duas vezes no breve período em que o conheço, vós e ele deveis dar-vos maravilhosamente, pai. — Para Bronn e para os homens dos clãs, disse: — Posso apresentar-vos o senhor meu pai, Tywin, filho de Tytos, da Casa Lannister, Senhor de Rochedo Casterly, Protector do Oeste, Escudo de Lannisporto, e antiga e futura Mão do Rei.

O Lorde Tywin ergueu-se, digno e correcto.

— Mesmo no Oeste, conhecemos a intrepidez dos clãs guerreiros das Montanhas da Lua. Que vos traz do alto dos vossos castros, senhores?

— Cavalos — disse Shagga.

— A promessa de seda e aço — disse Timett, filho de Timett.

Tyrion aprestava-se a contar ao senhor seu pai como propunha reduzir o Vale de Arryn a um deserto fumegante, mas não lhe foi dada essa possibilidade. A porta abriu-se de novo com estrondo. O mensageiro deitou uma olhadela rápida e estranha aos homens dos clãs de Tyrion enquanto caía sobre um joelho perante o Lorde Tywin.

— Senhor — disse —, Sor Addam pede-me para vos dizer que a hoste Stark desce pelo talude.

O Lorde Tywin Lannister não sorriu. O Lorde Tywin *nunca* sorria, mas Tyrion aprendera a ler o prazer do pai mesmo assim, e ele ali estava, no seu rosto.

— Então o lobito está a deixar a toca para vir brincar entre os leões — disse, numa voz de calma satisfação. — Magnífico. Regressai para junto de Sor Addam e dizei-lhe para retirar. Não deverá dar combate aos nortenhos até chegarmos, mas quero que lhes atormente os flancos e os atraia mais para sul.

— Será feito conforme ordenais. — O mensageiro retirou-se.

— Aqui estamos bem situados — fez notar Sor Kevan. — Perto do vau e rodeados de fossos e espigões. Se vierem para sul, pois que venham e se quebrem contra nós.

— O rapaz pode esperar ou perder a coragem quando vir os nossos números — respondeu o Lorde Tywin. — Quanto mais depressa quebrarmos os Stark, mais depressa estarei livre para lidar com Stannis Baratheon. Diz aos tambores para tocar a reunir, e envia uma mensagem a Jaime dizendo-lhe que marcho contra Robb Stark.

— Às vossas ordens — disse Sor Kevan.

Tyrion observou com um fascínio sombrio quando o senhor seu pai se virou em seguida para os meio selvagens homens dos clãs.

— Diz-se que os homens dos clãs de montanha são guerreiros sem medo.

— Diz-se a verdade — respondeu Cronn, dos Corvos de Pedra.

— E as mulheres também — acrescentou Chella.

— Acompanhai-me contra os meus inimigos, e tereis tudo o que o meu filho vos prometeu, e mais ainda — disse-lhe o Lorde Tywin.

— Pagar-nos-eis com a nossa própria moeda? — disse Ulf, filho de Umar. — Porque necessitaríamos da promessa do pai, quando temos a do filho?

— Nada disse sobre *necessidade* — respondeu o Lorde Tywin. — As minhas palavras eram uma cortesia, nada mais. Não necessitais de vos juntardes a nós. Os homens das terras de inverno são feitos de ferro e gelo, e até os meus cavaleiros mais corajosos temem defrontá-los.

Oh, mas que habilidade, pensou Tyrion, com um sorriso torto.

— Os Homens Queimados nada temem. Timett, filho de Timett,

acompanhará os leões.

— Onde quer que os Homens Queimados vão, os Corvos de Pedra estiveram lá primeiro — declarou acaloradamente Cronn. — Também vamos.

— Shagga, filho de Dolf, cortar-lhes-á os órgãos viris e dá-los-á a comer aos corvos.

— Acompanhar-vos-emos, senhor leão — concordou Chella, filha de Cheyk — mas só se o vosso filho meio-homem vier connosco. Comprou o ar que respira com promessas. Até termos o aço que nos prometeu, a sua vida pertence-nos.

O Lorde Tywin virou os olhos semeados de ouro para o filho.

— Alegria — disse Tyrion com um sorriso resignado.

As paredes da sala do trono tinham sido desnudadas, removidas as tapeçarias com cenas de caça que o Rei Robert adorava e amontoadas a um canto, numa pilha desordenada.

Sor Mandon Moore tomou o seu lugar sob o trono ao lado de dois dos seus companheiros da Guarda Real. Sansa permaneceu perto da porta, por uma vez sem ser guardada. A rainha tinha-lhe dado liberdade de castelo como recompensa por se comportar bem, mas mesmo assim era escoltada para todo o lado. “Guardas de honra para a minha futura filha”, chamava-lhes a rainha, mas não faziam com que Sansa se sentisse honrada.

“Liberdade de castelo” significava que podia ir onde quisesse dentro da Fortaleza Vermelha, desde que promettesse não atravessar as suas muralhas, uma promessa que Sansa estivera mais do que disposta a fazer. Fosse como fosse, não poderia ter atravessado as muralhas. Os portões eram vigiados de dia e de noite pelos homens de manto dourado de Janos Slynt, e também havia sempre por perto guardas da casa Lannister. Além disso, mesmo se pudesse sair do castelo, para onde iria? Bastava que pudesse andar pelo pátio, apanhar flores no jardim de Myrcella e visitar o septo para rezar pelo pai. Às vezes, rezava também no bosque sagrado, visto que os Stark eram fiéis dos velhos deuses.

Aquela era a primeira audiência do reinado de Joffrey, e Sansa olhou nervosamente em volta. Uma fileira de guardas Lannister alinhava-se sob as janelas ocidentais, e uma fileira de Patrulheiros da Cidade de mantos dourados sob as orientais. De plebeus e gente comum, não viu sinal, mas sob a galeria, um aglomerado de grandes e pequenos senhores andava incansavelmente aos círculos. Não eram mais de vinte, quando uma centena costumava esperar pelo Rei Robert.

Sansa deslizou entre eles, murmurando saudações enquanto abria caminho para a frente. Reconheceu a pele negra de Jalabhar Xho, o sombrio Sor Aron Santagar, os irmãos Redwyne, Horror e Babel... mas nenhum deles pareceu reconhecê-la a *ela*. Ou se o fizeram, esquivaram-se como se tivesse a praga cinzenta. O enfermeiro Lorde Gyles cobriu o rosto quando ela se aproximou e fingiu um ataque de tosse, e quando o engraçado e ébrio Sor Dontos começou a saudá-la, Sor Balon Swann segredou-lhe ao ouvido e ele virou-se.

E havia tantos outros que não estavam ali. Sansa perguntou a si própria para onde teriam ido. Em vão, procurou rostos amistosos. Nem um lhe

sustentou o olhar. Era como se se tivesse transformado em fantasma, morta antes da sua hora.

O Grande Mestre Pycelle estava sentado, sozinho, à mesa do conselho, aparentemente adormecido, com as mãos apertadas sobre a barba. Viu Lorde Varys entrar à pressa na sala, sem fazer o mínimo som com os pés. Um momento mais tarde, o Lorde Baelish entrou pelas grandes portas, sorrindo. Conversou amigavelmente com Sor Balon e Sor Dontos enquanto abria caminho para a frente. Borboletas esvoaçaram nervosamente na barriga de Sansa. *Não devia ter medo*, disse a si própria. *Não tenho nada a temer, tudo ficará bem, Joff ama-me e a rainha também, foi ela que o disse.*

A voz de um arauto ressoou.

— Saudai Sua Graça, Joffrey das Casas Baratheon e Lannister, o Primeiro de seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens e Senhor dos Sete Reinos. Saudai a senhora sua mãe, Cersei da Casa Lannister, Rainha Regente, Luz do Oeste e Protectora do Território.

Sor Barristan Selmy, resplandecente na sua armadura branca, entrou à frente deles. Sor Arys Oakheart escoltava a rainha, ao passo que Sor Boros Blount caminhava ao lado de Joffrey, e portanto estavam agora na sala seis dos membros da Guarda Real, todas as Espadas Brancas menos Jaime Lannister. O seu príncipe — não, agora era o seu rei! — subiu os degraus até ao Trono de Ferro a dois e dois, enquanto a mãe se sentava com o conselho. Joffrey trazia pelúcia de veludo negro rasgado de carmim, uma capa de colarinho alto, cintilante de pano de ouro, e na cabeça uma coroa dourada incrustada de rubis e diamantes negros.

Quando Joffrey se virou para olhar para a sala, os seus olhos encontraram-se com os de Sansa. Sorriu, sentou-se e falou.

— É dever de um rei punir os desleais e recompensar os fiéis. Grande Mestre Pycelle, ordeno-vos que leiais os meus decretos.

Pycelle pôs-se em pé. Vestia uma magnífica toga de espesso veludo vermelho, com um colarinho de arminho e brilhantes pregadores dourados. Retirou um pergaminho de uma manga pendente, pesada com arabescos dourados, e começou a ler uma longa lista de nomes, ordenando a todos, em nome do rei e do conselho, para se apresentarem e jurarem lealdade a Joffrey. Caso não o fizessem, seriam declarados traidores, e as suas terras e títulos seriam confiscados pela coroa.

Os nomes que leu fizeram Sansa prender a respiração. Lorde Stannis Baratheon, a senhora sua esposa, a sua filha. Lorde Renly Baratheon. Ambos os Lordes Royce e os seus filhos. Sor Loras Tyrell. Lorde Mace Tyrell, os seus irmãos, tios e filhos. O sacerdote vermelho, Thoros de Myr. Lorde Beric Dondarrion. Senhora Lysa Arryn e o filho, o pequeno Lorde Robert. Lorde

Hoster Tully, o irmão, Sor Brynden, e o filho, Sor Edmure. Lorde Jason Mallister. Lorde Bryce Caron, da Marca. Lorde Tytos Blackwood. Lorde Walder Frey e o herdeiro, Sor Stevron. Lorde Karyl Vance. Lorde Jonos Bracken. A Senhora Shella Whent. Doran Martell, Príncipe de Dorne, e todos os seus filhos. *Tantos*, pensou enquanto Pycelle continuava a ler, *será preciso um bando inteiro de corvos para enviar estas ordens*.

E por fim, quase em último, chegaram os nomes que Sansa temia. A Senhora Catelyn Stark. Robb Stark. Brandon Stark, Rickon Stark, Arya Stark. Sansa abafou um arquejo. *Arya*. Queriam que Arya se apresentasse e fizesse um juramento... isso devia querer dizer que a irmã tinha fugido na galé, já devia estar a salvo em Winterfell...

O Grande Mestre Pycelle enrolou a lista, enfiou-a na manga esquerda e retirou outro pergaminho da direita. Limpou a garganta e prosseguiu.

— No lugar do traidor Eddard Stark, é desejo de Sua Graça que Tywin Lannister, Senhor de Rochedo Casterly e Protector do Oeste, ocupe o posto de Mão do Rei, para falar com a sua voz, liderar os seus exércitos contra os seus inimigos, e pôr em prática a sua real vontade. Assim decretou o rei. O pequeno conselho consente.

“No lugar do traidor Stannis Baratheon, é desejo de Sua Graça que a senhora sua mãe, a Rainha Regente Cersei Lannister, que sempre foi a sua mais dedicada apoiante, se sente no seu pequeno conselho, para que possa ajudá-lo a governar sabiamente e com justiça. Assim decretou o rei. O pequeno conselho consente.

Sansa ouviu murmúrios em voz baixa dos senhores que a rodeavam, mas foram rapidamente abafados. Pycelle prosseguiu.

— É também desejo de Sua Graça que o seu leal servidor, Janos Slynt, Comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, seja de imediato promovido à categoria de lorde e que lhe seja atribuído o antigo domínio de Harrenhal com todas as suas terras e rendimentos, e que os seus filhos e netos mantenham essas honrarias após a sua morte e até ao fim dos tempos. Ordena ainda que o *Lorde Slynt* se sente imediatamente no seu pequeno conselho, a fim de ajudar no governo do reino. Assim decretou o rei. O pequeno conselho consente.

Sansa detectou movimento pelo canto do olho quando Janos Slynt fez a sua entrada. Daquela vez, os murmúrios foram mais sonoros e mais zangados. Senhores orgulhosos, cujas casas remontavam a milhares de anos, abriram relutantemente caminho ao plebeu meio careca com cara de sapo que passava por eles. Escamas douradas tinham sido cosidas ao veludo negro do seu gibão e ressoavam suavemente a cada passo. O manto era de cetim de xadrez, de

negro e ouro. Dois rapazes feios, que deviam ser seus filhos, caminhavam à sua frente, lutando com o peso de um sólido escudo de metal tão alto como eles. Para símbolo, tinha escolhido uma lança ensanguentada, de ouro em campo negro como a noite. Ao vê-la, Sansa sentiu pele de galinha a percorrer-lhe os braços.

Enquanto Lorde Slynt tomava o seu lugar, o Grande Mestre Pycelle prosseguiu:

— Por fim, nestes tempos de traição e perturbação, com o nosso querido Robert tão recentemente morto, é opinião do conselho que a vida e segurança do Rei Joffrey é de suprema importância... — Olhou para a rainha.

Cersei pôs-se em pé.

— Sor Barriston Selmy, avançaí.

Sor Barristan tinha estado na base do Trono de Ferro, tão imóvel como uma estátua, mas agora caiu sobre um joelho e inclinou a cabeça.

— Vossa Graça, estou às vossas ordens.

— Erguei-vos, Sor Barristan — disse Cersei Lannister. — Podeis tirar o elmo.

— Senhora? — Erguendo-se, o velho cavaleiro tirou o seu grande elmo branco, embora não parecesse compreender porquê.

— Haveis servido o reino longa e fielmente, meu bom sor, e todos os homens e mulheres nos Sete Reinos vos devem agradecimentos. Mas, agora, temo que o vosso serviço esteja no fim. É desejo do rei e do conselho que vos alivieis do vosso pesado fardo.

— O meu... fardo? Temo que... que não...

O recém-nomeado lorde, Janos Slynt, falou, com a voz pesada e brusca.

— Sua Graça está a tentar dizer-vos que estais demitido de Senhor Comandante da Guarda Real.

O alto cavaleiro de cabelo branco pareceu encolher, ali, em pé, quase sem respirar.

— Vossa Graça — disse por fim. — A Guarda Real é uma Irmandade Ajuramentada. Os nossos votos são feitos para a vida. Só a morte pode demitir o Senhor Comandante da sua responsabilidade sagrada.

— A morte de quem, Sor Barristan? — A voz da rainha era suave como seda, mas as palavras soaram em todo o salão. — A vossa, ou a do vosso rei?

— Deixastes morrer o meu pai — disse acusadoramente Joffrey de cima do Trono de Ferro. — Sois velho de mais para proteger alguém.

Sansa viu o cavaleiro olhar para o seu novo rei. Nunca como agora o vira aparentar a idade que tinha.

— Vossa Graça — disse. — Fui escolhido para as Espadas Brancas no

meu vigésimo terceiro ano. Sempre sonhara com isso, desde o primeiro momento em que empunhei uma espada. Renunciei a qualquer pretensão à minha fortaleza ancestral. A rapariga com quem ia casar casou com o meu primo, não tinha falta de terras ou filhos, a minha vida ia ser vivida pelo reino. Foi o próprio Sor Gerold Hightower quem me ouviu os votos... de proteger o rei com todas as minhas forças... de dar o meu sangue pelo dele... Lutei ao lado do Touro Branco e do Príncipe Lewyn de Dorne... ao lado de Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. Antes de servir o vosso pai, ajudei a proteger o Rei Aerys, e antes dele o pai, Jaehaerys... três reis...

— E todos estão mortos — fez notar o Mindinho.

— O vosso tempo acabou — anunciou Cersei Lannister. — Joffrey precisa de homens jovens e fortes em seu redor. O conselho decidiu que Sor Jaime Lannister tome o vosso lugar como Senhor Comandante dos Irmãos Ajuramentados das Espadas Brancas.

— O Regicida — disse Sor Barristan, com a voz dura de desprezo. — O falso cavaleiro que profanou a sua lâmina com o sangue do rei que jurara defender.

— Tende cuidado com o que dizeis, sor — avisou a rainha. — Falais do nosso amado irmão, do sangue do vosso rei.

O Lorde Varys falou, mais suavemente do que os outros.

— Não esquecemos os vossos serviços, meu bom sor. O Lorde Tywin Lannister concordou generosamente em conceder-vos um bom trecho de terras a norte de Lannisporto, junto ao mar, com suficiente ouro e homens para construir uma robusta fortaleza, e criados para vos satisfazer todas as necessidades.

Sor Barristan ergueu vivamente os olhos.

— Um salão onde morrer, e homens para me enterrarem. Agradeço-vos, senhores... mas escarro na vossa piedade. — Ergueu as mãos e abriu os pregadores que mantinham o manto no lugar, e o pesado pano branco deslizou-lhe dos ombros e foi cair num monte, no chão. O seu capacete caiu com um *clang*. — Sou um cavaleiro — disse-lhes. Abriu as presilhas de prata da placa de peito e também a deixou cair. — Morrerei como cavaleiro.

— Um cavaleiro nu, aparentemente — observou o Mindinho.

Todos riram, Joffrey no seu trono, os senhores presentes, Janos Slynt, a Rainha Cersei e Sandor Clegane, e até os outros homens da Guarda Real, os cinco que tinham sido seus irmãos até um momento antes. *De certeza que isso deve ter sido o que mais magoou*, pensou Sansa. O seu coração pertencia ao galante velho, que ali estava envergonhado e corado, demasiado zangado para falar. Por fim, puxou da espada.

Sansa ouviu alguém arquejar. Sor Boros e Sor Meryn avançaram para o

enfrentar, mas Sor Barristan congelou-os no lugar com um olhar que pingava desprezo.

— Nada temei, sores, o vosso rei está a salvo... mas não graças a vós. Mesmo agora, poderia abrir caminho através dos cinco tão facilmente como um punhal corta queijo. Se aceitais servir às ordens do Regicida, nem um de vós é digno de usar o branco. — Atirou a espada aos pés do Trono de Ferro. — Tomai, rapaz. Fundi-a e juntai-a às outras, se quisedes. Far-vos-á melhor serviço do que as espadas nas mãos destes cinco. Talvez calhe que o Lorde Stannis se sente em cima dela quando vos tomar o trono.

Atravessou toda a sala para sair, com os passos a ressoar ruidosamente no chão e a arrancar ecos das paredes de pedra nua. Senhores e senhoras abriram alas para ele passar. Sansa só voltou a ouvir sons depois de os pajens fecharem as grandes portas de carvalho e bronze nas suas costas: vozes baixas, movimentos incomodados, o rumor de papéis vindo da mesa do conselho.

— Ele chamou-me *rapaz* — disse Joffrey em tom rabugento, soando mais novo do que era. — E também falou do meu tio Stannis.

— Conversa fiada — disse Varys, o eunuco. — Sem significado...

— Pode estar a conspirar com os meus tios. Quero-o capturado e interrogado. — Ninguém se moveu. Joffrey ergueu a voz. — Eu disse *que o quero capturado!*

Janos Slynt levantou-se da mesa do conselho.

— Os meus homens tratarão disso, Vossa Graça.

— Ótimo — disse o Rei Joffrey. O Lorde Janos saiu do salão, com os feios filhos a correr para lhe acompanhar o passo enquanto arrastavam com dificuldade o grande escudo de metal com as armas da Casa Slynt.

— Vossa Graça — lembrou o Mindinho ao rei. — Se pudéssemos recomençar, os sete são agora seis. Encontramo-nos com falta de uma nova espada para a Guarda Real.

Joffrey sorriu.

— Dizei-lhes, mãe.

— O rei e o conselho decidiram que não há homem nos Sete Reinos mais capaz de guardar e proteger Sua Graça do que o seu escudo ajuramentado, Sandor Clegane.

— Que achas disso, cão? — perguntou o Rei Joffrey.

Era difícil ler a cara cheia de cicatrizes do Cão de Caça. Levou um longo momento a reflectir.

— E porque não? Não tenho nem terras nem esposa a deixar, e quem se importaria se tivesse? — O lado queimado da sua boca retorceu-se. — Mas

aviso-vos de que não farei votos de cavaleiro.

— Os Irmãos Ajuramentados da Guarda Real sempre foram cavaleiros — disse firmemente Sor Boros.

— Até agora — disse o Cão de Caça na sua profunda voz áspera, e Sor Boros calou-se.

Quando o arauto do rei avançou, Sansa compreendeu que o momento tinha quase chegado. Alisou nervosamente o tecido da saia. Estava vestida de luto, em sinal de respeito pelo rei morto, mas tinha tido especial cuidado em pôr-se bela. O vestido era o de seda cor de marfim que a rainha lhe dera, aquele que Arya estragara, mas tinha-o mandado tingir de negro e não era possível ver a mancha. Levara horas atormentada com as jóias, e por fim decidira-se pela elegante simplicidade de um fio de prata sem adornos.

A voz do arauto retumbou.

— Se algum homem neste salão tem outros assuntos a colocar a Sua Graça, que fale agora ou se mantenha em silêncio.

Sansa vacilou. *Agora*, disse a si própria, *tenho de o fazer agora. Que os deuses me dêem coragem.* Deu um passo, depois outro. Senhores e cavaleiros afastaram-se silenciosamente para a deixar passar, e sentiu o peso dos olhos deles em cima de si. *Tenho de ser tão forte como a senhora minha mãe.*

— Vossa Graça — chamou, numa voz suave e trémula.

A altura do Trono de Ferro dava a Joffrey uma melhor visão do que a qualquer outro dos presentes no salão. Foi o primeiro a vê-la.

— Avançai, senhora — disse, sorrindo.

O sorriso dele encorajou-a, fê-la sentir-se bela e forte. *Ele ama-me mesmo, ama mesmo.* Sansa ergueu a cabeça e caminhou na sua direcção, nem demasiado devagar, nem depressa de mais. Não podia deixá-los ver como estava nervosa.

— A Senhora Sansa, da Casa Stark — gritou o arauto.

Parou sob o trono, no sítio onde o manto branco de Sor Barristan estava amontoado no chão ao lado do seu elmo e placa de peito.

— Tendes algum assunto para o rei e o conselho, Sansa? — perguntou a rainha da mesa do conselho.

— Tenho. — Ajoelhou sobre o manto, para não estragar o vestido, e olhou o seu príncipe naquele temível trono negro. — Se aprouver a Vossa Graça, peço misericórdia para o meu pai, Lorde Eddard Stark, que foi Mão do Rei. — Treinara as palavras uma centena de vezes.

A rainha suspirou.

— Sansa, desiludis-me. Que vos disse acerca do sangue do traidor?

— O vosso pai cometeu graves e terríveis crimes, senhora — entou o

Grande Mestre Pycelle.

— Ah, pobre coisinha triste — suspirou Varys. — Não é mais do que um bebé, senhores, não sabe o que está a pedir.

Sansa só tinha olhos para Joffrey. *Ele tem de me ouvir, tem de me ouvir*, pensou. O rei mudou de posição.

— Deixai-a falar — ordenou. — Quero ouvir o que ela diz.

— Obrigada, Vossa Graça. — Sansa sorriu, um tímido sorriso secreto, só para ele. Ele estava a ouvir. Ela sabia que ouviria.

— A traição é uma erva daninha — declarou solenemente Pycelle. — Tem de ser arrancada, raiz, caule e semente, para que novos traidores não nasçam nas bermas de todas as estradas.

— Negais o crime do vosso pai? — perguntou o Lorde Baelish.

— Não, senhores. — Sansa não era assim tão tola. — Sei que ele deve ser punido. Tudo o que peço é misericórdia. Sei que o senhor meu pai deve arrepender-se do que fez. Era amigo do Rei Robert, e adorava-o, todos sabeis que o adorava. Nunca quis ser Mão até que o rei lho pediu. Devem ter-lhe mentido. O Lorde Renly, ou o Lorde Stannis, ou... ou *alguém*, devem ter mentido, de outra forma...

O Rei Joffrey inclinou-se para a frente, com as mãos a agarrar os braços do trono. Pontas de espadas quebradas projectaram-se de entre os seus dedos.

— Ele disse que eu não era o rei. Porque disse ele isso?

— Tinha a perna partida — respondeu ansiosamente Sansa. — Doía tanto que o Mestre Pycelle lhe andava a dar o leite da papoila, e diz-se que o leite da papoila enche a cabeça de nuvens. De outra forma, nunca o teria dito.

Varys disse:

— A fé de uma criança... que doce inocência... e no entanto, diz-se que a sabedoria surge frequentemente das bocas dos bebés.

— Traição é traição — respondeu imediatamente Pycelle.

Joffrey balançou agitadamente no trono.

— Mãe?

Cersei Lannister avaliou pensativamente Sansa.

— Se o Lorde Eddard confessasse o seu crime — acabou por dizer —, ficaríamos a saber que se arrependeu da sua loucura.

Joffrey pôs-se em pé. *Por favor*, pensou Sansa, *por favor, por favor, sê o rei que sei que és, bom, amável e nobre, por favor*.

— Tendes algo mais a dizer? — perguntou-lhe.

— Só que... se me amais, concedei-me esta gentileza, meu príncipe — disse Sansa.

O Rei Joffrey olhou-a de cima a baixo.

— As vossas doces palavras comoveram-me — disse galantemente,

acenando, como que a dizer que tudo ficaria bem. — Farei como pedis... mas primeiro o vosso pai tem de confessar. Tem de confessar e de dizer que eu sou o rei, ou não haverá misericórdia para ele.

— Ele fá-lo-á — disse Sansa, com o coração aos saltos. — Oh, eu sei que o fará.

A palha no chão fedia a urina. Não havia janela, nem cama, nem mesmo um balde para os dejectos. Lembrava-se de paredes de pedra vermelha-clara engrinaldada com manchas de salitre, uma porta cinzenta de madeira rachada, com dez centímetros de espessura e reforçada com ferro. Vira esses detalhes num rápido relance enquanto o atiravam para ali. Depois da porta fechada com estrondo, nada mais vira. A escuridão era absoluta. Era como se estivesse cego.

Ou morto. Enterrado com o seu rei.

— Ah, Robert — murmurou enquanto a mão apalpava uma parede fria de pedra, com a perna a latejar a cada movimento. Recordou a brincadeira do rei nas criptas de Winterfell, enquanto os Reis do Inverno o olhavam com frios olhos de pedra. *O rei come*, dissera Robert, *e a Mão recolhe a merda*. Como se rira. Mas enganara-se. *O rei morre*, pensou Ned Stark, *e a Mão é enterrada*.

A masmorra ficava sob a Fortaleza Vermelha, mais fundo do que se atrevia a imaginar. Lembrava-se das velhas histórias sobre Maegor, o Cruel, que assassinara todos os pedreiros que tinham trabalhado no seu castelo, para que nunca pudessem revelar os seus segredos.

Maldizia-os a todos: ao Mindinho, a Janos Slynt e aos seus homens, à rainha, ao Regicida, a Pycelle, a Varys e a Sor Barristan, até ao Lorde Renly, do próprio sangue de Robert, que fugira quando era mais necessário. Mas no fim de contas, culpava-se a si próprio.

— *Estúpido* — gritou para a escuridão —, três vezes maldito, cego e estúpido.

O rosto de Cersei Lannister pareceu flutuar à sua frente na escuridão. Tinha o cabelo cheio de sol, mas havia troça no sorriso. “Quando jogais o jogo dos tronos, ou ganhais ou morreis”, sussurrou. Ned jogara e perdera, e os seus homens tinham pago o preço da sua loucura com o sangue das suas vidas.

Quando pensou nas filhas, teria chorado de bom grado, mas as lágrimas não vinham. Mesmo agora, era um Stark de Winterfell, e a dor e a raiva congelavam dentro dele.

Se se mantivesse muito quieto, a perna não doía tanto, por isso fez o que pôde para jazer imóvel. Não saberia dizer durante quanto tempo. Não havia Sol nem Lua. Não conseguia ver para fazer marcas nas paredes. Ned fechou os olhos e abriu-os; não houve diferença. Adormeceu, acordou e voltou a

adormecer. Não sabia o que era mais doloroso, se estar acordado, se estar a dormir. Quando dormia, sonhava: sonhos escuros e perturbadores sobre sangue e promessas quebradas. Quando acordava, nada havia a fazer a não ser pensar, e os seus pensamentos despertos eram piores do que pesadelos. Pensar em Cat era tão doloroso como uma cama de urtigas. Perguntava a si próprio onde ela estaria, o que estaria a fazer. Perguntava a si próprio se voltaria a vê-la.

As horas transformaram-se em dias, ou pelo menos era o que parecia. Sentia uma dor surda na perna partida, uma comichão por baixo do gesso. Quando tocava a coxa, sentia a pele quente. O único som era a sua respiração. Após algum tempo, começou a falar em voz alta, só para ouvir uma voz. Fez planos para se manter são, construiu castelos de esperança na escuridão. Os irmãos de Robert andavam pelo mundo, a recrutar exércitos em Pedra do Dragão e em Ponta Tempestade. Alyn e Harwin regressariam a Porto Real com o resto da sua guarda depois de tratarem de Sor Gregor. Catelyn rebelaria o Norte quando as notícias lhe chegassem, e os senhores do rio, da montanha e do Vale juntar-se-lhe-iam.

Deu por si a pensar cada vez mais em Robert. Via o rei como ele fora na flor da juventude, alto e bem-parecido, com o seu grande elmo guarnecido de hastes na cabeça, de machado de guerra na mão, montado no cavalo como um deus com hastes. Ouviu o seu riso na escuridão, viu os seus olhos, azuis e cristalinos como lagos de montanha. “Olha para nós, Ned”, disse Robert. “Deuses, como chegámos a isto? Tu aqui e eu morto por um porco. Conquistámos juntos um trono...”

Falhei-te, Robert, pensou Ned. Não podia dizer aquelas palavras. Menti-te, escondi a verdade. Deixei que te matassem.

O rei ouviu-o. “Seu pateta de pescoço perro”, murmurou “orgulhoso de mais para escutar. Podes comer orgulho, Stark? Será que a honra te protege os filhos?” Rachas correram pelo rosto, fissuras que se abriam na carne, e ele ergueu a mão e arrancou a máscara. Não era Robert; era o Mindinho, sorrindo, troçando dele. Quando abriu a boca para falar, as mentiras transformaram-se em traças cinzentas, quase brancas, e levantaram voo.

Ned estava meio adormecido quando ouviu os passos. A princípio pensou que os sonhara; passara-se tanto tempo desde que ouvira algo mais do que o som da sua própria voz. Ned sentia-se febril, com a perna transformada numa agonia surda, e os lábios secos e estalados. Quando a pesada porta de madeira abriu com um rangido, a súbita luz fez-lhe doer os olhos.

Um carcereiro atirou-lhe um cântaro. O barro era fresco e salpicado de humidade. Ned agarrou-o com as duas mãos e emborcou avidamente. Água escorreu-lhe da boca e pingou através da barba. Bebeu até pensar que ficaria

maldisposto.

— Quanto tempo...? — perguntou, numa voz fraca, quando não conseguiu beber mais.

O carcereiro era um homem com ar de espantalho, cara de rato e uma barba desordenada, vestido com um lorigão e uma meia capa de couro.

— Não se fala — disse enquanto arrancava o cântaro dos dedos de Ned.

— Por favor — disse Ned —, as minhas filhas... — A porta fechou-se com estrondo. Ned pestanejou quando a luz desapareceu, baixou a cabeça até ao peito, e enrolou-se na palha. Já não fedia a urina e a merda. Já não cheirava a nada.

Já não era capaz de distinguir a diferença entre estar acordado e a dormir. A memória caiu sobre ele na escuridão, tão viva como um sonho. Era o ano da falsa Primavera, e ele tinha de novo oito anos e descera do Ninho de Águia para o torneio em Harrenhal. Via o profundo verde da erva e cheirava o pólen no vento. Dias tépidos e noites frescas e o gosto doce do vinho. Lembrava-se das gargalhadas de Brandon, e do enlouquecido valor de Robert na luta corpo a corpo, do modo como se ria enquanto derrubava dos cavalos homem atrás de homem. Lembrava-se de Jaime Lannister, um jovem dourado numa armadura branca com escamas, ajoelhado na erva em frente do pavilhão do rei, fazendo os seus votos de defender e proteger o Rei Aerys. Depois, Sor Oswell Whent ajudou Jaime a pôr-se em pé, e o próprio Touro Branco, o Senhor Comandante Sor Gerold Hightower, prendeu o nevado manto da Guarda Real em volta dos seus ombros. Todas as seis Espadas Brancas estavam lá para dar as boas-vindas ao seu irmão mais novo.

Mas quando a justa começou, o dia foi de Rhaegar Targaryen. O príncipe herdeiro usava a armadura em que acabaria por morrer: cintilante placa negra com o dragão de três cabeças da sua Casa trabalhado em rubis, no peito. Uma pluma de seda escarlata estendia-se atrás dele enquanto cavalgava, e parecia que nenhuma lança conseguia tocar-lhe. Brandon caiu perante ele, tal como Bronze Yohn Royce, e até o magnífico Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã.

Robert estivera a trocar ditos jocosos com Jon e o velho Lorde Hunter enquanto o príncipe dava a volta ao campo depois de derrubar Sor Barristan na última justa pela coroa de campeão. Ned lembrava-se do momento em que todos os risos tinham morrido, quando o Príncipe Rhaegar Targaryen fez o cavalo passar para lá da sua esposa, a princesa dorniana Elia Martell, e depositou a coroa da rainha da beleza no colo de Lyanna. Ainda conseguia vê-la: uma coroa de rosas de inverno, azuis como a geada.

Ned Stark estendeu a mão para agarrar a coroa de flores, mas sob as pétalas azuis-claras estavam escondidos espinhos. Sentiu-os a penetrar-lhe a

pele, aguçados e cruéis, viu o lento fio de sangue a correr pelos seus dedos, e acordou, a tremer, na escuridão.

Promete-me, Ned, sussurrara a irmã da sua cama de sangue. Ela adorara o odor de rosas de inverno.

— Que os deuses me salvem — chorou Ned. — Estou a enlouquecer.

Os deuses não se dignaram a responder.

De cada vez que o carcereiro lhe trazia água, dizia a si próprio que se passara mais um dia. A princípio suplicava ao homem alguma notícia sobre as filhas e o mundo para lá da sua cela. As únicas respostas foram grunhidos e pontapés. Mais tarde, quando começaram as dores de estômago, começou a suplicar por comida. Não fazia diferença; não era alimentado. Os Lannister talvez pretendessem que ele morresse à fome. “Não”, disse a si próprio. Se Cersei o quisesse morto, teria sido abatido na sala do trono com os seus homens. Ela queria-o vivo. Fraco, desesperado, mas vivo. Catelyn tinha o seu irmão; não se atrevia a matá-lo, ou a vida do Duende estaria também perdida.

De fora da sua cela chegou-lhe o chocalhar de correntes de ferro. Quando a porta se abriu, rangendo, Ned pôs uma mão na parede húmida e empurrou-se para a luz. O clarão de um archote fê-lo desviar a cara.

— Comida — grasnou.

— Vinho — respondeu uma voz. Não era o homem com cara de rato. Aquele carcereiro era mais robusto e mais baixo, embora usasse a mesma meia capa de couro e o mesmo capacete de aço com espigão. — Bebei, Lorde Eddard. — Enfiou um odre de vinho nas mãos de Ned.

A voz do homem era estranhamente familiar, mas Ned Stark precisou de um momento para a identificar.

— Varys? — disse, vacilante, quando o reconhecimento chegou. Tocou na cara do homem. — Não estou... não estou a sonhar isto. Estais aqui. — As rechonchudas bochechas do eunuco estavam cobertas com uma barba escura e hirsuta. Ned sentiu os pêlos rudes com os dedos. Varys transformara-se num carcereiro grisalho, a feder a suor e a vinho amargo. — Como conseguistes... que tipo de mago sois?

— Um mago sedento — disse Varys. — Bebei, senhor.

As mãos de Ned apalparam o odre.

— Isto é o mesmo veneno que deram a Robert?

— Ofendeis-me — disse Varys num tom triste. — É verdade que ninguém gosta de um eunuco. Dai-me o odre. — Bebeu, com um fio vermelho a escorrer pelo canto da sua boca gorda. — Não se compara à colheita que me oferecestes na noite do torneio, mas não é mais venenoso do que a maioria — concluiu, limpando os lábios. — Aqui tendes.

Ned experimentou um gole.

— Borrás. — Sentiu-se a ponto de regurgitar o vinho.

— Qualquer homem deve engolir o amargo com o doce. Tanto os grandes senhores como os eunucos. A vossa hora chegou, senhor.

— As minhas filhas...

— A rapariga mais nova escapou de Sor Meryn e fugiu — disse-lhe Varys. — Não fui capaz de a encontrar. Nem os Lannister. Uma coisa boa, essa. O nosso novo rei não a ama. A vossa filha mais velha continua prometida a Joffrey. Cersei mantém-na por perto. Veio a uma audiência há alguns dias suplicar que fôsseis poupado. Uma pena que não pudésseis estar lá, teríeis ficado comovido. — Inclinou-se para a frente com uma expressão séria. — Confio que compreendeis que sois um homem morto, Lorde Eddard?

— A rainha não me matará — disse Ned. Sentia a cabeça a flutuar; o vinho era forte, e passara-se demasiado tempo desde que comera. — Cat... Cat tem o irmão dela...

— O irmão *errado* — suspirou Varys. — E de qualquer modo, está perdido. Ela deixou que o Duende lhe fugisse por entre os dedos. Suponho que esteja agora morto, algures nas Montanhas da Lua.

— Se isso é verdade, cortai-me a garganta e acabai com isto. — Estava tonto do vinho, cansado e desolado.

— O vosso sangue é a última coisa que desejo.

Ned franziu o sobrolho.

— Quando assassinaram a minha guarda, ficastes ao lado da rainha a observar, sem dizer uma palavra.

— E fá-lo-ia de novo. Julgo recordar que estava desarmado, sem armadura e rodeado por espadas dos Lannister. — O eunuco olhou-o de forma curiosa, inclinando a cabeça. — Quando era um rapazinho, antes de ser cortado, viajei com uma trupe de pantomimeiros pelas Cidades Livres. Ensinaaram-me que cada homem tem um papel a desempenhar, quer na vida quer na pantomima. Assim é na corte. O Magistrado do Rei tem de ser temível, o mestre da moeda deve ser frugal, o Senhor Comandante da Guarda Real tem de ser valente... e o mestre dos espões deve ser dissimulado, obsequioso e sem escrúpulos. Um informador corajoso seria tão inútil como um cavaleiro cobarde. — Recuperou o odre e bebeu.

Ned estudou o rosto do eunuco, procurando a verdade sob as cicatrizes de pantomimeiro e a barba falsa. Bebeu mais um pouco de vinho. Desta vez desceu mais facilmente.

— Sois capaz de me libertar deste buraco?

— Seria... mas vou fazê-lo? Não. Seriam feitas perguntas e as respostas levariam até mim.

Ned não esperara outra coisa.

— Sois directo.

— Um eunuco não tem honra, e uma aranha não beneficia do luxo dos escrúpulos, senhor.

— Consentiríeis ao menos em fazer sair uma mensagem minha?

— Dependeria da mensagem. De bom grado vos fornecerei papel e tinta, se quisedes. E depois de escreverdes o que desejardes, levarei a carta, lê-la-ei e entregá-la-ei ou não, conforme o que melhor sirva os meus fins.

— Os vossos fins. E que fins são esses, Lorde Varys?

— A paz — respondeu Varys sem hesitação. — Se havia uma alma em Porto Real verdadeiramente desesperada por manter Robert Baratheon vivo, era eu. — Suspirou. — Protegi-o dos seus inimigos durante quinze anos, mas não consegui protegê-lo dos seus amigos. Que estranho ataque de loucura vos levou a dizer à rainha que tínheis sabido da verdade acerca do nascimento de Joffrey?

— A loucura da misericórdia — admitiu Ned.

— Ah — disse Varys. — Com certeza. Sois um homem honesto e honroso, Lorde Eddard. Por vezes esqueço-me disso. Conheci tão poucos ao longo da vida. — Lançou uma olhadela pela cela. — Quando vejo o que a honestidade e a honra vos trouxeram, compreendo porquê.

Ned Stark encostou a cabeça à húmida parede de pedra e fechou os olhos. Sentia a perna a latejar.

— O vinho do rei... interrogastes Lancel?

— Oh, decerto. Cersei deu-lhe os odres e disse-lhe que eram da colheita favorita de Robert. — O eunuco encolheu os ombros. — Um caçador vive uma vida perigosa. Se o javali não tivesse acabado com Robert, teria sido uma queda do cavalo, a mordedura de uma víbora da madeira, uma seta perdida... a floresta é o matadouro dos deuses. Não foi o vinho que matou o rei. Foi a vossa *misericórdia*.

Era o que Ned temia.

— Que os deuses me perdoem.

— Se os deuses existirem — disse Varys —, suponho que o farão. Em qualquer caso, a rainha não teria esperado muito tempo. Robert estava a tornar-se incontrolável, e ela precisava de se ver livre dele para libertar as mãos para lidar com os irmãos dele. São um par e peras, o Stannis e o Renly. A manopla de ferro e a luva de seda. — Limpou a boca com as costas da mão. — Fostes tonto, senhor. Devíeis ter escutado o Mindinho quando vos incentivou a apoiar a sucessão de Joffrey.

— Como... como podeis saber disso?

Varys sorriu.

— Sei, e é tudo o que precisais de saber. Também sei que de manhã a rainha virá visitar-vos.

Lentamente, Ned ergueu os olhos.

— Porquê?

— Cersei teme-vos, senhor... mas tem outros inimigos que ainda teme mais. O seu querido Jaime está a lutar contra os senhores do rio neste preciso momento. Lysa Arryn mantém-se no Ninho de Águia, rodeada de pedra e aço, e não há qualquer amor entre ela e a rainha. Em Dorne, os Martell ainda alimentam ressentimentos acerca do assassinio da Princesa Elia e dos seus bebés. E agora o vosso filho marcha pelo Gargalo com uma hoste de nortenhos atrás.

— Robb é só um rapaz — disse Ned, horrorizado.

— Um rapaz com um exército — disse Varys. — Mas apenas um rapaz, como dizeis. Os irmãos do rei são quem causa a Cersei noites sem dormir... particularmente o Lorde Stannis. A sua pretensão é a verdadeira, é conhecido pelo seu valor como comandante de batalha, e é completamente desprovido de misericórdia. Não há na terra criatura que seja, nem de longe, tão aterradora como um homem verdadeiramente justo. Ninguém sabe o que Stannis tem andado a fazer em Pedra do Dragão, mas apostaria convosco que reuniu mais espadas do que conchas. Eis o pesadelo de Cersei: enquanto o pai e o irmão gastam o seu poderio a dar batalha aos Stark e aos Tully, o Lorde Stannis desembarca, proclama-se rei, e arranca a cabeça loura e encaracolada do filho... e junta a dela ao negócio, embora eu realmente creia que se preocupa mais com o filho.

— Stannis Baratheon é o verdadeiro herdeiro de Robert — disse Ned. — O trono é dele por direito. Eu veria com agrado a sua coroação.

Varys soltou um estalido com a língua.

— Cersei não querará ouvir isso, garanto-vos. Stannis poderá conquistar o trono, mas só restará a vossa cabeça podre para lhe dar as boas-vindas, a menos que tenhais cuidado com essa vossa língua. Sansa suplicou tão docemente que seria uma pena que deitásseis tudo a perder. Está a ser-vos devolvida a vida, se a quiserdes. Cersei não é estúpida. Sabe que um lobo domado é mais útil do que um morto.

— Quereis que *sirva* a mulher que assassinou o meu rei, massacrrou os meus homens e fez do meu filho um aleijado? — A voz de Ned estava carregada de incredulidade.

— Quero que sirvais o reino — disse Varys. — Dizei à rainha que confessareis a vossa vil traição, ordenai a vosso filho que pouse a espada e proclamai Joffrey como o herdeiro verdadeiro. Proponde denunciar Stannis e

Renly como usurpadores sem fé. A nossa leoa de olhos verdes sabe que sois um homem de honra. Se lhe derdes a paz de que precisa e o tempo para lidar com Stannis e se jurardes levar o seu segredo para a tumba, creio que permitirá que vistais o negro e vivaís o resto dos vossos dias na Muralha, com o vosso irmão e aquele vosso filho ilegítimo.

Pensar em Jon encheu Ned com um sentimento de vergonha, e uma mágoa demasiado profunda para ser expressa em palavras. Se ao menos pudesse voltar a ver o rapaz, sentar-se e falar com ele... uma dor atacou-lhe a perna partida, sob o imundo gesso cinzento que a cobria. Estremeceu, abrindo e fechando os dedos, impotente.

— Este plano é vosso — arquejou para Varys — ou estais aliado ao Mindinho?

Aquilo pareceu divertir o eunuco.

— Mais depressa me casaria com a Cabra Negra de Qohor. O Mindinho é o segundo homem mais traiçoeiro dos Sete Reinos. Oh, alimento-o com sussurros escolhidos, o suficiente para que ele *pense* que estou do seu lado... tal como permito que Cersei pense que estou do seu.

— E tal como me deixastes acreditar que estáveis do meu. Dizei-me, Lorde Varys, quem servis realmente?

Varys fez um fino sorriso.

— Ora, o reino, meu bom senhor, como pudestes duvidar de tal? Juro pelo meu membro viril perdido. Sirvo o reino, e o reino precisa de paz. — Bebeu o último gole de vinho e atirou o odre vazio para o lado. — Então qual é a vossa resposta, Lorde Eddard? Dai-me a vossa palavra de que direis à rainha aquilo que ela quer ouvir quando vier de visita.

— Se o fizesse, a minha palavra seria tão oca como uma armadura vazia. A minha vida não me é assim tão preciosa.

— É pena. — O eunuco pôs-se em pé. — E a vida da vossa filha, senhor? Quão preciosa é?

Uma agulha de gelo perfurou o coração de Ned.

— A minha filha...

— Decerto não pensáveis que me esquecera da vossa doce inocente, senhor? A rainha com toda a certeza não o fez.

— Não — suplicou Ned, com a voz a quebrar. — Varys, que os deuses tenham misericórdia, fazei o que quiserdes comigo, mas deixai a minha filha fora das vossas intrigas. Sansa não é mais do que uma criança.

— Rhaenys também era uma criança. Filho do Príncipe Rhaegar. Uma coisinha preciosa, mais nova que as vossas meninas. Tinha um pequeno gatinho negro a quem chamara Balerion, sabéis? Sempre senti curiosidade em saber o que lhe teria acontecido. Rhaenys gostava de fingir que ele era o

verdadeiro Balerion, o Terror Negro de outrora, mas imagino que os Lannister lhe tenham ensinado rapidamente a diferença entre um gatinho e um dragão no dia em que lhe rebentaram a porta. — Varys soltou um longo suspiro cansado, o suspiro de um homem que transportava toda a tristeza do mundo num saco sobre os ombros. — O Alto Septão disse-me uma vez que à medida que vamos pecando, assim sofremos. Se isso fosse verdade, Lorde Eddard, dissei-me... porque são sempre os inocentes a sofrer mais, quando vós, os grandes senhores, jogais o vosso jogo dos tronos? Reflecti sobre isso, se quiserdes, enquanto esperais a rainha. E guardai também um pensamento para isto: o visitante seguinte poderá trazer-vos pão e queijo e o leite da papoila para as vossas dores... ou a cabeça de Sansa.

“A escolha, meu caro senhor Mão, é *inteiramente* vossa.

Enquanto a hoste marchava pelo talude através dos pântanos negros do Gargalo e se derramava nos terrenos fluviais que se estendiam para lá dele, as apreensões de Catelyn cresciam. Ela mascarava os seus medos com uma cara que mantinha imóvel e severa, mas estavam lá na mesma, crescendo a cada légua de caminho. Os seus dias eram ansiosos, as noites inquietas, e cada corvo que voava sobre a sua cabeça fazia-a cerrar os dentes.

Temia pelo senhor seu pai, e interrogava-se acerca do seu silêncio de mau agouro. Temia pelo irmão Edmure, e rezava para que os deuses olhassem por ele se tivesse de enfrentar o Regicida em batalha. Temia por Ned e pelas raparigas, e pelos queridos filhos que deixara em Winterfell. E no entanto, nada havia que pudesse fazer por qualquer deles, e por isso forçava-se a pôr de lado aqueles pensamentos. *Tens de guardar as forças para Robb*, dizia a si própria. *Ele é o único que podes ajudar. Tens de ser tão feroz e dura como o Norte, Catelyn Tully. Tens de ser agora uma Stark de verdade, como o teu filho.*

Robb cavalgava à cabeça da coluna, sob a esvoaçante bandeira branca de Winterfell. Pedia todos os dias que um dos seus senhores se lhe juntasse, para que pudessem conferenciar enquanto marchavam; honrava cada homem de sua vez, sem mostrar favoritismos, escutando como o senhor seu pai escutara, pesando as palavras de um contra as de outro. *Ele aprendeu tanto com Ned*, pensou ela enquanto o observava, *mas terá aprendido o suficiente?*

O Peixe Negro levava cem homens com piques e cem cavalos rápidos e corraera em frente para ocultar os movimentos do exército e bater o terreno. Os relatórios que os mensageiros de Sor Brynden traziam não a sossegavam. A hoste de Lorde Tywin estava ainda a muitos dias para sul... mas Walder Frey, Senhor da Travessia, reunira uma força de quase quatro mil homens nos seus castelos debruçados sobre o Ramo Verde.

— De novo atrasado — murmurou Catelyn quando ouviu a notícia. Era a repetição do Tridente, maldito fosse o homem. O irmão Edmure chamara os vassalos; pelo direito, Lorde Frey devia ter partido para se juntar à hoste Tully em Correrrio, e no entanto aqui estava ele.

— Quatro mil homens — repetiu Robb, mais perplexo do que zangado. — O Lorde Frey não pode esperar combater sozinho os Lannister. Decerto tenciona juntar o seu poder ao nosso.

— Será? — perguntou Catelyn. Cavalgara em frente para se juntar a Robb e a Robett Glover, o seu companheiro do dia. A vanguarda espalhava-se

atrás deles, uma floresta lenta de piques, estandartes e lanças. — Tenho as minhas dúvidas. Não esperes nada de Walder Frey, e nunca serás surpreendido.

— Ele é vassalo do vosso pai.

— Alguns homens encaram os seus votos com mais seriedade do que outros, Robb. E Lorde Walder sempre se mostrou mais amigável para com o Rochedo Casterly do que o meu pai teria gostado. Um dos seus filhos está casado com a irmã de Tywin Lannister. É verdade que isso pouco significa por si só. Lorde Walder gerou ao longo dos anos um grande número de filhos, e eles têm de casar com alguém. Mas mesmo assim...

— Julgais que ele tenciona trair-nos pelos Lannister, senhora? — perguntou Robett Glover em voz grave.

Catelyn suspirou.

— Em boa verdade, duvido que até o Lorde Frey saiba o que tenciona o Lorde Frey fazer. Tem a cautela de um velho e a ambição de um jovem, e nunca pecou por falta de astúcia.

— Temos de ter as Gémeas, mãe — disse Robb acaloradamente. — Não há outra maneira de atravessar o rio. Bem sabeis.

— Sim. E Walder Frey também sabe, podes estar certo disso.

Naquela noite acamparam no limite sul dos pântanos, a meio caminho entre a Estrada do Rei e o rio. Foi aí que Theon Greyjoy lhes trouxe mais notícias do tio de Catelyn.

— Sor Brynden diz para vos dizer que cruzou espadas com os Lannister. Há uma dúzia de batedores que não irão apresentar-se a Lorde Tywin nos tempos mais próximos. Ou nunca mais. — Sorriu. — Sor Addam Marbrand comanda os batedores deles, e está a retirar para sul, queimando à sua passagem. Sabe onde nós estamos, mais ou menos, mas o Peixe Negro jura que não saberá quando nos dividirmos.

— A menos que o Lorde Frey lho diga — disse Catelyn em tom cortante. — Theon, quando regressares para junto do meu tio, diz-lhe que ele deve estacionar os seus melhores arqueiros em volta das Gémeas, de dia e de noite, com ordens para abater qualquer corvo que veja a deixar as ameias. Não quero aves a levar a Lorde Tywin notícias sobre os movimentos do meu filho.

— Sor Brynden já tratou disso, senhora — respondeu Theon com um sorriso pretensioso. — Mais alguns pássaros negros, e teremos os suficientes para fazer uma tarte. Guardar-vos-ei as suas penas para um chapéu.

Catelyn devia saber que Brynden Peixe Negro estaria bem adiantado em relação a ela.

— O que têm estado os Frey a fazer enquanto os Lannister queimam os seus campos e saqueiam os seus castros?

— Houve algumas lutas entre os homens de Sor Addam e os de Lorde Walder — respondeu Theon. — A menos de um dia de viagem daqui, encontrámos dois batedores Lannister a servir de alimento aos corvos onde os Frey os amarraram. Mas a maior parte das forças de Lorde Walder permanece reunida nas Gémeas.

Isso trazia o selo de Walder Frey sem a menor dúvida, pensou amargamente Catelyn; conter-se, esperar, observar, não correr riscos, a menos que seja forçado a isso.

— Se ele tem combatido os Lannister, então talvez tencione mesmo manter-se fiel aos seus votos — disse Robb.

Catelyn sentia-se menos encorajada.

— Defender as suas próprias terras é uma coisa, uma batalha aberta contra Lorde Tywin é outra bem diferente.

Robb voltou a virar-se para Theon Greyjoy.

— O Peixe Negro encontrou alguma outra maneira de atravessar o Ramo Verde?

Theon abanou a cabeça.

— O rio corre cheio e rápido. Sor Brynden diz que não pode ser atravessado a vau, não tão a norte.

— *Tenho* de ter aquela travessia! — declarou Robb, furioso. — Oh, suponho que os nossos cavalos poderão ser capazes de atravessar o rio a nado, mas não com homens vestidos de armadura sobre os dorsos. Precisáramos de construir jangadas para fazer passar o nosso aço, os elmos, as cotas de malha e as lanças, e não temos árvores para tal. *Ou* tempo. Lorde Tywin marcha para norte... — Cerrou a mão num punho.

— Lorde Frey teria de ser um louco para tentar barrar-nos o caminho — disse Theon Greyjoy com a sua habitual confiança fácil. — Temos cinco vezes mais homens. Podemos tomar as Gémeas se for preciso, Robb.

— Não seria fácil — preveniu-os Catelyn — e não seria a tempo. Enquanto montásseis o vosso cerco, Tywin Lannister traria a sua hoste e cairia sobre nós pela retaguarda.

Robb olhou-a e depois para Greyjoy, em busca de uma resposta e sem encontrar nenhuma. Por um momento pareceu ter ainda menos do que os seus quinze anos, apesar da sua cota de malha e espada e da barba que trazia no rosto.

— Que faria o senhor meu pai? — perguntou à mãe.

— Encontraria uma maneira de atravessar — disse-lhe ela. — Custasse o que custasse.

Na manhã seguinte foi o próprio Sor Brynden Tully que regressou para junto deles. Pusera de lado a armadura pesada e o elmo que usara como

Cavaleiro do Portão em favor da protecção mais ligeira do couro e da cota de malha de um batedor, mas o seu peixe de obsidiana ainda lhe segurava o manto.

O rosto do tio de Catelyn mostrava-se grave ao descer do cavalo.

— Houve uma batalha sob as muralhas de Correrrio — disse, com uma expressão sinistra na boca. — Ouvimo-lo de um batedor Lannister que capturámos. O Regicida destruiu a hoste de Edmure e pôs os senhores do Tridente em fuga.

Uma mão fria apertou o coração de Catelyn.

— E o meu irmão?

— Foi ferido e feito prisioneiro — disse Sor Brynden. — O Lorde Blackwood e os outros sobreviventes estão sob cerco no interior de Correrrio, rodeados pela hoste de Jaime.

Robb mostrou-se insatisfeito.

— Temos de atravessar este maldito rio se queremos ter alguma esperança de os socorrer a tempo.

— Isso não será fácil — preveniu o tio. — O Lorde Frey chamou todas as suas forças para o interior dos castelos e tem os portões fechados e trancados.

— Maldito seja o homem — praguejou Robb. — Se o velho tonto não cede e me deixa atravessar, não me deixa outra hipótese a não ser assaltar-lhe as muralhas. Hei-de deitar as Gémeas abaixo à volta dele, veremos se gosta disso!

— Pareces um rapaz birrento, Robb — disse Catelyn em tom cortante. — Uma criança vê um obstáculo e a primeira coisa em que pensa é em correr à sua volta ou em deitá-lo abaixo. Um senhor tem de aprender que por vezes as palavras são capazes de alcançar o que as espadas não são.

O pescoço de Robb ficou vermelho ao ouvir a reprimenda.

— Explicai-me o que quereis dizer, mãe — disse ele brandamente.

— Os Frey possuem a travessia há seiscentos anos, e desde há seiscentos anos, nunca deixaram de cobrar a sua taxa.

— Que taxa? O que é que ele *quer*?

Ela sorriu.

— É isso que temos de descobrir.

— E se eu preferir não pagar esta taxa?

— Então é melhor que retires de volta para Fosso Cailin, disponhas as tropas para enfrentar Lorde Tywin em batalha... ou arranjes umas asas. Não vejo outras hipóteses. — Catelyn esporeou o cavalo e afastou-se, deixando o filho a pesar o que dissera. Não seria bom fazê-lo sentir que a mãe lhe estava a usurpar o lugar. *Ensinaste-lhe sabedoria como lhe ensinaste valor, Ned?*, perguntou a si própria. *Ensinaste-lhe a ajoelhar-se?* Os cemitérios dos Sete

Reinos estavam cheios de homens corajosos que nunca aprenderam essa lição.

Era perto do meio-dia quando a vanguarda chegou à vista das Gémeas, onde os Senhores da Travessia tinham a sua sede.

O Ramo Verde corria ali rápido e profundo, mas os Frey tinham construído uma ponte sobre ele há muitos séculos e enriquecido com o dinheiro que os homens pagavam para atravessar. A ponte era um massivo arco de pedra lisa e cinzenta, suficientemente largo para que duas carroças passassem lado a lado; a Torre da Água erguia-se do centro da ponte, dominando quer a estrada, quer o rio com as suas seteiras, alçapões e portas levadiças. Levara aos Frey três gerações para completar a sua ponte; quando terminaram, construíram robustas fortalezas de madeira em cada extremidade para que ninguém atravessasse sem a sua autorização.

A madeira tinha há muito dado lugar à pedra. As Gémeas — dois castelos atarracados, feios e fortes, idênticos em todos os aspectos, com a ponte a uni-los em arco — guardavam a travessia há séculos. Grandes muralhas exteriores, profundos fossos e pesados portões de carvalho e ferro protegiam os caminhos, as bases da ponte erguiam-se do interior de robustas fortalezas internas, havia uma barbacã e uma porta levadiça em cada margem, e a Torre da Água defendia o arco propriamente dito.

Uma olhadela foi o suficiente para dizer a Catelyn que o castelo não seria tomado de assalto. As ameias eriçavam-se de lanças, espadas e bestas, havia um arqueiro em cada ameia e seteira, a ponte levadiça estava erguida, a porta levadiça descida, os portões fechados e trancados.

O Grande-Jon começou a praguejar assim que viu o que os esperava. Lorde Rickard Karstark olhava, carrancudo e em silêncio.

— Aquilo não pode ser assaltado, senhores — anunciou Roose Bolton.

— E tampouco podemos tomá-lo por cerco, sem um exército na margem de lá para investir contra a outra fortaleza — disse sombriamente Helman Tallhart. Do outro lado das profundas águas verdes, a gémea ocidental era como um reflexo da sua irmã do oriente. — Mesmo se dispuséssemos de tempo. Do qual, na verdade, não dispomos.

Enquanto os senhores do Norte estudavam o castelo, uma porta abriu-se, uma ponte de pranchas deslizou através do fosso e uma dúzia de cavaleiros atravessou-a a cavalo para os enfrentar, liderados por quatro dos muitos filhos de Lorde Walder. O seu estandarte exibia torres gémeas, de azul-escuro em fundo de cinzento prateado claro. Sor Stevron Frey, herdeiro de Lorde Walder, falou por eles. Todos os Frey se assemelhavam a doninhas; Sor Stevron, já com mais de sessenta anos e com netos seus, assemelhava-se a uma doninha particularmente velha e cansada, mas foi bastante bem-educado.

— O senhor meu pai enviou-me para vos saudar e perguntar quem lidera

esta poderosa hoste.

— Sou eu. — Robb esporeou o cavalo e avançou. Usava a sua armadura, com o escudo do lobo gigante de Winterfell atado à sela e Vento Cinzento caminhava a seu lado.

O velho cavaleiro olhou para o filho de Catelyn com uma leve cintilação de divertimento nos aguados olhos cinzentos, embora o seu cavalo castrado relinchasse, inquieto, e se afastasse, de lado, do lobo gigante.

— O senhor meu pai sentir-se-ia muito honrado se pudésseis partilhar a sua comida e bebida no castelo e explicar o que vos traz aqui.

Aquelas palavras caíram sobre os senhores vassalos como uma grande pedra atirada por uma catapulta. Nenhum deles aprovou a ideia. Praguejaram, discutiram e gritaram uns com os outros.

— Não deveis fazer isto, senhor — argumentou Galbart Glover com Robb. — O Lorde Walder não é de confiança.

Roose Bolton fez um aceno de concordância.

— Entrai ali sozinho e pertencer-lhe-eis. Poderá vender-vos aos Lannister, atirar-vos para uma masmorra ou cortar-vos a garganta, como quiser.

— Se quiser conversar connosco, que abra os portões e partilharemos *todos* a sua comida e bebida — declarou Sor Wendel Manderly.

— Ou que saia e converse com Robb aqui, à vista dos seus homens e dos nossos — sugeriu o irmão, Sor Wylis.

Catelyn Stark partilhava todas aquelas dúvidas, mas bastava-lhe olhar de relance para Sor Stevron para ver que não lhe agradava o que estava a ouvir. Mais algumas palavras e a hipótese estaria perdida. Tinha de agir, e depressa.

— *Eu vou* — disse em voz alta.

— Vós, senhora? — O Grande-Jon enrugou a testa.

— Mãe, tendes a certeza? — Era claro que Robb não tinha.

— Nunca tive tanta — mentiu Catelyn com leveza. — Lorde Walder é vassalo do meu pai. Conheço-o desde rapariga. Nunca me faria nenhum mal. — *A menos que visse nisso algum lucro*, acrescentou em silêncio, mas algumas verdades não podiam ser ditas, e algumas mentiras eram necessárias.

— Estou certo que o senhor meu pai ficaria feliz por falar com a Senhora Catelyn — disse Sor Stevron. — A fim de atestar as nossas boas intenções, o meu irmão, Sor Perwyn, permanecerá aqui até que ela vos seja devolvida em segurança.

— Ele será nosso hóspede de honra — disse Robb. Sor Perwyn, o mais novo dos quatro Frey do grupo, desmontou e entregou as rédeas do cavalo a um dos irmãos. — Desejo o regresso da minha mãe até ao cair da noite, Sor Stevron — prosseguiu Robb. — Não pretendo ficar aqui por muito tempo.

Sor Stevron fez um aceno polido.

— Como quiserdes, senhor. — Catelyn esporeou o cavalo e não olhou para trás. Os filhos e enviados de Lorde Walder rodearam-na.

O pai tinha dito uma vez de Walder Frey que era o único senhor dos Sete Reinos que podia tirar um exército dos calções. Quando o Senhor da Travessia recebeu Catelyn no grande salão do castelo oriental, rodeado por vinte filhos sobreviventes (menos Sor Perwyn, que teria sido o vigésimo primeiro), trinta e seis netos, dezanove bisnetos e numerosas filhas, netas, bastardos e bastardos-netos, compreendeu exactamente o que ele tinha querido dizer.

Lorde Walder tinha noventa anos, uma mirrada doninha cor-de-rosa com uma cabeça calva e manchada, demasiado artrítico para se erguer sem ajuda. A sua última esposa, uma rapariga pálida e delicada de dezasseis anos, caminhou ao lado da sua liteira quando o trouxeram para o salão. Era a oitava Senhora Frey.

— É um grande prazer voltar a ver-vos depois de tanto tempo, senhor — disse Catelyn.

O velho olhou-a de soslaio com uma expressão de suspeita.

— Ah é? Duvido. Poupai-me às vossas palavras doces, Senhora Catelyn, sou velho de mais. Porque estais aqui? Será o vosso rapaz demasiado orgulhoso para vir ele próprio apresentar-se? Que farei eu *convosco*?

Catelyn era uma rapariga da última vez que visitara as Gémeas, mas já então Lorde Frey era irascível, tinha uma língua aguçada e maneiras bruscas. A idade tinha-o tornado pior que nunca, ao que parecia. Precisaria de escolher as palavras com cuidado, e fazer os possíveis para não se ofender com as dele.

— Pai — disse Sor Stevron em tom reprovador —, atentai ao génio. A Senhora Stark está aqui a nosso convite.

— Perguntei-*te* alguma coisa? Ainda não és Lorde Frey, e não o serás até que eu morra. Pareço-te morto? Não ouvirei instruções vindas de ti.

— Isso não é maneira de falar em frente da nossa nobre convidada, pai — disse um dos filhos mais novos.

— Agora, os meus bastardos arrogam-se ao direito de me dar lições de cortesia — queixou-se o Lorde Walder. — Falarei como bem entender, malditos. Já hospedei três reis ao longo da minha vida, e rainhas também, julgas que preciso de lições de gente como tu, Ryger? A tua mãe ordenhava cabras da primeira vez que lhe dei a minha semente. — Pôs de parte o jovem corado com um movimento súbito de dedos e fez um gesto para dois dos seus outros filhos. — Danwell, Whalen, ajudem-me a sentar-me na cadeira.

Ergueram Lorde Walder da liteira e transportaram-no para o cadeirão dos Frey, uma cadeira elevada de carvalho negro, cujo espaldar estava esculpido

como duas torres ligadas por uma ponte. A jovem esposa trepou timidamente para junto dele e cobriu-lhe as pernas com uma manta. Depois de se sentar, o velho acenou para que Catelyn se aproximasse e deu-lhe um beijo na mão, seco como papel.

— Pronto — anunciou. — Agora que observei a cortesia, senhora, talvez os meus filhos me dêem a honra de calar a boca. Porque estais aqui?

— Para vos pedir para abrir os portões, senhor — respondeu polidamente Catelyn. — O meu filho e os senhores seus vassalos estão muito impacientes para atravessar o rio e prosseguir caminho.

— Para Correrrio? — Soltou um risinho abafado. — Oh, não é preciso dizer, não é preciso. Ainda não sou cego. O velho ainda consegue ler um mapa.

— Para Correrrio — confirmou Catelyn. Não via motivo para o negar. — Onde teria esperado encontrar-vos, senhor. Ainda sois vassalo do meu pai, não sois?

— *Heh* — disse o Lorde Walder, um ruído a meio caminho entre uma gargalhada e um grunhido. — Chamei as minhas espadas, pois chamei, aqui estão elas, viste-las nas muralhas. Era minha intenção marchar assim que todas as minhas forças estivessem reunidas. Bem, enviar os meus filhos. Eu já estou há muito para lá das marchas, Senhora Catelyn. — Olhou em volta em busca de confirmação e apontou para um homem alto e curvado de cinquenta anos. — Diz-lhe, Jared. Diz-lhe que eram essas as minhas intenções.

— Eram, senhora — disse Sor Jared Frey, um dos filhos da sua segunda mulher. — Pela minha honra.

— Será culpa minha que o tonto do vosso irmão tenha perdido a sua batalha antes de nos podermos pôr em marcha? — Recostou-se nas almofadas e franziu-lhe as sobancelhas, como que a desafiá-la a contestar a sua versão dos acontecimentos. — Disseram-me que o Regicida o atravessou como um machado atravessa queijo podre. Porque haveriam os meus rapazes de correr para sul para morrer? Todos aqueles que foram para sul estão de novo a correr para norte.

Catelyn teria de bom grado enfiado o lamuriento do velho num espeto para o pôr a assar numa fogueira, mas só tinha até ao cair da noite para abrir a ponte. Calmamente, disse:

— Mais uma razão para que possamos chegar a Correrrio, e depressa. Para onde podemos ir conversar, senhor?

— Estamos a conversar agora — queixou-se o Lorde Frey. A cabeça malhada e rosada dardejou em volta. — Para onde estais todos a olhar? — gritou para a família. — Saí daqui. A Senhora Stark deseja falar-me em privado. Pode ser que tenha planos para a minha fidelidade, *heh*. Ide, todos,

encontrai algo de útil para fazer. Sim, tu também, mulher. Fora, fora, *fora*. — Enquanto os filhos, netos, filhas, bastardos, sobrinhas e sobrinhos jorraram da sala, inclinou-se para perto de Catelyn e confessou: — Estão todos à espera que eu morra. O Stevron está à espera há quarenta anos, mas continuo a desapontá-lo. *Heh*. Porque haveria de morrer só para que ele seja um senhor? Pergunto-vos. Não o farei.

— Tenho toda a esperança de que sobrevivais até aos cem anos.

— *Isso irritá-los-ia, não há dúvida. Oh, não há dúvida. Bem, que quereis dizer?*

— Queremos atravessar — disse-lhe Catelyn.

— Oh, *sim*? Isso é ser directo. Porque haveria eu de deixar?

Por um momento, a ira dela relampejou.

— Se fôsseis suficientemente forte para subir a uma das vossas ameias, Lorde Frey, veríeis que o meu filho tem vinte mil homens junto das vossas muralhas.

— Serão vinte mil cadáveres frescos quando o Lorde Tywin chegar aqui — disparou o velho em resposta. — Não tenteis assustar-me, senhora. O vosso esposo está numa cela de traidor qualquer debaixo da Fortaleza Vermelha, o vosso pai está doente, pode estar a morrer, o Jaime Lannister tem o vosso irmão a ferros. Que tendes vós que eu deva temer? Aquele vosso filho? Se vos der um filho meu por cada um dos vossos, ainda terei dezoito depois dos vossos estarem todos mortos.

— Haveis prestado juramento perante o meu pai — recordou-lhe Catelyn. Ele inclinou a cabeça para um lado, sorrindo.

— Oh, *sim*, disse algumas palavras, mas também prestei juramentos à coroa, quer-me parecer. Joffrey é agora o rei, e isso faz de vós, do vosso rapaz e de todos aqueles tontos lá fora nada mais que rebeldes. Se tivesse o bom senso que os deuses deram aos peixes, ajudaria os Lannister a ferver-vos a todos.

— E porque não o fazeis? — desafiou ela.

O Lorde Walder bufou de desdém.

— Lorde Tywin, o orgulhoso e magnífico, Protector do Oeste, Mão do Rei, oh, que grande homem *esse* é, ele e o seu ouro para aqui e ouro para ali, e leões para cá e leões para acolá. Aposto convosco que se comer demasiado feijão, dá traques tal como eu dou, mas nunca o ouvireis a *admitir* tal coisa, oh, não. Que tem *ele* para ser tão empolado? Só dois filhos, e um deles é um monstrinho retorcido. Se lhe der um filho meu por cada um dos *dele*, ainda terei vinte *e meio* quando todos os dele estiverem mortos! — Soltou um cacarejo. — Se o Lorde Tywin quiser a minha ajuda, bem pode *pedi-la*.

Era tudo o que Catelyn precisava de ouvir.

— Eu estou a pedir a vossa ajuda, senhor — disse humildemente. — E o meu pai, o meu irmão, o senhor meu marido e os meus filhos pedem pela minha voz.

O Lorde Walder brandiu um dedo ossudo junto à cara dela.

— Poupai as vossas palavras doces, senhora. Palavras doces ouço eu da minha esposa. Havei-la visto? Tem dezasseis, uma florzinha, e o seu mel é só para mim. Aposto que me dá um filho antes desta altura do próximo ano. Talvez faça dele *herdeiro*, isso não irritaria os outros?

— Estou certa de que vos dará muitos filhos.

A cabeça dele oscilou para cima e para baixo.

— O senhor vosso pai não veio ao casamento. Cá para mim, é um insulto. Mesmo que esteja a morrer. Também não veio ao meu último casamento. Chama-me o Atrasado Lorde Frey, sabeis? Julgará que perdi o juízo? Que estou meio morto e a cabeça já não funciona bem? Não estou, garanto, hei-de sobreviver-lhe tal como sobrevivi ao seu pai. A vossa família sempre se cagou para mim, não o negais, não mintais, sabeis que é verdade. Há anos, fui ter com o vosso pai e sugeri um casamento entre o seu filho e a minha filha. Porque não? Tinha uma filha em mente, uma querida rapariga, só alguns anos mais velha que Edmure, mas se o vosso irmão não engrasasse com ela, tinha outras que ele podia escolher, novas, velhas, virgens, viúvas, o que quisesse. Não, o Lorde Hoster não quis ouvir falar disso. Deu-me doces palavras, desculpas, mas o que eu *queria* era ver-me livre de uma filha.

“E a vossa irmã, essa, é tão má como o pai. Foi, oh, há um ano, não mais, ainda Jon Arryn era Mão do Rei, eu fui à cidade assistir à participação dos meus filhos no torneio. Stevron e Jared estão já velhos de mais para a liça, mas Danwell e Hosteen participaram, Perwyn também e um par dos meus bastardos experimentaram o corpo a corpo. Se soubesse como me iam envergonhar, nunca me teria incomodado a fazer a viagem. Que necessidade tinha eu de cavalgar toda aquela distância para ver Hosteen ser derrubado do cavalo por aquele cachorrinho do Tyrell? Pergunto-vos. O rapaz tem metade da idade dele, chamam-lhe Sor Margarida, ou qualquer coisa do género. E Danwell foi derrubado por um cavaleiro menor! Há dias em que pergunto a mim próprio se aqueles dois são mesmo meus filhos. A minha terceira mulher era uma Crakehall, e todas as mulheres Crakehall são umas vacas. Bem, não importa, ela morreu antes do vosso nascimento, que vos interessa isto?

“Estava a falar da vossa irmã. Propus que o Senhor e a Senhora Arryn criassem dois dos meus netos na corte, e ofereci-me para criar o filho deles aqui nas Gémeas. Serão os meus netos indignos de serem vistos na corte do rei? São bons rapazes, calmos e bem-educados. Walder é filho de Merrett,

deram-lhe o nome em minha honra, e o outro... *heh*, não me lembro... pode ter sido outro Walder, que andam sempre a chamar-lhes Walder para que os favoreça, mas o pai dele... qual deles era o pai dele?" O seu rosto enrugou-se. "Bem, fosse quem fosse, o Lorde Arryn não o quis, e nem ao outro, e por isso culpo a senhora vossa irmã. Gelou como se eu tivesse sugerido vender-lhe o filho a uma trupe de saltimbancos ou fazer dele um eunuco, e quando o Lorde Arryn disse que a criança ia para Pedra do Dragão, para ser criada com Stannis Baratheon, ela saiu precipitadamente da sala sem uma palavra de desculpa e tudo o que a Mão pôde dar-me foram lamentos. De que servem lamentos? Pergunto-vos.

Catelyn franziu o sobrolho, inquieta.

— Tinha ficado com a impressão de que o filho de Lysa devia ser criado com o Lorde Tywin no Rochedo Casterly.

— Não, era o Lorde Stannis — disse Walder Frey num tom irritável. — Julgais que não distingo o Lorde Stannis do Lorde Tywin? São os dois uns batoques que se acham demasiado nobres para cagar, mas deixai isso, eu sei ver a diferença. Ou será que me julgais velho de mais para me lembrar? Tenho noventa anos e lembro-me muito bem. E também me lembro do que se faz com uma mulher. Aquela minha esposa há-de dar-me um filho antes do ano que vem por esta altura, aposto. Ou uma filha, que isso não se pode controlar. Rapaz ou rapariga, há-de ser vermelho, encarquilhado e aos berros, e o mais certo é que lhe queira chamar Walder ou Walda.

Catelyn não se importava com o que a Senhora Frey pudesse querer chamar ao filho.

— Jon Arryn ia criar o filho com Lorde Stannis, tendes a certeza disso?

— Sim, sim, sim — disse o velho. — Só que morreu, portanto que importa? Dizeis que quereis atravessar o rio?

— Quero.

— Pois bem, não podeis! — anunciou Lorde Walder vivamente. — A menos que eu deixe, e porque haveria de deixar? Os Tully e os Stark nunca foram meus amigos. — Recostou-se na cadeira e cruzou os braços, com um sorriso afectado, à espera da resposta dela.

O resto foi só regateio.

Um Sol vermelho e inchado pendia, baixo, sobre os montes ocidentais quando os portões do castelo se abriram. A ponte levadiça foi descida, guinchando, a porta levadiça ergueu-se, e a Senhora Catelyn Stark avançou para se ir juntar ao filho e aos senhores seus vassalos. Atrás dela vinham Sor Jared Frey, Sor Hosteen Frey, Sor Danwell Frey, e o filho bastardo de Lorde Walder, Ronel Rivers, à frente de uma longa coluna de piqueiros, fileira atrás de fileira de homens a arrastar os pés com cotas de malha de aço azul e

mantos cinzentos prateados.

Robb avançou a galope ao seu encontro, com Vento Cinzento a correr ao lado do seu garanhão.

— Está feito — disse-lhe Catelyn. — O Lorde Walder deixa-te passar. As suas espadas são também tuas, excepto quatrocentas que tenciona deixar ficar para defender as Gémeas. Sugiro que deixes cá quatrocentos dos teus homens, uma força mista de arqueiros e espadachins. Ele dificilmente pode levantar objecções a uma oferta para aumentar a sua guarnição... mas assegura-te de dar o comando a um homem em quem possas confiar. O Lorde Walder pode precisar de ajuda para manter a fé.

— Será como dizeis, mãe — respondeu Robb, olhando pasmado para as fileiras de piqueiros. — Talvez... Sor Helman Tallhart, que vos parece?

— Uma boa escolha.

— Que... que quis ele de nós?

— Se puderes dispensar alguns dos teus soldados, preciso de alguns homens para escoltar dois dos netos de Lorde Frey para norte até Winterfell — disse-lhe ela. — Concordei em recebê-los como protegidos. São novos, com oito e sete anos. Parece que ambos se chamam Walder. Julgo que o teu irmão Bran acolherá bem a companhia de rapazes próximos da idade dele.

— É tudo? Dois protegidos? Isso é preço bastante pequeno por...

— O filho de Lorde Frey, Olyvar, virá connosco — prosseguiu ela. — Deverá servir como teu escudeiro pessoal. O pai quer vê-lo feito cavaleiro, a seu tempo.

— Um escudeiro. — Encolheu os ombros. — Certo, está bem, se ele...

— Além disso, se a tua irmã Arya regressar em segurança para junto de nós, está acordado que casará com o filho mais novo de Lorde Walder, Elmar, quando ambos tiverem idade.

Robb pareceu embaraçado.

— A Arya não vai gostar nem um bocadinho disso.

— E tu deverás casar com uma das filhas dele, quando a luta terminar — terminou Catelyn. — Sua senhoria consentiu amavelmente em deixar-te escolher a rapariga que preferires. Tem uma quantidade delas que julga serem adequadas.

Para seu crédito, Robb não vacilou.

— Estou a ver.

— Consentes?

— Posso recusar?

— Se quiseses atravessar, não.

— Consinto — disse solenemente Robb. Nunca lhe parecera mais homem do que naquele momento. Rapazes podem brincar com espadas, mas era

preciso ser-se um senhor para fazer um pacto de casamento, com a consciência do que ele significava.

Atravessaram ao cair da noite enquanto um quarto de Lua flutuava sobre o rio. A dupla coluna serpenteou pelo portão da gémea oriental como uma grande serpente de aço, deslizando pelo pátio, no interior da fortaleza e através da ponte, irrompendo de novo do segundo castelo na margem ocidental.

Catelyn seguiu à cabeça da serpente, com o filho, o tio, Sor Brynden, e Sor Stevron Frey. Atrás, seguiam nove décimos da cavalaria; cavaleiros, lanceiros, cavaleiros livres e arqueiros montados. Foram precisas horas para que todos atravessassem. Mais tarde, Catelyn recordar-se-ia do barulho de incontáveis cascos na ponte levadiça, de ver o Lorde Walder Frey, na sua liteira, a vê-los passar, do brilho de olhos que espreitavam entre as tábuas dos alçapões no tecto enquanto cavalgavam através da Torre da Água.

A parte maior da hoste nortenha, piqueiros, arqueiros e grandes massas de homens de armas a pé, permaneceu na margem oriental sob o comando de Roose Bolton. Robb ordenara-lhe que prosseguisse a marcha para sul, a fim de defrontar o enorme exército Lannister que vinha para norte sob o comando de Lorde Tywin.

Para o bem ou para o mal, o seu filho lançara os dados.

— **E**stás bem, Snow? — perguntou o Lorde Mormont, franzindo o sobrolho.

“*Bem*”, grasnou o corvo. “*Bem.*”

— Estou, senhor — mentiu Jon... muito alto, como se isso pudesse transformar a mentira em verdade. — E vós?

Mormont franziu a testa.

— Um morto tentou matar-me. Como podia estar bem? — Coçou-se por baixo do queixo. A sua hirsuta barba cinzenta tinha sido chamuscada pelo fogo e ele cortara-a. Os curtos pêlos brancos das suas novas suças faziam-no parecer velho, pouco confiável e mal-humorado. — Não pareces estar bem. Como está a tua mão?

— Vai sarando. — Jon flectiu os dedos ligados para lhe mostrar. Tinha-se queimado mais do que julgara ao atirar as cortinas em chamas, e a mão direita estava enfaixada com seda até meio do antebraço. Na altura nada sentira; a agonia chegara mais tarde. A sua pele vermelha e fendida segregou fluido e borbulhas negras com um aspecto temível ergueram-se-lhe entre os dedos, grandes como baratas. — O Mestre diz que vou ficar com cicatrizes, mas fora isso, a mão deve ficar tão boa como era antes.

— Uma mão com cicatrizes não é nada. Na Muralha, será mais frequente que uses luvas do que não.

— É como dizeis, senhor. — Não era pensar em cicatrizes que perturbava Jon; era o resto. O Mestre Aemon dera-lhe leite da papoila, mas mesmo assim a dor fora terrível. A princípio sentira-se como se a mão ainda estivesse em chamas, ardendo de dia e de noite. Só mergulhá-la em bacias de neve e gelo moído lhe dava algum alívio. Jon estava agradecido aos deuses por ninguém, além do Fantasma, o ter visto a contorcer-se na cama, choramingando de dor. E quando por fim dormiu, sonhou, e isso foi ainda pior. No sonho, o cadáver com que lutara tinha olhos azuis, mãos negras, e o rosto do pai, mas não se atrevia a contar *isso* a Mormont.

— Dywen e Hake regressaram ontem à noite — disse o Velho Urso. — Não encontraram sinal algum do teu tio, tal como os outros.

— Eu sei. — Jon arrastara-se até à sala comum para jantar com os amigos, e o falhanço na busca dos patrulheiros fora o único tema das conversas.

— Tu sabes — resmungou Mormont. — Como é que toda a gente sabe de tudo por aqui? — Não parecia esperar uma resposta. — Parece que havia só

dois... duas dessas *criaturas*, fossem elas o que fossem, não lhes chamarei homens. E devemos dar graças aos deuses. Mais e... bom, não vale a pena pensar nisso. Mas vai haver mais. Posso senti-lo nestes meus velhos ossos, e o Mestre Aemon concorda. Os ventos frios estão a erguer-se. O Verão está no fim, e está a chegar um Inverno como o mundo nunca viu.

O Inverno está a chegar. As palavras dos Stark nunca tinham soado a Jon tão sombrias e de mau agouro como agora.

— Senhor — perguntou, hesitante —, diz-se que chegou uma ave ontem à noite...

— Chegou. Porquê?

— Tinha esperança que trouxesse alguma notícia do meu pai.

“*Pai*”, escarneceu o velho corvo, inclinando a cabeça enquanto se passeava pelos ombros de Mormont. “*Pai*.”

O Senhor Comandante levantou a mão para lhe fechar o bico, mas o corvo saltou para cima da sua cabeça, sacudiu as asas e voou através do aposento para se ir empoleirar por cima de uma janela.

— Dor e ruído — resmungou Mormont. — É só para o que servem, os corvos. Porque aguento eu aquele pestilento pássaro... se houvesse notícias de Lorde Eddard, não te parece que te teria mandado chamar? Bastardo ou não, pertences ao seu sangue. A mensagem dizia respeito a Sor Barristan Selmy. Parece que foi destituído da Guarda Real. Deram o seu lugar àquele cão negro Clegane, e agora Selmy é procurado por traição. Os tontos mandaram um grupo de vigias para o capturar, mas ele matou dois e escapou. — Mormont bufou, não deixando lugar a dúvidas acerca do que pensava de homens que mandavam guardas de mantos dourados contra um cavaleiro de tanto renome como Barristan, o Ousado. — Temos sombras brancas na floresta e mortos inquietos que caminham furtivamente pelos nossos salões, e é um *rapaz* que ocupa o Trono de Ferro — disse, desgostoso.

O corvo riu estridentemente. “*Rapaz, rapaz, rapaz, rapaz.*”

Jon recordou que Sor Barristan fora a melhor esperança do Velho Urso; se caíra, que hipótese havia de que a carta de Mormont recebesse atenção? Fechou a mão num punho. A dor rompeu através dos dedos queimados.

— E as minhas irmãs?

— A mensagem não fazia qualquer menção a Lorde Eddard ou às raparigas. — Encolheu os ombros, irritado. — Talvez não tenham chegado a receber a minha carta. Aemon mandou duas cópias, com as suas melhores aves, mas quem sabe? O mais provável é que Pycelle não se tenha dignado a responder. Não seria nem a primeira vez nem a última. Temo que contemos menos que nada em Porto Real. Contam-nos o que querem que saibamos, e isso é bem pouco.

E tu contas-me o que queres que eu saiba, e isso é ainda menos, pensou Jon com ressentimento. O irmão Robb convocara os vassalos e partira para sul, para a guerra, e nem uma palavra sobre isso lhe fora ventilada... excepto por Samwell Tarly, que lera a carta ao Mestre Aemon e sussurrara o conteúdo a Jon, naquela noite, em segredo, enquanto repetia que não o devia fazer. Não havia dúvida que pensavam que a guerra do irmão não lhe dizia respeito. Perturbava-o mais do que conseguia exprimir. Robb marchava e ele não. Não importava quantas vezes Jon dissesse a si próprio que o seu lugar era agora ali, com os seus novos irmãos na Muralha, sentia-se na mesma um cobarde.

“*Grão*”, gritava o corvo. “*Grão, grão.*”

— Oh, está calado — disse-lhe o Velho Urso. — Snow, daqui a quanto tempo, segundo o Mestre Aemon, terás essa mão em condições?

— Em breve — respondeu Jon.

— Óptimo. — Sobre a mesa, entre os dois, o Lorde Mormont depositou uma grande espada numa bainha de metal negro ligado com prata. — Toma. Nesse caso, estás pronto para isto.

O corvo desceu e aterrou sobre a mesa, pavoneando-se na direcção da espada, com a cabeça inclinada de um modo curioso. Jon hesitou. Não fazia nem uma vaga ideia do que aquilo significava.

— Senhor?

— O fogo derreteu a prata do copo, a guarda e o punho. Bem, que se podia esperar de couro seco e madeira velha? Mas a lâmina... seria necessário um fogo cem vezes mais quente do que aquele para danificar a lâmina. — Mormont empurrou a bainha sobre as pranchas grosseiras de carvalho. — Mande fazer o resto de novo. Toma.

“*Toma*”, repetiu o corvo num eco, arranjando as penas com o bico. “*Toma, toma*”.

Com movimentos inábeis, Jon pegou na espada. Pegou-lhe com a mão esquerda, pois a direita, envolta em ligaduras, estava ainda demasiado dorida e desajeitada. Com cuidado, puxou-a da bainha e ergueu-a até ao nível dos olhos.

O copo era um bocado de pedra clara recheado de chumbo a fim de equilibrar a longa lâmina. Fora esculpida por forma a assemelhar-se à cabeça de um lobo a rosar, com lascas de granada enfiadas nos olhos. O punho era de couro virgem, suave e negro, ainda não manchado por suor ou por sangue. A lâmina propriamente dita era uns bons quinze centímetros mais longa do que aquelas a que Jon estava habituado, adelgada por forma a poder trespassar tão bem como cortar, com três caneluras profundamente incisas no metal. Enquanto Gelo era uma verdadeira espada longa de duas mãos, esta era uma espada de mão e meia, por vezes denominada “espada bastarda”. Mas a

espada do lobo, na verdade, parecia mais leve do que as que manejara antes. Quando Jon a virou de lado, conseguiu ver as ondulações do aço escuro, onde o metal fora dobrado sobre si próprio uma e outra vez.

— Isto é aço valiriano, senhor — disse, espantado. O pai deixara-o segurar em Gelo as vezes suficientes; conhecia o aspecto e a sensação.

— É — disse-lhe o Velho Urso. — Foi a espada do meu pai, e antes do pai dele. Os Mormont usaram-na ao longo de cinco séculos. Manejei-a nos meus tempos, e transmiti-a ao meu filho quando vesti o negro.

Está a dar-me a espada do filho. Jon quase não conseguia acreditar. A lâmina tinha um equilíbrio magnífico. As arestas cintilavam levemente quando beijavam a luz.

— O vosso filho...

— O meu filho trouxe a desonra à Casa Mormont, mas pelo menos teve a elegância de deixar ficar a espada quando fugiu. A minha irmã devolveu-a à minha guarda, mas bastava-me vê-la para me recordar da desgraça de Jorah, e pu-la de lado e não voltei a pensar nela até que a encontrámos nas cinzas do meu quarto. O copo original era uma cabeça de urso, em prata, mas tão desgastada que os seus traços eram praticamente indistinguíveis. Para ti, pensei que um lobo branco seria mais adequado. Um dos nossos construtores é um escultor em pedra razoável.

Quando Jon tivera a idade de Bran, sonhara com a realização de grandes feitos, como os rapazes sonhavam sempre. Os detalhes dos seus feitos mudavam com cada sonho, mas era frequente imaginar que salvava a vida do pai. Depois, o Lorde Eddard declararia que Jon provara ser um verdadeiro Stark e colocar-lhe-ia Gelo na mão. Mesmo então soubera que aquilo não passava do delírio de uma criança; nenhum bastardo podia alguma vez esperar manejar a espada de um pai. Até a recordação o envergonhava. Que tipo de homem roubava os direitos de nascença do seu próprio irmão? *Não tenho direito a isto, pensou, tal como não tenho direito a Gelo.* Contraíu subitamente os dedos, sentindo uma palpitação de dor bem fundo sob a pele.

— Senhor, honrais-me, mas...

— Poupa-me aos teus *mas*, rapaz — interrompeu o Lorde Mormont. — Não estaria aqui se não fosses tu e aquele teu animal. Lutaste bravamente... e, mais importante, pensaste depressa. *Fogo!* Sim, raios partam. Já o devíamos saber. Devíamos ter-nos *lembrado*. A Longa Noite já chegou antes. Oh, oito mil anos é bastante tempo, com certeza... mas se a Patrulha da Noite não recorda, quem recordará?

“*Quem recordará*”, concordou o corvo falador. “*Quem recordará.*”

Na verdade, os deuses tinham atendido às preces de Jon naquela noite; o fogo pegara nas roupas do morto e consumira-o como se a carne fosse cera

para velas e os ossos madeira velha e seca. Bastava a Jon fechar os olhos para ver a coisa a cambalear no aposento privado, esbarrando contra a mobília e batendo nas chamas. Era o rosto que mais o assombrava; rodeado por uma auréola de fogo, com o cabelo em brasa como se fosse palha, a carne morta a derreter e a escorrer do crânio, revelando o brilho do osso que estava por baixo.

Qualquer que fosse a força demoníaca que animava Othor, fora expulsa pelas chamas; a coisa retorcida que tinham encontrado nas cinzas não passara de carne queimada e ossos carbonizados. Mas nos seus pesadelos voltava a enfrentá-la... e daquela vez o cadáver ardente tinha as feições de Lorde Eddard. Era a pele do pai que rebentava e enegrecia, os olhos do pai que escorriam, líquidos, pelo seu rosto como lágrimas de gelatina. Jon não compreendia porque era assim, ou o que aquilo queria dizer, mas assustava-o mais do que era capaz de exprimir.

— Uma espada é pequeno pagamento por uma vida — concluiu Mormont. — Fica com ela. Não quero ouvir mais falar disso, compreendido?

— Sim, senhor. — O couro suave cedeu sob os dedos de Jon, como se a espada já se estivesse a moldar à sua mão. Sabia que devia sentir-se honrado, e sentia, e no entanto...

Ele não é meu pai. O pensamento surgiu sem ser convidado na mente de Jon. *Lorde Eddard Stark é meu pai. Não o esquecerei, e não importa quantas espadas me ofereçam.* Mas não podia dizer a Lorde Mormont que era com a espada de outro homem que sonhava...

— Também não quero cá cortesias — disse Mormont —, por isso não me agradeças. Honra o aço com acções, não com palavras.

Jon fez um aceno com a cabeça.

— Tem nome, senhor?

— Em tempos teve. Chamava-se Garralonga.

“Garra”, gritou o corvo. “Garra.”

— Garralonga é um bom nome. — Jon experimentou um golpe. Era desastrado e sentia-se desconfortável com a mão esquerda, mas mesmo assim, o aço pareceu fluir pelo ar, como se tivesse vontade própria. — Os lobos têm garras, tal como os ursos.

O Velho Urso pareceu ficar satisfeito.

— Suponho que sim. Imagino que quererás usar isso sobre o ombro. É longa de mais para a coxa, pelo menos até que cresças um pouco mais. E precisarás de praticar os teus golpes a duas mãos. Sor Endrew pode mostrar-te alguns movimentos, quando as queimaduras sararem.

— Sor Endrew? — Jon não conhecia o nome.

— Sor Endrew Tarth, um bom homem. Vem a caminho, desde a Torre das Sombras, para assumir o cargo de mestre-de-armas. Sor Alliser Thorne partiu ontem de manhã para Atalaiaeste do Mar.

Jon baixou a espada.

— Porquê? — perguntou, estupidamente.

Mormont resfolegou.

— Porque *o mandei*, que te parece? Transporta a mão que o teu Fantasma arrancou do pulso de Jafer Flowers. Ordenei-lhe que embarcasse para Porto Real e a apresentasse a este rei rapaz. *Isso* deve chamar a atenção do jovem Joffrey, julgo eu... e Sor Alliser é um cavaleiro, bem-nascido, ungido, com velhos amigos na corte, muito mais difícil de ignorar do que uma gralha com fama de grandeza.

“*Gralha.*” Pareceu a Jon que o corvo soava vagamente indignado.

— E além disso — prosseguiu o Senhor Comandante, ignorando o protesto da ave —, coloca mil léguas entre ti e ele sem que pareça uma reprimenda. — Sacudiu um dedo na cara de Jon. — E não penses que isto quer dizer que aprovo aquele disparate na sala comum. O valor compensa um bom bocado de patetice, mas já não és um rapaz, independentemente da idade que tenhas. Isso que tens aí é uma espada de homem, e é preciso um homem para a brandir. Espero que de hoje em diante desempenhes esse papel.

— Sim, senhor — Jon voltou a enfiar a espada na bainha ligada com prata. Mesmo que não fosse a lâmina que ele teria escolhido, era de qualquer forma um presente nobre, e libertá-lo da malevolência de Alliser Thorne era mais nobre ainda.

O Velho Urso coçou o queixo.

— Tinha-me esquecido de como uma barba nova dá comichão — disse. — Bem, não há como evitá-lo. Estará essa tua mão suficientemente sã para reatares os teus deveres?

— Sim, senhor.

— Ótimo. A noite será fria, e vou querer vinho quente com especiarias. Arranja-me um jarro de tinto que não seja demasiado amargo, e não seas sovina com as especiarias. E diz a Hobb que se me voltar a enviar carneiro cozido, o mais certo é que o coza a *ele*. Aquele último quadril estava cinzento. Nem o pássaro lhe tocou. — Afagou a cabeça do corvo com o polegar, e a ave soltou um *quorc* de satisfação. — Desaparece. Tenho trabalho a fazer.

Os guardas sorriram-lhe dos seus nichos enquanto ia serpenteando pela escada do torreão abaixo, levando a espada na mão boa.

— Bom aço — disse um homem.

— Tu ganhaste isso, Snow — disse-lhe outro. Jon obrigou-se a sorrir-lhes de volta, mas não pôs o coração nos sorrisos. Sabia que devia estar contente,

mas não se sentia assim. A mão doía-lhe, e tinha na boca o sabor da ira, embora não pudesse explicar com o que estava irritado, ou porquê.

Meia dúzia dos seus amigos estava à espreita lá fora quando saiu da Torre do Rei, onde o Senhor Comandante Mormont residia agora. Tinham pendurado um alvo na porta do celeiro, para que parecessem estar a afinar a sua perícia como arqueiros, mas Jon reconhecia espreitas quando os via. Assim que surgiu, Pyp chamou:

— Então, anda cá, deixa ver.

— O quê? — perguntou Jon.

O Sapo aproximou-se de lado.

— As tuas nádegas rosadas, o que havia de ser?

— A espada — declarou Grenn. — Queremos ver a espada.

Jon varreu-os com um olhar acusador.

— Vós sabíeis.

Pyp sorriu.

— Nem todos somos tão estúpidos como o Grenn.

— Sois, pois — insistiu Grenn. — Sois mais estúpidos.

Halder encolheu os ombros como que a pedir desculpa.

— Ajudei o Pate a esculpir a pedra para o copo — disse o construtor — e o teu amigo Sam comprou as granadas em Vila Toupeira.

— Mas já sabíamos mesmo antes disso — disse Grenn. — O Rudge tem ajudado o Donal Noye na forja. Estava lá quando o Velho Urso lhe levou a lâmina queimada.

— A *espada*! — insistiu Matt. Os outros juntaram-se ao cântico. — A *espada*, a *espada*, a *espada*.

Jon desembainhou Garralonga e mostrou-a, virando-a de um lado para o outro para que a pudessem admirar. A lâmina bastarda cintilava à luz clara do dia, escura e mortífera.

— Aço valiriano — declarou solenemente, tentando soar tão satisfeito e orgulhoso como se devia sentir.

— Ouvi falar de um homem que tinha uma navalha feita de aço valiriano — declarou o Sapo. — Cortou a cabeça ao tentar fazer a barba.

Pyp fez um sorriso.

— A Patrulha da Noite tem milhares de anos de idade — disse — mas aposto que o Lorde Snow é o primeiro irmão a receber honrarias por destruir a Torre do Senhor Comandante com um incêndio.

Os outros riram, e até Jon teve de sorrir. O incêndio que iniciara não tinha, na verdade, destruído aquela formidável torre de pedra, mas fizera um bom trabalho em esventrar o interior dos dois andares superiores, onde o Velho Urso tinha os seus aposentos. Isso não parecia preocupar ninguém por

aí além, visto que também destruía o cadáver assassino de Othor.

A outra criatura, a coisa com uma mão só que em tempos fora um patrulheiro chamado Jafer Flowers, também fora destruída, quase cortada aos pedaços por uma dúzia de espadas... mas não antes de ter morto Sor Jaremy Rykker e mais quatro homens. Sor Jaremy concluía o serviço de lhe arrancar a cabeça, mas morrera na mesma quando o cadáver sem cabeça lhe tirara o punhal da bainha e lho enterrara nas entranhas. A força e a coragem não eram grande vantagem contra inimigos que não caíam porque já estavam mortos; até as armas e as armaduras davam pouca protecção.

Esse sombrio pensamento amargava o frágil humor de Jon.

— Tenho de falar com Hobb acerca do jantar do Velho Urso — anunciou bruscamente, devolvendo Garralonga à sua bainha. Os amigos tinham boas intenções, mas não compreendiam. Não era culpa deles, na verdade; não tinham tido de enfrentar Othor, não tinham visto o pálido brilho daqueles olhos mortos e azuis, não tinham sentido o frio daqueles dedos mortos e negros. Nem sabiam da luta nas terras fluviais. Como poderiam esperar compreender? Virou-lhes costas abruptamente e afastou-se a passos largos, carrancudo. Pyp chamou-o, mas Jon não lhe prestou atenção.

Depois do incêndio, tinham-no instalado de novo na sua antiga cela, na arruinada Torre de Hardin, e foi para aí que regressou. Fantasma estava adormecido, enrolado sobre si próprio junto à porta, mas ergueu a cabeça ao ouvir as botas de Jon. Os olhos vermelhos do lobo selvagem eram mais escuros que granadas e mais sábios que os homens. Jon ajoelhou, coçou-lhe a orelha e mostrou-lhe o copo da espada.

— Olha. És tu.

Fantasma farejou o seu retrato de rocha esculpida e experimentou lambê-lo. Jon sorriu.

— És tu quem merece a honra — disse ao lobo... e de súbito deu por si a lembrar-se de como o encontrara, naquele dia, na neve do fim do Verão. Afastavam-se com as outras crias, mas Jon ouvira um ruído e virara-se, e ali estava ele, com o pêlo branco quase invisível por entre o entulho. *Estava sozinho, pensou, longe do resto da ninhada. Era diferente, e por isso fora afastado.*

— Jon? — Ergueu o olhar. Samwell Tarly estava ali, a balançar nervosamente nos calcanhares. Tinha as bochechas coradas, e enrolava-se num pesado manto de peles que fazia com que parecesse estar pronto para a hibernação.

— Sam. — Jon pôs-se em pé. — Que se passa? Queres ver a espada? — Se os outros tinham sabido, sem dúvida que Sam também sabia.

O rapaz gordo abanou a cabeça.

— Em tempos fui herdeiro da lâmina do meu pai — disse ele num tom soturno. — Coração da Morte. O Lorde Randyll deixou-me pegar-lhe algumas vezes, mas sempre me assustou. Era de aço valiriano, bela mas tão aguçada que tinha medo de magoar uma das minhas irmãs. Deve ser Dickon quem a tem agora. — Esfregou mãos suadas no seu manto. — Eu... ah... o Mestre Aemon quer ver-te.

Não era altura de mudar as ligaduras. Jon franziu o sobrolho, com suspeita.

— Porquê? — quis saber. Sam pôs uma expressão infeliz. Era resposta suficiente. — Disseste-lhe, não foi? — disse Jon em tom de zanga. — Disseste-lhe que me contaste.

— Eu... ele... Jon, eu não queria... ele perguntou... ou melhor... eu acho que ele *sabia*, ele vê coisas que mais ninguém vê...

— Ele é cego — fez notar Jon energicamente, descontente. — Eu sei o caminho. — Deixou Sam ali, de pé, de boca aberta e a tremer.

Encontrou o Mestre Aemon na colónia, a alimentar os corvos. Tinha consigo Clydas, que transportava um balde de carne cortada de uma gaiola para a seguinte.

— Sam disse-me que querieis falar comigo?

O Mestre confirmou com um aceno.

— É verdade. Clydas, dá o balde ao Jon. Talvez ele tenha a bondade de me ajudar. — O irmão corcovado de olhos rosados entregou o balde a Jon e desceu precipitadamente a escada. — Atira a carne para as gaiolas — instruiu Aemon. — As aves farão o resto.

Jon passou o balde para a mão direita e enfiou a esquerda nos bocados ensanguentados. Os corvos desataram a crocitar, ruidosamente, e a voar de encontro às grades, batendo no metal com asas negras como a noite. A carne tinha sido cortada em bocados que não eram maiores que uma falange. Encheu a mão e atirou as fatias cruas para dentro da gaiola, e os grasnidos e as contendas tornaram-se mais acalorados. Voaram penas quando dois dos pássaros maiores começaram a lutar por um bocado. Com rapidez, Jon agarrou numa segunda mão-cheia e atirou-a para a gaiola.

— O corvo de Lorde Mormont gosta de fruta e milho.

— É uma ave rara — disse o Mestre. — A maioria dos corvos come grãos mas prefere carne. Torna-os fortes, e temo que apreciem o gosto do sangue. Nisso, são como os homens... e tal como os homens, nem todos os corvos são iguais.

Jon nada tinha a responder àquilo. Atirou carne, perguntando a si próprio porque teria sido chamado. Não havia dúvida de que o velho lho acabaria por dizer, a seu próprio tempo. O Mestre Aemon não era homem que se pudesse

apressar.

— Os pombos também podem ser treinados para transportar mensagens — prosseguiu o Mestre —, embora o corvo seja um voador mais forte, maior, mais ousado, muito mais inteligente, mais capaz de se defender contra falcões... mas os corvos são negros, e comem os mortos, e por isso alguns homens piedosos detestam-nos. Baelor, o Bem-Aventurado, tentou substituir todos os corvos por pombas, sabias? — O Mestre virou os seus olhos brancos para Jon, sorrindo. — A Patrulha da Noite prefere corvos.

Os dedos de Jon estavam no balde, com sangue até ao pulso.

— Dywen diz que os selvagens nos chamam gralhas — disse ele em tom incerto.

— A gralha é a prima pobre do corvo. São ambos pedintes de negro, odiados e incompreendidos.

Jon quis compreender qual era o assunto da conversa, e o motivo. Que lhe interessavam corvos e pombas? Se o velho tivesse alguma coisa a dizer-lhe, porque não podia simplesmente dizê-la?

— Jon, alguma vez perguntaste a ti próprio *porque é* que os homens da Patrulha da Noite não têm esposas nem geram filhos? — perguntou o Mestre Aemon.

Jon encolheu os ombros.

— Não. — Espalhou mais um pouco de carne. Tinha os dedos da mão esquerda escorregadios com sangue, e a direita latejava por causa do peso do balde.

— Para que não amem — respondeu o velho — pois o amor é o veneno da honra, a morte do dever.

Aquilo não soava correcto a Jon, mas nada disse. O Mestre tinha cem anos e era um grande oficial da Patrulha da Noite; não lhe competia contradizê-lo.

O idoso homem pareceu sentir-lhe as dúvidas.

— Diz-me, Jon, se chegar o dia em que o senhor teu pai tiver de escolher entre a honra por um lado e aqueles que ama pelo outro, o que fará?

Jon hesitou. Queria dizer que Lorde Eddard nunca se desonraria, nem mesmo por amor, mas dentro de si uma pequena voz zombeteira segredou: *Ele foi pai de um bastardo, onde está a honra nisso? E a tua mãe, que foi feito dos deveres dele para com ela que nem sequer lhe pronuncia o nome?*

— Faria o que estivesse certo — disse... com uma voz ressonante para compensar a hesitação. — Acontecesse o que acontecesse.

— Então o Lorde Eddard é um homem entre dez mil. A maior parte de nós não é tão forte. O que é a honra comparada com o amor de uma mulher?

O que é o dever contra sentir um filho recém-nascido nos braços... ou a memória do sorriso de um irmão? Vento e palavras. Vento e palavras. Somos apenas humanos, e os deuses moldaram-nos para o amor. Essa é a nossa grande glória e a nossa grande tragédia.

“Os homens que criaram a Patrulha da Noite sabiam que só a sua coragem defendia o reino da escuridão do Norte. Sabiam que não podiam ter as lealdades divididas que lhes enfraquecessem a determinação. Por isso juraram não ter esposas nem filhos.

“Mas tinham irmãos e irmãs. Mães que os tinham dado à luz, pais que lhes tinham dado nomes. Chegavam de uma centena de reinos conflituosos, e sabiam que os tempos podiam mudar, mas os homens não mudam. Por isso juraram também que a Patrulha da Noite não participaria nas batalhas dos reinos que guardava.

“Mantiveram o juramento. Quando Aegon assassinou o Negro Harren e lhe conquistou o reino, o irmão de Harren era Senhor Comandante na Muralha, com dez mil espadas à mão. Não se pôs em marcha. Nos dias em que os Sete Reinos *eram* sete reinos, não se passava uma geração sem que três ou quatro deles estivessem em guerra. A Patrulha não participou. Quando os ândalos atravessaram o Mar Estreito e varreram os reinos dos Primeiros Homens, os filhos dos reis caídos mantiveram-se fiéis aos seus votos e permaneceram nos seus postos. Sempre foi assim, ao longo de anos incontáveis. É esse o preço da honra.

“Um covarde pode ser tão bravo como qualquer homem quando não há nada a temer. E todos cumprimos o nosso dever, quando ele não tem um preço. Como parece fácil nessas alturas seguir o caminho da honra. Mas mais tarde ou mais cedo, na vida de todos os homens chega um dia em que *não é* fácil, um dia em que ele tem de escolher.

Alguns dos corvos ainda estavam a comer, com longos bocados fibrosos de carne a balançar dos seus bicos. Os outros pareciam observá-lo. Jon conseguia sentir o peso de todos aqueles minúsculos olhos negros.

— E este é o meu dia... é isso o que estais a dizer?

O Mestre Aemon virou a cabeça e olhou-o com aqueles alvos olhos mortos. Era como se estivesse a ver directamente no seu coração. Jon sentiu-se nu e exposto. Pegou no balde com as duas mãos e atirou o resto do conteúdo por entre as grades. Bocados de carne e sangue voaram para todo o lado, espantando os corvos. Levantaram voo, gritando como loucos. As aves mais rápidas apanharam nacos em pleno voo e engoliram-nos avidamente. Jon deixou o balde vazio tinir no chão.

O velho pousou uma mão esbranquiçada e manchada no seu ombro.

— Dói, rapaz — disse ele em voz baixa. — Oh, sim. Escolher... sempre

doeu. E sempre doerá. Eu sei.

— Vós *não* sabeis — disse Jon com amargura. — Ninguém sabe. Mesmo que eu seja seu bastardo, ele é na mesma meu *pai*...

O Meistre Aemon suspirou.

— Não ouviste nada do que te disse, Jon? Pensas que és o primeiro? — Abanou a sua cabeça antiga, um gesto de um cansaço impossível de descrever. — Três vezes acharam os deuses por bem testar os meus votos. Uma vez quando era rapaz, uma vez em plena idade adulta, e uma vez depois de envelhecer. Nessa altura, já as forças me tinham fugido, já os olhos viam mal, mas essa última escolha foi tão cruel como a primeira. Os meus corvos traziam as notícias do Sul, palavras mais escuras do que as suas asas, a ruína da minha Casa, a morte dos meus, desgraça e desolação. Que poderia eu ter feito, velho, cego e frágil? Estava tão impotente como um bebé de peito, mas magoava-me na mesma estar imóvel e esquecido enquanto abatiam o pobre neto do meu irmão, e o filho *dele*, e até as crianças pequenas...

Jon ficou chocado por ver o brilho de lágrimas nos olhos do velho.

— Quem sois? — perguntou em voz baixa, quase aterrorizado.

Um sorriso sem dentes estremeceu naqueles lábios antigos.

— Apenas um meistre da Cidadela, ligado em serviço a Castelo Negro e à Patrulha da Noite. Na minha ordem, pomos de lado os nomes das nossas Casas quando fazemos os votos e colocamos o colar. — O velho tocou a corrente de meistre que pendia solta em torno do seu pescoço estreito e descarnado. — O meu pai foi Mekar, o Primeiro de Seu Nome, e o meu irmão Aegon reinou depois dele no meu lugar. O meu avô deu-me o nome em honra do Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, que era seu tio, ou seu pai, depende da lenda em que acredites. Chamou-me Aemon...

— Aemon... *Targaryen*? — Jon quase não conseguia acreditar.

— Em tempos — disse o velho. — Em tempos. Portanto, como vês, Jon, eu *sei*... e, sabendo, não te direi *fica* ou *vai*. Tens de fazer tu essa escolha, e viver com ela o resto dos teus dias. Como eu. — A sua voz reduziu-se a um suspiro. — Como eu...

Depois da batalha, Dany levou a sua prata pelos campos de mortos. As aias e os homens do seu *khas* vinham atrás, sorrindo e brincando uns com os outros.

Cascos dothraki tinham rasgado a terra e espezinhado o centeio e as lentilhas, enquanto *arakhs* e setas semeavam uma terrível nova cultura e a regavam com sangue. Cavalos moribundos erguiam as cabeças e gritavam-lhe quando passava por eles. Homens feridos gemiam e rezavam. *Jaqqra rhan* deslocavam-se entre eles, os homens da misericórdia com os seus pesados machados, fazendo colheita das cabeças dos mortos e moribundos. Depois deles, viria um bando de rapariguinhas, a arrancar setas dos cadáveres até encher os cestos. E por fim, viriam os cães, a farejar, magros e famintos, a matilha selvagem que nunca andava muito longe do *khalasar*.

As ovelhas eram as que estavam mortas há mais tempo. Parecia haver milhares delas, negras de moscas, com setas espetadas em todas as carcaças. Dany sabia que tinham sido os homens de Khal Ogo a fazer aquilo; nenhum homem do *khalasar* de Drogo seria tão tolo que desperdiçasse setas em ovelhas quando ainda havia pastores por matar.

A vila estava em chamas, com negras colunas de fumo a rodopiar enquanto se erguiam num céu de um tom duro de azul. À sombra de muros derrubados de lama seca, cavaleiros galopavam para lá e para cá, brandindo os seus longos chicotes enquanto pastoreavam os sobreviventes para fora do entulho fumegante. As mulheres e crianças do *khalasar* de Ogo caminhavam com um orgulho taciturno, mesmo derrotadas e amarradas; eram agora escravas, mas não pareciam temer essa condição. Com o povo da vila era diferente. Dany sentia pena deles; lembrava-se do terror. Mães avançavam aos tropeções, com rostos vazios e mortos, puxando pela mão crianças soluçantes. Havia apenas um punhado de homens entre eles, aleijados, cobardes e avôs.

Sor Jorah dizia que o povo daquele país chamava a si próprio lhazarenos, mas os dothraki chamavam-lhes *haesh rakhi*, os Homens-Ovelhas. Em tempos, Dani poderia tê-los tomado por dothraki, pois possuíam a mesma pele acobreada e olhos amendoados. Agora, pareciam-lhe estranhos, atarracados e de cara achatada, com os cabelos negros cortados curtos de forma pouco natural. Eram pastores de ovelhas e comedores de vegetais, e Khal Drogo dizia que pertenciam ao sul da curva do rio. A erva do mar dothraki não se destinava a ovelhas.

Dany viu um rapaz saltar e correr para o rio. Um cavaleiro cortou-lhe o

caminho e fê-lo virar, e os outros encurralaram-no, fazendo estalar os chicotes no seu rosto, obrigando-o a correr para lá e para cá. Um galopou atrás dele, chicoteando-o nas nádegas até lhe deixar as coxas vermelhas de sangue. Outro apanhou-lhe o tornozelo com uma chicotada e fê-lo estatelar-se. Por fim, quando o rapaz já só conseguia rastejar, fartaram-se da brincadeira e enfiaram-lhe uma seta nas costas.

Encontrou Sor Jorah junto ao portão desfeito. Usava uma capa verde-escura sobre a sua cota de malha. As suas manoplas, grevas e elmo eram de aço cinzento-escuro. Os dothraki tinham-lhe chamado covarde quando pusera a armadura, mas o cavaleiro cuspira insultos de volta, os ânimos tinham-se exaltado, a espada longa colidira com o *arakh*, e o guerreiro cuja troça fora mais sonora tinha sido deixado para trás, a sangrar até à morte.

Sor Jorah ergueu o visor do seu elmo de topo achatado ao aproximar-se.

— O senhor vosso esposo espera-vos na vila.

— Drogo não se magoou?

— Alguns golpes — respondeu Sor Jorah —, nada de especial. Matou hoje dois *khals*. Primeiro Khal Ogo, e depois o filho, Fogo, que se tornou *khal* quando Ogo caiu. Os seus companheiros de sangue cortaram os sinos dos cabelos deles, e agora cada passo de Khal Drogo ressoa mais alto do que antes.

Ogo e o filho tinham partilhado o banco elevado com o senhor seu esposo no banquete de baptismo onde Viserys fora coroado, mas isso acontecera em Vaes Dothrak, à sombra da Mãe das Montanhas, onde todos os cavaleiros são irmãos e todas as querelas são postas de lado. Na erva, as coisas eram diferentes. O *khalasar* de Ogo estava a atacar a vila quando Khal Drogo o apanhou. Dany perguntava a si própria o que teriam pensado os Homens-Ovelhas quando viram pela primeira vez a poeira levantada pelos seus cavalos de cima daquelas muralhas de lama estalada. Talvez alguns, os mais novos e mais tolos, que ainda julgavam que os deuses escutavam as preces dos homens desesperados, a tivessem tomado por salvamento.

Do outro lado da estrada, uma rapariga que não era mais velha que Dany soluçou numa voz fina e frágil quando um cavaleiro a atirou para cima de uma pilha de cadáveres, de barriga para baixo, e se enterrou nela. Outros cavaleiros desmontaram para guardar a sua vez. Era aquele o tipo de salvamento que os dothraki traziam aos Homens-Ovelhas.

Sou do sangue do dragão, recordou Daenerys Targaryen a si própria enquanto virava a cara. Apertou os lábios, endureceu o coração e continuou a dirigir-se para o portão.

— A maior parte dos guerreiros de Ogo fugiu — estava a dizer Sor Jorah.

— Mesmo assim, pode haver até dez mil cativos.

Escravos, pensou Dany. Khal Drogo levá-los-ia ao longo do rio até uma das vilas da Baía dos Escravos. Quis chorar, mas disse a si própria que tinha de ser forte. *Isto é a guerra, é assim que ela é, é este o preço do Trono de Ferro.*

— Disse ao *khal* que devíamos rumar a Meereen — disse Sor Jorah. — Pagarão melhor preço do que o que obteria de uma caravana de escravos. Illyrio escreve que tiveram uma praga no ano passado, e por isso os bordéis estão a pagar o dobro por raparigas saudáveis, e o triplo por rapazes com menos de dez anos. Se suficientes crianças sobreviverem à viagem, o ouro pagar-nos-á todos os navios de que precisarmos, e contratar-nos-á os homens para os manejar.

Atrás deles, a rapariga que estava e ser violada soltou um som de quebrar o coração, um longo lamento soluçante que durava, durava, durava. A mão de Dany apertou as rédeas com força, e virou a cabeça da prata.

— Fazei-los parar — ordenou a Sor Jorah.

— *Khaleesi*? — O cavaleiro parecia perplexo.

— Ouvistes-me — disse ela. — Parai-os. — Falou ao seu *khas* nos tons duros dos dothraki. — Jhogo, Quaro, vão ajudar o Sor Jorah. Não quero violações.

Os guerreiros trocaram um olhar desconcertado.

Jorah Mormont trouxe o seu cavalo para mais perto.

— Princesa — disse —, tendes um coração gentil, mas não compreendeis. Foi sempre assim. Estes homens derramaram sangue pelo *khal*. Agora reclamam a recompensa.

Do outro lado da estrada, a rapariga ainda chorava, com a sua língua aguda e cantante, estranha aos ouvidos de Dany. O primeiro homem já se tinha despachado, e o segundo tomara-lhe o lugar.

— Ela é uma rapariga-ovelha — disse Quaro em dothraki. — Não é nada, *khaleesi*. Os cavaleiros estão a honrá-la. Os Homens-Ovelhas dormem com ovelhas, é sabido.

— É sabido — ecoou a aia Irri.

— É sabido — concordou Jhogo, escarranchado no grande garanhão cinzento que Drogo lhe oferecera. — Se os seus lamentos ofendem os vossos ouvidos, Jhogo trar-vos-á a sua língua. — Puxou do *arakh*.

— Não a quero magoada — disse Dany. — Reclamo-a. Fazei o que vos ordeno, ou Khal Drogo saberá porquê.

— *Ai, Khaleesi* — respondeu Jhogo, batendo com os calcanhares no cavalo. Quaro e os outros seguiram-no, com os sinos nos cabelos a repicar.

— Ide com eles — ordenou a Sor Jorah.

— Às vossas ordens. — O cavaleiro deitou-lhe um olhar estranho. — Sois deveras irmã do vosso irmão.

— Viserys? — Dany não compreendeu.

— Não — respondeu ele. — Rhaegar. — Afastou-se a galope.

Dany ouviu Jhogo gritar. Os violadores riram-se dele. Um homem gritou de volta. O *arakh* de Jhogo relampejou, e a cabeça do homem tombou de cima dos seus ombros. Os risos transformaram-se em pragas quando os cavaleiros levaram as mãos às armas, mas, nessa altura, Quaro, Aggo e Rakharo já lá se encontravam. Viu Aggo apontar para o lugar, do outro lado da estrada, onde ela se encontrava montada na sua prata. Os cavaleiros olharam-na com frios olhos negros. Um cuspiu. Os outros foram ter com as suas montadas, resmungando.

Enquanto isso, o homem que estava sobre a rapariga continuava a entrar e sair dela, tão concentrado no seu prazer que parecia não se dar conta do que se passava à sua volta. Sor Jorah desmontou e arrancou-o da rapariga com uma mão revestida de cota de malha. O dothraki estatelou-se na lama, saltou de faca na mão e morreu com uma seta de Aggo na garganta. Mormont puxou a rapariga da pilha de cadáveres e enrolou-a no seu manto salpicado de sangue. Levou-a até Dany.

— Que quereis que façamos com ela?

A rapariga estava a tremer, de olhos dilatados e vagos. O cabelo estava empastado de sangue.

— Doreah, trata-lhe das feridas. Não te pareces com um cavaleiro, ela talvez não te tema. O resto, comigo. — E levou a prata através do portão quebrado de madeira.

Dentro da vila era pior. Muitas das casas estavam em chamas, e os *jaqqa rhan* tinham já desempenhado o seu macabro serviço. Cadáveres sem cabeça enchiam as ruelas estreitas e sinuosas. Passaram por outras mulheres que estavam a ser violadas. De todas as vezes, Dany puxava as rédeas, mandava o seu *khas* pôr fim àquilo, e reclamava a vítima como escrava. Uma delas, uma mulher de quarenta anos, de corpo largo e nariz achatado, abençoou hesitantemente Dany no Idioma Comum, mas das outras obteve apenas olhares sem vida e negros. Compreendeu com tristeza que suspeitavam dela; temiam que as tivesse poupado para um destino pior.

— Não podeis reclamá-las a todas, menina — disse Sor Jorah da quarta vez que pararam, enquanto os guerreiros do seu *khas* reuniam as novas escravas atrás dela.

— Sou *khaleesi*, herdeira dos Sete Reinos, do sangue do dragão — recordou-lhe Dany. — Não vos cabe a vós dizer o que eu não posso fazer. — Do outro lado da cidade, um edifício ruiu numa grande nuvem de fogo e

fumo, e ouviu gritos distantes e os lamentos de crianças assustadas.

Encontraram Khal Drogo sentado fora de um templo quadrado sem janelas com muros espessos de lama e uma cúpula bolbosa que se assemelhava a uma imensa cebola castanha. A seu lado encontrava-se uma pilha de cabeças mais alta do que ele. Uma das setas curtas dos Homens-Ovelhas estava espetada na carne do seu antebraço, e sangue cobria o lado esquerdo do seu peito nu como um salpico de tinta. Os seus três companheiros de sangue estavam com ele.

Jhiqui ajudou Dany a desmontar; tinha-se tornado desajeitada à medida que a barriga se tornava maior e mais pesada. Ajoelhou-se perante o *khal*.

— O meu sol-e-estrelas está ferido. — O golpe de *arakh* era longo mas pouco profundo; o mamilo esquerdo desaparecera, e uma aba sangrenta de carne e pele pendia-lhe do peito como um trapo molhado.

— É arranhão, lua de vida, de *arakh* de companheiro de sangue de Khal Ogo — disse Khal Drogo no Idioma Comum. — Matar ele por isso, e Ogo também. — Virou a cabeça, com as campainhas da trança a ressoar suavemente. — É Ogo que ouves, e Fogo seu *khalakka*, que era *khal* quando o matei.

— Não há homem capaz de enfrentar o sol da minha vida — disse Dany —, o pai do garanhão que monta o mundo.

Um guerreiro montado aproximou-se e saltou da sela. Falou com Haggio, uma corrente de dothraki zangado rápida de mais para Dany compreender. O enorme companheiro de sangue deitou-lhe um olhar pesado antes de se virar para o seu *khal*.

— Este é Mago, que cavalga no *khas* de Ko Jhaqo. Diz que a *khaleesi* lhe ficou com os despojos, uma filha das ovelhas que era para ele montar.

O rosto de Khal Drogo estava parado e duro, mas os seus olhos negros estavam curiosos quando se dirigiram a Dany.

— Conta-me a verdade disto, lua da minha vida — ordenou em dothraki.

Dany contou-lhe o que fizera, na sua língua para que o *khal* a compreendesse melhor, com palavras simples e directas.

Quando terminou, a testa de Drogo estava franzida.

— São estes os costumes da guerra. Estas mulheres são agora nossas escravas, para que façamos o que quisermos delas.

— Apraz-me mantê-las a salvo — disse Dany, perguntando a si própria se se estava a atrever demasiado. — Se os teus guerreiros quiserem montar estas mulheres, que as tomem com gentileza e as mantenham como esposas. Que lhes dêem lugares no *khalasar* e que lhes façam filhos.

Qotho era sempre o mais cruel dos companheiros de sangue. Foi ele que riu.

— Será que o cavalo se reproduz com ovelhas?

Algo no tom dele lembrou-lhe Viserys. Dany virou-se para ele, zangada.

— O dragão alimenta-se quer de cavalos quer de ovelhas.

Khal Drogo sorriu.

— Vejam como ela se faz feroz! — disse. — É o meu filho dentro dela, o garanhão que monta o mundo, que a enche com o seu fogo. Monta devagar, Qotho... se a mãe não te queimar no sítio onde te sentas, o filho espezinhar-te-á na lama. E tu, Mago, recolhe a língua e encontra outra ovelha para montar. Estas pertencem à minha *khaleesi*. — Começou a estender uma mão para Daenerys, mas ao erguer o braço, Drogo fez um súbito esgar de dor e virou a cabeça.

Dany quase conseguia sentir a agonia dele. As feridas eram piores do que Sor Jorah a levava a acreditar.

— Onde estão os curandeiros? — exigiu saber. O *khalasar* tinha-os de dois tipos: mulheres estéreis e escravos eunucos. As ervanárias lidavam com poções e feitiços, os eunucos com facas, agulhas e fogo. — Porque não tratam do *khal*?

— O *khal* mandou o homem sem cabelo embora, *khaleesi* — garantiu-lhe o velho Cohollo. Dany viu que também o companheiro de sangue tinha sido ferido; um golpe profundo no ombro esquerdo.

— Há muitos guerreiros feridos — disse teimosamente Khal Drogo. — Que sejam curados primeiro. Esta seta não é mais do que a picada de uma mosca, este pequeno corte é só uma nova cicatriz de que me gabar perante o meu filho.

Dany via os músculos no seu peito, onde a pele fora arrancada. Um fio de sangue corria da seta que lhe perfurara o braço.

— Não cabe ao Khal Drogo esperar — proclamou. — Jhogo, procura esses eunucos, e trá-los cá imediatamente.

— Senhora de prata — disse uma voz de mulher atrás dela —, eu posso ajudar o Grande Cavaleiro com as suas feridas.

Dany virou a cabeça. Quem falava era uma das escravas que reclamara, a mulher pesada de nariz achatado que a abençoara.

— O *khal* não precisa de ajuda de mulheres que dormem com ovelhas — ladrou Qotho. — Aggo, corta-lhe a língua.

Aggo agarrou-lhe o cabelo e empurrou uma faca contra a garganta da mulher.

Dany ergueu uma mão.

— Não. Ela é minha. Deixem-na falar.

Os olhos de Aggo saltaram dela para Qotho. Baixou a faca.

— Não pretendo nenhum mal, ferozes cavaleiros. — A mulher falava bem dothraki. Os trajes que usava tinham em tempos sido feitos das mais leves e melhores das lãs, ricas de bordados, mas agora estavam cobertos de lama, ensanguentados e rasgados. A mulher apertou o pano esfarrapado do corpete contra os pesados seios. — Tenho alguns conhecimentos nas artes curativas.

— Quem és tu? — perguntou-lhe Dany.

— Chamam-me Mirri Maz Duur. Sou esposa de deus neste templo.

— *Maegi* — grunhiu Haggo, passando os dedos pelo *arakh*. Tinha o olhar escuro. Dany lembrava-se da palavra de uma história aterrorizadora que Jhiqui lhe contara uma noite junto à fogueira. Uma *maegi* era uma mulher que dormia com demónios e praticava a mais negra das feitiçarias, uma coisa vil, maldosa e sem alma, que vinha ter com os homens no escuro da noite e sugava a vida e a força dos seus corpos.

— Sou uma curandeira — disse Mirri Maz Duur.

— Uma curandeira de ovelhas — escarneceu Qotho. — Sangue do meu sangue, eu digo que matemos esta *maegi* e que esperemos pelos homens sem cabelo.

Dany ignorou a explosão do companheiro de sangue. Aquela mulher idosa, modesta e gorda não lhe parecia uma *maegi*.

— Onde aprendeste a tua arte, Mirri Maz Duur?

— A minha mãe foi esposa de deus antes de mim, e ensinou-me todas as canções e feitiços que mais agradam ao Grande Pastor, e como fazer os fumos sagrados e unguentos das folhas, raízes e bagas. Quando era mais nova e mais bonita, fui numa caravana a Asshai da Sombra, para estudar com os magos de lá. Chegam navios de muitas terras a Asshai, e fiquei durante muito tempo a estudar os costumes de curar de povos distantes. Uma cantora de lua de Jogos Nhais deu-me de presente as suas canções de parto, uma mulher do vosso povo cavaleiro ensinou-me as magias da erva, dos grãos e dos cavalos, e um mestre das Terras do Poente abriu um cadáver e mostrou-me todos os segredos que se escondem sob a pele.

Sor Jorah Mormont interveio.

— Um mestre?

— Chamava-se Marwyn — respondeu a mulher no Idioma Comum. — Do mar. Do outro lado do mar. As Sete Terras, disse ele. Terras do Poente. Onde os homens são de ferro e os dragões governam. Ensinou-me esta língua.

— Um mestre em Asshai — meditou Sor Jorah. — Diz-me, Esposa de Deus, que usava este Marwyn em volta do pescoço?

— Uma corrente tão apertada que quase o sufocava, Senhor de Ferro, com elos de muitos metais.

O cavaleiro olhou para Dany.

— Só um homem treinado na Cidadela de Vilavelha usa uma corrente assim — disse — e esses homens realmente sabem muito sobre curar.

— Porque havias de querer ajudar o meu *khal*?

— Todos os homens pertencem ao mesmo rebanho, ou pelo menos é isso que nos é ensinado — respondeu Mirri Maz Duur. — O Grande Pastor enviou-me para a Terra para curar as suas ovelhas, onde quer que as encontre.

Qotho deu-lhe um forte estalo.

— Não somos ovelhas, *maegi*.

— Pára com isso — disse Dany em voz zangada. — Ela é minha. Não quero que lhe façam mal.

Khal Drogo grunhiu.

— A seta tem de sair, Qotho.

— Sim, Grande Cavaleiro — respondeu Mirri Maz Duur, tocando a cara magoada. — E o vosso peito tem de ser lavado e cosido para que não ulcere.

— Trata então disso — ordenou Khal Drogo.

— Grande Cavaleiro — disse a mulher —, os meus instrumentos e poções estão dentro da casa de deus, onde os poderes curativos são mais fortes.

— Eu levo-vos, sangue do meu sangue — ofereceu-se Haggio.

Khal Drogo afastou-o com um gesto.

— Não preciso da ajuda de nenhum homem — disse, com uma voz dura e orgulhosa. Pôs-se em pé, sem ajuda, mais alto que todos os outros. Uma nova onda de sangue correu pelo seu peito, jorrando de onde o *arakh* de Ogo lhe cortara o mamilo. Dany pôs-se depressa a seu lado.

— Eu não sou um homem — sussurrou ela —, por isso podes apoiar-te em mim. — Drogo pousou uma enorme mão no seu ombro. Ela suportou algum do peso dele durante a caminhada até ao grande templo de lama. Os três companheiros de sangue seguiram-nos. Dany ordenou a Sor Jorah e aos guerreiros do seu *khas* para guardarem a entrada e para se certificarem de que ninguém incendiava o edifício enquanto estivessem lá dentro.

Passaram por uma série de átrios até ao alto aposento central, sob a cebola. Uma luz ténue vinha de janelas escondidas, lá em cima. Alguns archotes ardiam, fumarentos, em candeeiros fixos às paredes. Havia peles de ovelha espalhadas pelo chão de lama.

— Ali — disse Mirri Maz Duur, apontando para o altar, uma maciça pedra com veios azuis, esculpida com imagens de pastores e dos seus rebanhos. Khal Drogo deitou-se em cima dela. A velha mulher atirou um punhado de folhas secas para um braseiro, enchendo o aposento de um fumo

odorífero. — É melhor que esperais lá fora — disse aos outros.

— Somos sangue do seu sangue — disse Cohollo. — Esperamos aqui.

Qotho aproximou-se de Mirri Maz Duur.

— É melhor que saibas isto, mulher do Deus Ovelha. Se fizeres mal ao *khal*, sofrerás o mesmo destino. — Puxou da faca de esfolar e mostrou-lhe a lâmina.

— Ela não fará mal. — Dany sentia que podia confiar naquela velha mulher de cara simples, com o seu nariz achatado; afinal de contas, salvara-a das mãos dos violadores.

— Se tendes de ficar, então ajudai — disse Mirri aos companheiros de sangue. — O Grande Cavaleiro é demasiado forte para mim. Mantende-o quieto enquanto arranco a seta da sua carne. — Deixou os farrapos do seu vestido cair até à cintura enquanto abria um cofre esculpido, e atarefou-se com garrafas e caixas, facas e agulhas. Quando ficou pronta, partiu a ponta farpada da seta e puxou pela haste, enquanto entoava um cântico na língua cantante dos lhazarenos. Aqueceu no braseiro uma garrafa de vinho até ferver, e despejou-a sobre as feridas de Khal Drogo. Drogo amaldiçoou-a, mas não se mexeu. Ela ligou a ferida da seta com um emplastro de folhas húmidas e virou-se para o golpe no peito, untando-o com uma pasta verde-clara antes de voltar a pôr a aba de pele no lugar. O *khal* rangeu os dentes e engoliu um grito. A esposa de deus pegou numa agulha de prata e num fuso de fio de seda e começou a fechar a ferida. Quando terminou, pintou a pele com unguento vermelho, cobriu-o com mais folhas e ligou o peito com um esfarrapado bocado de couro de ovelha. — Deveis dizer as preces que vos der e manter o couro de ovelha no lugar durante dez dias e dez noites — disse. — Vai haver febre, e comichão, e uma grande cicatriz quando a ferida sarar.

Khal Drogo sentou-se, com os sinos a tilintar.

— Eu canto sobre as minhas cicatrizes, mulher-ovelha. — Flectiu o braço e franziu o sobrolho.

— Não podeis beber nem vinho nem leite da papoila — preveniu-o a mulher. — Tereis dores, mas deveis manter o corpo forte para combater os espíritos do veneno.

— Sou *khal* — disse Drogo. — Cuspo na dor, e bebo o que quiser. Cohollo, traz-me a roupa. — O homem mais velho apressou-se a sair.

— Antes — disse Dany à feia lhazarena — ouvi-te falar de canções de parto...

— Conheço todos os segredos da cama sangrenta, Senhora de Prata, e nunca perdi um bebé — respondeu Mirri Maz Duur.

— O meu tempo está próximo — disse Dany. — Quero que cuides de

mim quando chegar, se quiseres.

Khal Drogo riu-se.

— Lua da minha vida, não se pede a uma escrava, diz-se-lhe. Ela fará o que ordenares. — Saltou do altar. — Vem, meu sangue. Os garanhões chamam, este lugar é cinzas. É tempo de montar.

Haggo seguiu o *khal* para fora do templo, mas Qotho deixou-se ficar o tempo suficiente para brindar Mirri Maz Duur com um olhar duro.

— Lembra-te, *maegi*, como passar o *khal*, assim passarás tu.

— É como dizes, cavaleiro — respondeu-lhe a mulher, recolhendo os seus jarros e garrafas. — O Grande Pastor guarda o rebanho.

Numa colina com vista sobre a Estrada do Rei, uma longa mesa tosca de pinho tinha sido montada sob um ulmeiro, e coberta com um tecido dourado. Era aí, ao lado do seu pavilhão, que o Lorde Tywin tomava a refeição da noite com os mais importantes dos seus cavaleiros e senhores vassalos, com a sua grande bandeira de carmim e ouro a flutuar por cima, atada a uma majestosa lança.

Tyrion chegou tarde, dorido da cavalgada e amargo, demasiado consciente de como devia ser ridículo o seu aspecto, enquanto se bamboleava pela encosta acima para junto do pai. A marcha do dia fora longa e cansativa. Pensava que talvez se fosse embriagar bastante naquela noite. Estava-se no crepúsculo, e o ar encontrava-se vivo, cheio de pirilampos à deriva.

Os cozinheiros serviam o prato de carne: cinco leitões, com a pele ressequida e a estalar, um fruto diferente em cada boca. O cheiro trouxe-lhe água à boca.

— As minhas desculpas — começou, tomando o seu lugar no banco ao lado do tio.

— Talvez deva encarregar-te de enterrar os mortos, Tyrion — disse o Lorde Tywin. — Se te atrasares tanto na batalha como à mesa, a luta já terá terminado quando chegares.

— Oh, decerto que podeis guardar um camponês ou dois para mim, pai — respondeu Tyrion. — Demasiados não, que não pretendo ser ganancioso. — Encheu a taça de vinho e observou um criado que trinchava o leitão. A pele quebradiça estalava sob a faca, e da carne jorrou molho quente. Era a paisagem mais adorável que Tyrion vira em séculos.

— Os batedores de Sor Addam dizem que a hoste Stark se deslocou para sul das Gémeas — anunciou o pai enquanto lhe enchiam a bandeja de fatias de porco. — Os recrutados de Lorde Frey juntaram-se-lhes. Não devem estar a mais de um dia de marcha a norte da nossa posição.

— Por favor, pai — disse Tyrion. — Preparo-me para comer.

— Será que a ideia de enfrentar a hoste Stark te desencoraja, Tyrion? O teu irmão Jaime estaria ansioso para lidar com eles.

— Gostaria primeiro de lidar com aquele porco. Robb Stark não é, nem de perto, tão tenro, e nunca cheirou tão bem.

O Lorde Lefford, a ave agorenta que tinha a cargo as provisões e os

abastecimentos, inclinou-se para a frente.

— Espero que os vossos selvagens não partilhem da vossa relutância, caso contrário desperdiçámos bom aço com eles.

— Os meus selvagens darão excelente uso ao vosso aço, senhor — respondeu Tyrion. Quando dissera a Lefford que precisava de armas e armaduras para equipar os trezentos homens que Ulf tinha trazido das montanhas, dir-se-ia que lhe tinham pedido que entregasse as filhas donzelas para lhes dar prazer.

O Lorde Lefford franziu o sobrolho.

— Vi hoje o grande e cabeludo, aquele que insistiu em ficar com dois machados de batalha, os de aço negro pesado com lâminas gémeas em crescente.

— Shagga gosta de matar com ambas as mãos — disse Tyrion enquanto uma bandeja de fumegante carne de porco era depositada na sua frente.

— Ele ainda tinha aquele seu machado de cortar lenha atado às costas.

— Shagga é de opinião que três machados são melhores ainda do que dois. — Tyrion mergulhou um polegar e um indicador no prato do sal e salpicou a sua carne com uma boa pitada.

Sor Kevan inclinou-se para a frente.

— Pensámos em colocar-vos, e aos vossos selvagens, na vanguarda quando formos para a batalha.

Sor Kevan raramente “pensava” algo que Lorde Tywin não tivesse pensado antes. Tyrion espetara um bocado de carne na ponta do punhal e trouxera-o até à boca. Agora baixava-o.

— A vanguarda? — repetiu em tom incerto. Ou o senhor seu pai descobrira um novo respeito pelas capacidades de Tyrion, ou decidira ver-se livre do embaraço da sua descendência duma vez por todas. Tyrion tinha a sombria sensação de que conhecia a verdade.

— Parecem suficientemente ferozes — disse Sor Kevan.

— Ferozes? — Tyrion apercebeu-se de que estava a repetir as palavras do tio como um pássaro treinado. O pai observava, julgando-o, pesando cada palavra. — Deixai-me contar-vos como eles são ferozes. Na noite passada, um Irmão da Lua apunhalou um Corvo de Pedra por causa de uma salsicha. Portanto hoje, quando acampámos, três Corvos de Pedra apanharam o homem e abriram-lhe a garganta. Talvez esperassem recuperar a salsicha, não sei. Bronn conseguiu impedir Shagga de cortar a picha ao morto, o que foi uma sorte, mas mesmo assim Ulf exige dinheiro de sangue, que Cronn e Shagga recusam pagar.

— Quando falta disciplina aos soldados, a falha reside no senhor seu comandante — disse o pai de Tyrion.

O irmão Jaime sempre fora capaz de fazer com que os homens o seguissem alegremente, e que morressem por ele se necessário. Esse dom faltava a Tyrion. Comprava a lealdade com ouro, e forçava a obediência com o seu nome.

— Um homem *maior* seria capaz de lhes causar temor, é isso o que estais a dizer, senhor?

O Lorde Tywin Lannister virou-se para o irmão.

— Se os homens do meu filho não obedecerem às suas ordens, talvez a vanguarda não seja lugar para ele. Sem dúvida que estaria mais confortável na retaguarda, a guardar a coluna com a nossa bagagem.

— Não me façais gentilezas, pai — disse Tyrion, irritado. — Se não tendes nenhum outro comando a oferecer-me, liderarei a vossa primeira linha.

O Lorde Tywin estudou o filho anão.

— Nada disse sobre comandos. Servirás sob as ordens de Sor Gregor.

Tyrion deu uma dentada no leitão, mastigou por um momento, e depois cuspiu-o, zangado.

— Afinal parece que não tenho fome — disse, erguendo-se desajeitadamente do banco. — Com a vossa permissão, senhores.

O Lorde Tywin inclinou a cabeça, concedendo-a. Tyrion virou-se e afastou-se. Desceu a colina, bamboleando, consciente dos olhos dos homens nas suas costas. Uma grande rajada de gargalhadas ergueu-se atrás dele, mas não virou a cabeça. Que todos eles se engagassem com os seus leitões.

O crepúsculo caía, pintando de negro todos os estandartes. O acampamento Lannister estendia-se ao longo de milhas entre o rio e a Estrada do Rei. Por entre os homens, os cavalos e as árvores, era fácil perder-se, e foi o que aconteceu a Tyrion. Passou por uma dúzia de grandes pavilhões e por uma centena de fogueiras para cozinhar. Pírilampos esvoaçavam por entre as tendas como estrelas vagabundas. Detectou um cheiro a salsichas de alho, temperado e saboroso, tão tentador que lhe fez rugir o estômago vazio. Ouviu, à distância, vozes que se erguiam numa canção obscena qualquer. Uma mulher passou por ele a correr, aos risinhos, nua sob uma capa escura, com um perseguidor bêbado que tropeçava nas raízes das árvores. Mais adiante, dois lanceiros enfrentavam-se por sobre um fiozinho de água, treinando a sua estocada-e-parada à luz que se desvanecia, com os peitos nus lustrosos de suor.

Ninguém olhou para ele. Ninguém lhe falou. Ninguém lhe prestou a mínima atenção. Estava rodeado por homens que tinham prestado vassalagem à Casa Lannister, uma vasta hoste de vinte mil, e no entanto estava sozinho.

Quando ouviu o profundo estrondo do riso de Shagga a ressoar na escuridão, seguiu-o até aos Corvos de Pedra e ao pequeno canto que

ocupavam na noite. Cronn, filho de Coratt, acenou com uma caneca de cerveja.

— Tyrion Meio-Homem! Vem, senta-te junto à minha fogueira, partilha a carne com os Corvos de Pedra. Temos um boi.

— Estou a ver, Cronn, filho de Coratt. — A enorme carcaça vermelha estava suspensa sobre um fogo que rugia, enfiada num espeto do tamanho de uma pequena árvore. Sem dúvida que *era* uma pequena árvore. Sangue e gordura pingavam sobre as chamas enquanto dois Corvos de Pedra viravam a carne. — Agradeço-te. Manda-me chamar quando o boi estiver pronto. — Pelo aspecto, isso talvez acontecesse ainda antes da batalha. Continuou a andar.

Cada clã tinha a sua própria fogueira; os Orelhas Negras não comiam com os Corvos de Pedra, os Corvos de Pedra não comiam com os Irmãos da Lua, e ninguém comia com os Homens Queimados. A modesta tenda que tinha arrancado pela lisonja dos armazéns de Lorde Lefford fora erigida no centro das quatro fogueiras. Tyrion encontrou Bronn a partilhar um odre de vinho com os novos criados. O Lorde Tywin enviara-lhe um palafrenero e um criado pessoal para atender às suas necessidades, e até insistira para que aceitasse um escudeiro. Estavam sentados em torno das brasas de uma pequena fogueira. Tinham uma rapariga com eles; magra, de cabelo escuro, aparentemente com não mais de dezoito anos. Tyrion estudou-lhe o rosto por um momento, antes de ver espinhas de peixe entre as cinzas.

— Que comestes?

— Trutas, s'nhor — disse o palafrenero. — O Bronn apanhou-as.

Truta, pensou. *Leitão. Maldito seja o meu pai.* Olhou com ar fúnebre para as espinhas, com a barriga a rugir.

O escudeiro, um rapaz com o infeliz nome de Podrick Payne, engoliu o que quer que se preparava para dizer. O rapaz era um primo distante de Sor Ilyn Payne, o carrasco do rei... e era quase tão silencioso como ele, embora não por falta de uma língua. Tyrion obrigara-o a deitá-la de fora uma vez, só para ter a certeza. “É definitivamente uma língua”, dissera. “Algum dia tens de aprender a usá-la.”

De momento, não tinha paciência para tentar arrancar um pensamento ao rapaz, que suspeitava que lhe tinha sido infligido como uma partida cruel. Tyrion devolveu a atenção à rapariga.

— É ela? — perguntou a Bronn.

Ela ergueu-se num movimento gracioso e olhou para ele, da majestosa altura de metro e meio ou mais.

— É, s'nhor, e ela pode falar por si própria, se vos aprouver.

Tyrion inclinou a cabeça para um lado.

— Sou Tyrion, da Casa Lannister. Os homens chamam-me Duende.

— A minha mãe chamou-me Shae. Os homens chamam-me... com frequência.

Bronn riu-se, e Tyrion teve de sorrir.

— Para a tenda, Shae, se fizeres favor. — Ergueu a aba e manteve-a erguida para ela passar. Lá dentro, ajoelhou para acender uma vela.

A vida de soldado não era desprovida de certas compensações. Fosse onde fosse que se erguia um acampamento, era certo aparecerem seguidores. Ao fim da marcha do dia, Tyrion enviara Bronn para trás, a fim de lhe arranjar uma prostituta apropriada. “Preferia uma razoavelmente jovem, com uma cara tão bonita como consigas encontrar”, dissera. “Se se lavou em algum momento deste ano, ficarei contente. Se não, lava-a. Assegura-te de lhe dizeres quem sou, e previne-a do *que* sou.” Jyck nem sempre se incomodara em fazer aquilo. Havia um olhar que as raparigas por vezes faziam quando vislumbravam pela primeira vez o fidalgo que tinham sido contratadas para satisfazer... um olhar que Tyrion Lannister não queria ver nunca mais.

Ergueu a vela e observou-a. Bronn fizera um trabalho bastante bom; a rapariga tinha olhos de corça e era magra, com pequenos seios firmes e um sorriso que alternava entre tímido, insolente e malvado. Gostava daquilo.

— Devo tirar o vestido, s’nhor? — perguntou ela.

— A seu tempo. És donzela, Shae?

— Se isso vos agradar, s’nhor — disse ela com um ar recatado.

— O que me agradaria seria obter de ti a verdade, rapariga.

— Está bem, mas isso custar-vos-á o dobro.

Tyrion decidiu que se iam dar optimamente.

— Sou um Lannister. Tenho ouro com fartura, e vais descobrir que sou generoso... mas quero mais de ti do que aquilo que tens entre as pernas, embora também queira isso. Partilharás a minha tenda, encher-me-ás o copo de vinho, rirás dos meus gracejos, massajarás as minhas pernas doridas depois de cada dia de marcha... e quer te mantenha comigo durante um dia ou um ano, enquanto estivermos juntos, não levarás nenhum outro homem para a tua cama.

— É justo. — Ela estendeu a mão até à bainha do seu vestido de ráfia e tirou-o pela cabeça, num movimento suave, atirando-o para o lado. Por baixo, nada havia a não ser Shae. — Se não pousarmos essa vela, o s’nhor vai queimar os dedos.

Tyrion pousou a vela, tomou-lhe a mão nas suas, e puxou-a gentilmente para si. Ela dobrou-se para o beijar. A sua boca sabia a mel e a cravo-da-índia, e os seus dedos mostraram-se hábeis e cheios de prática ao encontrar as

ataduras das suas roupas.

Quando a penetrou, ela recebeu-o com sussurros afectuosos e pequenos e trémulos arquezos de prazer. Tyrion suspeitava que aquele deleite era fingido, mas ela fazia-o tão bem que não importava. Não desejava *tanta* verdade assim.

Mais tarde, deitado em silêncio com a mulher nos braços, Tyrion apercebeu-se de que precisara dela. Dela ou de alguém como ela. Passara-se já quase um ano desde que dormira com uma mulher, desde antes da sua partida para Winterfell com o irmão e o Rei Robert. Podia bem morrer no dia seguinte ou no outro, e se isso acontecesse, preferia partir para a cova pensando em Shae do que no senhor seu pai, em Lysa Arryn ou na Senhora Catelyn Stark.

Sentia a suavidade dos seios dela comprimidos contra o seu braço. Era uma sensação boa. Uma canção encheu-lhe a cabeça. Suavemente, baixinho, pôs-se a assobiar.

— Que é isso, s'nhor? — murmurou Shae contra o seu corpo.

— Nada — respondeu. — Uma canção que aprendi em rapaz, nada mais. Dorme, querida.

Quando os olhos dela se fecharam e a sua respiração se tornou profunda e regular, Tyrion deslizou de debaixo da rapariga, gentilmente, com cuidado para não lhe perturbar o sono. Nu, rastejou para fora, passou por cima do escudeiro e deu a volta à tenda a fim de verter águas.

Bronn estava sentado de pernas cruzadas por baixo de um castanheiro, perto do sítio onde tinham os cavalos presos. Amolava o gume da espada, bem acordado; o mercenário não parecia dormir como os outros homens.

— Onde a encontraste? — perguntou-lhe Tyrion enquanto urinava.

— Tirei-a a um cavaleiro. O homem estava relutante em desistir dela, mas o teu nome mudou-lhe um pouco a maneira de pensar... isso e o meu punhal na sua garganta.

— Magnífico — disse secamente Tyrion, sacudindo as últimas gotas. — Acho que me lembro de te ter dito *encontra-me uma prostituta*, e não *faz-me um inimigo*.

— As bonitas estavam todas tomadas — disse Bronn. — De bom grado a levarei de volta, se preferires uma porca desdentada.

Tyrion coxeou até perto do mercenário.

— O senhor meu pai chamaria a isso insolência, e mandar-te-ia para as minas por impertinência.

— Ainda bem para mim que não és o teu pai — respondeu Bronn. — Vi uma com o nariz cheio de furúnculos. Queres essa?

— O quê, e quebrar-te o coração? — atirou Tyrion de volta. — Vou ficar com a Shae. Por acaso terás reparado no *nome* desse cavaleiro a quem a roubaste? Preferia não o ter a meu lado na batalha.

Bronn ergueu-se, rápido e gracioso como um gato, fazendo girar a espada na mão.

— Ter-me-ás a mim a teu lado na batalha, então.

Tyrion fez um aceno. Sentia o ar da noite tépido na pele nua.

— Certifica-te de que eu sobrevivo a esta batalha, e poderás escolher a recompensa que desejares.

Bronn atirou a espada da mão direita para a esquerda e experimentou um golpe.

— Quem queria matar alguém como tu?

— O senhor meu pai, para começar. Pôs-me na vanguarda.

— Eu faria o mesmo. Um homem pequeno com um grande escudo. Vais causar ataques de fúria aos arqueiros.

— Acho-te estranhamente alegre — disse Tyrion. — Devo estar louco.

Bronn embainhou a espada.

— Sem qualquer dúvida.

Quando Tyrion regressou à tenda, Shae rolou sobre o cotovelo e murmurou em voz ensonada:

— Acordei e o s'nhor não estava cá.

— O s'nhor agora está cá. — Deitou-se a seu lado.

A mão dela enfiou-se entre as suas pernas enfezadas, e encontrou-o duro.

— Pois está — sussurrou, afagando-o.

Tyrion perguntou-lhe pelo homem de quem Bronn a tirara, e ela disse o nome de um servidor de um fidalgo insignificante.

— Não precisais de temer homens como ele s'nhor — disse a rapariga, com os dedos atarefados na sua picha. — É um homem pequeno.

— Então e eu, que sou? — perguntou-lhe Tyrion. — Um gigante?

— Oh, sim — ronronou ela —, o meu gigante de Lannister. — Então montou-o, e durante algum tempo quase conseguiu fazer com que ele acreditasse. Tyrion adormeceu a sorrir...

... e acordou na escuridão com o toque das trombetas. Shae abanava-lhe o ombro.

— S'nhor — sussurrou. — Acordai, s'nhor. Estou assustada.

Grogue, sentou-se e atirou o cobertor para o lado. As trombetas chamavam na noite, tempestuosas e urgentes, um grito que dizia *rápido rápido rápido rápido*. Ouviu gritos, o tinir de lanças, o relinchar de cavalos, embora

ainda nada que lhe falasse de luta.

— As trombetas do senhor meu pai — disse. — Toque de batalha. Pensava que o Stark ainda estava a um dia de marcha.

Shae abanou a cabeça, sem compreender. Os seus olhos estavam muito abertos e brancos.

Gemendo, Tyrion pôs-se em pé e abriu caminho para fora da tenda, gritando pelo escudeiro. Farrapos de pálido nevoeiro moviam-se à deriva pela noite, longos dedos brancos que saíam do rio. Homens e cavalos atravessavam aos tropeções o frio da madrugada; selas eram apertadas, carroças eram carregadas, fogueiras eram extintas. As trombetas tocaram de novo: *rápido rápido rápido*. Cavaleiros saltavam para cima de corcéis que resfolegavam, e homens de armas afivelavam os cintos das suas espadas enquanto corriam. Quando encontrou Pod, o rapaz ressonava suavemente. Tyrion deu-lhe um bom pontapé nas costelas.

— A minha armadura — disse — e mexe-te depressa. — Bronn saiu da névoa a trote, já armado e montado, com o seu meio-elmo amolgado na cabeça. — Sabes o que aconteceu? — perguntou-lhe Tyrion.

— O rapaz Stark roubou-nos uma marcha — disse Bronn. — Esgueirou-se ao longo da Estrada do Rei durante a noite, e agora a sua hoste está a menos de uma milha a norte daqui, em formação de batalha.

Rápido, gritaram as trombetas, *rápido rápido rápido*.

— Certifica-te de que os homens dos clãs estão prontos a partir. — Tyrion voltou a enfiar-se na tenda. — Onde está a minha roupa? — ladrrou para Shae. — Ali. Não, o couro, raios partam. Sim. Traz-me as botas.

Quando acabou de se vestir, o escudeiro tinha-lhe preparado a armadura, ou o que passava por tal coisa. Tyrion era dono de uma boa armadura de placa pesada, habilmente manufacturada para se ajustar ao seu corpo deformado. Infelizmente, estava em segurança em Rochedo Casterly, e ele não. Tinha de se arranjar com peças avulsas encontradas nas carroças do Lorde Lefford: lorigão e coifa de cota de malha, o gorjal de um cavaleiro morto, grevas e manoplas articuladas e botas pontiagudas de aço. Algumas das peças eram ornamentadas, outras eram simples; nada condizia ou se ajustava como devia. A placa de peito destinava-se a um homem mais alto; para a sua cabeça grande de mais tinham encontrado um enorme elmo em forma de balde culminado por um espigão triangular com trinta centímetros de comprimento.

Shae ajudou Pod a lidar com as fivelas e as abraçadeiras.

— Se eu morrer, chora por mim — disse Tyrion à prostituta.

— Como saberias? Estarias morto.

— Saberá.

— Acredito que sim. — Shae baixou o elmo sobre a sua cabeça, e Pod

atou-o ao gorjal. Tyrion afivelou o cinto, pesado sob o peso da espada curta e do punhal. Quando terminou, o palafrenero já lhe trouxera a montada, um formidável corcel negro com uma armadura tão pesada como a sua. Precisou de ajuda para montar; sentia-se como se pesasse uma tonelada. Pod entregou-lhe o escudo, uma maciça prancha de pesado pau-ferro com tiras de aço. Por fim, entregara-lhe o machado de batalha. Shae deu um passo para trás e admirou-o.

— O s'nhor parece temível.

— O s'nhor parece um anão numa armadura desemparelhada — respondeu amargamente Tyrion — mas agradeço-te a bondade. Podrick, se a batalha nos correr mal, leva a senhora em segurança para casa. — Saudou-a com o machado, fez o cavalo dar meia volta, e afastou-se a trote. Tinha o estômago transformado num duro nó, tão apertado que doía. Atrás dele, os criados começaram a desmontar a tenda à pressa. Pálidos dedos carmesim espalharam-se pelo leste quando os primeiros raios de Sol surgiram no horizonte. O céu ocidental estava de um profundo tom de púrpura, salpicado de estrelas. Tyrion perguntou a si próprio se aquele seria o último nascer do Sol que alguma vez veria... e se essa dúvida era sinal de cobardia. O seu irmão Jaime alguma vez contemplaria a morte antes de uma batalha?

Uma trompa de guerra soou à distância, uma profunda nota fúnebre que gelava a alma. Os homens dos clãs treparam para cima dos seus ossudos cavalos de montanha, berrando pragas e rudes piadas. Vários pareciam estar bêbados. Quando Tyrion deu sinal de partida, o sol nascente queimava as últimas gavinhas de nevoeiro. A erva que os cavalos tinham deixado estava carregada de orvalho, como se algum deus de passagem tivesse espalhado um saco de diamantes pela terra. Os homens das montanhas alinharam-se atrás dele, com cada clã enfileirado após os seus líderes.

À luz da alvorada, o exército do Lorde Tywin Lannister desdobrou-se como uma rosa de ferro, com os espinhos a cintilar.

O tio de Tyrion liderava o centro. Sor Kevan erguera os seus estandartes acima da Estrada do Rei. Com aljavas a pender dos cintos, os arqueiros apeados dispuseram-se em três longas linhas, para leste e para oeste da estrada, e ali estavam calmamente a encordoar os arcos. Entre eles, piqueiros formavam quadrados; atrás estava fileira após fileira de homens de armas com lanças, espadas e machados. Trezentos cavalos pesados rodeavam Sor Kevan e os senhores vassalos Lefford, Lydden e Serrett com todos os seus subordinados.

A ala direita era toda de cavalaria, cerca de quatro mil homens, pesados sob o peso das suas armaduras. Estavam aí mais de três quartos dos cavaleiros, agrupados como um grande punho revestido de aço. Sor Addam

Marbrand tinha o comando. Tyrion viu o seu estandarte a desenrolar-se quando o seu porta-estandartes o sacudiu; uma árvore a arder, de laranja e fumo. Atrás dele esvoaçava o unicórnio púrpura de Sor Flement, o javali malhado de Crakehall, o galo anão dos Swyft, e outros.

O senhor seu pai tomou posição na colina onde dormira. Em seu redor reunia-se a reserva; uma força enorme, metade montada, metade a pé, de cinco mil homens. O Lorde Tywin escolhia quase sempre comandar a reserva; ocupava o terreno elevado e observava o desenrolar da batalha aos seus pés, enviando as suas forças quando e para onde eram mais necessárias.

Mesmo visto de longe, o senhor seu pai era resplandecente. A armadura de batalha de Tywin Lannister envergonhava a armadura dourada do filho Jaime. A sua grande capa tinha sido tecida de incontáveis camadas de pano de ouro, era tão pesada que quase não se agitava, mesmo quando ele carregava, e tão grande que as pregas cobriam a maior parte dos quartos traseiros do garanhão quando se sentava sobre a sela. Nenhuma abraçadeira comum seria suficiente para tanto peso, e a capa era mantida no lugar por um par idêntico de leoas em miniatura, acoradas sobre os seus ombros, como que em posição de ataque. O companheiro das leoas, um macho com uma magnífica juba, reclinava-se no topo do elmo de Lorde Tywin, com uma pata a varrer o ar enquanto rugia. Os três leões eram trabalhados em ouro, com olhos de rubis. A armadura era de pesada placa de aço, esmaltada de carmim-escuro, as grevas e as manoplas tinham decorativos arabescos dourados embutidos. Os ristes eram sóis raiados dourados, todas as suas presilhas eram douradas, e o aço vermelho tinha sido polido até um tal lustre que brilhava como fogo à luz do sol nascente.

Tyrion conseguia agora ouvir o rugido dos tambores do inimigo. Recordou Robb Stark como o vira pela última vez, sentado no cadeirão do pai no Grande Salão de Winterfell, com uma espada nua e a brilhar nas mãos. Recordou como os lobos selvagens tinham saltado sobre ele vindos das sombras, e de súbito voltou a vê-los, a rosnar e a abocanhar, com os dentes descobertos em frente do seu rosto. Traria o rapaz os lobos consigo para a guerra? A ideia deixou-o perturbado.

Os nortenhos deviam estar exaustos depois da sua longa marcha insone. Tyrion perguntou a si próprio o que o rapaz pensara. Teria esperado apanhá-los de surpresa durante o sono? Poucas hipóteses havia de isso acontecer; dissesse-se o que se dissesse dele, Tywin Lannister não era tolo nenhum.

A vanguarda reunia-se à esquerda. Viu primeiro a bandeira, três cães negros sobre fundo amarelo. Sor Gregor encontrava-se por baixo, montado no maior cavalo que Tyrion alguma vez vira. Bronn deu-lhe uma olhadela e sorriu.

— Segue sempre um homem grande para a batalha.

Tyrion deitou-lhe um olhar duro.

— E porquê?

— Fazem uns alvos magníficos. Aquele vai atrair os olhares de todos os arqueiros presentes no campo.

Rindo, Tyrion olhou a Montanha com novos olhos.

— Confesso que não o tinha visto a essa luz.

Clegane não possuía qualquer esplendor; a sua armadura era de placa de aço de um cinzento baço, marcada por um uso duro e que não exibia nem símbolos nem ornamentos. Indicava aos homens as suas posições com a arma, uma espada longa de duas mãos que Sor Gregor brandia com uma mão como um homem menor poderia brandir um punhal.

— Qualquer homem que fuja, matá-lo-ei eu próprio — estava ele a rugir quando viu Tyrion. — Duende! Para a esquerda. Mantende o rio. Se fordes capaz.

A esquerda da esquerda. Para flanqueá-los, os Stark precisariam de cavalos capazes de correr sobre a água. Tyrion levou os seus homens para a margem do rio.

— Olhai — gritou, apontando com o machado. — O rio. — Uma camada de névoa pálida ainda adería à superfície da água, com a corrente verde-escura a rodopiar por baixo. Os baixios eram lamacentos e afogados em juncos. — Aquele rio é nosso. Aconteça o que acontecer, mantende-vos perto da água. Não a perdei nunca de vista. Impedi o inimigo de se interpor entre nós e o nosso rio. Se eles conspirarem as nossas águas, arrancai-lhes as pichas e alimentai os peixes com elas.

Shagga tinha um machado em cada mão. Esmagou-os um de encontro ao outro e fê-los ressoar.

— *Meio-Homem!* — gritou. Outros Corvos de Pedra pegaram no grito, e os Orelhas Negras e Irmãos da Lua também. Os Homens Queimados não gritaram, mas fizeram chocalhar as espadas e as lanças. — *Meio-Homem! Meio-Homem! Meio-Homem!*

Tyrion fez o corcel descrever um círculo para observar o terreno. Ali, era ondulado e irregular; mole e lamacente perto do rio, subindo num ligeiro declive até à Estrada do Rei, pedregoso e quebrado do outro lado, para leste. Algumas árvores manchavam as vertentes das colinas, mas a maior parte da terra fora limpa e plantada. O seu coração batia no peito em uníssonos com os tambores, e sentia a testa fria de suor sob as camadas de couro e aço. Observou Sor Gregor enquanto a Montanha cavalgava para cima e para baixo ao longo das fileiras, gritando e gesticulando. Também esta ala era toda de cavalaria, mas se a direita era um punho revestido de malha, de cavaleiros e

lanceiros pesados, a vanguarda era composta pelo lixo do Ocidente: arqueiros montados com justilhos de couro, um enxame indisciplinado de cavaleiros livres e mercenários, trabalhadores rurais montados em cavalos de arar e armados com gadanhas e as espadas enferrujadas dos pais, rapazes meio treinados vindos dos lupanares de Lannisporto... e Tyrion e os seus homens dos clãs a cavalo.

— Comida para corvos — murmurou Bronn a seu lado, dando voz ao que Tyrion deixara por dizer. Só pôde concordar com um aceno. Teria o senhor seu pai perdido o juízo? Nenhum piqueiro, arqueiros insuficientes, não mais que uma mão-cheia de cavaleiros, os mal armados e os sem armadura, comandados por um bruto sem cabeça que liderava com base na raiva... como podia o seu pai esperar que aquela imitação grotesca de uma companhia segurasse o flanco esquerdo?

Não teve tempo para pensar no assunto. Os tambores estavam tão próximos que a batida se lhe infiltrava sob a pele e lhe deixava as mãos em convulsões. Bronn desembainhou a espada, e de súbito o inimigo surgiu à frente deles, transbordando sobre os cumes das colinas, avançando a passo medido por trás de um muro de escudos e piques.

Malditos sejam os deuses, olha para todos eles, pensou Tyrion, embora soubesse que o pai tinha mais homens no terreno. Os seus capitães lideravam-nos montados em cavalos de batalha revestidos de armadura, com os porta-estandartes a transportar as bandeiras a seu lado. Vislumbrou o alce macho dos Hornwood, o sol raiado dos Karstark, o machado de batalha de Lorde Cerwyn, e o punho revestido de malha dos Glover... e as torres gémeas de Frey, azuis em fundo cinzento. Lá se ia a certeza do pai de que Lorde Walder nada faria. Podia ver-se o branco da Casa Stark por todo o lado, com os lobos gigantes cinzentos a parecer correr e saltar à medida que os estandartes se iam revirando e agitando no topo dos grandes mastros. *Onde está o rapaz?* interrogou-se Tyrion.

Uma trompa de guerra soou. *Haruuuuuuuuuuuuuuuuu*, gritou, com uma voz tão longa, grave e arrepiante como um vento frio vindo do norte. As trompetas dos Lannister responderam-lhe, *da-DA da-DA da-DAAAAAAA*, um som de bronze e desafio, mas a Tyrion pareceu que de algum modo soavam mais pequenas, mais ansiosas. Sentia uma agitação nas entranhas, uma sensação de náusea líquida; esperava que não fosse morrer enjoado.

Quando as trombetas se calaram, um silvo encheu o ar; uma vasta nuvem de setas subiu em arco da direita de Tyrion, de onde os arqueiros flanqueavam a estrada. Os nortenhos desataram a correr, gritando enquanto se aproximavam, mas as setas dos Lannister caíram sobre eles como saraiva, centenas de setas, milhares, e os gritos de guerra iam-se transformando em

gritos de dor à medida que os homens tropeçavam e caíam. Então já uma segunda nuvem estava no ar, e os arqueiros colocavam uma terceira seta nas cordas dos seus arcos.

As trompetas gritaram de novo, *da-DAAA da-DAAA da-DA da-DA da-DAAAAAAA*. Sor Gregor brandiu a sua enorme espada e berrou uma ordem, e um milhar de outras vozes respondeu-lhe aos gritos. Tyrion esporeou o cavalo, acrescentou mais uma voz à cacofonia, e a vanguarda carregou.

— O rio! — gritou aos seus homens enquanto avançavam. — Lembrai-vos, ceifai tudo até ao rio. — Continuou a liderar quando passaram a galope leve, até que Chella deu um guincho de coagular o sangue e o ultrapassou, e Shagga uivou e seguiu-a. Os homens dos clãs carregaram atrás deles, deixando Tyrion no meio da poeira que levantaram.

Em frente, tinha-se formado um crescente de lanceiros inimigos, um duplo ouriço eriçado de aço, à espera atrás de escudos altos de carvalho marcados com o sol raiado de Karstark. Gregor Clegane foi o primeiro a atingi-los, liderando uma cunha de veteranos revestidos de armadura. Metade dos cavalos fizeram negas no último momento, quebrando a carga em frente da fila de lanças. Os outros morreram, com afiadas pontas de aço a rasgar-lhes os peitos. Tyrion viu cair uma dúzia de homens. O garanhão da Montanha empinou-se, escoiceando com cascos calçados de aço quando uma ponta de lança farpada lhe varreu o pescoço. Enlouquecido, o animal lançou-se em galope sobre as fileiras inimigas. Lanças atingiram-no vindas de todas as direcções, mas a muralha de escudos quebrou-se sob o seu peso. Os nortenhos fugiram dos estertores de morte do animal, aos tropeções. Enquanto o cavalo caía, resfolegando sangue e mordendo com o seu último fôlego vermelho, a Montanha ergueu-se incólume, varrendo as redondezas com a sua grande espada de duas mãos.

Shagga arremeteu pela abertura antes que os escudos conseguissem fechá-la, com os outros Corvos de Pedra logo atrás. Tyrion gritou:

— Homens Queimados! Irmãos da Lua! Atrás de mim! — mas a maior parte deles estava à sua *frente*. Viu de relance Timett, filho de Timett, a saltar quando a sua montada morreu em pleno galope entre as suas pernas, viu um Irmão da Lua empalado por uma lança Karstark, observou o cavalo de Cronn a estilhaçar as costelas de um homem com um coice. Uma nuvem de setas caiu sobre eles; não saberia dizer de onde provinham, mas caíram tanto sobre homens dos Stark como dos Lannister, matraqueando nas armaduras ou encontrando carne. Tyrion ergueu o escudo e escondeu-se por baixo.

O ouriço estava a ruir, e os nortenhos recuavam sob o impacto do assalto a cavalo. Tyrion viu Shagga apanhar um lanceiro em cheio no peito quando o louco caiu em corrida sobre ele, viu o machado a cortar cota de malha, couro,

músculo e pulmões. O homem morreu em pé, com a cabeça do machado alojada no peito, mas Shagga continuou a avançar, abrindo um escudo em dois com o machado de batalha da mão esquerda, enquanto o cadáver balouçava e tropeçava molemente ao seu lado direito. Por fim, o morto deslizou e caiu. Shagga fez ressoar os dois machados um contra o outro e rugiu.

Então, já o inimigo tinha caído sobre si, e a batalha de Tyrion minguou para os poucos centímetros de terreno que rodeavam o seu cavalo. Um homem de armas lançou-lhe uma estocada ao peito e o seu machado saltou, afastando a lança. O homem recuou a dançar, para outra tentativa, mas Tyrion esporeou o cavalo e fê-lo passar-lhe por cima. Bronn estava rodeado por três inimigos, mas cortou a cabeça à primeira lança que veio contra ele e no contragolpe varreu a cara de um segundo homem com a sua lâmina.

Uma lança de arremesso precipitou-se sobre Tyrion, vinda da esquerda, e alojou-se no seu escudo com um *tunque* de madeira. Virou-se e lançou-se em perseguição do atirador, mas o homem ergueu o seu escudo sobre a cabeça. Tyrion fez chover golpes de machado sobre a madeira, movendo-se em círculos em redor do homem. Lascas de carvalho saltaram e partiram a voar, até que o nortenho perdeu o equilíbrio e escorregou, caindo de costas sob o escudo. Encontrava-se abaixo do alcance do machado de Tyrion, e desmontar era incómodo demasiado, de modo que o deixou ali e foi atrás de outro homem, apanhando-o pelas costas com um golpe em arco de cima para baixo, que lhe sacudiu o braço com o impacto. Conseguiu com isso um momento de pausa. Puxando as rédeas, procurou o rio. E ali estava ele, à direita. Sem saber como, virara-se para trás.

Um Homem Queimado passou por si, caído sobre o cavalo. Uma lança penetrara-lhe pela barriga e saía pelas costas. Estava para lá de qualquer ajuda, mas quando Tyrion viu um dos nortenhos a correr e a tentar agarrar-lhe nas rédeas, carregou.

A sua presa enfrentou-o de espada na mão. Era alto e seco, com um longo lorigão e manoplas articuladas de aço, mas perdera o elmo e corria-lhe sangue para os olhos vindo de uma ferida na testa. Tyrion lançou-lhe um golpe à cara, mas o homem alto afastou-o.

— Anão — gritou. — Morre. — Virou-se, em círculo, enquanto Tyrion o rodeava montado no cavalo, lançando-lhe golpes à cabeça e aos ombros. Aço ressoava contra aço, e Tyrion depressa se apercebeu de que o homem alto era mais rápido e forte do que ele. Onde, nos sete infernos, estava Bronn? — Morre — grunhiu o homem, atacando-o furiosamente. Tyrion quase não conseguiu erguer o escudo a tempo, e a madeira pareceu explodir para dentro com a força do golpe. Os estilhaços do escudo caíram-lhe do braço. — *Morre!*

— berrou o espadachim, avançando e dando uma pancada tão forte nas têmporas de Tyrion que lhe deixou a cabeça a ressoar. A lâmina fez um hediondo som de arranhar quando o homem a puxou. O homem alto sorriu... até ser mordido pelo corcel de batalha de Tyrion, rápido como uma serpente, que lhe abriu a bochecha até ao osso. Então gritou. Tyrion enterrou-lhe o machado na cabeça.

— Morre *tu* — disse-lhe, e foi o que ele fez.

Ao libertar a lâmina, ouviu um grito.

— *Eddard!* — ressoou uma voz. — *Por Eddard e Winterfell!* — O cavaleiro caiu sobre ele como um trovão, fazendo rodopiar a bola eriçada de espigões de uma maça de armas por cima da cabeça. Os cavalos de batalha chocaram antes que Tyrion conseguisse sequer abrir a boca para gritar por Bronn. O cotovelo direito explodiu de dor quando os espigões penetraram através do metal fino que rodeava a articulação. O machado foi perdido naquele instante. Estendeu a mão para a espada, mas a maça fazia de novo um arco, dirigido ao seu rosto. Não deu por atingir o chão, mas quando olhou para cima viu apenas céu. Rolou sobre o flanco e tentou erguer-se, mas o corpo estremeceu-lhe de dor e o mundo começou a latejar. O cavaleiro que o derrubara aproximou-se. — Tyrion, o Duende — trovejou. — Sois meu. Rendeis-vos, Lannister?

Sim, pensou Tyrion, mas a palavra ficou-lhe presa na garganta. Fez um som semelhante a um coaxar e pôs-se de joelhos com dificuldade, procurando desajeitadamente uma arma. A espada, o punhal, qualquer coisa...

— Rendeis-vos? — O cavaleiro pairava sobre ele no seu cavalo de guerra recoberto de armadura. Ambos, homem e cavalo, pareciam imensos. A bola de espigões rodopiava num círculo lento. As mãos de Tyrion estavam dormentes, a sua visão desfocada, a bainha da sua espada vazia. — Rendei-vos ou morrereis — declarou o cavaleiro, fazendo rodopiar o malho cada vez mais depressa.

Tyrion conseguiu pôr-se de pé, atirando a cabeça contra a barriga do cavalo. O animal soltou um grito terrível e empinou-se. Tentou libertar-se da agonia da dor, retorcendo-se, choveram sangue e vísceras sobre a cara de Tyrion e o cavalo caiu como uma avalanche. Quando deu por si, tinha o visor tapado com lama e algo lhe esmagava o pé. Conseguiu libertar-se, com a garganta tão apertada que quase não conseguia falar.

— ... rend... — coaxou por fim, num fio de voz.

— *Sim* — gemeu uma voz, espessa de dor.

Tyrion raspou a lama do visor para conseguir ver. O cavalo tombara para o outro lado, para cima do cavaleiro. Este tinha a perna presa e o braço que

usara para amparar a queda torcido num ângulo grotesco.

— Rendo-me — repetiu. Apalpando o cinto com a mão capaz, sacou uma espada e lançou-a aos pés de Tyrion. — Rendo-me, senhor.

Aturdido, o anão ajoelhou-se e ergueu a arma. A dor atacou-lhe o cotovelo quando moveu o braço. A batalha parecia ter-se deslocado para diante. Ninguém permanecia naquela parte do terreno, salvo um grande número de cadáveres. Os corvos já voavam em círculos e aterravam para se alimentar. Viu que Sor Kevan trouxera o seu centro em suporte da vanguarda; a sua enorme massa de piqueiros tinha empurrado os nortenhos contra os montes. Lutava-se nas encostas, com piques a atacar outra muralha de escudos, agora ovais e reforçados com rebites de ferro. Enquanto observava, o ar voltou a encher-se de setas, e os homens atrás da muralha de carvalho ruíram sob aquele fogo assassino.

— Creio que estais a perder, senhor — disse ao cavaleiro sob o cavalo. O homem não lhe deu resposta.

O som de cascos vindo das suas costas fê-lo rodopiar, embora quase não conseguisse levantar a espada devido à tremenda dor que sentia no cotovelo. Bronn puxou as rédeas e olhou-o.

— Acabaste por ser de pouco uso — disse-lhe Tyrion.

— Parece que te desembaraçaste suficientemente bem sozinho — respondeu Bronn. — Mas perdeste o espigão do elmo.

Tyrion apalpou o topo do elmo. O espigão tinha sido completamente arrancado.

— Não o perdi. Sei perfeitamente onde ele está. Vês o meu cavalo?

Quando encontraram o animal, as trombetas tinham voltado a soar, e a reserva de Lorde Tywin desceu numa larga curva ao longo do rio. Tyrion observou o pai que passou por ele a grande velocidade, com o estandarte de carmim e ouro dos Lannister a ondular sobre a sua cabeça enquanto trovejava pelo campo fora. Rodeavam-no quinhentos cavaleiros, com a luz do Sol a arrancar relâmpagos das pontas das suas lanças. Os restos das linhas dos Stark estilçaram-se como vidro sob o poder daquela carga.

Com o cotovelo inchado e a latejar dentro da armadura, Tyrion não fez nenhuma tentativa de se juntar ao massacre. Ele e Bronn partiram em busca dos seus homens. Encontrou muitos entre os mortos. Ulf, filho de Umar, jazia num charco de sangue que coagulava, com o braço desaparecido até ao cotovelo, e uma dúzia dos seus Irmãos da Lua espalhados em redor. Shagga estava estatelado por baixo de uma árvore, cravejado de setas, com a cabeça de Cronn no regaço. Tyrion pensou que estivessem ambos mortos, mas quando desmontou, Shagga abriu os olhos e disse:

— Mataram Cronn, filho de Coratt. — O bem-parecido Cronn não

ostentava nenhuma marca além da mancha vermelha que tinha no peito, onde a lança o matara. Quando Bronn puxou por Shagga e o pôs de pé, o grande homem pareceu reparar nas setas pela primeira vez. Arrancou-as uma a uma, amaldiçoando os buracos que tinham feito nas suas camadas de cota de malha e couro, e uivando como um bebé com as poucas que se lhe tinham enterrado na carne. Chella, filha de Cheyk, aproximou-se enquanto arrancavam as setas de Shagga, e mostrou-lhes quatro orelhas que conseguira. Descobriram Timett a saquear os corpos dos mortos com os seus Homens Queimados. Dos trezentos homens dos clãs que tinham seguido Tyrion Lannister para a batalha, talvez tivesse sobrevivido metade.

Deixou os vivos a tratar dos mortos, mandou Bronn tomar conta do cavaleiro prisioneiro, e foi sozinho em busca do pai. O Lorde Tywin encontrava-se sentado junto ao rio, beberricando vinho de uma taça cravejada de jóias enquanto o escudeiro lhe ia desprendendo a placa de peito.

— Uma bela vitória — disse Sor Kevan quando viu Tyrion. — Os vossos selvagens lutaram bem.

Os olhos do pai estavam postos nele, verdes-claros manchados de dourado, tão frios que Tyrion se arrepiou.

— Isso surpreendeu-vos, pai? — perguntou. — Estragou-vos os planos? Deveríamos ter sido massacrados, não é verdade?

O Lorde Tywin esvaziou a taça, sem expressão no rosto.

— Sim, pus os homens menos disciplinados na esquerda. Previ que quebrassem. O Robb Stark é um rapaz verde, provavelmente mais ousado do que sábio. Tive esperança que se ele visse a nossa ala esquerda a ruir, pudesse mergulhar pela abertura, ansioso por uma debandada. Depois de se ter entregado por completo, os piques de Sor Kevan dariam meia volta e apanhá-lo-iam pelo flanco, empurrando-o para o rio enquanto eu trazia a reserva.

— E achastes que o melhor era colocar-me no meio dessa carnificina, mantendo-me na ignorância dos vossos planos.

— Uma debandada fingida é menos convincente — disse o pai — e não me sinto inclinado a confiar os meus planos a um homem que se associa a mercenários e selvagens.

— Pena que os meus selvagens arruinaram a vossa dança. — Tyrion tirou a manopla de aço e deixou-a cair ao chão, encolhendo-se com a dor que lhe apunhalou o braço.

— O rapaz Stark mostrou ser mais cauteloso do que eu esperava de alguém da sua idade — admitiu o Lorde Tywin — mas uma vitória é uma vitória. Pareces estar ferido.

O braço direito de Tywin estava ensopado de sangue.

— Que bom que haveis reparado, pai — disse ele entre dentes cerrados.
— Será possível incomodar-vos pedindo que chameis os vossos mestres? A menos que vos dê prazer a ideia de ter um anão *maneta* como filho...

Um grito urgente de “*Lorde Tywin!*” fez virar a cabeça ao pai antes que pudesse responder. Tywin Lannister pôs-se em pé quando Sor Addam Marbrand saltou do seu corcel. O cavalo estava coberto de espuma e sangrava da boca. Sor Addam, um homem alto de cabelo acobreado-escuro que lhe caía sobre os ombros, coberto por uma lustrosa armadura de aço bronzeado com a árvore em chamas da sua Casa gravada a negro na placa de peito, caiu sobre um joelho.

— Meu suserano, capturámos alguns dos seus comandantes. Lorde Cerwyn, Sor Wylis Manderly, Harrion Karstark, quatro dos Frey. O Lorde Hornwood está morto, e temo que Roose Bolton nos tenha escapado.

— E o rapaz? — perguntou Lorde Tywin.

Sor Addam hesitou.

— O rapaz Stark não estava com eles, senhor. Dizem que atravessou o rio nas Gémeas com a maior parte da cavalaria, avançando rapidamente para Correrrio.

Um rapaz verde, recordou Tyrion, *provavelmente mais ousado do que sábio*. Teria soltado uma gargalhada, se não doesse tanto.

Os bosques estavam cheios de murmúrios.

O luar tremeluzia nas águas agitadas do ribeiro enquanto este abria o seu caminho rochoso pelo fundo do vale. Sob as árvores, cavalos de guerra relinchavam baixinho e escarvavam o solo húmido e coberto de folhas, e homens trocavam ditos nervosos em vozes segredadas. De quando em quando, ouvia o tinir de lanças, o leve deslizar metálico da cota de malha, mas até esses sons eram abafados.

— Já não deve demorar, senhora — disse Hallis Mollen. Pedira a honra de a proteger durante a batalha que vinha aí; era seu direito, como capitão da guarda de Winterfell, e Robb não lho recusara. Tinha trinta homens em seu redor, encarregues da tarefa de a manter segura e a levar a salvo até Winterfell se a luta corresse mal. Robb quisera cinquenta; Catelyn insistira que dez seriam suficientes, que ele iria necessitar de todas as espadas para a luta. Tinham feito a paz aos trinta, nenhum deles satisfeito com o resultado.

— Chegará quando chegar — disse-lhe Catelyn. Sabia que quando chegasse significaria a morte. Talvez a morte de Hal... ou a sua, ou a de Robb. Ninguém estava a salvo. Nenhuma vida era certa. Catelyn estava satisfeita por esperar, por escutar os murmúrios nos bosques e a ténue música do regato, por sentir o vento morno no cabelo.

Afinal de contas, esperar não lhe era estranho. Os seus homens sempre a tinham feito esperar. “Espera por mim, gatinha”, dizia-lhe sempre o pai quando partia para a corte, para as feiras ou para batalhas. E ela esperava, pacientemente em pé nas ameias de Correrrio, enquanto as águas do Ramo Vermelho e do Pedregoso passavam pelo castelo. Ele nem sempre chegava quando dizia, e por vezes passavam-se vários dias enquanto Catelyn mantinha a sua vigília, espreitando por ameias e seteiras até vislumbrar o Lorde Hoster sobre o seu velho castrado castanho, trotando pela margem do rio até ao atracadouro. “Esperaste por mim?”, perguntava quando se dobrava para a abraçar. “Esperaste, gatinha?”

Brandon Stark também lhe pedira para esperar. “Não demorarei, senhora”, garantira. “Casar-nos-emos quando eu regressar”. Mas quando o dia por fim chegara, era o seu irmão Eddard quem estava a seu lado no septo.

Ned permanecera pouco mais de uma quinzena com a sua nova esposa, antes de também ele partir para a guerra com promessas nos lábios. Pelo menos, deixara-a com mais do que palavras; dera-lhe um filho. Nove luas tinham crescido e minguado, e Robb nascera em Correrrio enquanto o pai

ainda guerreava no sul. Dera-o à luz, em sangue e dor, sem saber se Ned o chegaria a ver. O seu filho. Fora tão pequeno...

E agora era por Robb que esperava... por Robb e por Jaime Lannister, o cavaleiro dourado que os homens diziam que nunca aprendera a esperar. “O Regicida é irrequieto e irrita-se facilmente”, dissera o tio Brynden a Robb. E apostara as suas vidas e as suas melhores esperanças de vitória na verdade do que dissera.

Se Robb estava assustado, não mostrava sinal disso. Catelyn observou o filho enquanto se movia por entre os homens, tocando um no ombro, trocando um gracejo com outro, ajudando um terceiro a sossegar um cavalo ansioso. A sua armadura tinha levemente quando se movia. Só a cabeça se encontrava a descoberto. Catelyn viu uma brisa agitar o seu cabelo ruivo, tão parecido com o dela, e perguntou a si própria quando fora que o seu filho crescera tanto. Quinze anos, e quase tão alto como ela.

Deixai que cresça mais, pediu aos deuses. *Deixai que conheça os dezasseis anos, e os vinte, e os cinquenta. Deixai que cresça tão alto como o pai, e que erga o seu próprio filho nos braços. Por favor, por favor, por favor.* Enquanto o observava, aquele jovem alto com a barba nova e o lobo selvagem que lhe seguia os calcanhares, tudo o que conseguia ver era o bebé que haviam colocado no seu peito em Correrrio, há tanto tempo.

A noite estava quente, mas pensar em Correrrio era o suficiente para a fazer estremecer. *Onde estão eles?*, perguntou a si própria. Poderia o tio ter-se enganado? Tanto dependia da verdade do que lhes tinha dito. Robb dera ao Peixe Negro trezentos homens com piques, e enviara-os à frente para ocultar a sua marcha.

— O Jaime não sabe — dissera Sor Brynden quando regressara. — Aposto nisso a minha vida. Nenhuma ave lhe chegou, os meus arqueiros certificaram-se disso. Vimos alguns dos seus batedores, mas os que nos viram não sobreviveram para lhe ir contar. Ele devia tê-los mandado em maior número. Não sabe.

— De que tamanho é a sua hoste? — perguntara o filho de Catelyn.

— Doze mil homens a pé, espalhados em torno do castelo em três acampamentos separados, com os rios entre eles — respondera o tio, com o sorriso assimétrico de que se lembrava tão bem. — Não há outra forma de montar cerco a Correrrio, mas mesmo assim, isso será a ruína deles. Dois ou três mil homens a cavalo.

— O Regicida tem três homens contra cada um dos nossos — dissera Galbart Glover.

— É verdade — dissera Sor Brynden —, mas há uma coisa que falta a Sor Jaime.

— Sim? — perguntara Robb.

— Paciência.

A hoste do Norte era maior do que quando abandonara as Gêmeas. O Lorde Jason Mallister trouxera as suas forças de Guardamar para se lhes juntar quando rodeavam a nascente do Ramo Azul e se dirigiam a galope para sul, e outros também se lhes tinham juntado, pequenos cavaleiros e senhores, homens de armas sem chefe que tinham fugido para norte quando o exército do seu irmão Edmure fora desfeito sob as muralhas de Correrrio. Tinham puxado o mais que se atreviam pelos cavalos, a fim de chegar àquele lugar antes que Jaime Lannister soubesse da sua vinda, e agora a hora estava próxima.

Catelyn viu o filho montar. Olyvar Frey segurava-lhe no cavalo. Era filho de Lorde Walder, dois anos mais velho do que Robb, e dez anos mais jovem e ansioso. Atou o escudo de Robb no lugar, e entregou-lhe o elmo. Quando o baixou sobre o rosto que ela amava tanto, um jovem e alto cavaleiro surgiu montado no garanhão cinzento, no lugar onde o seu filho estivera. Estava escuro entre as árvores, onde a Lua não chegava. Quando Robb virou a cabeça para a ver, só conseguiu ver negro dentro do seu visor.

— Tenho de percorrer a fileira, mãe — disse-lhe ele. — O pai diz que devemos deixar que os homens nos vejam antes das batalhas.

— Então vai — disse ela. — Deixa que te vejam.

— Dar-lhes-á coragem — disse Robb.

E quem me dará coragem a mim? perguntou ela a si própria, mas manteve o silêncio e obrigou-se a sorrir-lhe. Robb virou o grande garanhão cinzento e afastou-o lentamente dela, com o Vento Cinzento a seguir-lhe os movimentos como uma sombra. Atrás dele, a guarda de batalha entrou em formação. Quando forcara Catelyn a aceitar os seus protectores, ela insistira que ele também fosse guardado, e os senhores vassalos tinham concordado. Muitos dos seus filhos tinham clamado pela honra de acompanhar o Jovem Lobo, como tinham começado a chamar-lhe. Torrhen Karstark e o irmão Eddard encontravam-se entre os trinta, tal como Patrek Mallister, Pequeno-Jon Umber, Daryn Hornwood, Theon Greyjoy, não menos do que cinco dos muitos descendentes de Walder Frey, bem como homens mais velhos como Sor Wendel Manderly e Robin Flint. Um dos seus companheiros era mesmo uma mulher: Dacey Mormont, a filha mais velha da Senhora Maege e herdeira da Ilha dos Ursos, uma esgalgada mulher de um metro e oitenta a quem fora dada uma maça de armas numa idade em que à maioria das raparigas eram oferecidas bonecas. Alguns dos outros senhores resmungavam a esse respeito, mas Catelyn não queria ouvir as suas queixas.

— Isto não tem a ver com a honra das vossas Casas — dissera-lhes. —

Isto tem a ver com manter o meu filho vivo e inteiro.

E se chegar a esse ponto, perguntou a si própria, serão trinta suficientes? Serão seis mil suficientes?

Uma ave soltou um grito ténue à distância, um trinado agudo e sonoro que foi como uma mão de gelo no pescoço de Catelyn. Outra ave respondeu; uma terceira, uma quarta. Conhecia bastante bem o seu chamado, dos anos que passara em Winterfell. Picanços das neves. Por vezes eram vistos em pleno Inverno, quando o bosque sagrado estava branco e imóvel. Eram aves do norte.

Vêm aí, pensou Catelyn.

— Vêm aí, senhora — segredou Hal Mollen. Estava sempre pronto a afirmar o óbvio. — Que os deuses nos acompanhem.

Catelyn concordou com um aceno enquanto os bosques sossegavam ao seu redor. No silêncio, conseguiu ouvi-los, distantes, mas aproximando-se; os passos de muitos cavalos, o chocalhar das espadas, lanças e armaduras, o murmúrio de vozes humanas, com uma gargalhada aqui, uma praga ali.

Pareceram passar-se eras. Os sons tornaram-se mais altos. Ouviu mais risos, uma ordem gritada, espadanar de água quando atravessaram e voltaram a atravessar o pequeno ribeiro. Um cavalo resfolegou. Um homem praguejou. E então viu-o por fim... só por um instante, enquadrado entre os ramos das árvores enquanto olhava para o fundo do vale, mas sabia que era ele. Mesmo à distância, Sor Jaime Lannister era inconfundível. O luar tornara-lhe prateada a armadura e o dourado do cabelo e transformara-lhe o manto carmesim em negro. Não trazia elmo.

Estivera ali, e voltara a desaparecer, com a armadura prateada escondida de novo pelas árvores. Outros seguiam atrás dele, em longas colunas, cavaleiros, espadas ajuramentadas e cavaleiros livres, três quartos da cavalaria Lannister.

— Ele não é homem para ficar sentado numa tenda enquanto os seus carpinteiros constroem torres de cerco — prometera Sor Brynden. — Já por três vezes acompanhou os cavaleiros em surtidas, para perseguir atacantes ou assaltar um castro obstinado.

Acenando, Robb estudara o mapa que o tio lhe desenhara. Ned ensinara-lhe a ler mapas.

— Atacai-o *aqui* — dissera, apontando. — Algumas centenas de homens, mais não. Estandartes Tully. Quando vier atrás de vós, estaremos à espera — o seu dedo movera-se uma polegada para a esquerda — aqui.

Aqui era uma quietude na noite, luar e sombras, um espesso tapete de folhas mortas no chão, vertentes densamente florestadas, descendo suavemente até ao leito do ribeiro, com a vegetação rasteira a rarefazer-se à

gritos de “Lannister”, “Winterfell” e “Tully! Correrrio e Tully!”. Quando compreendeu que nada mais havia a ver, fechou os olhos e escutou. A batalha ganhou vida à volta dela. Ouviu batidas de cascos, botas de ferro a chapinhar em água pouco profunda, o som de madeira de espadas a bater em escudos de carvalho e o raspar de aço contra aço, os silvos das setas, o trovejar dos tambores, os gritos aterrados de mil cavalos. Homens berravam pragas e suplicavam por misericórdia, e recebiam-na (ou não), e sobreviviam (ou morriam). As vertentes pareciam fazer truques estranhos com o som. Uma vez, ouviu a voz de Robb, tão claramente como se estivesse em pé a seu lado, gritando “A mim! A mim!”. E ouviu o seu lobo gigante, a rosnar e a roncar, escutou o estalar daqueles longos dentes, o rasgar da carne, gritos de medo e de dor tanto de homem como de cavalo. Haveria apenas um lobo? Era difícil dizer com certeza.

A pouco e pouco, os sons diminuíram e desapareceram, até por fim ficar apenas o lobo. Quando uma aurora vermelha surgiu no leste, Vento Cinzento começou de novo a uivar.

Robb regressou para junto dela noutro cavalo, montando um pigarço castrado em vez do garanhão cinzento com que descera o vale. Metade da cabeça de lobo no seu escudo tinha sido despedaçada, vendo-se madeira nua onde profundos sulcos tinham sido abertos no carvalho, mas o próprio Robb parecia não estar ferido. No entanto, quando se aproximou, Catelyn viu que a sua luva de cota de malha e a manga da sua capa estavam negras de sangue.

— Estás ferido — disse.

Robb ergueu a mão, abriu e fechou os dedos.

— Não — disse. — Isto é... sangue de Torrhen, talvez, ou... — Abanou a cabeça. — Não sei.

Uma multidão de homens seguia-o ao longo da vertente, sujos, amolgados e sorridentes, com Theon e o Grande-Jon à cabeça. Entre os dois, arrastavam Sor Jaime Lannister. Atiraram-no ao chão em frente do cavalo de Catelyn.

— O Regicida — anunciou Hal, sem necessidade.

O Lannister levantou a cabeça.

— Senhora Stark — disse, de joelhos. Corria-lhe sangue por um lado da cara, de um golpe no couro cabeludo, mas a luz pálida da aurora devolvera-lhe o brilho do ouro ao cabelo. — Oferecer-vos-ia a minha espada, mas parece que a perdi.

— Não é a vossa espada que desejo, sor — disse-lhe ela. — Dai-me o meu pai e o meu irmão Edmure. Dai-me as minhas filhas. Dai-me o meu marido.

— Temo que os tenha perdido também.

— Uma pena — disse friamente Catelyn.

— Mata-o, Robb — pediu Theon Greyjoy. — Arranca-lhe a cabeça.

— Não — respondeu o filho de Catelyn, enquanto tirava a luva sangrenta.

— Ele é mais útil vivo do que morto. E o senhor meu pai nunca perdoou o assassinio de prisioneiros após uma batalha.

— Um homem sensato — disse Jaime Lannister — e honroso.

— Levei-o e ponde-o a ferros — disse Catelyn.

— Fazei como diz a senhora minha mãe — ordenou Robb — e tratai de que haja uma guarda forte à volta dele. O Lorde Karstark quererá a sua cabeça num espeto.

— Isso sem dúvida — concordou o Grande-Jon, gesticulando. O Lannister foi levado para ser enfaixado e acorrentado.

— Por que motivo Lorde Karstark o quer morto? — perguntou Catelyn.

Robb afastou os olhos para a floresta, com a mesma expressão pensativa que Ned punha com frequência.

— Ele... ele matou-os...

— Os filhos de Lorde Karstark — explicou Galbart Glover.

— Os dois — disse Robb. — Torrhen e Eddard. E Daryn Hornwood também.

— Ninguém pode acusar o Lannister de falta de coragem — disse Glover.

— Quando viu que estava perdido, reuniu os vassalos e abriu caminho pela vertente acima, esperando chegar a Lorde Robb e abatê-lo. E quase conseguiu.

— Perdeu a espada no pescoço de Eddard Karstark, depois de arrancar a mão de Torrhen e de abrir o crânio a Daryn Hornwood — disse Robb. — E todo o tempo gritava por mim. Se não tivessem tentado pará-lo...

— ... eu estaria agora de luto em vez de Lorde Karstark — disse Catelyn.

— Os teus homens fizeram o que juraram fazer, Robb. Morreram a proteger o seu suserano. Chora por eles. Honra-os pelo valor demonstrado. Mas agora não. Não tens tempo para o luto. Podes ter cortado a cabeça à serpente, mas três quartos do corpo ainda estão enrolados em redor do castelo do meu pai. Ganhámos uma batalha, não uma guerra.

— Mas *que* batalha! — disse Theon Greyjoy com ardor. — Senhora, o reino não viu tamanha vitória desde o Campo de Fogo. Garanto, os Lannister perderam dez homens por cada um dos nossos que caíram. Capturámos perto de cem cavaleiros, e uma dúzia de senhores vassalos. Lorde Westerling, Lorde Banefort, Sor Garth Greenfield, Lorde Estren, Sor Tytos Brax, Malor, o Dorneano... e três Lannister além de Jaime, sobrinhos de Lorde Tywin, dois dos filhos da irmã e um do irmão morto...

— E Lorde Tywin? — interrompeu Catelyn. — Terás por acaso capturado Lorde Tywin, Theon?

— Não — respondeu Greyjoy.

— Até que o faça, esta guerra está longe do fim.

Robb ergueu a cabeça e afastou o cabelo dos olhos.

— A minha mãe tem razão. Ainda temos Correrrio.

As moscas voavam lentamente em volta de Khal Drogo, com as asas a zumbir, um ruído baixo, no limiar da audição, que enchia Dany de terror.

O Sol ia alto e impiedoso. O calor tremulava em ondas que subiam dos afloramentos rochosos de colinas baixas. Um estreito fio de suor escorria lentamente entre os seios inchados de Dany. Os únicos sons que se ouviam eram o ruído regular dos cascos dos cavalos, o tinir rítmico dos sinos no cabelo de Drogo, e as vozes distantes atrás deles.

Dany observou as moscas.

Eram grandes como abelhas, volumosas, arroxeadas, brilhantes. Os dothraki chamavam-lhes *moscas de sangue*. Viviam em pântanos e lagoas de águas estagnadas, sugavam sangue quer de homens, quer de cavalos, e punham os ovos nos mortos e nos moribundos. Drogo odiava-as. Sempre que alguma se aproximava dele, a mão disparava, rápida como um ataque de serpente, e fechava-se à sua volta. Nunca o vira falhar. Mantinha a mosca dentro do seu enorme punho durante o tempo suficiente para ouvir os seus frenéticos zumbidos. Depois, os seus dedos apertavam-se, e quando voltava a abrir a mão, a mosca era apenas uma mancha vermelha na palma.

Agora, uma rastejava pela garupa do seu garanhão, e o cavalo deu uma sacudidela irritada à cauda para a enxotar. As outras voaram em volta de Drogo, cada vez mais perto. O *khal* não reagiu. Os seus olhos fixavam-se em distantes colinas castanhas, e as rédeas estavam soltas nas suas mãos. Sob o seu colete pintado, um emplastro de folhas de figueira e lama seca azul cobria a ferida que tinha no peito. Foram as ervanárias que a fizeram. O cataplasma de Mirri Maz Duur ardia-lhe e provocava-lhe comichão, e ele arrancara-o havia seis dias, amaldiçoando-a e chamando-lhe *maegi*. O emplastro de lama era mais calmante, e as ervanárias fizeram-lhe também vinho de papoila. Tinha bebido muito nos últimos três dias; quando não era vinho de papoila, era vinho de égua fermentado, ou cerveja picante.

Mas quase não tocava na comida, e agitava-se e gemia durante a noite. Dany via como o rosto se lhe repuxara. Rhaego estava inquieto dentro da sua barriga, dando pontapés como um garanhão, mas nem isso despertava o interesse de Drogo como antes. Todas as manhãs, os olhos dela encontravam novas rugas de dor na cara dele quando acordava do seu sono perturbado. E agora aquele silêncio. Estava a assustá-la. Desde que tinham montado, de madrugada, ele não dissera uma palavra. Quando ela falava, não obtinha nenhuma resposta além de um grunhido, e desde o meio-dia nem isso.

Uma das moscas de sangue pousou na pele nua do ombro do *khal*. Outra, voando em círculos, pousou-lhe no pescoço e rastejou para cima na direcção da sua boca. Khal Drogo oscilava na sela, fazendo soar as campainhas, enquanto o garanhão prosseguia caminho num passo regular.

Dany empurrou os calcanhares contra a sua prata e aproximou-se.

— Senhor — disse em voz suave. — Drogo. Meu sol-e-estrelas.

Ele não pareceu ouvi-la. A mosca de sangue rastejou para baixo do seu bigode pendente e instalou-se na prega ao lado do nariz. Dany arfou:

— *Drogo*. — Estendeu a mão, desajeitadamente, e tocou-lhe no braço.

Khal Drogo cambaleou sobre a sela, inclinou-se devagar, e caiu pesadamente do cavalo. As moscas espalharam-se por um segundo, e depois regressaram, aos círculos, pousando em cima dele.

— Não — disse Dany, puxando as rédeas. Sem prestar atenção à barriga, por uma vez, saltou do cavalo e correu para ele.

A erva por baixo do seu corpo encontrava-se castanha e seca. Drogo gritou de dor quando Dany se ajoelhou a seu lado. A respiração raspava-lhe, áspera, na garganta, e ele olhou para ela sem a reconhecer.

— O meu cavalo — arquejou. Dany enxotou-lhe as moscas do peito, esmagando uma como ele teria feito. A pele dele ardia sob os seus dedos.

Os companheiros de sangue do *khal* seguiam logo atrás. Dany ouviu Haggio gritar enquanto se aproximava a galope. Cohollo saltou do cavalo.

— Sangue do meu sangue — disse enquanto caía de joelhos. Os outros dois continuaram montados.

— Não — grunhiu Khal Drogo, lutando nos braços de Dany. — Tenho de montar. Montar. Não.

— Ele caiu do cavalo — disse Haggio, olhando fixamente para baixo. O seu largo rosto estava impassível, mas a voz era de chumbo.

— Não debes dizer isso — disse-lhe Dany. — Já avançámos o bastante hoje. Acamparemos aqui.

— Aqui? — Haggio olhou em volta. A terra era castanha e ressequida, inóspita. — Isto não é sítio para acampar.

— Não cabe a uma mulher pedir-nos para parar — disse Qotho — nem mesmo uma *khaleesi*.

— Acampamos aqui — repetiu Dany. — Haggio, diz-lhes que Khal Drogo ordenou a paragem. Se alguém perguntar porquê, diz-lhes que o meu tempo se aproxima e não consegui prosseguir. Cohollo, traz os escravos, eles devem montar a tenda do *khal* de imediato. Qotho...

— Não me dais ordens, *khaleesi* — disse Qotho.

— Procura Mirri Maz Duur — disse-lhe ela. A esposa de deus devia estar

entre os outros Homens-Ovelhas, na longa coluna de escravos. — Trá-la até mim, com o seu cofre.

Qotho lançou-lhe um olhar intenso, com os olhos duros como sílex.

— A *maegi*. — Cuspiu. — Não farei isso.

— Farás — disse Dany — senão, quando Drogo acordar, saberá por que razão me desafiaste.

Furioso, Qotho virou o garanhão e afastou-se a galope... mas Dany sabia que regressaria com Mirri Maz Duur, por pouco que gostasse disso. Os escravos erigiram a tenda de Khal Drogo sob um afloramento recortado de rocha negra cuja sombra providenciava algum alívio do calor do Sol da tarde. Mesmo assim, estava sufocante sob a sedareia quando Irri e Doreah ajudaram Dany a amparar Drogo até ao interior da tenda. Espessos tapetes ornamentados tinham sido depositados sobre o chão, e almofadas estavam espalhadas pelos cantos. Eroeh, a rapariga tímida que Dany salvara fora das muralhas de lama dos Homens-Ovelhas, acendeu um braseiro. Estenderam Drogo numa esteira trançada.

— Não — resmungou ele no Idioma Comum. — Não, não. — Foi tudo o que disse, tudo o que parecia capaz de dizer.

Doreah desprendeu-lhe o cinto de medalhões e despiu-lhe o colete e os calções, enquanto Jhiqui ajoelhava junto aos seus pés para desatar os nós das suas sandálias de montar. Irri quis deixar as abas da tenda abertas para deixar entrar a aragem, mas Dany proibiu-a. Não queria que ninguém visse Drogo assim, em delírio e fraco. Quando o seu *khas* chegou, pô-los lá fora, de guarda.

— Não deixes entrar ninguém sem a minha licença — disse a Jhogo. — Ninguém.

Eroeh fitou temerosa Drogo.

— Ele morre — sussurrou.

Dany esbofeteou-a.

— O *khal* não pode morrer. Ele é o pai do garanhão que monta o mundo. O seu cabelo nunca foi cortado. Ainda usa as campainhas que o pai lhe deu.

— *Khaleesi* — disse Jhiqui —, ele caiu do cavalo.

Tremendo, com os olhos cheios de lágrimas súbitas, Dany afastou o rosto delas. *Ele caiu do cavalo!* Tinha acontecido, ela tinha-o visto, e os companheiros de sangue, e sem dúvida que as aias e os homens do seu *khas* também. Quantos mais? Não o podia manter em segredo, e Dany sabia o que isso queria dizer. Um *khal* que não conseguia montar, não conseguia governar, e Drogo caíra do cavalo.

— Temos de lhe dar banho — disse ela teimosamente. Não podia permitir-se o desespero. — Irri, manda que tragam a banheira imediatamente.

Doreah, Eroeh, encontrem água, água fria, ele está tão quente. — Era uma fogueira em pele humana.

As escravas instalaram a pesada banheira de cobre no canto da tenda. Quando Doreah trouxe o primeiro jarro de água, Dany humedeceu um pano de seda e pousou-o na testa de Drogo, sobre a pele que queimava. Os olhos dele olharam para ela, mas não a viram. Quando a boca se abriu, não deixou escapar nenhuma palavra, só um gemido.

— Onde está Mirri Maz Duur? — exigiu saber, com a paciência encurtada pelo medo.

— Qotho há-de encontrá-la — disse Irri.

As aias encheram a banheira com água tépida que fedia a enxofre, purificando-a com jarros de óleo amargo e mãos-cheias de folhas esmagadas de menta. Enquanto o banho era preparado, Dany ajoelhou-se desajeitadamente ao lado do senhor seu marido, de barriga inchada com o filho de ambos lá dentro. Desfez-lhe a trança com dedos ansiosos, como fizera na noite em que ele a possuía pela primeira vez, sob as estrelas. Pôs de lado as campainhas com cuidado, uma a uma. Ele iria querê-las de novo quando estivesse bem, disse Dany a si própria.

Um sopro de ar entrou na tenda quando Aggo enfiou a cabeça através da seda.

— *Khaleesi* — disse — o ândalo chegou e pede licença para entrar.

“O ândalo” era o que os dothraki chamavam a Sor Jorah.

— Sim — disse ela, erguendo-se desajeitadamente —, manda-o entrar. — Confiava no cavaleiro. Ele saberia o que fazer se mais ninguém soubesse.

Sor Jorah Mormont entrou, baixando a cabeça sob a aba que fazia de porta e esperou um momento que os olhos se lhe ajustassem à escuridão. No feroz calor do sul, usava calças largas de sedareia de várias cores e sandálias abertas de montar atadas junto do joelho. A bainha da sua espada pendia de um cinto de pêlo de cavalo entrançado. Sob um colete branqueado, o seu peito estava nu, com a pele tornada vermelha pelo sol.

— Fala-se ao ouvido por todo o *khalasar* — disse ele. — Diz-se que Khal Drogo caiu do cavalo.

— Ajudai-o — suplicou Dany. — Pelo amor que dizeis ter por mim, ajudai-o agora.

O cavaleiro ajoelhou a seu lado. Olhou para Drogo com atenção durante muito tempo, e depois virou os olhos para Dany.

— Mandai as aias embora.

Sem palavras, de garganta apertada de medo, Dany fez um gesto. Irri empurrou as outras raparigas para fora da tenda.

Quando ficaram sós, Sor Jorah puxou do punhal. Habilmente, com uma delicadeza surpreendente num homem tão grande, começou a raspar do peito de Drogo as folhas negras e a lama seca azul. O emplastro tornara-se tão duro como os muros de lama dos Homens-Ovelhas, e tal como esses muros, estalava facilmente. Sor Jorah quebrou a lama seca com a faca, afastou os bocados da pele, puxou pelas folhas uma a uma. Um cheiro doce e desagradável elevou-se da ferida, tão forte que quase a sufocou. As folhas estavam cobertas de sangue e pus, e o peito de Drogo negro e cintilante de decomposição.

— Não — sussurrou Dany enquanto as lágrimas lhe corriam pela cara. — Não, por favor, deuses, ouvi-me, *não*.

Khal Drogo agitou-se, lutando contra algum inimigo invisível. O sangue escorreu, lento e espesso, da sua ferida aberta.

— O vosso *khal* é um homem morto, Princesa.

— Não, ele não pode morrer, não *pode*, era só um corte. — Dany tomou a grande mão calosa de Drogo nas suas mãos pequenas, e apertou-a com força.

— Não deixarei que morra...

Sor Jorah soltou uma gargalhada amarga.

— *Khaleesi* ou rainha, essa ordem está para lá do vosso poder. Poupai as lágrimas, menina. Choraí por ele amanhã, ou daqui a um ano. Não temos tempo para o desgosto. Temos de partir, e depressa, antes que morra.

Dany não compreendeu.

— Partir? Para onde partiríamos?

— Para Asshai, diria eu. Fica muito para sul, no fim do mundo conhecido, mas os homens dizem que é um grande porto. Encontraremos um navio que nos leve de regresso a Pentos. Será uma viagem dura, não tendes ilusões. Confiais no vosso *khas*? Virão connosco?

— Khal Drogo ordenou-lhes que me mantivessem a salvo — respondeu Dany em tom inseguro — mas se morrer... — Tocou o inchaço na barriga. — Não compreendo. Porque haveríamos de fugir? Sou *khaleesi*. Estou grávida do herdeiro de Drogo. Ele será *khal* após Drogo...

Sor Jorah franziu o sobrolho.

— Princesa, escutai-me. Os dothraki não seguirão um bebé de peito. Eles curvavam-se perante a força de Drogo, e só perante isso. Quando ele desaparecer, Jhaqo, Pono e o outro *kos* lutarão pelo seu lugar, e o seu *khalasar* devorar-se-á. O vencedor não quererá rivais. O rapaz será tirado do vosso seio no momento em que nascer. Dá-lo-ão aos cães.

Dany abraçou-se.

— Mas *porquê*? — gritou com voz queixosa. — Porque haveriam de matar um bebezinho?

— É filho de Drogo, e as feiticeiras dizem que será o garanhão que monta o mundo. Foi profetizado. É melhor matar a criança do que arriscar a sua fúria quando crescer até ser homem.

O bebê deu um pontapé, como se tivesse ouvido. Dany recordou a história que Viserys lhe contara sobre o que os cães do Usurpador tinham feito aos filhos de Rhaegar. O filho dele também fora um bebê, e mesmo assim tinham-no arrancado ao peito da mãe e esmagado a cabeça contra uma parede. Assim eram os costumes dos homens.

— Não podem fazer mal ao meu filho! — gritou. — Ordenarei ao meu *khas* que o mantenha a salvo, e os companheiros de sangue de Drogo irão...

Sor Jorah agarrou-a pelos ombros.

— Um companheiro de sangue morre com o seu *khal*. Sabeis disso, filha. Levar-vos-ão para Vaes Dothrak, para as feiticeiras, é o último dever que têm para com ele em vida... quando o cumprirem, juntar-se-ão a Drogo nas terras da noite.

Dany não queria voltar para Vaes Dothrak e viver o resto da vida entre aquelas terríveis velhas, mas sabia que o cavaleiro falava verdade. Drogo fora mais do que o seu sol-e-estrelas; fora o escudo que a mantivera a salvo.

— Não deixarei que isso aconteça — disse ela teimosamente, numa voz infeliz. Voltou a pegar-lhe na mão. — Não deixarei.

Uma agitação na aba da tenda fez Dany virar a cabeça. Mirri Maz Duur entrou, com uma profunda vénia. Dias de marcha atrás do *khalasar* tinham-na deixado coxa e descomposta, com bolhas sangrentas nos pés e covas sob os olhos. Atrás dela entraram Qotho e Haggio, transportando o cofre da esposa de deus entre ambos. Quando os companheiros de sangue repararam na ferida de Drogo, o cofre deslizou dos dedos de Haggio e tombou ao chão da tenda, e Qotho soltou uma praga tão forte que empestou o ar.

Mirri Maz Duur estudou Drogo, mantendo o rosto imóvel e morto.

— A ferida ulcerou.

— Isto é trabalho teu, *maegi* — disse Qotho. Haggio atirou o punho contra o queixo de Mirri com um estalo carnudo que a atirou ao chão. Depois pontapeou-a.

— Paraí com isso! — gritou Dany.

Qotho afastou Haggio da mulher, dizendo:

— Pontapés são demasiada misericórdia para uma *maegi*. Leva-a lá para fora. Vamos prendê-la a uma estaca, para que sirva de montada a todos os homens que passarem por ela. E quando já nenhum a quiser, os cães usá-la-ão também. Doninhas rasgar-lhe-ão as entranhas e gralhas pretas deliciar-se-ão

com os seus olhos. As moscas do rio depositarão os seus ovos no ventre dela, e beberão pus das ruínas dos seus seios... — Enterrou dedos duros como ferro na carne mole e oscilante sob o braço da esposa de deus e pô-la em pé.

— Não — disse Dany. — Não a quero magoada.

Os lábios de Qotho afastaram-se dos seus dentes tortos e castanhos numa terrível caricatura de sorriso.

— Não? Dizes-me que *não*? É melhor que rezes para não te prendermos ao lado da tua *maegi*. Tu fizeste isto, tanto como a outra.

Sor Jorah interpôs-se, desapertando a espada na bainha.

— Puxa as rédeas à língua, companheiro de sangue. A princesa ainda é tua *khaleesi*.

— Só enquanto o sangue-do-meu-sangue sobreviver — disse Qotho ao cavaleiro. — Quando morrer, não é nada.

Dany sentiu um aperto no seu interior.

— Antes de ser *khaleesi*, era do sangue do dragão. Sor Jorah, chamai o meu *khas*.

— Não — disse Qotho. — Nós saímos. Por agora... *khaleesi*. — Haggio seguiu-o, carrancudo.

— Aquele quer-vos mal, princesa — disse Mormont. — Os dothraki acreditam que um homem e os seus companheiros de sangue partilham uma vida, e Qotho vê-a a terminar. Um homem morto está para lá do medo.

— Ninguém morreu — disse Dany. — Sor Jorah, posso ter necessidade da vossa lâmina. É melhor colocardes a armadura. — Estava mais assustada do que se atrevia a admitir, até para si própria.

O cavaleiro fez uma vénia.

— Às vossas ordens. — Saiu a passos largos da tenda.

Dany virou-se para Mirri Maz Duur. Os olhos da mulher estavam prudentes.

— E assim me salvastes outra vez.

— E agora tens de o salvar a ele — disse Dany. — Por favor...

— Não se pede a uma escrava — respondeu bruscamente Mirri —, diz-se-lhe. — Aproximou-se de Drogo, que ardia sobre a sua esteira, e olhou longamente para a sua ferida. — Pedir ou dizer, não faz diferença. Ele está para lá das capacidades de um curandeiro. — Os olhos do *khal* estavam fechados. Ela abriu um com os dedos. — Tem atenuado a dor com leite de papoila.

— Sim — admitiu Dany.

— Fiz-lhe um cataplasma de vagem de fogo e não-me-piques, e liguei-o numa pele de ovelha.

— Ele dizia que ardia. Arrancou-o. As ervanárias fizeram-lhe uma nova,

húmida e calmante.

— Sim, ardia. Há grande magia curativa no fogo, até os vossos homens sem cabelo sabem disso.

— Faz-lhe um novo cataplasma — pediu Dany. — Desta vez eu asseguro-me de que ele não o arranca.

— O tempo para isso passou, senhora — disse Mirri. — Tudo o que posso fazer agora é tornar mais fácil o escuro caminho que ele tem a percorrer, para que possa cavalgar sem dor para as terras da noite. Terá partido pela manhã.

As palavras da mulher foram como uma faca espetada no peito de Dany. Que tinha ela feito para tornar os deuses tão cruéis? Por fim encontrara um lugar seguro, e por fim experimentara o amor e a esperança. Finalmente estava a caminho de casa. E agora perdia tudo...

— Não — suplicou. — Salva-o, e juro que te liberto. Deves conhecer uma maneira... alguma magia, algum...

Mirri Maz Duur apoiou o peso nos calcanhares e estudou Daenerys por olhos negros como a noite.

— Existe um feitiço. — A voz era silenciosa, pouco mais que um suspiro. — Mas é duro, senhora, e escuro. Alguns diriam que a morte é mais limpa. Aprendi-o em Asshai, e paguei caro pela lição. O meu professor foi um mago de sangue vindo das Terras da Sombra.

Dany sentiu-se congelar.

— Então és mesmo uma *maegi*...

— Serei? — Mirri Maz Duur sorriu. — Só uma *maegi* pode salvar agora o vosso cavaleiro, Senhora de Prata.

— Não há nenhuma outra maneira?

— Nenhuma.

Khal Drogo soltou um arquejo trémulo.

— Fá-lo — exclamou Dany. Não podia ter medo, era do sangue do dragão. — Salva-o.

— Há um preço — preveniu-a a esposa de deus.

— Terás ouro, cavalos, o que quiseres.

— Não é questão de ouro ou cavalos. Isto é magia de sangue, senhora. Só a morte pode pagar a vida.

— A morte? — Dany enrolou protectoramente os braços em torno de si própria e balançou para trás e para a frente sobre os calcanhares. — A minha morte? — Disse a si própria que morreria por ele, se tivesse de ser. Era do sangue do dragão, não teria medo. O irmão Rhaegar morrera pela mulher que amava.

— Não — prometeu Mirri Maz Duur. — A vossa morte não, *khaleesi*.

Dany tremeu de alívio.

— Fá-lo.

A *maegi* anuiu solenemente.

— Será feito como dizeis. Chamai os vossos servos.

Khal Drogo contorceu-se debilmente quando Rakharo e Quaro o puseram no banho.

— Não — murmurou — não. Tenho de montar. — Uma vez dentro de água, toda a força pareceu escoar-se do seu corpo.

— Trazei o seu cavalo — ordenou Mirri Maz Duur, e foi o que fizeram. Jhiqui levou o grande garanhão vermelho para o interior da tenda. Quando o animal sentiu o cheiro da morte, relinchou e recuou, rolando os olhos. Foram precisos três homens para o subjugar.

— Que tencionas fazer? — perguntou Dany.

— Precisamos do sangue — respondeu Mirri. — É esse o caminho.

Jhogo afastou-se com cautela, com a mão sobre o *arakh*. Era um jovem de dezasseis anos, magro como um chicote, destemido, de riso fácil, com a leve sombra do seu primeiro bigode no lábio superior. Caiu de joelhos perante ela.

— *Khaleesi* — suplicou —, não deveis fazer isto. Deixai-me matar esta *maegi*.

— Se a matares, matarás o teu *khal* — disse Dany.

— Isto é magia de sangue — disse ele. — É proibido.

— Sou *khaleesi*, e digo que não é proibido. Em Vaes Dothrak, Khal Drogo matou um garanhão e eu comi o seu coração, para dar ao nosso filho força e coragem. Isto é a mesma coisa. A *mesma*.

O garanhão escoiceou e recuou quando Rakharo, Quaro e Aggo o puxaram para perto da banheira onde o *khal* flutuava como se já estivesse morto, com sangue e pus a escorrer da sua ferida para ir sujar as águas. Mirri Maz Duur entoou um cântico com palavras numa língua que Dany não conhecia, e uma faca surgiu-lhe na mão. Dany não chegou a ver de onde a retirou. Parecia velha; bronze vermelho batido, em forma de folha, com a lâmina coberta de antigos glifos. A *maegi* empurrou-a através da garganta do garanhão, sob a sua nobre cabeça, e o cavalo gritou e estremeceu enquanto o sangue jorrava numa torrente vermelha. Teria caído, mas os homens do *khas* de Dany mantiveram-no sobre as patas.

— Força da montada, passa para o cavaleiro — cantou Mirri enquanto o sangue do cavalo voluteava para dentro das águas do banho de Drogo. — Força do animal, passa para o homem.

Jhogo parecia aterrorizado enquanto lutava contra o peso do garanhão, com medo de tocar na carne morta, mas também com medo de a largar. *É só*

um cavalo, pensou Dany. Se podia comprar a vida de Drogo com a morte de um cavalo, pagaria esse preço mil vezes.

Quando deixaram o garanhão cair, o banho estava vermelho-escuro, e nada se via de Drogo a não ser o seu rosto. Mirri Maz Duur não precisava da carcaça.

— Queimai-a — disse-lhes Dany. Sabia que era o que faziam. Quando um homem morria, a montada era morta e colocada sob o seu corpo na pira funerária, a fim de o transportar para as terras da noite. Os homens do seu *khas* arrastaram a carcaça para fora da tenda. Havia sangue por todo o lado. Até as paredes de sedareia estavam manchadas de vermelho, e as esteiras sob os seus pés estavam negras e húmidas.

Foram acesos braseiros. Mirri Maz Duur atirou um pó vermelho sobre os carvões. Dava ao fumo um odor a especiaria, um cheiro bastante agradável, mas Eroeh fugiu aos soluços, e Dany encheu-se de medo. Mas fora demasiado longe para voltar atrás agora. Mandou as aias embora.

— Ide com elas, Senhora de Prata — disse-lhe Mirri Maz Duur.

— Eu fico — disse Dany. — O homem possuiu-me sob as estrelas e deu vida à criança que trago dentro de mim. Não o abandonarei.

— Tendes de o fazer. Quando eu começar a cantar, ninguém deve entrar nesta tenda. A minha canção acordará poderes antigos e escuros. Os mortos dançarão aqui esta noite. Nenhum vivente deve vê-los.

Dany inclinou a cabeça, impotente.

— Ninguém entrará. — Dobrou-se sobre a banheira, sobre Drogo e o seu banho de sangue, e beijou-o suavemente na testa. — Trá-lo de volta para mim — sussurrou a Mirri Maz Duur antes de sair.

Lá fora, o Sol estava baixo no horizonte, e o céu era de um vermelho ferido. O *khalasar* acampara. Havia tendas e esteiras de dormir até onde o olhar chegava. Soprava um vento quente. Jhogo e Aggo cavavam um buraco de fogo, para incinerar o garanhão morto. Reunira-se uma multidão para olhar para Dany com olhos negros e duros, com rostos como máscaras de cobre martelado. Viu Sor Jorah Mormont, trazendo agora cota de malha e couro, com a larga testa de quem vai perdendo cabelo salpicada de suor. Sor Jorah abriu caminho aos empurrões por entre os dothraki para se pôr ao lado de Dany. Quando viu as pegadas escarlate que as botas dela tinham deixado no chão, a cor pareceu escoar-lhe do rosto.

— Que fizestes, pequena louca? — perguntou ele em voz rouca.

— Tinha de o salvar.

— Podíamos ter fugido — disse ele. — Podia ter-vos levado a salvo até Asshai, princesa. Não havia necessidade...

— Sou deveras vossa princesa? — perguntou-lhe ela.

— Sabeis que sim, que os deuses nos salvem a ambos.

— Então ajudai-me agora.

Sor Jorah fez uma careta.

— Bem gostaria de saber como.

A voz de Mirri Maz Duur ergueu-se num lamento agudo e ululante que enviou um arrepio pelas costas de Dany abaixo. Alguns dos dothraki começaram a resmungar e a recuar. A tenda brilhava com a luz vinda dos braseiros que tinha no interior. Através da sedareia salpicada de sangue, Dany viu sombras que se moviam.

Mirri Maz Duur dançava, e não estava só.

Dany viu um medo nu nos rostos dos dothraki.

— Isto *não pode ser* — trovejou Qotho.

Não vira o companheiro de sangue regressar. Tinha Haggo e Cohollo com ele. Haviam trazido os homens sem cabelo, os eunucos que curavam com facas, agulhas e fogo.

— Isto *será* — respondeu Dany.

— *Maegi* — rosnou Haggo. E o velho Cohollo — o Cohollo que ligara a vida à de Drogo no dia do seu nascimento, o Cohollo que sempre fora bondoso com ela — cuspiu-lhe em cheio na cara.

— Morrerás, *maegi* — prometeu Qotho — mas a outra tem de morrer primeiro. — Puxou pelo *arakh* e dirigiu-se à tenda.

— Não — gritou Dany —, não *podes*. — Pegou-lhe no ombro, mas Qotho empurrou-a. Dany caiu de joelhos, cruzando os braços sobre a barriga para proteger a criança que tinha lá dentro. — Parai-o — ordenou ao seu *khas* —, matai-o.

Rakharo e Quaro encontravam-se ao lado da aba da tenda. Quaro deu um passo em frente, levando a mão ao cabo do chicote, mas Qotho rodopiou, gracioso como uma bailarina, fazendo subir o *arakh* curvo. A lâmina apanhou Quaro debaixo do braço, o brilhante aço afiado cortou couro e pele, cortou músculo e osso da costela. Jorrou sangue quando o jovem cavaleiro cambaleou para trás, arquejando.

Qotho libertou a lâmina.

— *Senhor dos cavalos* — chamou Sor Jorah Mormont. — Tenta comigo. — A sua espada longa deslizou da sua bainha.

Qotho rodopiou, praguejando. O *arakh* moveu-se tão depressa que o sangue de Quaro foi projectado num borrifio fino, como chuva num vento quente. A espada parou-o a trinta centímetros do rosto de Sor Jorah, e segurou-o, estremecendo, por um instante enquanto Qotho uivava de fúria. O cavaleiro estava revestido por cota de malha, com manoplas e grevas de aço

articulado e um pesado gorjal em volta da garganta, mas não se lembrara de colocar o elmo.

Qotho dançou para trás, fazendo girar o *arakh* por cima da cabeça numa mancha cintilante, brilhando como um relâmpago quando o cavaleiro arremete numa investida. Sor Jorah fez a melhor parada que foi capaz, mas os golpes sucediam-se tão depressa que parecia a Dany que Qotho tinha quatro *arakhs* noutras tantas mãos. Ouviu o barulho de uma espada a atingir cota de malha, viu faíscas a saltar quando a longa lâmina curva atingiu de raspão uma manopla. De súbito, era Mormont que tropeçava para trás e Qotho que saltava para um ataque. O lado esquerdo da cara do cavaleiro ficou vermelho de sangue e um golpe abriu uma fenda na cota de malha e deixou-o a coxear. Qotho gritou-lhe insultos, chamando-lhe covarde, homem de leite, eunuco num fato de ferro.

— Vais morrer agora! — prometeu, com o *arakh* a tremer no ocaso vermelho. Dentro do ventre de Dany, o seu filho deu um pontapé selvagem. A lâmina curva esquivou-se à direita e mordeu profundamente a anca do cavaleiro, onde a cota de malha fora cortada.

Mormont grunhiu, tropeçou. Dany sentiu uma dor aguda na barriga, uma sensação húmida nas coxas. Qotho berrou de triunfo, mas o seu *arakh* embatera em osso, e durante meio segundo ficou preso.

Foi o bastante. Sor Jorah fez cair a sua espada com toda a força que lhe restava, fazendo-a cortar pele, músculo e osso, e o braço de Qotho pendeu solto, baloiçando preso a um fino cordão de pele e tendões. O golpe seguinte do cavaleiro foi dirigido à orelha do dothraki, e levava tanta fúria que a cara de Qotho quase pareceu explodir.

Os dothraki gritavam, Mirri Maz Duur uivava dentro da tenda como se não tivesse nada de humano, Quaro pedia água enquanto morria. Dany gritou por ajuda, mas ninguém a ouviu. Rakharo lutava com Haggio, *arakh* dançando com *arakh* até que o chicote de Jhogo estalou, sonoro como um trovão, enrolando-se em volta da garganta de Haggio. Um puxão, e o companheiro de sangue tropeçou para trás, perdendo o equilíbrio e a espada. Rakharo saltou para diante, uivando, empurrando o *arakh* para baixo com ambas as mãos através do topo da cabeça de Haggio. A ponta prendeu-se entre os seus olhos, vermelha e a estremecer. Alguém atirou uma pedra, e quando Dany olhou, tinha o ombro rasgado e ensanguentado.

— Não — chorou —, não, por favor, parem, é demasiado, o preço é demasiado. — Mais pedras vieram pelo ar. Tentou rastejar na direcção da tenda, mas Cohollo apanhou-a. Com os dedos no seu cabelo, puxou-lhe a cabeça para trás, e Dany sentiu o frio toque da faca dele na sua garganta. — O meu bebé — gritou, e os deuses talvez tivessem ouvido, pois, no mesmo

instante, Cohollo morreu. A seta de Aggo atingiu-o debaixo do braço e trespassou-lhe os pulmões e o coração.

Quando por fim Daenerys encontrou forças para erguer a cabeça, viu a multidão a dispersar, os dothraki a esgueirar-se em silêncio de volta às suas tendas e esteiras de dormir. Alguns selavam cavalos, montavam e afastavam-se. O Sol pusera-se. Fogueiras ardiam por todo o *khalasar*, grandes chamas cor-de-laranja que crepitavam com fúria e cuspiam faúlhas para o céu. Tentou erguer-se, e uma dor imensa capturou-a e esmagou-a como o punho de um gigante. Ficou sem fôlego; não conseguiu fazer mais do que arquejar. O som da voz de Mirri Maz Duur era como uma endecha. Dentro da tenda, as sombras rodopiavam.

Sentiu um braço sob a cintura, e Sor Jorah ergueu-a. Tinha o rosto pegajoso de sangue, e Dany viu que metade da sua orelha tinha desaparecido. Sofreu uma convulsão nos seus braços quando a dor a voltou a submergir, e ouviu o cavaleiro gritar para que as aias o ajudassem. *Têm todos assim tanto medo?* Conhecia a resposta. Outra dor a assaltou, e Dany reprimiu um grito. Era como se o seu filho tivesse uma faca em cada mão, como se a estivesse a golpear para abrir caminho para o exterior.

— Doreah, maldita seja — rugiu Sor Jorah. — Anda cá. Vai buscar as parteiras.

— Elas não virão. Dizem que ela está amaldiçoada.

— Se não vierem, arranco-lhes as cabeças.

— Elas foram-se embora, senhor — chorou Doreah.

— *A maegi* — disse alguém. Teria sido Aggo? — Levai-a à *maegi*.

Não, quis dizer Dany, *não, isso não, não podem*, mas quando abriu a boca escapou dela um longo lamento de dor, e surgiu suor na sua pele. *Que se passa com eles, não vêem?* Dentro da tenda, as formas dançavam, rodeando o braseiro e o banho sangrento, escuras contra a sedareia, e algumas não pareciam humanas. Vislumbrou a sombra de um grande lobo, e uma outra que era como um homem envolvido em chamas.

— A Mulher-Ovelha conhece os segredos da cama de partos — disse Irri. — Foi ela que o disse, eu ouvi-a.

— Sim — concordou Doreah —, também a ouvi.

Não, gritou Dany, ou talvez tivesse apenas pensado em gritar, pois nem um sussurro lhe escapou de entre os lábios. Transportavam-na. Os seus olhos abriram-se para um céu vazio e morto, negro, triste e sem estrelas. *Por favor, não*. O som da voz de Mirri Maz Duur ficou mais forte até encher o mundo. *As formas!* gritou. *Os dançarinos!*

Sor Jorah entrou com ela na tenda.

O cheiro de pão quente que vinha das lojas na Rua da Farinha era mais doce do que qualquer perfume que Arya tivesse cheirado. Inspirou profundamente e aproximou-se do pombo. Era um pombo rechonchudo, pintalgado de castanho, atarefado a debicar uma côdea que tinha caído entre duas pedras do pavimento, mas quando a sombra de Arya lhe tocou, levantou voo.

A sua espada de pau assobiou e apanhou o pombo a meio metro do chão, e a ave tombou ao chão numa confusão de penas castanhas. Num piscar de olhos, Arya estava em cima dele, agarrando uma asa enquanto o pombo tentava voar. A ave atirou-lhe uma bicada à mão. A rapariga agarrou-lhe no pescoço e torceu-o até sentir o osso a quebrar.

Comparado com apanhar gatos, apanhar pombos era *fácil*.

Um septão que passava estava a olhá-la de soslaio.

— Este é o melhor lugar para encontrar pombos — disse-lhe Arya enquanto se sacudia e apanhava a espada de pau. — Vêm à procura de migalhas. — O homem apressou-se a afastar-se.

Arya atou o pombo ao cinto e começou a descer a rua. Um homem passou por ela, empurrando um carregamento de tortas num carrinho de duas rodas; os cheiros cantaram sobre arandos, limões e damascos. O seu estômago soltou um trovejar oco.

— Dás-me uma? — ouviu-se a dizer. — De limão ou... ou qualquer uma.

O homem do carrinho de mão olhou-a dos pés à cabeça. Deixou claro que não gostou do que viu.

— Três cobres.

Arya bateu com a espada de madeira contra o lado da bota.

— Troco-a por um pombo gordo — disse.

— Que os Outros levem o teu pombo — disse o homem do carrinho de mão.

As tortas ainda vinham quentes do forno. Os cheiros enchiam-lhe a boca de água, mas ela não tinha três cobres... ou um que fosse. Olhou para o homem do carrinho de mão, lembrando-se do que lhe dissera Syrio sobre *ver*. Era um homem baixo, com uma pequena barriga redonda, e quando se movia, parecia favorecer um pouco a perna esquerda. Estava precisamente a pensar que se agarrasse numa torta e fugisse, ele nunca conseguiria apanhá-la quando o homem disse:

— Tem tento nessas tuas mãozinhas nojentas. Os homens de mantos

dourados sabem bem como lidar com ratazanazinhas gatunas de sarjeta, ah pois sabem.

Arya deitou um relance cuidadoso para trás. Dois dos membros da Patrulha da Cidade estavam parados na esquina de uma viela. Os mantos chegavam quase ao chão, com a pesada lã tingida de um tom rico de dourado; as suas botas, luvas e cota de malha eram negras. Um trazia uma espada longa à anca, o outro, uma clava de ferro. Com um último relance ávido para as tortas, Arya afastou-se do carrinho e apressou-se a ir embora. Os homens de mantos dourados não lhe estavam a prestar nenhuma atenção especial, mas vê-los deu-lhe nós no estômago. Arya andara por tão longe do castelo como pudera, mas mesmo à distância, conseguia ver as cabeças que apodreciam no topo das grandes muralhas vermelhas. Bandos de corvos brigavam ruidosamente por cima de cada cabeça, densos como moscas. Dizia-se no Fundo das Pulgas que os homens de manto dourado se tinham aliado aos Lannister, que o seu comandante fora feito senhor, com terras no Tridente e lugar no conselho do rei.

Arya também ouvira outras coisas, coisas assustadoras, coisas que não faziam sentido para ela. Havia quem dissesse que o pai assassinara o Rei Robert e que fora morto por Lorde Renly. Outros insistiam que fora *Renly* a matar o rei numa briga de bêbados entre irmãos. Por que outro motivo teria fugido durante a noite como um ladrão comum? Uma história dizia que o rei fora morto por um javali enquanto caçava, outra afirmava que morreria enquanto *comia* javali, empanturrando-se tanto que explodira à mesa. Não, o rei morreria à mesa, diziam outros, mas só porque Varys, a Aranha, o envenenara. Não, fora *a rainha* quem o envenenara. Não, morreria de bexigas. Não, sufocara com uma espinha de peixe.

Numa coisa todas as histórias concordavam: o Rei Robert estava morto. Os sinos nas sete torres do Grande Septo de Baelor tinham repicado durante um dia e uma noite, fazendo troar a sua dor pela cidade numa maré de bronze. Só faziam soar os sinos assim quando um rei morria, dissera um aprendiz de curtidor a Arya.

Tudo o que queria era voltar para casa, mas deixar Porto Real não era tão fácil como esperara. Toda a gente falava de guerra, e a densidade dos homens de mantos dourados era tão grande nas muralhas da cidade como a de moscas em... bem, nela, por exemplo. Vinha passando as noites no Fundo das Pulgas, sobre telhados e em estábulos, onde quer que conseguisse encontrar um lugar para se deitar, e não demorara muito tempo a compreender que o distrito tinha o nome certo.

Todos os dias desde a fuga da Fortaleza Vermelha, Arya visitava os sete portões da cidade, um de cada vez. O Portão do Dragão, o Portão do Leão e o

Portão Velho estavam fechados e trancados. O Portão da Lama e o Portão dos Deuses estavam abertos, mas só para aqueles que quisessem entrar na cidade; os guardas não deixavam sair ninguém. Os que estavam autorizados a sair faziam-no pelo Portão do Rei ou pelo Portão de Ferro, mas eram homens-de-armas Lannister, com mantos carmesim e elmos encimados por leões, que aí guarneciam os postos de guarda. Espiando do telhado de uma estalagem próxima do Portão do Rei, Arya viu-os a vasculhar carroças e carruagens, a forçar cavaleiros a abrir os seus alforjes, e a interrogar todos os que tentavam passar a pé.

Por vezes pensava em atravessar o rio a nado, mas a Torrente da Água Negra era larga e profunda, e todos concordavam que as suas correntes eram perigosas e traiçoeiras. Não tinha dinheiro para pagar a um barqueiro ou comprar uma passagem num navio.

O senhor seu pai ensinara-a a nunca roubar, mas estava a tornar-se cada vez mais difícil lembrar-se porquê. Se não saísse dali em breve, teria de arriscar a sorte com os homens de mantos dourados. Não tinha passado muita fome desde que aprendera a derrubar aves com a espada de pau, mas temia que tanto pombo a estivesse a deixar doente. Comera um par deles crus, antes de encontrar o Fundo das Pulgas.

No Fundo havia casas de pasto espalhadas pelas vielas onde enormes banheiras de guisado ferviam havia anos, e podia-se trocar metade de uma ave por uma fatia de pão do dia anterior e uma “tigela do castanho”, e até torravam a outra metade no fogo, desde que fosse o cliente a depenar o pombo. Arya teria dado qualquer coisa por uma chávena de leite e um bolo de limão, mas o castanho não era mau de todo. Costumava ter cevada e bocados de cenoura, cebola e nabo, e às vezes até tinha maçã, com uma película de gordura a nadar por cima. Em geral, tentava não pensar na carne. Uma vez, obtivera um bocado de peixe.

O único problema era que essas casas nunca estavam vazias, e mesmo enquanto devorava a comida, podia senti-los a observar. Alguns deles não tiravam os olhos das suas botas ou do seu manto, e sabia o que estavam a pensar. Com outros, quase conseguia sentir os olhos a rastejar sob os seus couros; *não* sabia o que eles estavam a pensar, e isso assustava-a ainda mais. Um par de vezes, fora seguida até às vielas e perseguida depois, mas até então, nenhum fora capaz de a apanhar.

A pulseira de prata que esperara vender fora roubada na primeira noite que passara fora do castelo, junto com a trouxa de roupa boa, surripiada enquanto dormia numa casa queimada perto da Viela dos Porcos. Tudo o que lhe tinham deixado fora o manto em que se enrolara, os couros que vestia, a espada de treino de madeira... e a Agulha. Dormia em cima da Agulha, e se

não fosse isso, também a teria perdido; valia mais do que tudo o resto em conjunto. Desde então, Arya acostumara-se a caminhar com o manto enrolado no braço direito, a fim de esconder a lâmina que trazia à anca. A espada de madeira era levada na mão esquerda, onde todos a pudessem ver, a fim de assustar ladrões, mas havia homens nas casas de pasto que não se assustariam nem que ela tivesse um machado de batalha. Era o suficiente para lhe fazer perder o gosto por pombo e pão duro. Era mais comum ir dormir com fome do que arriscar-se aos olhares.

Uma vez fora da cidade, encontraria bagas prontas a colher, ou pomares que poderia assaltar em busca de maçãs ou cerejas. Arya lembrava-se de ver alguns da Estrada do Rei durante a viagem para sul. E podia escavar em busca de raízes, na floresta, ou até caçar alguns coelhos. Na cidade, as únicas coisas que podia caçar eram ratazanas, gatos e cães descarnados. Ouvira dizer que as casas de pasto ofereciam uma mão-cheia de cobres por uma ninhada de cachorros, mas não gostava de pensar nisso.

Abaixo da Rua da Farinha ficava um labirinto de vilas retorcidas e travessas. Arya lutou por atravessar a multidão, tentando colocar distância entre si e os homens de mantos dourados. Aprendera a manter-se no centro da rua. Por vezes tinha de desviar-se de carroças e cavalos, mas pelo menos podia vê-los a aproximar-se. Se se caminhasse junto aos edifícios, era-se agarrado pelas pessoas. Em algumas vielas não havia hipótese de não roçar nas paredes; os edifícios aproximavam-se tanto que quase se encontravam.

Um ruidoso bando de crianças pequenas passou por ela a correr, em perseguição de um arco. Arya ficou a olhar para eles com ressentimento, lembrando-se dos tempos em que brincara ao arco com Bran, Jon e o irmão mais pequeno, Rickon. Perguntou a si própria quanto teria crescido Rickon, e se Bran estaria triste. Teria dado tudo por ter ali Jon a chamar-lhe “irmãzinha” e a despenteá-la o cabelo. Não que precisasse de ser despenteado. Vira o seu reflexo em charcos, e não lhe parecia que pudesse haver cabelo mais despenteado do que o dela.

Tentara falar com as crianças que via na rua, esperando fazer um amigo que lhe arranjasse lugar para dormir, mas devia falar errado ou qualquer coisa do género. Os pequenos limitavam-se a mirá-la com olhos rápidos e cuidadosos, e fugiam se se aproximasse demasiado. Os irmãos e irmãs mais velhos faziam perguntas que Arya não podia responder, chamavam-lhe nomes e tentavam roubá-la. Apenas no dia anterior, uma rapariga magricela e descalça com o dobro da sua idade atirara-a ao chão e tentara arrancar-lhe as botas dos pés, mas Arya dera-lhe um estalo na orelha com a espada de pau que a afastara aos soluços e a sangrar.

Uma gaivota voou aos círculos por cima da sua cabeça quando desceu a

colina em direcção ao Fundo das Pulgas. Arya olhou-a de relance, pensativa, mas estava bem longe do alcance do seu pau. A ave fê-la pensar no mar. Talvez fosse esse o caminho para fora dali. A Velha Ama costumava contar histórias sobre rapazes que se escondiam em galés mercantes e zarpavam para todos os tipos de aventuras. Talvez Arya pudesse fazer o mesmo. Decidiu visitar a margem do rio. De qualquer forma, ficava a caminho do Portão da Lama, e ainda não verificara esse hoje.

Os molhes estavam estranhamente sossegados quando Arya lá chegou. Viu outro par de mantos dourados, caminhando lado a lado pelo mercado de peixe, mas nem sequer olharam para ela. Metade das bancas estava vazia, e parecia-lhe que havia menos navios atracados do que recordava. No Água Negra, três das galés de guerra do rei moviam-se em formação, com os cascos pintados de dourado a rasgar as águas à medida que os remos subiam e desciam. Arya observou-as durante algum tempo, depois pôs-se a caminho ao longo do rio.

Quando viu os guardas no terceiro cais, vestidos com mantos de lã cinzenta debruada de cetim branco, o coração quase lhe parou no peito. Ver as cores de Winterfell trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Atrás dos guardas, uma lustrosa galé mercante de três remos baloiçava nas suas amarras. Arya não conseguia ler o nome pintado no casco; as palavras eram estranhas, em miriano, bravosiano, talvez mesmo alto valiriano. Agarrou pela manga um estivador que passava.

— Por favor — disse — que navio é este?

— É a *Bruxa dos Ventos*, de Myr — disse o homem.

— Ainda está aqui — exclamou Arya. O estivador olhou-a de um modo estranho, encolheu os ombros e afastou-se. Arya correu para o cais. A *Bruxa dos Ventos* era o navio que o pai contratara para a levar para casa... ainda à espera! Julgara que tinha zarpado havia séculos.

Dois dos guardas jogavam aos dados enquanto o terceiro fazia rondas, com a mão pousada no copo da espada. Com vergonha de a verem chorar como um bebé, Arya parou para esfregar os olhos. Os olhos os olhos os olhos, porque era que...

Olha com os olhos, ouviu Syrio a sussurrar.

Arya olhou. Conhecia todos os homens do pai. Os três com os mantos cinzentos eram estranhos.

— Tu — chamou aquele que fazia rondas. — Que queres daqui, rapaz?
— Os outros dois ergueram os olhos dos dados.

A única coisa que Arya conseguiu fazer foi evitar saltar e fugir, mas sabia que se o fizesse, eles viriam imediatamente atrás dela. Obrigou-se a

aproximar-se. Estavam à espera de uma rapariga, mas tomaram-na por um rapaz. Nesse caso, *seria* um rapaz.

— Queres comprar um pombo? — Mostrou-lhe a ave morta.

— Sai daqui — disse o guarda.

Arya fez o que lhe foi dito. Não teve de fingir estar assustada. Atrás dela, os homens voltaram aos seus dados.

Não saberia dizer como regressou ao Fundo das Pulgas, mas respirava com força quando chegou às estreitas e retorcidas ruas de terra batida entre as colinas. O Fundo possuía um fedor característico, o cheiro de pocilgas, estábulos e barracas de curtumes, misturado ao cheiro amargo das tabernas e de bordéis baratos. Arya abriu caminho pelo labirinto com a mente entorpecida. Só se apercebeu de que o pombo tinha desaparecido quando lhe chegou um odor a castanho borbulhante vindo da porta de uma casa de pasto. Devia ter escorregado do seu cinto enquanto corria, ou alguém lho roubara sem que se desse conta. Por um momento, quis chorar de novo. Teria de percorrer todo o caminho de volta à Rua da Farinha e encontrar outro pombo que estivesse tão gordo como aquele.

Longe, do outro lado da cidade, sinos começaram a tocar.

Arya olhou para cima, à escuta, perguntando a si própria o que o toque significaria daquela vez.

— Que é isto agora? — gritou um homem gordo de dentro da casa de pasto.

— ‘Tra vez os sinos, que os deuses nos salvem — lamentou-se uma velha.

Uma prostituta de cabelo vermelho enfiada dentro de um fiapo de seda pintada abriu uma janela de segundo andar.

— Foi o rapaz rei que morreu? — gritou ela para baixo, debruçando-se sobre a rua. — Ah, os rapazes são assim, nunca duram muito tempo. — Enquanto ria, um homem nu rodeou-a com os braços por detrás, mordendo-lhe o pescoço e esfregando os pesados seios brancos que pendiam soltos sob a camisa.

— Estúpida porca — gritou o gordo. — O rei não está morto, aquilo são só sinos de chamar. É só uma torre a repicar. Quando o rei morre, tocam todos os sinos da cidade.

— Olha, pára de morder, senão faço tocar os *teus* sinos — disse a mulher à janela para o homem atrás dela, afastando-o com um cotovelo. — Então quem é que morreu, se não foi o rei?

— É uma chamada — repetiu o gordo.

Dois rapazes com perto da idade de Arya passaram por ali a correr, patinhando numa poça. A velha amaldiçoou-os, mas eles prosseguiram o seu

caminho. Outras pessoas também se punham em movimento, subindo a colina para ver o que era aquele barulho. Arya correu atrás do rapaz mais lento.

— Onde vais? — gritou ela quando se pôs mesmo atrás dele. — O que se passa?

Ele olhou de relance para trás sem abrandar.

— Os mantos dourados ‘tão a levar ele ‘pró septo.

— Quem? — berrou Arya, a correr a toda a velocidade.

— A Mão! O Buu diz que vão cortar a cabeça dele.

Uma carroça que passara pela rua deixara nela um sulco profundo. O rapaz saltou por cima dele, mas Arya não chegou a vê-lo. Tropeçou e caiu, de cabeça, esfolando o joelho numa pedra e esmagando os dedos quando as mãos atingiram a terra batida. A Agulha emaranhou-se-lhe nas pernas. Arya soluçou enquanto lutava por se pôr de joelhos. O polegar da mão esquerda estava coberto de sangue. Quando o pôs na boca, viu que metade da unha tinha desaparecido, arrancada na queda. As mãos latejavam-lhe, e o joelho também estava cheio de sangue.

— *Abram alas!* — gritou alguém da travessa. — *Abram alas para os senhores de Redwyne!* — Arya conseguiu sair da rua à justa antes que a atropelassem, quatro guardas montados em cavalos enormes, passando a galope. Usavam mantos de xadrez, azul e borgonha. Atrás deles, dois jovens fidalgos cavalgavam lado a lado num par de éguas castanhas, parecidos como duas gotas de água. Arya vira-os na muralha do castelo uma centena de vezes; os gémeos Redwyne, Sor Horas e Sor Hobber, jovens desajeitados com cabelo cor-de-laranja e umas caras quadradas e sardentas. Sansa e Jeyne Poole costumavam chamar-lhes Sor Horror e Sor Babel, e rebentavam em risinhos sempre que os viam. Agora não pareciam divertidos.

Toda a gente se movia na mesma direcção, todos com pressa de ver o que motivava o repique dos sinos. Estes pareciam agora tocar mais alto, tinindo, chamando. Arya juntou-se à corrente de gente. Doía-lhe tanto o polegar onde a unha se partira que só com esforço evitava chorar. Mordeu o lábio enquanto coxeava, escutando as vozes excitadas em seu redor.

— ... a Mão do Rei, Lorde Stark. Estão a levá-lo para o Septo de Baelor.

— Ouvi dizer que ele ‘tava morto.

— Nã tarda, nã tarda. Olha, tenho aqui um veado de prata que diz que lhe vão arrancar a cabeça.

— Já vai tarde, o traidor. — O homem cuspiu.

Arya lutou por encontrar a voz.

— Ele *nunca*... — começou, mas era apenas uma criança e os homens continuaram a falar por cima dela.

— *Palerma!* Nã vão nada cortar-lhe a cabeça. Desde quando é que eles

tratam da saúde a traidores nos degraus do Grande Septo?

— Bem, não vão ungi-lo cavaleiro de certeza. Ouvi dizer que foi o Stark que matou o velho Rei Robert. Que lhe abriu a garganta na floresta e que quando o encontraram, ‘tava lá, frio como tudo, e a dizer que tinha sido um javali velho a matar Sua Graça.

— Ah, isso não é verdade, foi o irmão que tratou dele, aquele Renly, o das hastes de ouro.

— Cala-me essa boca mentirosa, mulher. Não sabes o que ‘tás a dizer, sua senhoria é um homem bom e fiel.

Quando chegaram à Rua das Irmãs, a multidão aglomerava-se, ombro contra ombro. Arya deixou-se levar pela corrente humana, até ao topo da Colina de Visenya. A praça de mármore branco era uma massa sólida de gente, todos a tagarelar excitadamente uns com os outros e a fazer força para chegar mais perto do Grande Septo de Baelor. Os sinos soavam ali muito alto.

Arya contorceu-se através da multidão, esgueirando-se entre as patas de cavalos e agarrando-se bem à espada de pau. Do meio da multidão, tudo o que via eram braços, pernas e barrigas, e as sete torres esguias do septo que se erguiam por cima da praça. Vislumbrou uma carroça de madeira e pensou em trepar lá para cima para conseguir ver, mas outros tiveram a mesma ideia. O carroceiro amaldiçoou-os e afastou-os a golpes de chicote.

Arya ficou frenética. Ao forçar passagem até à frente da multidão, foi empurrada contra a pedra de um pedestal. Ergueu o olhar para Baelor, o Abençoado, o rei septão. Arya enfiou a espada de pau no cinto e começou a trepar. A unha partida deixou manchas de sangue no mármore pintado, mas conseguiu subir e enfiou-se entre os pés do rei.

Foi então que viu o pai.

O Lorde Eddard encontrava-se em pé no púlpito do Alto Septão à porta do septo, suportado por dois homens de mantos dourados. Vestia um gibão de rico veludo cinzento com um lobo branco cosido com contas na parte da frente, e um manto de lã cinzenta debruada de peles, mas estava mais magro do que Arya alguma vez o vira, com a longa face tensa de dor. Eram mais os homens a mantê-lo em pé do que ele a aguentar-se; o gesso que envolvia a perna partida mostrava-se cinzento e apodrecido.

O próprio Alto Septão estava atrás dele, um homem atarracado, encanecido pela idade e enormemente gordo, usando uma longa túnica branca e uma imensa coroa de ouro encordoad e cristal que lhe engrinaldava a cabeça de arco-íris sempre que se movia.

Em volta das portas do septo, um grupo de cavaleiros e de grandes senhores aglomerava-se em frente do púlpito elevado de mármore. Entre eles

destacava-se Joffrey, vestido todo de carmesim, seda e cetim adornados com veados empinados e leões a rugir, e com uma coroa de ouro na cabeça. A seu lado via-se a rainha sua mãe, trajando um vestido negro de luto com fendas carmesim, e com um véu de diamantes negros no cabelo. Arya reconheceu o Cão de Caça, que usava um manto branco de neve sobre a sua armadura cinzenta-escura, com quatro dos membros da Guarda Real à sua volta. Viu Varys, o eunuco, a deslizar entre os senhores em chinelos suaves e com uma toga de damasco com padrão, e achou que o homem baixo com a capa prateada e barba pontiaguda devia ser aquele que tinha em tempos lutado em duelo pela mãe.

E ali, entre eles, estava Sansa, vestida de seda azul celeste, com o seu longo cabelo ruivo lavado e encaracolado e braceletes de prata nos pulsos. Arya franziu o sobrolho, perguntando a si própria o que a irmã estaria a fazer ali, e porque pareceria tão feliz.

Uma longa fileira de lanceiros de mantos dourados sustinha a multidão, comandados por um homem forte com uma armadura elaborada, toda ela de laque negro e filigrana dourada. O seu manto tinha o brilho metálico de pano de ouro verdadeiro.

Quando o sino parou de soar, um silêncio foi lentamente cobrindo a grande praça, e o pai ergueu a cabeça e começou a falar, com a voz tão fraca que Arya quase não a conseguia ouvir. As pessoas atrás dela começaram a gritar “*Quê?*” e “*Mais alto!*”. O homem com a armadura de negro e dourado aproximou-se do pai e aguilhoou-o com força. Arya quis gritar *Deixa-o em paz!*, mas sabia que ninguém ouviria. Mordeu o lábio.

O pai ergueu a voz e recomeçou.

— Sou Eddard Stark, Senhor de Winterfell e Mão do Rei — disse, mais alto, fazendo a voz chegar a toda a praça — e venho até vós a fim de confessar a minha traição perante os deuses e os homens.

— *Não* — choramingou Arya. Por baixo dela, a multidão desatou a berrar e a gritar. Insultos e obscenidades encheram o ar. Sansa escondera o rosto nas mãos.

O pai ergueu a voz ainda mais alto, esforçando-se por ser ouvido.

— Traí a fé do meu rei e a confiança do meu amigo, Robert — gritou. — Jurei defender e proteger os seus filhos, mas antes ainda que o seu sangue arrefecesse, conspirarei para depor e matar o seu filho e tomar o trono para mim. Que o Alto Septão, Baelor, o Amado, e os Sete sejam testemunhas da verdade do que digo: Joffrey Baratheon é o verdadeiro herdeiro ao Trono de Ferro, e, pela graça de todos os deuses, Senhor dos Sete Reinos e Protector do Território.

Uma pedra saltou de entre a multidão. Arya gritou quando viu o pai a ser

atingido. Os homens de mantos dourados evitaram que caísse. Sangue escorreu-lhe pelo rosto, vindo de um profundo golpe na testa. Mais pedras se seguiram. Uma atingiu o guarda à esquerda do pai. Outra retiniu na placa de peito do cavaleiro com a armadura de negro e ouro. Dois dos homens da guarda real puseram-se em frente de Joffrey e da rainha, protegendo-os com os escudos.

A mão de Arya deslizou sob o manto e encontrou a Agulha na sua bainha. Apertou os dedos em volta do cabo, com mais força do que alguma vez apertara outra coisa qualquer. *Por favor, deuses, mantende-o a salvo*, orou. *Não permiti que façam mal ao meu pai*.

O Alto Septão ajoelhou perante Joffrey e sua mãe.

— Como pecamos, assim sofremos — entoou, numa voz profunda e empolada, muito mais forte do que a do pai. — Este homem confessou os seus crimes à vista dos deuses e dos homens, aqui neste lugar sagrado. — Arco-íris dançaram em volta da sua cabeça quando ergueu as mãos numa súplica. — Os deuses são justos, mas o Abençoado Baelor ensinou-nos que também são misericordiosos. O que será feito com este traidor, Vossa Graça?

Mil vozes gritavam, mas Arya não as ouviu. O Príncipe Joffrey... não, o Rei Joffrey... saiu de trás dos escudos da sua Guarda Real.

— A minha mãe pede-me que permita que Lorde Eddard vista o negro, e a Senhora Sansa suplicou misericórdia para o pai. — Olhou então a direito para Sansa e *sorriu*, e por um momento Arya pensou que os deuses tinham ouvido a sua prece, até que Joffrey se voltou a virar para a multidão e disse: — Mas elas têm corações suaves de mulheres. Enquanto eu for vosso rei, a traição nunca passará impune. Sor Ilyn, trazei-me a cabeça dele.

A multidão rugiu, e Arya sentiu a estátua de Baelor balançar quando todas aquelas pessoas a empurraram. O Alto Septão agarrou a capa do rei, e Varys aproximou-se a correr, sacudindo os braços, e até a rainha lhe estava a dizer qualquer coisa, mas Joffrey abanou a cabeça. Senhores e cavaleiros afastaram-se quando *ele* passou por eles, alto e descarnado, um esqueleto numa cota de malha, o Magistrado do Rei. Indistintamente, como que de uma grande distância, Arya ouviu a irmã gritar. Sansa caíra de joelhos, soluçando histericamente. Sor Ilyn Payne subiu os degraus do púlpito.

Arya contorceu-se entre os pés de Baelor e atirou-se sobre a multidão, puxando pela Agulha. Caiu em cima de um homem com um avental de carnicheiro, atirando-o ao chão. De imediato, alguém esbarrou nas suas costas, e quase que ela própria caía também. Corpos apertavam-se em volta, tropeçando e empurrando, espezinhando o pobre carnicheiro. Arya atacou-os com a Agulha.

Bem alto sobre o púlpito, Sor Ilyn Payne fez um gesto e o cavaleiro de

negro e dourado deu uma ordem. Os homens de mantos dourados atiraram Lorde Eddard ao mármore, projectando-lhe a cabeça e o peito sobre a borda.

— Eh, tu! — gritou uma voz irritada a Arya, mas ela passou rapidamente pelo homem, empurrando pessoas para o lado, esgueirando-se entre elas, batendo em qualquer um que se lhe atravessasse no caminho. Uma mão tentou agarrar-lhe na perna, e ela golpeou-a com a espada, dando caneladas. Uma mulher tropeçou e Arya correu pelas costas dela acima, atirando golpes para um lado e para o outro, mas não havia hipótese, *não havia hipótese*, havia demasiada gente, assim que abria um buraco, ele voltava a fechar-se. Alguém a empurrou com uma bofetada. Ainda conseguia ouvir os gritos de Sansa.

Sor Ilyn puxou uma espada longa de duas mãos da bainha que usava atada às costas. Quando ergueu a lâmina acima da cabeça, a luz do Sol pareceu ondular e dançar no metal escuro, tremeluzindo num gume mais afiado do que qualquer navalha. *Gelo*, pensou Arya, *ele tem Gelo!* Jorraram-lhe lágrimas pela cara abaixo, cegando-a.

E então uma mão projectou-se da multidão e fechou-se em torno do seu braço como uma armadilha para lobos, com tanta força que a Agulha lhe saltou da mão. Arya foi erguida no ar. Teria caído se ele não a tivesse levantado com tanta facilidade como se fosse uma boneca. Um rosto aproximou-se do dela, cabelo negro e longo, uma barba emaranhada e dentes podres.

— *Não olhes!* — rosnou-lhe uma voz espessa.

— Eu... eu... eu... — soluçou Arya.

O velho abanou-a com tanta força que a fez bater os dentes.

— Cala a boca e fecha os olhos, *rapaz*. — Indistintamente, como que vindo de uma grande distância, ouviu um... um *ruído*... um som suave como um suspiro, como se um milhão de pessoas tivesse expirado ao mesmo tempo. Os dedos do velho enterraram-se-lhe no braço, rígidos como ferro. — Olha para mim. Sim, é isso mesmo, para *mim*. — Vinho amargo perfumava-lhe o hálito. — Lembras-te, *rapaz*?

Foi o cheiro que avivou a recordação. Arya viu o cabelo despenteado e oleoso, o remendado e empoeirado manto negro que lhe cobria os ombros torcidos, os duros olhos negros que a olhavam de soslaio. E lembrou-se do irmão negro que viera visitar o pai.

— Agora já me conheces, é? Ora aí está um rapaz inteligente. — Cuspiu. — Isto aqui já acabou. Tu vens comigo, e vais manter a boca calada. — Quando ela começou a responder, ele abanou-a outra vez, ainda com mais força. — Eu disse *calada*.

A praça começava a esvaziar-se. A multidão dissolveu-se à volta deles à medida que as pessoas iam regressando às suas vidas. Mas a vida de Arya

tinha desaparecido. Entorpecida, arrastou-se ao lado de... *Yoren, sim, o nome dele é Yoren*. Não deu por ele ter encontrado a Agulha até que lhe entregou a espada.

— Espero que saibas usar isso, rapaz.

— Eu não sou... — começou ela.

Ele enfiou-a na reentrância de uma porta, enterrou-lhe dedos sujos no cabelo e torceu-os, puxando-lhe a cabeça para trás.

— ... não és um *rapaz* esperto, é isso que queres dizer?

Tinha uma faca na outra mão.

Quando a lâmina relampejou em direcção da sua cara, Arya atirou-se para trás, escoiceando desesperadamente, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, mas ele tinha-a presa pelo cabelo, com tanta *força*, que sentia o couro cabeludo a rasgar-se, e nos lábios o sabor salgado das lágrimas.

O s mais velhos eram homens feitos, com dezassete ou dezoito anos vividos desde o dia em que receberam os nomes. Um tinha mais de vinte anos. A maior parte era mais nova, com dezasseis anos ou menos.

Bran observou-os da varanda do torreão de Mestre Luwin, ouvindo-os grunhir, esforçar-se e praguejar enquanto brandiam os bordões e espadas de madeira. O pátio ganhava vida com os *clagues* da madeira a bater em madeira, interrompidos com demasiada frequência por *fuaques* e uivos de dor quando um golpe atingia couro ou carne. Sor Rodrik caminhava a passos largos entre os rapazes, com o rosto a corar sob as suíças brancas resmungando contra todos. Bran nunca vira o velho cavaleiro com um ar tão feroz.

— Não — não parava de dizer. — Não. Não. Não.

— Eles não lutam lá muito bem — disse Bran em tom de dúvida. Deu uma coçadela indolente atrás das orelhas de Verão enquanto o lobo gigante rasgava uma peça de carne. Ossos esmagaram-se entre os dentes do animal.

— Com certeza — concordou o Mestre Luwin com um profundo suspiro. O Mestre espreitava através do seu grande tubo de lentes miriano, medindo sombras e anotando a posição do cometa que pairava, baixo, no céu da manhã. — Mas se lhes dermos tempo... Sor Rodrik tem razão, precisamos de homens para patrulhar as muralhas. O senhor vosso pai levou a nata da sua guarda para Porto Real, e o vosso irmão levou o resto, junto com todos os rapazes capazes de léguas em redor. Muitos não regressarão, e temos de arranjar homens que os substituam.

Bran olhou com ressentimento para os rapazes suados.

— Se ainda tivesse as minhas pernas, podia derrotá-los a todos. — Recordou a última vez que tivera uma espada na mão, quando o rei viera a Winterfell. Fora apenas uma espada de madeira, mas derrubara o Príncipe Tommen meia centena de vezes. — Sor Rodrik devia ensinar-me a usar uma acha de armas. Se tivesse uma acha de armas com um cabo suficientemente comprido, Hodor podia ser as minhas pernas. Juntos, podíamos ser um cavaleiro.

— Acho isso... improvável — disse o Mestre Luwin. — Bran, quando um homem luta, os seus braços, pernas e pensamentos devem ser um só.

Em baixo, no pátio, Sor Rodrik gritava.

— Tu lutas como um ganso. Ele dá-te bicadas e tu dás-lhe bicadas mais

fortes. *Pára!* Bloqueia o golpe. Luta de gansos não será suficiente. Se estas espadas fossem verdadeiras, a primeira bicada arrancava-te o braço! — Um dos outros rapazes soltou uma gargalhada, e o velho cavaleiro virou-se para ele. — Tu ris-te. Tu. É preciso descaramento. *Tu* lutas como um ouriço-cacheiro...

— Houve em tempos um cavaleiro que não via — disse teimosamente Bran, enquanto Sor Rodrik continuava a descompor os rapazes lá em baixo. — A Velha Ama contou-me. Tinha uma haste longa com lâminas nas duas extremidades que podia fazer rodopiar com as mãos e cortar dois homens ao mesmo tempo.

— Symeon Olhos-de-Estrela — disse Luwin enquanto apontava números num livro. — Quando perdeu os olhos, pôs safiras-estrelas nas órbitas vazias, ou pelo menos é o que afirmam os cantores. Bran, isso é só uma história, como os contos de Florian, o Tolo. Uma fábula da Era dos Heróis. — O Mestre soltou um estalido com a língua. — Tens de pôr esses sonhos de lado, só te vão partir o coração.

A menção a sonhos despertou-lhe a memória.

— Sonhei outra vez com o corvo na noite passada. Aquele com três olhos. Voou até ao meu quarto e disse-me para ir com ele, e foi o que fiz. Descemos às criptas. O pai estava lá, e conversámos. Ele estava triste.

— E isso porquê? — Luwin espreitou pelo seu tubo.

— Tinha qualquer coisa a ver com Jon, parece-me. — O sonho fora profundamente perturbador, mais do que qualquer outro dos sonhos com o corvo. — O Hodor não quer descer às criptas.

O Mestre estivera desatento, Bran via-o. Tirou o olho do tubo, pestanejando.

— O Hodor não quer...

— Descer às criptas. Quando acordei, disse-lhe para me levar até lá abaixo, para ver se o pai estava mesmo lá. A princípio, não entendia o que eu estava a dizer, mas levei-o até aos degraus dizendo-lhe para ir para ali e depois para acolá, só que, aí chegado, não quis descer. Limitou-se a ficar no degrau superior e a dizer “Hodor”, como se estivesse com medo do escuro, mas eu *tinha* um archote. Deixou-me tão furioso que quase lhe dei uma pancada na cabeça, como a Velha Ama faz sempre. — Viu o modo como o Mestre franzia o sobrolho e acrescentou à pressa: — Mas não dei.

— Ótimo. O Hodor é um homem, não uma mula que se possa espancar.

— No sonho, voei até lá abaixo com o corvo, mas não posso fazer isso quando estou acordado — explicou Bran.

— Porque quereríeis descer às criptas?

— Já vos disse. Para ir à procura do pai.

O Mestre puxou pela corrente que lhe envolvia o pescoço, como fazia muitas vezes quando se sentia desconfortável.

— Bran, querida criança, um dia, o Lorde Eddard sentar-se-á lá em baixo, em pedra, ao lado do seu pai e do pai do seu pai e de todos os Stark até aos velhos Reis do Norte... mas se os deuses forem bondosos, isso não acontecerá senão daqui a muitos anos. O vosso pai é prisioneiro da rainha em Porto Real. Não o encontrareis nas criptas.

— Ele estava lá ontem à noite. Conversei com ele.

— Rapaz teimoso — suspirou o Mestre, pondo o livro de lado. — Quereis ir ver?

— Não posso. O Hodor não quer ir, e os degraus são estreitos e retorcidos de mais para a Dançarina.

— Julgo que posso resolver esse problema.

Em vez de Hodor, chamaram a selvagem Osha. Era alta, dura e não se queixava, indo de bom grado onde quer que a mandassem.

— Vivi a minha vida para lá da Muralha, um buraco no chão não me há-de arrelhar, s'nhores — disse.

— Verão, anda — chamou Bran quando ela o ergueu em braços fortes como metal. O lobo gigante largou o osso e seguiu Osha, que atravessou o pátio com Bran e desceu com ele os degraus em espiral até à fria abóbada subterrânea. O Mestre Luwin seguia à frente com um archote. Bran nem se importou — *demasiado* — que ela o transportasse nos braços e não às costas. Sor Rodrik ordenara que tirassem as correntes a Osha, pois a mulher servira bem e fielmente desde que estava em Winterfell. Ainda usava as pesadas grilhetas de ferro em torno dos tornozelos — um sinal de que ainda não confiavam inteiramente nela — mas não prejudicavam os seus passos seguros nos degraus.

Bran não recordava a última vez que estivera nas criptas. Fora *antes*, com certeza. Quando era pequeno, costumava brincar ali com Robb, Jon e as irmãs.

Desejou que estivessem ali agora; a abóbada poderia não parecer tão escura e assustadora. Verão avançou pelas sombras cheias de ecos, e então parou, ergueu a cabeça e farejou o ar gelado e morto. Mostrou os dentes e rastejou para trás, com os olhos a brilhar, dourados à luz do archote do Mestre. Até Osha, dura como ferro velho, parecia desconfortável.

— Gente sombria, pelo aspecto — disse ao observar a longa fila de Starks em granito nos seus tronos de pedra.

— Eram os Reis do Inverno — sussurrou Bran. Por algum motivo, parecia errado falar muito alto naquele lugar.

Osha sorriu.

— O Inverno não tem rei. Se o tivesses visto, saberias, rapaz de Verão.

— Eles foram os Reis do Norte durante milhares de anos — disse o Mestre Luwin, erguendo o archote bem alto para que a luz brilhasse nas caras de pedra. Alguns eram homens cabeludos e barbudos, desgrenhados como os lobos que se agachavam a seus pés. Outros apresentavam-se escanhoados, com traços magros e aguçados como as espadas longas que tinham sobre as pernas. — Homens duros para tempos duros. Vinde. — Caminhou vivamente pela abóbada, passando pela procissão de pilares de pedra e pelas infinitas figuras esculpidas. Uma língua de chamas projectava-se do archote erguido enquanto ele prosseguia.

A abóbada era cavernosa, mais longa do que o próprio Winterfell, e Jon dissera-lhe uma vez que havia outros níveis por baixo, abóbadas ainda mais profundas e mais escuras onde estavam enterrados os outros reis. Não seria bom perder a luz. Verão recusou-se a afastar-se dos degraus, mesmo quando Osha seguiu o archote, com Bran nos braços.

— Lembrais-vos da vossa história, Bran? — disse o Mestre enquanto caminhavam. — Contai a Osha quem eles eram e o que fizeram, se pudesdes.

Bran olhou para os rostos que passavam e as histórias vieram-lhe à memória. O Mestre contara-as, e a Velha Ama dera-lhes vida.

— Aquele é Jon Stark. Quando os atacantes vindos do mar desembarcaram no leste, expulsou-os e construiu o castelo em Porto Branco. O filho foi Rickard Stark, não o pai do meu pai mas outro Rickard, que conquistou o Gargalo ao Rei do Pântano e casou com a sua filha. Theon Stark é aquele muito magro com o cabelo comprido e a barba estreita. Chamavam-lhe “Lobo Faminto”, porque estava sempre em guerra. Aquele é um Brandon, o alto com a cara sonhadora, era Brandon, o Construtor Naval, porque adorava o mar. Tem a tumba vazia. Tentou navegar para oeste, através do Mar do Poente, e nunca mais foi visto. O filho era Brandon, o Incendiário, porque passou a archote todos os navios do pai, em desgosto. Ali está Rodrik Stark, que conquistou a Ilha dos Ursos num combate de luta livre e a deu aos Mormont. E aquele é Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou. Foi o último Rei do Norte e o primeiro Senhor de Winterfell, depois de se render a Aegon, o Conquistador. Oh, ali, aquele é Cregan Stark. Lutou uma vez contra o Príncipe Aemon, e o Cavaleiro do Dragão disse que nunca tinha defrontado melhor espadachim. — Estavam agora quase no fim, e Bran sentiu-se submergir em tristeza. — E ali está o meu avô, Lorde Rickard, que foi decapitado pelo Rei Louco Aerys. A filha Lyanna e o filho Brandon estão nas sepulturas a seu lado. Eu não, outro Brandon, irmão do meu pai. Não era suposto que tivessem estátuas, que isso é só para os senhores e reis, mas o

meu pai amava-os tanto que as mandou fazer.

— A donzela é bonita — disse Osha.

— Robert estava-lhe prometido, mas o Príncipe Rhaegar raptou-a e violou-a — explicou Bran. — Robert lutou uma guerra para a reconquistar. Matou Rhaegar no Tridente com o seu martelo, mas Lyanna morreu e ele nunca a teve de volta.

— Uma história triste — disse Osha — mas aqueles buracos vazios são mais tristes.

— A tumba de Lorde Eddard, para quando o seu dia chegar — disse o Mestre Luwin. — Foi aqui que vistes o vosso pai no sonho, Bran?

— Sim. — A memória fê-lo estremecer. Olhou desconfortavelmente em volta, com os pêlos da nuca eriçados. Ouvira um ruído? Estaria alguém ali?

O Mestre Luwin aproximou-se do sepulcro aberto, com o archote na mão.

— Como podeis ver, ele não está aqui. Nem estará, durante muitos anos. Os sonhos são apenas sonhos, menino. — Enfiou o braço na escuridão do interior da tumba, como se fosse a boca de um grande animal qualquer. — Vedes? Está bem vaz...

A escuridão saltou sobre ele, rosnando.

Bran viu olhos que eram como fogo verde, uma cintilação de dentes, pêlo tão negro como o breu que os rodeava. O archote saltou dos dedos do Mestre, carambolou na cara de pedra de Brandon Stark, e caiu aos pés da estátua, com as chamas a lamber-lhe as pernas. À luz ébria e irregular do archote, viram Luwin a lutar com o lobo gigante, batendo-lhe no focinho com uma mão enquanto os maxilares se cerravam sobre a outra.

— *Verão!* — gritou Bran.

E Verão veio, precipitando-se das trevas atrás deles, uma sombra em salto. Esbarrou em Cão-Felpudo e atirou-o para trás, e os dois lobos gigantes rolaram e voltaram a rolar num emaranhado de pêlo cinzento e negro, mordendo-se um ao outro, enquanto o Mestre Luwin se punha em pé com dificuldade, com o braço rasgado e ensanguentado. Osha encostou Bran ao lobo de pedra de Lorde Rickard e correu a prestar assistência ao Mestre. À luz do archote que se extinguia, lobos de sombra com seis metros de altura lutavam na parede e no tecto.

— Felpudo — chamou uma voz sumida. Quando Bran ergueu os olhos, o seu irmão mais novo estava em pé na abertura da sepultura do pai. Dando uma última dentada no focinho de Verão, Cão-Felpudo afastou-se e pôs-se ao lado de Rickon. — Deixa o meu pai em paz — avisou Rickon a Luwin. — Deixa-o em paz.

— Rickon — disse Bran suavemente. — O pai não está aqui.

— Está, sim. Eu vi-o. — Lágrimas brilhavam no rosto de Rickon. — Vi-o ontem à noite.

— No teu sonho?...

Rickon confirmou com a cabeça.

— Deixai-o. Deixai-o em paz. Ele agora vem para casa, como prometeu. Vem para casa.

Bran nunca antes vira o Mestre Luwin com uma expressão tão incerta. Sangue pingava-lhe do braço, onde Cão-Felpudo lhe rasgara a lã da manga e a carne que estava por baixo.

— Osha, o archote — disse, mordendo a dor, e ela apanhou-o antes que se apagasse. Manchas de fuligem enegreciam ambas as pernas do retrato do tio de Bran. — Aquele... aquele *animal* — prosseguiu Luwin — devia estar acorrentado nos canis.

Rickon deu uma palmadinha no focinho de Cão-Felpudo, húmido de sangue.

— Eu libertei-o. Ele não gosta de correntes. — O lobo lambeu-lhe os dedos.

— Rickon — disse Bran —, queres vir comigo?

— Não. Gosto disto aqui.

— Aqui está escuro. E frio.

— Não tenho medo. Tenho de esperar pelo pai.

— Podes esperar comigo — disse Bran. — Vamos esperar juntos, eu, tu e os nossos lobos. — Ambos os lobos lambiam as feridas, e precisavam de um exame atento.

— Bran — disse firmemente o Mestre —, eu sei que tendes boas intenções, mas o Cão-Felpudo é demasiado selvagem para andar à solta. Eu sou o terceiro homem que ele atacou. Dai-lhe a liberdade do castelo, e é só questão de tempo antes que mate alguém. A verdade é dura, mas o lobo tem de ser acorrentado, ou... — Hesitou.

... *ou morto*, pensou Bran, mas o que disse foi:

— Ele não foi feito para correntes. Esperaremos na vossa torre, todos nós.

— Isso é completamente impossível — disse o Mestre Luwin.

Osha sorriu.

— Se bem me lembro, o fidalgo aqui é o rapaz. — Devolveu o archote a Luwin e voltou a pegar em Bran. — A torre do Mestre será.

— Vens, Rickon?

O irmão anuiu.

— Se o Felpudo vier também — disse, correndo atrás de Osha e Bran, e não houve nada que o Mestre Luwin pudesse fazer a não ser segui-los, mantendo um olho cauteloso nos lobos.

O torreão do Mestre Luwin estava tão atravancado que Bran se espantava de o Mestre conseguir encontrar fosse o que fosse. Instáveis pilhas de livros cobriam mesas e cadeiras, fileiras de frascos rolhados revestiam as prateleiras, tocos de velas e poças de cera seca estavam espalhados pela mobília, o tubo de lentes miriano, feito em bronze, apoiava-se num tripé perto da porta da varanda, cartas estelares pendiam das paredes, mapas sombreados encontravam-se espalhados por entre as esteiras, havia papéis, penas e potes de tinta por toda a parte, e tudo se achava manchado pelos excrementos dos corvos que se empoleiravam nas traves. Os seus estridentes *quorcs* soaram, vindos do tecto, enquanto Osha lavava, limpava e enfaixava as feridas do Mestre, seguindo as suas concisas instruções.

— Isto é uma loucura — disse o pequeno homem cinzento enquanto ela pincelava as dentadas do lobo com um unguento que ardia. — Concorde que é estranho que ambos tenham sonhado o mesmo sonho, mas quando parades para pensar, é natural. Sentis saudades do senhor vosso pai, e sabeis que ele está cativo. O medo pode tornar febril a mente de um homem e dar-lhe estranhos pensamentos. Rickon é novo de mais para se aperceber...

— Já tenho quatro anos — disse Rickon. Espreitava as gárgulas na Primeira Fortaleza pelo tubo de lentes. Os lobos selvagens estavam instalados em lados opostos da grande sala redonda, lambendo as feridas e roendo ossos.

— ...novo de mais e... *ooh*, pelos sete infernos, isso arde, não, não pares, mais. Novo de mais, como dizia, mas vós, Bran, já tendes idade para saber que sonhos são apenas sonhos.

— Alguns são, outros não. — Osha deitou leite de fogo vermelho-claro num longo golpe. Luwin arquejou. — Os filhos da floresta podiam dizer-te uma coisa ou duas acerca dos sonhos.

Corriam lágrimas pelo rosto do Mestre, mas ele abanou a cabeça teimosamente.

— Os filhos... sobrevivem apenas em sonhos. Hoje. Mortos e enterrados. Chega, já chega. Agora as ligaduras. Pensos e depois as faixas, e aperta-as bem, que vou estar a sangrar.

— A Velha Ama diz que os filhos conheciam as canções das árvores, que podiam voar como aves e nadar como peixes e falar com os animais — disse Bran. — Diz que criavam música tão bela que nos fazia chorar como bebés só de ouvi-la.

— E faziam tudo isso com magia — disse o Mestre Luwin, distraído. — Gostaria que aqui estivessem agora. Um feitiço curaria o meu braço com menos dor, e poderiam falar com o Cão-Felpudo e dizer-lhe para não morder. — Deitou ao grande lobo negro um relance zangado pelo canto do olho. — Aprendei o seguinte, Bran: o homem que confia em feitiços luta com uma

espada de vidro. E os filhos confiavam. Vinde cá, deixai-me mostrar-vos uma coisa. — Pôs-se abruptamente em pé, atravessou a sala, e regressou com um frasco verde na mão boa. — Olhai para isto — disse, enquanto tirava a rolha e, com um abanão, fazia cair uma mão-cheia de pontas de seta brilhantes e negras.

Bran pegou numa.

— É feita de vidro. — Curioso, Rickon aproximou-se para espreitar para a mesa.

— Vidro de dragão — disse Osha ao sentar-se ao lado de Luwin, com as ligaduras na mão.

— Obsidiana — insistiu o Mestre Luwin, estendendo o braço ferido. — Forjada nas fogueiras dos deuses, nas profundezas da terra. Os filhos da floresta caçavam com isso há milhares de anos. Os filhos não trabalhavam o metal. Em lugar de cota de malha, usavam longas camisas de folhas entretecidas e envolviam as pernas com cortiça, para que se parecessem fundir com a floresta. No lugar de espadas, usavam lâminas de obsidiana.

— E ainda usam. — Osha colocou pensos suaves sobre as mordeduras no braço do Mestre e atou-os bem apertados com longas faixas de linho.

Bran aproximou a ponta de seta dos olhos. O vidro negro era liso e brilhante. Achou-o belo.

— Posso ficar com uma?

— Como quiserdes — disse o Mestre.

— Também quero uma — disse Rickon. — Quero quatro. Tenho quatro anos.

Luwin obrigou-o a contá-las.

— Cuidado, ainda são afiadas. Que não vos corteis.

— Falai-me dos filhos — disse Bran. Era importante.

— Que quereis saber?

— Tudo.

O Mestre Luwin puxou o colar de correntes onde lhe irritava o pescoço.

— Eram pessoas da Era da Aurora, as primeiras, de antes dos reis e dos reinos — disse. — Nesses tempos, não havia castelos ou fortalezas, não havia cidades, nem sequer se encontrava uma vila mercantil entre este lugar e o mar de Dorne. Não havia homens nenhuns. Só os filhos da floresta habitavam as terras a que hoje chamamos os Sete Reinos.

“Eram um povo escuro e belo, de baixa estatura, não eram mais altos do que crianças mesmo na idade adulta. Viviam nas profundezas dos bosques, em cavernas, no meio dos lagos e em aldeias secretas nas árvores. Como eram leves, os filhos eram ligeiros e graciosos. Os dois sexos caçavam juntos, com arcos de represeiro e laços. Os seus deuses eram os deuses da floresta, dos rios

e das pedras, os velhos deuses cujos nomes são secretos. Os seus sábios chamavam-se *videntes verdes*, e esculpiam estranhos rostos nos represeiros para vigiar os bosques. Ninguém sabe durante quanto tempo os filhos reinaram aqui nem de onde vieram.

“Mas há cerca de doze mil anos, os primeiros Homens chegaram do oriente, atravessando o Braço Partido de Dorne antes de ele ter sido partido. Chegaram com espadas de bronze e grandes escudos de couro, montados em cavalos. Nenhum cavalo fora alguma vez visto deste lado do mar estreito. Não há dúvida que os filhos ficaram tão atemorizados pelos cavalos como os Primeiros Homens pelos rostos nas árvores. Quando os Primeiros Homens construíram castros e quintas, abateram os rostos e queimaram-nos. Horrorizados, os filhos partiram para a guerra. As antigas canções dizem que os videntes verdes usaram magia negra para fazer o mar subir e varrer a terra, partindo o Braço, mas era tarde de mais para fechar a porta. As guerras prolongaram-se até a terra ficar rubra com o sangue de homens e filhos da floresta, mas mais destes do que daqueles, pois os homens eram maiores e mais fortes, e madeira, pedra e obsidiana eram fraca oposição contra o bronze. Por fim, prevaleceu a sensatez das duas raças, e os chefes e heróis dos Primeiros Homens encontraram-se com os videntes verdes e dançarinos da floresta nos bosques de represeiros de uma ilhota no grande lago chamado Olho de Deus.

“Foi aí que forjaram o Pacto. Aos Primeiros Homens foram dadas as terras costeiras, os planaltos e os prados luminosos, as montanhas e os pântanos, mas a floresta profunda ficaria para sempre nas mãos dos filhos, e nenhum outro represeiro seria entregue ao machado em todo o território. Para que os deuses testemunhassem a assinatura, a todas as árvores da ilha foi dada uma cara e, mais tarde, foi formada a sagrada Ordem dos Homens Verdes para vigiar a Ilha das Caras.

“O Pacto iniciou quatro mil anos de amizade entre os homens e os filhos da floresta. Com o tempo, os Primeiros Homens até puseram de lado os deuses que tinham trazido consigo, e passaram a adorar os deuses secretos da floresta. A assinatura do Pacto pôs fim à Era da Aurora e iniciou a Era dos Heróis.

O punho de Bran enrolou-se em volta da brilhante ponta de seta negra.

— Mas dissestes que os filhos da floresta estão agora todos mortos.

— Aqui estão — disse Osha, enquanto arrancava com os dentes o fim da última ligadura. — A norte da Muralha, as coisas são diferentes. Foi para aí que os filhos foram, tal como os gigantes e as outras raças antigas.

O Meistre Luwin suspirou.

— Mulher, pelo direito, devias estar morta ou a ferros. Os Stark trataram-

te com mais bondade do que mereces. Não é bom pagar-lhes a simpatia enchendo as cabeças dos rapazes de pateticos.

— Dizei-me para onde eles foram — disse Bran. — Quero saber.

— Eu também — disse Rickon, num eco.

— Oh, muito bem — resmungou Luwin. — Enquanto os reinos dos Primeiros Homens mantiveram o poder, o pacto manteve-se, ao longo de toda a Era dos Heróis, da Longa Noite e do nascimento dos Sete Reinos, mas por fim chegou uma época, muitos séculos mais tarde, em que outros povos atravessaram o mar estreito.

“Os ândalos foram os primeiros, uma raça de guerreiros altos de cabelo claro que chegaram com aço, fogo e a estrela de sete pontas dos novos deuses pintada nos seus peitos. As guerras prolongaram-se ao longo de centenas de anos, mas, no fim, todos os seis reinos do Sul caíram perante eles. Só aqui, onde o Rei do Norte repeliu todos os exércitos que tentaram atravessar o Gargalo, permaneceu a lei dos Primeiros Homens. Os ândalos incendiaram os bosques de repeseiros, destruíram os rostos à machadada, mataram os filhos da floresta onde os encontraram e proclamaram por todo o lado o triunfo dos Sete sobre os velhos deuses. Por isso, os filhos fugiram para norte...

Verão começou a uivar.

O Meistre Luwin interrompeu-se, sobressaltado. Quando o Cão-Felpudo se ergueu de um salto e juntou a sua voz à do irmão, o terror apertou o coração de Bran.

— *Está a chegar* — sussurrou, com a certeza do desespero. Compreendeu que o sabia desde a noite anterior, desde que o corvo o levava até às criptas para dizer adeus. Soubera-o, mas não acreditara. Desejara que o Meistre Luwin tivesse razão. *O corvo*, pensou, *o corvo de três olhos...*

Os uivos pararam tão subitamente como tinham começado. Verão atravessou o chão da torre até junto de Cão-Felpudo e pôs-se a lambar um emaranhado de pêlo ensanguentado no pescoço do irmão. Da janela veio um ruído de asas.

Um corvo aterrou no parapeito de pedra cinzenta, abriu o bico e soltou um ruído duro e rouco de aflição.

Rickon começou a chorar. As suas pontas de seta caíram-lhe da mão uma por uma e tamborilaram no chão. Bran puxou-o para si e abraçou-o.

O Meistre Luwin olhou para a ave negra como se fosse um escorpião com penas. Ergueu-se, lento como um sonâmbulo, e dirigiu-se à janela. Quando assobiou, o corvo saltou para cima do seu braço ligado. Trazia sangue seco nas asas.

— Um falcão — murmurou Luwin —, talvez uma coruja. Pobre animal, é uma maravilha que tenha sobrevivido. — Tirou-lhe a carta da perna.

Bran deu por si a tremer enquanto o Meistre desenrolava o papel.

— O que é? — disse, apertando o irmão ainda com mais força.

— Tu sabes o que é, rapaz — disse Osha, de uma forma que não era desprovida de bondade. Pousou-lhe a mão na cabeça.

O Meistre Luwin olhou-os, estupidificado, um homenzinho cinzento com sangue na manga da veste de lã cinzenta e lágrimas nos olhos brilhantes e cinzentos.

— Senhores — disse aos rapazes, numa voz que se tinha tornado rouca e sem força —, nós... teremos de encontrar um escultor que conheça bem as suas feições...

No quarto da torre no coração da Fortaleza de Maegor, Sansa entregou-se às trevas.

Fechou as cortinas em volta da cama, dormiu, acordou a chorar e voltou a adormecer. Quando não conseguiu dormir, ficou deitada sob os cobertores, tremendo de desgosto. Os criados iam e vinham, trazendo refeições, mas a visão de comida era mais do que conseguia suportar. Os pratos empilhavam-se na mesa junto à janela, intocados e a estragar-se, até que os criados os levassem de novo.

Por vezes, o seu sono era de chumbo e sem sonhos, e acordava mais cansada do que estivera quando fechara os olhos. Mas esses eram os melhores momentos, pois quando sonhava, sonhava com o pai. Acordada ou a dormir, via-o, via os homens de mantos dourados a empurrá-lo para baixo, via Sor Ilyn a avançar a passos largos, desembainhando Gelo da bainha que levava às costas, via o momento... o momento em que... quisera afastar os olhos, *quisera* fazê-lo, perdera o apoio das pernas e caíra de joelhos, mas de algum modo não fora capaz de virar a cabeça, e toda a gente gritava e berrava, e o seu príncipe sorria-lhe, ele *sorrira* e ela sentira-se segura, mas só por um momento, até dizer aquelas palavras, e as pernas do pai... era isso que recordava, as pernas, a maneira como elas se tinham *sacudido* quando Sor Ilyn... quando a espada...

Se calhar também vou morrer, disse a si própria, e a ideia não lhe pareceu assim tão terrível. Se se atirasse da janela, podia pôr fim ao sofrimento, e nos anos vindouros, os cantores escreveriam canções sobre o seu desgosto. O seu corpo jazeria sobre as pedras, lá em baixo, quebrado e inocente, envergonhando todos aqueles que a tinham traído. Sansa chegara a atravessar o quarto e a abrir as portadas... mas então a coragem deixara-a, e corra de volta à cama, aos soluços.

As criadas tentavam conversar com ela quando lhe traziam as refeições, mas nunca lhes deu resposta. Uma vez, o Grande Mestre Pycelle veio ao quarto com uma caixa cheia de frascos e garrafas, para perguntar se estava doente. Pôs-lhe a mão na testa, obrigou-a a despir-se, e tocou-a por todo o lado enquanto a criada a segurava. Quando saiu, deu-lhe uma poção de aguamel e ervas e disse-lhe para beber um gole todas as noites. Ela bebeu-a logo toda e voltou a adormecer.

Sonhou com passos na escada da torre, um agourento raspar de couro em pedra feito por um homem que subia lentamente até ao seu quarto, degrau a

degrau. Tudo o que podia fazer era comprimir-se contra a porta e escutar, tremendo, enquanto ele se aproximava cada vez mais. Sabia que era Sor Ilyn Payne, vindo buscá-la de Gelo na mão, vindo cortar-lhe a cabeça. Não havia sítio para onde fugir, não havia esconderijo nenhum, nenhuma maneira de trancar a porta. Por fim, os passos pararam e ela soube que ele estava mesmo do outro lado, ali em pé, silencioso com os seus olhos mortos e a sua longa cara marcada. Foi então que se apercebeu de estar nua. Agachou-se, tentando cobrir-se com as mãos, ao mesmo tempo que a porta começava a abrir-se, rangendo, com a ponta da espada a espreitar...

Acordou a murmurar:

— Por favor, por favor, serei boa, serei *boa*, por favor, não — mas não havia ninguém para a ouvir.

Quando por fim vieram realmente buscá-la, Sansa não chegou a ouvir os passos. Foi Joffrey quem lhe abriu a porta, não Sor Ilyn mas o rapaz que fora o seu príncipe. Estava na cama, enrolada sobre si própria, com as cortinas corridas, e não teria podido dizer se era meio-dia ou meia-noite. A primeira coisa que ouviu foi a porta a bater. Depois, as colgaduras da cama foram puxadas para trás, e ela ergueu uma mão contra a súbita luz e viu-os em pé a seu lado.

— Apresentar-vos-eis na audiência esta tarde — disse Joffrey. — Tratai de banhar-vos e vestir-vos como é próprio da minha prometida. — Sandor Clegane estava ao lado dele com um gibão simples de cor castanha e uma capa verde, com a cara queimada a surgir hedionda à luz da manhã. Atrás deles encontravam-se dois cavaleiros da Guarda Real, trajando longos mantos de cetim branco.

Sansa puxou a manta até ao queixo para se cobrir.

— Não — choramingou —, por favor... deixai-me em paz.

— Se vos recusardes a erguer-vos e a vestir-vos, o meu Cão de Caça fará isso por vós — disse Joffrey.

— Suplico-vos, meu príncipe...

— Eu agora sou rei. Cão, tira-a da cama.

Sandor Clegane agarrou-a pela cintura e ergueu-a da cama de penas enquanto ela dava uma luta frágil. O cobertor caiu ao chão. Por baixo, tinha apenas uma fina camisa de dormir a cobrir-lhe a nudez.

— Faz o que te pedem, criança — disse Clegane. — Veste-te. — Empurrou-a até ao roupeiro, quase com gentileza.

Sansa afastou-se deles.

— Eu fiz o que a rainha pediu, escrevi as cartas, escrevi o que ela me disse para escrever. Prometestes que seríeis misericordioso. Por favor, deixai-me ir para casa. Não cometerei traições, serei boa, juro, não tenho sangue de

traidor, *não tenho*. Só quero ir para casa. — Recordando-se da boa educação, baixou a cabeça. — Se vos aprouver — terminou em voz fraca.

— *Não* me apraz — disse Joffrey. — A mãe diz que eu ainda devo casar-me convosco, portanto, ficareis aqui, e obedecereis.

— Eu não *quero* casar-me convosco — pranteou Sansa. — Cortastes a cabeça do meu *pai*!

— Ele era um traidor. Nunca prometi poupá-lo, só prometi ser misericordioso, e isso fui. Se ele não fosse vosso pai, teria mandado dilacerá-lo ou flagelá-lo, mas ofereci-lhe uma morte limpa.

Sansa fitou os olhos nele, vendo-o pela primeira vez. Vestia um gibão carmesim almofadado com um padrão de leões e uma capa de pano de ouro com um colarinho elevado que lhe enquadrava o rosto. Perguntou a si própria como podia alguma vez tê-lo achado bonito. Tinha uns lábios tão moles e vermelhos como os vermes que se encontravam depois das chuvas, e os seus olhos eram vaidosos e cruéis.

— Odeio-te — sussurrou.

O rosto do Rei Joffrey endureceu.

— A minha mãe diz-me que não é próprio que um rei bata na esposa. Sor Meryn.

O cavaleiro estava em cima dela antes sequer de ter tempo de pensar, puxando-lhe a mão para trás quando tentou proteger o rosto e dando-lhe um murro na orelha com as costas de um punho enluvado. Sansa não se lembrava de ter caído, mas quando deu por si, estava estatelada nas esteiras. A cabeça ressoava. Sor Meryn Trant pairava sobre ela, com sangue nos nós dos dedos da sua luva de seda branca.

— Ireis obedecer-me agora, ou terei de o mandar castigar-vos de novo?

Sansa sentia a orelha dormente. Tocou-a, e as pontas dos dedos vieram húmidas e vermelhas.

— Eu... como... às vossas ordens, senhor.

— *Vossa Graça* — corrigiu Joffrey. — Procurar-vos-ei na audiência. — Virou-se e saiu.

Sor Meryn e Sor Arys seguiram-no, mas Sandor Clegane ficou durante tempo suficiente para a pôr em pé.

— Poupa-te a alguma dor, rapariga, e dá-lhe o que ele quer.

— O que... o que quer ele? Dizei-me, por favor.

— Quer-te a sorrir e a cheirar bem e a ser a senhora sua amada — rouquejou o Cão de Caça. — Quer ouvir-te a recitar todas as palavrinhas bonitas da maneira que a septã te ensinou. Quer que o ames... e que o temas.

Depois de ele sair, Sansa voltou a estender-se nas esteiras, olhando fixamente para a parede até que duas criadas de quarto deslizaram

timidamente para dentro do aposento.

— Vou precisar de água quente para o meu banho, por favor — disse-lhes — e de perfume, e algum pó para esconder esta nódoa negra. — O lado direito do seu rosto estava inchado e começava a doer, mas sabia que Joffrey a queria ver bela.

A água quente fê-la pensar em Winterfell, e retirou forças daí. Não se lavara desde o dia em que o pai morrera, e ficou sobressaltada ao ver como a água ficara suja. As criadas limparam-lhe o sangue da cara, rasparam-lhe a sujidade das costas, lavaram-lhe o cabelo e escovaram-no até saltar em espessos caracóis ruivos. Sansa não lhes falou, excepto para lhes dar ordens; eram criadas Lannister, não suas, e não confiava nelas. Quando chegou a altura de se vestir, escolheu o vestido de seda verde que usara no torneio. Lembrou-se de como Joff fora galante consigo naquela noite no banquete. Talvez o vestido lho recordasse também e fizesse com que a tratasse com mais gentileza.

Bebeu um copo de soro de leite coalhado e debicou uns quantos biscoitos doces enquanto esperava, para acalmar o estômago. Era meio-dia quando Sor Meryn regressou. Tinha envergado a armadura branca; um camisão de escamas esmaltadas com embutidos de ouro, um elmo alto com um esplendor dourado como timbre, grevas, gorjal, manoplas e botas de metal reluzente, um pesado manto de lã preso com um leão dourado. O visor fora removido do elmo, a fim de melhor mostrar o seu rosto severo; papadas sob os olhos, uma boca larga e amarga, cabelo cor de ferrugem pintalgado de cinzento.

— Minha senhora — disse, fazendo uma vénia, como se não a tivesse espancado não havia mais de três horas. — Sua Graça ordenou-me que vos escoltasse até à sala do trono.

— Ordenou-vos que me batêsseis se eu recusasse ir?

— Estais a recusar-vos a vir, senhora? — O olhar que lhe deitou não tinha expressão. Nem sequer olhou de relance a marca que lhe deixara.

Sansa compreendeu que o homem não a odiava; nem a amava. Não sentia absolutamente nada por ela. Para ele, era apenas uma... uma *coisa*.

— Não — disse, pondo-se em pé. Quis irritar-se, magoá-lo como ele a magoara, preveni-lo de que, quando fosse rainha, o mandaria para o exílio se alguma vez se atrevesse a bater-lhe de novo... mas lembrou-se do que o Cão de Caça lhe dissera, e tudo o que disse foi: — Farei o que quer que Sua Graça ordene.

— Tal como eu — respondeu ele.

— Sim... mas não sois um verdadeiro cavaleiro, Sor Meryn.

Sansa sabia que Sandor Clegane teria rido se tivesse ouvido aquilo. Outros homens tê-la-iam amaldiçoado, avisado para que se calasse, até

suplicado perdão. Sor Meryn Trant não fez nada disso. Sor Meryn Trant simplesmente não se importou.

Além de Sansa, o balcão estava deserto. Ficou em pé de cabeça baixa, lutando por reter as lágrimas, enquanto lá em baixo Joffrey se sentava no seu Trono de Ferro e distribuía o que lhe aprazia chamar justiça. Nove casos em dez pareciam aborrecê-lo; esses permitia que fosse o conselho a tratar, contorcendo-se continuamente enquanto o Lorde Baelish, o Grande Mestre Pycelle ou a Rainha Cersei resolviam o assunto. Mas quando escolhia decidir, nem mesmo a rainha sua mãe era capaz de o influenciar.

Um ladrão foi trazido à sua presença e ele mandou Sor Ilyn cortar-lhe a mão, ali mesmo na sala de audiências. Dois cavaleiros vieram apresentar-lhe uma disputa sobre umas terras, e ele decretou que deveriam decidí-la em duelo na manhã seguinte.

— Até à *morte* — acrescentou. Uma mulher caiu de joelhos para pedir a cabeça de um homem executado por traição. Que o amara, disse ela, e que o queria ver decentemente enterrado. — Se amaste um traidor, debes ser também traidora — disse Joffrey. Dois homens de mantos dourados arrastaram-na para as masmorras.

Lorde Slynt, o da cara de sapo, sentava-se ao fundo da mesa do conselho usando um gibão de veludo negro e uma reluzente capa de pano de ouro, acenando de aprovação de cada vez que o rei pronunciava uma sentença. Sansa fitou duramente aquele rosto feio, lembrando-se de como o homem atirara o pai ao chão para que Sor Ilyn o decapitasse, desejando poder magoá-lo, desejando que algum herói o atirasse a *ele* ao chão e lhe cortasse a cabeça. Mas uma voz no seu interior sussurrou: *Não há heróis*, e ela lembrou-se do que Lorde Petyr lhe dissera, ali naquela mesma sala. “A vida não é uma canção, querida”, dissera-lhe ele. “Poderás aprender isso um dia, para tua mágoa”. *Na vida, os monstros vencem*, disse a si própria, e agora era a voz do Cão de Caça que ouvia, um raspar frio, de metal em pedra. “Poupa-te a alguma dor, rapariga, e dá-lhe o que ele quer”.

O último caso foi o de um roliço cantor de taberna, acusado de fazer uma canção que ridicularizava o falecido Rei Robert. Joff ordenou-lhe que fosse buscar a sua harpa e obrigou-o a cantar a canção perante a corte. O cantor chorou e jurou que nunca mais voltaria a cantar a canção, mas o rei insistiu. Era uma canção mais ou menos engraçada, toda ela sobre Robert a lutar com um porco. Sansa sabia que o porco era o javali que o matara, mas em alguns versos quase parecia que o que o homem cantava era sobre a rainha. Depois de a canção terminar, Joffrey anunciou que decidira ser misericordioso. O cantor podia ficar ou com os dedos ou com a língua. Teria um dia para escolher. Janos Slynt acenou.

Sansa viu aliviada que esse foi o último caso da tarde, mas a sua provação ainda não tinha terminado. Quando a voz do arauto pôs fim à audiência, fugiu do balcão, mas foi deparar com Joffrey à sua espera ao fundo da escada curva. O Cão de Caça encontrava-se com ele, bem como Sor Meryn. O jovem rei examinou-a com ar crítico, dos pés à cabeça.

— Tendes muito melhor aspecto do que de manhã.

— Obrigada, Vossa Graça — disse Sansa. Palavras ocas, mas que o fizeram acenar e sorrir.

— Acompanhai-me — ordenou Joffrey, oferecendo-lhe o braço. Ela não teve alternativa a não ser aceitá-lo. O toque da mão dele tê-la-ia arrebatado em tempos; agora causava-lhe arrepios. — O dia do meu nome chegará em breve — disse Joffrey enquanto se esgueiravam pelas traseiras da sala do trono. — Haverá um grande banquete e presentes. Que ireis oferecer-me?

— Eu... eu não pensei nisso, senhor.

— *Vossa Graça* — disse ele em tom cortante. — Sois mesmo uma rapariga estúpida, não sois? É o que a minha mãe diz.

— Diz? — Depois de tudo o que acontecera, as palavras dele deviam ter perdido o poder de a magoar, mas de algum modo não era assim. A rainha sempre fora tão boa para ela.

— Oh, sim. Preocupa-se com os nossos filhos, com a hipótese de serem estúpidos como vós, mas eu disse-lhe que não se preocupasse. — O rei fez um gesto, e Sor Meryn abriu uma porta para eles passarem.

— Obrigada, Vossa Graça — murmurou Sansa. *O Cão de Caça tinha razão*, pensou. *Sou só um passarinho, a repetir as palavras que me ensinaram.* O Sol descera abaixo da muralha ocidental, e as pedras da Fortaleza Vermelha brilhavam escuras como sangue.

— Deixar-vos-ei de bebé assim que sejais capaz de conceber — disse Joffrey enquanto a levava pelo pátio de treinos. — Se o primeiro for estúpido, cortar-vos-ei a cabeça e arranharei uma esposa mais inteligente. Quando achais que estareis capaz de ter filhos?

Sansa não conseguia olhar para ele, de tal modo a envergonhava.

— A Septã Mordane diz que a maior parte... a maior parte das raparigas bem-nascidas têm o desabrochar aos doze ou treze anos.

Joffrey acenou com a cabeça.

— Por aqui. — Levou-a para dentro da casa do portão, até à base dos degraus que levavam às ameias.

Sansa sacudiu-o, tremendo. De súbito compreendera onde se dirigiam.

— *Não* — disse, com a voz transformada num arquejo assustado. — Por favor, não, não me obrigueis, suplico-vos...

Joffrey apertou os lábios.

— Quero mostrar-vos o que acontece aos traidores.

Sansa abanou violentamente a cabeça.

— Não vou. Não *vou*.

— Posso dizer a Sor Meryn que vos arraste até lá acima — disse. — Não gostaríeis disso. É melhor que façais o que eu digo. — Joffrey estendeu um braço para ela, e Sansa esquivou-se, recuando até esbarrar no Cão de Caça.

— Obedece, rapariga — disse-lhe Sandor Clegane, voltando a empurrá-la para o rei. A sua boca torceu-se no lado queimado do rosto, e Sansa quase foi capaz de ouvir o resto. *Ele conseguirá que subas, aconteça o que acontecer, portanto dá-lhe o que quer.*

Forçou-se a tomar a mão do Rei Joffrey. A subida era algo saído de um pesadelo; cada degrau era uma luta, como se puxasse os pés de dentro de lama que lhe chegava aos tornozelos, e havia mais degraus do que teria acreditado, um milhar de milhares de degraus, e o horror que esperava nas muralhas.

Visto das altas ameias da casa do portão, o mundo inteiro estendia-se abaixo deles. Sansa via o Grande Septo de Baelor, na colina de Visenya, onde o pai morrerá. Na outra extremidade da Rua das Irmãs erguiam-se as ruínas enegrecidas pelo fogo do Poço dos Dragões. Para oeste, o Sol, vermelho e inchado, estava meio escondido por trás do Portão dos Deuses. Tinha o mar salgado nas costas, e para sul via-se o mercado dos peixes, as docas e a corrente cheia de remoinhos da Torrente da Água Negra. E para norte...

Virou-se para esse lado, e viu apenas a cidade, ruas, vielas, colinas e vales, e mais ruas e mais vielas e a pedra de muralhas distantes. Mas sabia que para lá delas havia campo aberto, quintas, prados e florestas, e para lá de tudo isso, para norte, para norte e depois ainda mais para norte, ficava Winterfell.

— Estais a olhar para onde? — disse Joffrey. — O que queria que vísseis é isto, aqui mesmo.

Um espesso parapeito de pedra protegia o limite exterior da muralha, erguendo-se até ao queixo de Sansa, com fendas abertas a cada metro e meio para os arqueiros. As cabeças estavam montadas entre as fendas, ao longo do topo da muralha, empaladas em espigões de ferro para ficarem viradas para a cidade. Sansa vira-as no momento em que pusera os pés no adarve, mas o rio, as ruas agitadas e o sol poente eram muito mais bonitos. *Ele pode obrigar-me a olhar para as cabeças*, disse a si própria, *mas não me pode obrigar a vê-las.*

— Este é o vosso pai — disse. — Este aqui. Cão, vira-o para que ela o consiga ver.

Sandor Clegane pegou na cabeça pelos cabelos e virou-a. A cabeça cortada fora mergulhada em alcatrão a fim de ficar preservada durante mais tempo. Sansa olhou-a calmamente, sem a ver de todo. Não se assemelhava mesmo a Lorde Eddard, pensou; nem sequer parecia *real*.

— Tenho de olhar durante quanto tempo?

Joffrey pareceu desapontado.

— Quereis ver os outros? — Havia uma longa fileira.

— Se aprouver a Vossa Graça.

Joffrey marchou com ela ao longo do adarve, passando por mais uma dúzia de cabeças e dois espigões vazios.

— Estou a guardar aqueles para o meu tio Stannis e o meu tio Renly — explicou. As outras cabeças estavam mortas e montadas na muralha havia muito mais tempo que a do pai. Apesar do alcatrão, a maioria estava há muito para lá de ser reconhecível. O rei apontou para uma e disse: — Ali está a vossa septã — mas Sansa nem se teria apercebido de que se tratava de uma mulher. O maxilar apodrecera e caíra, e as aves tinham-lhe comido uma orelha e a maior parte de uma bochecha.

Sansa perguntara a si própria o que teria acontecido à Septã Mordane, embora agora lhe parecesse que sempre o soubera.

— Porque a haveis morto? — perguntou. — Jurara perante os deuses...

— Era uma traidora. — Joffrey parecia mal-humorado. De algum modo, Sansa estava a aborrecê-lo. — Não dissestes o que tencionais dar-me pelo dia do meu nome. Em vez disso, talvez deva ser eu a dar-vos algo a vós, gostaríeis?

— Se vos aprouver, senhor — disse Sansa.

Quando ele sorriu, Sansa compreendeu que troçava dela.

— O vosso irmão também é um traidor, compreendeis? — Voltou a virar a cabeça da Septã Mordane ao contrário. — Recordo o vosso irmão de Winterfell. O meu cão chamou-lhe o senhor da espada de madeira. Não é verdade, cão?

— Chamei? — respondeu o Cão de Caça. — Não me lembro.

Joffrey encolheu petulantemente os ombros.

— O vosso irmão derrotou o meu tio Jaime. A minha mãe diz que foi através de traição e engano. Chorou quando ouviu a notícia. As mulheres são todas fracas, até ela, embora finja que não é. Diz que temos de ficar em Porto Real para o caso de os meus outros tios atacarem, mas eu não me importo. Depois do banquete do dia do meu nome, vou reunir uma hoste e matarei eu próprio o vosso irmão. Será isso que vos darei, Senhora Sansa. A cabeça do vosso irmão.

Uma espécie de loucura tomou conta de Sansa naquele instante, e ouviu-se a dizer:

— Talvez o meu irmão me dê a *vossa* cabeça.

Joffrey franziu o sobrolho.

— Nunca deveis trocar de mim dessa maneira. Uma esposa fiel não troca do seu senhor. Sor Meryn, ensina-lhe.

Daquela vez, o cavaleiro agarrou-a pelo queixo e manteve-lhe a cabeça imóvel enquanto lhe batia. Bateu-lhe duas vezes, da esquerda para a direita e, com mais força, da direita para a esquerda. O lábio de Sansa abriu-se e correu-lhe sangue pelo queixo, misturando-se com o sal das suas lágrimas.

— Não devíeis passar o tempo todo a chorar — disse-lhe Joffrey. — Sois mais bela quando sorrides e vos rides.

Sansa obrigou-se a sorrir, com medo de que ele pudesse dizer a Sor Meryn para lhe bater de novo se não o fizesse, mas não bastou, o rei ainda abanou a cabeça.

— Limpai o sangue, estais toda descomposta.

O parapeito exterior chegava-lhe ao peito, mas ao longo da borda interna do caminho não havia nada, nada a não ser um longo mergulho até ao chão, vinte ou vinte e cinco metros mais abaixo. Bastaria um empurrão, disse a si própria. Ele estava mesmo ali, mesmo *ali*, sorrindo-lhe afectadamente com aqueles lábios que eram como vermes gordos. *Podias fazê-lo*, disse a si própria. *Podias. Fá-lo agora mesmo*. Nem importaria se caísse com ele. Não importaria nem um bocadinho.

— Vem cá, rapariga. — Sandor Clegane ajoelhou à sua frente, *entre* ela e Joffrey. Com uma delicadeza surpreendente num homem tão grande, limpou o sangue que lhe corria do lábio aberto.

O momento passara. Sansa baixou os olhos.

— Obrigada — disse quando ele acabou. Era uma boa menina, e lembrava-se sempre da boa educação.

Asas ensombraram os seus sonhos febris.

— *Tu não queres acordar o dragão, pois não?*

Caminhava por um longo corredor sob grandes arcos de pedra. Não devia olhar para trás, não *podia* olhar para trás. À frente havia uma porta, minúscula na distância, mas mesmo de longe viu que estava pintada de vermelho. Caminhou mais depressa, e os seus pés nus deixaram pegadas sangrentas na pedra.

— *Tu não queres acordar o dragão, pois não?*

Viu a luz do Sol no mar dothraki, na planície viva, rica com os odores da terra e da morte. O vento agitava as ervas, que ondulavam como água. Drogo envolvia-a em braços fortes, e a mão dele afagou-lhe o sexo e abriu-o, e acordou aquela doce humidade que era só dele, e as estrelas sorriram-lhes, estrelas num céu diurno. “Casa” sussurrou ela quando ele a penetrou e a encheu com a sua semente, mas de súbito as estrelas desapareceram, e as grandes asas varreram o céu azul e o mundo pegou fogo.

— *...não queres acordar o dragão, pois não?*

O rosto de Sor Jorah estava contraído e desgostoso. “Rhaegar foi o último dragão”, disse-lhe. Aquecia mãos translúcidas num braseiro brilhante onde ovos de pedra cintilavam vermelhos como carvões. Num momento estava ali, e no seguinte desvanecia-se, sem cor na pele, menos substancial do que o vento. “O último dragão” sussurrou, em voz frágil como uma palhinha, e desapareceu. Dany sentiu a escuridão atrás de si, e a porta vermelha parecia mais longínqua do que nunca.

— *...não queres acordar o dragão, pois não?*

Viserys estava à sua frente, gritando. “O dragão não pede, puta. Tu não dás ordens ao dragão. Eu sou o dragão, e serei coroado”. O ouro derretido escorria-lhe pela cara como cera, abrindo profundos canais na sua carne. “Eu sou o dragão e serei coroado!”, guinchou, e os seus dedos saltaram como serpentes, mordendo-lhe os mamilos, beliscando, torcendo, mesmo depois de os seus olhos rebentarem e escorrerem como gelatina por bochechas secas e enegrecidas.

— *...não queres acordar o dragão...*

A porta vermelha estava tão longe à sua frente, e Dany sentia a respiração gelada atrás, aproximando-se pesadamente. Se a apanhasse, morreria uma morte que seria mais que morte, uivando para sempre sozinha na escuridão.

Pôs-se a correr.

— ...*não queres acordar o dragão...*

Conseguia sentir o calor dentro de si, um terrível ardor no ventre. O seu filho era alto e orgulhoso, com a pele acobreada de Drogo e o cabelo louro prateado dela, com olhos violeta em forma de amêndoas. E sorriu-lhe, e começou a erguer a mão na direcção da dela, mas quando abriu a boca, o fogo jorrou. Viu o coração a arder-lhe no peito, e num instante ele desaparecera, consumido como uma traça por uma vela, transformado em cinzas. Chorou pelo filho, pela promessa de uma boca querida no seu seio, mas as lágrimas transformaram-se em vapor quando lhe tocaram a pele.

— ... *queres acordar o dragão...*

Fantasmas alinhavam-se ao longo do corredor, vestidos com as vestes desbotadas de reis. Nas mãos traziam espadas de fogo pálido. Tinham cabelos de prata, cabelos de ouro e cabelos brancos de platina, e os seus olhos eram de opala e ametista, de turmalina e jade. “Mais depressa”, gritaram, “mais depressa, mais depressa”. Ela correu, com os pés a derreter a pedra onde a tocavam. “*Mais depressa!*” gritavam os fantasmas como se fossem um só, e ela gritou e atirou-se em frente. Uma grande faca de dor rasgou-lhe as costas e sentiu a pele a abrir-se, cheirou o fedor de sangue a arder e viu a sombra de asas. E Daenerys Targaryen levantou voo.

— ... *acordar o dragão...*

A porta erguia-se na sua frente, a porta vermelha, tão próxima, tão próxima, o corredor era uma mancha à sua volta, o frio ficava para trás. E agora já não havia pedra, e ela voava pelo mar dothraki, cada vez mais alto, com o verde a ondular por baixo, e tudo o que vivia e respirava fugia aterrorizado da sombra das suas asas. Conseguia sentir o cheiro de casa, conseguia vê-la, ali, mesmo por trás daquela porta, campos verdejantes e grandes casas de pedra e braços que a mantivessem quente, *ali*. Escancarou a porta.

— ... *o dragão...*

E viu o irmão Rhaegar, montado num garanhão tão negro como a sua armadura. Fogo cintilava, vermelho, através da fenda estreita da viseira do seu elmo. “O último dragão” sussurrou, ténue, a voz de Sor Jorah. “O último, o último.” Dany ergueu o polido visor negro do irmão. O rosto que estava lá dentro era o dela.

Depois daquilo, durante muito tempo, só houve dor, o fogo no seu interior, e os sussurros das estrelas.

Acordou sentindo o sabor das cinzas.

— Não — gemeu —, por favor, não.

— *Khaleesi?* — Jhiqui pairou sobre ela, como uma corça assustada.

A tenda estava ensopada em sombras, silenciosa e fechada. Flocos de cinzas saltavam de um braseiro e Dany seguiu-os com os olhos enquanto atravessavam o buraco do fumo, no topo da tenda. *Voar*, pensou. *Tinha asas, estava a voar*. Mas fora apenas um sonho.

— Ajuda-me — sussurrou, lutando por se erguer. — Traz-me... — Tinha a voz em sangue como uma ferida, e não conseguia pensar no que queria. Porque doía tanto? Era como se o seu corpo tivesse sido rasgado às fatias e reconstruído. — Quero...

— Sim, *Khaleesi*. — E nesse mesmo instante, Jhiqui partira, saltando da tenda, aos gritos. Dany precisava... de alguma coisa... de alguém... de quê? Sabia que era importante. Era a única coisa do mundo que importava. Rolou de lado e pôs um cotovelo sob o corpo, lutando contra a manta que se lhe emaranhava nas pernas. Mexer-se era tão difícil. O mundo nadou, entontecido. *Tenho de...*

Encontraram-na caída sobre o tapete, rastejando na direcção dos seus ovos de dragão. Sor Jorah Mormont ergueu-a nos braços e levou-a de volta às sedas de dormir, enquanto ela lutava debilmente contra ele. Por cima do ombro do cavaleiro, viu as suas três aias, Jhogo com a sua pequena sombra de bigode, e a cara larga e achatada de Mirri Maz Duur.

— Tenho — tentou dizer-lhes —, preciso de...

— ... dormir, princesa — disse Sor Jorah.

— Não — disse Dany. — Por favor. Por favor.

— Sim. — Cobriu-a com seda apesar de ela estar a arder. — Dormi e ficai de novo forte, *khaleesi*. Voltai para nós. — E então Mirri Maz Duur estava ali, a *maegi*, inclinando uma taça contra os seus lábios. Soube-lhe a leite azedo, e a mais qualquer coisa, algo espesso e amargo. Líquido quente escorreu-lhe pelo queixo. Sem saber bem como, engoliu. A tenda ficou mais sombria, e o sono tomou-a de novo. Desta vez não sonhou. Flutuou, serena e em paz, num mar negro que não conhecia litorais.

Depois de algum tempo — uma noite, um dia, um ano, não saberia dizer — voltou a acordar. A tenda estava escura, com as paredes de seda a bater como asas quando as rajadas de vento sopravam lá fora. Daquela vez, Dany não tentou levantar-se.

— Irri — chamou — Jhiqui, Doreah. — Chegaram imediatamente. — Tenho a garganta seca — disse — tão seca — e trouxeram-lhe água. Estava tépida e sem sabor, mas Dany bebeu sofregamente e mandou Jhiqui buscar mais. Irri humedeceu um pano suave e afagou-lhe a testa. — Estive doente — disse Dany. A rapariga dothraki confirmou com um gesto. — Quanto tempo? — O pano era calmante, mas Irri parecia tão triste que a assustou.

— *Muito* — sussurrou a rapariga. Quando Jhiqui regressou com mais

água, Mirri Maz Duur veio com ela, com olhos pesados de sono.

— Bebei — disse a *maegi*, voltando a levantar a cabeça de Dany até à taça, mas desta vez era só vinho. Doce, doce vinho. Dany bebeu, e voltou a deitar-se, ouvindo o som suave da sua própria respiração. Sentiu o peso nos membros quando o sono deslizou para a voltar a encher.

— Traz-me... — murmurou, com a voz entaramelada e sonolenta. — Traz... quero segurar...

— Sim? — perguntou a *maegi*. — Que desejais, *khaleesi*?

— Traz-me... ovo... ovo de dragão... por favor... — As pestanas transformaram-se-lhe em chumbo, e ficou demasiado cansada para as segurar.

Quando acordou da terceira vez, um dardo de luz dourada do Sol jorrava pelo buraco de fumo da tenda, e tinha os braços enrolados em volta de um ovo de dragão. Era o mais claro, com escamas da cor de creme de manteiga, com veios em volutas de ouro e bronze, e Dany conseguia sentir-lhe o calor. Sob as sedas de dormir, uma fina película de transpiração cobria-lhe a pele nua. Orvalho de dragão, pensou. Passou levemente com os dedos sobre a superfície da casca, seguindo as volutas de ouro, e na profundidade da rocha sentiu que algo se torcia e esticava em resposta. Não a assustou. Todo o seu medo tinha desaparecido, ardera.

Dany tocou a testa. Sob a película de suor, a pele estava fria ao toque, a febre desaparecera. Obrigou-se a sentar-se. Houve um momento de tontura, e uma dor profunda entre as coxas. Mas sentia-se forte. As aias acorreram ao som da sua voz.

— Água — disse-lhes —, um jarro de água, o mais fria que consigam encontrar. E fruta, acho eu. Tâmaras.

— Às vossas ordens, *khaleesi*.

— Quero ver Sor Jorah — disse, pondo-se em pé. Jhiqui trouxe-lhe um roupão de sedareia e envolveu-lhe os ombros com ele. — E também quero um banho quente, e Mirri Maz Duur, e... — As recordações chegaram-lhe todas ao mesmo tempo, e ela vacilou. — Khal Drogo — forçou-se a dizer, observando os rostos delas com terror. — Ele...?

— O *khal* vive — respondeu Irri em voz baixa... mas Dany viu-lhe uma escuridão nos olhos quando disse as palavras, e assim que acabou de falar, a rapariga fugiu para ir buscar água.

Dany virou-se para Doreah.

— Conta-me.

— Eu... eu vou buscar Sor Jorah — disse a rapariga lisena, inclinando a cabeça e fugindo da tenda.

Jhiqui teria fugido também, mas Dany segurou-a pelo pulso e manteve-a presa.

— Que se passa? Tenho de saber. Drogo... e o meu filho. — Porque não se teria lembrado da criança até agora? — O meu filho... Rhaego... onde está ele? Quero vê-lo.

A aia baixou os olhos.

— O rapaz... não sobreviveu, *khaleesi*. — A voz dela era um murmúrio assustado.

Dany soltou-lhe o pulso. *O meu filho está morto*, pensou enquanto Jhiqui saía da tenda. De algum modo, já o sabia. Soubera desde que acordara pela primeira vez para as lágrimas de Jhiqui. Não, soubera-o antes de acordar. O sonho regressou-lhe, súbito e vívido, e lembrou-se do homem alto com a pele acobreada e a longa cabeleira de prata dourada, rebentando em chamas.

Sabia que devia chorar, mas tinha os olhos secos como cinza. Chorara no sonho, e as lágrimas tinham-se-lhe transformado em vapor na cara. *Todo o desgosto foi queimado em mim*, disse a si própria. Sentia-se triste, e no entanto... conseguia sentir Rhaego a afastar-se dela, como se nunca tivesse existido.

Sor Jorah e Mirri Maz Duur entraram alguns momentos mais tarde, e deram com Dany em pé junto aos outros ovos de dragão, os que ainda estavam dentro do cofre. Pareciam-lhe tão quentes como aquele com que dormira, o que era muito estranho.

— Sor Jorah, vinde cá — disse. Tomou-lhe a mão e pousou-a no ovo negro com as volutas escarlates. — O que sentis?

— Casca, dura como pedra. — O cavaleiro estava cauteloso. — Escamas.

— Calor?

— Não. Pedra fria. — Afastou a mão. — Princesa, estais bem? Devíeis estar a pé, assim tão fraca?

— Fraca? Sinto-me forte, Jorah. — Para lhe agradecer, reclinou-se numa pilha de almofadas. — Contai-me como o meu filho morreu.

— Não chegou a viver, minha princesa. As mulheres dizem... — vacilou, e Dany reparou como a pele pendia solta no seu corpo, e como coxeava quando se movia.

— Contai-me. Contai-me o que as mulheres dizem.

Ele afastou a cara. Tinha os olhos assombrados.

— Elas dizem que a criança era...

Dany esperou, mas Sor Jorah não foi capaz de o dizer. A sua cara escureceu de vergonha. Ele próprio parecia quase um cadáver.

— Monstruosa — terminou Mirri Maz Duur por ele. O cavaleiro era um homem poderoso, mas Dany compreendeu naquele momento que a *maegi* era

mais forte, e mais cruel, e infinitamente mais perigosa. — Deformada. Fui eu própria quem a puxou. Tinha escamas como um lagarto, era cega, trazia um vestígio de cauda e pequenas asas de couro como as asas de um morcego. Quando lhe toquei, a carne desprendeuse do osso, e por dentro estava cheia de vermes e fedia a decomposição. Estava morta havia anos.

Escuridão, pensou Dany. A terrível escuridão que vinha por trás para a devorar. Se olhasse para trás, estaria perdida.

— O meu filho estava vivo e forte quando Sor Jorah me trouxe para esta tenda — disse. — Sentia-o a dar pontapés, a lutar por nascer.

— Pode ser que sim, pode ser que não — respondeu Mirri Maz Duur —, mas a criatura que saiu do vosso ventre era como eu disse. Havia morte naquela tenda, *khaleesi*.

— Só sombras — desvendou Sor Jorah, mas Dany conseguia ouvir-lhe a dúvida na voz. — Eu vi, *maegi*. Vi-te, sozinha, a dançar com as sombras.

— A sepultura produz longas sombras, Senhor de Ferro — disse Mirri. — Longas e escuras, e no fim nenhuma luz lhes consegue resistir.

Dany sabia que Sor Jorah lhe matara o filho. Fizera o que fizera por amor e lealdade, mas transportara-a para um lugar onde nenhum homem vivo devia ir e entregara o seu filho às trevas. Ele também o sabia; o rosto cinzento, os olhos vazios, o coxear.

— As sombras também vos tocaram, Sor Jorah — disse-lhe ela. O cavaleiro não deu resposta. Dany virou-se para a esposa de deus. — Preveniste-me de que só a morte podia pagar pela vida. Pensei que te referisses ao cavalo.

— Não — disse Mirri Maz Duur. — Isso foi uma mentira que contastes a vós própria. Conheceíeis o preço.

Conhecia? Conhecia? *Se olhar para trás, estou perdida*.

— O preço foi pago — disse Dany. — O cavalo, o meu filho, Quaro e Qotho, Haggio e Cohollo. O preço foi pago, pago e pago. — Ergueu-se das almofadas. — Onde está Khal Drogo? Mostra-mo, esposa de deus, *maegi*, maga de sangue, o que quer que sejas. Mostra-me Khal Drogo. Mostra-me o que comprei com a vida do meu filho.

— Às vossas ordens, *khaleesi* — disse a velha. — Vinde, levar-vos-ei até ele.

Dany estava mais fraca do que julgara. Sor Jorah pôs um braço em seu redor e ajudou-a a ficar em pé.

— Há tempo que baste para isto mais tarde, princesa — disse ele em voz baixa.

— Quero vê-lo agora, Sor Jorah.

Depois da escuridão da tenda, o mundo lá fora era tão brilhante que cegava. O sol queimava como ouro derretido, e a terra estava seca e vazia. As aias esperavam com fruta, vinho e água, e Jhogo aproximou-se para ajudar Sor Jorah a suportar-lhe o peso. Aggo e Rakharo seguiam atrás. O clarão do Sol na areia fez com que lhe fosse difícil ver mais, até Dany erguer uma mão para dar sombra aos olhos. Viu as cinzas de uma fogueira, alguns cavalos que andavam às voltas, apaticamente, em busca de um pouco de erva, tendas e esteiras espalhadas. Uma pequena multidão de crianças reunira-se para a ver, e atrás delas vislumbrou mulheres que tratavam dos seus deveres e velhos mirrados que olhavam o céu azul uniforme com olhos cansados, enxotando fracamente moscas de sangue. Uma contagem mostraria umas cem pessoas, não mais. Onde as outras quarenta mil tinham montado acampamento, só o vento e a poeira restavam agora.

— O *khalasar* de Drogo desapareceu — disse ela.

— Um *khal* que não pode montar não é um *khal* — disse Jhogo.

— Os dothraki seguem apenas os fortes — disse Sor Jorah. — Lamento, minha princesa. Não havia maneira de os deter. Ko Pono foi o primeiro a partir, chamando-se a si mesmo Khal Pono, e muitos seguiram-no. Jhaqo não esperou muito tempo para fazer o mesmo. O resto foi-se esgueirando noite após noite, em bandos grandes e pequenos. Há uma dúzia de novos *khalasares* no mar dothraki, no lugar que em tempos foi apenas de Drogo.

— Os velhos ficaram — disse Aggo. — Os assustados, os fracos e os doentes. E nós, que jurámos. Nós ficámos.

— Levaram as manadas de Khal Drogo, *khaleesi* — disse Rakharo. — Não éramos suficientes para o impedir. É direito dos fortes roubar dos fracos. Levaram também muitos escravos, do *khal* e vossos, mas deixaram alguns.

— Eroeh? — perguntou Dany, lembrando-se da criança assustada que salvara fora da cidade dos Homens-Ovelhas.

— Mago, que é agora companheiro de sangue de Khal Jhaqo, capturou-a para si — disse Jhogo. — Montou-a por cima e por baixo e deu-a ao seu *khal*, e Jhaqo deu-a aos seus outros companheiros de sangue. Eram seis. Quando ficaram satisfeitos, cortaram-lhe a garganta.

— Foi o destino dela, *khaleesi* — disse Aggo.

Se olhar para trás, estou perdida.

— Foi um destino cruel — disse Dany — mas não tão cruel como será o de Mago. Prometo, pelos velhos deuses e pelos novos, pelo deus-ovelha e pelo deus-cavalo e por todos os deuses que vivem. Juro pela Mãe das Montanhas e o Ventre do Mundo. Antes de acabar com eles, Maggo e Ko Jhaqo suplicarão pela clemência que mostraram a Eroeh.

Os dothraki trocaram olhares inseguros.

— *Khaleesi* — explicou a aia Irri, como se estivesse a falar com uma criança. — Jhaqo é agora um *khal*, à frente de vinte mil cavaleiros.

Dany ergueu a cabeça.

— E eu sou Daenerys, Nascida na Tempestade, Daenerys da Casa Targaryen, do sangue de Aegon, o Conquistador, e Maegor, o Cruel, e da velha Valíria antes deles. Sou a filha do dragão, e, juro-vos, esses homens morrerão aos gritos. Agora levai-me a Khal Drogo.

Jazia sobre a terra vermelha e nua, de olhos fixos no sol.

Uma dúzia de moscas de sangue pousara no seu corpo, embora ele não parecesse senti-las. Dany enxotou-as e ajoelhou-se a seu lado. Os olhos dele estavam muito abertos, mas não viam, e ela compreendeu de imediato que Drogo se encontrava cego. Quando sussurrou o seu nome, não pareceu ouvir. A ferida no peito estava tão curada como estaria algum dia, com a cicatriz que a cobria cinzenta e vermelha e hedionda.

— Porque está ele aqui sozinho ao sol? — perguntou-lhes.

— Parece gostar do calor, princesa — disse Sor Jorah. — Os seus olhos seguem o sol, embora não o veja. Consegue fazer algo semelhante a andar. Vai para onde o levam, mas não mais longe. Come se lhe puserem comida na boca e bebe se lhe escorrerem água para os lábios.

Dany beijou o seu sol-e-estrelas suavemente na testa, e ergueu-se para encarar Mirri Maz Duur.

— Os teus feitiços são caros, *maegi*.

— Ele vive — disse Mirri Maz Duur. — Pedistes vida, pagastes por vida.

— Isto não é vida para quem era como Drogo. A sua vida era gargalhadas e carne a assar numa fogueira, e um cavalo entre as suas pernas. A sua vida era um *arakh* na mão e as campainhas a tinir no cabelo enquanto cavalgava ao encontro de um inimigo. A sua vida eram os seus companheiros de sangue, e eu, e o filho que lhe devia ter dado.

Mirri Maz Duur não deu resposta.

— Quando voltará a ser como era? — quis saber Dany.

— Quando o Sol nascer a ocidente e se puser a oriente — disse Mirri Maz Duur. — Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Quando o vosso ventre voltar a ganhar vida e derdes à luz um filho vivo. Então, e não antes, ele regressará.

Dany fez um gesto para Sor Jorah e os outros.

— Deixai-nos. Quero falar a sós com esta *maegi*. — Mormont e os dothraki retiraram-se. — Tu *sabias* — disse Dany depois de eles se irem embora. Sentia dor, por dentro e por fora, mas a fúria dava-lhe forças. — Tu sabias o que eu estava a comprar, e conhecias o preço, e mesmo assim

deixaste-me pagá-lo.

— Foi errado da parte deles terem queimado o meu templo — disse placidamente a pesada mulher de nariz achatado. — Isso enfureceu o Grande Pastor.

— Isto não foi trabalho de nenhum deus — disse friamente Dany. *Se olhar para trás, estou perdida.* — Enganaste-me. Assassinateste o meu filho dentro de mim.

— O ganhanço que monta o mundo já não queimará cidades. O seu *khalasar* não transformará nações em poeira.

— Eu intervim por ti — disse Dany, angustiada. — Salvei-te.

— Salvaste-me? — cuspiu a lhazarena. — Três guerreiros já me tinham possuído, não como um homem possui uma mulher, mas por trás, como um cão possui uma cadela. O quarto estava dentro de mim quando passaste por ali. Como foi que me salvaste? Vi a casa do meu deus arder, o lugar onde curei homens bons sem conta. Também me queimaram a casa, e na rua vi pilhas de cabeças. Vi a cabeça de um padeiro que me fazia o pão. Vi a cabeça de um rapaz que salvei da febre do olho morto só há três luas. Ouvi crianças a chorar quando os guerreiros as arrancaram de casa à chicotada. Diz-me lá outra vez o que salvaste.

— A tua vida.

Mirri Maz Duur soltou uma gargalhada cruel.

— Olha para o teu *khal* e vê de que serve a vida quando tudo o resto desapareceu.

Dany chamou os homens do seu *khas* e pediu-lhes para prenderem Mirri Maz Duur e a atarem de pés e mãos, mas a *maegi* sorriu-lhe quando a levaram, como se partilhassem um segredo. Uma palavra, e Dany podia ter feito com que a decapitassem... mas o que teria então? Uma cabeça? Se a vida não tinha valor, que valor tinha a morte?

Levaram Khal Drogo até à sua tenda, e Dany ordenou-lhes que enchessem uma banheira, e desta vez não houve sangue na água. Foi ela própria a dar-lhe banho, lavando-lhe a terra e o pó dos braços e peito, limpando-lhe o rosto com um pano suave, ensopando o seu longo cabelo negro e escovando-lhe os nós e enredos até ficar de novo brilhante como o recordava. Quando acabou, o Sol já se tinha posto há muito, e Dany estava exausta. Parou para beber e comer, mas só conseguiu morder um figo e engolir um gole de água. O sono teria sido uma libertação, mas já dormira o suficiente... em verdade, demasiado. Devia aquela noite a Drogo, por todas as noites que tinham existido e ainda podiam existir.

A memória da primeira cavalgada juntos acompanhou-a quando o levou

para a escuridão do exterior, pois os dothraki acreditavam que todas as coisas de importância na vida de um homem tinham de ser realizadas a céu aberto. Disse a si própria que havia poderes mais fortes que o ódio, e feitiços mais velhos e verdadeiros do que qualquer um que a *maegi* tivesse aprendido em Asshai. A noite estava negra e sem Lua, mas por cima da sua cabeça, mil estrelas ardiam, brilhantes. Tomou aquilo como um presságio.

Nenhum suave cobertor de erva lhes deu ali as boas-vindas, só o chão duro e poeirento, nu e semeado de pedras. Não havia árvores a agitar-se ao vento, e não havia um ribeiro que lhe acalmasse os medos com a música suave da água. Dany disse a si própria que as estrelas bastariam.

— Lembra-te, Drogo — murmurou. — Lembra-te da nossa primeira cavalgada juntos, no dia em que casámos. Lembra-te da noite em que fizemos Rhaego, com o *khalasar* à nossa volta e os teus olhos no meu rosto. Lembra-te de como a água estava fria e limpa no Ventre do Mundo. Lembra-te, meu sol-e-estrelas. Lembra-te e volta para mim.

O nascimento tinha-a deixado demasiado dorida e rasgada para o introduzir dentro de si, como teria desejado, mas Doreah ensinara-lhe outras maneiras. Dany usou as mãos, a boca, os seios. Arranhou-o com as unhas, cobriu-o de beijos e segredou-lhe, rezou e contou-lhe histórias, e quando terminou, tinha-o banhado com as suas lágrimas. Mas Drogo nem sentiu, nem falou, nem se ergueu.

E quando a alvorada sem vida surgiu num horizonte vazio, Dany compreendeu que ele estava realmente perdido.

— Quando o Sol nascer a oeste e se puser a leste — disse tristemente. — Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Quando o meu ventre voltar a ganhar vida e der à luz um filho vivo. Então regressarás, meu sol-e-estrelas, e não antes.

Nunca, gritou a escuridão, *nunca nunca nunca*.

Dentro da tenda, Dany encontrou uma almofada, de seda suave estofada de penas. Apertou-a contra os seios enquanto regressava para junto de Drogo, para junto do seu sol-e-estrelas. *Se olhar para trás, estou perdida*. Até andar lhe doía, e queria dormir, dormir e não sonhar.

Ajoelhou, beijou Drogo nos lábios, e apertou a almofada contra o seu rosto.

— Eles têm o meu filho — disse Tywin Lannister.

— Têm, senhor. — A voz do mensageiro estava abafada de exaustão. No peito do seu manto rasgado, o javali malhado de Crakehall encontrava-se meio obscurecido por sangue seco.

Um dos teus filhos, pensou Tyrion. Bebeu um gole de vinho e não disse uma palavra, pensando em Jaime. Quando ergueu o braço, uma dor atacou-lhe o cotovelo, lembrando-o da sua própria breve experiência de batalha. Amava o irmão, mas não gostaria de estar com ele no Bosque dos Murmúrios nem por todo o ouro de Rochedo Casterly.

Os capitães e vassalos do senhor seu pai tinham-se tornado muito silenciosos à medida que o correio ia contando a sua história. O único som que se ouvia eram os estalidos e silvos do tronco que ardia na lareira ao fundo da longa e arejada sala comum.

Depois das dificuldades do longo e implacável avanço para sul, a ideia de passar nem que fosse uma só noite numa estalagem tinha animado imensamente Tyrion... embora tivesse preferido que não fosse outra vez *aquela* estalagem, com todas as recordações que trazia. O pai estabelecera um ritmo esgotante, que cobrara o seu preço. Homens feridos na batalha acompanhavam-no o melhor que podiam, ou eram abandonados aos seus próprios meios. Todas as manhãs deixavam mais alguns à beira da estrada, homens que adormeciam para nunca mais acordar. Todas as tardes, eram mais alguns os que caíam no caminho. E todas as noites, mais alguns desertavam, esgueirando-se na direcção das sombras. Tyrion sentira-se quase tentado a ir com eles.

Estava no primeiro andar, a desfrutar do conforto de uma cama de penas e do calor do corpo de Shae a seu lado, quando o escudeiro o acordara para dizer que chegara um mensageiro com novas terríveis de Correrrio. Queria dizer que tudo fora em vão. A corrida para sul, as marchas forçadas que não pareciam ter fim, os cadáveres abandonados junto à estrada... tudo para nada. Robb Stark chegara a Correrrio havia vários dias.

— Como pôde isto acontecer? — gemeu Sor Harys Swyft — *Como?* Mesmo depois do Bosque dos Murmúrios, tínheis Correrrio cercada por um anel de ferro, rodeada por uma grande hoste... que loucura fez Sor Jaime decidir dividir os seus homens em três acampamentos separados? Certamente sabia como isso os deixava vulneráveis?

Melhor do que tu, seu poltrão sem queixo, pensou Tyrion. Jaime podia ter

perdido Correrrio, mas enfurecia-o ouvir o irmão a ser caluniado por gente como aquele Swyft, um lambe-botas sem vergonha, cuja maior realização fora casar a filha, igualmente desprovida de queixo, com Sor Kevan, ligando-se assim aos Lannister.

— Eu teria feito o mesmo — respondeu o tio, de uma forma bastante mais calma do que Tyrion teria respondido. — Nunca haveis visto Correrrio, Sor Harys, caso contrário, saberíeis que Jaime pouca escolha teve. O castelo ergue-se na extremidade da ponta de terra onde o Pedregoso desagua no Ramo Vermelho do Tridente. Os rios formam dois lados de um triângulo, e quando o perigo espreita, os Tully abrem as comportas a montante para criar um fosso largo no terceiro lado, transformando Correrrio numa ilha. As muralhas erguem-se a pique da água, e das suas torres os defensores controlam as margens opostas ao longo de muitas milhas. Para cortar todos os caminhos, um sitiante tem de erguer um acampamento a norte do Pedregoso, outro a sul do Ramo Vermelho, e um terceiro entre os rios, a oeste do fosso. Não há outra maneira, nenhuma.

— Sor Kevan fala verdade, senhores — disse o correio. — Construímos paliçadas de espigões aguçados em volta dos acampamentos, mas não foi o suficiente, em especial sem aviso e com os rios a separar-nos uns dos outros. Caíram primeiro sobre o acampamento norte. Ninguém esperava um ataque. Marq Piper andara a atacar os nossos comboios de abastecimentos, mas não tinha mais de cinquenta homens. Sor Jaime saíra para lidar com eles na noite anterior... bem, com o que *pensávamos* que fossem eles. Fora-nos dito que a hoste Stark se encontrava a leste do Ramo Verde, marchando para sul...

— E os vossos batedores? — O rosto de Sor Gregor Clegane poderia ter sido cortado em pedra. O fogo na lareira dava-lhe à pele um sombrio tom alaranjado e deitava-lhe profundas sombras sobre os olhos. — Não viram nada? Não vos avisaram de nada?

O mensageiro manchado de sangue abanou a cabeça.

— Os nossos batedores tinham andado a desaparecer. Pensávamos que era obra de Marq Piper. Aqueles que regressavam nada tinham visto.

— Um homem que nada vê não tem necessidade dos olhos — declarou a Montanha. — Arrancai-os e dai-os ao batedor seguinte. Dizei-lhe que esperais que quatro olhos possam ver melhor que dois... e se não, o homem que vier depois terá seis.

O Lorde Tywin Lannister virou a cabeça para estudar Sor Gregor. Tyrion viu uma cintilação de ouro quando a luz brilhou nas pupilas do pai, mas não saberia dizer se o olhar era de aprovação ou repugnância. Era frequente que o Lorde Tywin se mantivesse em silêncio em conselho, preferindo escutar antes de falar, um hábito que o próprio Tyrion tentava imitar. Mas aquele silêncio

era incaracterístico, até para ele, e não tinha tocado no vinho.

— Dissestes que chegaram de noite — interveio Sor Kevan.

O homem confirmou fatigadamente com a cabeça.

— O Peixe Negro comandou a vanguarda, abatendo as nossas sentinelas e afastando as paliçadas para o assalto principal. Quando os nossos homens se aperceberam do que estava a acontecer, já jorravam cavaleiros das margens e galopavam pelo acampamento de espadas e archotes na mão. Eu estava a dormir no acampamento ocidental, entre os rios. Quando ouvimos a luta e vimos as tendas que eram incendiadas, Lorde Brax levou-nos para as jangadas e tentámos atravessar, mas a corrente puxou-nos para jusante e os Tully começaram a atirar-nos pedras com as catapultas que tinham nas muralhas. Vi uma jangada ser esmagada até só restarem gravetos, e mais três que foram viradas, sendo os homens atirados ao rio e afogados... e aqueles que conseguiram atravessar encontraram os Stark à sua espera nas margens do rio.

Sor Flement Brax usava um tabardo de prata e púrpura e tinha o aspecto de um homem que não conseguia compreender o que acabara de ouvir.

— O senhor meu pai...

— Lamento, senhor — disse o mensageiro. — O Lorde Brax envergava armadura e cota de malha quando a sua jangada se virou. Era muito galante.

Era um tolo, pensou Tyrion, movendo a taça em círculos e fitando as profundezas do vinho. Atravessar um rio de noite numa jangada tosca, usando armadura, com um inimigo à espera do outro lado... se isso era galanteria, escolheria sempre a cobardia. Perguntou a si próprio se Lorde Brax se teria sentido particularmente galante quando o peso do seu aço o puxou para baixo nas águas negras.

— O acampamento entre os rios foi também derrotado — estava o mensageiro a dizer. — Enquanto tentávamos fazer a travessia, mais homens dos Stark vieram de oeste, duas colunas de cavalaria armada. Vi o gigante acorrentado de Lorde Umber e a águia dos Mallister, mas era o rapaz quem os comandava, com um lobo monstruoso a correr ao seu lado. Não estava lá para ver, mas diz-se que o animal matou quatro homens e dilacerou uma dúzia de cavalos. Os nossos lanceiros formaram uma linha de defesa e aguentaram a primeira carga deles, mas quando os Tully os viram em combate, abriram os portões de Correrrio e Tytos Blackwood comandou uma surtida pela ponta levadiça e apanhou-os pela retaguarda.

— Que os deuses nos protejam — exclamou Lorde Lefford.

— O Grande-Jon Umber incendiou as torres de cerco que estávamos a construir, e Lorde Blackwood encontrou Edmure Tully a ferros entre os outros cativos, e fugiu com todos eles. O nosso campo sul estava sob o comando de Sor Forley Prester. Retirou em boa ordem quando viu que os outros

acampamentos estavam perdidos, com dois mil lanceiros e outros tantos arqueiros, mas o mercenário tyroshi que comandava os seus cavaleiros livres deitou abaixo os seus estandartes e passou-se para o inimigo.

— Maldito seja o homem. — O tio Kevan soava mais zangado do que surpreendido. — Preveni Jaime para não confiar nesse. Um homem que luta por dinheiro é leal apenas à sua bolsa.

Lorde Tywin entrecruzou os dedos sob o queixo. Só os olhos se moviam enquanto escutava. As suas suíças eriçadas e douradas enquadravam um rosto tão imóvel que poderia ter sido uma máscara, mas Tyrion via minúsculas gotículas de suor que sarapintavam a cabeça rapada do pai.

— Como pôde isto *acontecer*? — gemeu de novo Sor Harys Swyft. — Sor Jaime aprisionado, o cerco quebrado... isto é uma *catástrofe*!

Sor Addam Marbrand disse:

— Estou certo de que todos nos sentimos gratos pela vossa reafirmação do óbvio, Sor Harys. A questão é: que vamos fazer agora?

— Que *podemos* fazer? A hoste de Jaime está toda massacrada, capturada ou posta em fuga, e os Stark e os Tully instalaram-se mesmo no meio da nossa linha de abastecimento. Estamos separados do oeste! Eles podem marchar sobre Rochedo Casterly se bem entenderem, e quem os impedirá? Senhores, estamos derrotados. Temos de pedir a paz.

— Paz? — Tyrion fez rodar o vinho pensativamente, bebeu um grande trago e atirou a taça vazia ao chão, onde se estilhaçou em mil bocados. — Aí tendes a vossa paz, Sor Harys. O meu querido sobrinho quebrou-a de vez quando decidiu ornamentar a Fortaleza Vermelha com a cabeça de Lorde Eddard. Ser-vos-á mais fácil beber vinho por aquela taça do que convencer Robb Stark a fazer a paz *agora*. Ele está a *ganhar*... ou não reparastes ainda?

— Duas batalhas não fazem uma guerra — insistiu Sor Addam. — Estamos longe da derrota. Eu gostaria de ter oportunidade de experimentar o meu aço contra este rapaz Stark.

— Talvez consintam numa trégua e nos permitam trocar os nossos prisioneiros pelos deles — sugeriu Lorde Lefford.

— A menos que troquem três por um, ainda ficaremos a perder — disse Tyrion em voz ácida. — E que temos nós para oferecer pelo meu irmão? A cabeça podre de Lorde Eddard?

— Ouvi dizer que a Rainha Cersei tem as filhas da Mão — disse esperançosamente Lefford. — Se devolvêssemos as irmãs ao rapaz...

Sor Addam soltou uma fungadela de desdém.

— Teria de ser um completo idiota para trocar a vida de Jaime Lannister por duas raparigas.

— Então temos de pagar resgate por Sor Jaime, custe o que custar — disse Lorde Lefford.

Tyrion fez rolar os olhos.

— Se os Stark sentirem necessidade de ouro, podem derreter a armadura de Jaime.

— Se pedirmos uma trégua, julgar-nos-ão fracos — argumentou Sor Addam. — Devíamos marchar imediatamente contra eles.

— Certamente que os nossos amigos na corte podem ser persuadidos a juntar tropas frescas às nossas — disse Sor Harys. — E alguém podia regressar a Rochedo Casterly a fim de recrutar uma nova hoste.

Lorde Tywin Lannister pôs-se em pé.

— *Eles têm o meu filho* — voltou a dizer, numa voz que cortou a conversa como uma espada corta sebo. — Deixai-me. Todos vós.

Como se fosse a própria alma da obediência, Tyrion levantou-se para sair com os outros, mas o pai fixou os olhos nele.

— Tu não, Tyrion. Fica. E tu também, Kevan. O resto, fora.

Tyrion voltou a deixar-se cair no banco, surpreendido até ficar sem fala. Sor Kevan atravessou a sala até aos cascos de vinho.

— Tio — chamou Tyrion —, se fizésseis o favor...

— Toma. — O pai ofereceu-lhe a sua taça, com o vinho intocado.

Agora, Tyrion estava *realmente* perplexo. Bebeu.

Lorde Tywin sentou-se.

— Tens razão quanto ao Stark. Vivo, podíamos ter usado Lorde Eddard para forjar uma paz com Winterfell e Correrrio, uma paz que nos daria o tempo de que precisamos para lidar com os irmãos de Robert. Morto... — A mão enrolou-se num punho. — Loucura. Completa loucura.

— Joff é só um rapaz — fez notar Tyrion. — Na sua idade, também fiz alguns disparates.

O pai deitou-lhe um olhar penetrante.

— Suponho que devemos sentir-nos gratos por ele ainda não ter casado com uma prostituta.

Tyrion beberricou do vinho, perguntando a si próprio qual o aspecto com que Lorde Tywin ficaria se lhe atirasse a taça à cara.

— A nossa posição é pior do que julgais — continuou o pai. — Parece que temos um novo rei.

Sor Kevan pareceu abatido.

— Um novo... *quem*? Que fizeram a Joffrey?

A mais ténue das cintilações de desagrado brincou nos finos lábios de

Lorde Tywin.

— Nada... por enquanto. O meu neto ainda ocupa o Trono de Ferro, mas o eunuco ouviu sussurros vindos do sul. Renly Baratheon casou com Margaery Tyrell em Jardim de Cima nesta quinzena que passou, e agora reivindicou a coroa. O pai e os irmãos da noiva dobraram os joelhos e prestaram-lhe juramento.

— Essas são novas graves. — Quando Sor Kevan franzia a testa, as rugas que nela tinha aprofundavam-se como precipícios.

— A minha filha ordena-nos que cavalguemos para Porto Real de imediato, a fim de defender a Fortaleza Vermelha contra o Rei Renly e o Cavaleiro das Flores. — A sua boca apertou-se. — *Ordena-nos*, notai bem. Em nome do rei e do conselho.

— Como está o Rei Joffrey a acolher as notícias? — perguntou Tyrion, com um certo humor negro.

— Cersei ainda não achou por bem contar-lhe — disse o Lorde Tywin. — Teme que ele possa insistir em marchar ele próprio contra Renly.

— Com que exército? — perguntou Tyrion. — Espero que não tenhais em mente dar-lhe *este*.

— Ele fala em comandar a Patrulha da Cidade — disse o Lorde Tywin.

— Se ele levar a Patrulha, deixará a cidade indefesa — disse Sor Kevan. — E com Lorde Stannis em Pedra do Dragão...

— Sim. — Lorde Tywin baixou o olhar para o filho. — Eu pensava que eras tu aquele que nasceu para bobo, Tyrion, mas parece que me enganei.

— Ora, pai — disse Tyrion —, isso quase que soa a um elogio. — Inclinou-se para a frente, concentrado. — E Stannis? É ele o mais velho, não Renly. Que sente ele a propósito da pretensão do irmão?

O pai franziu o sobrolho.

— Desde o princípio que sinto que Stannis é maior ameaça do que todos os outros juntos. E no entanto, não faz nada. Oh, Varys ouve os seus sussurros. Que Stannis está a construir navios, que Stannis está a contratar mercenários, que Stannis mandou vir um umbromante de Asshai. Que quer isto dizer? Será alguma parte verdade? — Encolheu irritadamente os ombros. — Kevan, traz-nos o mapa.

Sor Kevan fez o que lhe foi pedido. Lorde Tywin desenrolou o couro, alisando-o.

— Jaime deixou-nos em mau estado. Roose Bolton e os restos da sua hoste estão a norte de nós. Os nossos inimigos possuem as Gémeas e Fosso Cailin. Robb Stark está instalado a oeste, portanto não podemos retirar para Lannisporto e para o Rochedo a menos que decidamos dar batalha. Jaime encontra-se prisioneiro, e o seu exército, para todos os fins práticos, deixou de

existir. Thoros de Myr e Beric Dondarrion continuam a incomodar os nossos destacamentos logísticos. Para leste temos os Arryn, Stannis Baratheon ocupa Pedra do Dragão e, no sul, Jardim de Cima e Ponta Tempestade convocam os vassalos.

Tyrion fez um sorriso torto.

— Animai-vos, pai. Pelo menos Rhaegar Targaryen continua morto.

— Tive esperança que tivesses mais do que gracejos a oferecer-nos, Tyrion — disse o Lorde Tywin Lannister.

Sor Kevan franziu o sobrolho sobre o mapa, com a testa a abrir fendas.

— Robb Stark já terá agora consigo Edmure Tully e os senhores do Tridente. O seu poderio combinado pode exceder o nosso. E com Roose Bolton nas nossas costas... Tywin, se permanecermos aqui, temo que possamos ser apanhados entre três exércitos.

— Não tenho nenhuma intenção de permanecer aqui. Temos de tratar dos nossos assuntos com o jovem Lorde Stark antes que Renly Baratheon tenha hipótese de se pôr em marcha desde Jardim de Cima. Bolton não me preocupa. É um homem cuidadoso, e tornámo-lo mais cuidadoso no Ramo Verde. Ele será lento na perseguição. Portanto... de manhã partimos para Harrenhal. Kevan, quero que os batedores de Sor Addam nos ocultem os movimentos. Dá-lhe todos os homens que te peça, e manda-os em grupos de quatro. Não quero desaparecimentos.

— Às vossas ordens, senhor, mas... porquê Harrenhal? É um lugar sombrio e sem sorte. Há quem o diga amaldiçoado.

— Que digam — disse Lorde Tywin. — Tira a trela a Sor Gregor e manda-o à nossa frente com os seus salteadores. Manda também Vargo Hoat e os seus cavaleiros livres, e Sor Amory Lorch. Cada um deve ter trezentos homens a cavalo. Diz-lhes que quero ver as terras do rio em chamas do Olho de Deus ao Ramo Vermelho.

— Elas arderão, senhor — disse Sor Kevan, pondo-se de pé. — Darei as ordens. — Fez uma vénia e dirigiu-se à porta.

Quando ficaram sós, o Lorde Tywin olhou de relance para Tyrion.

— Os teus selvagens podem apreciar um pouco de rapina. Diz-lhes que podem acompanhar Vargo Hoat e saquear à vontade... bens, gado, mulheres, podem ficar com o que quiserem e queimar o resto.

— Dizer a Shagga e a Timett como pilhar é como dizer a um galo como cantar — comentou Tyrion — mas preferia mantê-los comigo. — Os selvagens podiam ser rudes e indisciplinados mas eram *dele*, e confiava mais neles do que em quaisquer dos homens do pai. Não ia abrir mão dos seus homens.

— Então é melhor que aprendas a controlá-los. Não quero ver a cidade saqueada.

— A cidade? — Tyrion sentiu-se perdido. — Que cidade seria essa?

— Porto Real. Vou mandar-te para a corte.

Era a última coisa que Tyrion Lannister teria antecipado. Estendeu a mão para o vinho, e pensou no assunto por um momento enquanto bebia.

— E que devo eu fazer lá?

— Governar — disse concisamente o pai.

Tyrion estremeceu de riso.

— A minha querida irmã pode ter uma coisa ou duas a dizer acerca disso.

— Deixa-a dizer o que quiser. O filho dela tem de ser controlado antes que nos arruine a todos. Culpo esses patetas do conselho... o nosso amigo Petyr, o venerável Grande Mestre, e aquela maravilha sem picha, o Lorde Varys. Que tipo de conselhos estão eles a dar a Joffrey enquanto ele salta de loucura em loucura? De quem foi a ideia de fazer senhor aquele Janos Slynt? O pai do homem era um *carniceiro*, e dão-lhe Harrenhal. *Harrenhal*, que foi a sede de reis! Não que ele algum dia ponha os pés no castelo enquanto eu tiver algo a dizer sobre o assunto. Dizem-me que escolheu para símbolo uma lança ensanguentada. A minha escolha teria sido um cutelo ensanguentado. — O pai não levantara a voz, mas Tyrion conseguia ver a ira no ouro dos seus olhos. — E demitir Selmy, onde está o sentido disso? Sim, o homem está velho, mas o nome de Barristan, o Ousado, ainda tem peso no reino. Emprestava honra a qualquer homem que servisse. Poderá alguém dizer o mesmo do Cão de Caça? Alimenta-se o cão com ossos por baixo da mesa, não se lhe dá um lugar ao lado do trono. — Brandiu um dedo em frente à cara de Tyrion. — Se a Cersei não conseguir domar o rapaz, tens de ser tu a fazê-lo. E se esses conselheiros estiverem a fazer jogo duplo...

Tyrion sabia.

— Espigões — suspirou. — Cabeças. Muralhas.

— Vejo que aprendeste algumas lições comigo.

— Mais do que pensais, pai — respondeu Tyrion em voz baixa. Terminou o vinho e pôs a taça de lado, pensativo. Uma parte de si estava mais agradada do que queria admitir. Outra parte recordava a batalha a montante do rio, e perguntava a si próprio se estava a ser de novo enviado para defender o flanco esquerdo. — Porquê eu? — perguntou, inclinando a cabeça para o lado. — Porque não o meu tio? Porque não Sor Addam, Sor Flement ou o Lorde Serrett? Porque não um homem... *maior*?

Lorde Tywin pôs-se abruptamente em pé.

— És meu filho.

Foi então que compreendeu. *Desististe dele*, pensou. *Seu maldito bastardo, julgas que Jaime é um homem morto, e portanto eu sou tudo o que te resta*. Tyrion quis esbofeteá-lo, cuspir-lhe na cara, puxar do punhal, arrancar-lhe o coração e ver se era feito de ouro velho e duro como diziam os plebeus. Mas ficou ali sentado, em silêncio e imóvel.

Os cacos da taça partida rangeram sob os tacões do pai quando Lorde Tywin atravessou a sala.

— Uma última coisa — disse ele da porta. — Não vais levar a prostituta para a corte.

Tyrion ficou sozinho na sala comum durante um longo bocado depois de o pai se ir embora. Por fim, subiu os degraus até às suas acolhedoras águas-furtadas sob a torre sineira. O tecto era baixo, mas isso para um anão não chegava a ser um problema. Da janela, via o cadafalso que o pai erigira no pátio. O cadáver da estalajadeira girava lentamente na ponta de uma corda sempre que o vento nocturno soprava. A sua carne tornara-se tão escassa e esfarrapada como as esperanças dos Lannister.

Shae soltou um murmúrio sonolento e rolou para ele quando se sentou na borda da cama de penas. Enfiou a mão sob a manta e envolveu com ela um seio suave, e os olhos dela abriram-se.

— S'nhor — disse, com um sorriso sonolento.

Quando sentiu o mamilo enrijecer, Tyrion beijou-a.

— Tenho em mente levar-te para Porto Real, querida — sussurrou.

A égua relinchou baixinho quando Jon apertou a cilha.

— Calma, querida senhora — disse ele em voz suave, acalmando-a com um afago. O vento sussurrava no estábulo, uma fria respiração de morte no seu rosto, mas Jon não lhe prestou atenção. Atou o rolo à sela, sentindo os dedos cheios de cicatrizes rígidos e desastrados. — Fantasma — chamou, em voz baixa —, aqui. — E o lobo ali estava, com olhos que eram como brasas.

— Jon, por favor. Não podes fazer isto.

Ele montou, com as rédeas na mão, e fez girar o cavalo para a noite. Samwell Tarly estava à porta do estábulo, com uma Lua cheia a espreitar-lhe sobre o ombro. Gerava uma sombra de gigante, imensa e negra.

— Sai-me da frente, Sam.

— Jon, *não podes* — disse Sam. — Não vou deixar que o faças.

— Eu preferia não te magoar — disse-lhe Jon. — Afasta-te, Sam, ou atropelo-te.

— Não o farás. Tens de me ouvir. Por favor...

Jon enterrou as esporas na carne do cavalo, e a égua saltou para a porta. Por um instante, Sam manteve-se imóvel, com o rosto tão redondo e pálido como a Lua que tinha atrás, a boca transformada num O de surpresa que se alargava. No último momento, quando já estavam quase sobre ele, saltou para o lado como Jon soubera que faria, tropeçou e caiu. A égua saltou sobre ele, penetrando na noite.

Jon subiu o capuz do seu pesado manto e deixou as rédeas soltas. Castelo Negro encontrava-se silencioso e imóvel quando cavalgou para o exterior, com Fantasma a correr a seu lado. Sabia que havia homens a observar na muralha atrás de si, mas os olhos deles estavam virados para norte, não para sul. Ninguém o veria partir, ninguém além de Sam Tarly, que lutava por se voltar a pôr de pé na poeira dos velhos estábulos. Esperava que Sam não se tivesse magoado ao cair daquela maneira. Era tão pesado e desajeitado que seria mesmo coisa de Sam se partisse um pulso ou torcesse o tornozelo ao sair do caminho.

— Eu preveni-o — disse Jon em voz alta. — De qualquer forma, isto não tinha nada a ver com ele. — Flectiu a mão queimada enquanto cavalgava, abrindo e fechando os dedos cheios de cicatrizes. Ainda lhe doíam, mas era bom não ter as ligaduras.

O luar prateava os montes enquanto ele seguia a fita retorcida da estrada

real. Precisava de se afastar o máximo possível da Muralha antes que se apercebessem de que desaparecera. De manhã, deixaria a estrada e avançaria a corta-mato por campos, florestas e ribeiros a fim de despistar os perseguidores, mas de momento a velocidade era mais importante do que a dissimulação. Afinal, não era como se eles não adivinhassem para onde se dirigia.

O Velho Urso estava habituado a levantar-se à primeira luz da aurora, portanto Jon tinha até essa hora para pôr tantas léguas quantas pudesse entre si e a Muralha... se Sam Tarly não o traísse. O gordo rapaz era obediente e fácil de assustar, mas amava Jon como a um irmão. Se fosse interrogado, não havia dúvida de que Sam lhes diria a verdade, mas Jon não o imaginava a desafiar os guardas à porta da Torre do Rei para acordar Mormont.

Quando Jon não aparecesse para ir buscar o pequeno-almoço do Velho Urso à cozinha, procurariam na sua cela e encontrariam Garralonga sobre a cama. Fora duro abandoná-la, mas Jon não estava suficientemente despido de honra para a levar consigo. Nem mesmo Jorah Mormont o fizera, quando fugira em desgraça. Sem dúvida que o Lorde Mormont encontraria alguém mais merecedor daquela lâmina. Jon sentia-se mal ao pensar no velho. Sabia que a sua deserção seria como sal na ferida, ainda em carne viva, da desgraça do filho. Parecia uma pobre maneira de lhe pagar pela confiança, mas nada havia a fazer. Fizesse o que fizesse, Jon sentia-se como se estivesse a trair alguém.

Nem mesmo agora sabia se estava a fazer a coisa honrosa. Os sulistas tinham a vida mais facilitada. Tinham os seus septões com quem falar, alguém para lhes desvendar a vontade dos deuses e os ajudar a distinguir o bem do mal. Mas os Stark adoravam os velhos deuses, os deuses sem nome, e se as árvores-coração ouviam, não falavam.

Quando as últimas luzes de Castelo Negro desapareceram atrás dele, Jon refeou a égua, pondo-a a passo. Tinha uma longa viagem à sua frente e só aquele cavalo para o transportar. Havia castros e aldeias de agricultores ao longo do caminho para sul, onde poderia ser capaz de trocar a égua por uma montada fresca quando precisasse de uma, mas não se estivesse ferida ou rebentada.

Iria precisar de encontrar novas roupas em breve; o mais provável era que tivesse de as roubar. Estava vestido de negro dos pés à cabeça; botas altas de montar em couro, bragas e túnica de ráfia, um justilho de couro sem mangas, e um pesado manto de lã. A espada e o punhal estavam embainhados em pele negra de toupeira, e o lorigão e coifa que tinha guardados no alforge eram de cota de malha negra. Qualquer uma daquelas peças significaria a sua morte se fosse apanhado. Um estranho vestido de negro era visto com uma suspeita fria

em todas as aldeias e castros a norte do Gargalo, e haveria em breve homens à sua procura. Assim que os corvos do Mestre Aemon levantassem voo, Jon sabia que não encontraria porto seguro. Nem mesmo em Winterfell. Bran poderia querer deixá-lo entrar, mas o Mestre Luwin tinha mais bom senso. Trancaria os portões e mandá-lo-ia embora, tal como devia fazer. Era melhor nem passar por lá.

Mas via claramente o castelo com o olho da mente, como se tivesse partido no dia anterior; as grandes muralhas de granito, o Grande Salão com os seus cheiros a fumo, a cões e a carne a assar, o aposento privado do pai, o quarto no torreão onde dormira. Parte de si nada mais desejava do que ouvir de novo a gargalhada de Bran, jantar uma das tartes de carne de vaca e bacon de Gage, ouvir a Velha Ama a contar as suas histórias sobre os filhos da floresta e Florian, o Tolo.

Mas não abandonara a Muralha para isso; partira porque era, no fim de contas, filho do seu pai, e irmão de Robb. O presente de uma espada, mesmo de uma espada tão boa como Garralonga, não fazia dele um Mormont. Tampouco era Aemon Targaryen. Três vezes o velho escolhera, e três vezes escolhera a honra, mas isso era ele. Mesmo agora, Jon não conseguia decidir se o Mestre ficara por ser fraco e cobarde, se por ser forte e leal. Mas compreendia o que o velho quisera dizer quando falara da dor da escolha; compreendia isso bem de mais.

Tyrian Lannister afirmara que a maior parte dos homens mais depressa negava uma verdade dura do que a encarava, mas Jon tinha-se farto de negações. Ele era quem era; Jon Snow, bastardo e perjuro, sem mãe, sem amigos e perdido. Durante o resto da sua vida — durasse ela o que durasse — estaria condenado a viver como um estranho, o homem silencioso nas sombras que não se atreve a pronunciar o seu verdadeiro nome. Aonde quer que fosse nos Sete Reinos, precisaria de viver uma mentira, para que todas as mãos não se levantassem contra ele. Mas não importava, desde que vivesse o tempo suficiente para ocupar o seu lugar ao lado do irmão e ajudar a vingar o pai.

Lembrava-se de Robb como o vira pela última vez, em pé, no pátio, com neve a derreter no seu cabelo ruivo. Jon teria de ir ter com ele em segredo, disfarçado. Tentava imaginar a expressão na cara de Robb quando se lhe revelasse. O irmão abanaria a cabeça e sorria, e diria... diria...

Não conseguia ver o sorriso. Por mais que tentasse, não conseguia vê-lo. Deu por si a pensar no desertor que o pai decapitara no dia em que encontraram os lobos gigantes.

— Tu disseste as palavras — dissera-lhe Lorde Eddard. — Tu fizeste um

juramento, perante os teus irmãos, perante os velhos deuses e os novos. — Desmond e o Gordo Tom tinham arrastado o homem até ao cepo. Os olhos de Bran estavam dilatados como pires, e Jon tivera de lhe lembrar que mantivesse o cavalo controlado. Lembrava-se da expressão no rosto do pai quando Theon Greyjoy lhe dera Gelo, dos salpicos de sangue na neve, do modo como Theon pontapeara a cabeça quando ela rolara até junto dos seus pés.

Perguntou a si próprio o que teria feito Lorde Eddard se o desertor fosse o seu irmão Benjen em vez daquele estranho esfarrapado. Teria sido diferente? Tinha de ser, com certeza, *com certeza...* e Robb dar-lhe-ia as boas-vindas, sem dúvida. *Tinha* de o fazer, caso contrário...

Não valia a pena pensar nisso. A dor latejou, bem no interior dos seus dedos, quando se agarrou com força às rédeas. Jon bateu com os calcanhares no cavalo e pôs-se a galope, correndo pela estrada real como que para fugir às suas dúvidas. Não tinha medo da morte, mas não queria morrer assim, amarrado e decapitado como um simples salteador. Se tinha de perecer, que fosse de espada na mão, lutando contra os assassinos do pai. Não era um verdadeiro Stark, nunca o fora... mas podia morrer como se fosse. Que dissessem que Eddard Stark fora pai de quatro filhos, não de três.

O Fantasma manteve o ritmo durante quase meia légua, com a língua vermelha a pender da boca. O homem e o cavalo baixaram as cabeças quando ele pediu mais velocidade à égua. O lobo abrandou, parou, observando, com os olhos a brilhar, vermelhos, ao luar. Desapareceu atrás dele, mas Jon sabia que o seguiria, ao seu próprio ritmo.

Luzes dispersas cintilaram através das árvores em frente, de ambos os lados da estrada: Vila Toupeira. Um cão ladrou quando Jon passou por ele, e ouviu o zurro rouco de uma mula vindo do estábulo, mas fora isso a vila estava silenciosa. Aqui e ali, a cintilação das lareiras brilhava em janelas cobertas, esgueirando-se por entre ripas de madeira, mas eram só uma mão-cheia.

Vila Toupeira era maior do que parecia, pois três quartos dela eram subterrâneos, estendendo-se em profundas caves quentes ligadas por um labirinto de túneis. Até o bordel ficava lá em baixo, sem nada à superfície além de uma cabana de madeira que não era maior do que uma latrina, com uma lanterna vermelha pendurada sobre a porta. Na Muralha, podia ouvir-se os homens a chamar às prostitutas “tesouros enterrados”. Jon perguntou a si próprio se algum dos seus irmãos de negro estaria lá em baixo naquela noite, a minar. Isso também era quebra de votos, mas ninguém parecia importar-se.

Só bem depois de passar pela vila é que Jon voltou a abrandar. Nessa altura já ele e a montada estavam húmidos de suor. Desmontou, a tremer, com

a mão queimada a doer. Encontrou um monte de neve que derretia sob as árvores, clara ao luar, pingando água que ia formar pequenos charcos pouco profundos. Jon acocorou-se e juntou as mãos em taça, aprisionando a água corrente entre os dedos. A neve derretida estava fria como gelo. Bebeu, espalhou alguma no rosto, até sentir um formigueiro nas bochechas. Os dedos latejavam mais do que em qualquer dos últimos dias, e também sentia a cabeça a palpitar. *Estou a fazer o que está certo*, disse a si próprio, *por isso, porque me sinto tão mal?*

O cavalo estava cheio de espuma, e Jon pegou nas rédeas e levou-o a pé durante algum tempo. A estrada quase não era suficientemente larga para que dois cavaleiros passassem lado a lado, com o piso entrecortado por pequenos ribeiros e cheio de pedras. Aquela corrida fora realmente estúpida, um convite para um pescoço partido. Jon perguntou a si próprio o que lhe teria dado. Estaria assim com tanta pressa de morrer?

No meio das árvores, o grito distante de um animal qualquer assustado fê-lo erguer os olhos. A égua relinchou nervosamente. Teria o lobo encontrado alguma presa? Envolveu a boca nas mãos.

— *Fantasma!* — gritou. — Fantasma, a mim. — A única resposta foi um rumor de asas atrás de si quando uma coruja levantou voo.

Franzindo o sobrolho, Jon prosseguiu caminho. Levou a égua durante meia hora, até que ela secou. Fantasma não apareceu. Jon queria montar e voltar a cavalgar, mas estava preocupado com o lobo desaparecido.

— *Fantasma* — voltou a chamar. — Onde estás? A mim! *Fantasma!* — Nada naquela floresta podia incomodar um lobo gigante, até um lobo gigante meio crescido, a menos que... não, o Fantasma era demasiado inteligente para atacar um urso, e se houvesse uma alcateia de lobos nas imediações, Jon tê-lo-ia certamente ouvido a uivar.

Devia comer, decidiu. Os alimentos acalmar-lhe-iam o estômago e dariam a Fantasma hipótese de o apanhar. Ainda não havia perigo; Castelo Negro ainda dormia. No alforge encontrou um biscoito, um bocado de queijo e uma pequena maçã castanha e murcha. Trouxera também carne de vaca salgada e uma fatia de bacon que surripiara das cozinhas, mas queria poupar a carne para o dia seguinte. Depois de ficar sem ela, teria de caçar, e isso abrandá-lo-ia.

Jon sentou-se sob as árvores e comeu o seu biscoito e queijo enquanto a égua pastava ao longo da Estrada do Rei. Deixou a maçã para o fim. Tinha-se tornado um pouco mole, mas a polpa ainda estava ácida e sumarenta. Já chegara ao carço quando ouviu os sons: cavalos, e vindos do norte. Rapidamente, Jon saltou e correu para a égua. Poderia fugir-lhes? Não, estavam perto de mais, ouvi-lo-iam de certeza, e se viessem de Castelo

Negro...

Levou a égua para longe da estrada, para trás de uma espessa mata de árvores-sentinela cinzentas esverdeadas.

— Agora silêncio — disse, numa voz abafada, agachando-se a fim de espreitar por entre os ramos. Se os deuses fossem bondosos, os cavaleiros passariam sem o detectar. O mais provável era que fossem apenas pessoas simples de Vila Toupeira, lavradores a caminho dos campos, se bem que o que estavam a fazer na estrada a meio da noite...

Ficou a ouvir o som dos cascos que aumentava a um ritmo constante, enquanto os cavalos se aproximavam a trote rápido pela Estrada do Rei. Ajuizando pelo ruído, eram pelo menos cinco ou seis cavaleiros. As vozes esgueiraram-se por entre as árvores.

— ...certeza de que ele veio por aqui?

— Não *podemos* ter a certeza.

— Tanto quanto sabes, pode bem ter-se dirigido para leste. Ou abandonado a estrada para cortar através da floresta. Era o que eu faria.

— Na escuridão? Estúpido. Se não caíesses do cavalo e partisses o pescoço, perder-te-ias e acabarias de volta à Muralha quando o Sol nascesse.

— Não acabava nada. — Grenn soava irritado. — Cavalgava para sul. Pode-se ver pelas estrelas.

— E se o céu estivesse nublado? — perguntou Pyp.

— Então não ia.

Outra voz interrompeu.

— Sabem onde eu estaria, se fosse comigo? Em Vila Toupeira, a escavar tesouros enterrados. — O riso estridente do Sapo trovejou através das árvores. A égua de Jon resfolegou.

— Calem-se todos — disse Halder. — Parece-me que ouvi qualquer coisa.

— Onde? Não ouvi nada. — Os cavalos pararam.

— *Tu* não conseguias ouvir-te a peidar.

— Conseguia, pois — insistiu Grenn.

— *Calem-se!*

Caíram todos no silêncio, à escuta. Jon deu por si a prender a respiração. *Sam*, pensou. Não fora ter com o Velho Urso, mas também não fora para a cama, acordara os outros rapazes. Malditos fossem todos. Chegada a alvorada, se não estivessem nas camas, seriam também chamados desertores. Que pensavam eles que estavam a fazer?

O silêncio abafado pareceu esticar-se e voltar a esticar-se. De onde Jon espreitava, conseguia ver as pernas dos cavalos deles através dos ramos. Por fim, Pyp falou.

— Que foi que ouviste?

— Não sei — admitiu Halder. — Um som, pensei que pudesse ser um cavalo, mas...

— Ali não há nada.

Pelo canto do olho, Jon vislumbrou uma forma branca que se deslocava por entre as árvores. Ouviu-se o restolhar de folhas, e o Fantasma saiu das sombras aos saltos, tão subitamente que a égua de Jon se assustou e soltou um relincho.

— *Ali!* — gritou Halder.

— Também ouvi!

— Traidor — disse Jon ao lobo gigante enquanto saltava para a sela. Virou a cabeça da égua para se escapulir por entre as árvores, mas eles estavam em cima de si antes de avançar três metros.

— *Jon!* — gritou Pyp nas suas costas.

— Pára — disse Grenn. — Não nos podes escapar a todos.

Jon fez rodopiar a montada para os enfrentar, puxando da espada.

— Voltai para trás. Não vos quero magoar, mas fá-lo-ei se tiver de ser.

— Um contra sete? — Halder fez um sinal. Os rapazes espalharam-se, rodeando-o.

— Que quereis de mim? — quis saber Jon.

— Queremos levar-te de volta para o teu lugar — disse Pyp.

— O meu lugar é com o meu irmão.

— Os teus irmãos agora somos *nós* — disse Grenn.

— Eles cortam-te a cabeça se te apanharem, sabes? — O Sapo soltou uma gargalhada nervosa. — Isto é tão estúpido, é como alguma coisa que o Auroque poderia fazer.

— Não é nada — disse Grenn. — Não sou perjuro nenhum. Disse as palavras e foi a sério.

— Eu também — disse-lhes Jon. — Não compreendem? Eles assassinaram o meu *pai*. É a guerra, o meu irmão Robb está a lutar nas terras do rio...

— Nós sabemos — disse Pyp solenemente. — Sam contou-nos tudo.

— Temos pena pelo teu pai — disse Grenn — mas não importa. Depois de dizeres as palavras, não podes partir, aconteça o que acontecer.

— *Tenho* de partir — disse Jon fervorosamente.

— Disseste as palavras — recordou-lhe Pyp. — *Agora começa a minha vigia*, foi isto que disseste. *Não terminará até à minha morte*.

— *Viverei e morrerei no meu posto* — acrescentou Grenn, concordando com a cabeça.

— Não tendes de me dizer as palavras, conheço-as tão bem como vós. — Agora estava zangado. Porque não podiam deixá-lo ir em paz? Só tornavam as coisas mais difíceis.

— *Sou a espada na escuridão* — entoou Halder.

— *O vigilante nas muralhas*. — pipilou o Sapo.

Jon insultou-os a todos. Eles não lhe prestaram atenção. Pyp fez avançar o cavalo, recitando:

— *Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens*.

— Não te aproximes — preveniu-o Jon, brandindo a espada. — Falo a sério, Pyp. — Eles nem sequer traziam armaduras, podia cortá-los aos bocadinhos se tivesse de ser.

Matthar rodeara-o por trás. Juntou-se ao coro.

— *Dou a minha vida e a minha honra à Patrulha da Noite*.

Jon bateu com os calcanhares na égua, fazendo-a descrever um círculo. Os rapazes estavam agora a toda a sua volta, aproximando-se por todos os lados.

— *Por esta noite...* — Halder aproximou-se a trote, vindo da esquerda.

— *...e por todas as noites que estão para vir* — terminou Pyp. Estendeu a mão para as rédeas de Jon. — Portanto, a tua escolha é esta. Ou me matas, ou regressas comigo.

Jon ergueu a espada... e baixou-a, impotente.

— Maldito sejas — disse. — Malditos sejam todos.

— Temos de te atar as mãos, ou dás-nos a tua palavra de que regressarás pacificamente? — perguntou Halder.

— Não fugirei, se é isso que estás a perguntar. — Fantasma saiu de debaixo das árvores e Jon enviou-lhe um olhar zangado. — Pouca ajuda me deste — disse. Os profundos olhos vermelhos olharam-no com inteligência.

— É melhor que nos apressemos — disse Pyp. — Se não estivermos de volta antes da primeira luz da aurora, o Velho Urso terá *todas* as nossas cabeças.

Da viagem de regresso, Jon Snow pouco recordaria. Pareceu mais curta do que a viagem para sul, talvez por ter a cabeça noutro sítio. Pyp marcou o ritmo, galopando, passando a passo, trotando e depois rebentando de novo a galope. Vila Toupeira chegou e partiu, já com a lanterna por cima do bordel há muito extinta. Fizeram um bom tempo. A alvorada ainda estava a uma hora de distância quando Jon vislumbrou as torres de Castelo Negro à frente do grupo, escuras contra a pálida imensidão da Muralha. Daquela vez não as sentia como uma casa.

Podiam levá-lo de volta, disse Jon a si próprio, mas não o podiam obrigar a ficar. A guerra não terminaria de manhã, nem no dia seguinte, e os amigos não o podiam vigiar dia e noite. Esperaria a sua hora, fá-los-ia pensar que se sentia satisfeito por permanecer ali... e então, quando relaxassem, partiria de novo. Da próxima vez, evitaria a Estrada do Rei. Seguiria a Muralha para leste, talvez até mesmo ao mar, uma trajetória mais longa mas mais segura. Ou até talvez para oeste, para as montanhas, e depois para sul pelos passos de altitude. Era esse o caminho dos selvagens, duro e perigoso, mas pelo menos ninguém o seguiria. Não se aproximaria cem léguas de Winterfell ou da Estrada do Rei.

Samwell Tarly esperava-os nos estábulos velhos, abandonado no chão e de encontro a um fardo de feno, ansioso de mais para dormir. Ergueu-se e sacudiu-se.

— Eu... estou feliz por te terem encontrado, Jon.

— Mas eu não — disse Jon, desmontando.

Pyp saltou do cavalo, e olhou para o céu que clareava, descontente.

— Dá-nos uma ajuda a tratar dos cavalos, Sam — disse o pequeno rapaz.
— Temos um longo dia à nossa frente, e nenhum sono para o enfrentar, graças ao Lorde Snow.

Quando o dia rompeu, Jon dirigiu-se às cozinhas como fazia todas as madrugadas. Hobb Três-Dedos não lhe disse nada quando lhe deu o pequeno-almoço do Velho Urso. Naquele dia eram três ovos castanhos bem fervidos, com pão frito e uma fatia de presunto e uma tigela de ameixas engelhadas. Jon levou a comida para a Torre do Rei. Foi encontrar Mormont no banco de janela, a escrever. O corvo caminhava dum lado para o outro por cima dos seus ombros, resmungando “*Grão, grão, grão*”. A ave soltou um guincho quando Jon entrou.

— Põe a comida na mesa — disse o Velho Urso, deitando-lhe um relance. — Quero um pouco de cerveja.

Jon abriu uma janela que tinha os taipais corridos, tirou o jarro de cerveja da plataforma exterior e encheu um corno. Hobb dera-lhe um limão, ainda frio da Muralha. Jon esmagou-o no punho. O sumo escorreu-lhe por entre os dedos. Mormont bebia limão na cerveja todos os dias, e dizia que era por isso que ainda tinha os dentes.

— Sem dúvida que amavas o teu pai — disse Mormont quando Jon lhe trouxe o corno. — As coisas que amamos destroem-nos sempre, rapaz. Lembras-te de quando te disse isto?

— Lembro — disse Jon em tom carrancudo. Não queria falar da morte do pai, nem mesmo com Mormont.

— Vê se nunca o esqueces. As verdades duras são aquelas que se devem

segurar bem. Vai-me buscar o prato. É outra vez presunto? Que seja. Tens um ar cansado. O teu passeio ao luar foi assim tão cansativo?

Jon sentiu a garganta seca.

— Sabeis?

“*Saber*”, disse o corvo dos ombros de Mormont. “*Saber*”.

O Velho Urso resfolegou.

— Julgas que me escolheram para Senhor Comandante da Patrulha da Noite por ser estúpido que nem um cepo, Snow? Aemon disse-me que partirias. Eu disse-lhe que regressarias. Conheço os meus homens... e também os meus *rapazes*. A honra levou-te à Estrada do Rei... e a honra trouxe-te de volta.

— Foram os meus amigos que me trouxeram de volta — disse Jon.

— Acaso disse que tinha sido a tua honra? — Mormont inspeccionou o prato.

— Mataram o meu pai. Esperáveis que eu não fizesse nada?

— Em boa verdade, esperávamos que fizesses precisamente o que fizeste — Mormont experimentou uma ameixa, e cuspiu o caroço. — Ordenei que fosses vigiado. Foste visto a sair. Se os teus irmãos não te tivessem ido buscar, terias sido apanhado no caminho, e não por amigos. A menos que tenhas um cavalo com asas como um corvo. Tens?

— Não — Jon sentia-se um idiota.

— É pena, um cavalo assim ser-nos-ia útil.

Jon empertigou-se. Disse a si próprio que morreria bem, isso, pelo menos, podia fazer.

— Conheço a pena por deserção, senhor. Não tenho medo de morrer.

“*Morre!*”, gritou o corvo.

— Nem de viver, espero eu — disse Mormont, cortando o presunto com o punhal e dando um bocado à ave. — Não desertaste... ainda. Estás aqui. Se decapitássemos todos os rapazes que vão a Vila Toupeira durante a noite, só fantasmas patrulhariam a Muralha. Mas talvez pretendas fugir de novo amanhã, ou daqui a uma quinzena. É isso? É essa a tua esperança, rapaz?

Jon manteve-se em silêncio.

— Era o que eu pensava. — Mormont tirou a casca a um ovo cozido. — O teu pai está morto, rapaz. Julgas que o podes trazer de volta?

— Não — respondeu, carrancudo.

— Ótimo — disse Mormont. — Vimos os mortos regressar, tu e eu, e não é algo que eu queira ver de novo. — Comeu o ovo em duas dentadas, e arrancou um bocado de casca de entre os dentes. — O teu irmão está no terreno com todo o poder do Norte com ele. Qualquer um dos senhores seus vassallos comanda mais espadas do que poderás encontrar em toda a Patrulha

da Noite. Porque imaginarás tu que precisam da *tua* ajuda? És um guerreiro assim tão poderoso, ou tens um gramequim no bolso para te dar magia à espada?

Jon não tinha resposta para lhe dar. O corvo debicava um ovo, quebrando a casca. Enfiando o bico através do buraco, puxou bocados de clara e de gema.

O Velho Urso suspirou.

— Não és o único tocado por esta guerra. Quer eu goste quer não, a minha irmã marcha na hoste do teu irmão, ela e aquelas suas filhas, vestidas com cotas de malha de homem. Maege é uma velha *snark* grisalha, teimosa, com mau génio e voluntariosa. A bem da verdade, quase não consigo estar perto da maldita mulher, mas isso não quer dizer que o meu amor por ela é menor que o amor que sentes pelas tuas meias-irmãs. — Franzindo o sobrolho, Mormont pegou no último ovo e esmagou-o no punho até que a casca estalou. — Ou talvez queira. Mas seja como for, desgostar-me-ia na mesma se ela fosse morta, e não me vês a fugir. Eu disse as palavras, tal como tu. O meu lugar é aqui... onde é o teu, rapaz?

Não tenho lugar nenhum, quis Jon dizer. *Sou um bastardo, não tenho direitos, nem nome, nem mãe, e agora nem sequer um pai*. Mas as palavras não vinham.

— Não sei.

— Eu sei — disse o Senhor Comandante Mormont. — Os ventos frios levantam-se, Snow. Para lá da Muralha, as sombras alongam-se. Cotter Pyke escreve sobre vastas manadas de alces, a correr para sul e para leste na direcção do mar, e também de mamutes. Diz que um dos seus homens descobriu enormes pegadas deformadas a menos de três léguas de Atalaialeste. Patrulheiros da Torre Sombria encontraram aldeias inteiras abandonadas, e de noite Sor Denys diz que vêem fogueiras nas montanhas, enormes clarões que ardem do pôr-do-sol até à alvorada. Quorin Halfhand trouxe um cativo das profundezas da Garganta, e o homem jura que Mance Rayder está a reunir toda a sua gente num novo forte secreto que terá encontrado, para que fim, só os deuses sabem. Julgas que o teu tio Benjen foi o único patrulheiro que perdemos neste último ano?

“*Ben Jen*”, crocitou o corvo, inclinando a cabeça, com bocadinhos de ovo a cair do seu bico. “*Ben Jen. Ben Jen.*”

— Não — disse Jon. Tinham havido outros. Demasiados.

— Julgas que a guerra do teu irmão é mais importante do que a nossa? — ladrou o velho.

Jon mordeu o lábio. O corvo bateu as asas na sua direcção. “*Guerra, guerra, guerra, guerra*”, cantou.

— Não é — disse-lhe Mormont. — Os deuses nos salvem, rapaz, não és cego e não és estúpido. Quando os mortos andam à caça na noite, julgas que importa quem se senta no Trono de Ferro?

— Não — Jon não pensara no assunto daquela maneira.

— O senhor teu pai enviou-te até nós, Jon. Porquê, quem poderá dizê-lo?

“*Porquê? Porquê? Porquê?*”, gritou o corvo.

— Tudo o que sei é que o sangue dos Primeiros Homens corre nas veias dos Stark. Os Primeiros Homens construíram a Muralha, e diz-se que se lembram de coisas que os outros esqueceram. E aquele teu animal... foi ele que nos levou às criaturas, que te preveniu do morto nas escadas. Sor Jaremy chamaria sem dúvida a isso um acaso, mas Sor Jaremy está morto e eu não estou. — O Lorde Mormont espetou a ponta do punhal num bocado de presunto. — Acho que era o teu destino estar aqui, e quero-te a ti e ao teu lobo connosco quando avançarmos para lá da Muralha.

As palavras fizeram com que as costas de Jon se arrepiassem de excitação.

— Para lá da Muralha?

— Tu ouviste o que eu disse. Tenciono encontrar Ben Stark, vivo ou morto. — Mastigou e engoliu. — Não vou ficar aqui docilmente sentado à espera das neves e dos ventos gelados. Temos de saber o que está a acontecer. Desta vez, a Patrulha da Noite avançará em força, contra o Rei-para-lá-da-Muralha, os Outros ou seja o que for que se encontre por lá. Tenciono ser eu próprio a comandá-los. — Apontou o punhal ao peito de Jon. — Segundo o costume, o intendente do Senhor Comandante é também o seu escudeiro... mas não pretendo acordar todas as manhãs perguntando a mim próprio se terás fugido de novo. Por isso quero uma resposta de ti, Lorde Snow, e quero-a já. És um irmão da Patrulha da Noite... ou só um rapazinho bastardo que quer brincar às guerras?

Jon Snow endireitou-se e inspirou profunda e longamente. *Perdoai-me, pai. Robb, Arya, Bran... perdoai-me, não vos posso ajudar. Ele tem razão. É este o meu lugar.*

— Eu sou... vosso, senhor. O vosso homem. Juro. Não voltarei a fugir. O Velho Urso resfolegou.

— Ótimo. Agora vai buscar a tua espada.

Parecia terem passado mil anos desde que Catelyn Stark levara o filho bebê de Correrrio, atravessando o Pedregoso num pequeno barco para dar início à viagem para norte até Winterfell. E era pelo Pedregoso que regressavam agora a casa, embora o rapaz vestisse armadura e cota de malha em vez de cueiros.

Robb estava sentado à proa com Vento Cinzento, descansando a mão na cabeça do lobo gigante enquanto os remadores puxavam pelos remos. Theon Greyjoy encontrava-se com ele. O tio Brynden viria depois no segundo barco, com o Grande-Jon e Lorde Karstark.

Catelyn ocupou um lugar perto da popa. Correram pelo Pedregoso, deixando a forte corrente empurrá-los para lá da Torre da Roda. O trovejar da grande roda de água que havia lá dentro era um som de infância que trouxe um sorriso triste ao rosto de Catelyn. Das muralhas de arenito do castelo, soldados e criados gritavam o nome dela, e o de Robb, e “Winterfell!”. Em todos os baluartes esvoaçava o estandarte da Casa Tully: uma truta saltante, de prata, em fundo ondulado de azul e vermelho. Era uma visão estimulante, mas no entanto não lhe alegrava o coração. Gostaria de saber se o coração voltaria a alegrar-se algum dia. *Oh, Ned...*

Abaixo da Torre da Roda, descreveram uma curva larga e cortaram as águas agitadas. Os homens puseram as espáduas no esforço. O arco largo do Portão da Água surgiu à vista, e Catelyn ouviu o tinir de pesadas correntes quando a grande porta levadiça de ferro foi içada. Ergueu-se lentamente enquanto se aproximavam, e Catelyn viu que a parte de baixo estava vermelha de ferrugem. Os trinta centímetros inferiores pingaram lama castanha sobre eles quando passaram por baixo, com os espigões farpados a meros centímetros das suas cabeças. Catelyn ergueu o olhar para as barras e perguntou a si própria até que profundidade iria a ferrugem, como aguentaria a porta levadiça um aríete e se devia ser substituída. Nos dias que corriam, era raro que pensamentos como aquele andassem por longe da sua mente.

Passaram sob o arco e as muralhas, saindo do sol para a sombra e de novo para o sol. Havia barcos, grandes e pequenos, amarrados a toda a volta, presos a anéis de ferro incrustados na pedra. Os guardas do pai esperavam com o irmão na escada da água. Sor Edmure Tully era um jovem entroncado com uma cabeça cheia de cabelo ruivo desgrenhado e uma barba cor de fogo. A sua placa de peito tinha arranhões e amolgadelas de batalha, e o seu manto azul e vermelho estava manchado de sangue e de fumo. Tinha ao lado Lorde Tytos Blackwood, um homem duro e espigado com suças cinzentas cortadas

rente e um nariz adunco. A sua armadura de um amarelo vivo possuía embutidos de azeviche em elaborados padrões que lembravam trepadeiras e folhas, e um manto tecido de penas de corvo envolvia os seus ombros magros. Fora Lorde Tytos quem liderara a surtida que arrancara o irmão de Catelyn do acampamento Lannister.

— Trazei-os — ordenou Sor Edmure. Três homens precipitaram-se pelas escadas, entraram na água até aos joelhos e puxaram o barco para perto com longos ganchos. Quando Vento Cinzento saltou para terra, um deles deixou cair o cabo e cambaleou para trás, tropeçando e sentando-se abruptamente no rio. Os outros riram-se, e o homem pôs uma expressão envergonhada. Theon Greyjoy saltou por cima da borda do barco e ergueu Catelyn pela cintura, pousando-a num degrau seco acima dele enquanto a água lhe batia nas botas.

Edmure desceu os degraus para abraçá-la.

— Querida irmã — murmurou com voz rouca. Possuía profundos olhos azuis e uma boca feita para sorrisos, mas agora não sorria. Parecia desgastado e cansado, consumido pela batalha e macilento de tensão. Tinha uma ligadura no pescoço, no local onde fora ferido. Catelyn abraçou-o com toda a força.

— A tua dor é minha, Cat — disse quando se apartaram. — Quando soubermos o que aconteceu a Lorde Eddard... os Lannister pagarão, juro, terás a tua vingança.

— Trar-me-á isso Ned de volta? — disse ela em tom cortante. A ferida ainda era demasiado recente para palavras mais suaves. Agora não conseguia pensar em Ned. Não queria. Não seria bom. Tinha de ser forte. — Tudo isso pode esperar. Tenho de ver o pai.

— Ele espera-te no seu aposento privado — disse Edmure.

— Lorde Hoster está acamado, senhora — explicou o intendente do pai. Quando ficara aquele bom homem tão grisalho? — Deu-me instruções para vos levar até ele imediatamente.

— Eu levo-a. — Edmure acompanhou-a pela escada da água e pela muralha inferior, onde Petyr Baelish e Brandon Stark tinham em tempos cruzado espadas pelos seus favores. As maciças muralhas de arenito da fortaleza erguiam-se em redor. Ao atravessarem uma porta, entre dois guardas com elmos encimados por peixes, ela perguntou:

— Como está ele? — já temendo a resposta enquanto pronunciava as palavras.

O olhar de Edmure era melancólico.

— Os mestres dizem que não ficará connosco muito tempo. A dor é... constante, e atroz.

Uma raiva cega avassalou-a, uma raiva contra o mundo inteiro, contra o irmão Edmure e a irmã Lysa, contra os Lannister, contra os mestres, contra

Ned e contra o pai e contra os deuses monstruosos que queriam roubar-lhe os dois.

— Devias ter-me dito — disse. — Devias ter enviado uma mensagem assim que soubeste.

— Ele proibiu-o. Não queria que os inimigos soubessem que estava a morrer. Com o reino tão perturbado, temeu que se os Lannister soubessem como estava frágil...

— ... pudessem atacar? — terminou Catelyn, dura. *Foi obra tua, tua*, sussurrou uma voz dentro dela. *Se não tivesses decidido capturar o anão...*

Subiram em silêncio a escada em espiral.

A fortaleza tinha três lados, como a própria Correrrio, e o aposento privado de Lorde Hoster era também triangular, com uma varanda de pedra que se projectava do leste como se fosse a proa de um grande navio de arenito. Daí, o senhor do castelo podia olhar de cima para as suas muralhas e ameias, e para lá delas, para onde as águas se encontravam. Tinham posto a cama do pai na varanda.

— Ele gosta de ficar ao sol a observar os rios — explicou Edmure. — Pai, olhai quem eu trouxe. A Cat veio ver-vos...

Hoster Tully sempre fora um homem grande, alto e largo na juventude, corpulento quando envelheceu. Agora parecia encolhido, com o músculo e a carne arrancados dos seus ossos. Até a cara descaíra. Da última vez que Catelyn o vira, o cabelo e a barba eram castanhos, profusamente salpicados de cinzento. Agora tinham-se tornado brancos como a neve.

Os olhos dele abriram-se ao som da voz de Edmure.

— Gatinha — murmurou numa voz fraca e fina e arruinada pela dor. — Minha gatinha. — Um sorriso trémulo tocou-lhe o rosto enquanto a mão procurava a dela às apalpadelas. — Fiquei à tua espera...

— Vou deixar-vos a conversar — disse o irmão, beijando suavemente o senhor seu pai na testa antes de se retirar.

Catelyn ajoelhou e tomou a mão do pai nas suas. Era uma mão grande, mas estava agora sem carne, com os ossos a mover-se soltos sob a pele, desaparecida toda a sua força.

— Devíeis ter-me dito — disse ela. — Um mensageiro, um corvo...

— Os mensageiros são capturados e interrogados — respondeu ele. — Os corvos são abatidos... — Foi tomado por um espasmo de dor, e os dedos apertaram os dela com força. — Tenho caranguejos na barriga... a morder, sempre a morder. De dia e de noite. Têm garras duras, os caranguejos. O Mestre Vyman faz-me vinho de sonhos, leite da papoila... durmo muito... Mas quis estar acordado para te ver, quando chegasses. Tive medo... quando os Lannister capturaram o teu irmão, com os acampamentos a toda a volta...

tive medo de partir antes de poder voltar a ver-te... tive medo...

— Estou aqui, pai — disse ela. — Com Robb, o meu filho. Ele também querará ver-vos.

— O teu rapaz — sussurrou ele. — Se bem me lembro, ele tinha os meus olhos...

— Tinha e ainda tem. E trouxe-vos Jaime Lannister, a ferros. Correrrio está de novo livre, pai.

Lorde Holster sorriu.

— Eu vi. Ontem à noite, quando começou, eu disse-lhes... tinha de ver. Levaram-me para a casa do portão... observei das ameias. Ah, foi uma beleza... os archotes chegaram numa onda, conseguia ouvir os gritos que pairavam sobre o rio... doces gritos... quando aquela torre de cerco pegou fogo, deuses... teria morrido então, e contente, se pudesse ter-vos visto primeiro, crianças. Foi o teu rapaz que o fez? Foi o teu Robb?

— Sim — disse Catelyn, imensamente orgulhosa. — Foi Robb... e Brynden. O vosso irmão também aqui está, senhor.

— Ele. — A voz do pai era um ténue sussurro. — O Peixe Negro... regressou? Do Vale?

— Sim.

— E Lysa? — Um vento frio moveu-se através do seu fino cabelo branco. — Que os deuses sejam bondosos, a tua irmã... ela também veio?

A voz dele estava tão cheia de esperança e desejo que foi duro dizer-lhe a verdade.

— Não. Lamento...

— Oh. — O rosto descaiu-lhe, e alguma luz desapareceu-lhe dos olhos. — Tive esperança... teria gostado de a ver, antes de...

— Ela está com o filho, no Ninho de Águia.

Lorde Hoster fez um aceno cansado.

— Agora Lorde Robert, com o pobre Arryn falecido... eu lembro-me... porque é que ela não veio contigo?

— Está assustada, senhor. No Ninho de Águia sente-se segura. — Beijou a testa enrugada do pai. — Robb deve estar à espera. Quereis vê-lo? E a Brynden?

— O teu filho — segredou ele. — Sim. O filho de Cat. Lembro-me que ele tinha os meus olhos. Quando nasceu. Trá-lo... sim.

— E o vosso irmão?

O pai olhou de relance para os rios.

— Peixe Negro — disse. — Já se casou? Tomou alguma... rapariga como esposa?

Até no leito de morte, pensou Catelyn com tristeza.

— Ele não se casou. Sabeis disso, pai. Nem casará nunca.

— Eu disse-lhe... *ordenei-lhe*. Casa! Era o seu senhor. Ele sabe. Era meu direito de lhe arranjar um partido. Um bom partido. Uma Redwyne. Casa antiga. Uma doce rapariga, bonita... sardas... Bethany, sim. Pobre criança. Ainda espera. Sim. Ainda...

— Bethany Redwyne casou há anos com Lorde Rowan — lembrou-lhe Catelyn. — Tem três filhos dele.

— Mesmo assim — resmungou Lorde Hoster. — Mesmo assim. Cuspiu na rapariga. Nos Redwyne. Cuspiu em *mim*. O seu senhor, seu irmão... esse Peixe Negro. Tinha outras ofertas. A filha de Lorde Bracken. Walder Frey... qualquer uma de três, disse ele... Casou? Com alguém? Alguém?

— Ninguém — disse Catelyn — Mas percorreu muitas léguas para vos vir ver, abrindo caminho a lutar até Correrio. Eu não estaria aqui agora se Sor Brynden não nos tivesse ajudado.

— Ele sempre foi um guerreiro — sussurrou o pai. — Isso podia fazer. Cavaleiro do Portão, pois. — Reclinou-se e fechou os olhos, supremamente fatigado. — Manda-o cá. Mais tarde. Agora quero dormir. Demasiado doente para discutir. Manda-o cá acima mais tarde, ao Peixe Negro...

Catelyn deu-lhe um beijo suave, alisou-lhe o cabelo, e deixou-o ali à sombra da sua fortaleza, com os seus rios a correr em baixo. Adormecera antes ainda de ela sair do aposento privado.

Quando regressou à muralha inferior, Sor Brynden Tully encontrava-se na escada da água com as botas molhadas, a conversar com o capitão dos guardas de Correrio. Veio imediatamente ter com ela.

— Ele está...?

— A morrer — disse ela. — Como temíamos.

O rosto escarpado do tio mostrou claramente a dor que sentia. Fez correr os dedos pelo espesso cabelo cinzento.

— Vai receber-me?

Ela confirmou com a cabeça.

— Diz que está demasiado doente para discutir.

Brynden Peixe Negro soltou um risinho.

— Sou um soldado demasiado velho para acreditar nisso. O Hoster há-de ralhar-me a propósito da rapariga Redwyne até quando acendermos a sua pira funerária, malditos sejam os seus ossos.

Catelyn sorriu, sabendo que aquilo era verdade.

— Não vejo Robb.

— Acho que foi com Greyjoy até ao salão.

Theon Greyjoy estava sentado num banco no Salão Grande de Correrio,

saboreando um corno de cerveja e oferecendo à guarnição do pai de Catelyn um relato do massacre no Bosque dos Murmúrios.

— Alguns tentaram fugir, mas nós tínhamos fechado o vale pelos dois lados, e saltámos da escuridão com espadas e lanças. Os Lannister deviam ter pensado que eram os próprios Outros quem os atacava quando aquele lobo de Robb surgiu entre eles. Vi-o a arrancar o braço de um homem e os cavalos deles enlouqueceram com o seu cheiro. Não sei dizer quantos homens foram atirados...

— Theon — interrompeu Catelyn —, onde poderei encontrar o meu filho?

— Lorde Robb foi visitar o bosque sagrado, senhora.

Era o que Ned teria feito. *Tenho de me lembrar que ele é tanto filho do seu pai como meu. Oh, deuses, Ned...*

Encontrou Robb sob a verde abóbada de folhas, rodeado de altas árvores de pau-brasil e grandes e velhos ulmeiros, ajoelhado perante a árvore-coração, um esguio represeiro com uma cara que era mais triste que feroz. Tinha a espada à sua frente, com a ponta espetada na terra e as suas mãos enluvadas agarravam-na pelo punho. Em seu redor, outros ajoelhavam também: Grande-Jon Umber, Rickard Karstark, Maegh Mormont, Galbart Glover e outros. Até Tytos Blackwood se encontrava entre eles, com o grande manto de corvo aberto atrás de si. Estes são os que fazem culto aos velhos deuses, apercebeu-se Catelyn. Perguntou a si própria que deuses cultivava ela nos dias que corriam, e não encontrou resposta.

Não podia perturbá-los nas suas preces. Os deuses têm de receber o que lhes é devido... mesmo deuses cruéis que lhe quisessem roubar Ned e também o senhor seu pai. Por isso, Catelyn esperou. O vento do rio soprava através dos ramos mais altos, e olhou para a Torre da Roda, à sua direita, com hera a trepar pela parede. Enquanto esperava, foi inundada por todas as memórias. O pai ensinara-lhe a montar entre aquelas árvores, e aquele era o ulmeiro de onde Edmure caíra quando partira o braço, e acolá, sob aquele caramanchel, ela e Lysa tinham brincado aos beijos com Petyr.

Havia anos que não pensava naquilo. Como eram todos novos então... ela não seria mais velha que Sansa, Lysa mais nova que Arya, e Petyr ainda mais novo, mas ardente. As raparigas tinham-no trocado entre elas, por vezes sérias, por vezes aos risinhos. A recordação era tão viva que quase conseguia sentir os dedos suados dele nos seus ombros e saborear a menta do seu hálito. Havia sempre menta a crescer no bosque sagrado, e Petyr gostava de a mascar. Fora um rapazinho tão ousado, sempre metido em sarilhos. “Ele tentou enfiar-me a língua na boca”, confessara Catelyn à irmã mais tarde, quando ficaram sós. “Fez o mesmo comigo”, segredara Lysa, tímida e sem

fôlego. “Eu gostei”.

Robb pôs-se lentamente em pé e embainhou a espada, e Lysa deu por si a interrogar-se se o filho tinha alguma vez beijado uma rapariga no bosque sagrado. Certamente que sim. Vira Jeyne Poole a deitar-lhe olhares húmidos, e algumas das criadas, mesmo as que já tinham feito dezoito anos... ele participara de batalhas e matara homens com uma espada, com certeza já fora beijado. Havia lágrimas nos olhos dela. Limpou-as, zangada.

— Mãe — chamou Robb quando a viu ali em pé. — Temos de convocar um conselho. Há coisas a decidir.

— O teu avô gostaria de te ver — disse ela. — Robb, ele está muito doente.

— Sor Edmure disse-me. Lamento, mãe... por Lorde Hoster e por vós. Mas primeiro temos de nos reunir. Recebemos notícias do sul. Renly Baratheon reivindicou o trono do irmão.

— Renly? — disse ela, chocada. — Pensei que seria certamente o Lorde Stannis...

— Todos nós pensávamos o mesmo, senhora — disse Galbart Glover.

O conselho de guerra reuniu-se no Grande Salão, em quatro longas mesas de montar dispostas num quadrado quebrado. Lorde Hoster estava demasiado fraco para participar e dormia na sua varanda, sonhando com o sol nos rios da sua juventude. Edmure ocupava o cadeirão dos Tully, com Brynden Peixe Negro a seu lado e os vassalos do pai dispostos à esquerda e à direita e ao longo das mesas laterais. A notícia da vitória em Correrrio chegara aos senhores fugitivos do Tridente, atraindo-os de volta. Karyl Vance entrou, agora um senhor, com o pai morto sob o Dente Dourado. Sor Marq Piper estava com ele, e trouxeram um Darry, filho de Sor Raymun, um rapaz que não era mais velho do que Bran. Lorde Jonos Bracken chegou das ruínas da Barreira de Pedra, carrancudo e fanfarrão, e ocupou um lugar tão afastado de Tytos Blackwood como as mesas permitiam.

Os senhores do Norte sentaram-se do lado oposto, com Catelyn e Robb em frente ao irmão dela. Eram menos. O Grande-Jon sentou-se à esquerda de Robb, e Theon Greyjoy à esquerda daquele; Galbart Glover e a Senhora Mormont estavam à direita de Catelyn. Lorde Rickard Karstark, desolado e de olhos vazios na sua dor, ocupou o seu lugar como um homem perdido num pesadelo, com a longa barba por lavar e por pentear. Deixara dois filhos mortos no Bosque dos Murmúrios, e não havia notícias do terceiro, o mais velho, que liderara os lanceiros Karstark contra Tywin Lannister no Ramo Verde.

A discussão prolongou-se até noite dentro. Cada senhor tinha direito a

falar e foi o que fizeram... e também gritaram, e praguejaram, e argumentaram, e lisonjearam, e brincaram, e regatearam, e bateram na mesa com canecas de cerveja, e ameaçaram, e saíram, e regressaram, mal-humorados ou a sorrir. Catelyn permaneceu sentada a ouvir tudo.

Roose Bolton tinha reunido os restos da sua maltratada hoste no início do talude. Sor Helman Tallhart e Walder Frey ainda mantinham as Gêmeas, o exército de Lorde Tywin atravessara o Tridente e dirigia-se para Harrenhal. E havia dois reis no reino. Dois reis e nenhum acordo.

Muitos dos senhores vassalos queriam marchar sobre Harrenhal de imediato, a fim de defrontar Lorde Tywin e terminar com o poderio dos Lannister duma vez por todas. O jovem e temperamental Marq Piper reclamava em vez disso um ataque para oeste contra Rochedo Casterly. Outros ainda aconselhavam paciência. Correrio estava atravessado nas linhas de abastecimento dos Lannister, fez notar Jason Mallister; que aguardassem o tempo certo, negando a Lorde Tywin provisões e soldados frescos enquanto iam fortalecendo as defesas e descansando as tropas fatigadas. Lorde Blackwood não queria ouvir falar daquilo. Deviam terminar o trabalho que tinham começado no Bosque dos Murmúrios. Marchar contra Harrenhal e trazer também para baixo o exército de Roose Bolton. Àquilo que Blackwood sugeria, Bracken opunha-se, como sempre; Lorde Jonos Bracken pôs-se em pé a fim de insistir que deviam declarar lealdade ao Rei Renly e ir para sul juntar as suas forças às dele.

— Renly não é o rei — disse Robb. Era a primeira vez que o filho de Catelyn falava. Tal como o pai, sabia ouvir.

— Não podeis pretender aderir a Joffrey, senhor — disse Galbart Glover. — Ele ordenou a morte do vosso pai.

— Isso faz dele um mal — respondeu Robb. — Não sei se faz de Renly rei. Joffrey ainda é o mais velho filho legítimo de Robert, por isso o trono é dele segundo todas as leis do reino. Se ele morresse, e tenciono fazer com que morra, tem um irmão mais novo. Tommen segue-se na linha de sucessão a Joffrey.

— Tommen não é menos Lannister que o irmão — exclamou Sor Marq Piper.

— É como dizeis — disse Robb, perturbado. — Mas mesmo assim, se nenhum deles for rei, como pode Lorde Renly sê-lo? Ele é o irmão *mais novo* de Robert. Bran não pode ser Senhor de Winterfell antes de mim, e Renly não pode ser rei antes de Lorde Stannis.

A Senhora Mormont concordou.

— Lorde Stannis tem a melhor pretensão.

— Renly foi *coroad* — disse Marq Piper. — Jardim de Cima e Ponta

Tempestade apoiam a sua pretensão, e os de Dorne não ficarão para trás. Se Winterfell e Correrrio acrescentarem as suas forças às dele, teremos cinco das sete grandes casas atrás dele. *Seis*, se os Arryn se moverem! Seis contra o Rochedo! Senhores, dentro de um ano teremos todas as suas cabeças em espigões, a rainha e o rei rapaz, Lorde Tywin, o Duende, o Regicida, Sor Kevan, *todos*! Será isto que ganharemos se nos juntarmos ao Rei Renly. Que tem o Lorde Stannis contra isso para que ponhamos tudo de lado?

— O direito — disse teimosamente Robb. Catelyn pensou que o filho soara estranhamente como o pai ao dizê-lo.

— Fazeis então tenções de nos declarar por Stannis? — perguntou Edmure.

— Não sei — disse Robb. — Rezei para saber o que fazer, mas os deuses não responderam. Os Lannister mataram o meu pai por traição, e sabemos que isso foi uma mentira, mas se Joffrey for o rei de direito e lutarmos contra ele, nós *seremos* traidores.

— O senhor meu pai aconselharia cautela — disse o idoso Sor Stevron, com o sorriso de doninha de um Frey. — Esperai, deixai que esses dois reis joguem o seu jogo de tronos. Quando terminarem de lutar, podemos dobrar os joelhos ao vencedor, ou podemos opor-nos a ele, conforme seja a nossa escolha. Com Renly a armar-se, é provável que Lorde Tywin acolha bem uma trégua... e a devolução em bom estado do seu filho. Nobres senhores, permiti que vá conferenciar com ele em Harrenhal e nos arranje bons termos e resgates...

Um rugido de afronta afogou a sua voz.

— *Cobarde!* — trovejou o Grande-Jon.

— Suplicar por uma trégua só fará com que pareçamos fracos — declarou a Senhora Mormont.

— Que se danem os resgates, *não devemos* abdicar do Regicida — gritou Rickard Karstark.

— Porque não fazer a paz? — perguntou Catelyn.

Os senhores olharam-na, mas foi os olhos de Robb que sentiu, os dele e apenas os dele.

— Senhora, eles assassinaram o senhor meu pai, vosso esposo — disse ele em tom sombrio. Desembainhou a espada e pousou-a na mesa à sua frente, fazendo cintilar o aço brilhante contra a madeira grosseira. — Esta é a única paz que eu tenho a dar aos Lannister.

O Grande-Jon berrou a sua concordância, e outros homens acrescentaram as suas vozes, gritando, desembainhando espadas e batendo na mesa com os punhos. Catelyn esperou até que se calassem.

— Senhores — disse ela então —, Lorde Eddard era o vosso suserano,

mas eu partilhei a sua cama e dei à luz os seus filhos. Julgais que o amo menos que vós? — A sua voz quase se quebrou, mas Catelyn inspirou longamente e sossegou. — Robb, se essa espada pudesse trazê-lo de volta, eu nunca deixaria que a embainhasses até que Ned estivesse de novo a meu lado... mas ele partiu, e uma centena de Bosques dos Murmúrios não mudarão isso. Ned partiu, tal como Daryn Hornwood, tal como os valentes filhos de Lorde Karstark, tal como muitos outros bons homens, e nenhum deles regressará para nós. Precisaremos ainda de mais mortes?

— Sois uma mulher, senhora — estrondeou o Grande-Jon com a sua voz grave. — As mulheres não compreendem estas coisas.

— Sois o sexo gentil — disse o Lorde Karstark, com rugas de dor frescas no rosto. — Um homem tem necessidade de vingança.

— Dai-me Cersei Lannister, Lorde Karstark, e vereis quão *gentil* uma mulher pode ser — respondeu Catelyn. — Eu talvez não compreenda as tácticas e a estratégia... mas compreendo a futilidade. Partimos para a guerra quando os exércitos Lannister assolavam as terras do rio, e Ned era um prisioneiro, falsamente acusado de traição. Lutámos para nos defender e para conquistar a liberdade do meu senhor.

“Pois bem, uma parte está feita, e a outra para sempre além do nosso alcance. Farei luto por Ned até ao fim dos meus dias, mas tenho de pensar nos vivos. Quero as minhas filhas de volta, e a rainha ainda as tem. Se tiver de trocar os nossos quatro Lannister pelos dois Stark deles, chamarei a isso uma pechincha e darei graças aos deuses. Quero-te a salvo, Robb, a governar em Winterfell do cadeirão do teu pai. Quero que vivas a tua vida, que beijes uma rapariga, te cases com uma mulher e que geres um filho. Quero pôr fim a isto. Quero ir para casa, senhores, e chorar pelo meu esposo.

O salão ficou muito silencioso quando Catelyn parou de falar.

— Paz — disse o tio Brynden. — A paz é doce, minha senhora... mas em que termos? De nada serve forjar uma charrua a partir de uma espada se for necessário forjar de novo a espada no dia seguinte.

— Para que morreram Torrhen e o meu Eddard, se tiver de regressar a Karhold sem nada a não ser os seus ossos? — perguntou Rickard Karstark.

— Sim — disse Lorde Bracken. — Gregor Clegane arrasou os meus campos, massacrou o meu povo e transformou Barreira de Pedra numa ruína fumegante. Deverei agora dobrar o joelho àqueles que lhe deram as ordens? Para que lutámos, se pusermos tudo como era antes?

Lorde Blackwood concordou, para surpresa e desânimo de Catelyn.

— E se fizéssemos a paz com o Rei Joffrey, não seríamos então traidores

para o Rei Renly? E se o veado vencer o leão, em que situação ficaremos?

— Seja o que for que decidirdes, nunca chamarei rei a um Lannister — declarou Marq Piper.

— Nem eu! — gritou o pequeno Derry. — Nunca o farei!

De novo começaram os gritos. Catelyn sentou-se, desesperada. Estivera tão perto, pensou. Tinham quase escutado, quase... mas o momento passara. Não haveria paz, não haveria possibilidade de sarar, não haveria segurança. Olhou para o filho, observou-o enquanto escutava o debate dos senhores, de sobrolho franzido, perturbado, mas casado com a sua guerra. Tinha prometido desposar uma filha de Walder Frey, mas agora Catelyn via claramente a sua esposa: a espada que pousara na mesa.

Catelyn estava a pensar nas filhas, perguntando a si própria se alguma vez as voltaria a ver, quando o Grande-Jon se pôs em pé de um salto.

— *SENHORES!* — gritou, fazendo a voz reverberar nas traves. — Eis o que eu digo a esses dois reis! — Cuspiu. — Renly Baratheon não é nada para mim, e Stannis também não. Porque haveriam de governar-me e aos meus de uma cadeira florida qualquer em Jardim de Cima ou Dorne? Que sabem eles da Muralha ou da Mata de Lobos, ou das sepulturas dos Primeiros Homens? Até os seus *deuses* estão errados. Que os Outros levem também os Lannister, já tive deles mais do que a minha conta. — Esticou a mão atrás do ombro e puxou da sua imensa espada longa de duas mãos. — Porque não havemos de nos governar de novo a nós próprios? Foi com os dragões que casámos, e os dragões estão todos mortos! — Apontou com a lâmina para Robb. — Está *ali* o único rei perante o qual pretendo vergar o *meu* joelho, s'nhores — trovejou. — O Rei no Norte!

E ajoelhou, e depositou a espada aos pés do filho de Catelyn.

— Aceitarei a paz nesses termos — disse Lorde Karstark. — Podem ficar com o seu castelo vermelho e com a sua cadeira de ferro também. — Tirou a espada da bainha. — O Rei no Norte! — disse, ajoelhando ao lado do Grande-Jon.

Maege Mormont pôs-se em pé.

— O Rei do Inverno! — declarou, e pousou a sua maça de espigões ao lado das espadas. E os senhores do rio também se estavam a erguer, Blackwood, Bracken e Mallister, casas que nunca tinham sido governadas a partir de Winterfell, mas Catelyn viu-os a erguer-se e a puxar das lâminas, vergando os joelhos e gritando as velhas palavras que não eram ouvidas no reino havia mais de trezentos anos, desde que Aegon, o Dragão, chegara para fazer dos Sete Reinos um só... mas agora eram ouvidas de novo, ressoando no madeirame do salão de seu pai:

— O Rei no Norte!

— O Rei no Norte!

— *O REINO NORTE!*

A terra era vermelha, morta e ressequida, e era difícil encontrar boa madeira. Os forrageadores regressaram com algodoeiros nodosos, arbustos roxos, feixes de erva castanha. Abateram as duas árvores menos retorcidas, desbastaram-lhes os ramos, arrancaram-lhes a casca e dividiram-nas, dispondo os toros em quadrado. Encheram o centro com palha, arbustos, aparas de casca de árvore e fardos de erva seca. Rakharo escolheu um garanhão da pequena manada que lhes restava; não era tão nobre como o vermelho de Khal Drogo, mas poucos cavalos o eram. No centro do quadrado, Aggo deu-lhe a comer uma maçã mirrada e abateu-o num instante com um golpe de machado dado entre os olhos.

Atada de pés e mãos, Mirri Maz Duur observava da poeira com inquietação nos seus olhos negros.

— Não basta matar um cavalo — disse a Dany. — Em si mesmo, o sangue não é nada. Não sabes as palavras para fazer um feitiço, nem tens a sabedoria para as encontrar. Julgas que a magia de sangue é um jogo de crianças? Chamam-me *maegi* como se fosse uma praga, mas tudo o que isso significa é *sábio*. És uma criança, com a ignorância de uma criança. Seja o que for que pretendas fazer, não resultará. Solta-me destes nós, e eu ajudo-te.

— Estou farta dos zurros da *maegi* — disse Dany a Jhogo. Ele brindou-a com o chicote, e depois daquilo a esposa de deus manteve-se em silêncio.

Por cima da carcaça do cavalo, construíram uma plataforma de toros decepados; troncos de árvores menores e pernadas das maiores, e os mais grossos e direitos ramos que conseguiram encontrar. Dispuseram a madeira de leste para oeste, do nascente ao poente. Sobre a plataforma, empilharam os tesouros de Khal Drogo: a sua grande tenda, os seus coletes pintados, as suas selas e arneses, o chicote que o pai lhe dera quando se fizera um homem, o *arakh* que usara para matar Khal Ogo e o filho, um grande arco de osso de dragão. Aggo queria juntar também as armas que os companheiros de sangue de Drogo tinham dado a Dany como presentes de noivado, mas ela proibiu-o.

— Essas são minhas — disse-lhe ela — e quero ficar com elas. — Outra camada de arbustos foi depositada em volta dos tesouros do *khal*, e feixes de erva seca foram espalhados sobre eles.

Sor Jorah Mormont puxou-a de lado quando o Sol se aproximava do zénite.

— Princesa... — começou.

— Porque me chamais isso? — desafiou-o Dany. — O meu irmão Viserys era vosso rei, não é verdade?

— Era, senhora.

— Viserys está morto. Eu sou sua herdeira, o último sangue da Casa Targaryen. O que quer que fosse dele é agora meu.

— Minha... rainha — disse Sor Jorah, caindo sobre um joelho. — A minha espada, que era dele, é vossa, Daenerys. E o meu coração também, que nunca pertenceu ao vosso irmão. Sou apenas um cavaleiro, e nada tenho a oferecer-vos excepto o exílio, mas escutai-me, suplico-vos. Deixai partir Khal Drogo. Não estareis só. Prometo-vos que nenhum homem vos levará para Vaes Dothrak a menos que desejeis ir. Não tendes de vos juntar às *dosh khaleen*. Vinde para leste comigo. Yi Ti, Qarth, o Mar de Jade, Asshai da Sombra. Veremos todas as maravilhas que ainda há para ver, e beberemos os vinhos que os deuses achem por bem oferecer-nos. Por favor, *khaleesi*. Sei o que tencionais fazer. Não o façais. *Não o façais*.

— Tenho de o fazer — disse-lhe Dany. Tocou-lhe o rosto, com carinho, com tristeza. — Vós não compreendeis.

— Compreendo que o amáveis — disse Sor Jorah com uma voz carregada de desespero. — Em tempos amei a senhora minha esposa, mas não morri com ela. Sois a minha rainha, a minha espada é vossa, mas não me peçais para me afastar enquanto subis para a pira de Drogo. Não vos verei arder.

— É isso o que temeis? — Dany deu-lhe um leve beijo na testa larga. — Não sou assim tão infantil, querido sor.

— Não tencionais morrer com ele? Jurais, minha rainha?

— Juro — disse ela no Idioma Comum dos Sete Reinos que por direito eram seus.

O terceiro nível da plataforma foi tecido com ramos que não eram mais grossos que um dedo, e coberto com folhas e raminhos secos. Dispuseram-nos de norte para sul, do gelo para o fogo, e em cima dispuseram uma grande pilha de suaves almofadas e sedas de dormir. O Sol começava a baixar em direcção a oeste quando terminaram. Dany chamou os dothraki. Restavam menos duma centena. Com quantos começara Aegon?, perguntou ela a si própria. Não importava.

— Vós sereis o meu *khalasar* — disse-lhes. — Vejo os rostos de escravos. Liberto-vos. Tirai as coleiras. Parti se quiserdes, ninguém vos fará mal. Se ficardes, sereis como irmãos e irmãs, maridos e esposas. — Os olhos negros observavam, cautelosos, sem expressão. — Vejo crianças, mulheres, os rostos enrugados dos idosos. Ontem era uma criança. Hoje sou uma mulher. Amanhã serei velha. A cada um de vós digo: dai-me as vossas mãos e

os vossos corações, e haverá sempre lugar para vós. — Virou-se para os três jovens guerreiros do seu *khas*. — Jhogo, a ti ofereço o chicote de cabo de prata que foi meu presente de noivado, nomeio-te *ko*, e peço que jures que viverás e morrerás como sangue do meu sangue, cavalgando a meu lado para me manter a salvo do mal.

Jhogo aceitou o chicote das suas mãos, mas o seu rosto mostrava confusão.

— *Khaleesi* — disse hesitantemente —, isto não se faz. Envergonhar-meia ser companheiro de sangue de uma mulher.

— Aggo — chamou Dany, sem prestar atenção às palavras de Jhogo. *Se olhar para trás, estou perdida*. — A ti ofereço o arco de osso de dragão que foi meu presente de noivado. — Tinha dupla curvatura, era de um negro brilhante e requintado, mais alto do que ela. — Nomeio-te *ko*, e peço que jures que viverás e morrerás como sangue do meu sangue, cavalgando a meu lado para me manter a salvo do mal.

Aggo aceitou o arco com os olhos baixos.

— Não posso dizer essas palavras. Só um homem pode liderar um *khalasar* ou nomear um *ko*.

— Rakharo — disse Dany, virando as costas à recusa —, tu ficarás com o grande *arakh* que foi meu presente de noivado, com embutidos de ouro no cabo e na lâmina. E também a ti nomeio *ko*, e peço que jures que viverás e morrerás como sangue do meu sangue, cavalgando a meu lado para me manter a salvo do mal.

— Sois *khaleesi* — disse Rakharo, recebendo o *arakh*. — Cavalgarei a vosso lado até Vaes Dothrak sob a Mãe das Montanhas, e manter-vos-ei a salvo do mal até ocupardes o vosso lugar com as feiticeiras do *dosh khaleen*. Não posso prometer mais.

Ela acenou, tão calmamente como se não tivesse ouvido a sua resposta, e virou-se para o último dos seus campeões.

— Sor Jorah Mormont — disse —, primeiro e maior dos meus cavaleiros, não tenho presente de noivado para vos oferecer, mas juro-vos que um dia recebereis das minhas mãos uma espada longa como o mundo nunca viu outra igual, forjada por um dragão e feita de aço valiriano. E quero pedir também o vosso juramento.

— É vosso, minha rainha — disse Sor Jorah, ajoelhando para depositar a espada aos pés dela. — Juro servir-vos, obedecer-vos, morrer por vós se for necessário.

— Aconteça o que acontecer?

— Aconteça o que acontecer.

— Lembrar-vos-ei desse juramento. Rezo para que nunca vos arrependais

de o ter feito. — Dany pô-lo em pé. Pondo-se em bicos de pés para lhe chegar aos lábios, deu um leve beijo ao cavaleiro e disse: — Sois o primeiro da minha Guarda Real.

Conseguia sentir os olhos do *khalasar* postos nela ao entrar na tenda. Os dothraki resmungavam e lançavam-lhe estranhos olhares de soslaio pelos cantos dos seus olhos escuros e amendoados. Dany compreendeu que a julgavam louca. Talvez o estivesse. Saberia em breve. *Se olhar para trás, estou perdida.*

O banho estava a esquentar quando Irri a ajudou a entrar na banheira, mas Dany não vacilou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Jhiqui aromatizara a água com os óleos que Dany encontrara no mercado em Vaes Dothrak; o vapor subia húmido e odorífero. Doreah lavou-lhe o cabelo e escovou-o, soltando os nós e enredos. Irri escovou-lhe as costas. Dany fechou os olhos e deixou que o cheiro e a tepidez a envolvessem. Sentia o calor a ensopar a zona magoada entre as suas coxas. Estremeceu quando a penetrou, e a sua dor e rigidez pareceu dissolver-se. Flutuou.

Quando ficou limpa, as aias ajudaram-na a sair da água. Irri e Jhiqui secaram-na, enquanto Doreah lhe escovava o cabelo até deixá-lo como um rio de prata líquida que lhe descia pelas costas. Perfumaram-na com florespeciaria e canela; uma gota em cada pulso, atrás das orelhas, nas pontas dos seios pesados de leite. O último salpico destinava-se ao sexo. O dedo de Irri foi tão ligeiro e fresco como o beijo de um amante ao deslizar suavemente entre os seus lábios.

Depois, Dany mandou todos embora para que pudesse preparar Khal Drogo para a sua última cavalgada para as terras da noite. Lavou-lhe o corpo e escovou e oleou o seu cabelo, fazendo correr os dedos por ele uma última vez, sentindo-lhe o peso, recordando a primeira vez que o tocara, na noite da cavalgada de casamento. O cabelo dele nunca fora cortado. Quantos homens podiam morrer com o cabelo por cortar? Submergiu o rosto nele e inalou a escura fragrância dos óleos. Cheirava a erva e a terra quente, a fumo, a sêmen e a cavalos. Cheirava a Drogo. *Perdoa-me, sol da minha vida*, pensou. *Perdoa-me por tudo o que fiz e por tudo o que tenho de fazer. Paguei o preço, minha estrela, mas foi alto de mais, alto de mais ...*

Dany entrançou-lhe o cabelo, prendeu-lhe os anéis de prata no bigode, e pendurou as campainhas, uma a uma. Tantas campainhas, de ouro, prata e bronze. Campainhas para que os inimigos o ouvissem chegar e ficassem fracos com medo. Vestiu-o com calções de pêlo de cavalo e botas altas, afivelando à cintura um pesado cinto de medalhões de ouro e prata. Sobre o seu peito marcado por cicatrizes, enfiou um colete pintado, velho e desbotado, aquele de que Drogo mais gostara. Para si escolheu calças largas de sedareia,

sandálias atadas a meio da perna e um colete como o de Drogo.

O Sol estava a descer quando os voltou a chamar para levarem o corpo dele para a pira. Os dothraki observaram em silêncio quando Jhogo e Aggo o trouxeram da tenda. Dany seguia-os. Depositaram-no nas almofadas e sedas, com a cabeça voltada para a Mãe das Montanhas, lá longe para nordeste.

— Óleo — ordenou ela, e trouxeram os jarros e despejaram-nos sobre a pira, empapando as sedas, os arbustos e os feixes de erva seca, até que o óleo pingou sob os toros e o ar ficou rico de fragrâncias. — Tragam-me os meus ovos — ordenou Dany às aias. Algo na voz dela fê-las correr.

Sor Jorah pegou-lhe no braço.

— Minha rainha, Drogo não terá nenhuma utilidade para ovos de dragão nas terras da noite. É melhor vendê-los em Asshai. Vendei um, e podereis comprar um navio que nos leve de volta para as Cidades Livres. Vendei os três, e sereis uma mulher abastada até ao fim dos vossos dias.

— Não me foram dados para vender — disse-lhe Dany.

Trepou ela mesma para a pira para colocar os ovos em volta do seu sol-e-estrelas. O negro junto ao coração, debaixo do braço. O verde ao lado da cabeça, com a trança enrolada nele. O creme e dourado entre as pernas. Quando o beijou pela última vez, Dany sentiu a doçura do óleo nos seus lábios.

Ao descer da pira, reparou que Mirri Maz Duur a observava.

— És louca — disse roucamente a esposa de deus.

— Há assim tão grande distância entre a loucura e a sabedoria? — perguntou Dany. — Sor Jorah, atai esta *maegi* à pira.

— À pir... minha rainha, não, escutai-me...

— Fazei o que eu digo. — Mesmo assim, ele hesitou até que a ira dela flamejou. — Jurastes obedecer-me, acontecesse o que acontecesse. Rakharo, ajuda-o.

A esposa de deus não gritou quando a arrastaram para a pira de Khal Drogo e a prenderam entre os seus tesouros. Foi a própria Dany a despejar o óleo na cabeça da mulher.

— Agradeço-te, Mirri Maz Duur — disse — pelas lições que me ensinaste.

— Não me ouvirás gritar — respondeu Mirri enquanto o óleo lhe pingava da cabeça e ensopava as suas roupas.

— Ouvirei — disse Dany — mas o que quero não são os teus gritos, só a tua vida. Lembro-me do que me disseste. Só a morte pode pagar pela vida. — Mirri Maz Duur abriu a boca, mas não respondeu. Ao afastar-se, Dany viu que o desprezo tinha desaparecido dos olhos negros e achatados da *maegi*; no seu lugar havia algo que poderia ser medo. Depois, nada ficou por fazer, a não ser

observar o Sol e procurar a primeira estrela.

Quando um senhor dos cavalos morre, o seu cavalo é morto com ele, para que possa montar orgulhoso nas terras da noite. Os corpos são queimados a céu aberto, e o *khal* ergue-se na sua montada de chamas para ocupar o seu lugar entre as estrelas. Quanto mais ferozmente o homem tiver queimado em vida, mais brilhante a sua estrela brilhará na escuridão.

Jhogo viu-a primeiro.

— *Ali* — disse ele numa voz abafada. Dany olhou e viu-a, baixa no leste. A primeira estrela era um cometa que ardia, vermelho. Vermelho de sangue; vermelho de fogo; a cauda do dragão. Não poderia ter pedido um sinal mais forte.

Dany tirou o archote da mão de Aggo e enfiou-o entre os toros. O óleo pegou fogo de imediato, os arbustos e a erva seca um instante depois. Minúsculas chamas correram pela madeira como velozes ratos vermelhos, patinando sobre o óleo e saltando de casca em ramo, de ramo em folha. Um calor que aumentava soprou-lhe no rosto, suave e súbito como o hálito de um amante, mas em segundos tornara-se quente de mais para o suportar. Dany deu um passo atrás. A madeira estalou, cada vez mais alto. Mirri Maz Duur começou a cantar numa voz estridente e ululante. As chamas rodopiaram e contorceram-se, fazendo corridas umas com as outras pela plataforma acima. O ocaso ondulou quando o próprio ar pareceu liquefazer-se com o calor. Dany ouviu toros que se fendiam e estalavam. O fogo envolveu Mirri Maz Duur. A canção dela tornou-se mais sonora, mais estridente... e então arquejou, uma vez e outra, e a canção transformou-se num lamento trémulo, agudo, sonoro e cheio de agonia.

E agora as chamas chegavam ao seu Drogo, e agora rodeavam-no por completo. As suas roupas pegaram fogo, e por um instante o *khal* ficou vestido com farrapos de flutuante seda cor-de-laranja e gavinhas de fumo rodopiante, cinzento e oleoso. Os lábios de Dany abriram-se, e ela deu por si a prender a respiração. Parte de si queria ir ter com ele como Sor Jorah temera, correr para as chamas para lhe pedir perdão e o introduzir no seu corpo uma última vez, deixando o fogo derreter a carne até se tornarem um só, para sempre.

Conseguia sentir o cheiro a carne queimada, em nada diferente da carne de cavalo a assar numa fogueira. A pira rugia no crepúsculo que se aprofundava como um grande animal, afogando o som mais fraco dos gritos de Mirri Maz Duur e projectando longas línguas de fogo para lambe a barriga da noite. Quando o fumo se tornou mais espesso, os dothraki afastaram-se, tossindo. Grandes gotas de fogo cor-de-laranja desenrolaram os seus estandartes naquele vento infernal, com os toros a silvar e a estalar, e faúlhas

brilhantes a erguer-se no fumo e a afastar-se flutuando como outros tantos pirilâmpos recém-nascidos. O calor batia o ar com grandes asas vermelhas, afastando os dothraki, afastando até Mormont, mas Dany ficou no seu lugar. Era do sangue do dragão, e tinha o fogo em si.

Sentira a verdade há muito, pensou Dany quando deu um passo para mais perto do incêndio, mas o braseiro não estivera suficientemente quente. As chamas contorciam-se à sua frente como as mulheres que dançaram no seu casamento, rodopiando, cantando e fazendo girar os seus véus amarelos, laranja e carmim, terríveis de admirar, mas ao mesmo tempo adoráveis, tão adoráveis, vivas de calor. Dany abriu-lhes os braços, com a pele corada e a brilhar. *Isto também é um casamento*, pensou. Mirri Maz Duur caíra no silêncio. A esposa de deus julgara-a uma criança, mas as crianças crescem, e as crianças aprendem.

Outro passo, e Dany sentiu o calor da areia nas solas dos pés, apesar das sandálias. Suor escorreu-lhe pelas coxas, por entre os seios e em regatos pelas bochechas, onde em tempos tinham corrido lágrimas. Sor Jorah gritava atrás dela, mas ele já não importava, só o fogo importava. As chamas eram tão belas, as coisas mais lindas que alguma vez vira, cada uma delas uma feiticeira vestida de amarelo, laranja e escarlate, fazendo rodopiar longos mantos fumarentos. Viu leões de fogo carmesim e grandes serpentes amarelas e unicórnios feitos de chamas azuis-claras; viu peixes e raposas e monstros, lobos e aves brilhantes e árvores floridas, cada uma mais bela que a anterior. Viu um cavalo, um grande garanhão cinzento retratado a fumo, com uma auréola de chama azul no lugar da crina. *Sim, meu amor, meu sol-e-estrelas, sim, monta agora, cavalga agora.*

O seu colete começara a pegar fogo, e Dany tirou-o e deixou-o cair ao chão. O couro pintado rebentou em súbitas chamas quando deu um pequeno salto para mais perto do fogo, com os seios nus perante as chamas, ribeiros de leite a jorrar dos mamilos vermelhos e inchados. Agora, pensou, agora, e por um instante vislumbrou Khal Drogo à sua frente, montado no seu garanhão de fumo, com um látego de fogo na mão. Ele sorriu, e o chicote serpenteou para a pira, silvando.

Ouviu um *crac*, o som de pedra que se quebrava. A plataforma de árvores, arbustos e erva começou a deslocar-se e a colapsar sobre si própria. Bocados de madeira a arder deslizaram até junto dela, e Dany foi salpicada por cinzas e faúlhas. E algo mais caiu, ressaltando e rolando, parando a seus pés; um bocado de rocha curva, de cor clara e com veios de ouro, quebrada e fumegante. O rugido enchia o mundo mas, de um modo ténue, Dany ouviu através da catarata de fogo gritos de mulheres e choros de crianças, maravilhadas.

Só a morte pode pagar pela vida.

E então ouviu-se um segundo *crac*, tão sonoro e cortante como um trovão, e o fumo agitou-se e rodopiou em torno dela e a pira agitou-se, com os toros a explodir quando o fogo atingiu os seus corações secretos. Ouviu os gritos de cavalos assustados, e as vozes dos dothraki em gritos de medo e terror, e Sor Jorah chamando pelo seu nome e praguejando. *Não, quis gritar-lhe, não, meu bom cavaleiro, não temais por mim. O fogo é meu. Sou Daenerys, nascida na Tempestade, filha de dragões, noiva de dragões, mãe de dragões, não vedes? Não VEDES?* Com um vômito de chamas e fumo que subiu aos nove metros de altura, a pira ruiu e caiu à sua volta. Sem medo, Dany deu um passo para a tempestade de fogo, chamando pelos seus filhos.

O terceiro *crac* foi tão sonoro e cortante como o mundo a rasgar-se.

Quando o fogo enfim morreu e o chão ficou suficientemente frio para poder ser atravessado, Sor Jorah Mormont encontrou-a entre as cinzas, rodeada por toros enegrecidos, bocados de brasas incandescentes e os ossos queimados de homem, mulher e garanhão. Estava nua, coberta de fuligem, com as roupas transformadas em cinza, o belo cabelo esturricado e desaparecido... mas incólume.

O dragão creme e dourado chupava-lhe o seio esquerdo, o verde e cor de bronze o direito. Os braços dela embalavam-nos bem perto. O animal negro e escarlate envolvia-lhe os ombros, com o longo pescoço sinuoso enrolado sob o seu queixo. Quando viu Jorah, ergueu a cabeça e olhou-o com olhos vermelhos como brasas.

Sem palavras, o cavaleiro caiu de joelhos. Os homens do seu *khas* vieram atrás dele. Jhogo foi o primeiro a depositar o *arakh* a seus pés.

— Sangue do meu sangue — murmurou, enterrando a cara na terra fumegante.

— Sangue do meu sangue — ouviu Aggo a repetir num eco.

— Sangue do meu sangue — gritou Rakharo.

E depois dele vieram as aias, e depois os outros, todos os dothraki, homens, mulheres e crianças, e Dany não teve mais que olhar para os seus olhos para saber que eram agora seus, hoje, amanhã e para sempre, seus como nunca tinham sido de Drogo.

Quando Daenerys Targaryen se pôs em pé, o seu dragão negro silvou, com fumo claro a sair-lhe da boca e narinas. Os outros dois afastaram-se dos seios e somaram a sua voz ao chamamento, com asas translúcidas a abrir-se e a agitar o ar, e pela primeira vez em centenas de anos, a noite ganhou vida com a música dos dragões.

APÊNDICE

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO



A mais nova das Grandes Casas, surgida durante as Guerras da Conquista. Havia rumores de que o seu fundador, Orys Baratheon, era irmão bastardo de Aegon, o Dragão. Orys subiu na hierarquia até se tornar num dos mais ferozes comandantes de Aegon. Quando derrotou e matou Argilac, o Arrogante, o último Rei da Tempestade, Aegon recompensou-o com o castelo, as terras e a filha de Argilac. Orys tomou a rapariga como noiva, e adoptou o estandarte, títulos e lema da sua linhagem. O selo dos Baratheon é um veado coroado, negro, em campo verde.

O seu lema é *Nossa é a Fúria*.

REI ROBERT BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome,

— a sua esposa, RAINHA CERSEI, da Casa Lannister,

— os seus filhos:

— PRÍNCIPE JOFFREY, herdeiro do Trono de Ferro, doze anos,

— PRINCESA MYRCELLA, uma menina de oito anos,

— PRÍNCIPE TOMMEN, um rapaz de sete anos,

— os seus irmãos:

— STANNIS BARATHEON, Senhor de Pedra do Dragão,

— a sua esposa, SENHORA SELYSE, da Casa Florent,

— a sua filha, SHIREEN, uma menina de nove anos,

— RENLY BARATHEON, senhor de Ponta Tempestade,

— o seu pequeno conselho:

— GRANDE MEISTRE PYCELLE,

— LORDE PETYR Baelish, chamado MINDINHO, mestre da

moeda,

— LORDE STANNIS BARATHEON, mestre dos navios,

— LORDE RENLY BARATHEON, mestre das leis,

— SOR BARRISTAN SELMY, Senhor Comandante da Guarda Real,

— VARYS, um eunuco, chamado Aranha, mestre dos segredos,

— a sua corte e vassalos:

— SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,
— SANDOR CLEGANE, chamado Cão de Caça, Escudo Juramentado
do Príncipe Joffrey,
— JANOS SLYNT, um plebeu, comandante da Patrulha da Cidade de
Porto Real,
— JALABHAR XHO, um príncipe exilado das Ilhas do Verão,
— RAPAZ LUA, um bobo,
— LANCEL e TYREK LANNISTER, escudeiros do rei, primos da
rainha,
— SOR ARON SANTAGAR, mestre-de-armas,
— SOR BARRISTAN SELMY, Senhor Comandante,

— SOR JAIME LANNISTER, chamado Regicida,
— SOR BOROS BLOUNT,
— SOR MERYN TRANT,
— SOR ARYS OAKHEART,
— SOR PRESTON GREENFIELD,
— SOR MANDON MOORE,

As principais Casas vassalas de Ponta Tempestade são: Selmy, Wylde, Trant, Penrose, Errol, Estermont, Tarth, Swann, Dondarrion e Caron.

As principais Casas vassalas de Pedra do Dragão são: Celtigar, Velryon, Seaworth, Bar Emmon e Sunglass.



A ascendência dos Stark remonta a Brandon, o Construtor, e aos antigos Reis do Inverno. Governaram Winterfell como Reis do Norte durante milhares de anos, até que Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou, escolheu jurar fidelidade a Aegon, o Dragão, em vez de lhe dar batalha. As suas armas são um lobo gigante cinzento em campo branco de gelo.

O lema dos Stark é *O Inverno Está a Chegar*.

EDDARD STARK, Senhor de Winterfell, Protector do Norte,

— a sua esposa, SENHORA CATELYN, da Casa Tully,

— os seus filhos:

— ROBB, herdeiro de Winterfell, de catorze anos de idade,

— SANSА, a filha mais velha, onze anos,

— ARYA, a filha mais nova, menina de nove anos,

— BRANDON, chamado Bran, sete anos,

— RICKON, um rapazinho de três anos,

— o seu filho bastardo, JON SNOW, um rapaz de catorze anos,

— o seu protegido, THEON GREYJOY, herdeiro das Ilhas de Ferro,

— os seus irmãos:

— (BRANDON), o irmão mais velho, assassinado por ordem de Aerys

II Targaryen,

— (LYANNA), a irmã mais nova, morta nas Montanhas de Dorne,

— BENJEN, o irmão mais novo, um homem da Patrulha da Noite,

— o pessoal da sua casa:

— MEISTRE LUWIN, conselheiro, curandeiro e tutor,

— VAYON POOLE, intendente de Winterfell,

— JEYNE, sua filha, a melhor amiga de Sansa,

— JORY CASSEL, capitão da guarda,

— HALLIS MOLLEN, DESMOND, JACKS, PORTHER, QUENT,

ALYN, TOMARD, VARLY, HEWARD, CAYN, WYL, guardas,

- SOR RODRIK CASSEL, mestre-de-armas, tio de Jory,
- BETH, a sua jovem filha,
- SEPTÃ MORDANE, tutora das filhas de Lorde Eddard,
- SEPTÃO CHAYLE, guardião do septo e da biblioteca do castelo,
- HULLEN, mestre dos cavalos,
 - o seu filho, HARWIN, um guarda,
 - JOSETH, um moço de estrebaria e treinador de cavalos,
- FARLEN, mestre do canil,
- VELHA NAN, contadora de histórias, antiga Ama-de-leite,
 - HODOR, o seu bisneto, um moço de estrebaria simplório,
- GAGE, o cozinheiro,
- MIKKEN, ferreiro e armeiro,
- os principais senhores seus vassalos:
 - SOR HELMAN TALLHART,
 - RICKARD KARSTARK, Senhor de Karhold,
 - ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor,
 - JON UMBER, chamado Grande-Jon,
 - GALBART e ROBETT GLOVER,
 - WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco,
 - MAEGE MORMONT, a Senhora da Ilha dos Ursos,

As principais Casas vassalas de Winterfell são: Karstark, Umber, Flint, Mormont, Hornwood, Cerwyn, Reed, Manderly, Glover, Tallhart e Bolton.



De cabelo claro, altos e bem-parecidos, os Lannister são do sangue de aventureiros ândalos que esculpiram um reino poderoso nos montes e vales do ocidente, muito embora a linha feminina de que se vangloriam descenda de Lann, o Esperto, o legendário intrujão da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica entre as Grandes Casas. O seu selo é um leão dourado num campo de carmim.

O lema Lannister é *Ouvi-me rugir!*

TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protector do Oeste, Escudo de Lanisporto,

— a sua esposa, (SENHORA JOANNA), uma prima, morta de parto,

— os seus filhos:

— SOR JAIME, chamado Regicida, herdeiro de Rochedo Casterly, irmão gémeo de Cersei,

— RAINHA CERSEI, esposa do Rei Robert I Baratheon, gémea de Jaime,

— TYRION, chamado Duende, um anão,

— os seus irmãos:

— SOR KEVAN, seu irmão mais velho,

— a sua esposa, DORNA, da Casa Swyft,

— o seu filho mais velho, LANCEL, escudeiro do rei,

— os seus filhos gémeos, WILLEM e MARTYN,

— a sua filha pequena, JANEI,

— GENNA, sua irmã, casada com Sor Emmon Frey,

— o seu filho, SOR CLEOS FREY,

— o seu filho, TION FREY, um escudeiro,

— (SOR TYGETT), o seu segundo irmão, morto de varíola,

— a sua viúva, DARLESSA, da Casa Marbrand,

— o seu filho, TYREK, escudeiro do rei,

— (GERION), o seu irmão mais novo, perdido no mar,
— a sua filha bastarda, JOY, uma menina de dez anos,
— o seu primo, SOR STAFFORD LANNISTER, irmão da falecida
Senhora Joanna,

- as suas filhas, CERENNA e MYRIELLE,
- o seu filho, SOR DAVEN LANNISTER,
- o seu conselheiro, MEISTRE CREYLEN,
- os seus cavaleiros e senhores vassalos principais:
 - LORDE LEO LEFFORD,
 - SOR ADDAM MARBRAND,
 - SOR GREGOR CLEGANE, a Montanha Que Cavalga,
 - SOR HARYS SWYFT, pai por casamento de Sor Kevan,
 - LORDE ANDROS BRAX,
 - SOR FORLEY PRESTER,

- SOR AMORY LORCH,
- VARGO HOAT, da Cidade Livre de Qohor, um mercenário,

As principais Casas vassalas de Rochedo Casterly são: Payne, Swyft, Marbrand, Lydden, Banefort, Lefford, Crakehall, Serrett, Broom, Clegane, Prester e Westerling.



Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e Vale, uma das mais antigas e puras linhagens da nobreza Ândala. O seu selo é a lua e o falcão, de branco, em campo azul celeste.

O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra.*

(JON ARRYN), Senhor do Ninho de Águia, Defensor do Vale, Protector do Leste, Mão do Rei, recentemente falecido,

— a sua primeira esposa, (SENHORA JEYNE, da Casa Royce), morta de parto, com a filha nada-morta,

— a sua segunda esposa, (SENHORA ROWENA, da Casa Arryn), sua prima, morta de um resfriado de Inverno, sem filhos,

— a sua terceira esposa e viúva, SENHORA LYSA, da Casa Tully,

— o seu filho, ROBERT ARRYN, um rapaz enfermício de seis anos, o novo Senhor do Ninho de Águia e Defensor do Vale,

— os seus vassalos e o pessoal da sua casa:

— MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,

— SOR VARDIS EGEN, capitão da guarda,

— SOR BRYNDEN TULLY, chamado Peixe Negro, Cavaleiro do Portão e tio da Senhora Lysa,

— LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale,

— SOR ALBAR ROYCE, seu filho,

— MYA STONE, uma rapariga bastarda ao seu serviço,

— LORDE EON HUNTER, pretendente da Senhora Lysa,

— SOR LYN CORBRAY, pretendente da Senhora Lysa,

— MYCHEL REDFORT, o seu escudeiro,

— SENHORA ANYA WAYNWOOD, uma viúva,

— SOR MORTON WAYNWOOD, seu filho, pretendente da Senhora Lysa,

— SOR DONNEL WAYNWOOD, seu filho,

— MORD, um carcereiro brutal,

As principais Casas vassalas do Ninho de Águia são: Royce, Baelish, Egen, Waynwood, Hunter, Redfort, Corbray, Belmore, Melcolm e Hersy.



O s Tully nunca reinaram como reis, embora possuísem terras ricas e o grande castelo de Correrrio ao longo de mil anos. Durante as Guerras da Conquista, as terras fluviais pertenciam a Herren, o Negro, Rei das Ilhas. O avô de Herren, o Rei Harwyn Harthand, tomara o Tridente de Arrec, o Rei Tempestade, cujos ancestrais tinham conquistado todas as terras até ao Gargalo trezentos anos antes, matando o último dos antigos Reis do Rio. Tirano vaidoso e sangrento, Harren, o Negro, era pouco amado por aqueles que governava, e muitos dos senhores do rio abandonaram-no para se juntar à hoste de Aegon. O primeiro entre eles foi Edmyn Tully de Correrrio. Quando Harren e a sua linhagem pereceram no incêndio de Harrenhal, Aegon recompensou a Casa Tully concedendo a Lorde Edmyn o domínio sobre as terras do Tridente e exigindo dos outros senhores do rio que lhe jurassem fidelidade. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, de prata, em campo ondulado de azul e vermelho.

O mote dos Tully é: *Família, Dever, Honra.*

HOSTER TULLY, Senhor de Correrrio,

- a sua esposa (SENHORA MINISA, da Casa Whent), morta de parto,
- os seus filhos:
 - CATELYN, a filha mais velha, casada com o Lorde Eddard Stark,
 - LYSA, a filha mais nova, casada com o Lorde Jon Arryn,
 - SOR EDMURE, herdeiro de Correrrio,
- o seu irmão, SOR BRYNDEN, chamado Peixe Negro,
- o pessoal da sua casa:
 - MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,
 - SOR DESMOND GRELL, mestre-de-armas,
 - SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,
 - UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,
- os seus cavaleiros e senhores vassalos:

- JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar,
- PATREK MALLISTER, seu filho e herdeiro,
- WALDER FREY, Senhor de Travessia,
- os seus numerosos filhos, netos e bastardos,
- JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,
- TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Corvarbor
- SOR RAYMUN DARRY,
- SOR KARYL VANCE,

- SOR MARQ PIPER,
- SHELLA WHENT, senhora de Harrenhal,
- SOR WILLIS WODE, um cavaleiro ao seu serviço,

As Casas menores vassalas de Correrrio incluem as seguintes: Darry, Frey, Mallister, Bracken, Blackwood, Whent, Ryger, Piper e Vance.



Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, cujos domínios incluíam as planícies férteis desde a Marca de Dorne e da Torrente da Água Negra até às costas do Mar do Poente. Através da linha feminina, dizem descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens, que usava uma coroa de trepadeiras e flores e fazia a terra florescer. Quando o Rei Mern, o último da antiga linhagem, pereceu no Campo de Fogo, o seu intendente Harlen Tyrell rendeu Jardim de Cima a Aegon Targaryen, jurando-lhe fidelidade. Aegon concedeu-lhe o castelo e o domínio sobre a Campina. O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva.

O seu lema é: *Crescendo fortes*.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protector do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina.

— a sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,

— os seus filhos:

— WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,

— SOR GARLAN, chamado Galante, o segundo filho,

— SOR LORAS, o Cavaleiro das Flores, o filho mais novo,

— MARGAERY, a sua filha, uma donzela de catorze anos,

— a sua mãe viúva, a SENHORA OLENN, da Casa Redwyne, chamada Rainha dos Espinhos,

— as suas irmãs:

— MINA, casada com Lorde Paxter Redwyne,

— JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,

— os seus tios:

— GARTH, chamado o Grosso, Senhor Senescal de Jardim de Cima,

— os seus filhos bastardos, GARSE e GARRETT FLOWERS,

— SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,

- MEISTRE GORMON, um erudito da Cidadela,
- o pessoal da sua casa:
 - MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
 - IGON VYRWELL, capitão da guarda,
 - SOR VORTIMER CRANE, mestre-de-armas,
- os seus cavaleiros e senhores vassalos:
 - PAXTER REDWYNE, Senhor de Árvore,
 - a sua esposa, SENHORA MINA, da Casa Tyrell,
 - os seus filhos:
 - SOR HORAS, escarnecido como Horror, gémeo de Hobber,
 - SOR HOBBER, escarnecido como Babel, gémeo de Horas,
 - DESMERA, uma donzela de quinze anos,
 - RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,
 - SAMWELL, o seu filho mais velho, da Patrulha da Noite,
 - DICKON, o seu filho mais novo, herdeiro de Monte Chifre,
 - ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,
 - MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
- LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
- SOR JON FOSSOWAY,

As principais Casas vassalas de Jardim de Cima são: Vyrwel, Florent, Oakheart, Hightower, Crane, Tarly, Redwyne, Rowan, Fossoway e Mullendore.



Os Greyjoy de Pyke dizem descender do Rei Cinzento da Era dos Heróis. Segundo a lenda, o Rei Cinzento governava não só as ilhas ocidentais mas também o próprio mar, e tomou uma sereia como esposa.

Durante milhares de anos, piratas das Ilhas de Ferro — chamados “homens de ferro” por aqueles que saqueavam — foram os terrores dos mares, navegando até paragens tão distantes como o Porto de Ibben e as Ilhas do Verão. Orgulhavam-se da sua ferocidade em batalha e das suas sagradas liberdades. Cada ilha tinha os seus próprios “rei do sal” e “rei da rocha”. O Rei Supremo das Ilhas era escolhido entre aqueles, até que o Rei Urron tornou o trono hereditário ao assassinar os outros reis quando se reuniram para uma escolha. A linhagem de Urron foi extinta mil anos mais tarde quando os ândalos varreram as ilhas. Os Greyjoy, tal como outros senhores das ilhas, misturaram-se com os conquistadores pelo casamento.

Os Reis de Ferro estenderam os seus domínios bem para lá das ilhas propriamente ditas, esculpindo reinos no continente através do fogo e da espada. O Rei Qhored podia vangloriar-se sem faltar à verdade que o seu decreto era válido “onde quer que os homens consigam cheirar a água salgada ou ouvir o bater das ondas”. Nos séculos seguintes, os descendentes de Qhored perderam a Árvore, Vilavelha, a Ilha dos Ursos e a maior parte da costa ocidental. Mesmo assim, ao chegarem as Guerras da Conquista, o Rei Harren, o Negro, governava todas as terras entre montanhas, do Gargalo até à Torrente da Água Negra. Quando Harren e os filhos pereceram na queda de Harrenhal, Aegon Targaryen concedeu as terras fluviais à Casa Tully e permitiu que os senhores sobreviventes das Ilhas de Ferro retomassem o antigo costume e escolhessem quem devia deter a primazia entre eles. Escolheram o Lorde Vickon Greyjoy de Pyke.

O selo dos Greyjoy é uma lula gigante dourada em campo negro. O seu lema é *Nós Não Semeamos*.

BALON GREYJOY, Senhor das Ilhas de Ferro, Rei do Sal e da Rocha,
Filho do Vento Marinho, Senhor Ceifeiro de Pyke,

— a sua esposa, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,

— os seus filhos:

— (RODRIK), o filho mais velho, morto em Guardamar durante a
rebelião Greyjoy,

— (MARON), o segundo filho, morto nas muralhas de Pyke durante a
Rebelião Greyjoy,

— ASHA, a sua filha, capitã do *Vento Negro*,

— THEON, o seu único filho sobrevivente, herdeiro de Pyke,
protegido de Lorde Eddard Stark,

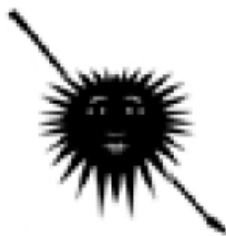
— os seus irmãos:

— EURON, chamado Olho de Corvo, capitão do *Silêncio*, um fora-da-
lei, pirata e corsário,

— VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro,

— AERON, chamado Cabelo Molhado, um sacerdote do Deus
Afogado,

Entre as Casas menores vassalas de Pyke incluem-se as seguintes:
Harlaw, Stonehouse, Merlyn, Sunderly, Botley, Tawney, Wynch e
Goodbrother.



Nymeria, a rainha guerreira de Roine, trouxe os seus dez mil navios até à costa de Dorne, o mais meridional dos Sete Reinos, e tomou o Lorde Mors Martell por marido. Com a ajuda dela, ele derrotou os rivais pelo domínio de todo o Dorne. A influência roinar permanece forte. Assim, os governantes de Dorne chamam a si mesmos “Príncipe” e não “Rei”. Sob a lei de Dorne, as terras e os títulos passam para o filho mais velho, e não para o varão mais velho. Dorne é o único dos Sete Reinos que nunca foi conquistado por Aegon, o Dragão. Só se juntou permanentemente ao reino duzentos anos mais tarde, e, quando isso aconteceu, foi pelo casamento e por um tratado, não pela espada. O pacífico Rei Daeron II teve sucesso onde os guerreiros tinham falhado, ao casar-se com a princesa de Dorne, Myriah, e ao dar a irmã em casamento ao Príncipe reinante de Dorne. O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada.

O seu lema é *Insubmissos, não curvados, não quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançasolar, Príncipe de Dorne,

— a sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,

— os seus filhos:

— PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançasolar,

— PRÍNCIPE QUENTYN, o filho mais velho,

— PRÍNCIPE TRYSTANE, o filho mais novo,

— os seus irmãos:

— a sua irmã, (PRINCESA ELIA), casada com o Príncipe Rhaegar Targaryen, morta durante o Saque de Porto Real,

— os seus filhos:

— (PRINCESA RHAENYS), uma rapariguinha, morta durante o Saque de Porto Real,

— (PRÍNCIPE AEGON), um bebé, morto durante o Saque de Porto Real,

- o seu irmão, PRÍNCIPE OBERYN, o Víbora Negra,
- o pessoal da sua casa:
 - AREO HOTAH, um mercenário morvoshi, capitão dos guardas,
 - MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
- os seus cavaleiros e senhores vassalos:
 - EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela,

As principais Casas vassalas de Lançasolar incluem as seguintes: Jordayne, Santagar, Allyrion, Toland, Yronwood, Wyl, Fowler e Dayne.

CASA TARGARYEN



Os Targaryen são o sangue do dragão, descendentes dos grandes senhores da antiga Cidade Franca de Valíria, exibindo a sua herança numa beleza notável (alguns diriam inumana), com olhos lilás, índigo ou violeta e cabelo de ouro-prata ou branco platinado.

Os antepassados de Aegon, o Dragão, escaparam à Condenação de Valíria e ao caos e morticínio que se seguiu e instalaram-se em Pedra do Dragão, uma ilha rochosa no mar estreito. Foi daí que Aegon e as irmãs Visenya e Rhaenys se fizeram ao mar para conquistar os Sete Reinos. A fim de preservar o sangue real e mantê-lo puro, a Casa Targaryen seguiu com frequência o costume valiriano de casar os irmãos com as irmãs. O próprio Aegon tomou ambas as irmãs como esposas, e teve filhos de ambas. O estandarte Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre negro, sendo as três cabeças representativas de Aegon e das irmãs.

O lema Targaryen é *Fogo e Sangue*.

A LINHA DE SUCESSÃO TARGARYEN

Datada segundo os anos passados sobre o Desembarque de Aegon

1-37

Aegon I

Aegon, o Conquistador, Aegon, o Dragão,

37-42

Aenys I

Filho de Aegon e Rhaenys,

42-48

Maegor I

Maegor, o Cruel, filho de Aegon e Visenya,

48-103

Jaehaerys I

O Velho Rei, o Conciliador, filho de Aenys,

103-129

Viserys I

Neto de Jaehaerys,

129-131

Aegon II

Filho mais velho de Viserys,

[A ascensão ao trono de Aegon II foi disputada
pela irmã Rhaenyra, um ano mais velha.

Ambos pereceram na guerra que travaram,
chamada pelos cantores Dança dos Dragões.]

131-157

Aegon III

A Desgraça-dos-Dragões, filho de Rhaenyra,

[O último dos dragões Targaryen morreu
durante o reinado de Aegon III.]

157-161

Daeron I

O Jovem Dragão, o Rei Rapaz, filho mais velho de Aegon III,

[Daeron conquistou Dorne, mas foi incapaz de
manter o país e morreu jovem.]

161-171

Baelor I

O amado, o Abençoado, septão e rei, segundo filho de Aegon III,

171-172

Viserys II

Quarto filho de Aegon III,

172-184

Aegon IV

O Indigno, filho mais velho de Viserys,

[O seu irmão mais novo, Príncipe Aemon, o
Cavaleiro do Dragão, era campeão e há quem
diga amante da Rainha Naerys.]

184-209

Daeron II

Filho da Rainha Naerys, e de Aegon ou Aemon,
[Daeron trouxe Dorne para o reino ao casar
com a princesa Myriah de Dorne.]

209-221

Aerys I

Segundo filho de Daeron II (não deixou descendência),

221-233

Maekar I

Quarto filho de Daeron II,

233-259

Aegon V

O Improvável, quarto filho de Maekar,

259-262

Jaehaerys II

Segundo filho de Aegon, o Improvável,

262-283

Aerys II

O Rei Louco, filho único de Jaehaerys,

Aqui terminou a linhagem dos reis-dragão, quando Aerys II foi destronado e morto, bem como o seu primogênito, o príncipe herdeiro Rhaegar Targaryen, morto por Robert Baratheon no Tridente.

(REI AERYS TARGARYEN), o Segundo do Seu Nome, morto por Jaime Lannister durante o Saque de Porto Real,

— a sua irmã e esposa, (RAINHA RHAELLA) da Casa Targaryen, morta de parto em Pedra do Dragão,

— os seus filhos:

— (PRÍNCIPE RHAEGAR), herdeiro do Trono de Ferro, morto por Robert Baratheon no Tridente,

— a sua esposa, (PRINCESA ELIA) da Casa Martell, morta durante o Saque de Porto Real,

— os seus filhos:

— (PRINCESA RHAENYS), uma menina pequena, morta durante o Saque de Porto Real,

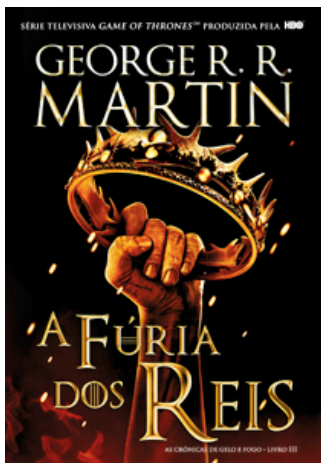
— (PRÍNCIPE AEGON), um bebé, morto durante o Saque de Porto Real,

— PRÍNCIPE VISERYS, apresenta-se como Viserys, o Terceiro do Seu Nome, Senhor dos Sete Reinos, chamado Rei Pedinte,

— PRINCESA DAENERYS, chamada Daenerys, Filha da Tormenta, uma donzela de treze anos.

Leia nas próximas páginas um excerto do 3º Volume da série *As Crónicas de Gelo e Fogo*

A Fúria dos Reis



Quando um cometa vermelho surge nos céus de Westeros encontra os Sete Reinos em plena guerra civil. Os combates estendem-se pelas terras fluviais e os grandes exércitos dos Stark e dos Lannister preparam-se para o derradeiro embate. No seu domínio insular, Stannis, irmão do falecido Rei Robert, luta por construir um exército que suporte a sua reivindicação ao trono e alia-se a uma misteriosa religião vinda do oriente. Mas não é o único, pois o seu irmão mais novo também se proclama rei, suportado por uma hoste que reúne quase todas as forças do sul. Para piorar as coisas, nas Ilhas de Ferro, os Greyjoy planeiam a vingança contra aqueles que os humilharam dez anos atrás.

O Trono de Ferro é ocupado pelo caprichoso filho de Robert, Joffrey, mas quem de facto governa é a sua cruel e maquiavélica mãe. Com a afluência de refugiados e um fornecimento insuficiente de mantimentos, a cidade transformou-se num lugar perigoso, e a Corte aguarda com medo o momento em que os dois irmãos do falecido rei avancem contra ela. Mas quando finalmente o fazem, não é contra a cidade que investem...

O que os Sete Reinos não sabem é que nada disto se compara ao derradeiro perigo que se avizinha: no distante Leste, os dragões crescem em poder, e não faltará muito para que cheguem com fogo e morte!

PRÓLOGO

A cauda do cometa espalhava-se pela madrugada, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos de Pedra do Dragão como uma ferida num céu de rosa e púrpura.

O Mestre estava em pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos, depois de longos voos. Os excrementos das aves sarapintavam as gárgulas que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados, um mastim do inferno e uma viverna, dois exemplares do milhar que cismava empoleirado nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara a Pedra do Dragão, o exército de grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas com a passagem dos anos, fora-se-lhes acostumando. Agora, pensava nelas como em velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, assaltados por pressentimentos.

O Mestre não acreditava em presságios. E no entanto... apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, daquela cor terrível, a cor do sangue, da chama e dos ocasos. Perguntou a si próprio se as suas gárgulas já teriam visto algo de semelhante. Já ali estavam longo tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de partir. Se línguas de pedra falassem...

Que tontice. Encostou-se às ameias, com o mar a esmagar-se lá em baixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. Gárgulas falantes e profecias no céu. Sou um velho acabado, tornado de novo leviano como uma criança. Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um mestre, treinado e acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um trabalhador agrícola ignorante?

E no entanto... no entanto... o cometa brilhava agora até de dia, enquanto vapor cinzento-claro se erguia das fumarolas quentes de Monte Dragão, atrás do castelo, e na manhã anterior um corvo branco trouxera notícias da própria Cidadela, notícias há muito esperadas mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do Verão. Tudo presságios. Demasiados para serem negados. Que significa tudo isto?, quis gritar.

— Mestre Cressen, temos visitantes. — Pylos falou suavemente, como se se sentisse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se conhecesse os disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. — A princesa deseja ver o corvo branco. — Sempre correcto, Pylos chamava-lhe agora princesa, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo

fumegante no grande mar salgado, mas rei de qualquer forma. — Traz consigo o bobo.

O velho virou costas à alvorada, mantendo uma mão pousada sobre a viverna a fim de se equilibrar.

— Ajuda-me a alcançar a cadeira e manda-os entrar.

Tomando-lhe o braço, Pylos levou-o para dentro. Na juventude, Cressen caminhara vivamente, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Dois anos antes, caíra e partira uma anca, que nunca chegara a sarar bem. No ano anterior, quando adoecera, a Cidadela enviara Pylos de Vilavelha, apenas dias antes de o Lorde Stannis ter encerrado a ilha... para o ajudar nas suas tarefas, dissera-se, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para o substituir quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar o seu lugar, e mais brevemente do que teria preferido...

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

— Vai buscá-la. É mau deixar uma senhora à espera. — Acenou com uma mão, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, e de tal modo fina e com uma textura de papel que podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por debaixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que em tempos tinham sido tão seguras e destras...

Quando Pylos regressou, a rapariga veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquela sua estranha maneira oblíqua, veio o bobo. Trazia na cabeça um elmo fingido feito de um velho balde de estanho, com um par de hastes de veado atado ao topo e decorado com badalos. A cada passo deslizante, os badalos soavam, cada um num tom diferente, clang-a-dang bong-dong, ring-a-ling clong clong clong.

— Quem nos vem visitar tão cedo, Pylos? — disse Cressen.

— Sou eu e o Malhas, Mestre. — Olhos azuis sem malícia pestanejaram na sua direcção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projectado do senhor seu pai, e as infelizes orelhas da mãe, bem como um desfiguramento só seu, o legado do ataque de escamagris que quase a matara em bebé. Desde a metade inferior da bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a pele rígida e morta, com a cútis estalada e a escamar, manchada de negro e cinzento, semelhando pedra ao toque. — Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

— Realmente podeis — respondeu Cressen. Como se alguma vez lho negasse. A rapariga tinha sofrido negativas demasiado frequentes na vida.

Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu nome, e era a criança mais triste que o Mestre Cressen conhecera. A sua tristeza é a minha vergonha, pensou o velho, outro sinal do meu falhanço. — Mestre Pylos, fazei-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrar à Senhora Shireen.

— O prazer será meu. — Pylos era um jovem bem-educado que não tinha mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais vida; era isso que fazia aqui falta. Os lugares sombrios necessitavam de ligeireza, não de solenidade, e Pedra do Dragão era indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha nas traseiras. Um mestre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen viera para ali com o seu senhor havia cerca de doze anos, e servira, e servira bem. Mas nunca amara Pedra do Dragão, nem se sentira verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde se encontrava.

O bobo virou a sua cabeça manchada e sarapintada para observar Pylos a trepar os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Os seus badalos soaram com o movimento.

— Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas — disse ele, clangalangando. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era uma coisa digna de dó. Talvez em tempos tivesse sido capaz de arrancar rajadas de gargalhadas com um dito de espírito, mas o mar roubara-lhe esse poder, juntamente com metade da inteligência e toda a memória. Era mole e obeso, vítima de convulsões e tremores, e era mais comum mostrar-se incoerente do que o contrário. A rapariga era a única que agora se ria dele, a única que se importava por ele estar vivo ou morto.

Uma rapariguinha feia e um bobo triste, e com o Mestre faz três... ora aí está uma história boa para pôr os homens a chorar.

— Sentai-vos comigo, filha. — Cressen fez-lhe sinal para se aproximar. — É cedo para vir de visita, pouco passa da alvorada. Devíeis estar aconchegada na cama.

— Tive pesadelos — disse-lhe Shireen. — Com os dragões. Vinham comer-me.

Cressen não se lembrava de a miúda não sofrer de pesadelos.

— Já conversámos sobre isto — disse ele com gentileza. — Os dragões não podem ganhar vida. São esculpidos em pedra, filha. Nos dias de antanho, a nossa ilha era o mais ocidental posto avançado da grande Cidade Livre de

Valéria. Foram os valirianos que ergueram esta cidadela, e eles tinham maneiras de dar forma à pedra que desde então se perderam. Um castelo tem de ter torres sempre que duas muralhas se encontrem num ângulo, para as defender. Os valirianos deram forma de dragões a estas torres para fazer com que a sua fortaleza parecesse mais temível, tal como coroaram as muralhas com um milhar de gárgulas em vez de simples ameias. — Tomou a pequena mão cor-de-rosa da rapariga na sua mão manchada e frágil e deu-lhe um suave apertão. — Por isso, como vedes, nada há a temer.

Shireen não estava convencida.

— Então e a coisa no céu? Dalla e Matrice estavam a conversar junto ao poço, e Dalla disse que ouviu a mulher vermelha dizer à mãe que aquilo é respiração de dragão. Se os dragões estão a respirar, não quer isso dizer que estão a ganhar vida?

A mulher vermelha, pensou amargamente o Mestre Cressen. Já é suficientemente mau que tenha enchido a cabeça da mãe com as suas loucuras, terá de envenenar também os sonhos da filha? Teria uma conversa severa com Dalla, preveni-la-ia para não andar a espalhar tais histórias.

— A coisa no céu é um cometa, minha doce menina. Uma estrela com uma cauda, perdida nos céus. Desaparecerá em breve, para não voltar a ser vista no nosso tempo de vida. Esperai e vereis.

Shireen fez um corajoso acenozinho com a cabeça.

— A mãe diz que o corvo branco quer dizer que já não é Verão.

— É verdade, senhora. Os corvos brancos só voam da Cidadela. — Os dedos de Cressen subiram à corrente que lhe rodeava o pescoço, cada elo da qual fora forjado com um metal diferente, cada um simbolizando o seu domínio de mais um ramo do conhecimento; o colar de mestre, a marca da sua ordem. No orgulho da juventude, usara-o com ligeireza, mas agora parecia-lhe pesado e o metal era frio de encontro à sua pele. — São maiores do que os outros corvos, mais inteligentes, e são criados apenas para transportar as mensagens mais importantes. Este veio dizer-nos que o Conclave se reuniu, avaliou os relatórios e as medições feitas pelos mestres por todo o reino, e declarou que este longo Verão finalmente terminou. Durou dez anos, duas rotações e dezasseis dias, o mais longo Verão de que há memória.

— Agora vai ficar frio? — Shireen era uma criança do Verão, e nunca experimentara o verdadeiro frio.

— A seu tempo — respondeu Cressen. — Se os deuses forem bondosos, oferecer-nos-ão um Outono quente e colheitas abundantes para que nos possamos preparar para o Inverno que aí vem. — O povo dizia que um Verão

longo significava um Inverno ainda mais longo, mas o Mestre não encontrava motivo para assustar a criança com tais histórias.

Cara-Malhada fez soar os seus badalos.

— É sempre Verão debaixo do mar — entoou. — As sereias casadas usam gemirais no cabelo e cosem vestidos de algas de prata. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Shireen soltou um risinho.

— Eu gostava de ter um vestido de algas de prata.

— Debaixo do mar, neva para cima — disse o bobo — e a chuva é seca como um osso. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

— Vai mesmo nevar? — perguntou a criança.

— Vai — disse Cressen. Mas espero que ainda demore anos, e que não neve por muito tempo. — Ah, ali vem Pylos com a ave.

Shireen soltou um grito de deleite. Até Cressen tinha de admitir que a ave era impressionante, branca como a neve e maior do que qualquer falcão, com os brilhantes olhos negros que significavam que não se tratava de um mero albino mas sim de um corvo branco puro-sangue da Cidadela.

— Aqui — chamou o Mestre. O corvo abriu as asas, deu um salto e bateu-as ruidosamente pela sala até ir pousar na mesa ao lado dele.

— Vou agora tratar do vosso pequeno-almoço — anunciou Pylos. Cressen anuiu com a cabeça.

— Esta é a Senhora Shireen — disse ao corvo. A ave balançou a cabeça para cima e para baixo, como se estivesse a fazer vénias. “Senhora”, crocitou. “Senhora”.

A boca da criança escancarou-se.

— Ele fala!

— Algumas palavras. Como eu disse, estas aves são espertas.

— Ave esperta, homem esperto, bobo esperto, esperto — disse o Cara-Malhada com uma voz desagradável. — Oh, bobo esperto, esperto, esperto. — Desatou a cantar. — As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor — cantou, saltitando de um pé para o outro e do outro para o primeiro. — As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor. — Inclina a cabeça a cada palavra, fazendo estrondear os badalos presos às hastes.

O corvo branco soltou um grito e voou para longe, indo empoleirar-se no corrimão de ferro das escadas do viveiro. Shireen pareceu encolher-se.

— Ele canta aquilo o tempo todo. Disse-lhe para parar, mas ele não pára. Assusta-me. Fazer com que pare.

E como faço eu isso?, perguntou o velho a si próprio. Em tempos poderia tê-lo silenciado para sempre, mas agora...

Cara-Malhada chegara-lhes em rapaz. O Lorde Steffron, de boa memória, encontrara-o em Volantis, do outro lado do mar estreito. O rei — o antigo rei, Aerys II Targaryen, que não era tão louco assim nesses tempos — enviara sua senhoria em busca de uma noiva para o Príncipe Rhaegar, que não tinha irmãs com quem casar. “Encontrámos o mais magnífico dos bobos”, escrevera a Cressen, uma quinzena antes de ser tempo de regressar da infrutífera missão. “É apenas um rapaz, mas é ágil como um macaco e espirituoso como uma dúzia de cortesãos. Sabe malabarismo, adivinhas e magia e é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas. Comprámos a sua liberdade, e esperamos trazê-lo connosco para casa. Robert ficará deleitado com ele e, com o tempo, talvez até consiga ensinar Stannis a rir.”

Recordar aquela carta enchia Cressen de tristeza. Stannis não fora ensinado a rir por ninguém, muito menos pelo jovem Cara-Malhada. A tempestade chegara de repente, uivando, e a Baía dos Naufrágios provara a verdade do seu nome. A galé de dois mastros do senhor, Orgulho do Vento, quebrara-se à vista do castelo. Das varandas, os dois filhos mais velhos tinham observado o navio do pai a ser esmagado de encontro aos rochedos e engolido pelas águas. Uma centena de remadores e marinheiros afundaram-se com Lorde Steffron Baratheon e a senhora sua esposa, e ao longo de vários dias, todas as marés deixavam uma nova colheita de cadáveres inchados na praia por baixo de Ponta Tempestade.

O rapaz dera à costa ao terceiro dia. O Mestre Cressen descera com os outros, a fim de ajudar a atribuir nomes aos mortos. Quando encontraram o bobo, estava nu, com a pele branca e enrugada, e cheia de areia molhada. Cressen julgara que se tratava de mais um cadáver, mas quando Jommy o agarrara pelos tornozelos a fim de o arrastar para o carro funerário, o rapaz tossira água e sentara-se. Até ao dia da sua morte, Jommy jurara que a pele de Cara-Malhada estava fria e pegajosa.

Ninguém conseguira explicar aqueles dois dias que o bobo passara perdido no mar. Os pescadores gostavam de dizer que uma sereia lhe ensinara a respirar água em troca da sua semente. O próprio Cara-Malhada nada dissera. O rapaz espirituoso e inteligente nunca chegara a Ponta Tempestade; o rapaz que encontraram era outra pessoa, quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de gracejar. Mas a sua cara de bobo não deixava dúvidas sobre quem era. Era costume da Cidade Livre de Volantis tatuar as caras dos escravos e dos servos; do pescoço ao couro cabeludo, a pele do rapaz tinha sido tatuada em quadrados vermelhos e verdes.

— O desgraçado está louco, e com dores, e não tem serventia para ninguém, especialmente para si próprio — declarara o velho Sor Harbert, nesses tempos castelão de Ponta Tempestade. — A coisa mais bondosa que

podeis fazer com esse tipo é encher-lhe a taça com o leite da papoila. Um sono sem dor, e acaba tudo. Ele abençoar-vos-ia se tivesse esperteza para isso. — Mas Cressen recusara, e acabara por vencer. Não saberia dizer se Cara-Malhada tinha obtido alguma alegria dessa vitória, nem mesmo agora, tantos anos depois.

— As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor — continuou o bobo a cantar, abanando a cabeça e fazendo os badalos ressoar. Bong dong, ring-a-ling, bong dong.

“Senhor”, guinchou o corvo branco. “Senhor, senhor, senhor.”

— Um bobo canta o que lhe apetece — disse o Mestre à sua ansiosa princesa. — Tendes de não levar a peito as suas palavras. De manhã, poderá lembrar-se de outra canção, e esta nunca mais será ouvida. — Ele é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas, escrevera Lorde Steffron...

Pylos entrou a passos largos.

— Mestre, as minhas desculpas.

— Esqueceste-te das papas — disse Cressen, divertido. Aquilo não era nada de Pylos.

— Mestre, Sor Davos regressou ontem à noite. Estavam a falar disso na cozinha. Achei que querieis saber de imediato.

— Davos... ontem à noite, dizes tu? Onde está ele?

— Com o rei. Passaram juntos a maior parte da noite.

Em tempos idos, Lorde Stannis tê-lo-ia acordado a qualquer hora, para o ter junto a si, a fim de o aconselhar.

— Devia ter sido informado — queixou-se Cressen. — Devia ter sido acordado. — Desprendeu os dedos dos de Shireen. — As minhas desculpas, senhora, mas tenho de falar com o senhor vosso pai. Pylos, dá-me o braço. Há demasiados degraus neste castelo, e parece-me que acrescentam uns quantos todas as noites, só para me aborrecer.

Shireen e Cara-Malhada seguiram-nos, mas a menina rapidamente se cansou do passo rastejante do velho e correu à frente, com o bobo a balançar atrás dela fazendo retinir loucamente os badalos.

Enquanto descia a escada em espiral da Torre do Dragão Marinho, Cressen foi recordado de que os castelos não são lugares amigos dos homens frágeis. Lorde Stannis estaria na Sala da Mesa Pintada, no topo do Tambor de Pedra, a fortaleza central de Pedra do Dragão, assim chamada devido ao modo como as suas paredes antigas estrondeavam e ressoavam durante as tempestades. Para chegar até ele, teria de cruzar a galeria, atravessar as muralhas intermédia e interna com as suas gárgulas de guarda e portões de ferro negro, e subir mais degraus do que queria imaginar. Os jovens trepavam degraus dois a dois; para velhos com ancas em mau estado, cada degrau era

um tormento. Mas o Lorde Stannis não pensaria em vir ter com ele, por isso o Mestre resignava-se à provação. Pelo menos tinha Pylos para o ajudar, e por isso sentia-se grato.

Arrastando os pés ao longo da galeria, passaram em frente de uma fileira de altas janelas arqueadas com uma vista privilegiada sobre a muralha exterior e a aldeia piscatória que se erguia mais adiante. No pátio, arqueiros disparavam contra alvos de treino aos gritos de “Encaixar, puxar, largar”. As setas faziam um som que era como o de um bando de pássaros a levantar voo. Guardas caminhavam pelos adarves, espreitando por entre as gárgulas a hoste acampada lá fora. O ar da manhã estava enevoadado com o fumo de fogueiras para cozinhar, num momento em que três mil homens se sentavam para quebrar o jejum sob os estandartes dos seus senhores. Para lá do acampamento, o ancoradouro encontrava-se repleto de navios. Nenhuma embarcação que chegara à vista de Pedra do Dragão ao longo do último ano tinha sido autorizada a voltar a partir. A Fúria de Lorde Stannis, uma galé de guerra com três cobertas e trezentos remos, quase parecia pequena ao lado de algumas das carracas e cocas de casco largo que a rodeavam.

Os guardas à porta do Tambor de Pedra conheciam os Meistres e deixaram-nos entrar.

— Espera aqui — disse Cressen a Pylos, lá dentro. — É melhor que fale com ele a sós.

— É uma longa subida, Mestre.

Cressen sorriu.

— Pensas que me esqueci? Subi tantas vezes estes degraus que conheço cada um pelo nome.

A meio da subida, arrependeu-se da decisão. Parara para recuperar o fôlego e aliviar a dor na anca quando ouviu o raspar de botas em pedra e ficou cara a cara com Sor Davos Seaworth, que descia.

Davos era um homem franzino, com o baixo nascimento escrito com clareza num rosto comum. Um manto cinzento desgastado, manchado de sal e maresia e desbotado pelo Sol, envolvia-lhe os ombros estreitos, por cima de um gibão e uns calções castanhos que combinavam com os cabelos e olhos da mesma cor. Uma bolsa de couro gasto pendia-lhe de uma correia passada em volta do pescoço. A sua barba curta estava bem salpicada de cinzento, e usava uma luva de couro na mão esquerda mutilada. Quando viu Cressen, interrompeu a descida.

— Sor Davos — disse o Mestre. — Quando haveis regressado?

— Na escuridão da madrugada. A minha hora preferida. — Dizia-se que ninguém manobrava um navio de noite com metade da destreza de Davos Mão-Curta. Antes de Lorde Stannis o ter armado cavaleiro, fora o mais

notório e esquivo contrabandista de todos os Sete Reinos.

— E?

O homem abanou a cabeça.

— É como o prevenistes. Não se levantarão, Mestre. Por ele, não. Não gostam dele.

Não, pensou Cressen. Nem nunca gostarão. Ele é forte, capaz, mesmo... sim, mesmo para lá da sabedoria... mas não basta. Nunca bastou.

— Falastes com todos?

— Todos? Não. Só os que quiseram encontrar-se comigo. Aqueles bem-nascidos também não gostam de mim. Para eles serei sempre o Cavaleiro das Cebolas. — A mão esquerda cerrou-se, com os dedos curtos a formar um punho; Stannis cortara-lhes as pontas, a todos menos ao polegar. — Partilhei pão com Guilan Swann e com o velho Penrose, e os Tarth consentiram num encontro à meia-noite num bosque. Os outros... bem, Beric Dondarrion desapareceu, alguns dizem que está morto, e Lorde Caron está com Renly. Bryce, o Laranja, da Guarda Arco-Íris.

— A Guarda Arco-Íris?

— Renly criou a sua própria Guarda Real — explicou o antigo contrabandista — mas esses sete não usam o branco. Cada um tem a sua cor. Loras Tyrell é o seu Senhor Comandante.

Era precisamente o tipo de ideia que atrairia Renly Baratheon; uma magnífica nova ordem de cavalaria, com maravilhosos novos atavios para proclamá-la. Mesmo em rapaz, Renly adorara cores brilhantes e tecidos ricos, e também adorara os seus jogos. “Olhai-me!”, gritava enquanto corria às gargalhadas pelos salões de Ponta Tempestade. “Olhai-me, sou um dragão” ou “Olhai-me, sou um feiticeiro” ou “Olhai-me, olhai-me, sou o deus das chuvas”.

O ousado rapazinho com cabelo negro desordenado e risos nos olhos era agora um homem feito, com vinte e um anos, a ainda jogava os seus jogos. Olhai-me, sou um rei, pensou tristemente Cressen. Oh, Renly, Renly, querido filho, saberás o que estás a fazer? E importar-te-ias se soubesses? Haverá alguém que se preocupe com ele além de mim?

— Que motivos deram os senhores para as recusas? — perguntou a Sor Davos.

— Bem, quanto a isso, alguns deram-me palavras suaves e outros rudes, alguns arranjaram desculpas, outros promessas, outros limitaram-se a mentir. — Encolheu os ombros. — No fim de contas, as palavras não passam de vento.

— Não seríeis capaz de lhe trazer esperança?

— Só do tipo falso, e eu não faria isso — disse Davos. — De mim, ouviu

a verdade.

O Meistre Cressen recordou o dia em que Davos fora feito cavaleiro, depois do cerco a Ponta Tempestade. O Lorde Stannis e uma pequena guarnição defenderam o castelo durante quase um ano, contra a grande hoste dos senhores Tyrell e Redwyne. Até o mar lhes estava vedado, vigiado noite e dia por galés dos Redwyne que ostentavam as bandeiras cor de borgonha da Árvore. Dentro de Ponta Tempestade, os cavalos há muito tinham sido comidos, os cães e os gatos tinham desaparecido, e a guarnição estava reduzida a raízes e ratazanas. Então chegara uma noite em que a Lua era nova e nuvens negras escondiam as estrelas. Envolvido nessa escuridão, Davos, o contrabandista, desafiara o bloqueio Redwyne e os rochedos da Baía dos Naufrágios. O seu pequeno navio tinha casco negro, velas negras, remos negros e um porão apinhado de cebolas e peixe salgado. Era pouco, mas mantivera a guarnição viva durante tempo suficiente para que Eddard Stark chegasse a Ponta Tempestade e quebrasse o cerco.

O Lorde Stannis recompensara Davos com terras de boa qualidade em Cabo da Fúria, uma pequena fortaleza, e o título de cavaleiro... mas também decretara que perdesse uma falange de todos os dedos da mão esquerda, a fim de pagar por todos os seus anos de contrabando. Davos submetera-se, na condição de que fosse o próprio Stannis a manejar a faca; não aceitaria qualquer punição vinda de mãos menores. O senhor usara um cutelo de magarefe, a fim de fazer um corte limpo e completo. Depois, Davos escolhera o nome Seaworth para a sua nova casa, e tomara como estandarte um navio negro em fundo cinzento-claro... com uma cebola desenhada nas velas. O antigo contrabandista gostava de dizer que Lorde Stannis lhe fizera uma mercê, dando-lhe quatro unhas a menos para cortar e limpar.

Não, pensou Cressen, um homem assim não daria falsas esperanças, nem suavizaria uma verdade dura.

— Sor Davos, a verdade pode ser uma golada amarga, mesmo para um homem como Lorde Stannis. Ele só pensa em regressar a Porto Real investido de todo o seu poder, a fim de derrubar os inimigos e reclamar o que é seu de direito. Mas agora...

— Se levar a sua escassa hoste para Porto Real, será apenas para morrer. Não tem homens em número suficiente. Disse-lhe isso, mas conheceis o seu orgulho. — Davos ergueu a mão enluvada. — Os meus dedos voltarão a crescer antes que aquele homem se vergue ao bom senso.

O velho soltou um suspiro.

— Fizestes tudo o que podéis. Agora devo somar a minha voz à vossa.
— Fatigadamente, reatou a subida.

O refúgio de Lorde Stannis Baratheon era uma grande sala redonda com paredes de pedra negra e nua e quatro janelas altas e estreitas que se abriam para as quatro pontas do compasso. No centro do aposento encontrava-se a grande mesa que lhe dava o nome, uma massiva prancha de madeira esculpida às ordens de Aegon Targaryen nos dias anteriores à Conquista. A Mesa Pintada tinha mais de quinze metros de comprimento, talvez metade desse valor em largura, no ponto mais largo, mas menos de metro e vinte no mais estreito. Os carpinteiros de Aegon tinham-lhe dado a forma das terras de Westeros, serrando cada baía e península até que em nenhuma parte a mesa estivesse direita. Na sua superfície, escurecida por quase trezentos anos de verniz, encontravam-se pintados os Sete Reinos tal como tinham sido na época de Aegon; rios e montanhas, castelos e cidades, lagos e florestas.

Havia uma única cadeira na sala, cuidadosamente posicionada no local preciso que Pedra do Dragão ocupava ao largo da costa de Westeros, e levantada a fim de fornecer uma boa visão do tampo da mesa. Sentado na cadeira encontrava-se um homem vestido com um justilho de couro bem apertado e calções de grosseira lã castanha. Quando o Mestre Cressen entrou, deitou um relance para cima.

— Eu sabia que vós viríeis, velho, convocasse-vos ou não. — Não havia sinal de calor na sua voz; raramente havia.

Stannis Baratheon, Senhor de Pedra do Dragão e, pela graça dos deuses, o legítimo herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, era largo de ombros e vigoroso de membros, com um retesamento no rosto e na pele que lembrava couro curado ao sol até ficar duro como aço. A palavra que os homens usavam quando falavam de Stannis era duro, e ele de facto era duro. Embora ainda não tivesse trinta e cinco anos, só lhe restava na cabeça uma orla de fino cabelo negro, rodeando-lhe a parte de trás das orelhas como a sombra de uma coroa. O irmão, o falecido Rei Robert, deixara crescer uma barba nos seus últimos anos. O Mestre Cressen nunca a vira, mas dizia-se que era uma coisa desordenada, espessa e feroz. Como que em resposta, Stannis mantinha a barba aparada curta. Espalhava-se como uma sombra negra-azulada pelo maxilar quadrado e pelas bochechas secas e ossudas. Os seus olhos eram feridas abertas sob as pesadas sobrancelhas, de um azul tão escuro como o do mar, à noite. A boca teria levado ao desespero o mais truão dos bobos; era uma boca feita para ser franzida e apertada, e para ordens ríspidas, toda ela lábios finos e pálidos e músculos contraídos, uma boca que se esquecera de como se sorria e que nunca soubera como era rir. Por vezes, quando o mundo ficava muito quieto e silencioso de noite, o Mestre Cressen imaginava que conseguia ouvir o Lorde Stannis a ranger os dentes a meio castelo de distância.

— Em tempos, teríeis mandado acordar-me — disse o velho.

— Em tempos, fostes novo. Agora sois velho e doente e precisais de dormir. — Stannis nunca aprendera a suavizar o discurso, a disfarçar ou a lisonjear; dizia o que pensava, e quem não gostasse que se danasse. — Eu sabia que saberíeis em breve o que Davos tinha a dizer. É sempre assim, não é?

— Não vos seria de nenhuma utilidade se assim não fosse — disse Cressen. — Encontrei Davos na escada.

— E ele contou tudo, suponho? Devia ter encurtado a língua do homem junto com os dedos.

— Assim, fraco enviado seria.

— De qualquer forma foi fraco enviado. Os senhores da Tempestade não se levantarão por mim. Parece que não simpatizam comigo, e a justiça da minha causa não significa nada para eles. Os cobardes ficarão quietos atrás das suas muralhas à espera de ver como se ergue o vento e quem é provável que triunfe. Os corajosos já se declararam por Renly. Por Renly! — Cuspiu o nome como se fosse veneno que tivesse na língua.

— O vosso irmão tem sido senhor de Ponta Tempestade ao longo destes últimos treze anos. Esses senhores são seus vassalos ajuramentados...

— Seus — interrompeu Stannis — quando de direito deviam ser meus. Nunca pedi Pedra do Dragão. Nunca quis este castelo. Tomei-o porque os inimigos de Robert estavam aqui e ele me ordenou que os escorraçasse. Construí a sua frota e fiz o seu trabalho, obediente como um irmão mais novo deve ser para com um mais velho, como Renly devia ser comigo. E quais foram os agradecimentos de Robert? Nomeia-me Senhor de Pedra do Dragão e dá Ponta Tempestade e os seus rendimentos a Renly. Ponta Tempestade pertenceu à Casa Baratheon durante trezentos anos; de direito devia ter passado para mim quando Robert tomou o Trono de Ferro.

Era uma velha ofensa, profundamente sentida, e nunca antes tanto como agora. Aqui estava o coração da fraqueza do seu senhor; pois Pedra do Dragão, embora antiga e forte, detinha a lealdade de um punhado apenas de pequenos senhores, cujos domínios pedregosos e insulares tinham uma população demasiado escassa para fornecer os homens de que Stannis necessitava. Mesmo com os mercenários que trouxera do outro lado do Mar Estreito, das Cidades Livres de Myr e Lys, a hoste acampada junto às suas muralhas era muito mais pequena do que necessitava de ser para derrubar o poderio da Casa Lannister.

— Robert fez-vos uma injustiça — respondeu cuidadosamente o Mestre Cressen — mas tinha bons motivos. Pedra do Dragão era há muito a sede da Casa Targaryen. Ele precisava da força de um homem para governar aqui, e

Renly era apenas uma criança.

— Ele ainda é uma criança — declarou Stannis, com a ira a ressoar, sonora, no salão vazio —, uma criança ladra que pensa em surripiar-me a coroa da testa. Que fez Renly para ganhar um trono? Senta-se no conselho e troca gracejos com o Mindinho, e nos torneios enverga a sua magnífica armadura e permite que um homem melhor o derrube do cavalo. O meu irmão Renly é isto, o meu irmão que pensa que devia ser um rei. Pergunto-vos, porque me puniram os deuses com irmãos?

— Não posso responder pelos deuses.

— Pois a mim parece que nos dias que correm, é raro que respondeis de todo. Quem é o meistre de Renly? Talvez deva mandar buscá-lo, poderei gostar mais dos seus conselhos. Que julgais que este meistre disse quando o meu irmão decidiu roubar-me a coroa? Que conselho terá o vosso colega oferecido àquele traiçoeiro sangue do meu sangue?

— Surpreender-me-ia se Lorde Renly procurasse conselhos, Vossa Graça. — O mais novo dos três filhos de Lorde Steffron transformara-se num homem corajoso mas impetuoso, que agia por impulso e não por calculismo. Nisso, tal como em muitas outras coisas, Renly era como o irmão Robert e completamente diferente de Stannis.

— Vossa Graça — respondeu Stannis amargamente. — Troçais de mim com o tratamento devido a um rei, mas sou rei de quê? Pedra do Dragão e um punhado de rochedos no Mar Estreito, eis o meu reino. — Desceu os degraus da cadeira e parou junto da mesa, fazendo cair a sombra sobre a foz da Torrente da Água Negra e sobre a floresta pintada onde agora se erguia Porto Real. Ficou ali, a cismar sobre o território que pretendia reclamar, tão perto e no entanto tão longe. — Esta noite devo jantar com os senhores meus vassalos, aqueles que tenho. Celtigar, Velaryon, Bar Emmon, todo o miserável bando. Fraca colheita, em boa verdade, mas são aquilo que os meus irmãos me deixaram. Aquele pirata liseno, Salladhor Saan estará lá com o último total do que lhe devo, e Morosh, o mirano, advertir-me-á com conversas sobre marés e ventanias de Outono, enquanto o Lorde Sunglass resmunga piedosamente acerca da vontade dos Sete. Celtigar quererá saber quantos dos senhores da Tempestade se nos irão juntar. Velaryon ameaçará levar os seus recrutas para casa a menos que ataquemos de imediato. Que lhes hei-de dizer? Que devo fazer agora?

— Os vossos verdadeiros inimigos são os Lannister, senhor — respondeu o Meistre Cressen. — Se vós e o vosso irmão fizessem causa comum contra eles...

— Não negociarei com Renly — respondeu Stannis num tom que não admitia discussão. — Pelo menos enquanto ele chamar rei a si próprio.

— Nesse caso, com Renly não — cedeu o Mestre. O seu senhor era teimoso e orgulhoso; quando se decidia a alguma coisa, não havia maneira de o fazer mudar de ideias. — Outros poderão também servir às vossas necessidades. O filho de Eddard Stark foi proclamado Rei no Norte, e tem atrás de si todo o poderio de Winterfell e Correrrio.

— Um rapazinho verde — disse Stannis — e outro falso rei. Deverei aceitar um reino mutilado?

— Certamente que metade de um reino é melhor do que nada — disse Cressen — e se ajudardes o rapaz a vingar o assassinio do pai...

— Porque haveria eu de vingar Eddard Stark? O homem não me era nada. Oh, o Robert adorava-o, com certeza. Adorava-o como a um irmão, quantas vezes ouvi eu isso? Eu é que era o irmão dele, não o Ned Stark, mas pela maneira como me tratava, nunca o teríeis adivinhado. Defendi Ponta Tempestade em seu nome, vendo bons homens passar fome enquanto Mace Tyrell e Paxter Redwyne se banquetavam à vista das minhas muralhas. Ter-me-á Robert agradecido? Não. Agradeceu ao Stark, por romper o cerco quando estávamos reduzidos a ratazanas e rabanetes. Construí uma frota às ordens de Robert, tomei Pedra do Dragão em seu nome. Ter-me-á pegado na mão e dito, Muito bem, irmão, que faria eu sem ti? Não, culpou-me por ter deixado que Willem Derry raptasse Viserys e o bebé, como se eu tivesse podido impedi-lo. Sentei-me no seu conselho durante quinze anos, ajudando Jon Arryn a governar o reino enquanto Robert bebia e frequentava prostitutas, mas quando Jon morreu, será que o meu irmão me nomeou sua Mão? Não, partiu a galope para junto do seu querido amigo Ned Stark, e ofereceu-lhe essa honra. E de pouco valeu a qualquer deles.

— Seja como for, senhor — disse gentilmente o Mestre Cressen —, grandes injustiças foram cometidas contra vós, mas o passado é poeira. O futuro pode ainda ser conquistado se vos juntardes aos Stark. Há outros que também poderíeis sondar. E a Senhora Arryn? Se a rainha lhe assassinou o marido, ela certamente quererá obter justiça. Tem um filho novo, herdeiro de Jon Arryn. Se prometêsseis Shireen ao rapaz...

— O rapaz é fraco e enfermo — objectou o Lorde Stannis. — Mesmo o pai via como ele era quando me pediu para o criar em Pedra do Dragão. O serviço como pajem poderia ter-lhe feito bem, mas aquela maldita Lannister mandou envenenar o Lorde Arryn antes da coisa feita, e agora Lysa esconde-o no Ninho de Águia. Nunca se separará do rapaz, garanto-vos.

— Então tereis de enviar Shireen para o Ninho de Águia — sugeriu o Mestre. — Pedra do Dragão é um lar lúgubre para uma criança. Deixai que o bobo vá com ela, para que tenha por perto uma cara familiar.

— Familiar e medonha. — Stannis franziu o sobrolho enquanto reflectia.

— Mesmo assim... talvez valha a pena tentar...

— Deverá o Senhor de direito dos Sete Reinos suplicar a ajuda de viúvas e usurpadores? — perguntou penetrantemente uma voz de mulher.

O Meistre Cressen virou-se e inclinou a cabeça.

— Minha senhora — disse, desgostoso por não a ter ouvido entrar.

O Lorde Stannis carregou o olhar.

— Eu não suplico. De ninguém. Procura lembrar-te disto, mulher.

— Agrada-me ouvi-lo, senhor. — A Senhora Selyse era tão alta como o marido, com um corpo magro e uma cara magra, orelhas proeminentes, um nariz afiado, e a mais leve sugestão de um bigode no lábio superior. Arrancava os pêlos todos os dias e amaldiçoava-os regularmente, mas nunca deixavam de regressar. Os seus olhos eram claros, a boca severa, a voz um chicote. Agora, fazia-o estalar. — A Senhora Arryn deve-vos lealdade, tal como os Stark, o vosso irmão Renly e todos os outros. Sois vós o seu rei verdadeiro. Não seria adequado argumentar e negociar com eles aquilo que é vosso por direito, pela graça de deus.

Deus, disse ela, e não deuses. A mulher vermelha conquistara-a, de alma e coração, afastando-a dos deuses dos Sete Reinos, tanto os velhos como os novos, para adorar aquele a que chamavam Senhor da Luz.

— O vosso deus pode ficar com a sua graça — disse o Lorde Stannis, que não partilhava a fervente nova fé da mulher. — É de espadas que eu preciso, não de bênçãos. Tereis escondido em algum sítio um exército de que não me tenhais falado? — Não havia afecto no seu tom de voz. Stannis sempre se sentira desconfortável junto das mulheres, até mesmo da sua própria esposa. Quando partira para Porto Real a fim de integrar o conselho de Robert, deixara Selyse em Pedra do Dragão com a filha. As cartas tinham sido escassas, as visitas mais ainda; cumpria o seu dever de marido na cama uma ou duas vezes por ano, mas não retirava disso qualquer prazer, e os filhos que em tempos esperara nunca tinham chegado.

— Os meus irmãos, tios e primos têm exércitos — disse-lhe ela. — A Casa Florent juntar-se-á à vossa bandeira.

— A Casa Florent pode pôr em campo, no máximo, duas mil espadas. — Dizia-se que Stannis conhecia a força de cada Casa dos Sete Reinos. — E vós tendes bastante mais fé nos vossos irmãos e tios do que eu, minha senhora. As terras dos Florent ficam demasiado próximas de Jardim de Cima para que o senhor vosso tio se arrisque a despertar a ira de Mace Tyrell.

— Há outra forma. — A Senhora Selyse aproximou-se. — Olhai pelas vossas janelas, senhor. Ali está o sinal por que esperáveis, estampado no céu. É vermelho, o vermelho da chama, o vermelho do coração flamejante do verdadeiro deus. É o seu estandarte... e o vosso! Vede como se desenrola

pelos céus como o sopro quente de um dragão, e vós sois Senhor de Pedra do Dragão. Significa que a vossa hora chegou, Vossa Graça. Nada há de mais certo. Estais destinado a zarpar deste rochedo desolado como Aegon, o Conquistador, zarpou um dia, para varrer todos à vossa frente como ele fez. Basta que digais uma palavra, e acolhais o poder do Senhor da Luz.

— Quantas espadas porá o Senhor da Luz nas minhas mãos? — quis de novo saber Stannis.

— Todas as que vos fizerem falta — prometeu a mulher. — As espadas de Ponta Tempestade e de Jardim de Cima, para começar, e de todos os senhores seus vassalos.

— Davos dir-vos-ia outra coisa — disse Stannis. — Essas espadas estão ajuramentadas a Renly. Adoram o meu encantador e jovem irmão como anteriormente adoravam Robert... e como nunca me adoraram a mim.

— Sim — respondeu ela —, mas se Renly morresse...

Stannis olhou a sua senhora estreitando os olhos, até que Cressen não conseguiu dominar a língua.

— Não se deve pensar em tal coisa. Vossa Graça, sejam quais forem as loucuras que Renly cometeu...

— Loucuras? Eu chamo-lhes traições. — Stannis voltou a virar-se para a mulher. — O meu irmão é jovem e forte, e tem uma vasta hoste em seu redor e aqueles seus cavaleiros do Arco-Íris.

— Melisandre estudou as chamas, e viu-o morto.

Cressen ficou horrorizado.

— Fratricídio... senhor, isso é uma maldade, impensável... por favor, escutai-me.

A Senhora Selyse deitou-lhe um olhar medido.

— E que lhe diríeis vós, Mestre? Como ele poderá conquistar metade de um reino se for ter com os Stark de joelhos e vender a nossa filha a Lysa Arryn?

— Já ouvi os vossos conselhos, Cressen — disse o Lorde Stannis. — Agora ouvirei os dela. Estais dispensado.

O Mestre Cressen dobrou um joelho rígido. Consequia sentir os olhos da Senhora Selyse nas suas costas enquanto arrastava lentamente os pés pela sala fora. Quando chegou ao fundo da escada, só com grande dificuldade se conseguia manter de pé.

— Ajuda-me — disse a Pylos.

Depois de estar de novo a salvo nos seus aposentos, Cressen mandou embora o homem mais novo e coxeou até à varanda uma vez mais, para se juntar às suas gárgulas e observar o mar. Um dos navios de guerra de Salladhor Saan passava pelo castelo, com o casco pintado em cores alegres, a

abrir as águas cinzentas-esverdeadas enquanto os remos subiam e desciam. Ficou a olhá-lo até que desapareceu atrás de um promontório. Gostaria que os meus temores desaparecessem assim tão facilmente. Teria vivido tanto tempo para isto?

Quando um mestre colocava o seu colar, punha de lado a esperança de ter filhos, mas, apesar disso, Cressen sentira-se frequentemente como um pai. Robert, Stannis, Renly... três filhos que educara depois de o mar em fúria ter reclamado o Lorde Steffron. Teria feito tão mau trabalho que agora seria forçado a ver um deles matar o outro? Não podia permiti-lo, não iria permiti-lo.

A mulher era a chave. Não a Senhora Selyse, a outra. A mulher vermelha, como os criados a apelidaram, com medo de lhe dizer o nome.

— Eu direi o seu nome — disse Cressen ao seu mastim do inferno de pedra. — Melisandre. Ela. — Melisandre de Asshai, feiticeira, umbromante, e sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Melisandre, cuja loucura não podia ser deixada espalhar-se para lá de Pedra do Dragão.

Os aposentos pareciam sombrios e lúgubres depois do brilho da manhã. Com mãos tateantes, o velho acendeu uma vela e levou-a para a sala de trabalho sob a escada do viveiro, onde os seus unguentos, poções e medicamentos se encontravam ordenadamente arrumados nas prateleiras. Na prateleira de baixo, por detrás de uma fileira de bálsamos guardados em atarracadas vasilhas de barro, encontrou um frasco de vidro anil que não era maior do que o seu dedo mindinho. Chocalhava quando o abanava. Cressen soprou uma camada de pó e levou-o para a mesa. Deixando-se cair na cadeira, tirou a rolha de vidro e despejou o conteúdo do frasco. Uma dúzia de cristais, não maiores do que sementes, tamborilaram no pergaminho que estivera a ler. Brilhavam como jóias à luz da vela, de um tom de púrpura tão verdadeiro que o Mestre deu por si a pensar que nunca tinha antes visto realmente a cor.

A corrente em torno do pescoço parecia-lhe muito pesada. Tocou ligeiramente num dos cristais com a ponta do mindinho. Que pequena é esta coisa para conter o poder da vida e da morte. Era feito de uma certa planta que crescia apenas nas ilhas do Mar de Jade, a meio mundo de distância. As folhas tinham de ser envelhecidas e embebidas numa loção de visgo, água de açúcar e certas especiarias raras vindas das Ilhas do Verão. Depois podiam ser deitadas fora, mas a poção tinha de ser engrossada com cinza e deixada cristalizar. O processo era lento e trabalhoso, e os ingredientes dispendiosos e difíceis de adquirir. Mas os alquimistas de Lys conheciam-no, bem como os Homens Sem Cara de Bravos... e os mestres da sua Ordem, se bem que não fosse algo de que se falasse para lá das muralhas da Cidadela. O mundo

inteiro sabia que um mestre forjava o seu elo de prata quando aprendia as artes curativas... mas o mundo preferia esquecer que os homens que sabiam curar também sabiam matar.

Cressen já não se lembrava do nome que os asshai'i davam à folha, ou os envenenadores de Lys ao cristal. Na Cidadela, era simplesmente chamado “o estrangulador”. Dissolvido em vinho, faria os músculos da garganta de um homem cerrar-se com mais força do que qualquer punho, fechando-lhe a traqueia. Dizia-se que a cara da vítima se tornava tão púrpura como a pequena semente de cristal de onde nascera a sua morte, mas o mesmo acontecia a um homem que sufocasse com um bocado de comida.

E naquela mesma noite, o Lorde Stannis iria oferecer um banquete aos seus vassalos, à senhora sua esposa... e à mulher vermelha, Melisandre de Asshai.

Tenho de descansar, disse o Mestre Cressen a si próprio. Tenho de estar na posse de todas as minhas forças quando chegar a noite. As minhas mãos não podem tremer, a minha coragem não pode fraquejar. É uma coisa horrível, mas tem de ser feita. Se existirem deuses, certamente me perdoarão. Tinha andado a dormir tão mal ultimamente. Uma sesta refrescá-lo-ia para a provação que o esperava. Fatigadamente, cambaleou até à cama. Mas quando fechou os olhos, conseguia ainda ver a luz do cometa, vermelha, foga e brilhantemente viva por entre a escuridão dos seus sonhos. Talvez seja o meu cometa, pensou sonolentemente por fim, mesmo antes de ser tomado pelo sono. Um presságio de sangue, predizendo o assassinio... sim...

Quando acordou, era noite cerrada, tinha o quarto negro e cada articulação do seu corpo doía. Cressen sentou-se com esforço, sentindo a cabeça a latejar. Agarrando com força a bengala, pôs-se instavelmente em pé. Tão tarde, pensou. Não me chamaram. Era sempre chamado para os banquetes, e sentava-se perto do sal, junto de Lorde Stannis. O rosto do seu senhor oscilou na sua frente, não o do homem que era, mas o do rapaz que fora, em pé, ao frio e na sombra, enquanto o Sol jorrava sobre o irmão mais velho. Fizesse o que fizesse, Robert fizera primeiro, e melhor. Pobre rapaz... tinha de apressar-se, a bem dele.

O mestre encontrou os cristais onde os deixara e recolheu-os de cima do pergaminho. Cressen não tinha anéis ocos, daqueles que se dizia que os envenenadores de Lys preferiam, mas uma miríade de bolsos, grandes e pequenos, tinham sido cosidos do lado de dentro das grandes mangas da sua toga. Escondeu as sementes de estrangulador num deles, abriu a porta com força e chamou:

— Pylos? Onde estás? — Quando não obteve resposta, voltou a chamar, mais alto. — Pylos, preciso de ajuda. — Continuou a não haver resposta. Era

estranho; o jovem meistre tinha a cela apenas a meia volta mais abaixo, na escada, bem ao alcance da sua voz.

Por fim, Cressen foi forçado a chamar os criados.

— Apressai-vos — disse-lhes. — Dormi demasiado. Por esta altura já estão no banquete... a beber... Devia ter sido acordado. — Que teria acontecido ao Meistre Pylos? Realmente não compreendia.

De novo teve de atravessar a longa galeria. Um vento nocturno sussurrava através das grandes janelas, trazendo consigo o cheiro vivo do mar. Archotes tremeluziam ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, e no acampamento que se estendia para lá delas, conseguia ver centenas de fogueiras para cozinhar a arder, como se um campo de estrelas tivesse caído sobre a terra. No alto, o cometa refulgia, vermelho e malévolo. Sou demasiado velho e sábio para temer coisas destas, disse o Meistre a si próprio.

As portas que abriam para o Grande Salão tinham sido instaladas na boca de um dragão de pedra. Disse aos criados para o deixarem do lado de fora. Seria melhor entrar só; não devia aparentar fraqueza. Apoiando-se pesadamente na bengala, Cressen subiu o último punhado de degraus e coxeou por baixo dos dentes da entrada. Um par de guardas abriu as pesadas portas vermelhas à sua frente, libertando uma súbita explosão de som e de luz. Cressen penetrou no estômago do dragão.

Por sobre o tinir das facas e dos pratos e do profundo burburinho das conversas de mesa, ouviu o Cara-Malhada a cantar "... dançar, senhor, dançar, senhor" acompanhado por badalos sem harmonia. A mesma canção horrível que cantara de manhã. "As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor." As mesas inferiores estavam apinhadas de cavaleiros, arqueiros e capitães de mercenários, desfazendo nacos de pão negro para o ensopar nos seus estufados de peixe. Ali, não havia risos sonoros, nem gritos obscenos como os que desfiguravam a dignidade dos banquetes de outros homens; o Lorde Stannis não permitia tais coisas.

Cressen abriu caminho na direcção da plataforma elevada onde os senhores se sentavam com o rei. Teve de fazer um desvio em volta de Cara-Malhada. Dançando, com os badalos a tocar, o bobo não o viu nem ouviu os seus passos. Enquanto saltitava de uma perna para a outra, Cara-Malhada guinou sobre Cressen, pontapeando a bengala e fazendo-a fugir de debaixo do Meistre. Tombaram juntos sobre as esteiras, num emaranhado de braços e pernas, enquanto uma súbita explosão de riso se ergueu à volta deles. Não havia dúvida de que o espectáculo era cómico.

Cara-Malhada estatelou-se meio por cima do Meistre, com a sua cara tatuada de bobo comprimida contra a de Cressen. Perdera o elmo de estanho com as hastes e badalos.

— Debaixo do mar, caímos para cima — declarou. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Aos risinhos, o bobo rolou para longe, pôs-se em pé de um salto e executou uma pequena dança.

Tentando tirar o melhor proveito da situação, o Mestre fez um frágil sorriso e esforçou-se para se erguer, mas sentia tantas dores na anca que por um momento chegou a temer tê-la partido de novo. Sentiu-se a ser agarrado por baixo dos braços por mãos fortes que o puseram em pé.

— Obrigado, sor — murmurou, virando-se para ver qual dos cavaleiros viera em sua ajuda...

— Mestre — disse a Senhora Melisandre, com a voz profunda temperada com a música do Mar de Jade. — Devíeis tomar mais cuidado. — Como sempre, vestia-se de vermelho dos pés à cabeça, com um longo vestido largo de leve seda brilhante como fogo, com longas mangas pendentes e profundos cortes no corpete que deixavam ver relances de um tecido mais escuro, vermelho de sangue, que trazia por baixo. Em torno da garganta, trazia uma gargantilha de ouro vermelho, mais apertada do que qualquer corrente de mestre, ornamentada com um único grande rubi. O cabelo não era da cor alaranjada ou cor de morango dos ruivos comuns, mas de um profundo acobreado lustroso que brilhava à luz dos archotes. Até os seus olhos eram vermelhos... mas a pele era lisa e branca, sem manchas, alva como natas. E era esguia, graciosa, mais alta do que a maior parte dos cavaleiros, com seios fartos, cintura estreita e um rosto em forma de coração. Os olhos dos homens que a encontravam não se afastavam facilmente, nem mesmo os de um mestre. Muitos diziam que era bela. Não era bela. Era vermelha, e terrível, e vermelha.

— Eu... agradeço-vos, senhora.

— Um homem da vossa idade deve ver onde põe os pés — disse cortesmente Melisandre. — A noite é escura e cheia de terrores.

Conhecia a frase, uma prece qualquer da sua fé. Não importa, eu tenho uma fé própria.

— Só as crianças temem a escuridão — disse-lhe. Mas mesmo enquanto proferia aquelas palavras, ouviu o Cara-Malhada retomar de novo a sua canção “As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor.”

— Ora aí está um mistério — disse Melisandre. — Um bobo esperto e um sábio pateta. — Dobrando-se, ergueu do chão o elmo de Cara-Malhada e colocou-o na cabeça de Cressen. Os badalos ressoaram suavemente quando o balde de estanho lhe deslizou sobre as orelhas. — Uma coroa que combina com a vossa corrente, Senhor Mestre — anunciou ela. A toda a volta, havia homens a rir.

Cressen apertou os lábios e lutou para controlar a ira. Ela pensava que ele era frágil e impotente, mas iria aprender que não era assim antes de a noite acabar. Podia ser velho, mas ainda era um mestre da Cidadela.

— Não necessito de coroa alguma além da verdade — disse-lhe, tirando o elmo do bobo da cabeça.

— Há verdades neste mundo que não se ensinam em Vilavelha. — Melisandre virou-lhe as costas num redemoinho de seda vermelha e abriu caminho de regresso à mesa elevada, onde se encontrava o Rei Stannis e a sua rainha. Cressen entregou o balde de estanho com as hastes a Cara-Malhada, e fez um movimento para a seguir.

O Mestre Pylos estava sentado no seu lugar.

O velho só pôde parar e ficar a olhar.

— Mestre Pylos — disse por fim. — Vós... vós não me haveis acordado.

— Sua Graça ordenou-me que vos deixasse repousar. — Pylos mostrou pelo menos a cortesia de corar. — Disse-me que não éreis necessário aqui.

Cressen observou os cavaleiros, capitães e senhores que se sentavam em silêncio. Lorde Celtigar, idoso e amargo, vestia um manto com um padrão de caranguejos vermelhos realçados com granadas. O bem-parecido Lorde Velaryon escolhera seda verde-mar, com o cavalo-marinho de ouro branco que trazia à garganta a combinar com o seu longo cabelo claro. O Lorde Bar Emmon, esse roliço rapaz de catorze anos, estava coberto de veludo púrpura debruado com pele de foca branca, Sor Axell Florent permanecia modesto mesmo vestido de castanho e de pele de raposa, o piedoso Lorde Sunglass usava selenite na garganta, no pulso e nos dedos, e o capitão liseno Salladhor Saan era um esplendor de cetim escarlate, ouro e jóias. Só Sor Davos se vestia simplesmente, com um gibão castanho e um manto de lã verde, e só Sor Davos lhe enfrentou o olhar, com piedade nos olhos.

— Estais demasiado doente e confuso para me serdes útil, velho. — Soava tanto como a voz de Lorde Stannis, mas não podia ser, não podia. — Daqui em diante, Pylos aconselhar-me-á. Já lida com os corvos, uma vez que já não sois capaz de subir até ao viveiro. Não deixarei que vos mateis ao meu serviço.

O Mestre Cressen pestanejou. Stannis, meu senhor, meu triste rapaz carrancudo, filho que nunca tive, não podes fazer isto, não sabes como me preocupeis contigo, vivi para ti, te amei apesar de tudo? Sim, amei-te, mais até do que a Robert, ou a Renly, pois tu eras o mal-amado, aquele que mais precisava. Mas tudo o que disse foi:

— Às vossas ordens, senhor, mas... mas tenho fome. Poderia ocupar um lugar à vossa mesa? — A teu lado, o meu lugar é a teu lado...

Sor Davos levantou-se do banco.

— Ficaria honrado se o Mestre se sentasse aqui a meu lado, Vossa Graça.

— Como quiserdes. — Lorde Stannis virou-se para dizer qualquer coisa a Melisandre, que se tinha sentado do seu lado direito, no lugar de grande honra. A Senhora Selyse estava à sua esquerda, ostentando um sorriso tão brilhante e anguloso como as suas jóias.

Longe de mais, pensou Cressen, atordoado, olhando para onde Sor Davos estava sentado. Metade dos senhores vassalos interpunha-se entre o contrabandista e a mesa elevada. Tenho de ficar mais perto dela, se quiser pô-lhe o estrangulador na taça, mas como?

O Cara-Malhada andava a cabriolar por ali enquanto o Mestre abria o seu lento caminho em volta da mesa até Davos Seaworth.

— Aqui comemos peixe — declarou o bobo em tom feliz, brandindo um bacalhau como se fosse um ceptro. — Debaixo do mar, os peixes comem-nos a nós. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Sor Davos deslocou-se para o lado, a fim de arranjar lugar no banco.

— Hoje devíamos estar todos vestidos às cores — disse ele lugubremente quando Cressen se sentou — pois o que estamos a fazer é coisa de bobo. A mulher vermelha viu vitória nas suas chamas, e portanto Stannis tenciona insistir na sua pretensão, sem se importar com os números. Temo que antes de ela terminar, é provável que todos vejamos o que o Cara-Malhada viu... o fundo do mar.

Cressen enfiou as mãos nas mangas, como se procurasse aquecê-las. Os dedos encontraram as protuberâncias que os cristais faziam na lã.

— Lorde Stannis.

Stannis afastou o olhar da mulher vermelha, mas foi Selyse quem respondeu.

— Rei Stannis. Esqueceis-vos do vosso lugar, Mestre.

— Ele é velho, a sua mente divaga — disse-lhe o rei num tom rabugento. — Que se passa, Cressen? Dizei o que estais a pensar.

— Visto que tencionais zarpar, é vital que façais causa comum com o Lorde Stark e a Senhora Arryn...

— Não faço causa comum com ninguém — disse Stannis Baratheon.

— Tal como a luz não faz causa comum com a escuridão. — A Senhora Selyse tomou-lhe a mão.

Stannis concordou com um aceno.

— Os Stark procuram roubar-me metade do reino, tal como os Lannister me roubaram o trono e o meu querido irmão as espadas, servidores e castros que são meus de direito. São todos usurpadores, e são todos meus inimigos.

Perdi-o, pensou Cressen, desesperando. Se ao menos conseguisse de

algum modo aproximar-se de Melisandre sem ser visto... não precisava de mais do que de um instante de acesso à sua taça.

— Sois o herdeiro legítimo do vosso irmão Robert, o verdadeiro Senhor dos Sete Reinos, e Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens — disse desesperadamente — mas mesmo assim, não podeis ter esperança de triunfar sem aliados.

— Ele tem um aliado — disse a Senhora Selyse. — R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração do Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

— Os deuses são, na melhor das hipóteses, aliados incertos — insistiu o velho — e esse não tem poder algum aqui.

— Julgais que não? — O rubi que Melisandre usava à garganta capturou a luz quando ela virou a cabeça, e por um instante pareceu brilhar tão luminoso como o cometa. — Se proferis tal tolice, Mestre, devíeis voltar a colocar a vossa coroa.

— Sim — concordou a Senhora Selyse. — O elmo do Malhas. Fica-vos bem, velho. Voltai a colocá-lo, ordeno-vos.

— Debaixo do mar ninguém usa chapéus — disse o Cara-Malhada. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Os olhos de Lorde Stannis estavam na sombra das suas pesadas sobrancelhas, e tinha a boca apertada enquanto o maxilar trabalhava em silêncio. Rangia sempre os dentes quando se zangava.

— Bobo — rosnou por fim —, a senhora minha esposa ordena. Dá o elmo a Cressen.

Não, pensou o velho mestre, este não és tu, não são estes os teus modos, sempre foste justo, sempre duro mas nunca cruel, nunca, não compreendias a troça melhor do que compreendias o riso.

O Cara-Malhada aproximou-se a dançar, fazendo soar os badalos, clang-a-clang, ding-ding, clinc-clanc-clinc-clanc. O Mestre ficou sentado, em silêncio, enquanto o bobo lhe depositava o balde guarnecido de hastes na cabeça. Cressen baixou a cabeça com o peso. Os badalos ressoaram.

— Ele daqui para a frente talvez deva cantar os seus conselhos — disse a Senhora Selyse.

— Ides longe de mais, mulher — disse o Lorde Stannis. — É um velho, e serviu-me bem.

E servir-te-ei até ao fim, meu querido senhor, meu pobre filho solitário, pensou Cressen, pois de súbito encontrou uma maneira. Tinha a taça de Sor Davos à sua frente, ainda meio cheia de tinto amargo. Encontrou uma dura lasca de cristal na manga, e apertou-a bem entre o indicador e o polegar enquanto estendia a mão para a taça. Movimentos tranquilos, hábeis, agora não posso atrapalhar-me, rezou, e os deuses mostraram-se bondosos. Num

piscar de olhos, os dedos ficaram vazios. Havia anos que não tivera as mãos tão firmes, nem com metade da fluidez. Davos viu, mas mais ninguém, tinha a certeza. De taça na mão, pôs-se em pé.

— Talvez tenha sido um tolo. Senhora Melisandre, quereis partilhar comigo uma taça de vinho? Uma taça em honra do vosso deus, o vosso Senhor da Luz? Uma taça para brindar ao seu poder?

A mulher vermelha estudou-o.

— Se quiserdes.

Podia sentir todos a observá-lo. Davos agarrou-o quando se levantou do banco, prendendo-lhe a manga com os dedos que Lord Stannis tinha encurtado.

— Que estais a fazer? — sussurrou.

— Uma coisa que tem de ser feita — respondeu o Mestre Cressen — a bem do reino e da alma do meu senhor. — Sacudiu a mão de Davos, derramando uma gota de vinho nas esteiras.

Encontraram-se sob a mesa elevada, com os olhos de todos os homens postos neles. Mas Cressen só a via a ela. Seda vermelha, olhos vermelhos, o rubi vermelho na garganta, lábios vermelhos encurvados num ténue sorriso quando colocou a mão sobre a dele, em torno da taça. A pele dela pareceu-lhe quente, febril.

— Não é tarde de mais para derramar o vinho, Mestre.

— Não — disse ele com um murmúrio enrouquecido. — Não.

— Como quiserdes. — Melisandre de Asshai tirou-lhe a taça das mãos e bebeu longa e profundamente. Quando a devolveu, restava apenas meio gole de vinho no fundo. — E agora vós.

Cressen tinha as mãos a tremer, mas obrigou-se a ser forte. Um mestre da Cidadela não devia ter medo. Sentiu o vinho amargo na língua. Deixou a taça vazia cair-lhe dos dedos e ir estilhaçar-se no chão.

— Ele tem poder aqui, senhor — disse a mulher. — E o fogo purifica. — Na sua garganta, o rubi cintilava, vermelho.

Cressen tentou responder, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. A sua tosse transformou-se num terrível assobio agudo quando tentou inspirar ar. Dedos de ferro apertaram-se-lhe em torno do pescoço. Quando caiu de joelhos, ainda abanava a cabeça, negando-a, negando o seu poder, negando a sua magia, negando o seu deus. E os badalos retiniam-lhe nas hastes, cantando tolo, tolo, tolo enquanto a mulher vermelha o olhava com piedade, e as chamas das velas dançavam nos seus olhos tão, tão vermelhos.

Em Winterfell tinham-lhe chamado “Arya Cara-de-Cavalo” e ela pensara que nada podia ser pior, mas isso foi antes de o órfão Lommy Mãos-Verdes a ter alcunhado de “Cabeça-de-Grão”.

A cabeça parecia ter grãos quando lhe tocava. Quando Yoren a arrastara para aquele beco, julgara que ele pretendia matá-la, mas o amargo velho limitara-se a segurá-la bem, e a abrir caminho com o punhal pelas suas madeixas emaranhadas. Lembrava-se de como a brisa soprara as mãos-cheias de sujo cabelo castanho sobre as pedras do pavimento, em direcção ao septo onde o pai morrera.

— Estou a levar homens e rapazes da cidade — resmungara Yoren enquanto o aço aguçado lhe raspava a cabeça. — Agora fica quieto, rapaz. — Quando terminara, nada tinha na cabeça além de tufo de cabelos cortados curtos.

Mais tarde, dissera-lhe que dali até Winterfell seria Arry, o órfão.

— O portão não há-de ser difícil, mas a estrada é outra coisa. Tens muito caminho a andar em más companhias. Desta vez tenho trinta, homens e rapazes, todos a caminho da Muralha, e não penses que são como aquele teu irmão bastardo. — E abanara-a. — O Lorde Eddard deixou-me escolher nas masmorras, e lá em baixo não encontrei nenhum fidalgo. Estes tipos, metade entregava-te à rainha tão depressa como cospem em troca de um perdão e se calhar umas quantas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te violava primeiro. Por isso mete-te contigo e verte águas na floresta, sozinha. Isso há-de ser o mais difícil, o xixi, por isso não bebas mais do que precisas.

Deixar Porto Real foi fácil, como ele dissera. Os guardas Lannister ao portão estavam a mandar parar toda a gente, mas Yoren chamou um deles pelo nome e as carroças em que seguiam foram mandadas avançar com um gesto. Ninguém deitou sequer um relance a Arya. Andavam à procura de uma rapariga bem-nascida, filha da Mão do Rei, não de um rapaz magricela com o cabelo cortado. Arya não olhou para trás. Gostaria que a Torrente transbordasse e levasse a cidade inteira, o Fundo das Pulgas, a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo, tudo, e toda a gente também, especialmente o Príncipe Joffrey e a sua mãe. Mas sabia que isso não aconteceria, e, fosse como fosse, Sansa ainda estava na cidade e seria levada também. Quando se lembrou disso, Arya decidiu que o melhor era desejar chegar a Winterfell.

Mas Yoren enganara-se sobre o xixi. Não era a parte mais difícil; a parte

mais difícil era Lommy Mãos-Verdes e o Tarte Quente. Órfãos. Yoren pescara alguns das ruas com promessas de comida para as barrigas e sapatos para os pés. O resto, encontrara a ferros.

— A Patrulha precisa de bons homens — dissera-lhes quando se puseram a caminho — mas vós tereis que servir.

Yoren também tirara homens feitos das masmorras, ladrões, caçadores furtivos, violadores e quejandos. Os piores eram os três que encontrara nas celas negras, que até a ele deviam assustar porque os mantinha agrilhoados de pés e mãos na parte de trás de uma carroça, e garantia que os manteria a ferros ao longo de todo o caminho até à Muralha. Um deles não tinha nariz, apresentando apenas um buraco na cara onde o apêndice lhe fora cortado, e o careca gordo com dentes pontiagudos e chagas húmidas nas bochechas tinha uns olhos que nada tinham de humano.

Saíram de Porto Real com cinco carroças, carregadas com abastecimentos para a Muralha: peles e molhos de tecido, barras de ferro-gusa, uma gaiola de corvos, livros, papel e tinta, um fardo de folhamarga, vasilhas de óleo e arcas de medicamentos e especiarias. Parelhas de cavalos de tracção puxavam as carroças, e Yoren comprara dois corcéis e meia dúzia de burros para os rapazes. Arya teria preferido um cavalo verdadeiro, mas o burro era melhor do que seguir numa carroça.

Os homens não lhe prestavam atenção, mas não tinha a mesma sorte com os rapazes. Era dois anos mais nova do que o órfão mais novo, e era também mais pequena e mais magra, e Lommy e o Tarte Quente julgavam que o seu silêncio significava que estava assustada, ou que era estúpida ou surda.

— Olha para aquela espada que o Cabeça-de-Grão ali tem — disse Lommy uma manhã enquanto abriam o seu penoso caminho por entre pomares e campos de trigo. Fora aprendiz de tintureiro antes de ser apanhado a roubar, e tinha os braços pintalgados de verde até ao cotovelo. Quando se ria, zurrava como os burros que montavam. — Onde é que um rato de sarjeta como o Cabeça-de-Grão arranjou uma espada?

Arya mordeu o lábio, carrancuda. Podia ver as costas do manto negro desbotado de Yoren à frente das carroças, mas estava decidida a não ir choramingar para junto dele em busca de ajuda.

— Se calhar é um escudeirozinho — sugeriu o Tarte Quente. A mãe fora padeira até morrer, e ele passara os dias inteiros a empurrar o carrinho de mão pelas ruas, gritando “Tartes quentes! Tartes quentes!” — Um escudeirozinho de um senhorzeco, é isso.

— Ele não é escudeiro nenhum, olha p’ra ele. Aposto que aquilo nem é uma espada de verdade. Aposto que é uma espada de brincar feita de estanho.

Arya detestava que troçassem da Agulha.

— É aço forjado em castelo, seu estúpido — exclamou, virando-se na sela para os olhar — e é melhor que cales a boca.

Os órfãos assobiaram.

— Onde arranjaste tu uma arma como essa, Cara-de-Grão? — quis saber o Tarte Quente.

— É Cabeça-de-Grão — corrigiu Lommy. — O mais certo é que a roubou.

— Não roubei nada! — gritou ela. Jon Snow dera-lhe a Agulha. Talvez tivesse de deixar que lhe chamassem Cabeça-de-Grão, mas não ia deixar que chamassem ladrão a Jon.

— Se a roubou, podíamos tirá-la — disse o Tarte Quente. — De qualquer maneira não é dele. Eu não me importava de ter uma espada daquelas.

Lommy incitou-o.

— Vá lá, tira-a, não eras capaz.

O Tarte Quente deu com os calcanhares no burro, aproximando-se.

— Eh, Cabeça-de-Grão, dá cá essa espada. — Tinha o cabelo da cor da palha e a cara gorda queimada pelo Sol e a descamar. — Não sabes usá-la.

Sei, sim, podia ter dito Arya. Matei um rapaz, um rapaz gordo como tu. Dei-lhe uma estocada na barriga e ele morreu, e mato-te também se não me deixares em paz. Mas não se atreveu. Yoren nada sabia sobre o ajudante de estrebria, e ela temia o que ele faria se descobrisse. Arya tinha a certeza de que alguns dos outros homens também eram assassinos, os três das grilhetas, seguramente, mas a rainha não andava à procura deles, por isso não era a mesma coisa.

— Olha p'ra ele — zurrou Lommy Mãos-Verdes. — Aposto que vai desatar a chorar. Queres chorar, Cabeça-de-Grão?

Arya chorara durante o sono na noite anterior, sonhando com o pai. Ao chegar a manhã, acordara de olhos vermelhos e secos, e não teria sido capaz de derramar outra lágrima, nem que a sua vida dependesse disso.

— Vai molhar as calças — sugeriu o Tarte Quente.

— Deixem-no em paz — disse o rapaz com o cabelo negro hirsuto, que cavalgava atrás. Lommy chamara-lhe Touro, devido àquele elmo com cornos que tinha e que andava sempre a polir mas nunca usava. Lommy não se atrevia a troçar do Touro. Era mais velho, e grande para a idade, com um peito largo e braços de aspecto forte.

— É melhor dares a espada ao Tarte Quente, Arry — disse Lommy. — O Tarte Quente deseja-a muito. Matou um rapaz ao pontapé. Aposto que vai fazer o mesmo contigo.

— Atirei-o ao chão e pontapeei-o nos tomates, e continuei a pontapeá-lo até estar morto — vangloriou-se o Tarte Quente. — Desfiz o tipo ao pontapé.

Ficou com os tomates abertos e sangrentos e a picha preta. É melhor dares-me a espada.

Arya puxou a espada de treino do cinto.

— Podes ficar com esta — disse a Tarte Quente, sem querer lutar.

— Isso é só um pau qualquer. — O rapaz aproximou-se e tentou alcançar o cabo da Agulha.

Arya fez o pau assobiar ao bater com a madeira nos quartos traseiros do burro dele. O animal soltou um zurro e deu um salto, arqueando o dorso e atirando Tarte Quente ao chão. Arya deu meia volta ao seu burro e espetou o pau na barriga do rapaz quando este se tentava levantar, obrigando-o a voltar a sentar-se com um grunhido. Então, bateu-lhe na cara, e o nariz dele fez um estalido que era como um ramo a partir-se. Sangue escorreu-lhe das narinas. Quando Tarte Quente começou a lamentar-se, Arya virou-se para Lommy Mãos-Verdes, que continuava montado no burro, de boca aberta.

— Também queres um pouco de espada? — gritou, mas ele não queria. Ergueu em frente da cara umas mãos pintadas de verde e guinchou-lhe que se afastasse.

O Touro gritou:

— Atrás de ti — e Arya rodopiou. Tarte Quente estava de joelhos, com o punho a fechar-se em volta de uma grande pedra irregular. Arya deixou que a atirasse, baixando a cabeça quando a pedra passou. Depois saltou-lhe para cima. Ele levantou uma mão e ela bateu-lhe na mão, e depois na cara, e depois no joelho. Ele tentou agarrá-la, e ela afastou-se a dançar e deu-lhe com a madeira na nuca. Ele caiu, levantou-se e tropeçou atrás dela, com a cara vermelha toda manchada de terra e sangue. Arya adoptou uma pose de dançarina de água e esperou. Quando ele chegou suficientemente perto, atirou-lhe uma estocada, mesmo no meio das pernas, com tanta força que se a espada de madeira tivesse uma ponta, ter-lhe-ia saído por entre as nádegas.

Quando Yoren a puxou de cima dele, Tarte Quente estava estatelado no chão, com os calções castanhos e malcheirosos, chorando enquanto Arya lhe batia e voltava a bater.

— Basta — rugiu o irmão negro, arrancando-lhe a espada de madeira dos dedos —, queres matar esse palerma? — Quando Lommy e alguns dos outros começaram a chiar, o velho virou-se também para eles. — Calem vocês também as bocas, senão sou eu que as calo. Se vir mais disto, ato-os a todos atrás das carroças e arrasto-os até à Muralha. — Cuspiu. — E isto vai em dobro para ti, Arry. Anda comigo, rapaz. Já.

Estavam todos a olhar para ela, até os três acorrentados e agrilhoados na parte de trás da carroça. O gordo fez bater os dentes pontiagudos e silvou, mas Arya ignorou-o.

O velho arrastou-a até bem longe, num emaranhado de árvores longe da estrada, praguejando e resmungando o tempo inteiro.

— Se eu tivesse um dedal de bom senso, tinha-te deixado em Porto Real. Estás a ouvir-me, rapaz? — Rosnava sempre aquela palavra, dando-lhe peso para que ela ouvisse de certeza. — Desata os calções e puxa-os para baixo. Vá lá, não há aqui ninguém a ver. Faz o que eu digo. — Carrancuda, Arya fez o que ele dizia. — Ali, de encontro ao carvalho. Isso, assim mesmo. — Arya abraçou o tronco e comprimiu a cara contra a madeira rugosa. — Agora, grita. Grita com força.

Não gritarei, pensou Arya teimosamente, mas quando Yoren lhe bateu com o pau na parte de trás das coxas nuas, o guincho saiu de qualquer forma.

— Achas que isso doeu? — disse ele. — Experimenta isto. — O pau caiu a assobiar. Arya voltou a guinchar, agarrando-se à árvore para evitar cair. — Mais uma vez. — Ela agarrou-se bem, mordendo o lábio, estremecendo quando ouviu o pau a chegar. A pancada fê-la saltar e uivar. Não chorarei, pensou, não farei isso. Sou uma Stark de Winterfell, o nosso símbolo é o lobo gigante, os lobos gigantes não choram. Sentia um estreito regato de sangue a escorrer pela perna esquerda. Sentia as coxas e nádegas em brasa com dores. — Pode ser que agora tenha a tua atenção — disse Yoren. — Da próxima vez que puxares do pau contra um dos teus irmãos, levarás o dobro do que deres, estás a ouvir-me? Agora cobre-te.

Eles não são meus irmãos, pensou Arya enquanto se dobrava para puxar os calções, mas sabia que não o devia dizer. As mãos atrapalharam-se com o cinto e os cordões.

Yoren estava a olhar para ela.

— Dói-te?

Calma como águas paradas, disse ela a si própria, como Syrio Forel lhe ensinara.

— Um bocado.

Ele cuspiu.

— Àquele rapaz das tartes dói mais. Nã foi ele que te matou o pai, menina, nem o ladrão do Lommy. Bater-lhes nã o vai trazer de volta.

— Eu sei — resmungou Arya, carrancuda.

— Aqui tens uma coisa que não sabes. Aquilo nã era suposto acontecer como aconteceu. ‘Tava pronto a abalar, com as carroças compradas e carregadas, e chega um homem com um rapaz p’ra mim, uma bolsa de dinheiro e uma mensagem, nã me perguntes de quem. O Lorde Eddard deve vestir o negro, diz-me ele, espera, ele vai contigo. Porque achas tu que eu ‘tava lá? Só que alguma coisa correu mal.

— Joffrey — exclamou Arya. — Alguém o devia matar a ele!

— Alguém há-de matar, mas não há-de ser tu nem eu. — Yoren atirou-lhe de volta a espada de madeira. — Há folhamarga nas carroças — disse enquanto regressavam à estrada. — Mastiga um bocado, que te ajuda com o ardor.

De facto ajudou, um pouco, embora soubesse mal e lhe deixasse o cuspido parecido com sangue. Mesmo assim, seguiu o resto do dia a pé, e o dia seguinte e o outro a seguir a esse, demasiado dorida para se sentar num burro. Tarte Quente estava pior; Yoren teve de mudar algumas barricas de lugar para que se pudesse deitar na parte de trás de uma carroça em cima de umas sacas de cevada, e choramingava de cada vez que as rodas batiam numa pedra. Lommy Mãos-Verdes não estava sequer magoado, mas mantinha-se o mais afastado de Arya que era capaz.

— De todas as vezes que olhas para ele, encolhe-se — disse-lhe o Touro enquanto caminhava ao lado do seu burro. Não respondeu. Parecia ser mais seguro não falar com ninguém.

Naquela noite, ficou deitada sobre a sua manta fina no chão duro, fitando o grande cometa vermelho. O cometa era magnífico e assustador ao mesmo tempo. “A Espada Vermelha”, tinha-lhe chamado o Touro; dizia que se assemelhava a uma espada, com a lâmina ainda incandescente da forja. Quando Arya o olhava de soslaio da maneira certa, também conseguia ver a espada, mas não era uma espada nova, era Gelo, a espada longa do pai, toda feita de ondulado aço valiriano, e o vermelho era o sangue de Lorde Eddard na lâmina depois de Sor Ilyn, o Magistrado do Rei, lhe ter cortado a cabeça. Yoren obrigara-a a afastar o olhar quando aquilo acontecera, mas parecia-lhe que o aspecto do cometa era como o que a espada devia ter tomado, depois.

Quando por fim adormeceu, sonhou com o lar. A Estrada do Rei serpenteava junto a Winterfell a caminho da Muralha, e Yoren prometera-lhe que a deixaria lá sem que ninguém ficasse a saber nada sobre quem era. Ansiava por voltar a ver a mãe, e Robb, Bran e Rickon... mas era em Jon Snow que mais pensava. Desejava que de algum modo pudessem chegar à Muralha antes de Winterfell, para que Jon pudesse despentear-lhe o cabelo e chamar-lhe “irmãzinha”. Dir-lhe-ia “tive saudades tuas”, e ele diria o mesmo no mesmo instante, do modo como costumavam sempre dizer as coisas juntos. Teria gostado disso. Teria gostado mais disso do que de qualquer outra coisa.

O dia do nome do Rei Joffrey amanheceu luminoso e ventoso, com a longa cauda do grande cometa visível por entre nuvens altas e rápidas. Sansa observava-a da sua janela de torre quando Sor Arys Oakheart chegou para a escoltar até ao campo de torneios.

— Que pensais que significa? — perguntou-lhe.

— Glória para o vosso prometido — respondeu Sor Arys de imediato. — Vede como flameja pelo céu hoje, no dia do nome de Sua Graça, como se os próprios deuses tivessem içado um estandarte em sua honra. O povo chamou-lhe o Cometa do Rei Joffrey.

Sem dúvida era isso que diziam a Joffrey; Sansa não tinha grande certeza de que fosse verdade.

— Ouvi criados chamar-lhe a Cauda do Dragão.

— O Rei Joffrey ocupa o lugar ocupado em tempos por Aegon, o Dragão, no castelo construído pelo seu filho — disse Sor Arys. — É ele o herdeiro do dragão... e o carmim é a cor da Casa Lannister, outro sinal. Este cometa foi enviado para anunciar a ascensão de Joffrey ao trono, não tenho qualquer dúvida. Significa que triunfaremos sobre os seus inimigos.

Será verdade?, perguntou Sansa a si própria. Seriam os deuses tão cruéis assim? A mãe era agora um dos inimigos de Joffrey, o irmão Robb outro. O pai morrera por ordem do rei. Deveriam Robb e a senhora sua mãe morrer em seguida? O cometa era vermelho, mas Joffrey era tanto Baratheon como Lannister, e o símbolo Baratheon era um veado negro em fundo dourado. Não deveriam os deuses ter mandado a Joff um cometa dourado?

Sansa fechou as portadas e virou vivamente costas à janela.

— Estais adorável hoje, minha senhora — disse Sor Arys.

— Obrigada, sor. — Sabendo que Joffrey lhe exigiria que comparecesse ao torneio organizado em sua honra, Sansa tomara especial cuidado com o seu rosto e vestuário. Usava um vestido de seda de cor púrpura-clara, e uma rede para o cabelo de pedra-lua que fora presente de Joffrey. O vestido tinha mangas compridas para esconder as nódoas negras que trazia nos braços. Esses também eram presentes de Joffrey. Quando lhe disseram que Robb tinha sido proclamado Rei no Norte, a sua ira fora terrível, e mandara Sor Boros bater-lhe.

— Vamos? — Sor Arys ofereceu-lhe o braço e ela deixou que a levasse dos seus aposentos. Se tinha de ter um membro da Guarda Real a seguir-lhe os passos, preferia que fosse ele. Sor Boros possuía um temperamento

irritável, Sor Meryn era frio e os estranhos olhos mortos de Sor Mandon deixavam-na pouco à-vontade, enquanto Sor Preston a tratava como uma criança estúpida. Arys Oakheart era cortês, e falava-lhe cordialmente. Uma vez até levantou objecções quando Joffrey lhe ordenara que lhe batesse. Acabara por bater-lhe, mas não com tanta força como Sor Meryn ou Sor Boros teriam feito, e pelo menos discutira. Os outros obedeciam sem questionar... excepto o Cão de Caça, mas Joff nunca pedia ao Cão de Caça para a punir. Para isso usava os outros cinco.

Sor Arys possuía cabelo castanho-claro e um rosto que não era desagradável de contemplar. Hoje apresentava uma figura fogosa, com o manto de seda branca preso ao ombro por uma folha dourada, e um grande carvalho bordado no peito da sua túnica em brilhante fio de ouro.

— Quem julgais que conquistará as honras do dia? — perguntou Sansa enquanto desciam os degraus de braço dado.

— Eu — respondeu Sor Arys, sorrindo. — Mas temo que o triunfo não tenha sabor. Esta será uma competição pequena e pobre. Não mais de duas vintenas entrarão na liça, incluindo escudeiros e cavaleiros livres. Pouca honra se conquista derrubando rapazinhos verdes.

Sansa reflectiu que o último torneio fora diferente. O Rei Robert organizara-o em honra do pai. Grandes senhores e campeões afamados tinham vindo de todo o reino para competir, e a cidade inteira viera assistir. Recordava o esplendor: o parque de pavilhões ao longo do rio, com o escudo de um cavaleiro pendurado em frente de cada porta, as longas fileiras de flâmulas de seda a esvoaçar ao vento, o brilho do Sol em aço cintilante e esporas douradas. Os dias ressoaram ao som das trompetas e de cascos de cavalos, e as noites tinham-se enchido de banquetes e canções. Aqueles tinham sido os dias mais mágicos da sua vida, mas agora pareciam uma recordação de uma outra era. Robert Baratheon estava morto, e o pai também, decapitado como traidor nos degraus do Grande Septo de Baelor. Agora havia três reis no terreno, e a guerra assolava o Tridente, enquanto a cidade se enchia de homens desesperados. Pouco surpreendia que tivessem tido de montar o torneio de Joff atrás das espessas muralhas de pedra da Fortaleza Vermelha.

— Julgais que a rainha comparecerá? — Sansa sentia-se sempre mais segura quando Cersei estava presente para refrear o filho.

— Temo que não, senhora. O conselho está reunido, algum assunto urgente. — Sor Arys baixou a voz. — Lorde Tywin instalou-se em Harrenhal em vez de trazer o seu exército para a cidade como a rainha ordenou. Sua Graça está furiosa. — Ficou em silêncio enquanto uma coluna de guardas

Lannister passava por eles a marchar, vestidos com mantos carmesim e elmos encimados por leões. Sor Arys apreciava mexericos, mas só quando tinha a certeza de que ninguém o estava a ouvir.

Os carpinteiros tinham erigido uma galeria e uma liça entre as muralhas. Era realmente coisa pobre e a magra afluência que viera assistir não enchia mais do que metade dos lugares. A maior parte dos espectadores eram guardas de mantos dourados da Patrulha da Cidade ou de mantos carmesim da Casa Lannister; senhores e senhoras não eram mais do que um punhado insignificante, a mão-cheia que permanecia na corte. Lorde Gyles Rosby, com a sua cara cinzenta, tossia para dentro de um quadrado de seda cor-de-rosa. A Senhora Tanda rodeava-se com as filhas, a plácida e aborrecida Lollys e a Falyse da língua ácida. Jalabhar Xho, de pele de ébano, era um exilado que não tinha nenhum outro refúgio, e a Senhora Ermesande um bebé, sentado ao colo da ama-de-peito. Segundo se dizia, ela deveria ser casada em breve com um dos primos da rainha, para que os Lannister pudessem reclamar as suas terras.

O rei estava protegido do Sol por uma abóbada carmesim, com uma perna atirada negligentemente sobre o braço de madeira esculpida da cadeira. A Princesa Myrcella e o Príncipe Tommen encontravam-se sentados atrás dele. Nas traseiras do camarote real, Sandor Clegane montava guarda, descansando as mãos no cinto da espada. Tinha o manto branco da Guarda Real enrolado sobre os ombros largos e preso com um broche cravejado de jóias. O pano branco como a neve parecia de certo modo pouco natural sobre a sua túnica castanha de tecido grosseiro e justilho de couro guarnecido com tachões.

— Senhora Sansa — anunciou secamente o Cão de Caça quando a viu. A sua voz era áspera como o som de uma serra na madeira. As cicatrizes de queimaduras no seu rosto faziam com que um dos lados da boca se torcesse quando falava.

A Princesa Myrcella fez um tímido aceno de saudação ao ouvir o nome de Sansa, mas o pequeno e roliço Príncipe Tommen saltou, cheio de entusiasmo.

— Sansa, já te disseram? Hoje devo participar no torneio. A mãe disse que podia. — Tommen não tinha mais de oito anos. Fazia-lhe lembrar o irmão mais novo, Bran. Eram da mesma idade. Bran estava em Winterfell, aleijado, mas em segurança.

Sansa teria dado qualquer coisa para estar com ele.

— Temo pela vida do vosso inimigo — disse solenemente a Tommen.

— O inimigo dele estará estofado com palha — disse Joff quando se pôs de pé. O rei trajava uma placa de peito dourada com um leão rugidor gravado no peito, como se esperasse que a guerra o submergisse a qualquer momento.

Fazia naquele dia treze anos, e era alto para a idade, com os olhos verdes e cabelo dourado dos Lannister.

— Vossa Graça — disse ela, fazendo uma vénia.

Sor Arys fez também uma vénia.

— Peço que me perdoeis, Vossa Graça. Tenho de me ir equipar para a liça.

Joffrey mandou-o embora com um aceno brusco enquanto estudava Sansa da cabeça aos pés.

— Agradá-me que tenhais posto as minhas pedras.

Então o rei decidira desempenhar hoje um papel galante. Sansa sentiu-se aliviada.

— Agradeço-vos por elas... e pelas vossas ternas palavras. Desejo-vos um afortunado dia do vosso nome, Vossa Graça.

— Sentai-vos — ordenou Joffrey, indicando-lhe com um gesto a cadeira vazia ao lado da sua. — Já vos informaram? O Rei Pedinte está morto.

— Quem? — Por um momento, Sansa sentiu receio de que ele se referisse a Robb.

— Viserys. O último filho do Rei Louco Aerys. Tem andado pelas Cidades Livres desde antes do meu nascimento, chamando a si próprio rei. Bem, a mãe diz que os dothraki finalmente o coroaram. Com ouro derretido. — Soltou uma gargalhada. — É engraçado, não é? O dragão era o seu símbolo. É quase tão bom como se um lobo qualquer matasse o traidor do vosso irmão. Talvez o dê a comer aos lobos depois de o capturar. Já vos disse que tenciono desafiá-lo para combate singular?

— Gostaria de assistir a isso, Vossa Graça — Mais do que tu pensas. Sansa manteve o tom calmo e educado, mas, mesmo assim, os olhos de Joffrey estreitaram-se enquanto tentava decidir se estaria a troçar dele. — Participareis hoje na liça? — perguntou ela rapidamente.

O rei franziu o sobrolho.

— A senhora minha mãe disse que não seria adequado, visto que o torneio é em minha honra. De outro modo, seria eu o campeão. Não é verdade, cão?

A boca do Cão de Caça retorceu-se.

— Contra estes tipos? E porque não?

Sansa lembrou-se de que ele fora campeão no torneio do pai.

— Ireis competir hoje, senhor? — perguntou-lhe.

A voz de Clegane soou repleta de desprezo.

— Nem valeria o esforço de me armar. Isto é um torneio de mosquitos.

O rei soltou uma gargalhada.

— O meu cão ladra ferozmente. Talvez deva ordenar-lhe que combata o

campeão do dia. Até à morte. — Joffrey gostava de obrigar os homens a lutar até à morte.

— Ficaríeis com um cavaleiro a menos. — O Cão de Caça nunca prestara juramento de cavalaria. O irmão era um cavaleiro, e ele odiava o irmão.

Soou um toque de trombeta. O rei voltou a instalar-se na cadeira e tomou a mão de Sansa na sua. Em tempos, aquilo ter-lhe-ia posto o coração a galope, mas isso fora antes de ter respondido à sua súplica por misericórdia apresentando-lhe a cabeça do pai. Agora, o toque dele enchia-a de repulsa, mas sabia que não devia mostrá-la. Obrigou-se a ficar sentada, muito quieta.

— Sor Meryn Trant da Guarda Real — gritou um arauto.

Sor Meryn entrou, vindo do lado ocidental do pátio, trazendo cintilante aço branco encastado a ouro e montando um cavalo branco leitoso com uma crina cinzenta ondulada. O manto fluía atrás dele como um campo de neve. Transportava uma lança de três metros e meio.

— Sor Hobber da Casa Redwyne, da Árvore — cantou o arauto. Sor Hobber surgiu a trote, vindo de leste, montando um garanhão negro ajaezado em borgonha e azul. A sua lança era listada nas mesmas cores e o escudo ostentava o símbolo do cacho de uvas da sua Casa. Os gémeos Redwyne eram hóspedes involuntários da rainha, tal como Sansa. Esta perguntou a si própria de quem teria sido a ideia da sua participação no torneio de Joffrey. Deles não, pensou.

A um sinal do mestre das festividades, os combatentes assentaram as lanças e esporearam as montadas. Ouviram-se gritos vindos da assistência de guardas e de senhores e senhoras na galeria. Os cavaleiros chocaram no centro do pátio com um grande estrondo de madeira e aço. A lança branca e a listada explodiram em lascas com um segundo de diferença uma da outra. Hobber Redwyne oscilou com o impacto, mas de algum modo conseguiu manter-se a cavalo. Dando a volta aos cavalos na extremidade da liça, os cavaleiros deitaram fora as lanças quebradas e receberam substitutas das mãos dos escudeiros. Sor Horas Redwyne, irmão gémeo de Sor Hobber, gritou encorajamentos ao irmão.

Mas na segunda passagem, Sor Meryn deu um balanço à ponta da sua lança para atingir Sor Hobber no peito, derrubando-o da sela e fazendo-o estatelar-se com um retumbante estrondo no chão. Sor Horas soltou uma praga e correu a ajudar o maltratado irmão a sair do campo.

— Cavalo mal montado — declarou o Rei Joffrey.

— Sor Balon Swann, de Pedrelmo, na Atalaia Vermelha — soou o grito do arauto. Grandes asas brancas ornamentavam o elmo de Sor Balon, e cisnes negros e brancos lutavam no seu escudo. — Morros da Casa Slynt, herdeiro de Lorde Janos de Harrenhal.

— Olhai-me para aquele estúpido arrivista — exclamou Joff, alto o suficiente para que metade do pátio o ouvisse. Morros, um mero escudeiro, e ainda por cima acabado de passar a essa condição, estava a sentir dificuldades em manejar a lança e o escudo. Sansa sabia que a lança era uma arma de cavaleiro, e os Slynt eram homens de baixo nascimento. Lorde Janos não fora mais do que comandante da Patrulha da Cidade antes de Joffrey o ter trazido para o conselho e lhe ter dado Harrenhal.

Espero que caia e se envergonhe, pensou com amargura. Espero que Sor Balon o mate. Quando Joffrey proclamara a morte do pai, fora Janos Slynt quem agarrara na cabeça cortada de Lorde Eddard pelo cabelo e a erguera bem alto para que o rei e a multidão a contemplassem, enquanto Sansa chorava e gritava.

Morros trazia uma capa de xadrez negro e dourado sobre uma armadura negra incrustada de arabescos dourados. O escudo exibia a lança ensanguentada que o pai escolhera como símbolo da sua nova casa. Mas não parecia saber o que fazer com o escudo enquanto incentivava o cavalo a avançar, e a ponta de Sor Balon atingiu o adorno em cheio. Morros deixou cair a lança, lutou por manter o equilíbrio e perdeu. Um pé prendeu-se num estribo quando caiu, e o cavalo em fuga arrastou o jovem até ao fim da liça, com a cabeça a ressaltar no chão. Joff soltou gritos de escárnio. Sansa ficou aterrada, perguntando a si própria se os deuses teriam escutado a sua prece vingativa. Mas quando desprenderam Morros Slynt do cavalo, encontraram-no coberto de sangue, mas vivo.

— Tommen, escolhemos o adversário errado para ti — disse o rei ao irmão. — O cavaleiro de palha justa melhor do que aquele.

De seguida, chegou a vez de Sor Horas Redwyne. Esteve melhor do que o irmão, vencendo um cavaleiro idoso, cuja montada estava adornada com grifos de prata sobre fundo listado de azul e branco. Apesar da magnificência que ostentava, o velho mostrou ser frágil oponente. Joffrey franziu o lábio.

— Isto é um espectáculo fraco.

— Eu preveni-vos — disse o Cão de Caça. — Mosquitos.

O rei estava a ficar entediado. Isso deixava Sansa ansiosa. Baixou os olhos e decidiu manter-se em silêncio, acontecesse o que acontecesse. Quando a disposição de Joffrey Baratheon se ensombrava, qualquer palavra ocasional podia despoletar uma das suas iras.

— Lothor Brune, cavaleiro livre ao serviço de Lorde Baelish — gritou o arauto. — Sor Dontos, o Vermelho, da Casa Hollard.

O cavaleiro livre, um homem pequeno numa armadura amolgada e sem símbolos, surgiu como devia ser na extremidade ocidental do pátio, mas do seu oponente não havia sinal. Por fim, um garanhão cor de avelã surgiu a trote

no meio de um redemoinho de sedas carmim e escarlate, mas Sor Dontos não se encontrava sobre ele. O cavaleiro apareceu um momento mais tarde, praguejando e cambaleando, trazendo posta a placa de peito e o elmo com plumas, mas nada mais. Tinha as pernas brancas e magras, e o membro viril baloiçava obscenamente enquanto perseguia o cavalo. A audiência rugiu e berrou insultos. Apanhando o cavalo pelo freio, Sor Dontos tentou montar, mas o animal não ficava quieto e o cavaleiro estava tão bêbado que o pé não acertava no estribo.

Então já a multidão uivava de riso... todos menos o rei. Joffrey tinha uma expressão nos olhos de que Sansa se lembrava bem, a mesma expressão que mostrara no Grande Septo de Baelor no dia em que sentenciara à morte Lorde Eddard Stark. Por fim, Sor Dontos, o Vermelho, desistiu, sentou-se na terra e tirou o elmo emplumado.

— Perdi — gritou. — Tragam-me vinho.

O rei pôs-se em pé.

— Um casco da adega! Quero vê-lo afogado nele.

Sansa ouviu-se arquejar.

— Não, não podeis.

Joffrey virou a cabeça.

— O que dissestes?

Sansa não conseguia acreditar que falara. Estaria louca? Dizer-lhe não em frente de metade da corte? Não tencionara dizer nada, mas... Sor Dontos estava bêbado, disparatado e incapaz, mas não fora mal-intencionado.

— Dissestes que não posso? Dissestes?

— Por favor — disse Sansa. — Eu só quis dizer... seria má sorte, Vossa Graça... matar um homem no dia do vosso nome.

— Estais a mentir — disse Joffrey. — Devia afogar-vos também, se vos preocupais tanto com ele.

— Eu não me preocupo com ele, Vossa Graça. — As palavras saíram as tombos, desesperadamente. — Afogai-o ou mandai cortar-lhe a cabeça, mas... matai-o amanhã, se quiserdes, mas por favor... hoje não, não no dia do vosso nome. Não poderia suportar que tivésseis má sorte... uma sorte terrível, mesmo para reis, todos os cantores o dizem...

Joffrey franziu o sobrolho. Sabia que ela estava a mentir, podia vê-lo. Fala-la sangrar por aquilo.

— A rapariga diz a verdade — arranhou o Cão de Caça. — O que um homem semeia no dia do seu nome, colhe ao longo do ano. — A voz era monocórdica, como se não lhe importasse nem um pouco se o rei acreditava ou não. Poderia ser verdade? Sansa não sabia. Fora apenas algo que dissera,

desesperada por evitar uma punição.

Pouco feliz, Joffrey moveu-se na cadeira e fez um gesto brusco com os dedos na direção de Sor Dontos.

— Levai-o. Mandarei matar esse tolo amanhã.

— E é o que ele é — disse Sansa. — Um tolo. Um bobo. Sois tão inteligente por o compreenderdes. Ele fica melhor como bobo do que como cavaleiro, não fica? Devíeis vesti-lo de retalhos e fazer dele vosso palhaço. Não merece a mercê de uma morte rápida.

O rei estudou-a por um momento.

— Talvez não sejais tão estúpida como a mãe diz. — Levantou a voz. — Ouvistes a minha senhora, Dontos? Deste dia em diante, sois o meu novo bobo. Podeis dormir com o Rapaz-Lua e vestir-vos de retalhos.

Sor Dontos, posto sóbrio por se ter roçado de perto na morte, caiu de joelhos.

— Agradeço-vos, Vossa Graça. E a vós também, minha senhora. Obrigado.

Enquanto um par de guardas Lannister o levava, o mestre das festividades aproximou-se do camarote.

— Vossa Graça — disse —, deverei chamar um novo adversário para Brune, ou prosseguir com a próxima justa?

— Nem uma coisa nem outra. Isto são mosquitos, e não cavaleiros. Tê-los-ia condenado a todos à morte se não fosse dia do meu nome. O torneio acabou. Levai-os a todos para longe da minha vista.

O mestre das festividades fez uma vénia, mas o Príncipe Tommen foi menos obediente.

— Eu ia investir contra o homem de palha.

— Hoje não.

— Mas eu quero.

— Não me interessa o que tu queres.

— A mãe disse que eu podia.

— É verdade — concordou a Princesa Myrcella.

— A mãe disse — troçou o rei. — Não sejas infantil.

— Somos crianças — declarou Myrcella com altivez. — É suposto sermos infantis.

O Cão de Caça soltou uma gargalhada.

— Ela aqui apanhou-vos.

Joffrey aceitou a derrota.

— Muito bem. Nem o meu irmão poderá justar pior do que os outros. Mestre, trazei o manequim, Tommen quer ser um mosquito.

Tommen soltou um grito de alegria e correu para ser preparado, com as

pequenas pernas roliças a bater com força no chão.

— Boa sorte — gritou-lhe Sansa.

Colocaram o manequim na extremidade mais distante da liça enquanto o pônei do príncipe era selado. O oponente de Tommen era um guerreiro de couro do tamanho de uma criança, estofado com palha e montado num eixo, com um escudo numa mão e uma maça acolchoada na outra. Alguém atara um par de hastes de veados à cabeça do cavaleiro. Sansa lembrava-se que o pai de Joffrey, o Rei Robert, usara hastes no elmo, mas também as usava o Lorde Renly, irmão de Robert, que se tornara traidor e se fizera coroar rei.

Um par de escudeiros afivelou o príncipe à sua ornamentada armadura de prata e carmim. Uma grande crista de penas vermelhas jorrava do topo do seu elmo, e o leão de Lannister e o veado coroados de Baratheon brincavam juntos no seu escudo. Os escudeiros ajudaram-no a montar, e Sor Aron Santagar, mestre-de-armas da Fortaleza Vermelha, avançou e entregou a Tommen uma espada prateada sem fio com uma lâmina em forma de folha, concebida para se ajustar a uma mão de oito anos.

Tommen ergueu a lâmina bem alto.

— Rochedo Casterly — gritou numa aguda voz de rapaz ao bater com os calcanhares no pônei e começar a investida contra o manequim. A Senhora Tanda e o Lorde Gyles lançaram-se em incentivos descontraídos, e Sansa juntou a sua voz à deles. O rei cismava em silêncio.

Tommen pôs o pônei a trote ligeiro, brandiu vigorosamente a espada, e deu um golpe sólido no escudo do cavaleiro quando passou por ele. O manequim rodopiou, a maça voou e foi dar uma valente cacetada na nuca do príncipe. Tommen caiu da sela, fazendo retinir a sua armadura nova como um saco de penicos velhos ao atingir o chão. A espada voou para longe, o pônei fugiu a meio galope pelo pátio fora, e uma grande rajada de troça agitou o ar. O Rei Joffrey foi de todos quem riu mais e durante mais tempo.

— Oh — gritou a Princesa Myrcella. Saltou do camarote e correu para o irmão mais novo.

Sansa deu por si possuía por uma estranha coragem leviana.

— Devíeis ir com ela — disse ao rei. — O vosso irmão pode estar ferido. Joffrey encolheu os ombros.

— E se estiver?

— Devíeis ajudá-lo a pôr-se em pé e dizer-lhe que montou bem. — Sansa não parecia conseguir calar-se.

— Foi derrubado do cavalo e caiu ao chão — fez notar o rei. — Isso não é montar bem.

— Olhai — interrompeu o Cão de Caça. — O rapaz tem coragem. Vai voltar a tentar.

Estavam a ajudar o Príncipe Tommen a montar o seu pónei. Se ao menos Tommen fosse o mais velho em vez de Joffrey, pensou Sansa. Não me importaria de casar com Tommen.

Os sons vindos da casa do portão apanharam-nos de surpresa. Correntes retiniram quando a porta levadiça foi içada, e os grandes portões abriram-se entre rangidos de dobradiças de ferro.

— Quem lhes disse para abrir o portão? — exigiu saber Joff. Com a agitação na cidade, os portões da Fortaleza Vermelha estavam fechados havia dias.

Uma coluna de homens a cavalo emergiu de sob a porta levadiça, com tinidos de aço e ruídos de cascos. Clegane deu um passo para mais perto do rei, com uma mão no cabo da espada. Os visitantes vinham descompostos, amolgados e empoeirados, mas o estandarte que transportavam era o leão de Lannister, dourado no seu fundo carmesim. Alguns usavam os mantos vermelhos e a cota de malha de homens de armas Lannister, mas a maioria eram cavaleiros livres e mercenários, com armaduras desemparelhadas e eriçados de aço aguçado... e havia outros, selvagens monstruosos saídos de uma das histórias da Velha Ama, as assustadoras que Bran costumava adorar. Trajavam peles puídas e couro fervido, e usavam cabelo comprido e ferozes barbas. Alguns traziam ligaduras manchadas de sangue na testa ou enroladas nas mãos e braços, e a outros faltavam olhos, orelhas e dedos.

No meio dos homens, montado num grande cavalo vermelho com uma estranha sela alta que o embalava para trás e para diante, estava o irmão anão da rainha, Tyrion Lannister, aquele a quem chamavam Duende. Deixara crescer a barba até lhe cobrir a cara enfiada para dentro e se transformar num hirsuto emaranhado de pêlos amarelos e negros, duros como arames. Pelas suas costas, caía um manto de pele de gato-das-sombras, de pêlo negro às riscas brancas. Trazia as rédeas na mão esquerda e o braço direito vinha enfiado numa tira de seda branca, mas fora isso parecia tão grotesco como Sansa o recordava da altura da sua visita a Winterfell. Com a sua testa proeminente e olhos de cor diferente, ainda era o homem mais feio que ela alguma vez calhara ver.

Mas Tommen espetou as esporas no pónei e galopou precipitadamente pelo pátio fora, gritando de deleite. Um dos selvagens, um homem enorme e desajeitado, tão peludo que a cara quase lhe desaparecia por entre a barba, puxou o rapaz da sela, com armadura e tudo, e depositou-o no chão ao lado do tio. O riso sem fôlego de Tommen ecoou nas muralhas quando Tyrion lhe deu uma palmada na placa das costas, e Sansa sobressaltou-se ao notar que os dois eram da mesma altura. Myrcella veio a correr atrás do irmão, e o anão pegou-lhe pela cintura e fê-la rodopiar aos círculos, gritando.

Quando a voltou a pôr no chão, o pequeno homem deu-lhe um beijo leve na testa e bamboleou-se através do pátio, na direcção de Joffrey. Dois dos seus homens seguiram-no de perto; um mercenário de cabelo e olhos negros que se movia como um gato a caçar, e um jovem magro com uma órbita vazia no local onde um olho deveria estar. Tommen e Myrcella vieram atrás deles.

O anão caiu sobre um joelho em frente do rei.

— Vossa Graça.

— Vós — disse Joffrey.

— Eu — concordou o Duende —, se bem que uma saudação mais cortês talvez fosse mais apropriada para um tio e um homem mais velho.

— Disse-se que estáveis morto — disse o Cão de Caça.

O pequeno homem deitou um olhar ao grande. Um dos seus olhos era verde, o outro negro e ambos frios.

— Falava com o rei, não com o seu cachorro.

— Eu estou feliz por não estardes morto — disse a Princesa Myrcella.

— Partilhamos essa opinião, querida filha. — Tyrion virou-se para Sansa.

— Minha senhora, lamento as vossas perdas. Os deuses são deveras cruéis.

Sansa não conseguiu encontrar uma só palavra para lhe dizer. Como podia ele lamentar as suas perdas? Estaria a troçar dela? Não eram os deuses que eram cruéis, era Joffrey.

— Lamento também a vossa perda, Joffrey — disse o anão.

— Que perda?

— O vosso real pai? Um homem grande e feroz com uma barba negra; recordá-lo-eis se fizerdes um esforço. Foi rei antes de vós.

— Oh, ele. Sim, foi muito triste, um javali matou-o.

— É isso o que “se” diz, Vossa Graça?

Joffrey franziu o sobrolho. Sansa sentiu que devia dizer qualquer coisa. O que era que a Septã Mordane costumava dizer-lhe? A armadura de uma senhora é a cortesia, era isso. Colocou a sua armadura e disse:

— Lamento que a senhora minha mãe vos tenha tomado prisioneiro, senhor.

— Há muitas pessoas que lamentam isso — respondeu Tyrion — e antes que eu termine o que tenho a fazer, algumas poderão lamentá-lo um pouco mais... no entanto, agradeço-vos o sentimento. Joffrey, onde poderei encontrar a vossa mãe?

— Ela está com o conselho — respondeu o rei. — O vosso irmão Jaime anda só a perder batalhas. — Deitou a Sansa um olhar zangado, como se fosse culpa dela. — Foi capturado pelos Stark e perdemos Correrrio, e agora o estúpido irmão dela intitula-se rei.

O anão fez um sorriso torto.

— Nos dias que correm, todos os tipos de gente se intitulam reis.

Joff não soube o que pensar daquilo, embora fizesse uma expressão de suspeita e de não estar satisfeito.

— Sim. Bem. Agrada-me que não estejais morto, tio. Haveis-me trazido algum presente para o dia do meu nome?

— Sim. A minha inteligência.

— Preferiria a cabeça de Robb Stark — disse Joff com um relance maldoso para Sansa. — Tommen, Myrcella, vinde.

Sandor Clegane deixou-se ficar um momento para trás.

— Eu tinha cuidado com essa tua língua, homenzinho — preveniu, antes de se afastar a passos largos atrás do seu senhor.

Sansa foi deixada com o anão e os seus monstros. Tentou pensar no que poderia dizer mais.

— Haveis ferido o braço — disse por fim.

— Um dos vossos nortenhos atingiu-me com uma maça de armas durante a batalha no Ramo Verde. Escapei-lhe caindo do cavalo. — O seu sorriso transformou-se em algo de mais suave enquanto lhe estudava o rosto. — É o desgosto pelo senhor vosso pai que vos deixa tão triste?

— O meu pai era um traidor — disse Sansa de imediato. — E o meu irmão e a senhora minha mãe são também traidores. — Aprendera depressa aquele reflexo. — Eu sou leal ao meu amado Joffrey.

— Sem dúvida. Tão leal como uma corça rodeada de lobos.

— Leões — sussurrou ela, sem pensar. Olhou em volta nervosamente, mas ninguém estava suficientemente perto para ouvir.

O Lannister estendeu a mão, tomou a dela na sua e apertou-a.

— Eu sou só um pequeno leão, filha, e juro que não te morderei. — Com uma vénia, disse: — Mas agora deveis desculpar-me. Tenho assuntos urgentes a tratar com a rainha e o conselho.

Sansa ficou a vê-lo afastar-se, com o corpo a oscilar pesadamente de um lado para o outro a cada passo, como algo saído de um circo de aberrações. Fala com mais gentileza do que Joffrey, pensou, mas a rainha também me falou com gentileza. É na mesma um Lannister, irmão dela e tio de Joff, e não é amigo. Em tempos amara o Príncipe Joffrey de todo o coração, e admirara e confiara na mãe dele, a rainha. Tinham pago esse amor e confiança com a cabeça do seu pai. Sansa nunca mais voltaria a cometer o mesmo erro.

Biografia



GEORGE R. R. MARTIN trabalhou dez anos em Hollywood como argumentista e produtor de diversas séries e filmes de grande sucesso. Autor de várias colectâneas de contos e noveletas, foi em meados dos anos 90 que começou a sua obra mais famosa, *As Crónicas de Gelo e Fogo*. É a saga de fantasia mais vendida da actualidade e uma adaptação televisiva de grande sucesso foi realizada pela HBO. Um autor multifacetado, a sua obra estende-se a diversos géneros como o horror, a fantasia, a ficção científica, e a prova disso são os títulos *Dying of the Light*, *Windhaven* (com Lisa Tuttle), *The Armageddon Rag* e *Sonho Febril*.

O autor vive em Santa Fé, Novo México, com a sua mulher, Parris.

Mais informações em
www.saidadeemergencia.com

ROBIN HOBB



*Ele é uma lenda do passado.
Uma figura que evoca temor e respeito.
Julgam-no morto, mas enganam-se.*

Depois de ter mudado o destino do reino, o Assassino mais famoso da sua era exilou-se para longe de tudo e de todos.

Mas o destino é caprichoso e quando o herdeiro dos Seis Ducados desaparece misteriosamente, só há um homem capaz de o encontrar. Estará o reino preparado para o regresso de um Assassino cujos poderes malditos evocam temor e fascínio?

Atreva-se a entrar num mundo de perfídia e traição que George R. R. Martin apelidou de “genial”. Atreva-se a acompanhar um herói que a crítica considerou “único”. *O Regresso do Assassino* é o regresso da grande fantasia épica. Se está à espera de mais do mesmo, este livro não é para si. Caso contrário... bem-vindo a uma aventura que nunca irá esquecer!

Mais informações em
www.saidadeemergencia.com